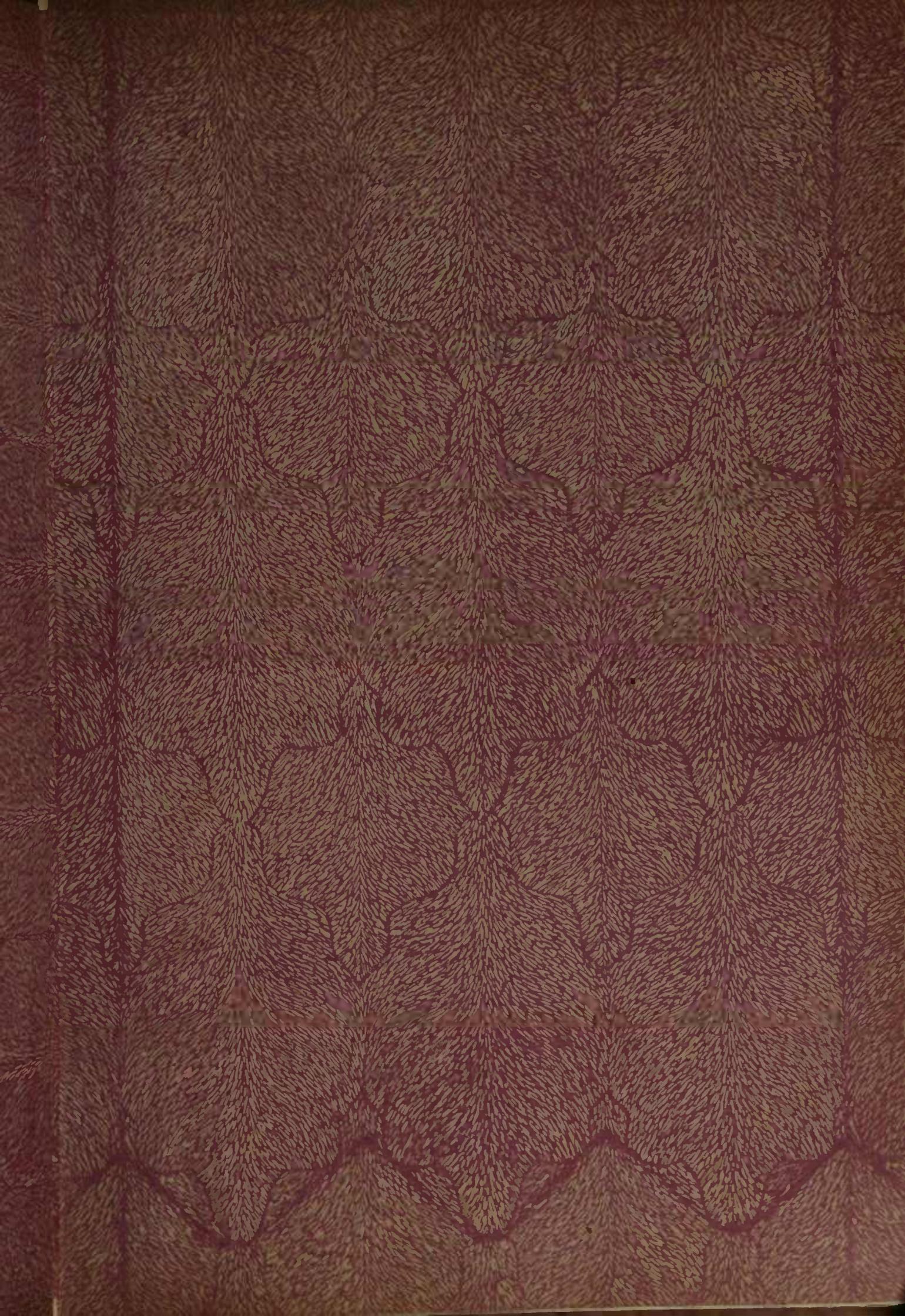




le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





~~450-~~

450-





MUCIO TEIXEIRA

# Brasil Marcial

SYNTHESE HISTÓRICA

DAS NOSSAS GUERRAS, REVOLUÇÕES E REVOLTAS, DESDE OS TEMPOS  
COLONIAES ATÉ A ACTUALIDADE, COM O RETRATO E A  
BIOGRAPHIA DOS HERÓES, A DESCRIPÇÃO DOS  
COMBATES, A PLANTA DO TERRENO, O TYPO DOS NAVIOS,  
A PHOTOGRAPHIA DAS FORTALEZAS,  
A CÓPIA DOS QUADROS DE BATALHAS E GRANDE  
NÚMERO DE ILLUSTRAÇÕES, REFERENTES AO ASSUMPTO,  
INTERCALADAS NO TEXTO

1 DE JANEIRO DE 1502 A 31 DE DEZEMBRO DE 1902

FASCÍCULO N. 1



RIO DE JANEIRO  
IMPrensa NACIONAL

1902



O frontespicio e a *Introdução* desta obra, com o effectivo actual do Exército e da Armada, além da organização da Guarda Nacional, serão distribuidos aos Snrs. Assignantes com o último fascículo do primeiro volume, acompanhados do índice e de uma capa de luxo, artisticamente impressa em diver-

sas cores, com as armas nacionaes doiradas a fogo e em relevo.

Cada fascículo do BRASIL MARCIAL será acompanhado de um retrato grande, em papel especial, que poderá ser emoldurado, sem prejuizo da edição, pois cada um desses retratos será reimpresso e intercalado no texto, na página em que sair a respectiva biographia. Exemplo :

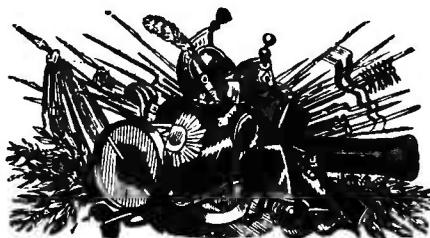
Acompanha o 1º fascículo o retrato do Sr. Marechal Dr. JOÃO NEPOMUCENO DE MEDEIROS MALLET, actual Ministro da Guerra ; o 2º fascículo será acompanhado do retrato do Sr. Almirante JOSÉ PINTO DA LUZ, actual Ministro da Marinha : o primeiro destes retratos será reproduzido na página em que sahir a ephemeride de *16 de Maio de 1840* (data do nascimento do Marechal) e o 2º na de *18 de Setembro de 1843* (data do nascimento do Almirante).

O 3º retrato, do Sr. Marechal Dr. JOÃO THOMAZ DE CANTUARIA, Ajudante General do Exército, será reimpresso na ephemeride de *24 de Setembro de 1835* ; o 4º, do Sr. Almirante EDUARDO WANDENKOLK, Ajudante General da Armada, na de *29 de Junho de 1838*, etc.

Os demais retratos especiaes (de vivos e mortos) serão destacados do texto mais notavel do fascículo, sem prejuizo da reproducção na página respectiva do livro. E assim, pagando apenas o preço da assignatura do BRASIL MARCIAL, cada um dos seus subscriptores terá em pouco tempo uma preciosa collecção de retratos dos nossos mais gloriosos guerreiros e intellectuaes do Exército, da Armada, da Guarda Nacional e das forças patrióticas organisadas em épocas anormaes, entre os quaes ha vultos como o DUQUE DE CAXIAS, o CONDE DE PORTO ALEGRE, OSORIO, ANDRADE NEVES, os MENNA BARRETO, BENTO GONÇALVES, CANABARRO, NETO, MALLET, ARGOLLO, TIBURCIO, SOLON, DEODORO, BENJAMIN, FLORIANO, CARNEIRO, TELLES, FLORES, GURJÃO, SAMPAIO, MARQUEZ DE TAMANDARÉ, VISCONDE DO AMAZONAS, SALDANHA DA GAMA, CUSTODIO DE MELLO, etc., além dos vivos illustres e outros mortos gloriosos que dão o maior esplendor ás páginas do BRASIL MARCIAL.

# BRASIL MARCIAL

---

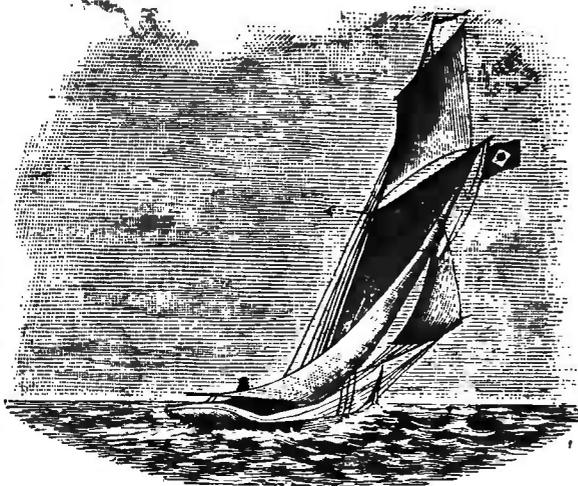


## 1 DE JANEIRO

**1502** — Descobrimto da bahia do Rio de Janeiro, pelo navegador portuguez MARTIM AFFONSO DE SOUSA, que El-Rey D. MANUEL mandou explorar a *Terra de Santa Cruz* ; o qual, tomando-a por um rio, deu-lhe o nome conservado até hoje, de *Rio de Janeiro*.

A bahia do Rio de Janeiro, além de ser quasi um golfo, tal a sua extensão, é a mais bella do mundo.

E' celebre nos fastos e annaes militares pelas façanhas heróicas dos nossos compatriotas, desde os tempos coloniaes até o último decennio do século XIX. (Vide a *epheméride* de 6 de Setembro de 1893).

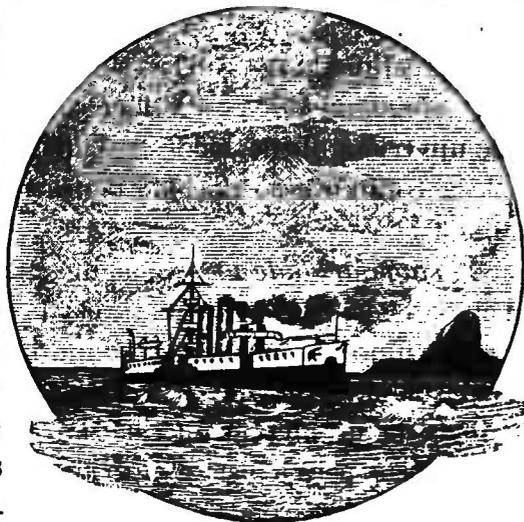


O tenente-coronel de engenheiros DR. AUGUSTO FAUSTO DE SOUSA (*epheméride* de 12 de Janeiro de 1835) tem um interessante trabalho intitulado *A bahia do Rio de Janeiro*, do qual extrahimos tres das illustrações, que aqui intercalamos no texto, além dos seguintes tópicos :

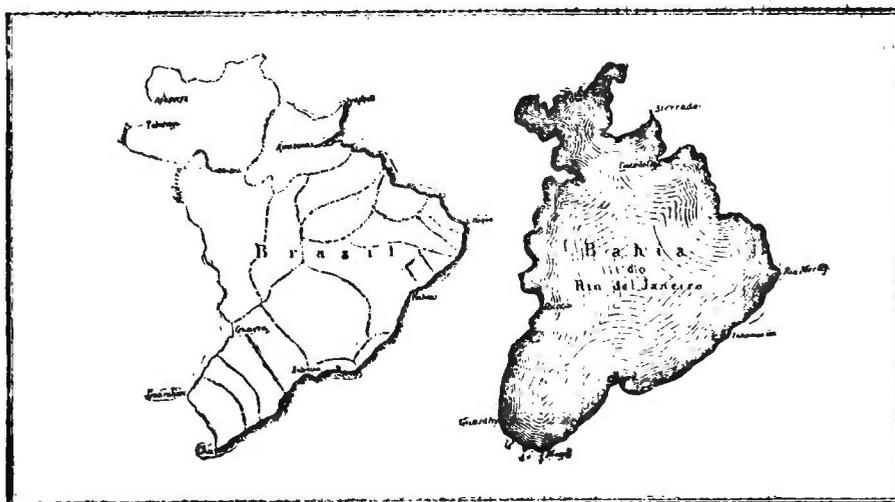
« E' a bahia do Rio de Janeiro a magnifica, a portentosa, a espléndida, a sem rival (na phrase de milhares de viajantes), em cujas margens fronteiras se reclinam as cidades de S. Sebastião, côrte do Imperio, e de Niteroy, capital da provincia do Rio de Janeiro.



Sua posição geográfica felicíssima aponta-a como forçosa escala e obrigada paragem de descanso e refrigerio a toda navegação e commercio, entre a Europa e o Pacifico, entre o Norte e o Sul do continente americano. É essa mesma posição afortunada; a vastidão, segurança e fundo de seu ancoradouro; a formidavel defensiva de que é susceptivel; o enorme movimento que nella se opera; a immensa riqueza dos artigos transportados por esses milhares de navios, nacionaes e estrangeiros; a variedade e belleza dos panoramas que apresentam suas ilhas, enseadas e montanhas que a orlam, vestidas de opulenta vegetação, como as várzeas adjacentes; a inesgotavel abundancia de peixes das especies as mais variadas e saborosas; são outros tantos motivos para encher-a de orgulho, firmando-lhe a supremacia sobre todas as bahias e portos conhecidos do globo terrestre.



Suas aguas têm sido sulcadas pelas caravelas e bergantins dos descobridores, pelos comboios e galeões dos tributos e do commercio, pelas esquadras de todas as nações guerreiras, pelas expedições scienti-



A BAHIA DO RIO DE JANEIRO E O TERRITORIO DO BRASIL

ficas dos SOLIS, MAGALHÃES, ROGGEWEIN, COOK, BYRON, BOUGAINVILLE, ROUSSIN, FREYCINET, DUMONT e MOUCHEZ ; pelos sabios SAINT HILAIRE, DARWIN, D'ORBIGNY, DENIS, NEUWIED e AGASSIS : e todos têm prestado a sua homenagem de admiração e entoado hymnos de louvores a tal maravilha.

São realmente notáveis as seis singularidades seguintes :

*1ª singularidade* :— A fôrma geral da bahia do Rio de Janeiro, que é a de um triângulo de lados irregulares, representa tambem em menor escala a configuração de todo o Brasil. (Vide a segunda illustração da página 3).

*2ª singularidade* : — A sua mesma posição geográfica é tal, que o seu eixo maior, isto é, a linha tirada do canal da barra ao fundo da bahia, segue o rumo do meridiano ; circumstancia tambem digna de nota, pois que della resulta que a sua collocação sobre o globo terrestre está orientada da mesma fôrma que em uma carta topográfica, a saber : tendo o norte para a parte superior, ou fundo da bahia, e o sul para a inferior, que corresponde á sua barra, de modo que o navegante ao entrar a barra avista a bahia como veria um gigantesco mappa que a representasse, rebatido sobre o plano horisontal.

Desta disposição resulta ainda, que o observador verá sempre o sol em seu giro diurno descrever arcos em planos perpendiculares ao eixo maior da bahia, circumstancia que, reunida á habitual diaphaneidade e pureza da atmosphaera, influe para a formosa combinação de luz que se manifesta nas horas do nascimento, e mormente do occaso do sol, quando se admira o grandioso espectáculo, que apresenta uma immensa gradação de cores, desde o dourado offuscante até o azul ferrete, passando pelo mais vivo carmim, tudo isto a reflectir-se nas aguas, de uma á outra margem da bahia, no sentido de sua largura.

*3ª singularidade* : — Acha-se ella situada na latitude  $22^{\circ}, 54', 24''$  ; e o Pão d'Assucar, que lhe fica no extremo sul, está collocado á pequena distancia do trópico-austral, donde se segue, que o Pão d'Assucar, sentinella avançada da barra, marca o limite que é dado ao sol afastar-se, em sua marcha para o sul. Em consequencia dessa latitude especial, da configuração e da posição em relação á barra, alguns astrónomos têm pensado na conveniencia que haveria em ser o meridiano, que passa pelo Pão d'Assucar, o escolhido para determinar as longitudes brasileiras, em logar do Observatorio do Castello, que parece estar destinado, talvez em um futuro próximo, a ser mudado de sua localidade actual para uma das illias do interior da bahia.

*4ª singularidade* : — Desde a entrada da barra até chegar ás duas cidades assentadas nas margens da bahia, nota-se uma successão de accidentes naturaes, tão felizmente dispostos para a defesa, que dir-se-ia ter querido o Creador dotar de antemão a futura capital com um systema completo de defesa contra inimigos exteriores.

Um simples exame da planta topográfica mostra que a entrada da barra, já de si muito estreita, divide-se ainda em duas partes, uma das quaes sendo impraticavel e os navios encontrando somente na outra passagem franca, são forçados a seguir por um canal, ao longo do qual existem pontos donde lhes pode ser difficultado o trajecto, como sejam as pontas de Santa Cruz e de S. João, bem como as ilhas da Lage, de Villegaignon e das Cobras ; além desses, á direita e á esquerda, em uma e outra margem, estão situados habilmente, quer por sua posição avançada, quer por sua elevação, outros pontos excellentes para um efficaz cruzamento de fogo em todo o espaço, que precede a cidade e o ancoradouro, como sejam : os morros do Pico, da Jurujuba, da Viuva, da Gloria, do Cavallão, da Boa-Viagem, do Gravatá, do Castello, da Armação e ponta do Arsenal de Guerra. (*Vide a página 6*).

Accrescente-se ainda o precioso auxilio, que pode ser prestado pela artilharia de navios e baterias fluctuantes convenientemente dispostos: o de grossas correntes passadas entre o costão de Santa Cruz e a Lage, e bem assim o emprego de uma ou duas linhas de torpedos na entrada ou ao longo do canal, e comprehender-se-á, que, é possivel desenvolver uma resistencia vigorosissima, capaz de neutralisar todos os esforços da mais poderosa esquadra inimiga.

Esta opinião é compartilhada pelo governo dos Estados Unidos da América do Norte, que, em uma obra official impressa em 1873 (*Roteiro das costas do Brasil*), á página 323, diz o seguinte: — « A entrada da bahia e as visinhanças da cidade são defendidas por uma serie de fortes e baterias capazes de grande resistencia ao ataque de uma poderosa esquadra. Os fortes estão sendo melhorados, mas até agora nenhum foi encouraçado. A bahia é admiravelmente apropriada á defesa por meio de torpedos, que, sendo habilmente manejados, haveria grande perigo para os navios e a certeza de se perderem alguns delles ».

*5ª singularidade* : — Desde muitas milhas de extensão para o norte e para o sul, a costa é como que resguardada por uma muralha ou cortina de serras, deixando apenas ver uma estreita interrupção, que, á semelhança de um pórtico, tem de cada lado como hobreira um

ENTRADA DA BAHIA DO RIO DE JANEIRO

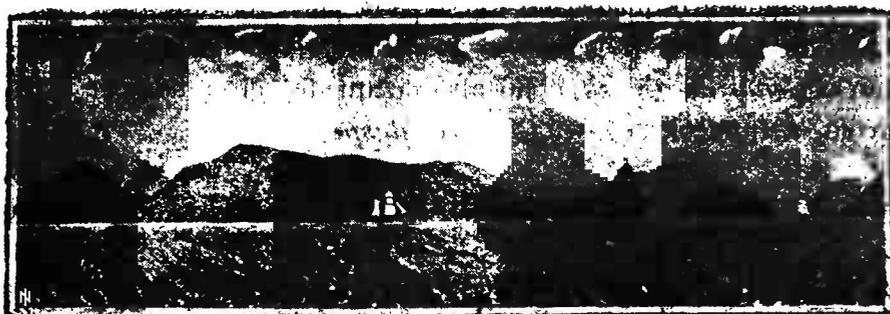


VISTA DO LADO DE DENTRO

elevadíssimo monte de fôrmas especiaes : o Pico de Santa Cruz ao norte e o Pão d'Assucar ao sul.

E' ahi a entrada da portentosa bahia, a qual muitas vezes passaria despercebida aos navegantes, sem a presença desses dois gigantes, principalmente do último, que, distinguindo-se muito de todos os outros (e sendo avistado de longa distancia) serve de seguro guia a quem demanda o Rio de Janeiro.

6ª singularidade : — O navegante que, chegando em frente á barra, em noite clara ou á hora em que a frouxa luz do dia, que se despede ou se aproxima, torna indecisa a fôrma dos objectos, estender a vista pelo espaço que se desenvolve á esquerda, ficará absorto e experimentará uma sensação de assombro, notando a extraordinaria disposição que apresentam as montanhas, dando a fôrma exacta e muito distincta de um colossal vulto humano deitado de costas, e que um effeito de óptica parece suspender acima das aguas, augmentando-lhe as já enormes dimensões :



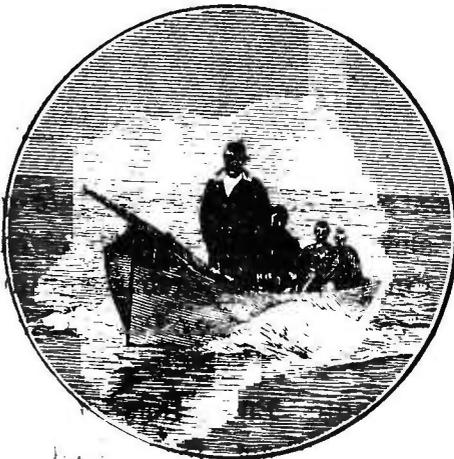
Nesta immensa figura, conhecida geralmente pelo *gigante que dorme* ou *O Gigante de Pedra*, as elevadas montanhas da Gávea e da Tijuca formam o rosto, dotado de um pronunciado nariz aquilino; a serra do Corcovado representa o tronco e as pernas; e o Pão d'Assucar o termina, formando-lhe o pé.

« Questo colosso (diz o commandante EUG. RODRIGUES, na *Descrizione del viaggio della flota di Napoli em 1843*) dorme di sonno eterno, par che volasse indicare la placida natura, concessa alla sorprendente baia di Rio Janeiro ». Tão formidavel apparição, que hoje, segundo diz VARNHAGEN, « os nautas encaram tranquillos e admiram á vontade, porque, ao vel-o, já consideram terminados os riscos da viagem, muito impressionou a principio os navegantes, que depois se foram familiarizando com elle, a ponto de todos descobrirem

nos traços de seu rosto semelhança com pessoas notáveis de seus paizes.

MOUCHEZ e JACQUES ARAGO acham-lhe no rosto e nariz formas características dos príncipes da casa real de BOURBON; e FOURCY DE BREMOY diz que é o perfeito retrato do desventurado rei LUIS XVI de França. Os inglezes, a acreditar o que affirma WALSH (*Notices of Brazil*) chamam ao *Gigante de Pedra* — *Lord Hood*, por verem nelle o retrato fiel do famoso almirante que, no fim do século XVIII, tanto damno causou aos francezes nas Antilhas e em Toulon; e os proprios officiaes da nossa armada dão-lhe o appellido de *Carvalhão*, pela exacta semelhança que notam entre o seu nariz e o do fallecido chefe de esquadra ANTONIO PEDRO DE CARVALHO. (Vide a *epheméride* de 9 de Fevereiro de 1827).

O Barão de ROUSSIN, annotando a obra *Le Pilote du Brésil*, conta que aos fidalgos, da côrte portugueza de D. JOÃO VI, em 1808, « causava profundo abalo a vista de tal phenômeno, quando se aproximavam da nossa barra; e fornecera thema para um grande quadro representando a esquadra do Principe Regente entrando garbosamente no Rio de Janeiro, divisando-se perfeitamente o Gigante, designado como o *Genio do Brasil*, e no alto do quadro, circulado por brilhante auréola, a interjeição: — *! Gigante, desperta!* »



nos versos dos seguintes poetas nacionaes:

ARAÚJO PORTO ALEGRE, MAGALHÃES, GONÇALVES DIAS, FAGUNDES VARELLA, DURÃO, MACEDO, cônego PEREIRA DA SILVA, ALVARENGA PEIXOTO, S. CARLOS, TEIXEIRA E SOUSA, BERNARDO GUIMARÃES, ALVARES DE AZEVEDO, ANTONIO DINIZ, DUTRA E MELLO, ROZENDO MUNIZ, ROCHA PITTA, VILLELA BARBOSA, JANUARIO DA CUNHA BARBOSA, JOAQUIM

A poesia tem creações assombrosas, como a do Adamastor, que a Mythologia creou filho da terra, mas que foi por CAMÕES plantado nas longas aguas por onde seus membros se estenderam, na sublime transformação do Cabo da Boa-Esperança. A nossa natureza, porém, dominou todos os prodigios da imaginação dos poetas e do poder dos deuses creando o nosso formidavel *Gigante de Pedra*, celebrado

NORBERTO, VELHO DA SILVA, SILVA ALVARENGA, JOSÉ DE ALENCAR, PEREIRA DUTRA, MELLO MORAES Filho, MIGUEL M. LISBOA, VISCONDE DE TAUNAY, a poetisa rio-grandense DELFINA DA CUNHA e o obscuro autor destas linhas, além dos seguintes poetas estrangeiros: o venezuelano PÉREZ BONALDE, o argentino GUIDO Y SPANO, o francez EVARISTO PARNY, o inglez DANIEL KIDDER, o platino JOSÉ MÁRMOL, o allemão KLUMBE, os portuguezes CASTILHO, ABOIM e GONÇALVES JÚNIOR.

**1680** — Dá fundo em uma enseada fronteira ás ilhas de S. Gabriel, no Rio da Prata, a expedição commandada por D. MANUEL LOBO, governador do Rio de Janeiro, que ali começa a fundação de uma fortaleza, origem da célebre *Colônia do Sacramento*, que tanto deu que fazer a Portugal e á Espanha.

**1793** — Morre no presidio de Ambaca, em Angola, IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO, nascido no Rio de Janeiro em fins de 1748. Formado em leis na Universidade de Coimbra, foi juiz de fóra em Cintra, ouvidor no Rio das Mortes (em Minas) e coronel de cavallaria de milicias, dedicando-se tambem á lavoura e á mineração.

Poeta distincto, desposou a não menos distincta poetisa D. BÁRBARA HELEODORA GUILHERMINA DA SILVEIRA, compromettendo-se na gloriosa conspiração mineira denominada *A Inconfidencia*, para cujo estandarte forneceu este lemma: — *Libertas quæ sera tamen*.

« Preso e conduzido em ferros para os calabouços da ilha das Cobras, no Rio de Janeiro, lá permaneceu incomunicavel, passando por interrogatorios inquisitoriaes, até 18 de Abril de 1792, em que foi, como seus companheiros de infortunio e de sonhos de liberdade, condemnado á morte. Essa sentença, porém, foi-lhes a todos, menos a TIRADENTES, commutada em degredo perpetuo para a Africa ».

Em uma só noite, a que se seguiu ao dia em que lleu a sua sentença de morte, os cabellos castanhos do coronel Dr. ALVARENGA PEIXOTO tornaram-se completamente brancos, como os da Rainha MARIA ANTONIETA, naquelles pavorosos tempos atirada do throno á prisão e da prisão á guilhotina.

Era o nosso illustre compatriota um typo talhado pelo molde dos heróes, além de poeta de levantada inspiração, que caprichava em dar aos seus versos todo o lavor artistico. Transcrevo aqui de preferencia os seguintes, pela coincidência de se prenderem á primeira *epheméride* desta obra (podendo emoldurar a nossa illustração da página 7):

Oh ! ;que sonho ! ;que sonho eu tive nesta  
 Feliz, ditosa e socegada sesta!  
 Eu vi o Pão d'Assucar levantar-se  
 E no meio das ondas transformar-se  
 Na figura dum indio o mais gentil,  
 Representando só todo o Brasil.

Pendente ao tiracol de branco arminho  
 Côncavo dento de animal marinho  
 As preciosas armas lhe guardava ;  
 Era thesouro e juntamente aljava.

De pontas de diamante eram as settas,  
 As hâsteas d'ouro, mas as pennas pretas :  
 ; Que o indio valoroso, altivo e forte  
 Não manda setta, em que não mande a morte !

Zona de pennas de vistosas cores  
 Guarneçada de bárbaros lavores,  
 De folhetas e pérolas pendentes  
 Finos crystaes, topazios transparentes,  
 Em recamadas pelles de sahiras  
 Rubins e diamantes e saphiras,  
 Em campo de esmeralda escurecia  
 A linda estrella, que nos traz o dia.

No cocar...;oh, que assombro, que riqueza!  
 Vi tudo quanto pode a natureza.

**1839** — Combate de *Vacacahy*, no Rio Grande do Sul, durante o célebre decennio da revolução dos *Farrapos*.

Sendo este o primeiro encontro daquellas forças aqui narrado, parece-nos opportuno o momento para uma recapitulação retrospectiva.

Iniciado o movimento em Setembro de 1835, nas immediações de Porto Alegre, no dia 20 desse mez travou-se o primeiro combate, proseguindo a revolução na sua marcha victoriosa até á pacificação, a 1 de Março de 1845.

A acção dos rebeldes estendeu-se até a Laguna (Santa Catharina), mas nunca chegou a senhorear a provincia inteira do Rio Grande do Sul, da qual apenas dominou por mais tempo na zona de sudoeste.

Dados os encontros consecutivos feridos nos primeiros quatorze mezes da rebelião, na batalha do Fanfa, em 4 de Outubro de 1836, em que as forças revolucionarias, commandadas pelo general BENTO GONÇALVES, derrotaram as do Imperio, commandadas pelo general BENTO MANUEL, este com 1.000 homens e aquelle com 1.100, foi proclamada a *República de Piratim*, que chegou ao seu maior áuge em 1838, depois do combate de 30 de Abril, no Rio Pardo, tendo o seu

primeiro declínio com o levantamento definitivo do assedio de Porto Alegre, em Dezembro de 1840, como se verá no correr desta obra.

**1864** — Morre no Rio de Janeiro o capitão de mar e guerra reformado JOÃO MARIA PEREIRA DE LACERDA (pai do bispo D. PEDRO MARIA DE LACERDA), nascido na mesma cidade a 9 de Novembro de 1809.

Foi professor de geometria no Arsenal de Marinha, superintendente das obras da Companhia Brasileira de paquetes a vapor, syndico do convento das freiras de Santa Thereza, official da Rosa, cavalleiro das ordens de Christo, de Aviz e de S. Gregorio Magno de Roma.

Escreveu uma *Arithmética e álgebra*, destinada aos operarios do Arsenal de Marinha (1857); *Planos* para a amortisação da divida nacional e criação de capitaes (1860); e collaborou nos periódicos *O Popular* e *Abelha Religiosa* (1858).

**1865** — As forças brasileiras recommçam o ataque á cidade de Paysandú. A brigada do general SAMPAIO áccommette pelo lado do norte, a do tenente-coronel RESIN pelo de leste, e em menos de meia hora as primeiras trincheiras são occupadas pelas nossas forças de terra.

O terreno é heroicamente conquistado, palmo a palmo, á bayoneta calada, de casa em casa, de rua em rua, até que se toma finalmente a praça inteira, já então juncada de cadáveres. O fogo, de parte a parte, perdura com intensidade durante o dia e toda a noite.

**1867** — Morre no acampamento de *Tayi*, no Paraguay, victima do cólera-morbus, o tenente-coronel FRANCISCO AGNELLO DE SOUSA VALENTE.

**1880** — Motim popular, denominado do *Vintem*, ao ser executada na cidade do Rio de Janeiro a taxa de 20 réis por passagem de *bonds*.

O Dr JOSÉ LOPES DA SILVA TROVÃO, actual senador federal, provocou a questão pela imprensa (em vibrantes artigos na *Gazeta da Noite*) e esteve á frente do povo durante tres dias, falando ás multidões em differentes pontos do centro da cidade.

O seu primeiro discurso foi proferido ao meio dia, no chafariz do largo do Paço, seguindo para a rua do Ouvidor, onde já encontrou uma barricada na esquina da rua de Uruguayana, formada por um *bond* cheio de pedras do calçamento da rua.

Outros oradores, do alto dessa trincheira, aconselhavam ao povo que resistisse a tão odiosa medida, destacando-se por sua eloquência os Drs. BITTENCOURT SAMPAIO, FERREIRA DE MENEZES e o poeta LINS DE ALBUQUERQUE.

Os amotinados, espalhando-se em numerosos grupos pela cidade e arrabaldes, principalmente no bairro de S. Christovam, começaram a arrancar trilhos, descalçar as ruas e derrubar os raros *bonds* que saíam das estações.

Um batalhão do Exército, commandado pelo coronel ENÉAS GALVÃO (depois general e Barão do Rio Apa), teve ordem de dispersar o grupo que se entrincheirara na rua da Uruguayana.

Travou-se então a luta, de que resultaram quatro mortes e muitos ferimentos, sendo um dos feridos o autor desta obra, que falava na occasião ao povo, do alto da trincheira, aconselhando resistencia em todo o terreno. Foi preso, entre outros, o reporter ERNESTO SENNA, actual coronel da Guarda Nacional e um dos redactores do *Jornal do Commercio* (importante folha brasileira, que é classificada em quinto lugar entre as melhores do mundo)

**1889** — Deixa a pasta de ministro e secretario de Estado dos Negocios da Marinha, o conselheiro de Estado e senador do Imperio DR. LUIS ANTONIO VIEIRA DA SILVA, Visconde de Vieira da Silva, nomeado ministro a 10 de Março de 1888.

**1889** — A idade das praças de pret do Exército começa a ser contada de 1 de Janeiro, quando forem ignorados o dia e o mez do nascimento, de accordo com o aviso de 23 de Março de 1888.

A dos officiaes, nas mesmas condições, é contada de 31 de Dezembro, por disposição da ordem do dia n. 771, de 26 de Setembro de 1896. Esta resolução do legislador militar prende-se, em favor da officialidade, ao decreto n. 108 A de 30 de Dezembro de 1889, que altera o quadro dos officiaes da Armada, estabelecendo regras pelas quaes devem os mesmos ser reformados voluntaria ou compulsoriamente.

Os officiaes eleitos membros do Congresso Federal não precisam de licença do governo para tomar assento; cabendo-lhes unicamente fazer á autoridade militar, opportunamente, a necessaria comunicação. — Despacho publicado no *Diario Official* de 3 de Maio de 1895.

**1890** — É reformado no posto de marechal o brigadeiro AUGUSTO FREDERICO PACHECO.

**1893** — É reformado o contra-almirante graduado FELIPPE ORLANDO SHORT.

**1898** — É reformado o almirante graduado MANUEL RICARDO DA CUNHA COUTO.

**1900** — Deixa o cargo de chefe do Estado-Maior General da Armada o contra-almirante DIONYSIO MANHÃES BARRETO, que o exerceu desde 5 de Janeiro de 1899. (Vide a *epheméride* de 21 de Março de 1843).

---

#### OS HOMENS DO DIA

**1058** — Nasce na França o fidalgo GODOFREDO DE BOUILLON, DUQUE DE LORENA, que falleceu em Jerusalém no anno 1100. Foi o chefe da primeira Cruzada e o primeiro Rei de Jerusalém. Sobre este nome creou-se uma legenda, assoberbada pela sua extraordinaria bravura, generosidade e ardor religioso.

As Cruzadas foram em número de oito e realisaram-se entre os annos de 1096 e 1270; foram as guerras santas, dos christãos contra os turcos, para retirar do poder destes Jerusalém e os logares santos, por ordem do Papa URBANÓ II e pregadas em toda a Europa por PEDRO — o EREMITA.

**1618** — Nasce em Sevilha (Espanha) o pintor MURILLO \*, fallecido em 1682. São admiráveis de mysticismo as suas *Virgens* e é primorosa a sua tela *Assumpção*.

**1800** — Nasce em Dusseldorf (Allemanha) o poeta HENRIQUE HEINE, fallecido em Paris no anno de 1856. Seus principaes poemas são: *Máguas Juvenis*, *Cahcioneiro*, *Intermezzo Lyrico* e *Atta Troll*, além dos seus bellos *Quadros de Viagem*.

---

#### 2 DE JANEIRO

**1647** — Tentativa do famoso mestre de campo ANDRÉ VITAL DE NEGREIROS, duas vezes capitão-general de Pernambuco, para atacar os holandezes no forte da *Barreta*, os quaes são soccorridos a tempo pelos que occupavam o Recife, forçando o atacante a recolher-se á fortaleza do *Arraial Novo do Bom Jesus*, de onde fizera a temeraria sortida.

---

Este nome não se pronuncia *Murilo*, mas *Murillo*, pois os — ll — em castelhano correspondem ao *lh* portuguez.

**1826** As Provincias Unidas do Rio da Prata declaram guerra ao Brasil, estabelecendo a aggressão maritima ao Imperio por meio de corsarios.

**1865** — Depois de 52 horas de combate, as nossas tropas tomam á viva força a cidade de Paysandú, calindo em nosso poder 700 prisioneiros, 15 peças de artilharia, mais de 2.000 espingardas, abundancia de munições, bandeiras inimigas, etc.

O bravo commandante inimigo, LEANDRO GOMES, succumbe ao ataque de 571 brasileiros e 500 orientaes, dispondo de 1000 combatentes. A esquadra nacional auxiliou o combate, seguindo dali as nossas forças para Montevideo, commandadas as de terra pelo marechal JOÃO PROPICIO MENNA BARRETO, depois BARÃO DE S. GABRIEL; e as de mar sob o commando do almirante JOAQUIM MARQUES LISBOA, então Visconde e mais tarde MARQUEZ DE TAMANDARÉ.

Numa publicação do *Jornal do Commercio* do Rio, de 15 de Fevereiro deste anno, lê-se: — «Fomos investindo pela cidade, apoderando-nos dos pontos principaes, recebendo os prisioneiros que se nos apresentavam. O imperial marinheiro ALEXANDRE JOSÉ DA SILVA, que tantas provas deu de bravura, tirando de uma sotéa o nosso pavilhão, foi correndo á matriz e collocou-o no alto do zimbório, abatendo a oriental *blanquilla*, que ali se achava».

**1866** — Decreto n. 3579, regulando as licenças aos officiaes do Exército. (Vide o final da *epheméride* de 1 de Janeiro de 1889).

As concedidas para tratamento de saude começam a vigorar da data do termo da inspecção. — Aviso de 21 de Novembro de 1882.

Os commandantes de districto podem conceder até 3 mezes para tratamento de saude. — Ordem do dia n. 717 de 29 de Fevereiro de 1896.

Tem o official de passar por nova inspecção quando se apresentar da licença maior de 20 dias, ou ainda menor de 20 dias, sendo em prorrogação. — Ordem do dia n. 13 de 17 de Abril de 1899.

Deverá apresentar-se no dia immediato ao último da licença em sua guarnição. — Ordens do dia n. 933 de 30 de Abril e n. 958 de 21 de Agosto, ambas de 1898.

O tempo das licenças para tratamento de saude, comprovadas em inspecção da junta médica militar, é computado para a reforma dos officiaes do Exército. — Resolução de 23 de Janeiro de 1866; mas não o é para concessão do meio soldo. — Resolução do Tribunal de Contas, de 8 de Outubro de 1897 *Diario Official* de 8 de Março de 1898.

O decreto n. 1344 de 7 de Fevereiro de 1891, torna extensivas aos officiaes do corpo da Armada e das classes annexas as disposições do artigo 7º do decreto n. 1232 E de 31 de Dezembro de 1890, affirmando que os que contarem os annos de serviço indicados no referido artigo tenham as vantagens consignadas no artigo 5º do decreto n. 108 A de 30 de Dezembro de 1889, independentemente da idade para a reforma voluntaria.

O direito de reforma foi instituido por alvará de 16 de Dezembro de 1790.— Não é condição essencial para reforma do official, julgado incapaz para o serviço activo, o anno de observação a que se refere o decreto n. 108 A de 30 de Dezembro de 1889. (Vide accordam do Supremo Tribunal Federal n. 201 de 4 de Novembro de 1896, publicado no *Diario Official* de 2 de Dezembro do mesmo anno).

O aviso n. 190 de 17 de Janeiro de 1890, determina que no cálculo para o tempo de serviço aos officiaes reformados compulsoriamente, sejam despresadas as fracções menores de 6 mezes.— O decreto n. 29 de 8 de Janeiro de 1892, resolve :

Art. 1.º Os officiaes do Exército e da Armada que deixarem os quadros activos por força dos decretos 108 A de 30 de Dezembro de 1889, e 193 A de 30 de Janeiro de 1890, e que na occasião contarem mais de 40 annos de serviços, serão reformados no posto immediato com a graduação do subsequente.

Parágrafo único. Esta disposição é permanente e extensiva aos officiaes de terra e de mar que antes della deixaram, com aquelle numero de annos de serviço, os citados quadros por força dos mencionados decretos.

Art. 2.º Revogam-se as disposições em contrario.

**1870** — O coronel da guarda nacional, depois general e BARÃO DE ITAQUY, JOÃO NUNES DA SILVA TAVARES, toma aos paraguayos a *Trincheira do Rio Verde*. (Vide a *epheméride* de 24 de Maio de 1818).

**1873** — Pelo decreto n. 5847 é creada a Escola de Aprendizizes Marinheiros das Alagoas, transferida para a de Pernambuco por aviso n. 839 de 3 de Junho de 1885, e novamente creada por decreto n. 207 B de 26 de Setembro de 1894.

Dispõe actualmente esta Escola de um mastro com verga e carangueja aparelhado, uma baleeira de 4 remos, um escaler de 12 remos, 75 clavinotes Mauser e os respectivos sabres.

É seu commandante o capitão-tenente HENRIQUE TEIXEIRA SADDOCK DE SÁ, nomeado a 20 de Agosto de 1901. É de 2ª categoria e dispõe do seguinte pessoal: immediato, cirurgião, enfermeiro, commissario, fiel, escrevente, professor de primeiras letras, instructor, mestre, 1 cabo, 3 marinheiros de 1ª classe, 71 aprendizes marinheiros, 3 cozinheiros, 2 despenseiros e 2 criados.

**1880** — Continúa o motim popular do *Vintem*, que tomou proporções ameaçadoras, encontrando eco na maioria da imprensa da capital.

#### A DATA HISTÓRICA

**1492** — Fim do Imperio dos Mouros na Espanha, vencidos em Granada por ISABEL - A CATHÓLICA.

**1776** — Morre em Bonn o historiador allemão NIEBUHR, autor de uma notavel *Historia Romana*.

#### 3 DE JANEIRO

**1643** — A nossa gente arma uma emboscada aos holandezes, que se achavam fortificando a ilha de *Antonio Vaz*, ou de *Santo Antonio*, em Pernambuco; obrigando-os a debandar, pelo inesperado do ataque, morrendo 43 delles, sendo pelos nossos lançada ao Capiberibe a facha que já haviam feito.

**1774** — O capitão rio-grandense RAFAEL PINTO BANDEIRA, com 120 homens de cavallaria, debanda e derrota em Camacuan (Rio Grande do Sul) uma força de 600 correntinos, santafecinos, portenhos e guaranys commandados pelo capitão espanhol D. ANTONIO GOMEZ, que ia reunir-se ao exército do general VERTIZ.

**1777** — Nasce no Rio de Janeiro o chefe de divisão ANTONIO PIO DOS SANTOS, que falleceu na mesma cidade em 1826. Era literato e cultivou a poesia, como se vê da sua *Epistola Proclamatoria* a El-Rey e á metrópole, « para desengano dos liberaes indiscretos ou vertiginosos constitucionaes », publicada em Lisboa, em 1823; além de uma *Ode á Sua Magestade Catholica* D. FERNANDO VII, escripta depois da queda da Constituição.

Sendol a sua promoção ao posto de chefe de divisão incluída numa lista geral firmada por D. JOÃO VI, a bordo do navio em que veio

para o Brasil, as côrtes constituintes não a quizeram sancionar, tendo elle de voltar ao posto anterior. Foi ainda victima de outro facto singular, que quasi lhe custou a vida :

Esteve amortalhado, dentro do caixão e prestes a ser enterrado com as honras militares, estando ainda vivo ; tolhido pela catalepsia, passou a noite inteira fechado numa igreja, e só no dia seguinte foi que deu signaes de vida, sentando-se no esquife, quando os padres lhe entoavam o canto-chão, que foi por isso interrrompido, fugindo em debandada os padres e os assistentes, lançando por terra as tochas e os tocheiros, apavorados pelo estranho successo.

**1817** — Dão-se simultaneamente dois encontros militares na Banda Oriental: um, na *Calera de Santa Lucia*, entre o general BERNARDO DA SILVEIRA PINTO e FRUCTUOSO RIVERA ; o outro, em Aguapehy, entre JOSÉ DE ABREU e ARTIGAS, sahindo de ambos victoriosos os nossos.

**1826** — O governo de Buenos Aires faz ao povo oriental a seguinte proclamação contra o Brasil:

*« ¡ Ciudadanos ! — Quisisteis, y la infame cadena quedó rota para siempre, el prestigio y la mentira se desvanecieron. Corristeis á abrazar vuestros hermanos, y ellos os estrechan á su corazón. ¡ Una es nuestra causa, uno sera nuestro destino !*

*¡ No ! ¡ la tierra de los bravos no será más dominada por los viles mercenarios de un rey extranjero, nacido allá, al otro lado de los mares ! Él ha invadido otra vez nuestro territorio ; él os amenaza como rebeldes y provoca la república con una guerra desastrosa.*

*¡ Amigos ! Todos estamos ya de pié para defenderos. Las repúblicas aliadas del continente no tardarán en juntar con los nuestros sus pabellones triunfadores.*

*¡ Orientales ! Ocupais el puesto que se os debe de justicia ; formais la primera división del Ejército Nacional ; llevais la vanguardia en esta guerra sagrada ; que los enemigos empiecen á esperar y que los viles opresores sientan luego el peso de nuestras armas.*

*Esa vuestra Patria, tan bella como heroica, solo produce valientes. Acordaos que sois Orientales, ¡ y este nombre y esta idea os asegurarán el triunfo ! »*

Como se vê, é tradicional a estima dos nossos bons vizinhos do sul. Não os percamos de vista, para continuar a corresponder, como outrora, ás suas fidalgas bizarras. Estejamos, porém, alerta com o leopardo do extremo norte, que neste momento histórico tem o olhar

cravado nas nossas vastas e ubérrimas regiões amazônicas. | Como aquelle olhar é *acre* de expansão territorial !...

**1837** — Combate de *Veleda* (Rio Grande do Sul) entre as forças revolucionarias do general ANTONIO NETO e as dos imperialistas sob o commando de BENTO MANUEL.

**1838** — Cai ao mar, do estaleiro do Arsenal de Marinha da cidade do Salvador (Bahia) a corveta *Defensora*, artilhada com 24 canhões de calibre 12.

**1838** — Nasce no Rio de Janeiro o general de brigada (reformado a 22 de Março de 1894) CORNELIO CARNEIRO DE BARROS AZEVEDO, bacharel em mathematicas.

Foi membro da 1ª secção de obras militares, empregado no archivo da secretaria da Guerra; e publicou em 1882 um livro digno de nota — *Auxiliar do Constructor*, contendo a nomenclatura technológica e alfabética da construcção e detalhes para a organisação dos orçamentos e outras indicações úteis.

**1880** — O motim do *Vintem*, mantendo a mesma attitude ameaçadora dos dois dias anteriores, força o ministerio presidido pelo conselheiro de Estado e senador do Imperio Dr. JOÃO LINS VIEIRA CANSANÇÃO DE SINIMBÚ, depois VISCONDE DE SINIMBÚ, a tornar facultativo o odioso imposto, decretado pela assembléa geral e mandado executar pelo governo.

Assim que a noticia foi divulgada os ânimos acalmaram-se, continuando apenas ligeiras arruaças, pois os patriotas retiraram-se, cabendo á policia dispersar os grupos de anônimos exploradores, que sempre apparecem em taes occasiões.

---

#### OS HOMENS DO DIA

**106** (*Antes de Christo*). — Nasce em Arpino o célebre orador romano CICERO, sem rival na tribuna judiciaria e reputado como um dos primeiros prosadores latinos.

Foi assassinado por mandado de ANTONIO e sua mulher FULVIA, pela guerra que fez ao 2º Triumvirato. FULVIA, quando lhe apresentaram a cabeça degolada de CICERO, espetou-lhe na lingua um grampo de ouro com que prendia os seus cabellos.

**1857** — Morre em Annecy o popular escriptor EUGENIO SUE, autor dos romances *O Judeu Errante* e *Mysterios de Paris*.

---

## 4 DE JANEIRO

1766 — Embarcam em Santos, indo em soccorro do Rio Grande do Sul, quatro companhias de aventureiros, organisadas pelo governador daquella praça ALEXANDRE LUIS DA SILVA MENEZES, sob o commando do sargento-mor JOSÉ DA SILVA SANTOS.

1817 — D. JOÃO VI, regente de Portugal, estabelecido no Rio de Janeiro, resolvera, segundo os escriptores espanhóes, conquistar a Banda Oriental, mandando vir do Reino uma divisão de 4.800 homens aguerridos, a que se aggregaram tropas brasileiras e cujo commando foi confiado ao general CARLOS FREDERICO LECÓR, depois Barão e mais tarde VISCONDE DA LAGUNA.

« Essas tropas, diz TEIXEIRA DE MELLO nas *Ephemérides Nacionaes*, foram auxiliadas por alguns vasos de guerra, devendo reunir-se á cavallaria e artilharia da mesma divisão, que estavam em Santa Catharina.

Segundo, porém, os escriptores nacionaes, dera causa a este movimento o receio que tinha o governo pela segurança dos limites meridionaes do Brasil, á vista do triumpho obtido em 1814 pela Junta de Buenos Aires, sob cujos esforços succumbira Montevidéo, alentando esse triumpho a guerra civil que devorava as novas repúblicas do Rio da Prata.

Depois das victorias alcançadas pelo Brasil em *S. Borja* (3 de Outubro de 1816), em *Chafalote* (24 de Setembro do mesmo anno), em *Inhanduhy* e *Paepaes* (19 de Outubro), no forte de *Santa Thereza* e em *India Morta* (19 de Novembro), avançava LECÓR sobre Montevidéo.

As nossas forças penetram resolutamente no territorio Oriental, vencendo a resistencia heroica e desesperada que lhes oppunham as guerrilhas de JOSÉ ARTIGAS. O exército invasor subia a 10.000 homens, que a revolução argentina não tinha recursos para rechazar.

O director supremo, D. JUAN PUIRREDON, despacha commissarios á Banda Oriental, afim de pôr-se de accordo com ARTIGAS para repellar a invasão. Achava-se a esse tempo a divisão de S. Paulo, ao mando do brigadeiro JOAQUIM DE OLIVEIRA ALVARES, acampada em Catalan, quando na presente data a vieram surprehender os tres caudilhos: LA TORRE, VERDUN e MONDRAGON, com tres mil gaúchos.

O combate durou até ao cahir da noite, sustentado com denodo pelo brigadeiro OLIVEIRA, até que sobreveio o tenente-coronel JOSÉ DE ABREU (depois BARÃO DE SERRO LARGO) com o seu corpo, e os uruguayos

viram-se obrigados a retirar-se *com bandeiras despregadas e salvando os feridos*, mas deixando no campo cerca de 1.000 cadáveres.

Esta brilhante victoria abriu-nos o caminho de Montevideo, onde LECÓR entrou triumphante a 20 de Janeiro». (Vide a *epheméride* de 20 de Janeiro de 1817).

**1817** — O caudilho LA TORRE, á testa de 3.400 homens, invade o campo da divisão brasileira commandada pelo general CURADO, nas proximidades do arroio Catalán, de onde o nosso general havia destacado o coronel JOSÉ DE ABREU, com uma columna de 600 praças, com o fim de reconhecer a posição do inimigo, e investil-o, logo que visse que as suas forças não comportassem a necessidade de marchar para ali a divisão.

ARTIGAS, sabendo das operações da nossa gente, procurou evitar o encontro, abrindo de si o maior troço de suas forças, que entregou ao caudilho LA TORRE, ordenando-lhe que a todo transe se arrojasse á divisão, certo de que, em mallogro, estariam completamente perdidos.

Dada a invasão, a bravura dos nossos, apesar de serem inferiores em número ás forças inimigas, e o auxilio (que não era esperado) da columna de ABREU, a qual, concluindo o desbarato de ARTIGAS em seu alojamento de Arapehy, foi mui presta em volver ao campo da divisão, vencendo com a infantaria 12 léguas em 8 horas, deram-nos mais um dia de gloria e ao inimigo a última lição.

Nessa memoravel batalha, o general BENTO MANUEL RIBEIRO (vide a *epheméride* de 30 de Maio de 1855), que era então tenente do regimento de cavallaria de milicias do Rio Pardo, deu as mais significativas provas do seu valor e discernimento militar.

Deste combate, o último que foi dado pela divisão do general CURADO, restou-nos uma dupla demonstração de que são antagônicas, as mais das vezes, as consequencias da generosidade de um povo, que poupa os inimigos, quando os pode aniquilar para sempre.

A lição que o Brasil deu a D. JOSÉ ARTIGAS, desbaratando completamente as suas hostes, obrigou-o a refugiar-se no Paraguay, onde achou a prisão e o mais pungente ostracismo; sorte igual cabia a FRUCTUOSO RIVERA, si não fosse o seu funesto enganamento para o serviço do nosso exercito, onde recebeu distincções e prêmios, que de nada serviram para nullificar sua indole versatil, mercenaria e traçocira, como se verificou mais tarde.

**1837** — Novo combate, de *Candiota* (Rio Grande do Sul) entre as forças revolucionarias do general ANTONIO NETO e as legaes de BENTO

MANUEL. Nesse mesmo dia as forças deste tiveram um encontro com as de AGOSTINHO DE MELLO, que lhes matou 70 homens.

**1837** — O general BENTO MANUEL, perseguindo as forças dos *Farrapos*, depois de ligeiras escaramuças das suas avançadas, consegue alcançá-las, levando-as de vencida, até obrigá-las a passar para o Estado Oriental, pelo passo do Salso, no rio Jaguarão.

Os revolucionários, durante a retirada, sustentaram fortes guerrilhas. Numa dellas, DAVID CANABARRO, que fazia a vanguarda, rechassou o imperialista CALDERON até á infantaria de BENTO MANUEL. Uma bala de fuzil arrancou o salto de uma bota deste chefe, sem ferir-o.

A cavallaria imperialista manobrou com a intrepidez que caracteriza os gaúchos, chamando a atenção pelos seus movimentos rápidos e seguros a brigada de MEDEIROS, a que pertencia o tenente OSÓRIO, mais tarde o legendário general MARQUEZ DO HERVAL.

**1837** — O general BENTO MANUEL escreve a ordem do dia do combate da véspera nos seguintes termos :

« ¡Camaradas de todas as armas !

Vós bem merecestes da Patria, no dia de hontem. Vosso valor e coragem são, no sentir do vosso general, acima de todo o louvor ; e a constancia com que soffreis as privações de uma campanha trabalho-sissima, sem sal, sem farinha, sem vestuario, sem soldo, attestam que se vos pode considerar entre os melhores soldados do universo.

Vosso general, levando ao conhecimento do Ex.m.<sup>o</sup> Sr. Presidente da Provincia vossos feitos e necessidades, espera o prompto remedio destas, e o Governo saberá justamente premiar aquelles. Vós testemunhastes, camaradas, a cobardia com que os rebeldes, pungidos pelo remorso de seus crimes, fugiram espavoridos mais de 4 léguas.

A nossa generosa bondade para com elles, tem sido infructuosa ; muitos a quem temos concedido a vida nos combates, e dado-lhes liberdade, empunham as armas contra nós, e nos juram eterno ódio, porque somos fieis aos nossos deveres e verdadeiros patriotas.

A perda que hontem soffreram, a do dia anterior, a dispersão consequente, a corrida e as deserções enfraquecerão diariamente, mais a mais, esse grupo de rebeldes, e poucos nos restam a vencer, e com a victoria damos á provincia paz, tranquillidade e segurança. Sem os debelarmos completamente, nossas vidas e nossos bens estarão em perigo.

Marchemos, pois, sobre elles. O general não vos recommenda constancia em soffrer as privações, porque o exemplo tem mostrado que se deve aprender comvosco. Concluamos nossa árdua mas gloriosa tarefa, para em nossos lares, no centro de nossas familias, ao abrigo das leis, entoarmos alegres os vivas que não cessamos de repetir :

! A' Constituição reformada! — !Ao nosso Imperador o Sñr. D. PEDRO II! — E recordando-vos de vossos feitos e do quanto vos deve a Patria, com orgulho nobre podereis exclamar: — !Vivam os bravos das forças legalistas! »

1844 — MANUEL LUCAS DE OLIVEIRA, ministro da guerra da *República de Piratinim*, publica a seguinte circular aos revolucionarios da guerra dos *Farrapos* :

« Amigo e companheiro. — Secretaria da guerra em Campo, 4 de Janeiro de 1844.

Permitti que seja franco comvosco, expondo-vos verdades incontestaveis, que o tempo quiçá vos fará apesar conhecer. ¿Onde está vosso patriotismo? ¿Será possível que abjureis de principios, depois de tantos serviços, depois de haver compromettido tantos cidadãos na defeza de nossa causa? Eu o não creio, nem acreditarei.

¿ Por acaso suppondes vós que, si o Brasil nos vencer, vos deixará e aos mais na pacifica posse desses bens que vos restam, no centro dessa familia que idolatraes, e a quem vos unis, negando-vos a vir concorrer com as armas na mão na defeza commum?

! Pois sabeí, si é certo que assim pensais, o que não creio, que sois inteiramente enganado; porque, si fosse possível elle vencer-nos, o que nunca succederá, pela firmeza de sentimentos de uma porção de bravos e decididos Rio-Grandenses, que têm jurado á face de DEUS e do mundo *vencer ou morrer* — antes do que entregar como vis cordeiros os pulsos ao captiveiro, a garganta ao afiado punhal da vingança brasileira; e crêde que, si assim for, nem vós, nem algum liberal, o mais pintado, continuará a habitar este solo sagrado, depois de guerrear ao Brasil nove annos!

O exemplo para o qual vos aponto é o que praticaram os realistas com os paulistas, mineiros e os mais habitantes das provincias do Imperio, onde houve revolta, e onde poucos tiros se dispararam em poucos dias de movimento hostile contra o monarcha; pois nem nobilissimas familias respeitaram-se, nem varões sapientes foram isentos da prescripção injusta, bárbara e atroz, seus bens *in plenum* confiscados, etc., etc.

Emfim, correi ás armas, não vacileis ; vinde engrossar as filas dos bravos a que sempre haveis pertencido ; não vos fieis nas pérfidias suggestões de vossos inimigos, que tudo inventam para nos adormecer e matar. Dai uma prova que sois Rio-Grandenses ; e contai que jamais duvidou de vossa firmeza de sentimentos e patriotismo o vosso antigo amigo e companheiro — *M. L. d'Oliveira* ».

Na mesma data enviou elle a um dos seus co-religionarios a seguinte carta :

« Amigo e antigo companheiro *MOTA*.

Por entre as filas do proprio exército imperial têm varado e varam quotidianamente distinctos republicanos a engrossar os briosos esquadões da Independencia, e vós mantei-vos em apathia ? !

Desterrai o receio de atravessar pelo meio dos inimigos, e correi a engrossar nossa força : tendes em vosso favor a experiente prática do terreno assignalado desde a infancia com vossas pisadas e haveis marcado a todo o andar penedo por penedo, monte por monte, collina por collina, vereda emfim por vereda.

¿ Que pois vos detêm ? ¿ que fazeis, que não bradais ao ouvido desses antigos soldados de vosso mando, tantas vezes guiados por vós á gloria dos combates, e donde os tirastes tantas vezes victoriosos ? ! ¿ Quereis que elles vos digam algum dia quando por vossa omissão, quiçá, gemendo a ferrolhados nas masmorras vos gritem — maldição sobre aquelles que vos comprometteram, que tantas vezes nos fizeram triumphar, e que hoje são causa de nossas desgraças irremediaveis ? ¿ que lhes responderieis si ouvísseis ?

Sei muito bem que haveis estado doente, e que um tal motivo vos ha desviado de coadjuvar na crise actual da República, depois de tantos serviços ; mas como tem íntimo convencimento de vosso patriotismo e character, conta com vosco entre nós com todos os patriotas que possaes reunir com a brevidade possível — o vosso amigo e fiel companheiro — *Oliveira* ».

---

#### OS HOMENS DO DIA

**1772** — Nasce em Paris o douto hellenista P. L. COURIER, que se tornou célebre pelos seus ataques á Restauração.

**1837** — Nasce na sua fazenda de Indayassú (Rio de Janeiro) o inspirado poeta lyrico CASIMIRO DE ABREU, fallecido com 22 annos de idade, seis mezes depois de publicar o bello livro das — *Primaveras*.

---

## 5 DE JANEIRO

**1648** — HENRIQUE DIAS, o famoso mestre de campo do terço dos homens pretos de Pernambuco, diz o poeta das *Sombras e Sonhos*, ataca durante a noite os holandeses na casa-forte que estes occupavam na ilha denominada *Guaraitras*, no centro de uma grande lagôa, na capitania do Rio Grande do Norte.

Depois de uma luta encarniçada, que aturou até ao romper do dia seguinte, como costumavam ser os combates titânicos desse tempo memorável, os inimigos abandonam o posto que occupavam, fugindo os que puderam escapar ao ferro dos nossos valentes soldados.

**1736** — Ultimo dia do sitio e bombardeio da praça da *Colonia do Sacramento*, posto pelo governador de Buenos-Aires D. MIGUEL DE SALCEDO, e que aturava desde 28 de Novembro do anno anterior. Defendia a praça o brigadeiro ANTONIO PEDRO DE VASCONCELLOS.

**1863** — Recrudescer a agitação popular na capital, com a entrada do vapor *Strombaly*, que estivera cruzando na entrada da barra, e viera desembarcar a guarnição e passageiros do vapor *Parahyba*, do patacho *Chaves I*, das sumacas *Aurea* e *Senhora do Carmo* e do palhabote *Trinta e um de Outubro*, aprisionados pelos vapores inglezes. (*Questão Christie*).

O povo, reunido no Campo de Santa Anna, no largo de S. Francisco de Paula e na Praça do Commercio exigia o desaggravo da affronta nacional.

Reunido o Conselho de Estado, resolveu o Governo propor ao ministro inglez: o pagamento em Londres, sob protesto, da indemnisação pedida pelo naufragio da *Prince of Walles* e quanto a prisão dos officiaes da fragata *Forte* sujeitar a questão a um arbitramento, não para reconhecer do dever que tinha o governo de fazer executar as leis de seu paiz, mas tão somente si, no modo de applicação dessas leis, houvera offensa á marinha britânica.

De todas as corporações, tanto da capital como da visinha cidade de Niteroy, são dirigidas mensagens de adhesão e offeras de dinheiro.

Às 6 horas da tarde appareceu o Imperador D. PEDRO II, que se dirigia ao paço da cidade, e *ondas de povo, frementes de enthusiasmo, cercaram o carro imperial, rompendo em vivas acclamações, e dando o magnifico espectáculo de um povo que na hora da afflicção se ajunta em torno do chefe em cujas mãos deposita seu destino.*

O Imperador apeou-se á porta do paço e falou ao ajuntamento que enchia o átrio: « Que elle era, primeiro que tudo, brasileiro ; que estava mais do que ninguem empenhado, em manter illesas a dignidade e a honra da nação ; que assim como elle confiava no enthusiasmo do povo, confiasse o povo nelle e em seu governo ; que ia proceder como as circumstancias requeriam, de modo que não fosse aviltado o nome de brasileiro, de que se ufanava ».

Deram-se todas as providencias para promptificação dos navios; os officiaes de classe activa que se achavam licenciados, e mesmo os reformados, apresentaram-se voluntariamente ; os estudantes da Escola Central requereram licença para organizar um batalhão acadêmico.

De accordo com a proposta do gabinete, ordenou o ministro inglez o relaxamento das presas que entraram em nosso porto no dia 7.

A 10, a Praça do Commercio reunida decidiu iniciar uma subscrição popular, destinada á construcção ou compra de um encouraçado. Acceita com enthusiasmo, attingiu em pouco tempo a cifra consideravel, mandando-se construir a corveta *Brasil*. (Vide a *epheméride* de 29 de Dezembro de 1862).

**1863** — O exército brasileiro, tres dias depois de ter tomado a praça de Paysandú, move-se em marcha para Montevideo. Esse núcleo militar, que depois de vencer a campanha do Uruguay foi o primeiro a pelear na guerra do Paraguay, era commandado em chefe pelo marechal de campo JOÃO PROPICIO MENNA BARRETO, depois marechal do exército e BARÃO DE S. GABRIEL, e estava assim organizado :

1ª DIVISÃO, commandada pelo brigadeiro MANUEL LUIS OSORIO, depois marechal e MARQUEZ DO HERVAL :

- 1ª *Brigada de cavallaria*, commandada pelo coronel CANDIDO JOSÉ SANCHES DA SILVA BRANDÃO :

  - 3º regimento de cavallaria, commandado pelo coronel VICTORINO JOSÉ CARNEIRO MONTEIRO.
  - 4º dito, commandado pelo coronel graduado AUGUSTO FREDERICO PACHECO.
  - 5º dito, commandado pelo major AUGUSTO CESAR DE ARAUJO BASTOS.
  - 2º dito, commandado pelo tenente coronel JOSÉ FERREIRA DA SILVA JUNIOR.

- 2ª *Brigada de infantaria*, commandada pelo tenente-coronel CARLOS RESIN :

  - 3º batalhão de infantaria, commandado pelo tenente-coronel ANDRÉ ALVES LEITE DE OLIVEIRA BELLO.

- 13º batalhão de infantaria, commandado pelo major JOAQUIM JOÃO DE MENEZES DORIA.
- 3ª Brigada de infantaria, commandada pelo coronel ANTONIO D SAMPAIO :
  - 4º batalhão de infantaria de linha, commandado pelo tenente coronel SALUSTIANO JERÔNIMO DOS REIS.
  - 6º dito, commandado pelo major ANTONIO DA SILVA PARANHOS.
  - 12º dito, commandado pelo tenente-coronel LUIS ANTONIO FERRAZ.
- 2ª DIVISÃO, commandada pelo brigadeiro, depois marechal JOSÉ LUIS MENNA BARRETO :
  - 3ª Brigada de cavallaria, commandada pelo brigadeiro honorario JOSÉ JOAQUIM DE ANDRADE NEVES :
    - 5º regimento provisório de guarda nacional, commandado pelo tenente-coronel VICENTE DE SIQUEIRA LEITÃO.
    - 6º dito, commandado pelo tenente-coronel FIDELIS DE ABREU E SILVA.
  - Brigada de cavallaria, commandada pelo brigadeiro honorario JOSÉ GOMES PORTINHO :
    - 3 corpos provisórios de guarda nacional.
  - Brigada de cavallaria, commandada pelo coronel JOSÉ ALVES VALENÇA :
    - 3º corpos de guarda nacional.
    - 1 regimento de artilharia a cavallo, commandado pelo tenente-coronel EMILIO LUIS MALLET.

As duas brigadas de infantaria formavam um pessoal de 2.200 praças ; a brigada de cavallaria de linha compunha-se de 900 ; as brigadas de guarda nacional do Rio Grande, 2.750 ; a artilharia, 100 havendo mais uma companhia de transporte, com 50 praças, formando um total de 6.000 homens.

**1865** — Morre no Rio de Janeiro o brigadeiro JOSÉ MARIANO DE MATTOS (nascido na mesma cidade em 1801), bacharel em mathematicas, do conselho do Imperador D. PEDRO II, official da Rosa, cavalleiro do Cruzeiro e commendador de Aviz, com a medalha da campanha do Uruguay de 1851.

Tomou armas contra o governo na guerra dos *Farrapos*, caindo prisioneiro da legalidade ; e mais tarde, obtendo o perdão da corôa, foi empossado de novo de todas as honras militares. Foi ministro da Guerra no gabinete de 15 de Fevereiro de 1864, retirando-se do governo a 22 de Maio do mesmo anno.

Publicou em 1856 um folheto de 33 págs. intitulado *Escola de Lanceiros*, de instrucção sobre o exercicio, manejos e manobras da lança na

cavallaria ; e em 1859 traduziu e publicou a obra de L. PANOT — *Curso sobre as armas de fogo portáteis*, 1 vol. de 156 págs., com estampas.

**1868** — O capitão do 2º regimento de cavallaria ligeira ADOLFO SEBASTIÃO DE ATHAYDE, submettido a conselho de guerra, no acampamento de *Tuyu-cué* (Paraguay), por haver dado um tiro de revolver no coronel MANUEL RODRIGUES DE OLIVEIRA, é absolvido, por ter mostrado o depoimento das testemunhas que o tiro fôra dado em defesa de sua pessoa, honra e dignidade.

**1869** — Entrada triumphal do general DUQUE DE CAXIAS (então Marquez) á frente do nosso Exército, em Assumpção, capital do Paraguay.

**1869** — Constando ao commandante em chefe da esquadra em operações no Paraguay, que no rio *Manduvirá* se achavam alguns navios inimigos, ordenou ao BARÃO DA PASSAGEM que fosse aprisional-os ou destruil-os.

As 5 horas da manhã suspendeu aquelle chefe com o encouraçado *Bahia*, os monitores *Pará*, *Alagôas*, *Ceará*, *Piauí* e *Santa Catharina*, e as canhoneiras *Ivahy* e *Mearim*, e ás 4 da tarde fundeava na foz do rio, para proceder a uma exploração, no intuito de verificar si era possivel a entrada dos navios. Reconhecendo não haver agua para o *Bahia* a as duas canhoneiras, resolveu deixal-os nesse ponto e seguir com as restantes embarcações no dia seguinte.

**1872** — Morre no Rio de Janeiro o Dr. FRANCISCO FELIX PEREIRA DA COSTA, cirurgião de esquadra reformado no posto de capitão de mar e guerra. Nascera em Lisboa em 1802, vindo criança para o Brasil, que adoptou por patria.

Serviu muitos annos no hospital de Marinha do Rio de Janeiro, no cargo de chefe do serviço clinico ; era membro honorario da antiga Academia Imperial de Medicina e publicou as seguintes obras:

*Dissertação sobre a dilatação e hypertrophia do coração* (these sustentada perante a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1837); *Resumo histórico das molestias tratadas no hospital de Marinha da Côte* (de 3 de Março de 1834 até 31 de Dezembro de 1839) e *Historia da Guerra do Brasil contra o Uruguay e o Paraguay*, em 4 volumes.

**1894** — Deixa o cargo de ministro e secretario de Estado dos Negocios da Marinha o contra-almirante FELIPPE FIRMINO RO-

DRIGUES CHAVES, que fôra nomeado a 30 de Abril de 1893. (Vide a *epheméride* de 5 de Abril de 1902).

**1896** — O governo brasileiro resolve não acceder ao arbitramento proposto pela Inglaterra na questão da ilha da Trindade, firmando assim o nosso incontestavel direito a essa ilha.

**1897** — E' nomeado ministro e secretario de Estado dos Negocios da Guerra (cargo que exerceu até 17 de Maio do mesmo anno) o general de divisão FRANCISCO DE PAULA ARGOLLO, actual commandante do 4º Districto Militar. (Vide a *epheméride* de 28 de Janeiro de 1847)

**1899** — Em virtude do decreto n. 3188, que supprimiu os arsenaes de Marinha da Bahia e Pernambuco, passou a Capitania do porto do primeiro destes Estados, que estava até então a cargo do inspector do arsenal, a ser dirigida pelo capitão do porto.

**1900** — E' reformado por effeito da compulsoria o bravo marechal ISIDORO FERNANDES, um dos herões da guerra do Paraguay que tão relevantes serviços prestou na revolução federalista do Rio Grande do Sul, de 1893 a 1895.

**1900** — Morre no Rio de Janeiro o brigadeiro reformado JOSÉ PEREIRA DA GRAÇA JUNIOR.

**1901** — E' publicada a *Tabella* dos vencimentos dos empregados da directoria geral de contabilidade de Guerra, acompanhada das seguintes observações do marechal MEDEIROS MALLETT, ministro da Guerra:

« O pessoal das caixas militares, de que trata o art. 57 do regulamento, perderá os vencimentos da *Tabella* acima, para perceber as vantagens de officiaes effectivos do Exército, de accordo com as respectivas graduações deste regulamento, inclusive ajudas de custo, competindo aos chefes pagadores as de commissão activa como chefe e aos demais funcionarios as de estado-maior de 1ª classe, accrescendo, quando em serviço junto ás forças de observação ou em operações de guerra, a terça parte do soldo e as forragens para besta de bagagem ».

---

#### OS HOMENS DO DIA

**1868** — Morre o poeta, orador e diplomata MACIEL MONTEIRO, nosso ministro em Lisboa, nascido em Pernambuco a 30 de Abril de 1804.

**1895** — Morre em Madrid o general PAVIA, que muito contribuiu para a restauração da monarchia na Espanha.

---

## 6 DE JANEIRO

**1648** — HENRIQUE DIAS repelle os holandezes da ilha de Guarairas.

**1736** — Sítio da *Colônia do Sacramento*. Chegam reforços do Rio de Janeiro para os nossos, obrigando os espanhóis a levantar o cerco.

**1836** — O mestre de campo D. LUIS DE ROJAS Y BORJA, commandante geral das forças de Portugal e Espanha contra os holandezes no Brasil, move o seu exército composto de 1400 homens, sem contar os índios de FELIPPE CAMARÃO, a quem transmittiu o título de *Dom* e o hábito de Christo.

Deixa a povoação das Lagunas (Alagoas) defendida pelo CONDE DE BAGNULO com 700 homens guardando o porto, e marcha ao encontro do inimigo, por caminhos tão íngremes e aspérrimos que foi obrigado a abandonar a cavalhada. (Vide a *epheméride* de 7 Janeiro de 1836).

**1839** — Combate de *Vacacahy*, no Rio Grande do Sul, durante a revolução dos *Farrapos*, entre uma força commandada pelo chefe imperialista JOSÉ CYPRIANO e um piquete de cavallaria dirigido pelo coronel revolucionario AFFONSO CÔRTE REAL.

**1840** — Combate do *Passo 'd'Areia*, nas proximidades de Porto Alegre, entre uma força legal commandada pelo capitão ANDRADE NEVES (mais tarde general e BARÃO DO TRIUMPHO) e um piquete do revolucionario JOÃO ANTONIO, na guerra dos *Farrapos*. (Vide a *epheméride* de 6 de Janeiro de 1869).

**1863** — Os paraguayos matam o nosso joven compatriota DR JOSÉ CANDIDO DE FREITAS ALBUQUERQUE, medico de saude da armada, a bordo do vapor *Anhambahy*, na provincia de Matto Grosso, antes da declaração de Guerra.

Os selvagens assaltantes tomaram de surpresa o navio brasileiro e invadiram em seguida o nosso territorio. O Dr. JOSÉ CANDIDO, que, por uma questão com o commandante do vapor em que servia, no Pará, respondera a conselho de guerra, foi por castigo mandado servir em Matto-Grosso, onde um anno depois era degollado, sendo-lhe cortadas as orelhas (o que os paraguayos fizeram a todos os mortos no *Anhambahy*).

O nosso mallogrado compatriota prestou serviços profissionaes, ainda quando estudante, ás victimas da epidemia do cólera-morbus,

em 1855 e 1856, nas Alagoas e na Bahia; e escreveu, além da these inaugural, que versou sobre a base certa para o diagnóstico das affecções cardíacas, o somno, a escutação obstétrica, etc., a sua *Defeza*, apresentada aos tribunaes militares (por occasião de responder ao já alludido conselho de guerra) e deixou inédito, por concluir, um *Diccionario da lingua dos indigenas do Grão-Pará*.

**1865** — Aprisionamento da canhoneira *Anhambay*, em Matto Grosso, pelos vapores paraguayos *Iporã* e *Rio Apa*.

Esse navio e o *Jaurú* haviam deixado no Sará o commandante das armas e os retirantes do Corumbá; o *Jaurú* seguira para a capital da provincia, a *Anhambay* voltara para dar reboque a uma escuna, quando avistou os dois vapores.

Bateu-se, em retirada, o mais que pôde; o único rodizio, porém, capaz de fazer algum damno ao inimigo, o de ré, desmontou-se ao 13º tiro e, abordada, a canhoneira teve de render-se.

Morreu em combate o piloto JOSÉ ISRAEL ALVES GUIMARÃES.

**1867** — O vapor *Eponina*, que servia de hospital de sangue, é consumido por violento incendio no Rio Paraguay, perecendo grande número de doentes.

Estava atracado á barranca de Curusú e logo que arvorou o signal foi socorrido, mas as chammas em um momento o envolveram e foi necessario pol-o a pique.

Nunca se soube qual a origem da catástrophe, nem ao certo o número de victimas. Foram encontrados quatorze cadáveres; é natural, porém, que muitos doentes mais percessem no fogo.

**1869** — Os monitores da expedição do BARÃO DA PASSAGEM começam a subir o Manduvirá.

Ás 4 horas da tarde avistaram os vapores paraguayos, que seguiam tambem aguas acima rebocando outro vapor ainda novo, o *Coititey*, e o patacho *Rosario*, forçaram quanto possivel a marcha, sem que pudessem alcançal-os.

Os inimigos abandonaram os reboques, mettendo-os a pique, e ao escurecer internaram-se por um braço do rio, desconhecido de nossos prácticos. A divisão deu fundo ás 7 horas da noite.

**1869** — Morre na cidade de Assumpção, capital do Paraguay, o coronel da Guarda Nacional e brigadeiro honorario do Exército JOSÉ JOAQUIM DE ANDRADE NEVES, BARÃO DO TRIUMPHO, nascido na então villa do Rio Pardo (Rio Grande do Sul) a 22 de Janeiro de 1807.



GENERAL ANDRADE NEVES

Barão do Triunfo



# BRASIL MARCIAL

POR

MUCIO TEIXEIRA



A elaboração desta obra foi preferido o systema das ephemérides, não só por trazer o espirito do leitor em constante confronto do passado com o presente, como porque assim se torna mais facil a inclusão dos que mais tardiamente attendam ao urgente pedido do autor, na *Circular*, profusamente distribuida, e que é aqui reproduzida, no interesse dos Snrs. officiaes de mar e terra, exmas. viugas, filhos e amigos dos que tenham direito a figurar nestas páginas.

— Eil-a :

«*Illm.º*..... *Snr.*.....»

*Peço-vos urgentemente a vossa photographia e os apontamentos dos vossos serviços militares; um exemplar de obra literaria de vossa lavra, ou a precisa nota bio-bibliographica; com a maior exactidão nas datas, para que possaes ser contemplado na minha obra BRASIL MARCIAL, que deverá ser publicada em fascículos quinzenaes de 32 páginas, com retratos e outras illustrações intercalados no texto.*

Elaborada esta obra pelo processo das ephemérides, mais facilmente poderão ser incluídos aquelles que, não podendo mais entrar na data do nascimento ou de assentamento de praça, ainda assim, restam as datas das promoções, ou de qualquer facto notavel em que tenham tomado parte saliente.

*A maior urgencia em attender a este pedido é justificada por mútuo interesse, tanto do Autor do BRASIL MARCIAL, como principalmente de todos os que têm direito a figurar nessas páginas.*

*Aguardando vossas ordens, no LYCEU DE ARTES E OFFICIOS do Rio de Janeiro, subscrevo-me com a maior consideração e estima, etc.*

(Assignado) *Mucio Teixeira* ».

P. S. — A biographia do general ANDRADE NEVES começa no segundo fascículo (pág. 33), seguindo-se as do general SOLON, almirante CUSTODIO DE MELLO, coronel Dr. THAUMATURGO DE AZEVEDO, etc.

# «BRASIL MARCIAL» POR MUCIO TEIXEIRA



Não fui um simples compilador de data, que se limita a reproduzir o que já achou feito; si bem que em composições deste género é esse seguramente um escolho difficil, quasi impossivel, de se evitar. Verdado é que teve muitissimas vezes o autor que repetir o que encontrón em trabalhos congêneres e semelhantes; mas, sempre que lhe foi possível, assegurou-se primeiro da veracidade do allegado antes de o adoptar por seu.  
(TEIXEIRA DE MELLO — *Ephemérides Nacionais*).

## PREÇO DA ASSIGNATURA

Nesta Capital, cada fascículo.	1\$000
12 fascículos . . . . .	10\$000
Nos Estados, 12 fascículos.	12\$000

## PAGAMENTO NO ACTO DA ASSIGNATURA

Os pedidos devem ser dirigidos a MUCIO TEIXEIRA, no Lyceu de Artes e Officios do Rio de Janeiro.

MUCIO TEIXEIRA

# Brasil Marcial

SYNTHESE HISTÓRICA

DAS NOSSAS GUERRAS, REVOLUÇÕES E REVOLTAS, DESDE OS TEMPOS  
COLONIAES ATÉ A ACTUALIDADE, COM O RETRATO E A  
BIOGRAPHIA DOS HERÓES, A DESCRIÇÃO DOS  
COMBATES, A PLANTA DO TERRENO, O TYPO DOS NAVIOS,  
A PHOTOGRAPHIA DAS FORTALEZAS,  
A CÓPIA DOS QUADROS DE BATALHAS E GRANDE  
NÚMERO DE ILLUSTRAÇÕES, REFERENTES AO ASSUMPTO,  
INTERCALADAS NO TEXTO

1 DE JANEIRO DE 1502 A 31 DE DEZEMBRO DE 1902

FASCÍCULO N. 2



RIO DE JANEIRO  
IMPrensa NACIONAL

1902



sas cores, com as armas nacionaes doiradas a fogo e em relevo.

Em frontespicio e a *Introducção* desta obra, com o effectivo actual do Exército e da Armada, além da organização da Guarda Nacional, devem ser distribuidos aos Srs. Assistentes com o último fasciculo do primeiro volume, acompanhados do indice e de uma capa de luxo, artisticamente impressa em diversas e em relevo.

### «BRASIL MARCIAL»

#### JUIZO DA IMPRENSA

«BRASIL MARCIAL» — Recebemos o primeiro fasciculo do *Brasil Marcial*, synthese histórica das nossas guerras, revoluções e revoltas, desde os tempos coloniaes até a actualidade, acompanhada do retratos, biographias e descrições de combates, planta do terreno, typo dos navios, photographias das fortalezas, cópia dos quadros de batalhas, grande número de illustrações referentes ao assumpto.

O *Brasil Marcial* se occupará dos officiaes do Exército, da Armada, Guarda Nacional e dos Batalhões Patrióticos que mais se têm distinguido pelo seu valor, quer como militares quer como intellectuaes.

A direcção desse importante trabalho, de grande valor histórico, é do escriptor e poeta Mucio Teixeira, que por certo terá de todos os que se interessam pelas cousas patrias o mais prompto concorso e auxilio, a fim de que esse trabalho seja concluido como convém e como merece ».

*Jornal do Commercio* de 16 de Setembro de 1902.

«BRASIL MARCIAL» — O escriptor Mucio TEIXEIRA, nosso collaborador, trouxe-uos hontem o primeiro fasciculo do *Brasil Marcial*, cuja impressão está sendo feita nas officinas da Imprensa Nacional.

O plano dessa obra do Sr. Mucio é verdadeiramente importante, pois que, pelo systema de ephemerides, no intuito de que o espirito do leitor possa confrontar o passado com o presente, e de poder, além disso, incluir notas que tardiamente lhe venham ao conhecimento, pretende elle fazer uma synthese histórica de todos os factos militares de nossa patria, desde os tempos coloniaes até hoje.

Os factos são commentados e analysados, o descriptivo é feito com carinho artistico e com forte documentação os episodios e as paisagens, com numerosas illustrações e retratos, intercalados no texto e em avulso, constituindo serie para uma galeria dos vultos notaveis do Exército, da Armada e da Guarda Nacional do nosso paiz.

O presente fasciculo abrange a agenda das occorrencias militares, tanto na guerra como na paz, do Brasil, desde 1 de Janeiro de 1502 até 6 de Janeiro de 1863, e insere o retrato do marechal Medeiros Mallet, ministro da guerra, destacado do texto, e nelle intercalados o retrato do Andrade Neves e muitas outras gravuras ».

*Jornal do Brasil* de 16 de Setembro.

«BRASIL MARCIAL» — Com este titulo appareceu o primeiro fasciculo de um importante trabalho do operoso homem de letras Sr. Mucio Teixeira, contribuição histórica sobre os feitos dos nossos homens que se enalteceram no campo de batalha e que se tornaram benemeritos por serviços prestados á patria, pelo exemplo, dedicacão ás instituções e acendrado civismo.

A synthese histórica das nossas guerras, revoluções e revoltas desde os tempos coloniaes até a actualidade, com o retrato e a biographia dos heróis, a descripção dos combates, a planta dos terrenos, a cópia dos quadros das batalhas é, sem dúvida, um trabalho que recommendará aquelle que o fizer, porque precisamos distinguir e divulgar taes feitos para o nosso proprio engrandecimento.

À lança desse famoso cavalleiro dos Pampas é umá das que mais radiosas se ostentam na gloriosa panoplia do *Brasil Marcial*. Nascido e vivendo sempre na Sparta, que nestes últimos annos se transfigurou em Athenas, o seu corcel de guerra tinha os impetos do pampeiro e a sua bravura attingia as culminancias do heroismo.

O BARÃO HOMEM DE MELLO, biographando-o com as mais custosas púrpuras do seu levantado estylo de historiador e poeta, diz:— « Seu pai, o major JOSÉ JOAQUIM DE FIGUEIREDO NEVES, destinando-o ao serviço das armas, apresentou-o como voluntario para servir no exército; e nesse character o joyen rio-grandense assentou praça em 1º cadete no 5º regimento de cavallaria de linha, em 22 de Novembro de 1826.

Eram seus pais de condição modesta, vivendo segundo a prática austera desses tempos, de alguns poucos bens que possuíam. Em 10 de Dezembro de 1827 o major NEVES deu um substituto por seu filho, desligando-o do serviço militar, para ajudal-o nos encargos da subsistencia de sua familia.

Em 1835, apparecendo em sua provincia a revolução de 20 de Setembro, dirigida pelo coronel BENTO GONÇALVES DA SILVA, (vide a *epheméride* de 18 de Julho de 1847)— ANDRADE NEVES apresentou-se immediatamente e tomou armas ao serviço da causa legal. Em o anno immediato de 1836, romperam as hostilidades entre dissidentes e legalistas.

Nas differentes pelejas, que se feriram nessa luta de irmãos, ANDRADE NEVES em menos de um anno deixou firmada a sua reputação militar, demonstrando sua índole guerreira e indômita bravura nos combates.

Nesse anno tomou elle parte nos seguintes ataques contra os dissidentes: a 12 de Fevereiro em *Capané*; a 17 de Março, no *Passo do Rosario*, onde o coronel BENTO MANUEL RIBEIRO (vide a *epheméride* de 30 de Maio de 1855) desbaratou a força rebelde ao mando do coronel AFFONSO JOSÉ DE ALMEIDA CÔRTE REAL, caindo este prisioneiro; a 30 de Março, no *Arroio dos Cachorros*; a 9 de Setembro, na *Capella Grande*, sendo em 20 deste mez nomeado alferes da Guarda Nacional, a que pertencia.

Finalmente, entrando no sanguinolento combate de 4 de Outubro, na ilha do *Fanfa*, em que o coronel BENTO MANUEL derrotou completamente as forças dissidentes ao mando do general BENTO GONÇALVES, caindo este prisioneiro; nessa mesma data foi ANDRADE NEVES pro-

movido ao posto superior de major da Guarda Nacional, recebendo no campo de batalha a recompensa devida a seu valor militar.

Em 1839, o tenente-general MANUEL JÓRGE RODRIGUES (vide *ephemeride* de 14 de Maio de 1845), commandante em chefe do exército, em operações no Rio Grande, convidou ANDRADE NEVES, a entrar para o quadro do exército, no posto de alferes. Sendo elle já então major commandante de corpo, e havendo como tal prestado seus serviços, rejeitou o offercimento feito; e como simples official da Guarda Nacional continuou a servir até ao fim da revolução.

O decreto de 25 de Janeiro de 1840 conferiu-lhe o posto de major honorario do exército. Em o referido anno de 1839, o theatro da luta transferira-se para o sul da provincia de Santa Catharina, que fôra invadida e occupada pelas forças do chefe dissidente DAVIM CANABARRO.

Em 1840 continuam as operações militares no Rio Grande, tomando ANDRADE NEVES parte distincta nos combates que se empenharam. Tal foi o ataque de 29 de Janeiro, nas immediações de Porto Alegre; e o sanguinolento combate de *Taquary*, a 3 de Maio, em o qual recebeu dois graves ferimentos de bala.

Eis como o general em chefe, MANUEL JÓRGE RODRIGUES, refere-se a ANDRADE NEVES na participação official por elle dirigida sobre este feito de armas ao ministro da guerra, em 5 de Maio de 1840:

« São dignos de louvor e do premio que o governo de S. M. o Imperador julgar justo, o tenente-coronel JOSÉ JOAQUIM DE ANDRADE NEVES, commandante do esquadrão ligeiro de Guardas Nacionaes; que, depois que não pôde trabalhar com seu corpo, ficou unido aos caçadores, onde recebeu duas feridas, e tambem não quiz retirar-se sem acabar o combate ».

Por decreto de 7 de Setembro de 1841 foi nomeado tenente-coronel honorario do exército. Em 20 de Fevereiro de 1843, entrando-se em operações activas contra os dissidentes, ANDRADE NEVES expedicionou para a campanha com o 9º corpo de cavallaria da Guarda Nacional de seu commando. No anno seguinte tomou parte nos combates do *Passo do Rosario*, em 28 de Abril; *Ponche-Verde*, em 26 de Maio; e *D. Marcos*, em 27 de Dezembro.

Em 1845 a feliz pacificação do Rio Grande veio interromper a brilhante carreira de seus feitos militares. O illustre guerreiro, tão altivo nos combates, como estremecido pela união de seus com-

patriotas, recolheu-se cheio de júbilo ao lar doméstico, trazendo a sua fé de officio escripta nas honrosas cicatrizes de seu corpo.

Desde simples praça de pret, servira até ao posto superior de tenente-coronel honorario do exército; e cada posto, elle o conquistara no campo de batalha por actos de bravura. Em 2 de Junho de 1847 foi nomeado coronel da Guarda Nacional; e por decreto de 21 de Janeiro de 1850 commandante superior dessa milicia nos municipios do Rio Pardo e Encruzilhada.

Abrindo-se a campanha contra ROSAS, em 1851, ANDRADE NEVES organisou um corpo de voluntarios e engajados, á cuja frente marchou a 20 de Junho, indo reunir-se ao exército em operações.

Pela ordem do dia n. 15 de 28 de Agosto desse anno, publicada no quartel general em Sant'Anna do Livramento, foi nomeado commandante da 7ª brigada, composta do 3º regimento de cavallaria de linha e do corpo de guardas nacionaes do Rio Pardo.\*

Esta brigada fazia parte da 2ª divisão, ao mando do brigadeiro JOÃO FREDERICO CALDWEL. As demais brigadas eram commandadas pelos brigadeiros FRANCISCO DE ARRUDA CAMARA e MANUEL MARQUES DE SOUSA \*\*; e pelos coroneis MANUEL MUNIZ TAVARES, FRANCISCO FELIX DA FONSECA PEREIRA PINTO, JOÃO PROPICIO MENNA BARRETO, e outros chefes dessa categoria, cuja competencia indica a preeminencia que já então occupava no exército o coronel ANDRADE NEVES.

Em Agosto de 1852 recolheu-se á sua provincia, depois de finda a campanha.

As nossas relações com o Paraguay, estremeçadas desde 1850, assumiram em 1857 character grave, tornando imminente uma guerra com esse Estado.

A fim de resguardar de qualquer eventualidade o territorio do Imperio, o governo do Brasil mandou estacionar na margem esquerda do rio Uruguay um exército de observação, cuja organização foi confiada ao presidente da provincia do Rio Grande, conselheiro ANGELO MUNIZ DA SILVA FERRAZ, mais tarde Barão de Uruguayana.

ANDRADE NEVES, sempre prompto ao serviço da patria, organisou com os guardas nacionaes de seu commando uma brigada, que recebeu

---

\* Pela ordem do dia n. 26 de 17 de Novembro de 1851, recebeu o exército nova organização, em a qual a brigada commandada por ANDRADE NEVES tomou a numeração de 5.ª

\*\* Depois tenente-general CONDE DE PORTO ALEGRE.

à numeração de 5ª; e à frente della marchou para o ponto designado, a 18 de Dezembro de 1857.

Em Janeiro do anno immediato operava-se a concentração de forças em S. Gabriel, ponto mais central da campanha; e em 6 de Fevereiro acampava no Ibicuy um exército de sete mil homens, composto principalmente de guardas nacionaes do Rio Grande.

Collocada na extremidade meridional do Imperio, essa provincia que é a nossa escola militar, como Argel o tem sido da França, está destinada a guardar, de arma ao hombro, a honra da nação junto de nossos inquietos vizinhos.

No exército, ANDRADE NEVES commandou interinamente, desde 13 de Janeiro, a divisão do brigadeiro CANABARRO, cujo commando deixou em 14 de Março, mandado em commissão ao presidente da provincia pelo general em chefe do mesmo.

Por esses longos serviços prestados no espaço de 23 annos, em sua provincia natal e em uma guerra externa, o decreto de 15 de Abril de 1858 conferiu-lhe as honras de brigadeiro honorario do exército.

Em meio do mesmo anno, em conformidade das ordens do governo imperial, dissolveu-se o referido exército, sendo substituido por uma simples divisão de observação. ANDRADE NEVES recolheu-se então ao seio de sua familia. Sua existencia fôra uma predestinação. O guerreiro cidadão guardava agora sua espada, tranquilla a honra nacional. E uma vez desembainhada ella, só tinha de repousar-lhe para sempre ao lado no fundo de seu túmulo.

Em 1864, ANDRADE NEVES, recebeu ordem do presidente da provincia para formar uma brigada, composta de guardas nacionaes de seu superior commando. Organizou os corpos 5º e 6º provisionarios, com quatrocentas e tres praças cada um. Os seus antigos camaradas, bem como todos os seus adherentes, e os seus dois filhos varões, tudo foi por elle chamado ás armas.

No Pirahy-Grande se incorporaram ao exército brasileiro, que devia operar no territorio da república Oriental, sob o commando em chefe do marechal JOÃO PROPICIO MENA BARRETO, depois BARÃO DE S. GABRIEL. (A 1ª divisão, composta de uma brigada de cavallaria, de quatro regimentos, e duas de infantaria, de cinco batallhões, era commandada pelo brigadeiro MANUEL LUIS OSORIO, depois marechal e MARQUEZ DO HERVAL; a 2ª divisão, de tres brigadas de cavallaria, compunha-se de oito corpos de guarda nacional, além do 1º regimento de artilharia a cavallo \*, e era

commandado pelo brigadeiro, depois marechal JOSÉ LUIS MENNARRETO).

No dia 1 de Dezembro (1864) penetrou o exército brasileiro (composto de 6.000 homens) no territorio da Banda Oriental, pela *Isla de Luis, arroyo Hospital e Cerros Blancos*, por onde se dera a invasão argentina na provincia do Rio Grande, na guerra de 1825.

A 28, no arroyo S. Francisco, ouviram-se os primeiros tiros do embardeio de nossa esquadra contra a praça de Paysandú, a qual, a 1 de Janeiro de 1865, cahiu em nosso poder, depois de uma heroica resistencia de cincoenta e duas horas.

A 5 moveu-se toda a força brasileira em marcha para Montevideo, cujo sitio assistiu o brigadeiro ANDRADE NEVES, sendo ahi nomeado para ir com as forças brasileiras e orientaes sitiarem a fortaleza do *Castro*.

Rendendo-se a guarnição desta, fez embarcal-a para a capital, levando relação dos despojos ao general FLORES, e recolhendo-se em seguida ao exército.

Rompendo a guerra do Paraguay contra o Brasil, o presidente URIBE fez rapidamente penetrar suas forças invasoras em duas provincias do Imperio, e mal podia este reunir ás presas alguns batalhões, a flor de sua mocidade, para oppor a essa horda de bárbaros.

Desde Montevideo até Assumpção seguiram as forças brasileira, argentina e oriental, em uma extensão de tresentas léguas, abrindo caminho, primeiro por entre lagos de lama e agua, depois, varrendo ante de si em sangrentos combates o inimigo, que se retrahira aos seus formidáveis entrincheiramentos.

Em Março de 1865 começou essa operação, que só devia terminar em Janeiro de 1869, com a posse de Assumpção. ANDRADE NEVES, quando já a idade de 60 annos, fez toda essa marcha á frente da divisão guerreira, que elle formara á sua imagem, communicando-lhe o seu valor e ardor, partilhando dia por dia de seus soffrimentos e de suas privações.

Desde que começaram os primeiros reconhecimentos dos terrenos adjacentes a Humaytá, as qualidades que ANDRADE NEVES desenvolvera sempre em frente do inimigo, o apontaram para o serviço da vanguarda, ficando ao mesmo tempo incumbido das mais arriscadas operações.

---

Esse famoso regimento era commandado pelo bravo tenente-coronel EMILIO LUIS ALLET, depois marechal e BARÃO DE TAPEVY.

Era elle dos mais aproveitados discipulos da grande escola milltar que reconhece e admira como chefe o general OSORIO.

Ninguem reunia em mais alto grau a intrepidez, a vigilancia, a preocupação vivissima de sua responsabilidade, e um zelo extremecido pela honra de seu nome. E' preciso ver o que é o serviço de vanguarda e de reconhecimento no Paraguay para se avaliar a sua importancia.

As sorpresas paraguayas são combinadas com tal conhecimento do terreno e com tanto arrojo, que no primeiro impeto as vantagens têm sido sempre do inimigo, como aconteceu em 2 de Maio no Estero Bellaco e 3 de Novembro em Tuiuti. Mesmo assim, ANDRADE NEVES nunca pôde ser surpreendido. Nessa vigilia de todas as horas diante do inimigo, passou elle os derradeiros dias de sua existencia, accrescentando cada dia a sua reputação militar.

Não ha obstáculos naturaes que possam conter os impetos da cavallaria rio-grandense. Ella transpõe a nado os rios mais caudalosos, e surge na margem opposta, apparecendo o cavalleiro montado sobre o seu animal, manejando as suas armas, e prompto para pelejar.

Na tomada da villa do Pilar, revelou-se brilhantemente essa superioridade da nossa cavallaria; e ANDRADE NEVES, mostrando-se o primeiro soldado entre os bravos que commandava, adquiriu ao mesmo tempo o prestigio de um chefe tão prudente no conselho, quanto impetuoso diante do inimigo.

Eis como o general em chefe, então Marquez e depois DUQUE DE CAXIAS, referiu-se a este feito de armas, em carta por elle dirigida ao ministro da guerra em 19 de Outubro de 1867:

«No ataque da villa do Pilar mostrou (ANDRADE NEVES) que também sabia se conduzir como general, e dirigiu mil e quinhentos homens, que lhe confiei, com tal pericia e calma, cumprindo as instrucções que levou com tanta restricção, que conseguiu tomar a artilharia inimiga e fazer prisioneira quasi toda a guarnição da villa com muito pouco prejuizo da nossa parte, arrostando-se com forças superiores ás que levava, e

---

\* Na tomada da villa do Pilar, deu-se o curioso episodio do aprisionamento de uma chata inimiga, a qual foi lançada por soldados de cavallaria do Rio Grande com mais de 30 paraguayos dentro.

A passagem a nado dos arroios ou rios caudalosos constitue uma originalidade característica da cavallaria do Rio Grande. O cavalleiro apoia-se na espinha do animal, procurando deixar-lhe livre o movimento de natação. Ha quasi sempre victimas em tão arriscada operação.

Foi assim que morreu afogado, ao passar o rio Ibicuby, no passo do *Catharina*, no dia 12 de Dezembro de 1866, o coronel MANUEL PEREIRA VARGAS, seguindo para o segundo corpo do exército. O coronel VARGAS illustrara o seu nome, defendendo com denodo a cidade de Jaguarão, invadida por MUÑOZ e ARANCIO em Janeiro de 1865.

inutilizando os reforços que de Humaitá foram promptamente mandados por LOPEZ ».

Em recompensa dos serviços prestados pelo brigadeiro ANDRADE NEVES nesta guerra por espaço de tres annos, o decreto de 19 de Outubro de 1867 conferiu-lhe o titulo de BARÃO DO TRIUMPHO, a que se accrescentou mais tarde as honras de grandeza.

O nome de ANDRADE NEVES era um terror para os paraguayos. A sua divisão levou o inimigo até o portão do Humaitá. Com esta acção desapareceram os últimos restos da cavallaria inimiga. O general ANDRADE NEVES dera-lhes golpes mortaes. A' sua divisão chamavam os paraguayos — *cavalleria loca de cuenta*.

No dia 29 de Outubro foi o *Potrero Obella* tomado á viva força, ficando desde então comprehendido na área occupada pelo exército brasileiro. ANDRADE NEVES, á frente de sua divisão, prestou o mais valioso serviço neste ataque, dando uma das cargas impetuosas de sua cavallaria sobre a infantaria inimiga, e perseguindo-a até acabal-a.

A 9 de Fevereiro, entre Laureles e Humaitá, na posição denominada *Estabelecimiento*, o BARÃO DO TRIUMPHO mandou pôr pé em terra á sua cavallaria; e victoriosos penetraram todos no recinto do reducto, caindo em poder dos assaltantes toda a artilharia e armamento ali existente.

Era realmente notavel ver esse veterano de nossas guerras, já na idade de sessenta e dois annos, assaltar trincheiras com o mesmo ardor e impetuosidade com que, á frente de suas cavallarias, abatia diante de si as legiões inimigas.

Neste combate recebeu elle uma contusão no quadril por tacho de peça, e perdeu o cavallo, ferido por tres balas de metralha no peito. \* No fim da peleja, estava extenuado de forças, pelo que, mandando dar parte ao general em chefe do feliz êxito da acção, pediu e obteve licença para ir tratar-se no seu acampamento, em S. Solano, para onde se retirou logo. \*\*

Em Palmas começou o BARÃO DO TRIUMPHO a soffrer mais gravemente em sua saude, tornando-se necessario submeter-se a um trata-

---

Sabe-se a importancia que tem para o cavalleiro e sobretudo para o general, o animal de campanha, afeito ao fogo dos combates. Ao BARÃO DO TRIUMPHO pareceu com a perda por elle soffrida neste combate, faltar-lhe um dos elementos de sua força. « Foi, asoreria-ma, elle em 23 de Fevereiro, uma perda sentivel. E' custoso achar outro igual. Tinha todos os combates desta guerra, e nelle havia eu sahido de minha casa ».

\* Desde o principio de Março de 1863 começou o BARÃO DO TRIUMPHO a soffrer de febres intermitentes; repetindo-se os seus incómodos ainda no mez seguinte. Mas nem por um dia deixou o commando da sua divisão.

Em Novembro de 1866 seus paecimentos o haviam obrigado a ir ao Rio Grande tratar de sua saude com tres mezes de licença. No fim de quinze dias, sentindo-se melhor, apresentou-se ao presidente da provincia e seguiu para a guerra. Desde 1861 foi esse o único tempo que passou fóra da campanha.

mento regular para recuperar as forças abatidas em tanto trabalho. A historia ha de admirar os exemplos de devotação, que offerece o proceder dos nossos generaes nesta guerra.

Elles vencem o inimigo no campo de batalha ; e, mais do que isto, subjugam as enfermidades do corpo, fazendo do dever militar uma religião, e do amor da patria um sacrificio sublime. E o BARÃO DO TRIUMPHO annuiu ao pedido de seu velho amigo, o general OSORIO, e continuou ao lado de seus companheiros de armas, apesar dos signaes funestos, que vinham já annunciar o termo de sua gloriosa carreira.

No dia 21 de Dezembro de 1868, ás duas horas da madrugada, o nosso exército levantou acampamento, movendo-se de Villeta, para atacar o inimigo em sua última posição. Uma hora antes de começar a marcha, seguiu o BARÃO DO TRIUMPHO com sua divisão a explorar o *Potrero Mármore*, com ordem de contornar o inimigo em *Lomas Valentinas*, bater quaesquer forças que ali encontrasse, arrebanhar gado e interceptar a communição entre LOPES, e as forças de Pikicyri, ou quaesquer outras do interior.

Com a rapidez que caracterisava todos os seus movimentos, percorreu o BARÃO com suas cavallarias o potreiro referido, destroçou a força inimiga que nelle encontrou, arrebanhando quatro mil cabeças de gado ; e na mesma manhã de 21 deu parte ao general em chefe do resultado obtido, aguardando ordens.

Tendo marchado de Villeta, o exército fizera alto diante de Lomas, para tomar algum descanso ; e ás tres horas da tarde recebeu ordem de investir de frente a posição inimiga. Foi nessa occasião que uma kala o feriu no pé, quebrando-lhe a parte anterior deste. Foi uma reacção funesta em sua natureza enferma. Apareceu-lhe logo a febre, a qual, aggravando-se com rapidez, assumiu o character de pernicioso.

Em seu leito de dor, *o bravo dos bravos do exército brasileiro* \* ouvia o fogo das linhas, que vinha ecoar-lhe n'alma, como um dobre de finados. Mal podiam seu filho CARLOS \*\* e os médicos, que o tratavam, contel-o em seus impetos de voltar ao combate, no delirio da febre que o consumia. O termo de sua gloriosa carreira, DEUS o marcou ali.

No dia 27 a posição de Lomas cahiu em nosso poder, por uma brilhante manobra de artilharia executada pelo coronel MALLET, trans-

\* Assim foi nomeado na ordem do dia n. 272 de 14 de Janeiro de 1869 e em outras.

\*\* O general CARLOS LUIS DE ANDRADE NEVES.

formando-se o desastre de 21 em uma entrada triumphal no seio do reducto inimigo.

Tres generaes brasileiros, gravemente feridos, recebia a capital inimiga em seu seio: OSORIO, ARGOLO e o BARÃO DO TRIUMPHO.

Este último foi alojado no pavimento térreo do palacio de LOPEZ. Defronte, na espaçosa e sombria casa térrea que servira de habitação do dictador FRANCIA, foi residir o general OSORIO, o qual todos os dias, com uma ansiedade angustiosa, inquiria e se informava dos progressos da enfermidade de seu velho amigo e companheiro de armas.

No dia 6 de Janeiro de 1869, pelas 11 horas da noite, o BARÃO DO TRIUMPHO, JOSÉ JOAQUIM DE ANDRADE NEVES, entregou sua alma ao Creador. Na tarde de 7 foi o seu corpo dado á sepultura no cemiterio dessa capital, onde jaz ainda, até que a Patria cumpra o dever de recolher e guardar em seu seio esses restos venerandos de um martyr desta cruzada.

DEUS confiou dos poetas o verbo das nacionalidades e o intimo segredo do sentimento popular, para cantarem seus heróes, e sagrarem seus nomes no templo da immortalidade. Logo após a morte de ANDRADE NEVES, appareceu em S. Paulo a poesia — *O Redivivo*.

O canto inspirado passou de labio em labio, rumorejando em toda a extensão da patria, como o eco de todos os corações. Ao lado do grande nome de ANDRADE NEVES, a posteridade repetirá o nome do poeta, que lhe cantou as glorias, JOSÉ BONIFACIO:

#### O REDIVIVO

; Dorme o batalhado!... ; porque choral-a ?  
; Armas em funeral! — ; silencio, oh ! bravos !  
; Que a dor não o desperte !  
Tão só... tão grande... ; sobre a terra inerte !  
A patria além... partido o coração...  
Sandade immensa... ; o immensa solidão !

; Não o despertem ! — elle dorme agora,  
Embalado nos braços da metralha,  
Ao trom da artilharia:  
Por lençol — a bandeira ; em terra fria  
Tem por leito — os trophéus ; ; por travesseiro  
Tem o canhão no feito derradeiro !

Sorrindo adormeceu — ; a espada em punho !  
; A imaginar, sonhando, ouvir no espaço  
O clarim da victoria !  
A' cabeceira — a morte agradecida ;  
— Aos pés a gloria ; e ao lado ajoelhada  
— A patria, ; pobre mãe desventurada !

Segura as rédeas do corcel sem dono  
Formosura sinistra — ; olhar infido! —  
; E' a deusa da guerra!  
Mede os espaços, os confins da terra...  
Quer despertá-lo... treme... o passo é incerto...  
; Estende a mão e aponta p'ra o deserto!

Quando elle adormeceu, ; na mente insana  
Homéricas visões lhe appareceram!  
Olhou fito o seu norte...  
Eu sou a eternidade — disse á morte,  
Do meu ginete o pé a terra abala,  
Quando eu caminho — ; a viração nem fala!

; E que eternas visões!? — ; na marcha ousada,  
Para saudá-o os mortos levantavam-se,  
Tãoavam as oarretas,  
As peças disparavam nas oarretas,  
E, ao cabo do caminho, ; a doce paz  
Lhe preparava os arcos triumphaes!

Elle via qual mar tempestuoso,  
Ondas revoltas, umas após outras,  
Da audaz cavallaria  
As cargas, que a victoria presidia:  
E, salvando a galope a immensidade,  
Dizia á morte: — ; eu sou a eternidade! —

As montanhas se abatem, quando eu passo;  
O rio inclina o dorso; ; e me saudá,  
Si me apeio em oaminho!  
O meu cavallo é águia, o oéu é ninho;  
A fome, a peste, a obuva, em véus do fumo,  
São meus soldados, ; guiam-me no rumo!

; E que eternas visões — em vallo immenso,  
A narina incendiada, o peito arfando,  
O ginete parava!  
; Eis a voragem!... lá no fundo a lava  
Que entornam os vulcões da artilharia,  
; E um oxército de mortos, que so erguia!

Depois nuvem de fogo... uns sons tremendos...  
Um estalar de ossos... ais... mil pragas...  
; Uma orchestra infernal!  
; Num mar de sangue o sol como fanal!  
Os tambores rufando... armas quebradas...  
Bandeiras rotas... ; rotintim de espadas!

Um trovejar sem fim... um largo incendio...  
Mas elle á frente, no corcel fitando  
O infinito — seu norte,  
Dizia á eternidade: — ; ou sou a morte,  
Meu cavallo é o destino, o oéu mortalha,  
Meu braço é raio, o coração muralha!

Ao ver-me, tremulante as palmas dobrada  
 A palmeira ; estreitam-se os banhados ;  
     O arroio nem transborda ;  
 ; No firmamento azul o sol acorda !  
 ; Quem é, pergunta a noite á ventania,  
 Este arcanjo de luz e poesia ?

E' da floresta o rei, exclama o vento ;  
 E' o espectro do sol, afirma a estrella ;  
     Das águas o senhór,  
 Murmura o rio um cântico de amor ;  
 E a tempestade diz: ; meu cavalleiro,  
 Tens por corcel as azas do pampeiro !

E corre, e corre... ao ocho da carreira  
 Imenso boqueirão... fosso sem bordas...  
     ; Tranca-lhe o espaço a cruz !  
 Em baixo a densa treva... ; o cimo é luz !  
 Basta, lhe brada a voz da impassidade,  
 ; A morte foi teu guia á eternidade !

; Armas em continencia ! — ; é um morto vivo !  
 ; E' o que passa agora, erguido ao alto,  
     No esquife da victoria !  
 O Brasil o sauda, e tu, historia,  
 ; Um poema de luz de novo escreves !  
 ; Soldados, cortejal ANDRADE NEVES !

HOMEM DE MELLO e JOSÉ BONIFACIO, dois inspirados talentos de S. Paulo, perpetuaram no bronze da poesia e no mármore da História a figura épica e como que legendaria do mais intrépido dos cavalleiros pampeanos. Só falta que o Rio Grande do Sul, que teve a ventura de ser o berço do heróe, cumpra o sagrado dever de, já que recolhê seus ossos, dar-lhes sepultura condigna na cripta de um monumento.

A estatua do CONDE DE PORTO ALEGRE ostenta-se sobranceira numa das bellas praças da formosa cidade de que lhe deu o titulo: outras praças, não menos bellas, da progressiva capital que se reclina sobre o leito do Guahyba, offerecem espaço ás estatuas de OSORIO, dos MENNA BARRETO, BENTO GONÇALVES, DAVID CANABARRO, ANDRADE NEVES e tantos outros.

**1842** — Morre na cidade do Rio de Janeiro o major de engenheiros Dr. JOSÉ VICTORINO DOS SANTOS E SOUSA, lente de geometria descriptiva e substituto das cadeiras de mathematicas da antiga Escola Militar.

Traduziu varias obras didácticas, de assumptos militares, além dos *Elementos de geometria descriptiva*, de MONGE, e do *Tratado elementar de applicação da algebra á geometria*, de LA CROIX ; e deixou,

em 3 vols., os *Manuscriptos do Sargento-Mor*, que existem na biblioteca do Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro.

#### DATA HEROICA

**1412** — Nasce na França JOANNA D'ARC — *A Donzella de Orleans* (*Pucelle de Orleans*), célebre na historia da humanidade porque, depois de vencer os inglezes em Patay, dirigindo ella a acção, conseguiu salvar o Rei de França CARLOS VII.

Em 1431, depois da derrota de Compiègne, os inglezes queimaram-na viva numa fogueira, na cidade de Ruão.

#### JANEIRO 7

**1619** — Os *Tupinambás*, guiados pelo seu « principal », a quem davam na sua lingua o nome de *Cabello de velha*, cahem inesperadamente sobre a fortaleza da cidade de Belém, capital do Pará, chamada hoje do Castello, cuja guarnição os rechassa victoriosamente.

Os assaltantes, que eram numerosos, deixaram o campo circumvisinho esteirado de cadáveres e de feridos, ficando entre aquelles o seu principal.

**1648** — HENRIQUE DIAS derrota os hollandezes no engenho do Cunhaú.

**1810** — D. FERNANDO JOSÉ DE PORTUGAL, Conde e depois MARQUEZ DE AGUIAR, deixa a pasta dos negocios da Marinha, que assumira interinamente a 30 de Dezembro de 1809, sendo nella substituido por D. FRANCISCO DE ALMEIDA MELLO, Conde das Galvêas, que serviu até seu fallecimento, a 18 de Janeiro de 1814.

**1823** — Intenta de novo o general MADEIRA apoderar-se da ilha de Itaparica. (*Lucta da Independencia*).

« Cuidára-se em fortificar a costa occidental da ilha — diz o autor das *Memorias Politicas da Bahia* — assentaram-se algumas peças em differentes posições, e o marechal JOSÉ IGNACIO ACCIOLI reforçou a fortificação que havia levantado em seu engenho denominado Boa-Vista, supprindo-o de sua fazenda durante toda a luta.

Armou-se com cinco peças de 12 outro barco, que ficou chamando-se *D. Leopoldina*, e tudo manifestava o maior enthusiasmo para repellir a esperada aggressão, quando no dia 6 de Janeiro, pelas quatro horas

da tarde, velejaram da cidade, em direcção a Ilaparica, 41 lanchões de diferentes tamanhos, carregados de tropa e maruja destinada ao pretendido desembarque, além de infinitos escaleres de pessoas da capital, que iam presenciar a victoria que a aguardava, reunindo todos aos outros vasos que formavam a esquadrilla lusitana.

Um aturado trabalho occupou ainda nessa noite a todos os insulares, e cada um tratava do que mais interessava á pública defeza. O tenente BOTAS preparou e artilhou todos os botes que ainda se achavam por promptificar, afim de guarnecer melhor o canal da entrada do Funil e Jaguaribe; e ao amanhecer o dia seguinte appareceu aquella flotilha, formando duas linhas, uma pelo norte da praia das Amoreiras, e outra em direcção ao Macambo, pretendendo desta maneira envolver a fortaleza de S. Lourenço entre dois fogos.

Commandava então essa fortaleza, desde 3 de Novembro, o major de artilharia de posição LUIS CORRÊA DE MORAES, por nomeação do general LABATUT — sujeito todavia, ás ordens de LIMA, já nesse tempo commandante militar da ilha — e além da força necessaria á guarnição da mesma fortaleza, onde se achavam montadas seis peças de 36, uma de 14, uma de 18 e outras tantas de 12, foi logo reforçada com mais 50 praças das 71, que formavam o destacamento que mensalmente vinha de Valença.

Pelas 7 1/2 da manhã destacaram-se da mencionada esquadrilla uma barca e um lanchão a reconhecer os pontos visinhos, e ao passar pela fortaleza de S. Lourenço soffreram da artilharia desta alguns tiros, aos quaes não responderam; mas, incorporando-se depois ás linhas de onde haviam sahido, avançaram todos os vasos reunidos para terra, pelas 9 horas da mesma manhã, rompendo logo um vivissimo fogo.

Batia a fortaleza para ambos os lados e o mesmo faziam as baterias dos pontos que existiam ao longo da costa daquella fortaleza, até á ponta das Amoreiras, e denominadas S. Pedro, Isidoro, Amoreiras Pequenas, Praia e Ponte das Amoreiras, bem como as que se achavam ao longo da contra-costa, conhecidas por Quitanda, Ponte de Bica e Engenho da Boa Vista, pontos todos estes guarnecidos sufficientemente, segundo o permittia o estado de coisas.

A barca portugueza *Constituição*, ou *Vocó*, foi a primeira a separar-se das linhas, pelo grande destroço que soffreu do fogo da fortaleza e do barco *Pedro I*, commandado pelo tenente BOTAS; e, sem que cessasse o fogo de ambos os lados, viu-se aproximar á esquadrilla um grande escaler, que transportava o chefe de divisão JOÃO FELIX, o qual, depois

de pequena demora e sem esperar pelo resultado da acção que vinha dirigir, retirou-se para a cidade, quasi a uma hora da tarde.

Consecutivamente começaram a passar para os lanchões menores muitos soldados e murujas das embarcações maiores, afim de tentarem o desembarque, que era protegido pelo fogo de sua esquadilha, e pelas tres horas da tarde se dirigiram aos presidios do Mocimbo e Amoreiras, avançando com mais confiança, por isso que os pontos de terra tinham suspendido o fogo; mas, reproduzindo-se com mais vigor, quando se aproximavam os lanchões, foi tamanho o estrago produzido nos assaltantes, que estes se viram obrigados a retroceder ás embarcações de onde tinham sahido.

Pretenderam ainda segunda vez outro aprouche com os novos reforços recebidos naquellas embarcações, mas, soffrendo ainda maior derrota naquella occasião, retiraram-se corridos, evadindo-se difficilmente um de seus lanchões, por falta de tripolação que o vogasse, em consequencia do extraordinario prejuizo que supportará.

Findou o combate depois das tres horas da tarde e avaliou-se a perda dos portuguezes, segundo noticias exactas, em perto de 200 homens.

**1835** — Rebelião na Capital da provincia do Pará e assassinato do respectivo presidente BERNARDO LOBO DE SOUSA e do commandante das armas major JOAQUIM JOSÉ DA SILVA SANTIAGO, cujos cadáveres, completamente nus, ficaram por todo o dia expostos ao escárneo da população. (Vide a *epheméride* de 26 de Fevereiro de 1835).

DIZ TEIXEIRA DE MELLO: « LOBO DE SOUSA, deputado, fôra nomeado para substituir na presidencia ao tenente-coronel JOSÉ JOAQUIM MACHADO DE OLIVEIRA, e o major SANTIAGO para substituir no commando das armas a ANTONIO CORRÊA SEARA.

Tomaram posse dos seus cargos; « porém, diz o general ABREU E LIMA na sua *Synópsis da Historia do Brasil*, só o mau fado daquella provincia teria concorrido para semelhantes nomeações. Envolvidas estas duas autoridades nos manejos das facções que dilaceravam o Pará, foram ambas assassinadas na manhã do dia 7 de Janeiro de 1835, etc.»

Depois de expostos por um dia aos insultos da gentilha, só á tarde foram os seus corpos levados ao cemiterio e enterrados na mesma cova. O distincto capitão-tenente reformado JOSÉ EGYDIO GARCEZ PALHA, nas suas *Ephemérides Navaes*, diz que «na noite de 6 recebera LOBO DE SOUSA, no theatro, aviso de se acharem reunidos os re-

voltosos no *Cacvaalho*; ordenara immediatamente ao commandante de policia que fosse averiguar do facto, mas, avisados os conspiradores, internaram-se pelos matos circumvisinhos, não sendo encontrados.

Às 2 horas da madrugada é a cidade invadida pelos rebeldes, divididos em dois grupos. Um sob o commando de ANTONIO VINAGRE, ataca o quartel do batalhão de caçadores e artilharia, quasi sem gente por ter sido licenciada grande parte da soldadesca, e delle se apodera, depois de vencer a pequena resistencia que lhe oppuzeram e de ter matado diversos officiaes; outro, dirige-se para palacio, onde suppunha encontrar LOBO DE SOUSA e SANTIAGO.

Desde então ficou a cidade entregue aos revoltosos. Os municipaes permanentes, confraternizando com a rebellião, soltam os presos existentes na cadeia pública e, levando-os para seu quartel, fornecem-lhes armamento, tocam a rebate e percorrem as ruas em procura das auctoridades em que concentravam todos os seus ódios. O commandante das armas, que dormia em palacio, ouvindo os primeiros tiros, fugira pelo jardim, tentando refugiar-se em casa do juiz de direito, seu irmão. Atravessara o largo de S. João, dirigindo-se para a rua do Aljube; ao enfrentar esta última, porém, foi assassinado a tiros e a couces de armas. O presidente da provincia, que se homisara na casa do coronel GERALDO JOSÉ DE ABREU, tentando recolher-se a palacio, foi também assassinado, ficando os cadáveres de ambos, completamente nus, expostos ao escarneo público durante todo o dia.

Suspeitava desde muito o commandante INELIS do plano dos revoltosos; tinham chegado a seus ouvidos differentes noticias, que não deixavam dúvida sobre os acontecimentos de que ia ser theatro a capital da provincia, dera conhecimento de tudo a LOBO DE SOUSA, e ordenara a bordo de seu navio que mandassem um escaler buscal-o em terra, logo que se apparecessem de qualquer movimento.

Em cumprimento dessa ordem um marinheiro o fora chamar na casa em que residia, á travessa do *Passinho*, esquina da rua *Nova de Sant'Anna*. «Este official sahiu logo, diz DOMINGOS RAIOL nos *Motins Politicos do Pará*, e com uma pistola carregada em cada mão buscou o escaler. Ninguem encontrou que lhe informasse sobre a occurrencia.

— Pois hei de ir para bordo sem saber o que ha em terra? disse elle ao entrar no escaler. E, resolute, voltou para terra, cami-

nhando, pela travessa de *S. Matheus*, em direcção ao *largo do Quartel*. Ao chegar ali, lhe perguntou a patrulha postada na esquina:

— « Quem vem lá ? »

— E' o commandante INGLIS, respondeu elle.

Não teve tempo de proferir mais uma palavra. Um individuo conhecido por *Domingos Sapateiro* deu-lhe um tiro que o prostrou em terra. Ainda elle disparou as suas duas pistolas, porém sem nenhum resultado. Deixado como morto, foi depois carregado para casa de ARCH. CAMPBELL, onde deu seu último suspiro ».

Os revoltosos acclamaram presidente FELIX ANTONIO CLEMENTE MALCHER, e commandante das armas FRANCISCO PEDRO VINAGRE.

**1848** — Nasce o coronel LUIS AUGUSTO SOARES WOLF, do corpo de estado maior de 2ª classe.

**1869** — Continúa a expedição dos monitores no Manduvirá.

Logo de madrugada entraram pelo braço do rio por onde haviam seguido os vapores paraguayos e, depois de tres horas de navegação, encontraram um navio posto a pique na perpendicular da corrente do rio e de modo a impedir toda passagem.

Após minucioso exame resolveu o BARÃO DA PASSAGEM regressar. No dia 7 chegou á foz do Manduvirá e 9, de manhã, reunia-se com toda a força á esquadra.

**1890** — E' nomeado ministro do Supremo Tribunal Militar o almirante reformado do corpo da armada FRANCISCO PEREIRA PINTO.

— E' reformado o almirante graduado ANTONIO MANUEL FERNANDES.

— São reformados os capitães de fragata graduados em capitães de mar e guerra honorarios: IRINEU JOSÉ DA ROCHA, FAUSTINO MARTINS BASTOS e LUIS JOSÉ DOS SANTOS.

**1890** — E' promovido a tenente-coronel do corpo de engenheiros, por serviços relevantes, o actual general de brigada Dr. LUIS ANTONIO DE MEDEIROS, que acaba de deixar o commando da Escola Preparatoria e de Táctica do Realengo, que exerceu desde 16 de Novembro de 1900 sendo nomeado commandante do 5º districto militar (Vide a *epheméride* de 16 de Agosto de 1853).

**1892** — E' promulgada a lei sobre o processo e julgamento do presidente da República. Essa lei quando debatida no Congresso Constituinte, em Novembro do anno anterior, muito contribuiu para

o *golpe de Estado* de 3 de Novembro, que dissolveu aquella assembléa, considerada pelo dictador marechal DEODORO como reaccionaria e subversiva, geradora de conflictos entre os poderes legislativo e executivo.

**1893** — Aviso n. 54, declarando que os guardas-marinha alumnos sejam considerados embarcados em navios annexos á Escola Naval, percebendo as rações de bordo e gratificação de embarque.

**1894** — O glorioso almirante LUIS FELIPPE DE SALDANHA DA GAMA (Vide a *ephéméride* de 7 de Abril de 1846), commandante em chefe das forças navaes da Revolução no porto do Rio de Janeiro, dirige a seguinte nota ao commandante superior estrangeiro mais graduado, acerca do bombardeamento do hospital de sangue por artilharia do Governo:

« A S. Ex. o Sr. captain PICKING, commandante superior da divisão da marinha dos Estados Unidos da América do Norte, e official mais graduado das esquadilhas estrangeiras surtas neste porto.

A V Ex. assim como todos os chefes das forças navaes estrangeiras não pode ter passado despercebido o facto extraordinario occorrido hontem á tarde, de haverem as baterias da Armação e de S. João Baptista em Niteroy, atirado directamente contra o hospital de sangue da ilha das Enxadas.

Ha um mez que o hospital foi transportado para aquella ilha. Neste lapso de tempo tem recebido alguns tiros que disfarçadamente lhe hão dirigido as baterias do Bom Jesus e a Fortaleza de S. João da Barra.

O facto de hontem, porém, foi de não deixar dúvida sobre o proposito deliberado de bombardear o dito hospital. Oito projectis explosivos ali cahiram, dois dos quaes dentro das enfermarias, produzindo, além de estragos materiaes, a morte de um ferido e o desvairamento dos outros, que abandonaram seus leitos, rompendo os apparatus do curativo.

O que se passou então no hospital foi verdadeiramente indescriptivel. Não creio que na historia da guerra e das revoluções deste século haja facto idéntico.

O Governo do Brasil, por motivo que aliás nunca externou, ainda não adheriu á convenção de Genebra, chamada da Cruz

**Vermelha.** Comtudo, os doentes e feridos do hospital da ilha das Enxadas não deixam de ser homens e brasileiros.

A ilha das Enxadas teve, antes, o depósito das munições de guerra da Escola Naval e uma pequena officina; tudo foi removido com a trasladação do hospital. Hoje ali existem, apenas, o gazômetro para a illuminação, os distilladores d'agua potavel, um forno de padaria, e algumas velhas armas, modelos da Escola.

Deixo a V Ex. ca todos os officiaes estrangeiros aqui presentes julgarem de semelhante attentado contra a civilisação e a humanidade; porém, a V Ex. especialmente, pela circumstancia de ser o representante de um paiz que em uma luta de quatro annos, não deixou de applicar nunca os principios de caridade e respeito ao próximo, que tanto honram o nosso século.

Não penso siquer retaliar, pois que só pensar em tal deshonraria a esquadra, que se intitula libertadora.

Os soldados de terra feridos na ilha do Engenho estão em tratamento nesse hospital. Os soldados prisioneiros estão apenas repartidos entre os navios da esquadra, mas em liberdade. Os officiaes prisioneiros tiveram a restituição de suas espadas.

Por ali, poderá V Ex. comparar a differença do modo de proceder entre as duas forças combatentes.

Si o facto se reproduzir, procurarei remover o hospital para logar mais seguro, não obstante os inconvenientes que dessa mudança devem resultar para os doentes e feridos.

Rogando a V Ex. a fineza de dar conhecimento desta nota aos demais chefes estrangeiros, prevaleço-me da opportunidade para reiterar a V Ex. a segurança de minha perfeita estima e distincta consideração.

Bordo do Cruzador *Liberdade*, no porto do Rio de Janeiro, 7 de Janeiro de 1894. — *Luis Felippe de Saldanha da Gama* ».

**1893** — E' iniciado em Lisboa o processo a que foram submittidos os commandantes e officiaes das corvetas portuguezas *Affonso de Albuquerque* e *Mindello*, pelo facto de se terem evadido de bordo desses navios de guerra, no porto de Montevidéo, muitos dos asylados brasileiros (na maioria officiaes da esquadra revolucionaria de 6 de Setembro).

**1900** — E' reformado o almirante graduado **IGNACIO JOAQUIM DA FONSECA**, fallecido a 21 de Março de 1902.

---

## OS HOMENS DO DIA

1-170 — Nasce Gil VICENTE, o fundador do theatro portuguez.

## 8 DE JANEIRO

1801 — O brigadeiro FRANCISCO JOÃO Roscio fica *interinamente* no governo da capitania do Rio Grande do Sul, durante a ausencia do governador SEBASTIÃO XAVIER DA VEIGA CABRAL DA CAMARA; por sua morte, a 5 de Novembro, continúa no cargo, até passal-o ao effectivo.

1817 — ANTONIO DE ARAUJO DE AZEVEDO, CONDE DA BARCA, é nomeado ministro e secretario de Estado e Negocios da Guerra, cargo que exerce até 23 de Junho do mesmo anno.

1824 — Começo da revolta de Pernambuco, denominada *Confederação do Equador*.

Acreditando tambem que planejava D. PEDRO I a união do Brasil a Portugal, encarou o povo pernambucano a dissolução da Constituinte como um meio de afastar do governo os homens a quem devia o Imperio os mais assignalados serviços, e, embora no proprio decreto declarasse o Imperador que apresentaria em breve uma outra Constituição, muito mais liberal do que a do projecto da câmara, isso não bastara para dissipar os infundados temores.

Neste dia, reunido em assembléa, declarou o povo de Pernambuco não eleger outros deputados, uma vez que aquelles que tinham tomado assento na Constituinte não haviam terminado sua missão; e considerando o facto de ter o morgado do Cabo renunciado espontaneamente o governo da provincia, em 13 de Dezembro do anno anterior, sob pretexto da *eminencia que se lhe afigurava de uma guerra civil*, elegeu para substituil-o a MANUEL DE CARVALHO PAES DE ANDRADE, redigindo nessa occasião uma representação, em que solicitava do governo *approvasse* esse acto, único que julgava capaz de acalmar os ânimos.

1836 — Segue do Rio de Janeiro, com destino ao Rio Grande, então sublevado, uma força naval composta dos brigues *Tres de Maio*, commandado pelo 1º tenente BERNARDINO JOSÉ COELHO, e *Niger* do commando de JOSÉ MARIA FERREIRA, do patacho *Pojuca* e um transporte, conduzindo 316 praças de caçadores e 64 de artilharia.

**1837** — A mesma força de *Farrapós*,<sup>1</sup> capitaneada por AGOSTINHO DE MELLO, que dois dias antes sorprehendera e derrotara o tenente-coronel ANTONIO M. DE ASAMBUJA, avança sobre a villa do Rio Pardo, que estava guarnecida por 250 homens ao mando de ANDRADE NEVES.

**1856** — Nasce o tenente-coronel de artilharia HORACIO HERMETO BEZERRA CAVALCANTE, actual director do Arsenal de Guerra de Matto Grosso.

**1872** — Morre no Rio de Janeiro o VISCONDE DE ITABORAHY, conselheiro JOAQUIM JOSÉ RODRIGUES TORRES, que foi ministro e secretario de Estado dos Negocios da Marinha dos gabinetes de 10 de Julho de 1831, de 13 de Setembro de 1832, 17 de Setembro de 1837, 18 de Maio de 1840 e 20 de Janeiro de 1843.

Foi tambem ministro da fazenda dos gabinetes de 29 de Setembro de 1848, de 14 de Julho de 1853 e 16 de Julho de 1868, sendo organizador destes dois últimos ministerios e presidente do conselho. Occupara anteriormente outros cargos públicos, era bacharel em mathematicas, foi lente substituto da Academia Militar, senador do Imperio e membro do conselho de Estado.

**1892** — O decreto n. 29 resolve:

« Art. 1.º Os officiaes do Exército e da Armada que deixarem os quadros activos por força dos decretos 108 A de 30 de Dezembro de 1889, e 193 A de 30 de Janeiro de 1890, e que na occasião contarem mais de 40 annos de serviços, serão reformados no posto immediato com a graduação do subsequente.

Paragrapho único. Esta disposição é permanente e extensiva aos officiaes de terra e mar que antes della deixaram, com aquelle numero de annos de serviço, os citados quadros por força dos mencionados decretos.

Art. 2.º Revogam-se as disposições em contrario ».

O alludido decreto n. 108 A de 30 de Dezembro de 1889, altera o quadro dos officiaes da Armada, estabelecendo regras pelas quaes devem os mesmos ser reformados, voluntaria ou compulsoriamente:

Art. 1.º O quadro dos officiaes do Corpo da Armada se comporá de: — 1 *Almirante*, — 2 *Vice-Almirantes*, — 10 *Contra-Almirantes*, — 18 *Capitães de Mar e Guerra*, — 30 *Capitães de Fragata*, — 60 *Capitães-Tenentes*, — 175 *1.º Tenentes*, — 160 *2.º Tenentes*.

Art. 2.º Os officiaes do Corpo da Armada serão exclusivamente procedentes da Escola Naval ; quando, porém, em circumstancias extraordinarias e imprevistas por insufficiente o quadro, o Governo poderá chamar ao serviço officiaes da marinha mercante, competentemente habilitados, aos quaes concederá a commissão de 2º Tenente.

Art. 3.º Os officiaes da Armada occuparão uma das seguintes situações: — 1ª, *Actividade*, quando em serviço activo no mar e em terra ; — 2ª, *Disponibilidade*, si estiverem desempregados por motivo alheio á sua vontade e promptos para o serviço ; — 3ª, *Inactividade*, quando prisioneiros de guerra, cumprindo sentença, inactivos por medida disciplinar decretada em conselho, ou licenciados para tratar de saude, si a licença não exceder ao praso de um anno ; — 4ª, *Reserva*, que comprehende:

a) Os officiaes em observação de saude, durante um anno, por terem requerido reforma ; — b) Os licenciados por mais de dois annos, para empregar-se namarinha mercante, em industrias relativas á Marinha, em serviço de governo estrangeiro, ou para tratar de interesse particular. (Vide decreto n. 3.417 de 27 de Setembro de 1899).

5.ª Reforma, situação a que chega o official dispensado de todo serviço, ou por incapacidade physica ou por ter attingido á idade limite de que trata o art. 5º, ou, finalmente, por mau comportamento habitual, provado em conselho, como dispõe o art. 2º § 3º da lei n. 260 de 1 de Dezembro de 1841.

Art. 4.º A contagem do tempo de serviço e a percepção de vencimentos serão reguladas do seguinte modo: — 1.º Na actividade o official pertence ao quadro, conta o tempo de serviço para todos os effeitos legais e tem direito ao soldo e ás gratificações do emprego ou cargo que estiver exercendo. — 2.º Em disponibilidade, continúa a pertencer ao quadro, conta todo o tempo de serviço e percebe, além do soldo, a gratificação mandada abonar aos officiaes desembarcados pela lei n. 3.367 de 21 de Agosto de 1888. — 3.º Em inactividade, o official pertence tambem ao quadro, com os direitos estabelecidos pelas leis vigentes. — 4.º Na reserva, os officiaes, na primeira hypóthese, (a) abrem vaga no quadro, vencem soldo e contam antiguidade e tempo de serviço. Na segunda hypóthese (b) abrem vaga, não percebem soldo, não contam antiguidade, e o tempo de serviço será computado por metade.

Art. 5.º Além dos casos previstos pela lei n. 260 de 1 de Dezembro de 1841, são reformados voluntaria ou compulsoriamente os officiaes da Armada que attingirem ás idades determinadas na tabella seguinte,

(Abonar-se-á, porém, uma gratificação adicional correspondente ao tempo de serviço que contarem):

POSTOS	REFORMA VOLUNTARIA	REFORMA COMPULSORIA	GRATIFICAÇÃO ADICIONAL
Almirante.....	67 annos.	70 annos.	Tantas vezes 160,000 annuaes quantos forem os annos que excederam a 30 de serviço.
Vice-Almirante.....	65 »	68 »	
Contra-Almirante.....	63	66	
Capitão de Mar e Guerra.....	57	62	
Capitão de Fragata.....	52	53	
Capitão-tenente.....	46	52	Tantas vezes 120,000 annuaes quantos forem os annos de serviço que excederem a 25.
1º Tenente.....	40	46	
2º Tenente.....	35	40	

Art. 6.º A gratificação adicional a que se refere o artigo anterior será a correspondente ao posto em que se achar o official quando attingir a idade limite: no caso, porém, de ser este graduado no posto immediatamente superior considerar-se-á como si estivesse effectivamente provido na classe de que tiver a graduação.

§ 1.º A gratificação adicional, porém, não será extensiva ao montepio da Marinha, para a qual continuará a vigorar o soldo estabelecido pelo decreto n. 2.105, de 8 de Fevereiro de 1873.

Art. 7.º Os 1.ºs e 2.ºs Tenentes que em virtude deste decreto tiverem de ser reformados e não contarem ainda 25 annos de serviço, perceberão o soldo integral das respectivas patentes.

Art. 8.º Os officiaes que, contando mais de 35 annos de serviço, fallecerem antes de attingirem a idade limite para a reforma, perceberão o montepio correspondente ao posto immediatamente superior áquelle em que os mesmos officiaes fallecerem.

Art. 9.º As viúvas e os herdeiros dos officiaes que morrerem em combate ou por desastre occorrido em serviço, perceberão o soldo e a gratificação adicional correspondente ao posto imediatamente superior áquelle que tiverem os mesmos officiaes e ao tempo de serviço que contarem. N'esse soldo é incluído o montepio.

§ 1.º Pela denominação de herdeiros comprehende-se todas as pessoas que pela legislação vigente tenham direito á percepção do montepio da Marinha.

Art. 10. Os officiaes especialistas, bem como os lentes e professores da Escola Naval, passarão para um quadro extraordinario, no qual serão promovidos por antiguidade, quando lhes couber, segundo a collocação que actualmente têm na respectiva escala.

§ 1.º Aos officiaes especialistas se concede optar pela aposentadoria nos logares que occuparem, de accordo com o regulamento de 2 de Maio de 1874 e enquanto não se formar o corpo de engenheiros navaes.

Art. 11. Todo o official que contar 25 annos de serviço tem direito á reforma, que não lhe poderá ser negada, salvo o caso de requerel-a logo depois de nomeado para qualquer commissão.

Art. 12. As vagas que se derem em virtude das disposições do presente decreto serão preenchidas de accordo com a lei que regula actualmente as promoções do Corpo da Armada.

Art. 13. Continuam em vigor todas as disposições relativas á reforma dos officiaes da Armada, salvo a parte agora alterada.

Art. 14. O tempo de campanha continúa a ser contado pelo dobro para todos os effeitos da reforma; inclusive a percepção de gratificação adicional.

Art. 15. Revogam-se as disposições em contrario.

*Disposições transitórias.* I — A idade limite para a reforma dos actuaes chefes de divisão será de 64 annos.

II — O governo provisorio, attendendo aos relevantes serviços prestados á patria pelo almirante MARQUEZ DE TAMANDARÉ, já durante a paz, já durante a guerra, commandando em chefe a esquadra em operações, resolve que não lhe seja extensiva a reforma compulsoria e o conserve em serviço extraordinariamente, e sem prejuizo do quadro, que terá sempre um outro almirante effectivo ».

O art. 1º do decreto n. 108 A de 30 de Dezembro de 1889 foi alterado pelo art. 2º da lei n. 732 de 20 de Dezembro de 1900, que diz que o quadro dos officiaes combatentes da Armada passará a ser este :

1 Almirante, 2 Vice-Almirantes, 10 contra-Almirantes, 20 capitães de Mar e Guerra, 40 capitães de Fragata, 80 capitães-Tenentes, 160 1ºs Tenentes e 150 2ºs Tenentes.

O quadro demonstrativo dos officiaes do Exército, segundo o plano das últimas organizações, é o seguinte :

4 Marechaes, 8 generaes de Divisão, 16 generaes de Brigada, 64 Coronéis, 83 Tenentes-Coronéis, 142 Majoeres, 471 Capitães, 420 Tenentes (ou 1ºs Tenentes), 702 Alferes (ou 2ºs Tenentes).

**1867** — Uma divisão composta dos encouraçados *Bahia, Tamandaré, Barroso e Colombo*, ás ordens do capitão de fragata JOAQUIM RODRIGUES DA COSTA bombardeia o forte de Curupaity, collocando-se quasi em frente ás baterias. Ás 5 1/2 da manhã começou o fogo, apoiado pela bombardeira *Pedro Affonso* e duas chatas, previamente collocadas em

posição conveniente, e ao mesmo tempo que o capitão-tenente MAMEDE com as canhoneiras *Iguatemy*, *Araguahy*, bombardeira *Forte de Coimbra*, chata *Mercedes*, e lancha *João das Botas*, na Lagoa Pires, metralhava o flanco das baterias inimigas.

**1571** — Morre em Beauvais,, perto Nemours, com 60 annos de idade mais ou menos, NICOLAE DURAND DE WILLEGIGNON, cavalleiro de Malta e vice-almirante da Bretanha, que chegara á bahia do Rio de Janeiro, com a expedição que capitaneava, a 10 de Novembro de 1855, tendo partido do Havre de Grace, em França, a 12 de Julho desse anno.

Descobrimdo em 1856, uma conspiração que contra a sua pessoa se tramava, escreveu WILLEGIGNON uma carta a CALVINO, datada de 31 de Março do anno seguinte, onde diz: « Aconteceu comtudo que alguns dos nossos mercenarios, estimulados pelos appetites sensuaes, conspiraram para matar-me ».

TEIXEIRA DE MELLO synthetisa essa carta, que se acha na integra á págs. 30 e 31 do tomo XXII da *Revista do Instituto Histórico*, nos seguintes tópicos:

« E referindo o modo como descobrira o trama e castigara os delinquentes, conta que prendera a quatro dos principaes, dos quaes mandara soltar um no dia seguinte, *para que pudesse em liberdade pleitear a sua causa*, mas que elle, pondo-se a correr, lançou-se ao mar e afogou-se ».

Os restantes, conduzidos amarrados á sua presença, confessaram o crime, isto é, que um delles, castigado por WILLEGIGNON por entreter relações ilícitas com uma mulhier de má vida, captara com presentes o pai desta, para que o livrasse do seu poder, no caso de obstinar-se WILLEGIGNON a perturbar-lhe aquellas relações.

« Fil-o enforcar e estrangular por semelhante crime. Commutei a dois outros a pena de morte na de prisão com trabalho; e quanto aos mais, não quiz tomar conhecimento do seu delicto, para que não fosse obrigado a punil-os, o que importaria em um grande desfalque para as obras que tenho emprendido ».

Um anno depois, em Março de 1557, deu fundo na nossa maravilhosa bahia do Rio de Janeiro a expedição franceza capitaneada por Bois LE CONTE, que ancorou junto ao forte de Coligny — que hoje tem o nome do aventureiro, almirante bretão.

Este, que a esperava com a maior impaciencia, recebeu-a com vivo contentamento, accommodando-a em cabanas cobertas de palha; estabeleceu desde logo uma policia ecclesiástica, determinando aos padres da

expedição que prégassem duas vezes aos domingos e uma nos outros dias, e que fizessem preces todas as noites.

Havia WILLEGAIGNON « concebido o designio de crear no Brasil, de cujas riquezas naturaes se diziam maravilhas em França, uma especie de soberania independente e que pudesse servir de asylo aos sectarios de CALVINO, cujas máximas professava ».

O célebre heresiarca JOÃO CALVINO, como se sabe, foi educado na religião cathólica; mas, na intimidade dos partidarios de LUTHERO, abraçou os principios da reforma, e começou em 1532 a propagal-os em Paris. Ameaçado com a prisão, refugiou-se junto a MARGARIDA DE NAVARRA, que protegia a reforma.

Em 1535 publicou com o titulo de *Institutio Religionis Christianæ*, uma exposição das novas doutrinas, que depois traduziu elle mesmo em francez e que ficou sendo cathecismo dos reformados em França. A sua revolução, mais radical do que a de LUTHERO, proscreeve todo o culto externo e toda a hierarchia, e ensina a predestinação absoluta dos escolhidos e reprovados.

Os calvinistas em França foram alcunhados com o epitheto injurioso de *Huguenotes*; e lutaram por muitos annos para obter o livre exercicio do seu culto, trazendo a França em continua guerra civil. CARLOS II e CATHARINA DE MÉDICIS tentaram exterminal-os na funesta noite de S. Bartholomeu em 1572; mas esta carnificina ateiou nova guerra, que durou até HENRIQUE IV subir ao throno.

Este rei promulgou o célebre edito de Nantes, que garantia aos huguenotes a liberdade de consciencia, entregando-lhes em penhor muitas cidades. Não obstante, ainda se sublevaram no reinado de LUIS XIII, mas RICHELIEU conteve-os com a tomada da Rochella. LUIS XIV em 1665 revogou o edito de Nantes; e este acto impolitico suscitou muitas rebeliões, e por fim uma grande emigração de calvinistas, assás prejudicial aos interesses econômicos da França.

Para auxiliar o intento de WILLEGAIGNON e associar-se á sua empreza, partira a 19 de Novembro de 1556 a expedição que a instancias suas, se armara em Honfleur, commandada por seu sobrinho BOIS LE CONTE. Segundo refere LERY, que vinha na expedição, deixaram Cabo Frio no dia 1 e a 16 de Março de 1557 entraram pela bahia do Rio de Janeiro, como se vê das seguintes phrases da sua propria narrativa:

« . . não fizemos tão demorada estada em Cabo Frio como desejáramos. Por isso, depois de aparelhados e de termos dado á vela, singrámos tão bem que no domingo 1º de Março de 1557, deixando á

esquerda o alto oceano, entrámos no braço de mar e rio d'agua salgada, chamado *Guanabara* pelos selvagens, etc

Não fica na verdade muito liquido, diz o já citado autor das *Ephemerides Nacionaes*, em que dia aportaram os expedicionarios ao ilhéu da bahia do Rio de Janeiro, tão pomposamente denominado depois *França Antártica*; por isso aqui consignamos os proprios termos em que o abstruso relator da expedição narra a sua chegada ».

**1625** — A nau *Caridade*, capitaneada por LACERDA DA FRANÇA e que fazia parte da esquadra portugueza que fôra mandada em socorro da Bahia contra os hollandezes, encalha junto á barra da Parahyba.

Essa nau desgarrara da frota em noite de escuridão, por ter errado o rumo o respectivo piloto; e o governador de Pernambuco, MATHIAS DE ALBUQUERQUE, avisado desse successo, deu tão promptas providencias que se salvou não só toda a tripolação, como toda a artilharia e a maior parte das munições e do abastecimento que nella vinham.

Seguiu a gente por terra para Pernambuco, e a nau tomou para o porto do Recife.

**1631** — Partem de Texel, na Hollanda, 5 dos 16 navios mandados pela *Companhia das Indias* em socorro á sua colonia em Pernambuco. (Tinham partido os outros 11 no anno anterior).

Vinham muitas familias hollandezas e judeus ricos para se estabelecerem em Pernambuco e commandava a expedição o general ADRIANO JANSZON PATER, que tinha por almirante MARTEN THISZON, com 1.270 marinheiros e 860 soldados.

**1640** — JOÃO PEDRO CACERES, commandante da fortaleza de Gurupá, toma por abordagem em canoas um patacho hollandez, que subia o Amazonas carregado de quinquilharias apropriadas para attrahir os indigenas.

**1646** — Combate no *Aterro dos Afogados*, em Pernambuco (Recife).

**1894** — O general SOLON, preso na fortaleza da Conceição (desde 26 de Setembro de 1893 até 12 de Agosto de 1894), escreve á sua esposa, D. TULIA SOLON RIBEIRO, a seguinte carta:

«Tulia. — 8 de Janeiro de 94. — Recebi tua carta de hontem...

Continuo resignado, sempre com muita confiança na justiça mysteriosa da Providencia, que tudo resolve de modo imprevisto.

Os homens, dominados pelo ardor das paixões desenfreadas, tendo por origem umas a ambição e a vaidade, outras a liberdade e o direito, batem-se desastrosamente, até que um dos contendores vence, porém a Patria fica aniquilada, de sorte que a luta armada será sempre um desastre para a humanidade, mormente a guerra civil.

Vejo nesta lucta fratricida meu filio, meu genro, meus sobrinhos e cunhados, todos batendo-se por um Governo que mandou encarcerar-me. . . eis o que é a guerra civil: o desenfreamento das paixões ingratas, fazendo calar todos os sentimentos nobres.

Ainda assim, estou resignado e tranquillo, porque estes factos são a reproducção de outros que já se deram no passado, a historia assim o diz. Eu só perderia a resignação si a minha familia se humilhasse ante o soffrimento; nesse caso, não teria remedio sinão render-me tambem: porém espero que vocês tenham a força de vontade precisa para não me arrastarem a isso.

Confio muito no teu ánimo, que poderá transmittir a necessaria coragem aos nossos filhos, que ainda não estão acostumados a soffrer. Abraça as nossas queridas filhas, e aceita o coração de teu esposo e amigo d'alma — *Frederico* ».

Na mesma fortaleza estavam presos, nessa occasião, os generaes: FRANCISCO TEIXEIRA JUNIOR (vide a *epheméride* de de de 18 ); JOSÉ MARIA PEGO JUNIOR (*epheméride* de de de 18 ); HONORATO CALDAS, JOÃO MACIEL e DR. ALEXANDRE BAYMA; o coronel e senador PEDRO GALVÃO; tenentes-coroneis do corpo de engenheiros: DRS. GREGORIO THAUMATURGO DE AZEVEDO, VICENTE DO ESPIRITO SANTO e BELARMINO DE MENDONÇA; majores ALCYDES BRUCE e CAETANO DE ALBUQUERQUE; capitães Dr. JOSÉ MARIA DE BEAUREPAIRE ROHAN PINTO PEIXOTO, seu irmão DR. LUIS MARIA DE BEAUREPAIRE ROHAN PINTO PEIXOTO, além de muitos outros officiaes do Exército, conjunctamente com os seguintes officiaes da Armada:

Almirante EDUARDO WANDENKOLK; contra-almirante E. PAIVA LEGEY; capitães de mar e guerra LEMOS BASTOS e JOSÉ VICTOR DE LAMARE; capitães de fragata FREDERICO CAMARA, BUENO BRANDÃO, PEREIRA PINTO, LUIS CAVALCANTI e MONTEIRO DE PINHO; capitães-tenentes COSTA BARROS, BACELLAR, PINTO GUEDES, OROZIMBO BARRETO, ENÉAS RAMOS, SANTOS MOTTA, FRUCTUOSO MONTEIRO e JACINTHO MATTOS, além de muitos outros officiaes de marinha e os seguintes presos civis:

DR. INNOCENCIO SERZEDELLO CORRÊA (que reverteu ao Exército e acaba de ser promovido ao posto de coronel); BARÃO DE SANTA TECLA;

conselheiro ADOLFO DE BARROS e seu irmão ALFEEDO DE BARROS; Drs. LEOPOLDO DE FREITAS, AQUILINO DO AMARAL Filho, PINTO NETTO, CARLOS MARTINS, VILLELA GUSMÃO, PEDRO CORRÊA DA CAMARA; os negociantes ANTONIO BASTOS e ARTHUR GUIMARÃES; e os officiaes da Guarda Nacional: tenentes-coroneis BORGES DE LIMA, ELYSEU GUILHERME e NUNO EULALIO; os capitães ALFREDO ORTIZ, MANUEL FERNANDES e SÃO PAULO AGUIAR, etc.

Muitos destes presos politicos foram transferidos para os calabouços da Casa de Correção, onde, no último andar, denominado a *A Mansarda*, foram encarcerados no mez de Janeiro 107 presos politicos, não entrando na conta os que se achavam na fortaleza da Lage.

---

#### OS HOMENS DO DIA

**1715** — Morre em Cambrai o romancista francez FÉNELON, autor do *Telémaco*.

**1788** — Nasce, na cidade que lhe deu o nome, o estatuario DAVID D'ANGERS, fallecido em 1856. Bastava para celebrisal-o o frontespicio do Pantheon de Paris.

**1873** — Morre no exilio (em Londres) NAPOLEÃO III, último monarcha francez, desthronado em 1870, depois da victoria dos allemães em Sedan.

**1896** — Morre em Paris o excêntrico poeta PAULO VERLAINE, um dos últimos bohemios, que escreveu as bellas páginas de *Bonheur* e *Sagesse* nas mesas dos cafés e nos leitos dos hospitaes.

**1872** — Morre no Rio de Janeiro o notavel estadista nacional VISCONDE DE ITABORAHY, nascido em 1802. Foi o creador do Banco do Brasil.

---

#### 9 DE JANEIRO

**1822** — A revolução portugueza em 1820 obrigara a maioria do conselho de ministros de D. João VI a opinar pelo prompto regresso desse monarcha á Europa como o único meio de suffocar o movimento, e embora SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA se esforçasse em demonstrar que essa medida traria a dissolução da monarchia lusitana, embarcara El-Rei em 24 de Abril da 1821 e a 26 deixava a terra que lhe tinha sido abrigo quando expulso de Portugal pelas forças de JUNOT e pela politica ingleza,

Vacillara o infeliz monarcha, durante algum tempo, em obedecer aos conselhos de toda sua côrte ; chegara a resolver por decreto de 18 de Fevereiro enviar em seu logar o principe D. PEDRO ; tantos porém foram os temores que lhe souberam inculcar, já seus proprios ministros, já o diplomata inglez THORTON, residente no Rio de Janeiro, que, vencendo a si mesmo, com o coração repleto de saudades, decidiu-se a abandonar a terra hospitaleira, onde treze annos habitara e que tinha sido o alvo de seus mais paternaes desvelos.

Ficara governando o Brasil como regente e logar-tenente de seu pai, o principe D. PEDRO e na qualidade de ministros o CONDE DE ARCOS, na pasta do Reino e de Estrangeiros e D. DIOGO DE SOUSA MENEZES, na de Fazenda, auxiliado pelos secretarios de Estado major general da armada MANUEL ANTONIO FARINHA, encarregado da repartição de marinha e marechal de campo CARLOS FREDERICO DE CAULA da de guerra, e embora estivesse patente que a retirada de D. JOÃO VI motivaria a completa separação da metrópole, embalavam-se todos elles na doce crença—affirma um personagem da época—que apenas submettido a seu governo, o Brasil obedeceria resignado. Felizmente essa illusão bem pouco durou.

O desejo de ser livre, tão atrozmente castigado em 1790 em Minas, e em 1817 em Pernambuco, tomara incremento no gozo das regalias, a que a presença da côrte acostumara o povo. Era impossivel voltar, resignado, á antiga condição de colono e assim, ao mesmo tempo que lutava o governo com as maiores difficuldades financeiras, a ordem pública ameaçava cada dia ser alterada pela crescente rivalidade entre portuguezes e brasileiros.

Para cúmulo de infortunio não deixavam as côrtes portuguezas de adoptar medidas as mais vexatorias. Supprimiram a Academia de Marinha e os tribunaes no Rio de Janeiro, desligaram as provincias da autoridade do Regente e finalmente ordenaram a D. PEDRO seguisse para a Europa afim de visitar a Inglaterra, a França e a Espanha, e nesses paizes aprender a arte de governar os povos.

Este último decreto, que chegou ao Rio de Janeiro no navio *Infante D. Sebastião*, a 9 de Dezembro de 1821, encontrou a mais decidida opposição. Já a Bahia se revolucionara contra o governo do Regente, e nomeando uma junta governativa, se entendia directamente com as côrtes ; em Pernambuco, ferido LUIS DO REGO, começara a luta ; na capital mesmo, a Divisão Auxiliar, postada no largo do Rocio, obrigara D. PEDRO a jurar as bases para a Constituição, promulgadas em Portugal. Tudo fazia crer,

pois, que a retirada do Príncipe fosse o signal para a mais desenfreiada anarchia.

Nestas circumstancias resolveram os brasileiros envidar todos os esforços para que não fosse cumprida a ordem e enquanto ordenava o Regente que se apromptasse a fragata *União* e escrevia a seu pai *que só esperava para fazer-se á vela a installação do novo governo*, convencidos que a presença do Príncipe apressaria a Independencia, enviaram emissarios a diversas provincias afim de mover os povos a supplicar-lhe que não partisse.

PEDRO DIAS PAES LEME, depois MARQUEZ DE QUIXERAMOBIM, foi mandado a S. Paulo, PAULO BARBOSA DA SILVA a Minas e no Rio de Janeiro o senado da câmara incumbiu-se de igual petição, que em pouco tempo foi assignada por mais de 8.000 pessoas.

No dia 9 de Janeiro, a municipalidade, seguida por quasi toda a população brasileira, dirigiu-se a palacio. JOSÉ CLEMENTE PEREIRA leu um discurso em que commemorava as injustiças da côrte portugueza com o Brasil, declarou a resolução em que estava o povo de reagir contra essas medidas, affirmou que o navio que conduzisse D. PEDRO á Eúropa, appareceria

Segundo um edital publicado pela câmara municipal no mesmo dia, consta que respondera o principe Regente :

*Convencido que a presença de minha pessoa no Brasil interessa ao bem de toda a nação portugueza, e conhecendo que a vontade de algumas provincias o requer, demorarei a minha sahida até que as côrtes e meu augusto Pai e senhor deliberem a respeito com perfeito conhecimento das circumstancias que têm occorrido ; um edital, porém, do dia 10, assignado pelo juiz de fóra JOSÉ CLEMENTE PEREIRA, declara — que as palavras de que o principe se serviu foram as seguintes : Como é para o bem de todos e felicidade geral da Nação diga ao povo que fico.*

Esta resolução motivou a revolta da divisão auxiliar no dia 11.

**1840** — Nasce na cidade do Salvador (Bahia) o almirante CUSTODIO JOSÉ DE MELLO, fallecido no Rio de Janeiro a 15 de Março de 1902.

Filho legitimo do tenente-coronel JOSÉ FRANCISCO DE MELLO, assentou praça de aspirante á guarda-marinha em 1 de Março de 1856, foi promovido a este posto em 1858, conquistando por merecimento todos os outros postos, até reformar-se na mais alta patente da armada.

Fez a sua viagem de instrucção na corveta *Bahiana*, sendo promovido a 2º tenente em 2 de Dezembro de 1860. Nesse posto embarcou no brigue *Itaparica*, canhoneira *Parnahyba*, nos vapores *Magé* e *Cama-*

*cuam*, nas corvetas *Dona Januaria*, *Itajahy*, *Constituição* e *Dois de Julho*, no brigue *Eólo* e na escuna *Tocantins*.

Por decreto de 26 de Janeiro de 1862 foi agraciado pelo governo francez com o hábito da Legião de Honra, por serviços prestados ao commandante de um vapor francez que se achava em commissão hydrográphica.

Em 2 de Dezembro de 1862 foi promovido a 1º tenente. Neste mesmo anno foi elogiado pelo auxilio que prestou aos naufragos da barca ingleza *Oregon*, na qualidade de commandante do brigue *Cairú*.

Em Maio de 1866 passou a servir no couraçado *Rio de Janeiro*, como immediato. Em 12 de Setembro desse mesmo anno avançava para tomar a vanguarda da divisão em frente a Curupaity, quando foi attingido o *Rio de Janeiro* por um torpedo na pôpa e mais tarde por um outro na prôa, que metteram o navio a pique.

CUSTODIO DE MELLO foi um dos poucos officiaes que sobreviveram a este desastre, sendo elogiado nesta occasião pelo governo imperial pela bizzarria, dedicação, coragem e sangue frio com que se houve.

Foi elogiado pelo MARQUEZ DE CAXIAS e chefe de esquadra JOAQUIM JOSÉ IGNACIO, depois VISCONDE DE INHAÚMA, pela coragem que mostrou no combate de Curupaity, no couraçado *Barroso*, de seu commando.

Tomou parte na brillante passagem de Humaytá e invasão do territorio do Paraguay pelo Exército brasileiro, sendo sempre elogiado pela sua admiravel bravura.

Na passagem de Humaytá era commandante do monitor *Pará*. Neste mesmo monitor fez a passagem do Timbó e parte da expedição ao rio Manduvirá para capturar os navios inimigos.

Depois da guerra commandou os navios *Felippe Camarão*, *Barroso*, *Beberibe*, etc.

Em 14 de Março de 1868 foi promovido a capitão-tenente, sendo mandado á Europa para estudar artilharia e torpedos e fazer aquisição de trabalhos relativos. Regressou nesta commissão, em que relevantes serviços prestou á patria, a bordo do transporte *Purús*.

Fez parte da commissão nomeada para estudar o melhor local afim de ser installada uma escola de artilharia para as praças da Armada ; e foi promovido ao posto de capitão de fragata em 29 de Dezembro de 1874.

A 7 de Janeiro de 1875 foi nomeado commandante do couraçado *Cabral*. Commandou depois os couraçados *Bahia* e *Linna Barros* e exerceu as funcções de director dos arsenaes de marinha da Bahia e de Pernambuco.

Por aviso de 20 de Fevereiro de 1881, foi nomeado addido militar ás legações brasileiras em Londres, Paris, Vienna e Berlim. Quando inspector do Arsenal de Marinha de Pernambuco, foi elogiado pelo almirante COSTA AZEVEDO, pela disciplina e asseio encontrados no estabelecimento a seu cargo.

Em 8 de Fevereiro de 1883 foi promovido a capitão de mar e guerra e mandado á Europa para estudar armamento em geral, de onde regressou como commandante do couraçado *Aquidaban*.

Foi designado para iniciar e dirigir os cursos de torpedos. Commandou a corveta *Niteroy*, na qual fez viagem de instrucção na costa do Brasil. Em 5 de Junho de 1886 apresentou carta régia pela qual S. M. Fidellissima D. Luis I, em attenção aos seus merecimentos, nomeou-o commendador da Real Ordem Militar de N. S. da Conceição de Villa Viçosa.

Serviu como commandante do cruzador *Guanabara*. Commandou o cruzador *Almirante Barroso*, na viagem de circumnavegação em 1888, e voltou a o Brasil em 1890 com as insignias de contra-almirante a bordo do mesmo cruzador.

A sua promoção a contra-almirante foi feita por decreto de 8 de Janeiro de 1890. Era dignitario da ordem do Cruzeiro e gran-cruz da Ordem de Aviz e possuía as medalhas commemorativas da terminação da campanha do Paraguay, conferidas pela República Argentina e pelo Brasil.

Commandou a divisão de couraçados e era o único official condecorado depois da proclamação da República. Foi deputado federal pela Bahia na Constituinte e em 23 de Novembro de 1891 foi nomeado ministro da Marinha.

Exerceu interinamente o cargo de ministro do Exterior e da Guerra, para que foi nomeado em 30 de Janeiro de 1892. Em 29 de Abril de 1893 foi exonerado, a pedido, desses cargos, apresentando-se ao quartel-general da armada em 1º de Maio do mesmo anno.

Foi um dos chefes da revolução da Armada de 6 de Setembro de 1893, depois do que retirou-se para o Rio da Prata, onde esteve até o decreto da amnistia.

Foi elogiado pelo actual governo em aviso do ministerio da Marinha, pelo trabalho que apresentou sobre torpedos, sendo pouco depois nomeado para fazer parte da commissão encarregada de dizer ao governo qual o typo de submarino que devia ser preferido dos dois apresentados pelo engenheiro MELLO MARQUES e machinista JACINTHO GOMES.

Somos de opinião que esses trabalhos não só devem ser feitos na lingua vernácula, mas em idiomas estrangeiros, para que se tornem mais conhecidos os nossos heróes e os seus serviços.

O *Brasil Marcial*, dentro do seu programma, distribuiu um excellente retrato do marechal Mallet, ministro da guerra, e promete, para o segundo fasciculo, o do almirante Pinto da Luz, ministro da marinha.

O trabalho histórico começa em 1 de Janeiro de 1502 e irá até 31 de Dezembro de 1902.

O Sr. Mucio Teixeira presta relevante serviço com a publicação de tão importante trabalho».

A *Tribuna* do 17 do Setembro.

---

«BRASIL MARCIAL», por MUCIO TEIXEIRA. Recebemos o primeiro fasciculo quinzenal dessa obra, que é uma synthese histórica das nossas guerras e revoluções e que, segundo a promessa feita e já realisada no folheto que estamos noticiando, dará retratos e biographias dos heróes, descripção dos combates, photographias das fortalezas e navios e cópia de quadros históricos de batalhas. No *Brasil Marcial* o seu autor adopta o systema das ephemérides, que é, sem duvida, muito claro, e relatará os acontecimentos dados desde 1 de Janeiro de 1502 a 31 de Dezembro de 1902. O primeiro fasciculo dá retratos do marechal Mallet e do general Andrade Neves, Barão do Triumpho».

O *Paiz* de 16 do Setembro.

---

«BRASIL MARCIAL» — Está distribuido o primeiro fasciculo da importante obra *Brasil Marcial* organizada pelo conhecido prosador e poeta Mucio Teixeira.

Essa obra constitue um valioso subsidio para a nossa historia militar, pois condensa todas as nossas guerras e revoluções desde os tempos coloniaes até hoje, sendo, além disso, um precioso registro de factos universaes e de vultos eminentes de todos os tempos.

Caprichosamente concatenada e illustrada de retratos de militares brasileiros distinctos, bem, como de logares célebres, ja nos fastos da guerra, já pela belloza natural, essa obra se recommenda pela sua utilidade e pelo seu valor».

*Correio da Manhã* de 27 de Setembro.

---

BRASIL MARCIAL por MUCIO TEIXEIRA — Recebemos o fasciculo n. 1 da interessante publicação que sob o titulo *Brasil Marcial* emprohonda o Sr. MUCIO TEIXEIRA, um dos nossos poucos cultores desse sagrado Verbo quo, mais do que outra qualquer manifestação litteraria, é a lingua por excellencia dos eiletos da intelligencia — a Poesia.

Na synthese histórica das nossas guerras, revoluções e revoltas, desde os tempos coloniaes até a actualidade, com o retrato e a biographia dos heroes, a descripção dos combates, a planta do terreno, o typo dos navios, a photographia das fortalezas, a cópia dos quadros de batalhas e grande número de illustrações referentes ao assumpto e intercaladas no texto, o Sr. MUCIO TEIXEIRA não se limita a ser um simples compilador de datas, elle trasvasa nas páginas do *Brasil Marcial* a superabundancia de sua seiva intellectua, aviventando esses brasileiros illustres que nos campos de batalha derramaram o melhor do seu sangue por amor da Patria, do Direito e da Civisação.

Fazemos votos para que a seus esforços corresponda e merecido galardão. — *V. da U.*»

*Revista Marítima Brasileira*, anuo XXII, n. 4.

---

«BRASIL MARCIAL» — Do conceituado publicista e glorioso poeta Mucio TEIXEIRA recebemos um exemplar do primeiro fasciculo da sua obra o *Brasil Marcial*.

Ella, que é de um valor extraordinario, é uma verdadeira synthese histórica das nossas guerras, revoluções e revoltas, desde os tempos coloniaes até a actualidade, com o retrato e a biographia dos heróes, a descripção dos combates, a planta do terreno, o typo dos navios, a photographia das fortalezas, a cópia dos quadros de batalhas e grande número de illustrações referentes ao assumpto, intercaladas no texto.

E' o *Brasil Marcial*, pois, um primoroso trabalho em prol da nossa mais bella página de povo civilisado.

Que seja bem acolhido, como é merecedor».

O *Rebate* de 27 de Setembro.

---

DE RAMO EM RAMO — O diabo, depois de velhe, fez-se frado; o Mucio, no segundo quartel da vida, assentou praça! E que praça!... Enveredou pelos quartéis a dentro, principalmente os quartéis generaes do exercito e da armada, e de lá veio armado em guerra, contando a historia das guerras, revoluções e revoltas, o que é uma reviravolta dos seus ideaes de poeta. Por Martedeixou Apollo, e Venus... no desespero!

A verdade, porém, é que o *Brasil Marcial* sabiu-nos melhor que a encomenda. O Mucio, mettido no labyrintho da historia, descobriu *como se escreve a historia*, o da historia sahiu-se magistralmente. Do combate travado nos arraiaes da chrônica indígena, alcançou a victoria, mostrando que não é nenhum recruta; não andou a catar pulgas na juba do leão da guerra nem quiz aguçar as garras do lobo do mar, contou heroicamento o caso como o caso foi, sahinde da poeira dos archivos mais escovado do que o seu velhe fardão de Consul Geral em Venezuela, com todos os seus vencimentos e regalias, transformado em fardamento militar, mais luzidio que o uniforme do coronel Fernando Mendes, em dia do grande gala!

Caramba! O Mucio está aqui, está general... bonorario, formando ao lado... ao lado, digo mal, entre os meus amigos Cesario Alvim, Quintino, Glycerio e o Presidente da República! Safa! Quanta honra!...

— E... proveutos, e proveutos.—*Jotta*».

O *Tajareta*, de 27 de Setembro.

# «BRASIL MARCIAL» POR MUCIO TEIXEIRA



Não fui um simples compilador de datas, que se limita a reproduzir o que já achou feito; si bem que em composições deste género é esse seguramente um escolho difficil, quasi impossivel, de se evitar. Verdade é que teve muitíssimas vezes o autor que repetir o que encontrou em trabalhos congêneres e semelhantes; mas, sempre que lhe foi possível, assegurou-se primeiro da veracidade do allegado antes de o adoptar por seu.  
(TEIXEIRA DE MELLO — *Ephemérides Nacionaes*).

## PREÇO DA ASSIGNATURA

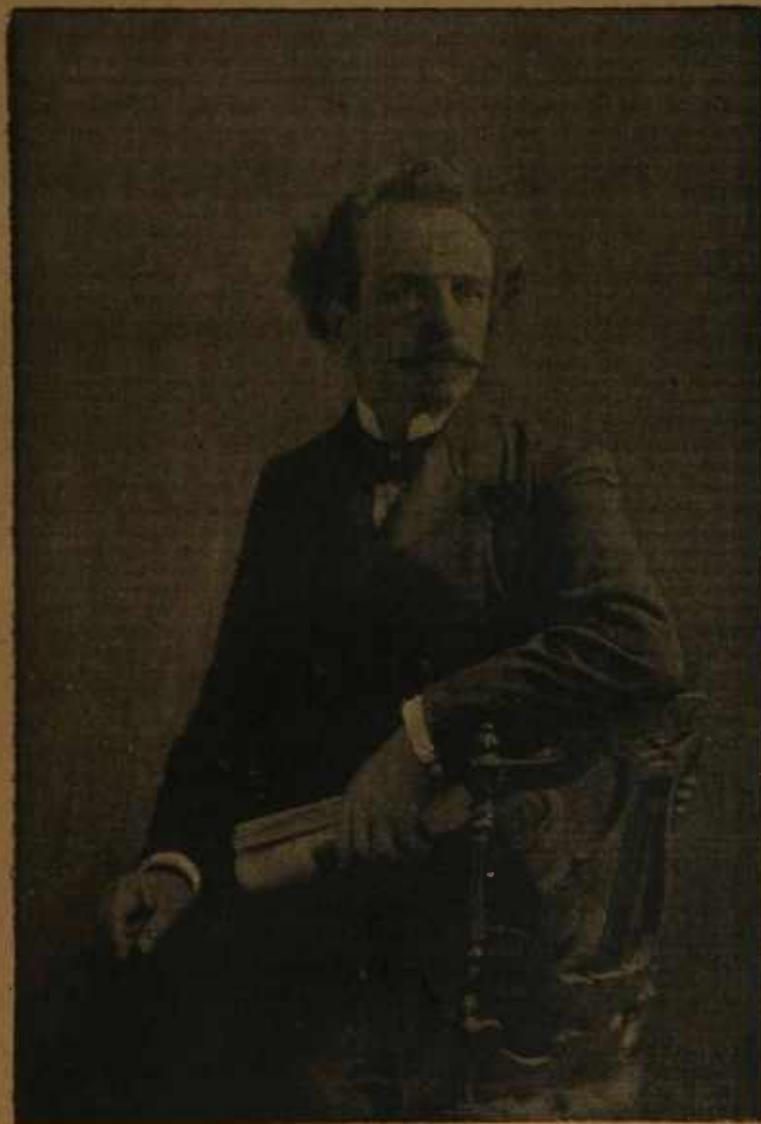
Nesta Capital, cada fascículo.	1\$000
12 fascículos . . . . .	10\$000
Nos Estados, 12 fascículos.	12\$000

## PAGAMENTO NO ACTO DA ASSIGNATURA

Os pedidos devem ser dirigidos a MUCIO TEIXEIRA, na *Imprensa Nacional*, Rio de Janeiro.

MUCIO TEIXEIRA

# Brasil Marcial



FASCÍCULO N. 3

RIO DE JANEIRO  
IMPrensa NACIONAL

1902

## 15 DE NOVEMBRO DE 1902

Termina hoje o período presidencial do Exm.º Sr. Dr. MANUEL FERRAZ DE CAMPOS SALLES, assumindo a direcção do poder executivo o Exm.º Sr. Dr. FRANCISCO DE PAULA RODRIGUES ALVES.

O *Brasil Marcial* de ambos dará a biographia, na *epheméride* correspondente ao respectivo nascimento, reproduzindo então no texto os retratos que acompanham o presente fascículo.

Do governo do Dr. RODRIGUES ALVES muito tem o Brasil a esperar, fundadas as esperanças nacionaes na superioridade moral do tão preclaro estadista e na oscurulosa escolha dos membros do seu ministério. Do governo do Dr. CAMPOS SALLES, que tão alto gravitou na esphera financeira, a synthese pode ser feita nestes tres grandes factos sociolátricos: S. Ex. deu aos seus concidadãos a mais ampla liberdade de imprensa; recebeu o paiz com o cambio a 6 e entrega-o ao seu successor com o cambio ácima de 12; e terminou o seu período constitucional sem decretar o *Estado de sitio*, medida violentíssima de que lançaram mão todos os seus antecessores.

E' tal a confiança do illustre estadista no julgamento imparcial de seus actos, que já disse:

— « Estou com os que pensam que uma das mais estimaveis qualidades do homem de governo é a que consiste na sua coragem; não essa coragem vulgar, que todos podem ter em presença dos perigos materiaes, mas a coragem moral de afrontar a própria impopularidade para fazer aquillo que se lhe afigura ser o bem do sua patria.

Não posso obrigar a ninguém a ser patriota, mas posso obrigar a cumprir a lei. Si uma politica só pode ser julgada pelos seus fructos, ahí estão os que pude colher. — Não suspendi uma só garantia, nenhuma só liberdade foi violada ».

Não foi de rosa a sua administração; pode-se mesmo dizer que lhe teceram a corôa de espinhos os seus proprios amigos e co-religionarios. Basta lembrar que só um dos seus ministros teve a dedicacão heroica e o alto patriotismo de o acompanhar até o fim: esta foi o marechal Dr. João NEPOMUCENO DE MEDEIROS MALLET.

O primeiro cuidado do benomérito marechal MALLET, como ficou cabalmente demonstrado pelo honrado senador BENEDITO LEITE, foi garantir o Amazonas, dominando o canal, a passagem obrigada sob as baterias de Obidos. « S. Ex. é quasi um pessimista (disse o illustre representante do Maranhão); revela-se extremamente preocupado com a situação do nosso paiz; teme que possamos, em futuro não muito remoto, ser victimas de algum desacato; entende que devemos nos preparar desde já; e é por isso que tem feito o que está ao seu alcance, tendo tambem já estudado todo o plano de defeza do paiz ».

O que elle tem feito ninguem poderá encobrir: está aos olhos de todos. O forte do Imbuhy está preparado, e aproveitou a oportunidade para fazer uma declaração, a mais honrosa possivel para o marechal Mallet e para a engenharia militar brasileira:

Quando chegou a communicacão de esta em promptos os canhões para o forte do Imbuhy, o Ministro recebeu ao mesmo tempo u na carta da casa Krupp, fazendo sentir que S. Ex. havia de precisar de pessoas habilitadas, vindas da Europa, para a montagem dosapparehos. Isto importaria uma despeza de 300 contos, aproximadamente.

O Ministro, porém, encarregou o capitão Sisson de ir a Europa receber os apparehos, estudar minuciosamente a engrenagem do machinismo, de modo a poder a mais convenientemente as respectivas peças. Tudo foi feito detalhadamente com o maior cuidado, photographando-se até, conforme o Ministro pedira, o machinismo em todas as situações em que teria de ficar por occasião da montagem.

Chegado da Europa o capitão Sisson com o material, o Ministro incumbiu-o do serviço da montagem no forte do Imbuhy e elle, revelando um conhecimento exacto de todo o machinismo e uma competencia pouco commum, desempenhou-se brilhantemente da incumbencia, honrando a engenharia brasileira e tornando patente que não precisamos mais de auxiliares estrangeiros para serviços dessa natureza.

Facto idéntico ao do Imbuhy deu-se na fortaleza da Lage com o major Mello Nunes. O Ministro mandou assentar a artilharia dessa fortaleza e encarregou desse serviço o major Mello Nunes.

Isto prova não somente o espirito de iniciativa, a capacidade administrativa do illustre marechal Mallet, mas tambem a competencia da engenharia militar brasileira.

O ministro mandou o Sr. Sisson á Europa, encarregou-o de estudar esse serviço, porque até essa occasião elle ainda não se havia tontado entre nós e eram indispensáveis todas as cautelas, para que se atrovesse a assumir a responsabilidade de tão grave emprehendimento.

Terminados os trabalhos do forte do Imbuhy, o Sr. Ministro da Guerra communicou o facto, por parte do governo, á casa Krupp e do representante desta recebeu um telegramma por demais honroso para a engenharia brasileira. Eis-o:

«Peço a V. Ex. que transmita ao Sr. Presidente da República os meus sinceros agradecimentos pela sua delicada communicacão e que exprima a S. Ex. as minhas calorosas felicitações pela brilhante conclusão dos grandiosos trabalhos realizados pela engenharia brasileira. Desejo que o Imbuhy contribua poderosamente para proteger a Capital Federal e os Estados Unidos do Brasil».

A revolta de 6 de Setembro inclinou para isso o espirito de S. Ex. e ello deu grande impulso a esses trabalhos. Isto é incontestavel.

Mas não é somente no que diz respeito á fortificacão e defeza do nosso paiz que o Sr. marechal Mallet tem se revelado um ministro digno da pasta que occupa. S. Ex. tem se preocupado com todas as questões da administração.

Em consequencia de seus esforços acabamos de ver installados dois estabelecimentos do primeira ordem, que representam um magnifico serviço — a Intendencia e o Arsenal de Guerra.

Quem quizer avaliar com exactidão esse serviço dirija-se ao antigo Arsenal de Guerra, percorra-o todo o verã: umas salas serviam de intendencia, outras pertenciam ao arsenal propriamente; tudo acanhado, tudo mal disposto, tudo primitivo. Depois transporte-se aos novos estabelecimentos, á nova Intendencia e ao novo Arsenal e, por mais prôvenido que vá, terá uma impressão inesperada.

Momentos antes de fallecer fôra reformado no posto de vice-almirante, com a graduação de almirante.

Em varios paizes da Europa, do Prata e do Pacifico, que percorreu em commissões que lhe foram confiadas, era altamente considerado, não só pela sua competencia professional, como pela sua correcção de cavalleiro distincto.

Além das condecorações já citadas, o illustre militar possuia, mais as seguintes: officialatos da Imperial Ordem do Cruzeiro e da Rosa, cavalleiro da ordem franceza da Legião de Honra, da ordem de Nosso Senhor Jesus Christo, de Portugal, e medalha commemorativa da ordem de Aviz.

O almirante CUSTODIO DE MELLO falleceu fulminado por uma congestão cerebral. Logo que se espalhou a noticia do fallecimento, grande número de pessoas correu á sua residencia.

A sala de visitas foi transformada em câmara ardente, a cujo centro se erguia o catafalco, ladeado de seis tocheiros, tendo á cabeceira um pequeno altar, onde se via uma imagem de Christo em uma cruz.

Sobre a eça, em caixão de 2ª classe, repousava o corpo do finado marinheiro, vestido com o 2º uniforme de contra-almirante, tendo ao peito, do lado esquerdo, as muitas medalhas e condecorações que possuia, e entre as mãos um pequeno crucifixo de metal.

Rodeavam o esquife as pessoas caras da familia e diversos admiradores do morto. As honras militares a que tinha direito o posto de almirante, foram dispensadas a pedido da familia, em virtude de ser este o desejo do finado.

Diz um dos seus biographos: — « A Marinha Brasileira perdeu um dos homens que mais a illustraram e enaltecera. Depois de SALDANHA DA GAMA, que tão chorado é ainda por quantos o conheceram e, conhecendo-o, o amaram, CUSTODIO DE MELLO era o official da nossa Armada que maior seducção exercia nos seus camaradas e no povo.

O segredo desse prestigio derivava de qualidades que nunca lhe puderam ser recusadas, nem mesmo quando a sua personalidade, directamente envolvida na revolta de 1893, era mais discutida.

Como official, era completo; como homem de sociedade, correctissimo; como espirito do seu tempo, a somma das suas idéas geraes tornava-o apreciavel na conversação, interessante no convívio, requestado pela mais culta roda do nosso meio.

A sua bravura no fogo, a sua serenidade no combate, o seu todo elegante e varonil haviam-no revestido desse vago nimbo de lenda que

tanto seduz as imaginações populares. « O Almirante », como familiar e significativamente o designava o povo, era devêras querido por brasileiros e estrangeiros, era uma figura popular.

Tendo-se distinguido, desde muito novo, pelas qualidades, pouco communs, da sua intelligencia, illustração, coragem, sangue-frio e sociabilidade, CUSTODIO DE MELLO exerceu, em idade quasi juvenil, importantes commissões de serviço, visitando os principaes portos da Europa e sendo recebido no Chile com applausos que ainda perduram na memoria dos que o acompanharam.

Em toda parte o distincto official representou com grande dignidade o seu paiz, e a Marinha Brasileira adquiriu no velho e novo mundo um prestigio que, infelizmente, os governos de hoje têm em bem pouca monta.

E' muito cedo ainda para julgar a sua actividade politica. Estão muito recentes, sangram ainda as largas feridas da luta civil, e só o tempo, a calma, a reflexão, a correspondencia confidencial, o apaziguamento dos ódios e malquerenças derramarão luz clara sobre os acontecimentos e os homens desse interregno violento.

O marinheiro e o patriota resistem, porém, a todas as controversias. O seu activo excede em muito o seu passivo. A serie de serviços prestados pelo illustre almirante ao Brasil é em demasia avultada para que se não perdôe qualquer erro ao politico eventual.

O certo é que jamais a patria se lhe dirigiu em vão reclamando uma intelligencia clara e um braço forte. ; E quem sabe si muito breve não seria preciso o auxilio dos valiosos predicados que o distinguiam ! ».

**1852** — Morre no Rio de Janeiro o senador do Imperio e conselheiro JOSÉ SATURNINO DA COSTA PEREIRA, nascido na colonia do Sacramento (hoje do Uruguay) a 22 de Novembro de 1773.

Era bacharel em mathemática pela Universidade de Coimbra, official do corpo de engenheiros, professor jubilado da Escola Militar e escreveu diversas obras didácticas, sendo dignas de nota as seguintes:

*Diccionario topographico do Imperio do Brasil*, 1 vol. de 258 págs. (1834); *Elementos de Lógica*, 1 vol. de 122 págs. (1834); *Compendio de Geographia elementar*, 1 vol. com estampas (1836); *Elementos de Geodesia*, 1 vol. (1840); *Lições elementares de óptica*, 1 vol. (1841); *Elementos de cálculo differencial e de cálculo integral*, 1 vol. (1842); *Apostamentos para a formação de um Roteiro das costas do Brasil*, 1 vol. de 236 págs. (1848) e um *Mappa do Rio Grande do Sul*, desenhado em 1841, de que existe cópia em aquarela no Archivo Militar.

COSTA PEREIRA compilou de bons autores uma interessante *Recreação Moral e Scientifica*, ou *Bibliotheca da Juventude*, dedicada a S. M. o Imperador D. PEDRO II, que constava de 7 tomos, segundo o Dr. SACRAMENTO BLAKE; sobre a qual escreveu o illustre poeta e romancista JOAQUIM MANUEL DE MACEDO o seguinte tópico :

« Fortuna adversa, mão inimiga e traçoira incendiára o collegio de um sabio director; fugindo este á perseguição e levando consigo dedicados alumnos, viajara o Brasil, percorrendo seu litoral e interior, e abundando em episódios românescos e adequados, ensinava humorística e amenamente a geographia e a topographia, as producções naturaes e os costumes dos índios e sua catechese, emfim toda a immensa grandeza do Brasil a seus jovens discípulos e companheiros de peregrinação ou de viagem scientifica ».

**1865** — Proclamação do presidente de Matto-Grosso.

« ¡ Matto-grossenses ! — A injustificavel ameaça do governo da República do Paraguay, feita ao Imperio em sua nota diplomática de Agosto próximo passado, está consummada:

No dia 27 de Dezembro findo uma expedição paraguaya, composta de numerosos navios a vapor e á vela com cerca de 5.000 homens, accommetteu o forte de Coimbra; — e intimou ao commandante, o tenente-coronel HERMENEGILDO DE ALBUQUERQUE PORTOCARRERO, a sua entrega dentro do praso de uma hora, sob pena de romper o fogo para conseguillo á viva força, ficando em tal caso a guarnição sujeita á sorte das armas!

Contra tão desleal aggressão protestaram energicamente a guarnição do forte de Coimbra e do vapor *Anhambahy*, seu auxiliar, composta de menos de 200 bravos.

Esse protesto já pertence á historia; e nella está escripto pelas armas imperiaes; tintas no sangue dos aggressores, sangue que custou a mutilação e a morte de centenaes desses temerarios durante dois dias de renhido combate.

¡ — Solemne, glorioso protesto ! — ¡ Matto-grossenses, ás armas ! ¡ E com ellas em punho rivalisai com os valentes soldados do forte de Coimbra e marinheiros do vapor *Anhambahy*!

¡ Viva a Nossa Santa Religião ! — ¡ Viva Sua Magestade o Imperador ! — ¡ Viva a Integridade do Imperio !

Palacio do governo da provincia de Matto Grosso, 9 de Janeiro de 1865. — O presidente, *Alexandre Manuel Albino de Carvalho*.

**1882** — Morre na cidade de Niteroy o capitão de engenheiros Dr. AUGUSTO GUANABARA FERREIRA DA SILVA, nascido na mesma cidade a 26 de Fevereiro de 1849.

Dizo autor do *Brasil Marcial*, no 1º volume da sua obra intitulada *Poetas do Brasil* (págs. 107 a 110) :

« AUGUSTO GUANABARA assentou praça em 1867, tomou parte na guerra do Paraguay, de onde regressou ao Brasil commissionedo no posto de 2º tenente de artilharia; concluiu o curso de engenharia militar, bacharelando-se em mathematicas e sciencias phisicas em 1876; e, sendo nomeado por seus collegas orador no acto da collação do grau, pronunciou então um notavel discurso.

Foi professor do curso de cavallaria e infantaria da Escola Militar do Rio Grande do Sul (1876-1881), lente da 2ª cadeira do 2º anno da mesma Escola, engenheiro da Câmara Municipal de Porto Alegre e deputado á Assembléa Provincial do Rio Grande do Sul.

Promovido ao posto de capitão em 1876, a morte interrompeu uma das mais justificadas esperanças do nosso Exército e da poesia nacional, de que foi um cultor entusiasta.

Deixou varios trabalhos em prosa, inéditos uns, outros exparsos pelo jornalismo da época, todos de grande valor literario, além de um volume de poesias, por elle colleccionadas sob o titulo de *Realidades e Sonhos*, mas que só foi publicado um anno depois do seu fallecimento.

O Sr. PEDRO GOMES, consciencioso traductor de HEINE e de BYRON, prefaciando as poesias pósthumas de AUGUSTO GUANABARA, escreve « a triste historia de um talento de primeira agua Com a sua prematura morte soffreu o Brasil dupla perda, vendo-se privado do servidor dedicado e do inspirado poeta.

Infelizmente não foi possivel colleccionar todas as suas poesias; porém as que adiante se encontram, inclusive um poema romântico, apenas esboçado, poderão dar a medida do que do autor se deveria esperar. Creio que não me cega a amisade ao encontrar grande valor nessas inspiradas estrophes ».

Como se vê, AUGUSTO GUANABARA era um dos finos intellectuaes do nosso brilhante Exército, onde a galeria dos scientistas colloca o livro na panoplia das mais scintillantes espadas.

Muitas de suas poesias, no livro das *Realidades e Sonhos*, manifestam claramente a funda impressão produzida pela constante leitura dos versos de CASTRO ALVES: notando-se, porém, que o cantor flumi-

nense estava longe de emparelhar nos altos vôos com o condor hugoniano.

Uma das mais interessantes, além de ser a mais original de todas as poesias de AUGUSTO GUANABARA, é a seguinte, naturalmente escripta nos seus bons tempos de estudante :

## CAPRICHOS

*Amores mathematicos*

¡ Como és bella e gentil, meiga *figura*,  
Fantástica visão dos sonhos meus!  
Ah ! ¡ — quem negara no *perfil* que ostentas  
Os meigos *traços* do pincel de um DEUS ?...

Tu és na terra uma *unidade* casta,  
Com que devera comparar-se o bello :  
És o *limite* onde o sublime acaba...  
¡O *imaginario* de incessante anhelos !

Ah ! que si o mundo, tão cruel, tão louco,  
Não nos fizesse *designaes* na sina,  
¡A que *potencia* não me fôra est'alma  
Pelo *contacto* dessa mão divina ?

Oh ! como é triste... que infernal idéa  
Me assalta a *fronte*, que já vai pendida,  
¡Ver-me na terra indefinida *assymptota*,  
Sempre afastado de teu sêr, querida !

E desses olhos, amorosos *focos*,  
Que brotam *raios* que me têm ferido,  
¡Por que hei de ver-me repellido sempre,  
Na *trajectoria* de um viver descrido ?

Ah ! si me desses um *dx* de affecto...  
Si me ajudasses nesta insana *lida*...  
¡Talvez então nessa *igualdade* eu visse  
O *x* occulto do *problema* — vida !

Então te fôra a *projectão* do corpo ;  
Qual *ordenada* junto a ti seria ;  
E, *transformada* tão mesquinha sorte,  
Comtigo um *ponto de commum* terla...

Mas ah ! ¡ — que loucos, que impossiveis sonhos !  
Vejo o *infinito* e conhecel-o quero...  
E' *negativo* o sentimento della,  
¡Pára, insensato ! ¡teu desejo é *zero* !

E como eu fôra venturoso ainda...  
— Só em pensal-o me delira a mente —  
Si de teu corpo á graciosa *curva*  
Me visse uma hora, uma siquer, *tangente*...

Si, confundido prolongando a vida,  
 Ella nos fosse bem normal no gozo,  
 Eu te escutando de continuo a face,  
 E tu sorrindo, com um sorriso mimoso...

A minha vida é uma função da tua;  
 A somma de ambas uma só faria;  
 Mas, derivada do infernal vontade,  
 E' minha sorte não gozar-te um dia.

Oh! dá-mo ao menos um *dx* de affecto;  
 Não me abandones nesta immensa lida;  
 Talvez... si um dia me igualar contigo,  
 O *x* encontre do *prbllema* — vida!

### OS HOMENS DO DIA

**1878** — Morre em Roma VICTOR MANUEL o primeiro Rei da Italia, depois da unidade da patria italiana, proclamada a 20 de Setembro de 1870, depois da victoria das forças garibaldinas. Nasceu em 1820 e fôra anteriormente Rei da Sardenha.

### 10 DE JANEIRO

**1560** — Embarca na Bahia o governador geral MEN DE SÁ, com a expedição que aprestou, em demanda, do Rio de Janeiro, afim de expellir os francezes que foram deixados por VILLEGaignon. A expedição compunha-se de duas naus de alto bordo, que havia trazido da metrópole o capitão-mor BARTHOLOMEU DE VASCONCELLOS (vide a *ephéméride* de 30 de Novembro de 1559), e de oito ou nove navios bem surtidos, partindo com essa armada para o seu destino.

« Eu me fiz logo prestes, diz MEN DE SÁ á Rainha Regente D. CATHARINA, o melhor que pude, que foi o peor que um governador podia ». (Vide a *ephéméride* de 21 de Fevereiro).

**1635** — Partem da Parahyba para a Goyanna 750 holandezes, dirigidos pelo coronel ARCIZEWSKI, que chegou ao seu destino dois dias depois, sendo bem recebidos dos moradores da povoação e visinhanças, os quaes, sem armas nem meios de resistencia, se entregam como vassallos dos Estados Geraes e da Companhia das Indias.

**1639** — Surge em frente do Recife a poderosa esquadra hispano-portugueza, que vinha restaurar as capitánias occupadas pelos hol-

landezes: commandava-a, o CONDE DA TORRE, D. FERNANDO DE MASCARENHAS, novo governador do Estado do Brasil.

Não produziu, porém, ella os resultados que devia e se suppunha, apesar de formidavel, por ter ido esperar pela espanhola em Cabo Verde, o que deu causa a que fosse largamente dizimada a marinhagem por uma febre endêmica daquella ilha, fallecendo igualmente D. FRANCISCO DE MELLO E CASTRO, que devia commandar as forças de terra.

O apparecimento da esquadra causou extraordinario terror aos hollandezes; mas o general, em vez de desembarcar e cair sobre o inimigo com a gente válida de que podia dispor, passou adiante, seguindo para a Bahia, por ter os navios cheios de doentes. A 20 chegam áquella cidade, onde D. FERNANDO toma posse do seu cargo.

**1681** — Morre na cidade de Olinda o famoso cabo de guerra JOÃO FERNANDES VIEIRA, um dos heróes que, na phrase de TEIXEIRA DE MELLO, «poz termo na porfiada lucta ao diuturno dominio dos hollandezes em Pernambuco, tendo elle e VIDAL DE NEGREIROS vivido ainda depois disso mais 27 annos». (VISCONDE DE PORTO SEGURO, *Historia das lutas com os hollandezes*).

**1683** — Reune-se o povo da villa de S. Paulo no largo da Casa do Conselho, clamando em altas vozes: — *Viva o povo e morra o mau governo!* — D'ali parte armado em busca dos officiaes da câmara e os traz á sala do conselho, onde requer que se lhe tome por termo que elle, povo, «não queria que viessem mais ouvidores e corregedores de comarca, por serem muito prejudiciaes á terra e contra os privilegios dos donatarios da capitania».

Declarando os officiaes da câmara que não podiam tomar esse requerimento, foram ameaçados de morte immediata e cederam á pressão popular.

**1817** — Começa o bloqueio de Montevideo pela esquadilha portugueza ás ordens do CONDE DE VIANNA, que quatro annos depois commandou a esquadra em que a familia Real voltou para Portugal. (Vide a *epheméride* de 26 de Abril de 1824).

**1874** — E' promovido a alferes-alumno o actual coronel de engenheiros e bacharel em sciencias jurídicas e sociaes DR. GREGORIO THAUMATURGO DE AZEVEDO, nascido na villa, hoje cidade das Barras de Maratãoan, no Piauhy, a 17 de Novembro de 1853.

O coronel THAUMATURGO DE AZEVEDO é um dos mais brilhantes ornamentos do Exército, tanto por seu talento e illustração como pela

severidade do character, a independencia com que se bate pelas suas convicções e o patriotismo de que acaba de dar as mais exuberantes provas nas discussões que actualmente mantém pela imprensa sobre a melindrosa questão do Acre.

Era ainda major quando foi publicada em Lisboa (1891) a sua biographia, onde se lê estes tópicos: — «... o DR. THAUMATURGO DE AZEVEDO seria uma gloria brasileira, si não fossem de todo o mundo as glorias, propriamente ditas. Este é um dos beneméritos, que foi impellido pelo trabalho proprio ás culminações sociaes; este é um dos que têm deixado na sua passagem um rasto de luz, que nunca mais se lia de apagar ».

Concluiu em 1877 o curso de engenharia militar, em 1878 recebeu o grau de bacharel em mathemáticas e sciencias physicas, em 1887 o de bacharel em sciencias sociaes e juridicas, deixando brillante renome nas academias onde tanto se distinguiu; e era ainda muito joven quando foi nomeado ajudante e secretario da nossa Commissão de Limites com os Estados Unidos de Venezuela (1879-1883).

Em 1884 foi nomeado commandante geral das fronteiras do Amazonas e inspector das fortificações; e no anno seguinte director das obras militares em Pernambuco, onde se conservou até 1889, sendo então nomeado governador do Estado do Piauly; em 1890 nomeado director da repartição de Obras Públicas do Estado do Rio de Janeiro, foi em seguida promovido ao posto de tenente-coronel, por merecimento, tendo conquistado por estudos todas as promoções anteriores.

Em 1891 foi eleito governador do Estado do Amazonas, assumindo o governo a 1 de Setembro. Um anno depois foi deposto, por ordem do marechal FLORIANO PEIXOTO, sendo o último chefe de Estado que cedeu á violencia dictatorial, mantendo attitude tão sobranceira que foi arbitrariamente reformado, e preso assim que rebentou a revolta da esquadra, em 1893, como tantos outros brasileiros illustres.

Em 1895, revertendo ao quadro effectivo, foi nomeado chefe da nossa Commissão de Limites com a Bolivia, tendo pedido exoneração em 1897, sendo já então coronel, desde 9 de Março (com antiguidade de 21 de Julho de 1894). Nesse mesmo anno foi nomeado chefe da 3ª secção da repartição do Ajudante General do Exército, hoje extincta, e em 15 de Novembro de 1898 secretario do Ministro da Guerra, cargo que ainda exerce, sendo um dos mais poderosos auxiliares do benemérito marechal DR. JOÃO NEPOMUCENO DE MEDEIROS MALLET.

O coronel DR. THAUMATURGO DE AZEVEDO é commendador das ordens da Rosa e de Christo, cavalleiro de S. Bento de Aviz, da ordem militar

do Libertador SIMON BOLIVAR e tem a medalha (de ouro) militar. E' socio effectivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto Polytechnico e da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, que o elegeu seu 1º secretario; e correspondente do Instituto Histórico e Geográfico dos Estados de Santa Catharina e de Alagoas, da Associação dos Advogados de Lisboa e da *Asociacion de la Prensa* do Chile.

E' autor de muitas obras, algumas da maior importancia, como estas: *Avaliação* do material da empresa do Gaz do Recife (1888); *Representação* ao poder legislativo, contra um conselheiro e senador do Imperio (1888); *Discurso* pronunciado por occasião do assentamento da pedra fundamental da faculdade de Direito do Recife (1889); *Mensagens* do governador do Estado ao Congresso Amazonense (1891); *As reformas inconstitucionaes* (de officiaes do Exército e da Armada), *Nulidade do decreto de 12 de Abril de 1892* (Rio, 1895); e a *Memoria XV do Terceiro Livro do Centenario* (notavel trabalho sobre alianças, guerras, tratados e limites do Brasil).

Si o coronel THAUMATURGO DE AZEVEDO já não fosse um benemérito, bastava o ardor patriótico com que tem ultimamente demonstrado o nosso direito sobre a questão do Acre, para que o reconhecimento nacional o contemplasse na mesma esphera constellada em que se destacam as personalidades dos sabios ARAUJO RIBEIRO, VISCONDE DO RIO GRANDE, do Dr. JOAQUIM CAETANO DA SILVA, outro immortal rio-grandense, e do preclaro Sr. BARÃO DO RIO BRANCO, digno herdeiro e continuador das tradições paternas.

E' tão patriótico o trabalho scientifico do coronel THAUMATURGO DE AZEVEDO, que, em mais de uma data, terei de recorrer ao seu indispensavel auxilio, sempre que trate de assumptos de limites do Brasil.

**1900** — Morre na capital do Pará o illustre general de divisão FREDERICO SOLON DE SAMPAIO RIBEIRO, nascido em Porto Alegre (Rio Grande do Sul) a 28 de Dezembro de 1842, sendo notavel a coincidência de nascer precisamente no período mais agudo da revolução dos *Farrapos*, o homem que veio a representar um dos mais salientes papeis na revolução de 15 de Novembro de 1889.

Do livro de meu filho ALVARO (prompto para ser dado á publicidade) intitulado *Parnaso Rio-Grandense*, prefiro extrahir as seguintes notas, que estão de pleno accordo com a *Historia do General Solon*, que sua digna viuva está organisando, sob a direcção do Sr. BARÃO HOMEM DE MELLO:

« FREDERICO SOLON era filho legitimo do coronel VICTORINO JOSÉ RIBEIRO e de D. ANNA EMILIA DE SAMPAIO RIBEIRO. Seu pai, o benemérito fundador da villa da Estrella (que ainda não ha muitos annos era *estancia* de sua propriedade), foi tambem poeta na mocidade, e orador de assombrosa eloquencia. De suas poesias, porém, na maioria patrióticas, apenas restam algumas glosas e ligeiros improvisos, como este :

« Estava agora pensando  
 Como o tempo veloz passa . .  
 ; Como é breve uma ventura,  
 Como é longa uma desgraça ! »

Em 1855 FREDERICO SOLON assentou praça voluntariamente no 1º regimento de artilharia, matriculando-se na primitiva Escola Militar do Rio Grande do Sul, da qual passou, em 1859, para a antiga Escola Central do Rio de Janeiro. No anno seguinte, já 2º tenente de artilharia, foi desligado da Escola e mandado para o sul, por se ter pronunciado francamente republicano, sendo um dos chefes de uma manifestação de sympatia ao pronunciamento revolucionario de THEÓPHILO OTTONI, em Minas.

« Eis ahi o facto, diz um dos seus biógraphos, que maior influencia naturalmente exerceu no ánimo do general SOLON, fazendo com que, nem depois de se ter batido no Paraguay e haver recebido os maiores elogios de seus superiores junto do soberano, jamais modificasse o seu ideal politico, que sempre e cada vez mais ardente se retemperava, dia a dia, com o enthusiasmo e a fé de fervoroso crente ».

Fez toda a campanha do Uruguay e logo em seguida a tremenda guerra do Paraguay onde conquistou postos por actos de bravura, como se vê na sua brilhante fé de officio, regressando á patria como capitão de cavallaria.

Matriculou-se na Escola Militar de Porto Alegre, concluindo depois de capitão o curso das tres armas.

Chegou ao posto de general de divisão, depois de ter representado o mais saliente papel nos acontecimentos que determinaram a queda da Monarchia e a proclamação da República, que partiu de seus labios, a 15 de Novembro de 1889.

QUINTINO BOCAIYUVA, no seu artigo *Na defensiva* (publicado n' *O Paiz* de 28 de Novembro de 1891) diz : — « Está vivo e são

um dos homens para quem posso appellar e que mais influencia exerceu no êxito da revolução de 15 de Novembro, esse homem foi o coronel FREDERICO SOLON DE SAMPAIO RIBEIRO. Do meu proprio punho deve elle possuir no seu archivo privado o testemunho do meu reconhecimento ».

ARISTIDES LOBO, em uma das suas *Cartas do Rio*, publicadas no *Diario Popular* de S. Paulo, diz: — « O resultado da eleição á Constituinte foi regularmente satisfactorio para a República, mas deu-se uma preterição lamentavel: a exclusão de SOLON. Uma eleição que consagra a revolução de 15 de Novembro refutou os seus nobres intuitos recusando no Congresso um logar a um dos vultos mais eminentes no momento revolucionario.

Alem disso, SOLON foi um dos organisadores da revolução, o braço formidavel que assegurava a victoria e, si juntarmos a tudo isso os seus méritos pessoais e a grande lucidez do seu espirito apaixonado pelo progresso e dotado de um patriotismo ardente, temos que a ninguem assistia o direito de preteril-o.

A Nação e a República ficam em grande dívida para com um dos seus mais abnegados libertadores. Pelo que me diz respeito penetra-me esse facto não sei que estranho desânimo »...

Foi o general SOLON governador do Estado de Matto Grosso, deputado ao Congresso Federal, inspector do Arsenal de Guerra de Belém e commandante dos 1º, 3º e 7º districtos militares. Quando deputado, apresentou um projecto, que foi rejeitado, afastando os militares da politica.

Um dos bravos e finos intellectuaes do nosso exército, TRAJANO CESAR, disse: — « Rio-Grandense, nascido de uma familia de nobres servidores da patria, SOLON encetou a carreira das armas em 1859. Em 1865 fez seu baptismo de fogo na campanha do Estado Oriental. Dahi em diante nenhuma diligencia de guerra lhe foi estranha, a todas assistiu, levando-lhes o tributo de sua bravura e patriotismo.

Como attestados desta vida de sacrificios, ornavam-lhe o peito as medalhas da campanha do Uruguay, do Mérito Militar e da guerra do Paraguay com o passador n. 5, e as medalhas concedidas pelo Estado Oriental e a República Argentina.

Era um official illustrado, foi poeta na sua juventude, tinha o curso das armas de infantaria, cavallaria e artilharia, e robustecera o seu talento com adiantada educação literaria. Possuia um espirito de criteriosa independencia, que depois das campanhas lhe valeu a

constante má vontade dos áulicos, transferencias inesperadas e repetidas preterições ».

O illustre official poderia ter acrescentado que a República, *que elle fez*, ou da qual foi um dos principaes factores, si assim querem, o encarcerou em uma fortaleza, durante quinze mezes, pelo crime de ter apresentado um projecto de lei, no Congresso, afastando o militarismo da politica.

Morreu finalmente o heróe; tratemos agora do poeta. Antes, porém, de o fazer, ouçamos mais uma vez QUINTINO BOCAYUVA, que concluiu o seu necrologio com este bello tópico, vibrante de verdadeira justiça :

— « Pode-se dizer do general SOLON que as estrellas que scintillavam no punho de sua farda foram arrancadas pelas suas mãos do proprio pavilhão em que elle as engastara com a ponta da sua gloriosa espada e com a intrepidez do seu civismo de brasileiro emérito ».

Do poeta pouco se pode dizer, pois nunca colleccionou os seus versos, fazendo-os apenas durante a mocidade, ora para dar expansão aos sentimentos íntimos, ora para attender aos pedidos de parentes e amigos.

A poesia, no Rio Grande do Sul, como se observa nos versos dos generaes OSORIO e SOLON, era como que uma obrigação dos espiritos de certa superioridade. A' legendaria Sparta nacional, que nada tem que invejar á Athenas, podem ser applicados os versos de GOMES DE AMORIM :

Nesta terra abençoada  
Tudo que nasce é poeta ».

A lei da hereditariedade manifestou-se em SOLON, robustecida pela lei atávica : seu pai, e dois dos seus antepassados, JOSÉ BONIFACIO e ANTONIO CARLOS RIBEIRO DE ANDRADA E SILVA, foram todos poetas ; são tambem poetas seus sobrinhos MUCIO TEIXEIRA e ALARICO RIBEIRO, o primeiro, filho de uma irmã de SOLON, e o segundo, filho de um irmão, o engenheiro CINCINNATO HERCULANO DE SAMPAIO RIBEIRO.

---

Eis alguns de seus versos :

## I

## NOCTURNO

— « Inconstante », disseste... — e no entanto  
Eu te adoro com toda minh'alma ;  
És na vida o meu único encanto,  
Foi por ti que perdi toda a calma.

Eu vivia, entre sombras perdido,  
Vendo espectros a cada momento ;  
Foste um anjo, do céu foragido,  
Que me veio trazer novo alento.

Foste um astro de ardentes fulgores  
Nesta noite de funda saudade ;  
Tens nos seios o aroma das flores,  
E o divino sabor da bondade.

Tens nos olhos uns húmidos brilhos  
Que promettem estranhas venturas ;  
És capaz de vencer os caudilhos...  
; És capaz de causar mil loucuras !

Dos desejos na luta renhida,  
Nem eu sei que te possa dizer  
A teus pés — atirei minha vida ;  
Em teus braços — desejo morrer.

## II

## SETE DE SETEMBRO

Por fero despotismo agrilhado  
Que ao lusitano jugo te prendia,  
Tu foste, ó meu Brasil, á tyrannia  
Por mais de séc'los tres escravizado.

Portugal, por teu ouro cubiçado,  
 Por mais tempo humilhar-te pretendia ;  
 Si da Patria um heróe, com energia,  
 Não mudasse os destinos do teu fado.

Foi BONIFACIO o patriota ingente  
 Que impoz á real prole sua vontade,  
 Proclamando o Brasil independente.

Eis que brada do céu a Divindade :  
 — ¡ Salve, nova Nação ! ¡ Nação potente, nã  
 Que tens na Independencia a Liberdade !

### III

#### A GARRAFA

##### I

Garrafa que não tenha no seu bôjo  
 Champagne ou paraty, cerveja ou porto,  
 Cognac italiano ou kummel russo...  
 E' um corpo sem alma, um corpo morto.

E' como a mulher fria que não ama ;  
 Autômato insensível, que não fala ;  
 E' como o vil covarde, que supporta,  
 Insultos na bochecha... e que se calla.

##### II

Mas a garrafa cheia de cerveja,  
 Espumante champagne ou velho porto,  
 Cognac italiano ou kummel russo...  
 ¡ E' nau que chega ao desejado porto !

E' como a mulher bella, que tem n'alma  
 Mui desejos. — ¡ — e amor no coração !  
 Como a mulher que amo, ¡ — e que me abraza  
 Nas vivas labaredas da paixão !

Como se vê, o general SOLON não sabia somente fazer revoluções, como a que modificou os destinos da nossa patria : sabia também fazer versos, e versos bons.

O autor do *Brasil Marcial*, tão intimamente ligado ao general SOLON por laços de sangue, não pode, por isso, entrar na apreciação do heróe ; mas cabe-lhe o direito de poder dar público testemunho do alto apreço em que sempre teve o seu character honesto e independente.

---

#### OS HOMENS DO DIA

**1482** — Nasce em Portugal o célebre piloto BARTHOLOMEU DIAS, que em 1486 descobriu o Cabo da Boa Esperança, na extremidade sul do continente africano. Morreu em um naufragio, nas alturas do mesmo cabo, em 1500.

**1769** — Nasce na França o famoso marechal NEY, denominado *o bravo dos bravos*, que foi fuzilado em Dezembro de 1815, por ter tomado parte na conspiração para a volta de NAPOLEÃO ao throno de França.

**1778** — Morre o célebre botânico sueco LINNEU, nascido a 21 de Maio de 1707, fundador da Academia de Stokolmo.

---

#### 11 DE JANEIRO

**1632** — Sai uma partida de flamengos do forte que occupavam na ponta da Asseca e que elles denominavam Waerdenburch, com o intento de fazer fachina na margem esquerda do rio Capiberibe ; e o capitão LUIS BARBALHO embaraça-lhes o intento, conseguindo, depois de algum tiroteio, aprisionar dois dos inimigos.

Essa captura foi de bastante valor para os pernambucanos, que vieram a saber por elles que os seus preparavam uma grande expedição, cujo ponto objectivo ignoravam ; mas poz essa revelação aos nossos de sobreaviso, prevenindo-se disso ao governador da Parahyba, para onde se desconfiava que se dirigia aquella expedição.

**1636** — O exército de D. LUIS DE ROXAS E BORJA, que a 6 partira da Laguna (Alagoas), aproxima-se das fortificações que os holandezes tinham em Peripueira. (Vide a *epheméride* de 12).

**1699** — Carta régia determinando que, visto haver engenheiro no Estado do Brasil, se abrisse uma aula de fortificação, em que se admittissem até tres discipulos, com o vencimento diario de 50 réis, além do soldo, si fossem soldados.

Foi lente dessa aula o brigadeiro JOSÉ FERNANDES PINTO DE ALPOIM, nascido no Brasil em fins do século XVII e fallecido no Rio de Janeiro em 1770. Tinha o curso de mathematicas, serviu na arma de artilharia e foi um dos officiaes mais illustrados do seu tempo.

Publicou duas obras, intituladas *Exame de Artilheiros* e *Exame de Bombeiros*; a segunda comprehende 10 tratados e foi consagrada ao capitão-general GOMES FREIRE DE ANDRADE, governador do Rio de Janeiro e Minas Geraes; e a primeira foi mandado recolher por carta régia de 15 de Julho de 1744, sob pretexto de não cumprir a pragmática acerca do tratamento militar.

**1817** — Começa o bloqueio de Montevidéu pela esquadrilla portugueza ás ordens do CONDE DE VIANNA.

**1721** — Morre o governador de Pernambuco MANUEL DE SOUSA TAVARES, sendo substituido nesse cargo pelo mestre de campo (coronel) D. FRANCISCO DE SOUSA, que se conservou interinamente no governo até passal-o ao governador effectivo D. MANUEL ROLIM, que serviu até 6 de Novembro de 1727.

**1822** — Os acontecimentos do dia 9 tinham causado geral satisfação, excepto nas tropas portuguezas, as quaes, em número de 2.000, sob o commando do general JORGE DE AVILEZ, sahiram dos quartéis e foram occupar o morro do Castello, para obrigar o principe D. PEDRO a deixar o Brasil, obedecendo ás ordens das côrtes de Lisboa.

No dia seguinte reuniu-se o povo, armado, no campo de Sant'Anna, e não só essa attitude popular como a falta d'agua no mencionado morro, fizeram o general portuguez receiar-se de assumir a responsabilidade de um acto tão serio, passando-se para o outro lado da bahia, e estabelecendo o seu quartel-general na Praia Grande.

Ahi recebeu AVILEZ intimação de D. PEDRO para retirar-se com as suas tropas para Portugal, intimação a que elle obedeceu, embarcando-se e partindo no dia 15 de Fevereiro. Ouçamos o autor das *Ephemérides Navaes*:

«Intentando o general JORGE DE AVILEZ JUSARTE DE SOUSA TAVARES demover o principe D. PEDRO, da resolução tomada no dia 9 e sendo demittido do cargo de commandante da divisão auxiliar, revolta-se com a força a suas ordens.

Constava a divisão dos batalhões 11º aquartelado no largo do Moura, 15º no quartel de Bragança, 3º de caçadores em S. Christovam e 4º de artilharia na cavallariça do Paço.

O Dr. Soares de Meirelles, em uma carta que foi publicada na *Exposição Histórica da Maçonaria do Brasil*, de MANUEL JOAQUIM DE MACEDO, diz:

« Eu estava no theatro. o commandante do 11º vindo-me disse-me que o acompanhasse. Entrámos na casa do coronel João de Sousa, com quem falou em particular e partimos para o quartel. Ali estando chegaram o mesmo João de Sousa, os generaes Jorge de Avilez, Carretti e outros.

Poz-se logo o batalhão em armas. Depois de alguns minutos de conferencia, partiu o ajudante a galope para S. Christovam afim de fazer pôr em armas o batalhão 3, outro official para o quartel de Bragança e artilharia n. 4 para que este e o n. 15 tambem se puzessem em armas.

Como o commandante, no furor em que estava, não reflectiu que eu era brasileiro e não partilharia os designios seus e dos seus, disse-me: *como seus patricios não querem ser livres, havemos de dar-lhes a liberdade á força, e o Principe desobediente (foi outro o termo de que se serviu), agora mesmo ha de ser preso, pois vamos cercar o theatro e havemos de leva-lo pelas ore-has para bordo.*

Como eu estava á paisana pedi-lhe licença para ir a casa fardar-me. Parti immediatamente para o theatro e fui ter ao camarote do major de dia, que era José Joaquim de Almeida, de meu corpo. Tomando-o de parte contei-lhe o que havia; elle conduziu-me ao camarim do Principe e fel-o chamar, para communicar negocio grave.

O Principe sahiu incontinenti. Eu lhe communiquei o que havia. Não voltando mais ao camarim, partiu immediatamente para São Christovam.

Divulgada a noticia da violencia que os officiaes portuguezes queriam empregar contra o Principe — continua o Dr. MOREIRA DE AZEVEDO na memoria impressa na *Revista do Instituto Histórico*, vol. 31 — irado correu o povo para as ruas e praças e tratou de tomar armas de defesa. Formaram os officiaes brasileiros uma guarda de honra para acompanhar o Principe até a Quinta da Boa Vista.

Tocou-se a rebate. Cidadãos de todas as classes apresentaram-se armados ou correram ao quartel do campo de Sant'Anna para tomar o

mosquete e a patrona : officiaes reformados, sacerdotes, empregados públicos e negociantes empunharam armas e se alistaram como simples soldados.

Apesar de se achar atacado de gota, tomou o general JOAQUIM DE OLIVEIRA ALVARES o commando da força e mandou vir da Praia Vermelha a bateria de artilharia montada, que foi conduzida por animaes da cavallariça do Principe.

Occupando o morro do Castello e, assestando uma peça contra a casa do capitão Rocha, tomou a divisão portugueza, ao amanhecer do dia 12, uma posição ameaçadora: na cidade achava-se o povo armado, e pela effervescencia e movimento guerreiro, podia-se prognosticar grave conflicto. Mas, receiando da resistencia que os fluminenses podiam apresentar, crendo nas noticias exaggeradas de meios de defesa, artificialmente espalhadas, resolveu Avilez, intimado pelo Principe, capitular, conservando seus soldados as armas e retirar-se para a Praia Grande, na outra banda da bahia, onde julgava poder permanecer até chegar a expedição esperada de Portugal, sendo então mais facil a resistencia e mais seguro o resultado da luta». (V 9 de Fevereiro).

**1823** — O marechal CANDIDO XAVIER DE ALMEIDA E SOUSA tomou posse da presidencia do Governo Provisorio de S. Paulo, creado por carta de lei das côrtes de Lisboa e nomeado pelos eleitores da parochia.

**1828.** — E' lançado na lagôa Mitim (Rio Grande do Sul) um lanchão que foi transportado até ali, em uma carreta, desde a costa do Uruguay; e com o qual tomaram os corsarios a canhoneira *Dezenove de Outubro* e dois hiates que ella comboiava, obrigando o commandante de outra canhoneira a lançar-lhe fogo para não ser tomada tambem.

Os dois hiates foram logo armados em guerra, ficando assim o inimigo com 4 navios. Senhores da navegação da lagôa, mantiveram-se nella os corsarios até Abril, deixando cortada de recursos a guarnição postada em Santa Thereza, a qual teve de recolher-se ao Tahim.

Reuniu-se então na cidade do Rio Grande uma esquadriha, que apesar de ser quatro vezes maior que a do inimigo, não sahio a dar-lhe caça, não obstante as reiteradas reclamações de seu commandante, por julgar o VISCONDE DA LAGUNA dever esperar que chegasse do Rio de Janeiro o chefe de divisão TAYLOR para assumir o commando

« Enquanto se perdia assim o tempo, diz um chronista contemporaneo, o general LAVALLEJA preparava um ataque ao Rio Grande, dispondo que embarcassem na sua esquadrilla 2 ou 4 peças de artilharia e dois batalhões ao mando do general PAEZ, afim de passal-os para a margem oriental da lagôa e encorporal-os á cavallaria, que já tinha transposto o passo de S. Miguel.

Estava tudo disposto e calculado para o assalto, quando o marechal BROWN, passando o Jaguarão no dia 15 de Abril, e apparentando ameaçar Certo Largo, obrigou o general PAEZ a contramarchar, estando já no Talim a cavallaria oriental.

O commandante da esquadrilla brasileira fundeada no Saugradouro, o 2º tenente de commissão MANUEL JOAQUIM DE SOUSA JUNQUEIRA, sabendo que os corsarios haviam sahido de Sebolaty, largou a canhoneira de seu commando e outra (que não podiam passar o baixio) e sahiu ao encontro delles com as tres menores.

A acção, renhida e porfiada, travou-se no dia 23 de Abril, sendo retomada a canhoneira *Dezenove de Outubro*, denominada *Lavalleja* pelos corsarios, cahindo prisioneiro o seu commandante capitão-tenente CALIXTO GARCIA. Os dois hiates conseguiram escapar, acolhendo-se á próxima barra do arroio S. Luis, onde a sua guarnição os destruiu, para não cahirem em poder dos brasileiros.

Não é facto único na historia do Rio Grande do Sul a audacosa travessia por terra, de dois lanchões em carretas de bois, effectuada em Julho de 1839 por GARIBALDI, desde o sacco do Capivary, na lagôa dos Patos, até a barra do Tramandahy no oceano.

Durante a chamada campanha de 1827, o facto se havia dado mais de uma vez, segundo affirma o illustre BARÃO DO RIO BRANCO nas *Ephemerides Brasileiras*, citando os nomes dos corsarios FOURNIER e SORIANO, que transportaram varios lanchões desde Maldonado até a lagôa Mirim ».

**1829** — Nasce no Rio de Janeiro o brigadeiro CONRADO MARIA DA SILVA BITTENCOURT, fallecido a 8 de Maio de 1885. Era moço fidalgo com exercicio na Casa Imperial, cavalleiro da ordem de Christo, official das do Cruzeiro e da Rosa e commendador da de S. Bento de Aviz, condecorado com as medalhas da campanha Oriental de 1852 e da guerra do Paraguay.

Tinha o curso da arma de artilharia, passou para o estado-maior de segunda classe, foi quartel-mestre general e presidente do conselho de fornecimento de viveres e forragens militares. Fez um *Mappa* do

theatro da guerra do Paragnay (entre a lagóa Pires e a villa de S. João, além do arroio Inthembucú); a *Planta* do Passo da Patria; um *Esboço* da batalha de Tuyuty; outro, do assalto de 16 de Julho de 1868 ás fortificações de Humaitá; a *Planta* do acampamento de Tuyu-Cué e publicou um livro de *Instrucções* para o serviço das peças de campanha de artilharia a cavallo.

**1890** — Grande manifestação popular á frente da qual uma commissão de senhoras entregou a seguinte: — « Mensagem da Mulher Brasileira ao tenente-coronel FREDERICO SOLON DE SAMPAIO RIBEIRO: — Cidadão SOLON.

O bravo militar que enfrenta a morte nos combates em prol da liberdade e honra da Patria; o bardo que vigílias curte á noite para compor brillantes epopéas em honra aos feitos gloriosos de quem uma victoria conta em cada cicatriz; o rústico aldeão que á mão callosa a terra lavra, que produz os louros que a frente cingem do soldado audaz; ; todos pelejam, para um só ponto convergindo os seus esforços, os pulsos rociando com o orvalho do labor! ; Esse ponto mágico, divino, attraente, seductor, capaz de fazer um heróe do pusilánime e um homem tigre de um rapaz cordeiro, é a mulher! ; A mulher mãe! ; A mulher esposa! ; A mulher filha!

Nossa patria, cidadão; a nossa cara patria, este Brasil tão grande como a immensidade, tão rico como a propria natureza, solo benedicto, em que tudo germina, e pullula soberbo e audacioso, como as árvores que as franças erguem, como provocando do espaço a intermína grandeza, de pulsos algemados, collo oppresso, abatida a frente, olhar envergonhado, estorceer-se a viamos nós entre os horrores que lhe cavavam o abysmo, que a teria de fragar, quando das garras do abutre que a lacerava se desprendesse fatalmente; quando nas pujanças de heróica intrepidez, não galopar infrene de adoravel e patriótico civismo, um homem surge grande como DESMOLIN, soberbo de gloria da conquista como os paladinos á margem do Ebro, e grita aos quatro ventos do universo: — ; Viva a República! — ; Este heróe? Fostes vós, bravo SOLON.

; Fostes vós, sim! Fostes vós a quem o vulcão incandescente da bravura, que vos constituiu o vulto mais saliente dos acontecimentos de 15 de Novembro, vos fazia refferver, convulso se agitando nas artérias, esse sangue, que se transformara em seiva de leão, porque sentieis que no coração uma voz harmoniosa vos bradava: — ; avante! ; Essa voz? ; era a mulher! ; a mulher mãe, a mulher esposa, a mulher filha!

E nós, que essa mulher tríplice aqui representamos, e que hoje podemos tão livremente sorrir como do valle as flores riem, não podíamos deixar de, em nome desta patria abençoada, vir sobre vós derramar as flores do nosso entusiasmo e gratidão, ; nós, que tínhamos dentro d'alma a patria e a revolução !

Acceitai, pois, cidadão SOLON, estas flores que vos offercemos, como a mais sincera significação do vosso incontestavel merecimento politico no conceito da mulher brasileira, ; que pelos olhos da patria enxergam em vós um filho dilecto, um bravo, um heróe ! — ; Viva a República dos Estados Unidos do Brasil ! ; Viva o Tenente-Coronel SOLON ! — Capital Federal, 11 de Janeiro de 1890. — *Carolina Ramalho de Abreu, Maria Esmeraldina de Barros Salles, Regina Valdetaro Moniz, Guiomar de França e Leite* ».

**1897** — *Relatorio* apresentado ao Ministerio da Guerra, sobre factos que se relacionam ás expedições da força federal no interior do Estado da Bahia e que tiveram logar durante o commando do general SOLON no 3º Districto Militar (*Guerra de Canudos*):

« Na momentosa supposição de haver sido o acto da minha exoneração consequencia immediata de factos que se prendem ás expedições da força federal no interior deste Estado, acto esse que, si me é permitido, reputarei de grande acerto, por descobrir nelle, tão somente, o elevado alcance do governo da República, evitando com a sua acatada resolução um possivel e improficuo conflicto de jurisdição entre o governo estadual e o meu commando, para o que, entretanto, de modo algum eu concorreria ; peço venia para a succinta exposição que ora faço, com o fim de esclarecer convenientemente a attitude que assumi ante as circumstancias que por último me cercaram, obedecendo sempre e indeclinavelmente, como me cumpria, ás ordens desse ministerio, e das quaes não me desviei uma só linha.

Assim, e comquanto me pareça já estar o governo de algum modo orientado a respeito, pelos frequentes, longos e minuciosos telegrammas que lhe fiz passar, tenho por dever, na supposição que alimento, referir o seguinte:

Cumprindo a sua ordem, exarada em telegramma do Sr. Ajudante General, de 21 de outubro último, promptamente satisfiz a requisição, pessoalmente feita pelo Sr. Dr. governador, de uma força de 100 praças da guarnição para atacar os fanáticos do arraial de Canudos, dizendo-me ser esse o número a tal fim sufficiente.

Ao receber as suas ordens, fiz-lhe, portanto, apresentar sem demora o tenente do 9º batalhão de infantaria Manuel da Silva Pires Ferreira, que a 6 de Novembro seguiu para Joazeiro afim de cumpril-as, com tres officiaes e 104 praças de pret do mesmo corpo, conduzindo apenas a munição necessaria e uma pequena ambulancia.

Ao seu encontro fiz seguir, após, por julgar imprescindivel, o médico indicado pelo respectivo chefe, levando mais alguns recursos para o exercicio de sua profissão. O mais foi feito pelo Estado. Convém accrescentar aqui que ao tenente Pires Ferreira apenas disse na occasião opportuna: « Salve os brios e a dignidade do Exército na commissão que vai desempenhar ».

Do que se passou com essa expedição dei promptas informações. O relatorio apresentado por aquelle official em seu regresso as completará.

Ante a noticia do assalto de Uáuá, improductiva victoria da força federal, informações insuspeitas sobre as condições dos fanáticos e a insufficiencia de pessoal e meios nesta guarnição, pedi recursos a prover estes e autorisação a reparar aquella, para, continuando-se as operações, chegar-se ao fim desejado.

Assim, devidamente amparado e autorizado, fiz seguir para o centro, de harmonia com o Sr. Dr. governador, o fiscal do referido corpo, major Febronio de Brito, com 200 e poucas praças, inclusive 100 de policia, um canhão Krupp calibre 8 e officiaes precisos, sendo elle convenientemente instruido pelo governo do Estado, que, na prestação dos recursos que lhe competiam, penso haver feito quanto possivel.

A 26 do referido mez de Novembro, seis dias depois do assalto de Uáuá, chegava á villa de Queimadas, margem do prolongamento da estrada de ferro, essa nova expedição, única então em operações e de que passo a me occupar em largos traços no quanto que se faz mister.

No dia seguinte referi ao Sr. Ajudante General o telegramma recebido do major, a quem prestei, tão promptamente quanto possivel, os recursos que solicitou, dependentes e ao alcance do meu commando. Era-me impossivel, porém, prestar-lhe já os reforços que me pedia.

A 28, manifestando o seu desejo de seguir, entre outros assumptos, perguntava-me quando partiria o resto da força. Respondendo-lhe, declarei que os reforços opportunamente seguiriam, que devia iniciar quanto antes as operações, cuja demora pederia acarretar prejuizos; que convinha aproveitar o desânimo produzido nos fanáticos pela derrota anterior; que o triumpho do tenente Pires fôra devido principal-

mente á presteza de sua marcha e á sua decidida resolução, e autorisei-o a tomar medidas urgentes que se tornassem necessarias, independente de consulta.

A 29 respondeu o dito official, alludindo a tópicos do meu telegramma, revelando o desejo em que se achava de cumprir o seu dever, explicando a causa de sua demora e promettendo operar em breve.

A 30 telegraphou-me novamente sobre o pánico reinante em alguns pontos, desencontro de boatos e outros assumptos. Respondi-lhe accordando em assegurar-se bem das informações que pudesse collier, insistindo na conveniencia de iniciar logo as operações, mesmo com vagar, uma vez que de outro modo não pudesse ser, porquanto os reforços iriam ao seu encontro no ponto onde estivesse. Aguardava nessa data 150 praças de Maceió, das quaes só poderia dar reforço apoz os recursos materiaes esperados do Rio. Em outro telegramma de igual data deu-me varias noticias collidas sobre o combate de Uiuá, de pessoa intima do coronel Leitão, de Santa Luzia, dizendo-me que este chefe politico e potentado do logar commerciava com os fanáticos, comprando-lhes pelles e sortindo-os de armas e munições, pelo que estava alerta a seu respeito.

Communicou-me no dia immediato, 1 de Dezembro, entre outras referencias, que estava preparando a mobilisação, realisavel até a próxima quinta-feira, e solicitando ao menos 100 homens dos chegados.

Nessa última data, respondi-lhe, então, manifestando-lhe a satisfação que me causavam essas communicações e a esperança que tinha de realisar-se a marcha impreterivelmente ao alvorecer daquelle dia, e que a força pedida breve estaria ao seu encontro, pois aguardava apenas munição e vencimentos.

Animando-o convenientemente sobre a confiança que tinha no bom desempenho da sua commissão, lembrei-lhe por essa occasião a conveniencia de certas medidas tácticas. Telegraphiei também aos Srs. Ajudante e Quartel-Mestre General sobre os embaraços resultantes ás operações da falta de pagamento á guarnição, por isso que não poderiam os reforços marchar sem vencimentos; tendo já, no dia anterior, remettido áquelle, para sua melhor orientação e do governo, as cópias das minhas ordens do dia ns. 231 e 233 sobre as occurrencias do centro com a força federal.

A 2 declarou-me o major Febronio que, tendo munição em abundancia, podia eu fazer seguir a força pedida, o que facilitaria o êxito das manobras para a invasão de «Canudos» e entre outros assumptos, que

se achavam em movimentos preparativos para marchar no dia imediato — a quinta-feira aprazada. Em telegramma posterior, da mesma data, referindo ter 243 praças, inclusive as deixadas pelo tenente Pires, entrou em várias considerações e disse concebera a necessidade de 400, pelo que si lhe remetteste mais 150 ou 160 acreditava num êxito completo. Repetiu não precisar de munição, estar em preparativos de marcha e referiu achar-se em grandes dificuldades para aquisição de animais de condução.

Attendendo então a que elle conduzira a quantia de 25:000\$, requisitada da Delegacia Fiscal para os vencimentos ordinarios do pessoal, como opportunamente declarei ao governo, e attendendo tambem á sua insistencia na remessa do reforço, declarei-lhe ter 100 homens promptos a seguir. Não podendo, porém, ser estes pagos aqui, por falta de meios, perguntei-lhe si dispunha de recursos para isto.

Dizendo mais existir ali em Queimadas balburdia completa; que todos mandavam e ninguem obedecia; todos promettiam e ninguem cumpria, parecendo minar egoismo ou despeito; que, faltando-lhe montadas e precisando, somente para a condução, 64 animais, apenas dispunha de 60; que se achava em constrangimento e até desespero; que agentes do coronel Leitão enviaram ao *Conselheiro*, por Stúiba, armas e munições, dizendo-se que iguaes soccorros haviam seguido pela estrada de ferro de Timbó; finalmente, que sua força estava prompta, disciplinada, afflicta pela operação, tendo por lemma «vencer ou morrer».

A tarde telegraphou-me de novo, dizendo não ter ainda a condução precisa, o que manifestava francamente attribuir a desentendimentos politicos; que ao clarear do dia seguinte se poria em marcha, ainda que devolvesse parte da munição, por falta de transporte, estando resolvido a marchar mesmo a pé; que, como soldado, era sua função morrer; que o governador estava illudido pelos seus de lá; que em todos havia embarços, ineptia das autoridades, achando-se em antagonismo o coronel Leitão, já mencionado, e o Dr. Arlindo Leone, juiz de direito de Joazeiro, etc.

Tambem em data de 4, já noite, recebi telegramma do Sr. general Ministro da Guerra, declarando que os publicados na Capital Federal indicavam não ser bastante a força em operações no centro contra ANTONIO CONSELHEIRO, que se interessava muito, por estar ao facto das occorrencias; que convinha empenhar tudo para debel-

lar-se o mal, evitando-se a possibilidade de qualquer revez, que seria de péssimo effeito.

A 5 respondi ao telegramma acima, manifestando estar de pleno accordo com a opinião do Sr. Ministro e abundando em considerações neste sentido, razão que justificava a exigencia das minhas reclamações. Referi-lhe as difficuldades que chegavam ao meu conhecimento sobre meios de transportes, que, por falta de recursos pecuniarios, não podiam ser adquiridos aqui pelo meu commando, recorrendo assim ao governador, cuja solicitude manifestada levava-me a pensar estivesse em iguaes difficuldades quanto áquelles meios, attentas as reclamações do centro.

Communiquei-lhe a marcha de mais 100 praças nesse dia e pedi-lhe não desse inteira fé aos telegrammas passados para as gazetas.

Em 4 communiquei ao major Febronio que no dia immediato seguiriam 100 praças e 3 officiaes, o que se effectuou; dei de tudo sciencia ao Sr. Ajudante General; communiquei-lhe a minha resolução de organizar nova expedição afim de operar por outro ponto com o mesmo objectivo, para o que aguardava somente os indispensaveis recursos pecuniarios já solicitados, etc.; resolução aquella que me fôra suggerida pela situação dos fanáticos, attenta a instante necessidade de êxito feliz, já em beneficio do Estado, já pela honra do Exército, empenhada nessa commissão. Na mesma data recebi do Sr. Ajudante General, em telegramma da véspera, communicação de haver o Sr. Ministro ordenado que devia eu telegraphiar sobre qualquer alteração occorrida no centro do Estado.

Immediatamente respondi, recapitulando ligeiramente as differentes communicações que nesse mesmo sentido havia feito e continuaria a fazer para sciencia e tranquillidade do governo, e terminei alludindo á conveniencia de não serem tomados em consideração telegrammas passados para as gazetas.

Officiei tambem ao major Febronio, dizendo-lhe, para que tivesse ainda maior confiança nas suas operações, que estava organisando, com as precisas reservas, uma nova expedição, a marchar por outro ponto com o mesmo objectivo e cuja marcha e modo de operar opportunamente lhe communicaria, razão por que não lhe podia remetter já um reforço maior; que, quanto ás difficuldades alludidas em seus telegrammas, tinha communicado-me com o governo do Estado no sentido de serem minoradas; que, convencido de saber o mesmo offi-

cial collocar-se acima da maior parte dellas, tinha a certeza de desaparecerem em grande parte com a sua marcha, que encheria de confiança as populações, que, aterradas pela dúvida do proseguimento das operações, retrahiram-se, produzindo embaraços por tal modo removíveis.

Ainda nessa data pela manhã telegraphava-me elle, dizendo que, impossibilitado de marchar anteriormente, pela falta de conducção, achava-se em campo, de armas ensarilhadas, prompto a fazel-o á primeira voz. Nada, porém, de conducção completa, apesar de reduzido o trem de guerra. Promettiam-na para a tarde.

Ao major Febronio procurei tranquillisar, dizendo seria incapaz de sacrificar a sua força; que convinha marchar, certo de ser amparado em qualquer emergência, contando seriam removidas as suas difficuldades, em cujo sentido eu não descansava, que parasse onde o seu criterio por qualquer circumstancia julgasse necessario; que com o reforço seguia officio meu; que se guardasse quanto possivel de falsas ou apaixonadas informações, etc.

Achando-se aqui em disponibilidade, com assento no Congresso estadual, o capitão do 9º batalhão de infantaria Salvador Pires de Carvalho e Aragão, que tem desempenhado varias commissões no interior e conhece toda a zona do norte do Estado, que serve de theatro ás explorações do theo-maniaco *Conselheiro*; e a despeito de outras informações e estudos feitos sobre o mappa, officiei-lhe pedindo promptos e minuciosos esclarecimentos sobre toda essa região, differentes caminhos que a força tinha a percorrer e os seus recursos prováveis, no que fui oportuna e convenientemente attendido.

Recebi ainda do Sr. Ajudante General communicação de que o Sr. Ministrô determinara informasse eu urgente o detalhadamente qual a força federal que operava no centro e qual a restante nesta capital; declarando a conveniencia de não subdividir a força em pequenas fracções e somente atacar quando reconhecesse favoravel o êxito, affirm de não ser aquella desmoralizada.

E' occasião de declarar, o que, entretanto, se deprehende da leitura feita, que de todas as occurrencias expostas teve o governo do Estado o conhecimento preciso naquillo que lhe affectava.

No dia 6 prestava eu as informações pedidas no telegramma anterior, affirmando não faria fracclonar as forças; reiterando a noticia da nova columna que projectava, do modo por que uma e outra operariam, razão que justificava esse plano. Quanto á segurança do ataque com a certeza

de êxito favoravel, disse seria preciso que tivéssemos pleno conhecimento dos elementos de que dispunham os fanáticos, o que não era inteiramente possível ; que seria preciso, pois, aventurar alguma coisa ; que julgava o governo, pelas suas expressões, mais bem informado do que eu ; que, assim, aguardava as suas ordens e recursos, sem assumir, entretanto, responsabilidades que ainda não me haviam sido impostas ; que convinha tomar-se somente a média das opiniões reinantes, etc.

Tendo assim, na maior e mais devida consideração o alto interesse do governo federal nessa questão, interesse que resulta claramente das suas communicações ; e havendo o major Febronio telegraphado-me de « Contendas », acampamento em marcha, sobre ter sido esta penosíssima e por caminhos impossiveis, e difficultosa a tracção da artilharia, dizendo haver deixado em Queimados 20 praças com official guardando as munições que seriam levadas por diante com a força do 33º, que já havia partido desta capital e que esperava o alcançaria em « Monte Santo » ; e considerando eu convenientemente, á vista de tudo isto, o dever que me cumpria de não consentir agora no proseguimento de sua marcha, pela qual tanto me houvera esforçado, sem que se lhe reunisse o mencionado reforço, determinei-lhe parasse onde estivesse, desde que não faltassem meios de alimentação ; que aguardasse ordem e aproveitasse o tempo em exercicios, communicando-me com urgencia o que fizesse, de accôrdo com esta ordem .

Em o seu referido telegramma, dizendo aquelle official que as suas informações obedeciam a factos, declarou-me que as diversas estradas de « Canudos » achavam-se tomadas por cerca de 3.000 fanáticos.

No mesmo dia 6, enviou-me o Sr. Dr. governador uma carta íntima e a cópia do telegramma que nessa data dirigira ao Sr. Ministro. Neste, concordava em serem mais que sufficientes para debellar e extinguir o grupo de fanáticos as medidas já tomadas, abundando em considerações a respeito ; naquella, dizendo-me haver lido os telegrammas que lhe mandara mostrar, deixava ver o mesmo pensamento, declarando não haver receio na expedição, sendo o mais temores infundados ; convir presteza na diligencia e dava-me razão na linguagem que falei sempre ao major Febronio. A S. Exa. porém, occorre-me, não tive occasião de fazer constar a minha ordem de alto ao dito official. Sendo, porém, esta, então, muito transitoria e de natureza puramente militar, nenhum embaraço produziria sinão maior segurança na marcha, uma vez reunida toda a força, segundo as instrucções do governo da União e das quaes não me cabia o direito de affastar-me.

A 7, sempre no proposito de communicar ao governo todos os meus actos relativos ás forças expedicionarias, remettia ao Sr. Ajudante General a cópia da minha ordem do dia n. 235, e, concebido o plano da nova columna, convidava officialmente o capitão Salvador para dirigir-a sob o commando geral do coronel Pedro Nunes Baptista Ferreira Tamarindo, commandante do 9º batalhão de infantaria, sendo acceito o convite. Nessa mesma data telegraphou-me o major Febrônio, declarando em solução ao meu telegramma anterior, que só em « Cansação », tres léguas acima do ponto em que se achava, poderia parar, por falta de recursos onde estava; serem inseguros os boatos que corriam sobre o *Conselheiro*; julgar poderia atacar « Canudos » com vantagens, fazendo baixar força, caso dispozesse de 400 a 500 homens para as columnas de ataque, cujo número suppunha bastaria; constar-lhe haver grosso de fanáticos fóra tres léguas para receber a força; urgir fossem definitivas as operações etc. e perguntando si não seria melhor aguardar as minhas ordens em « Monte Santo ». Mais tarde, declarou-me que o commissario de policia desse logar viera ao encontro da força pedir urgencia da marcha para ali; que no dia immediato seguiria para Cansação, afim de esperar ordens e reiterando a sua pergunta sobre si poderia marchar para ali afim de fazer a sua base de operações. A 8, respondendo, disse-lhe parasse em « Cansação », afim de aguardar ordens.

Então, tive do Sr. Ajudante General communicação de haver sido o meu telegramma de 6 submittido á consideração do Sr. Ministro, mandando S. Ex. declarar que cabia-me pela natureza de meu posto e cargo inteira responsabilidade sobre o resultado das operações iniciadas no interior do Estado, e que o governo central me havia proporcionado todos os recursos pedidos, dando-me plena liberdade para operar. Referia essa communicação a nota do material bélico remettido.

A 9 respondi, manifestando-me grato ás atencões do governo pelo seu empenho em corresponder ás minhas solicitações quanto ás forças do centro.

Ponderei, entretanto, não me constar que a Delegacia Fiscal já houvesse recebido ordem para attender promptamente a qualquer requisição pecuniaria afim de accudir ás diferentes necessidades da competencia do governo federal, que pudessem ter a expedição do interior e outras que houvessem de seguir. Referi que o acto daquella delegacia, satisfazendo o meu pedido de 25:000\$ para attender

unicamente aos vencimentos ordinarios da força que seguiu com o Major Febrônio, não merecera approvação da directoria de contabilidade do Thesouro Federal, que assim o fizera sentir em telegramma passado ao chefe daquelle repartição, como a 27 de Novembro havia eu communicado. Referi mais que acabava de pedir ao Sr Quartel-Mestre General authorisação e meios para ser adquirido aqui, pelo arsenal, arreamento para tracção animal de artilharia; esperando com segurança, attenta a boa vontade e confiança do governo, que eu bem saberia zelar, desaparecesse essa grande difficuldade, que o era em taes emergencias. E terminei dizendo que nada faltaria por ora quanto a pessoal e material bélico.

Por esse telegramma do Sr. Ajudante General, a que vinha de responder, fui naturalmente induzido a pôr em acção o plano que tinha em vista e de que falava por vezes ao governo, tanto mais quando, impondo-me este inteira responsabilidade pelo resultado das operações após o telegramma já referido, do Sr governador do Estado, deixava patente o seu accordo pleno com o meu pensar, que conhecia.

Assim, pois, organizei ainda nessa data, de accordo com as attribuições que me eram conferidas e responsabilidade que me era imposta, a minha ordem do dia n. 237, creando a 2ª columna e o commando geral do coronel Tamarindo sobre ambas, designando os pontos em que deviam entrar em communicações, estabelecendo emfim um plano rápido e geral das operações principaes para o cerco de «Canudos», com a probabilidade de êxito feliz.

Isto feito, officiei logo ao Sr governador, apresentando-lhe o alludido coronel e o capitão Salvador, commandante da 2ª columna, e declarando que dadas sobre a nova força a seguir todas as providencias cabiveis ao Governo da União e ao meu commando, restavam as da exclusiva competencia do Estado.

Outro não podia ter sido o meu procedimento, já em respeito á autonomia do Estado e ás relações de amizade mantidas sempre pelo seu governo com o meu commando, já pela origem das operações, como ainda porque seria impossivel operar por mim só, attenta a falta absoluta de meios para a respectiva mobilisação.

No dia 10, officiei ao major, transmittindo-lhe a cópia da referida ordem do dia n. 237, para que tivesse pleno conhecimento das minhas resoluções sobre o modo por que deviam continuar as operações. Esse documento, porém, não chegou a seu destino, pois devia ser

remettido por occasião da partida da nova columna, cuja marcha não se effectuou.

Nessa mesma data telegraphou-me aquelle official, dando-me boas noticias com relação á disciplina e moralidade da força, que considerava pequena para a aggressão, mas sufficiente para uma defensiva vantajosa, julgando que os fanáticos não poderiam offerecer mais de mil e poucos homens de combate.

Alludiu tambem á escassez de meios de alimentação em « Canção » e ponderou a conveniencia absoluta de marchar para « Monte Santo », de onde fugia a população tomada de pânico e cujo ponto estratégico julgava importante.

Crendo-me, entretanto, mais bem informado então sobre o número dos fanáticos e a sua disposição para a lucta; attendendo ainda a situação em que me via collocado quanto ao resultado das operações e convencido da próxima partida da nova columna, que daria áquellas um character mais sério e maior segurança, respondi-lhe dizendo que bem devia comprehender que só por motivos de ordem superior lh'o mandara parar e que muito breve seguiria a outra columna a operar com o mesmo objectivo da que lhe estava confiada.

Sendo entregue nesse mesmo dia pelo coronel Tamarindo o officio de apresentação, etc., que havia eu feito ao Sr governador e ao qual já alludi, veio este á noite conferenciar commigo. Abandonou então em largas considerações sobre a sufficiencia da força que já se achava no interior para a execução do tentamen que se tinha em vista, ao que de modo algum annuí, tanto mais quando inteira responsabilidade me cabia ante os telegrammas com os quaes argumentei.

Devo referir aqui com muito cabimento, que desde a marcha da primeira expedição até o momento em que deixei o commando do districto, de quantas informações me chegaram e muitas das quaes correm no conhecimento geral, só ao governo do Estado parecia facil a victoria sem elementos superiores áquelles que já se achavam no centro.

Mostrou-se elle nessa conferencia francamente resentido com a responsabilidade que me fôra imposta pelo Sr Ministro, considerando esse acto uma intervenção que não solicitara, do que lhe procurei dissuadir do melhor modo possivel, explicando-lhe as devidas relações da força federal para com o chefe do districto em taes emergencias e entrando em varias outras considerações harmonisadoras.

Quanto á sufficiencia numérica do pessoal em acção, esforcei-me o possível em convencer-o do contrario ante o papel da força federal, pois cumpria-lhe, empenhada na questão vertente, extirpar o movel da decomposição moral e social que se observa no arraial de «Canudos» em desprestigio manifesto á autoridade e ás instituições, procedendo com segurança ao cerco e ataque do mesmo arraial, afim de não se reproduzirem posteriormente iguaes scenas; não cabendo assim á mesma força limitar-se a bater criminosos daqui para acolá, sem melhor proveito, o que importava a necessidade de pol-a ao abrigo de retiradas prejudiciaes e indecorosas.

Accordámos por fim em manter as operações no pé em que se achavam, dizendo-me elle que telegrapharia ao governo sobre o assumpto e que no dia immediato viria o chefe de policia entender-se commigo sobre os meios de mobilidade da nova columna.

No dia 11, pois, teve logar a minha conferencia com essa autoridade, combinando-se mandar-lhe eu apresentar o commandante da quella força, afim de entender-se sobre os referidos meios. Effectuou-se esse encontro, resolvendo o chefe ouvir ainda a respeito o governador no dia seguinte. Remetteu-me este com o seu officio n. 12 a cópia do telegramma que nessa mesma data dirigira ao Sr. Ministro da Guerra e de que me falara de véspera.

Nesse documento communicava ao governo a sciencia que tivera sobre a nova expedição e a responsabilidade que me fôra imposta sobre o êxito da diligencia.

Declarava sentir profundamente que tal acto affastasse a autoridade do governo que representava; parecer-lhe exorbitante qualquer diligencia sem iniciativa do seu governo, a quem somente competia pôr em acção os meios necessarios para a manutenção da ordem; que acto contrario importava intervenção que não pedira; que requisitara força federal por presteza de diligencia, visto a força estadual estar no interior sendo necessario demora para reunil-a, não tendo intenção de provocar a attitude que o governo federal mostrava tomar attenuada pelas minhas boas resoluções com o seu governo; que, si a requisição da força federal importava fazer-me o árbitro das operações, podia o Sr. Ministro mandar retiral-a incontinentemente; que o governo do Estado tinha força sufficiente para manter a ordem sob todos os pontos de vista; que conflava saberia o Sr. Ministro respeitar o preceito constitucional. E no officio, accusando o meu de 9, dizia: «sem que me seja dado entrar na apreciação da expedição pro-

jectada e comquanto não conste do vosso officio o total do contingente de que elle trata, parecia-me não ser insufficiente para o fim almejado a força que já se achava em marcha, visto compor-se ella de número superior a 300 praças e considerar exaggeradas as informações prestadas em relação ao grupo dirigido por «Antonio Conselheiro». Presumo, entretanto, do maior acerto a partida do coronel Pedro Nunes Baptista Ferreira Tamarindo, com o fim de estacionar em ponto intermediario entre a força em operações e esta capital, poder acudir a qualquer requisição urgente e, ao mesmo tempo, informar das occurrencias solicitando qualquer medida. Além disto, a sua alta patente militar muito poderá concorrer para manter a boa disciplina militar e para garantia, ao mesmo tempo, ás populações residentes naquella zona, não obstante achar-se actualmente á frente da força expedicionaria official cujos créditos são tidos na melhor conta. Neste intuito o Exm. Sr. Dr. secretario da segurança pública está autorisado a entender-se comyosco para accordar as medidas que devem ser tomadas pelo Estado».

Terminando fazia a transmissão da cópia do telegramma alludido, que dirigira ao Sr. Dr. Vice-Presidente da República e ao Sr. General Ministro da Guerra, dizendo referir-se nelle «ás ordens que, verbalmente, lhe affiançame terem sido transmittidas».

Faz-se mister, portanto, declarar que fiz mostrar os telegrammas de taes ordens com tola a lealdade, não me tendo limitado, como deprehende-se desses dois documentos, a referil-as apenas.

Como se vê do exposto, sobre importar o plano do Sr. governador no fraccionamento das forças, a grande distancia, o que era contrario ás instrucções do governo, perturbava completamente o que eu formulara sob a inspiração de preceitos militares essenciaes, ante a topograpgia dos terrenos a percorrer pelas forças e a situação dos fanáticos. De nenhum modo, pois, me cumpria acarretar a responsabilidade das consequencias de plano diverso, muito principalmente quando era o meu procedimento baseado ainda nas ordens e no accordo do governo da União, como está bem claro. De tal modo, considerei-me paralysado até que o governo, cujas ordens aguardava, resolvesse sobre a meteria.

Assim é que, recebendo em a noite tambem em 11 communição telegráphica do major Febronio de Brito sobre ser humanamente impossivel a sua demora em «Cansação», por falta absoluta d'agua, farinha, abrigo e pastagem para os animaes, como pela

As obras importantes que devemos aos cuidados, á actividade, á competencia, á tenacidade do Ministro da Guerra, não devendo ficar esquecidos neste momento os illustres engenheiros que nesses trabalhos se collocaram ao lado de S. Ex. com muito patriotismo, revelando a maior dedicação á causa pública e a maior competencia profissional.

Na fundição do novo Arsenal hoje se faz tudo quanto é necessario ao armamento portatil, de modo que para isso não precisamos mais recorrer ao estrangeiro. Neste ponto ficamos emancipados e só isto é um serviço de grande alcance. O Arsenal está preparado para fabricar todo o armamento portatil, inclusive Mauser, e tambem para fabricar projectis de artilharia.

Demais, convém ponderar: o actual Ministro entrou nesta situação debaixo da impressão que o estado critico de nossas finanças causava a todo o paiz.

Assentou-se fazer a mais rigorosa economia em tudo, cortar o que fosse possivel, evitar qualquer despeza menos urgente. E' bom não esquecer a impressão que dominava os espiritos no começo desta situação, quando se deu a suppressão desses arsenaes.

Está se preparando tambem a fábrica de pólvora sem fumaça, em Bemfica. E' mais um esforço louvavel do actual Ministro da Guerra, e para servir a essa fábrica está se construindo o ramal de estrada de ferro de Lorena a Bemfica, tudo com pessoal do Exército, apenas com auxilio de gratificações a praças e engenheiros militares. Isto exprime, da parte do Ministro, muito tino administrativo, muita dedicação aos serviços que lhe estão confiados e, da parte de seus auxiliares, muita competencia para os variados misteres da profissão que abraçaram e elevada comprehensão dos seus deveres.

E não ficam nisso, as provas da actividade e do zelo do marechal Mallet. Ainda ha poucos dias, foram installadas as enfermarias do Hospital Central.

O começo dessa obra é anterior á administração de S. Ex.: mas ella vinha muito morosa, promettia retardar-se bastante e S. Ex., destinando-lhe maior quota na verba «Obras», deu-lhe grande impulso e conseguiu terminar o que é preciso na actualidade, centralisando todo o serviço dos hospitales militares desta capital e melhorando consideravelmente a sorte dos doentes.

E fez mais ainda, o marechal Mallet em relação ao serviço sanitario do Exército.

As praças que se achavam affectadas de molestia pulmonar eram recolhidas ás enfermarias communs, o que constituia para os outros doentes um grave perigo. Pois bem, o marechal, lutando com difficuldades, sem verba especial e apenas por meio de gratificações a praças e engenheiros, conforme lhe permite a lei do orçamento, mandou construir para as praças affectadas de molestia pulmonar um hospital especial nos Campos do Jordão, lugar esse recommendado por todos os médicos e notoriamente conhecido como dispoude de um clima maravilhoso para molestias dessa natureza. Nisso não vai só o tino, o cuidado do administrador, vai tambem o carinho para com os soldados, vai ainda um serviço de ordem humanitaria.

O marechal Mallet não se contentou com o armamento das fortalezas da barra: S. Ex. não se contentou com os poderosos canhões que estas fortalezas hoje possuem: mandou vir mais ajuda torpedos que auxiliarão consideravelmente essas fortalezas na defeza desta capital.

Isto denota uma preoccupação digna de encômios, porque é filha dos mais elevados sentimentos patrióticos.

Lembrarei ainda, as linhas telegráficas que, graças ao zelo e actividade do marechal Mallet, estão sendo feitas em Paraná, Matto-Grosso e Rio-Grande do Sul, linhas que são consideradas estratégicas, que estão sendo construidas por pessoal militar e que se destinam a desempenhar importante papel no serviço de defeza do paiz.

Posso ainda apontar a estrada de ferro para Matto-Grosso, melhoramento importantissimo iniciado por S. Ex. e que já se acha bastante adiantado.

Nas mesmas condições está a estrada de ferro de Inhandahy a Cacequy, no Rio-Grande do Sul. Tudo isso está sendo feito por praças e engenheiros militares.

Desses serviços, uns não têm verba especial no orçamento e o Ministro manda fazel-as, apenas pagando gratificações ás praças e aos engenheiros, como a lei permite, e outros têm verba no orçamento da Viação.

Si para aquelles, o ministro, em vez de recorrer a esse expediente de que lançou mão, fosse pedir crédito ao Congresso, o pedido permaneceria na pasta das Commissões e o paiz ficaria privado do melhoramento. Quanto aos outros, si fossem executados pelo Ministerio da Viação, pequenas como são as verbas, não se realisariam, ao passo que executados pelo Ministerio da Guerra com pessoal militar, que percebe para isso apenas gratificações, estão adiantados e com alguma perseverança serão levados a effeito.

Ora, tudo isso denota da parte do ministro capacidade administrativa, conhecimento dos negocios que dirige e interesse pelo serviço público, e ao mesmo tempo competencia e dedicação da parte dos auxiliares, que estão encarregados desses trabalhos.

Esta é a verdade e ninguem poderá com vantagem contestal-a.

Muitas coisas S. Ex. deixa terminadas, outras já deixa iniciadas.

O beneficio não está somente no que se leva a effeito; está tambem no que se inicia e até no que simplesmente se projecta.

A's vezes, aventar uma idéa, dar-lhe impulso, para ser realisada mais tarde, é um grande serviço.

O marechal Mallet deixa serviços de todas essas especies: deixa muita coisa feita, deixa muita coisa iniciada e deixa tambem na gestão da pasta da Guerra uma bella orientação de trabalho, de melhoramentos, de progresso, que, si for continuada, será fecunda, a todo tempo, em resultados benéficos.

E mais poderia deixar si não fôra, não direi só a indiferença, porém a prevenção que actualmente existe neste paiz contra tudo que diz respeito a negocios militares. Não sei porque, mas isto é uma verdade, embora absurda, inexplicavel.

Apreciando os serviços do marechal Mallet, não posso deixar de reter-me, porém, com as cautelas necessárias, a um, da mais alta importancia e que, só por si, bastaria para recomendar o seu nome: é a modificação feita por S. Ex. em uma arma, o que importa um grande melhora-mento, não só pelas vantagens que ella adquire para as funcções a que é destinada, como tambem pela grande redução de despeza que dahi resulta.

Seria impossivel a S. Ex. fazer em tão pouco tempo o tudo quanto diz respeito a serviços militares, mas o que é certo é que ainda não houve neste paiz um Ministro da Guerra que tenha feito mais do que o Sr. marechal Mallet.

Além disso, para se avaliarem bem os offeitos da administração do illustre marechal, é preciso encaral-a ainda por um outro aspecto.

Não vai muito longe o tempo em que o Exército se achava scindido. Os movimentos que agitaram a sociedade brasileira estabeleceram diversas correntes que, como era natural, se estenderam tambem pelo Exército, determinando divergencias e prevenções.

S. Ex. tomou a direcção da pasta da Guerra o tem procurado mudar essa situação, interessando a todos os officiaes indistinctamente nos actos da administração e aproximando-os pelo laço da solidariedade no trabalho commum do engrandecimento das instituições militares.

A verdade é que diversos dos officiaes que se achavam distanciados de S. Ex., que pareciam incompatibilizados com elle pela attitudo politica em quo se baviam collocado, hoje, entregues a trabalhos administrativos, confabulam com S. Ex. o prestam-lhe como auxiliares magnificos serviços.

Nota-se que não ha mais lutas internas no Exército, que se accentua cada vez mais o espirito de harmonia entre os seus membros, pondo de parte apenas uma ou outra questão pessoal, que é de todo impossivel evitar nas corporações numerosas. O aspecto geral, porém, no seio do Exército é de calma, de harmonia, de actividade util para o paiz.

Isto, si até certo ponto é devido á indole, á orientação dos illustres membros do Exército, é tambem devido em grande parte á direcção dada pelo marechal Mallet aos negocios da pasta da Guerra.

Sim, si em vez de um homem, como S. Ex., justo, calmo, disciplinador, entregue tão somente aos trabalhos da administração, chamando para o serviço militar a attenção de seus companheiros, tivéssemos na direcção da pasta da Guerra um temperamento ardente, apaixonado, um homem de luta, inspirado por estreito partidarismo ou dominado por um grupo politico, a situação do nosso paiz seria outra nesta occasião.

A attitudo do honrado Sr. ministro da Guerra, abandonando completamente as questões de ordem politica, entregando-se exclusivamente á administração, tem trazido incalculaveis vantagens para a situação politica que se atravessa.

Essa tranquillidade, com que o Sr. Dr. Campos Salles está acabando o seu período de governo, é devida, eu o digo bem alto, em grande parte ao Sr. marechal Mallet. Tivesse S. Ex. um ministro que quizesse agitar questões pessoais, formar partido, envolver elementos militares nas lutas politicas, com certeza seria frequentemente incommodado; e nesse movimento de elementos armados, atirados uns contra outros, S. Ex. ficaria forçosamente adstricto a um delles, e não teria a mesma liberdade de acção, com que se moveu na direcção suprema dos negocios da República.

E' preciso fazer justiça á administração do marechal Mallet. S. Ex. tem prestado á Republica, nestes quatro annos de governo, um serviço inestimavel; e quem mais deve sentir isto é o Sr. Presidente da Republica.

Como já disse, é impossivel, em quatro annos de governo, fazer tudo quanto o paiz precisa em materia militar; mas, repito, nunca houve neste paiz ministro que mais trabalhasse do que o Sr. marechal Mallet.

---

---

## Brasil Marcial

Preço da assignatura

Nesta Capital, cada fascículo.	1\$000
12 fascículos	10\$000
Nos Estados, 12 fascículos.	12\$000

### PAGAMENTO NO ACTO DA ASSIGNATURA

Os pedidos devem ser dirigidos a MUCIO TEIXEIRA, na *Imprensa Nacional*, Rio de Janeiro, ou ao escriptorio do autor, á rua Gonçalves Dias n. 67.

MUCIO TEIXEIRA

# Brasil Marcial

SYNTHESE HISTÓRICA

DAS NOSSAS GUERRAS, REVOLUÇÕES E REVOLTAS, DESDE OS TEMPOS  
COLONIAES ATÉ A ACTUALIDADE, COM O RETRATO E A  
BIOGRAPHIA DOS HERÓES, A DESCRIÇÃO DOS  
COMBATES, A PLANTA DO TERRENO, O TYPO DOS NAVIOS,  
A PHOTOGRAPHIA DAS FORTALEZAS,  
A CÓPIA DOS QUADROS DE BATALHAS E GRANDE  
NÚMERO DE ILLUSTRAÇÕES, REFERENTES AO ASSUMPTO,  
INTERCALADAS NO TEXTO

1 DE JANEIRO DE 1502 A 31 DE DEZEMBRO DE 1902



FASCÍCULO N. 4

RIO DE JANEIRO  
IMPRENSA NACIONAL

1902



—  
sas cores, com as armas nacionaes doiradas a fogo

O frontespicio e a *Introdução* desta obra, com o effectivo actual do Exército e da Armada, além da organização da Guarda Nacional, devem ser distribuidos aos Srs. Assignantes com o último fasciculo do primeiro volume, acompanhados do indice e de uma capa de luxo, artisticamente impressa em diversas cores e em relevo.

---

## BRASIL MARCIAL

---



PROCURANDO cada vez tornar mais interessante a leitura do *Brasil Marcial*, resolvi, entre uma e outra data, além do *facto histórico*, ou dos *homens do dia*, dar uma *Máxima Militar*, como as que se encontram no presente fasciculo; e nas respectivas capas a publicação de assumptos, como o seguinte *Ensaio de um Compendio de Philosophia da Guerra* (v. a 3ª e 4ª páginas da capa), do capitão do exército francez M. R. HENRY, transcripto do *Spectateur Militaire* :

---

ameaça de insolação devida ao abraçamento da sêcca; referindo casos de diarrhêa em algumas praças, etc., etc., etc.; e como quanto reiterasse elle a opinião de ir estacionar em «Monte Santo», respondi-lhe immediatamente que «si não pudesse demorar ali por falta absoluta de meios de alimentação, regressasse á «Queimadas»; e a conveniencia de desprezar falsos boatos, isto em consequencia de noticias outras que me dera e sem importancia.

Estudando-se bem o assumpto, ver-se-á que outra não devêra ser a minha resolução em tal emergencia, pois fazel-o seguir adiante seria um absurdo ante a manifesta intimação do Sr. governador do Estado em o seu predito telegramma, além de parecer-me que importaria elle não recolhimento da força federal por ordem do governo da República.

Ainda nessa data pela manhã, transmittira eu ao Sr. Ajudante General a cópia da minha ordem do dia n. 237

No dia seguinte, 12, após conferencias com o Sr. Dr. chefe de policia, passei ao major Febrônio o seguinte telegramma: «Governador resolveu que siga estacionar Monte Santo força policial que ahi se acha. Logo, pois, que receberdes communicação nesse sentido, deveis desligal-a do vosso commando, prestando-lhe todo o auxilio possivel e ao vosso alcance. Deveis descer para Queimadas com a força que ficar sob vosso commando, de accordo meu telegramma de hontem, saudações». Em telegramma longo, minucioso e circumstanciadissimo, cuja transcripção não importa por ser um apanhado geral de todo o exposto e achar-se annexa á sua cópia, communiquei ao Sr. Ajudante-General, para sciencia do governo, todo o occorrido até a minha ordem sobre o regresso da força á villa de Queimadas. Ao terminar pedia instrucções. Suspensas, portanto, as operações, nada occorreu no dia seguinte.

A 14, porém, recebendo do major Febrônio telegramma passado de Quiriquinqual, além de Cansação, dizendo cumpriria ali as minhas ordens, considerar imprudencia o seu regresso a Queimadas, urgir avançar para Canudos, etc., etc., respondi-lhe que cumprisse immediatamente a minha ordem, sob pena de responsabilisal-o por desobediencia.

Achando-se as coisas neste pé, recebi do Sr. governador a seguinte communicação em officio desta data: «Informado de que transmittistes ordem ao official commandante da força em diligencia no sertão do norte deste Estado contra o fanático Antonio Conselheiro e seus sequases, no sentido de regressão desta á Queimadas, ponto de onde havia partido,

depois de alguns dias de viagem quando já se achava próximo de Canudos, « onde estão alojados esses bandidos, sem que até esse momento me seja dado conhecer os motivos que determinaram esta inopinada resolução, a qual vem retardar as diligencias emprehendidas para attingir ao objectivo que tem em vista o governo, communico-vos que tendo deliberado dispensar o auxilio que podia a mesma força prestar ao Estado, nesta emergencia, convido, portanto, que expeçais as vossas ordens para que seja, quanto antes, a mesma força recolhida a esta capital.

Outro sim, communico-vos que acabam de ser tomadas as necessarias providencias com o fim de ser o contingente policial, que marchava conjunctamente com a referida força, desligado da mesma no intuito de continuar nas mencionadas diligencias, conforme as instrucções que lhe forem sendo transmittidas. A deliberação que ora vos faço sciente e tomada, cumpre-me finalmente dizer-vos, de accordo com os Exmos. Srs. vice-presidente da República e Ministro da Guerra, com os quaes, por aviso telegraphico, tive a necessaria intelligencia » etc., etc., por isto, telegraphiei ao major Febronio, dizendo-lhe que em consequencia de ordem do governo, dispensando a força federal da diligencia em que estava, regressasse para esta capital conduzindo todo o material hélico a seu cargo, o que devia cumprir incontinentemente.

Em seguida respondi ao Sr. governador:

« Em solução ao vosso officio de hoje, tenho a declarar-vos que acabo de expedir ordem terminante ao major Febronio de Brito afim de regressar incontinentemente á esta capital com a força federal de seu commando.

Convém, entretanto, ponderar que, fazendo eu regressar para Queimadas, a aguardar ordens, aquelle official, que se achava em Cansação, onde, esperando a marcha da segunda columna projectada, lutava já com a falta absoluta de agua e viveres, em vez de tel-o feito seguir para diante, com tal fim, a acampar em melhor ponto, — não vos devia parecer inopinado esse meu acto, após o telegramma que dirigistes ao governo e cuja cópia obsequiosamente me enviastes com officio de 11 do corrente. Ao contrario, só esse mesmo acto deveria esperar deste commando desde quando a dita força não se pudesse mais manter onde se achava, pois que o vosso mencionado telegramma importara em franca intimação contra acto differente na preposta condição da força». etc.

Em additamento ás minhas communicações de 12, dei logo conhecimento ao Sr. Ajudante-General, por telegramma do mais que

se passara até a resposta supra e a última ordem que tive a dar ao major Febrônio.

Neste documento manifestava ao governo a minha convicção de ter sido dispensado o auxilio da força federal em consequencia de não querer o meu commando aventural-a em operações differentes daquellas que eu traçará: e para as quaes negava o governo do Estado os recursos indispensaveis (sobre achal-as desnecessarias).

Fiz, então, confeccionar já, depois do expediente geral, a minha ordem do dia n. 240, mandando ficar sem effeito a de n. 237, em consequencia da materia contida no último officio do Sr. Dr. governador do Estado.

A' noite, já tarde, por telegramma do Sr. Ajudante-General, tive sciencia de haver sido exonerado do commando do districto e nomeado inspector do Arsenal de Guerra do Pará; pelo que passei o commando na manhã seguinte ao coronel Saturnino Ribeiro da Costa Junior, meu substituto legal, conforme deferminara o mesmo governo.

Todas as communicações aqui referidas acham-se convenientemente documentadas com as respectivas cópias, annexas de n. a.

Deixando apenas de parte referencias de somenos importancia ou que nada influiriam á marcha deste trabalho, creio haver attingido o fim a que me propuz.

Entretanto, devo mencionar que o Dr. Miguel de Teive e Argollo, director engenheiro chefe do prolongamento da Estrada de Ferro da Bahia ao São Francisco, e o Dr. Arlindo Leone, juiz de direito de Joaseiro, foram sempre incansaveis na prestação de valiosos serviços ás forças em operações.

No archivo do commando do 3º districto militar se contém os originaes dos documentos a que venho de alludir, como ainda da demais correspondencia que se prende á marcha das forças e suas necessidades, augmento de pessoal na guarnição, etc., etc.

Tenho por demasia fazer juntar qualquer documento corroborador das informações que tive, de certas datas para cá, sobre as condições vantajosas dos fanáticos, por correr mundo na imprensa e no conhecimento geral, de ha muito, os perigos que aguardam áquelles que lhes foram ao encontro. Reservando-me, porém, de qualquer opinião, espero justificará o futuro as minhas apprehensões e planos cautelosos que estas me determinaram.

Capital do Estado da Bahia, 11 de Janeiro de 1897.— *Frederico Solon de Sampaio Ribeiro* ».

**1902** — Parte para Lorena (S. Paulo) o marechal MEDEIROS MALLET, ministro da Guerra, acompanhado da commissão incumbida da construcção de uma enfermaria militar, de seu official de gabinete o coronel Dr. ANTONIO GERALDO DE SOUSA AGUIAR e de seu ajudante de ordens capitão AUGUSTO JOSÉ GONÇALVES DA SILVA.

O illustre marechal foi em seguida a Piquete e a S. Francisco, examinando os terrenos offerecidos para aquella enfermaria e para a installação de uma fábrica de pólvora sem fumaça.

---

#### OS HOMENS DO DIA

**1603** — Reinando FELIPE III nos dois paizes da Iberia, são promulgadas nesta data as Ordenações do Reino, por isso chamadas *Felipinas*.

**1801** — Nasce em Minas Geraes o conselheiro HONORIO HERMETO CARNEIRO LEÃO, Marquez de Paraná, notavel estadista do reinado de D. PEDRO II, fallecido a 3 de Setembro de 1855.

**1801** — Morre em Paris CIMAROSA, o compositor que seus contemporaneos antepunham a MOZART.

**1871** — Batalha de Mans.

---

#### MÁXIMA MILITAR

A arte da guerra, em terra firme, é sobre tudo a arte do genio e da inspiração. Nos combates navaes nada depende da inspiração ou do genio; tudo é positivo e experimental. O almirante não precisa mais que de uma sciencia, a da navegação; o marechal tem necessidade de todas; ou de um talento equivalente a todas: o de tirar proveito de todos os conhecimentos.

NAPOLEÃO.

---

#### 12 DE JANEIRO

**1633** — O navio em que vinha da ilha da Madeira o capitão FRANCISCO DE BITTENCOURT E SA com 70 homens de sua companhia, chega ao porto chamado *dos francezes*, tres léguas ao sul da barra das Alagóas, então *Lagunas*.

Era a segunda companhia, das mandadas levantar pelo governo da Espanha naquella ilha, com o fim de reforçar a falta de gente que sentiam os nossos para oppor aos hollandezes.

Dois dias antes de chegar áquelle porto, um cruzador hollandez de alto bordo dá caça á pequena embarcação de BITTENCOURT, que combate corajosamente o inimigo, mas fugindo sempre, e consegue escapar-lhe, tendo-se damnificado tanto o seu navio, que ao chegar ao porto afundou-se batendo em um banco: salvaram-se comtudo a gente e algumas munições, que chegaram tres mezes depois ao Arraial do Bom Jesus, centro de operações dos nossos em Pernambuco.

Tinha perdido 8 homens, além de 17 feridos no combate acima mencionado. (*Ephemerides Nacionaes*).

**1636** — Ia o exército de D. LUIS ROXAS Y BORJA em sua marcha sobre Porto Calvo, occupado pelos hollandezes. Os mantimentos eram conduzidos ás costas, por não permittir o caminho que fossem levados de outro modo.

Um índio dos que faziam esse serviço pedira permissão para ir a um roçado, e demorara-se; manda o general fazer alto e esperar por elle, e que apenas chega e é arcabusado!

E' o primeiro castigo deste género que se dá no exército desde o começo da luta, e por sua demasiada severidade espantou a todos. Continuou a marcha. Cinco léguas antes do termo a que se destinava, sabe o general que o inimigo, e com elle o coronel SEGISMUNDO, havia abandonado durante a noite Porto Calvo, retirando-se para a Barra Grande, onde estavam os navios de sua esquadra.

Antes de partir acenderam os hollandezes fogueiras em diferentes pontos, para que suppuzessem os nossos que ali ainda acampavam.

**1637** — O capitão MARTIM SOARES MORENO, que occupava o posto do rio Una, manda o seu ajudante JOSÉ CASTANHO com 80 soldados, e 50 índios até Rio Formoso, a indagar do que se passava no campo inimigo.

Encontraram elles num engenho, que por ali havia, 50 soldados francezes e 30 índios alliados e travaram com elles uma renhida peleja, da qual resultou a morte de 22 dos contrarios, salvando-se os mais, sem que se tivesse podido fazer nenhum prisioneiro, fim principal que levavam os nossos em vista.

**1640** — Combate naval de Itamaracá. Ataca a frota hollandeza a nossa armada, que se havia um tanto dispersado e que encontra entre a illa de Itamaracá e Goyana ás tres horas da tarde.

O almirante hollandez W CORNELISSEN LOOS, como fizera o mallogrado PATER contra OQUEDO, vai em busca da almiranta do CONDE DA TORRE, e com ella e mais quatro galeões peleja durante tres horas; tendo, porém, tido uma insignificante perda de combatentes, tem a infelicidade de ser do número dos mortos.

O navio *Alkmaar* afunda-se, por causa das avarias que recebera. Da nossa parte pouco se soffreu. «Esta primeira acção, que cessou pela noite, teve logar um pouco ao norte da ilha de Itamaracá, de frente da Ponta de Pedras, paragem mais oriental de todo o Brasil». (V DE PORTO SEGURO — *Hist. das lutas com os hollândezes*).

**1707** — Assume o capitão-general CHRISTOVÃO DA COSTA FREIRE, senhor de Pancas, o governo do Estado do Maranhão: é o 22º da ordem chronológica e recebe o governo das mãos de D. MANUEL ROLIM DE MOURA.

**1809** — Tomada da Guayana franceza pelas tropas portuguezas sob o commando do brigadeiro MANUEL MARQUES D'ELVAS PORTUGAL, e capitulação do governador francez de Cayenna VICTOR HUGUES, assignada no sitio denominado *Borda*. (V a *ephéméride* de 28 de Agosto de 1817).

Com a capitulação de Cayenna fica em poder dos portuguezes toda a Goyana franceza.

**1828** — Uma força brasileira, que sahira da praça da Colonia do Sacramento ás ordens do coronel VASCO ANTUNES, é atacada pelo inimigo e o põe em fuga depois de um curto combate. (Acção de Caballada, Guerra do Rio da Prata).

**1867** — A canhoneira *Henrique Martins* bombardeia um pequeno acampamento paraguayo, situado na margem do arroio Acarajá, no Alto Paraná, pondo em fuga o inimigo.

Tendo desembarcado quarenta praças, commandadas pelo 1º tenente WERNECK RIBEIRO DE AGUIAR, foram estas repentinamente atacadas por uma força de cavallaria, morrendo quatro homens nossos, inclusive o tenente WERNECK, e ficando feridos dois, sendo um delles o guarda-marinha ELLERY.

Referindo-se ao commandante do destacamento, diz VICTORINO DE BARROS:

« *Morreu matando, defendendo a vida*, e com elle succumbiram outros bravos, todos combatendo um inimigo superior em forças: mas não seriam victimas da emboscada si o excesso de coragem não lhes sobrepujasse o dever da reflexão».

**1835** — Nasce na cidade do Rio de Janeiro o tenente-coronel de engenheiros Dr. AUGUSTO FAUSTO DE SOUSA, fallecido na mesma cidade a 20 de Dezembro de 1890.

Em 1853 assentou praça voluntariamente no 1º batalhão de artilharia, matriculando-se nesse mesmo anno na antiga Escola Militar, onde recebeu o grau de bacharel em mathematicas e sciencias physicas, subindo até o posto de tenente-coronel de estado-maior de artilharia, conquistando todos os galões de sua farda por estudos e merecimento.

Fez parte do primeiro corpo de exército em operações no Paraguay (em 1865) e assistiu á rendição da cidade de Uruguayana, no Rio Grande do Sul, onde foi ferido por um accidente, soffrendo por isso uma operação no olho esquerdo.

Regressou ao Rio de Janeiro em Dezembro de 1876, sendo então nomeado ajudante da directoria do Laboratorio do Campinho e depois director do mesmo estabelecimento militar. Antes de seguir para a campanha exerceu o cargo de instructor de topographia na Escola da Praia Vermelha, de lente da Escola Militar do Rio Grande do Sul e de repetidor da Escola Militar do Rio de Janeiro.

Era um dos mais proeminentes socios do Instituto Histórico do Brasil, cavalleiro das ordens de Christo e S. Bento de Aviz, condecorado com as medalhas do Paraguay e da rendição de Uruguayana.

Collaborador activo da *Revista Popular* e do *Jornal das Familias*, nessas interessantes revistas fluminenses publicou diversos artigos humoristicos, notaveis todos pela graça e naturalidade, alguns dos quaes foram mais tarde editados em volumes publicados pela livraria Garnier.

E' importante o seu trabalho sobre *A bahia do Rio de Janeiro*, do qual são extrahidos alguns tópicos na primeira *epheméride do Brasil Marcial*. Deixou as seguintes obras:

*Organisação do Exército*, serie de artigos publicados no *Jornal do Commercio*, sob o pseudônimo *Tebirissá*, em Fevereiro de 1865; *Explorações das nitreiras naturaes de Minas Geraes*, trabalho publicado em appêndice no Relatorio do Ministerio da Guerra de 1873; *Manual de municões e artificios de guerra*, 1874.

(É um livro escripto para uso dos inferiores e soldados do exército brasileiro; trata dos agentes explosivos, das munições para as armas portáteis e para as bocas de fogo, dos foguetes de guerra e de artificios bélicos, com muitas estampas intercaladas).

Escreveu as biographias dos generaes JOSÉ FERNANDES DOS SANTOS PEREIRA e FRANCISCO DAS CHAGAS SANTOS, e a obra, que lhe deu entrada no Instituto Histórico, em 1879, intitulada *Estudos sobre a divisão territorial do Brasil*.

**1894** — A população da cidade do Rio de Janeiro é despertada, ás cinco horas da manhã, ao troar dos canhões das fortalezas da bahia de Guanabara, ouvindo-se tambem de fóra da barra resposta immediata aos tiros consecutivos.

Tornou-se pouco depois mais intenso o tiroteio; sentindo-se que os sons de fóra da barra cada vez mais se aproximavam, até que emfim, ás 6 horas da manhã, entra a barra o encouraçado *Aquidaban*, no meio do mais vivo canhoneio.

Perseguido sempre pelas balas das fortalezas e das fortificações da cidade fronteira, o poderoso vaso de guerra foi fundear entre os navios da esquadra revolucionaria. Viera de Santa Catharina e era commandado pelo bravo capitão de fragata ALEXANDRINO DE ALENCAR, actual contra-almirante e um dos mais bellos vultos da galeria de heróes rio-grandenses. (Vide a *epheméride* de 12 de Outubro de 1848).

**1894** — Chega o espião que o coronel Dr JOSÉ BERNARDINO BORMANN, actual general de brigada e commandante do 5º districto militar (v. a *epheméride* de 4 de Maio de 1844) mandara ao Porto da União (Paraná) com a noticia de que o 1º tenente da Armada Pío TORELLI voltara para o Rio Negro, não levando os vapores do cidadão AMAZONAS.

« Antes, porém, diz o illustrado autor dos *Dias Fratricidas* (general J. B. BORMANN — *Memorias da Revolução Federalista no Estado do Paraná*; 2 vols., 1901): de recolher-se no Rio Negro, Pío TORELLI e os seus companheiros praticaram actos atrozes nas margens do rio Iguassú: — um velho octogenario, de nome PORTES, morador no sitio denominado *Roseira*, foi preso e conduzido para bordo do vapor *Curityba*, onde lhe propuzeram resgatar a vida por dez contos de réis. O preso declarou que não tinha essa quantia e então disseram-lhe que ia ser liquidado, ao que estoicamente respondeu que « o homem nasceu para morrer ». A faca sicaria entrou em acção e o sangue do velho salpicou a consciencia de seus assassinos.

BRASIL MARCIAL



COMBATE DO TABATINGAHY



O execravel sicario que o degollou chamava-se ANACLETO: era *patriota*, graduado em capitão, e com esse repugnante crime confessara que tinha o número de suas victimas attingido já a 48.—  
; Um marinheiro bebeu um copo cheio de sangue do velho PORTES!...  
Ao levar aos labios a terrivel beberagem, ; o monstro ergueu vivas á Patria e á Liberdade! O cidadão ABEL CAIM DE SOUSA LIMA, agrimensor, residente na Palmeira e que se reunira ás forças revolucionarias, lavrou no dia seguinte um enérgico protesto contra o miseravel crime; mas lavrou-o com a propria vida, porque o degollaram. LAVRADOR, chefe revolucionario, concorreu tambem para não serem immolados os companheiros de PORTES.

Nos tempos da República Romana, quando succedia alguma grande desgraça ou triumphava um crime revoltante, o povo invadia os templos e quebrava as imagens dos deuses, como um protesto contra a injustiça delles. Pouco depois do assassinato do velho PORTES voltavam os seus assassinos para o Rio Negro, no vapor *Potinga* e uma força legal, commandada pelo tenente de *patriotas* FRANCISCO BACELLAR, que os esperava, metteu a pique esse barco e o peito de ANACLETO foi varado por uma bala. O nosso DEUS é justo realmente; não é como os deuses dos antigos romanos.

Pelos lados de Nonohay não tinham sido menos condemnaveis as scenas. Sempre a degolla, sempre o assassinato; para regar de sangue a terra, ; para germinar e fecundar as tremendas e fataes represalias! Nessa villa era chefe político um capitão da guarda nacional de nome LAURINDO CARDOSO DE MENEZES, que algum tempo antes se asylara no Paraná. Foi elle quem autorisou a morte de *Maneco Pedreiro* e de Manuel João, conhecido por *Cocá-Mico* e de outros. Uma desditosa mulher, chamada EMERENCIANA, maior de 70 annos, tinha uma filha que vivia com *Coca-Mico*; a morte desse rapaz lançou a velha em terrivel desespero e a sua dor arrancou-lhe imprecações.

Dizia a misera que o assassino não havia de sobreviver por muito tempo, e que os *federalistas* nunca haviam de governar; por infelicidadella o culpado do assassinato morreu de uma pneumonia, poucos dias depois, e assim foi ella considerada como uma bruxa, uma feiticeira perigosa. Lavraram, pois, a sua sentença de morte. Uma partida de facinoras foi á casa de EMERENCIANA, que se achava doente de cama, arrastaram-na para fóra, travando-se então uma luta desesperada, porque suas duas filhas disputaram-na á sanha sicaria; uma foi

gravemente ferida ; mas os cannibaes, como era natural, sahiram victoriosos ; e degollaram-na, tendo antes jarretado a mísera!

Immolar uma velha, maior de 70 annos, pelo receio de seus sortilegios ! Infamia e superstição. Um cidadão de nome João Pereira da Silva, por alcunha « João Mineiro », inoffensivo, retirava-se do Carásinho para Palmas, e em Nonohay foi barbaramente degollado. Deixemos esse scenario de degolla, lembrando, porém, que SYLLA um dia deliberava no Senado romano : de repente, um arruido medonho se ouviu, e os senadores tremeram de horror ; SYLLA, porém, calmo, tranquillo, disse-lhes : « Não vos inquieteis, padres conscriptos, com estes gritos ; são de alguns miseraveis que mandei castigar ». Os espantosos gemidos e lamentações que se ouviam eram de oito mil adversarios, que os algozes degollavam por ordem do dictador».

**1899** — Toma posse do cargo de chefe do Estado-Maior do Exército o illustre marechal rio-grandense Dr. JOÃO THOMAZ CANTUARIA, (v. a *epheméride* de 24 de Setembro de 1835) ; conservou-se nesse cargo até 9 de Dezembro de 1902, data em que tomou posse outro insigne rio-grandense, o illustrado general de divisão Dr. BIBIANO SERGIO MACEDO DA FONTOURA COSTALLAT. (V. a *epheméride* de 9 de Setembro de 1845).

---

#### A DATA HISTÓRICA

**630** — Entrada triumphal de MAHOMET em Mecca, destruindo os cultos pagãos e fundando em seguida a religião musulmana.

---

#### MÁXIMA MILITAR

**Q**os romanos, prevendo antecipadamente as difficuldades politicas, souberam sempre preparar-se para ellas de maneira que nunca tivessem necessidade de adiar a guerra, pois não ignoravam que adial-a não é evital-a, mas simplesmente proporcionar vantagens ao adversario. Estando sempre preparados para a guerra, julgavam mais prudente prevalecerem-se da sua prudencia e do seu valor do que esperar a acção do tempo.

MACHIAVEL.

---

**13 DE JANEIRO**

**1640** — Batalha naval do Cabo Branco, entre a armada hispano-portuguesa de D. FERNANDO DE MASCARENHAS, CONDE DA TORRE, governador geral do Brasil, e a frota hollandeza, que na véspera haviam combatido em Itamaracá, dando então em resultado a morte do almirante bálvavo CORNELISSEN.

Na manhã da presente data arvora o pevilhão da Hollanda o vice-almirante JACOB HUYGHENS, o qual, observando que a nossa esquadra evitava o combate, para ella se dirige e encontra-a ás 10 horas da manhã, entre Goyanna e o Cabo Branco.

Trava-se uma acção mais renhida que a antecedente, que dura até noite. Uma das naus inimigas, a *Geete Son*, sossobra, afogando-se o seu commandante e 44 soldados. Ainda desta vez por nenhum dos dois lados se decide a victoria.

**1646** — Os heróicos chefes dos insurgentes pernambucanos, JOÃO FERNANDES VIEIRA e ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS, chegaram ao *Arraial Novo do Bom Jesus*, de volta da excursão que tinham feito a Nazareth do Cabo, tendo deixado no governo do Arraial e do exército o sargento-mor MARTIM SOARES MORENO.

Sabendo da ausencia dos chefes, suppuzeram os hollandezes achar os nossos despercebidos, comtando que não haveria no nosso acampamento a mesma vigilancia que dantes. Tentaram uma surpresa. As sentinellas avançadas da *estancia* de HENRIQUE DIAS deram, porém, signal da aproximação do inimigo, e logo sahiu este chefe a campo.

Depois de uma renhida escaramuça, em que tomou tambem parte um reforço mandado por MORENO, tornaram os hollandezes a voltar para a cidade, sem nada haver conseguido. Foi a noticia desse feito o que obrigou os dois chefes, VIEIRA e ANDRÉ VIDAL, a voltar mais depressa.

Tinham ido a Nazareth com o fim de receber munições e gente, que esperavam, e um barco que VIEIRA mandara á Bahia com carregamento de assucar, com cujo importe se devia comprar roupas para os seus soldados, que já sentiam grande falta dellas.

**1773** — O coronel PEDRO ANTONIO DA GAMA E FREITAS governa interinamente a capitania do Minas Geraes desde a presente data até 29 de Maio de 1775).

**1803** — Nasce no Maranhão o marechal de campo JOSÉ JOAQUIM RODRIGUES LOPES, agraciado pelo governo portuguez com o título de BARÃO DO MATTOSO, fallecido no Rio de Janeiro a 30 de Março de 1895.

Tinha o curso de mathemáticas militares da Academia de Marinha de Lisboa, entrou para o corpo de engenheiros em 1827 como 2º tenente e subiu até o posto de brigadeiro, reformando-se no de marechal de campo. Era fidalgo cavalleiro das casas imperial brasileira e real portugueza, official das ordens de S. Thiago e da Rosa, cavalleiro de S. Bento de Aviz e commendador de Christo e da Conceição, condecorado com a medalha da campanha do Paraguay e conselheiro do Imperador D. PEDRO II.

Exerceu, desde 9 de Abril de 1859 até a data do seu fallecimento, o cargo de secretario do Conselho Supremo, hoje Supremo Tribunal Militar; e escreveu as seguintes obras: — *Documentos sobre a pyramide do Campo Ourique* (Maranhão, 1849); *Carta geral da provincia do Maranhão* (Rio de Janeiro, 1841); *Mappa*, para servir na questão entre as comarcas de Caxias, Brejo e Itapicuru-mirim, (1847); *Mappa topographico da parte do Paraguay que foi occupada pelos exercitos alliados* (1867) e *Plani-historia*, ou resumo synoptico-historico-genealógico do Imperio do Brasil e do Reino de Portugal (Pernambuco, 1858 e Rio de Janeiro, 1877).

Seu nome foi dado a uma das ruas da cidade do Rio de Janeiro.

**1828** — Morre fuzilado em Pernambuco, « atado a um poste da forca por não haver carrasco que se prestasse a enforcá-lo, o reu politico frei JOAQUIM DO AMOR DIVINO REBELLO CANECA, uma das victimas da revolução pernambucana da *Confederação do Equador*.

A certidão da sua execução, curioso documento historico, é do teor seguinte:

« Certifico que o reu Fr. JOAQUIM DO AMOR DIVINO CANECA foi conduzido ao logar da forca das Cinco Pontas, e ali, pelas 9 horas da manhã, padeceu morte *natural* em cumprimento da sentença da Commissão Militar que o julgou, depois de ser desautorado das ordens da Igreja do Terço, na fórma dos Sagrados **Cânones**; sendo atado a uma das hastes da forca, foi fuzilado de ordem do Exm. general e mais membros da dita commissão, visto não poder ser enforcado pela desobediencia dos carrascos, do que tudo dou fé, sendo este acto presidido pelo vereador mais velho do senado desta

cidade, o Dr. ANTONIO JOSÉ ALVES FERREIRA, apavorado em julz de fóra.—Recife de Pernambuco, 13 de Janeiro de 1825.—O escrivão do crime da Relação, *Miguel Archanjo Pósthumo do Nascimento* ».

O autor do *Brasil Marcial*, no tomo II da sua obra intitulada *A Literatura Brasileira*, publicada em folhetins do *Jornal do Brasil* (1900—1901) diz :

«Frei JOAQUIM DO AMOR DIVINO CANECA nasceu em Fóra de Portas, bairro de S. Frei Pedro Gonçalves do Recife em 17 de Agosto de 1779 e morreu fuzilado no dia 13 de Janeiro de 1825. Tomou o nome de *Caneca*, hoje popular em todo o Brasil, em virtude da arte de tanoeiro que seu pai exercia, sendo por isso assim appellidado.

—« Não corar do nome de seu pai, dizia LAMARTINE, é a nobreza do plebeu ».

Admittido de serviço no convento do Carmo, do Recife, tomou o hábito a 8 de Outubro de 1786 e ordenou-se em 1801, contando apenas 22 annos de idade, para o que foi necessario impetrar-se do nuncio de Portugal a respectiva dispensa apostólica da idade, afim de receber as ordens maiores.

Era um dos brasileiros mais illustrados do seu tempo.

« Iniciado nos planos do movimento separatista, membro da *Academia do Paraiso* (um dos clubs conspiradores quando rompeu a revolução no dia 6 de Março de 1817), frei CANECA apresenta-se nos arraiaes patrióticos, saúda a aurora rgeneradora de sua patria e quando a sua idéa perigava em Alagôas e no cetro de Pernambuco o governo provisório fazia uma expedição militar afim de suffocar as sublevações, elle marcha voluntario e vai pôr-se á frente dos revoltosos, não recuando ante o perigo, affrontando a vida nas diversas refregas e combates que se travaram.

MUNIZ TAVARES, na sua *Historia da Revolução de 1817*, assim descreve essa phase patriótica da vida de frei CANECA:— «Foi no Engenho Velho do Cabo que essa tropa expedida do Recife se reuniu ; para ali encaminhou-se tambem o chefe acompanhado de dois religiosos carmelitas, frei JOAQUIM DO AMOR DIVINO e frei JOSÉ MARIA BRAYNER, ambos excellentes patriotas, sobresaindo o primeiro ao segundo pelos seus conhecimentos de literatura, e particularmente em mathematica, requisito que o habilitava a exercer o posto de conselheiro ».

Ephêmera vida estava, porém, reservada á patriótica iniciativa dos pernambucanos, a liberdade anuviava-se no horisonte da patria.

(*Diccionario Biog. de Pern. Cél.*)— « No dia 25 de Maio de 1817 (diz TEIXEIRA DE MELLO) é preso frei CANECA. A 24 de Julho de 1820 ainda requeria elle, da cadeia da Bahia, a sua soltura, allegando o que padecera por cadeias, posto em ferros, soffrendo nudez e fomes e outros tratos, *que se não creem*, diz elle, entregue ao arbitrio de um monstro, o carcereiro da cadeia.

Tinha ainda pai (com 67 annos de idade), tres irmãs solteiras e duas sobrinhas órphãs, a quem servia de arrimo antes de preso».— Foi durante a prisão que escreveu muitas de suas poesias quasi todas melancólicas como esta estrophe, que escreveu e glosou:

« Não posso contar meus males,  
 Nem a mim mesmo em segredo;  
 E' tão cruel o meu fado  
 Que até de mim tenho medo ».

—« A 10 de Janeiro de 1825 ouviu calmo sem a menor perturbação, a crudelissima sentença de morte que lhe votavam os sanguinarios membros da Commissão Militar; e immediatamente foi conduzido ao oratorio. Contando por minutos os tres únicos dias de vida que lhe restavam, elle jamais abatera-se, jamais perdera aquella severidade calma que só os herões sabem ter, ainda mesmo na hora suprema do sacrificio.

Quando os seus amigos enternecidos o abraçavam, sem poder conter as lágrimas, frei CANECA animava-os. As cartas que então escreveu ás suas afilhadas, animando-as, aconselhando-as no bem, insinuando-as a que recorressem á protecção divina, são bellas e ternissimas.

O cabido de Olinda paramentado e de cruz alçada, e os religiosos de todas as ordens dirigem-se encorporados a palacio, afim de pedir á Commissão Militar que suspendesse a execução da sentença.

Nem ao menos foram admittidos e receberam ordem de se retirar brusca e grosseiramente á porta do palacio. No dia 13 partiu frei CANECA para o patibulo, e nesse dia o último de sua vida, dormiu tão socegradamente, que, chegando a hora fatal, o foi acordar o seu provincial frei CARLOS DE S. JOSÉ, depois bispo do Maranhão, que o confessara e ministrara-lhe no dia anterior o sagrado Viático. Parte o fúnebre cortejo.

A' porta da igreja do Terço é frei CANECA exautorado, e caminha para o logar das Cinco Pontas, onde se erguia a forca cercada por grossa tropa. Mas nenhum dos carrascos presta-se a exercer o seu officio...

São forçados, impellidos a couces de arma e espaldeirados até junto da forca, *mas não se abateram á vilieza a que os queriam violentar!*

Avisada a Commissão Militar desse embarço, ordenou verbalmente que o reu fosse fuzilado, sem ao menos reformar a sentença que prescrevia pena de forca».

Além dos muitos artigos patrióticos que publicou pelas columnas do *Annunciante*, existem de frei CANECA as seguintes obras: — *Historia da Provincia de Pernambuco* (até o tempo do governador A. P. DE MIRANDA MONTENEGRO); *Bibliotheca Pernambucana*; — *Notas á Lógica de Senuense*; um *Compendio de Chronologia*; — *Catálogo dos Bispos de Pernambuco* (e dos governadores que existiram no mesmo tempo); *Espelho das Mulheres Formosas*, «ou arte de realizar por meio das graças os encantos da formosura» (trad. franceza); a *Historia da Franco-Maçonaria*, (traducção da Encyclopedia Ingleza, em 1813) e *Obras Políticas e Literarias*, 2 vols.

Depois de ouvir ler a sua sentença de morte, conservou-se algum tempo em funda meditação; de repente, passando a mão pela fronte, como que procurando afugentar maus pensamentos, sorriu com ar victorioso, sentou-se resolutu diante de uma pequena mesa que havia na prisão, e com pulso firme e letra intelligivel escreveu estas quadrinhas:

« Entre Marilia e a patria  
Colloquei meu coração;  
A patria roubou-m'o todo;  
Marilia que chore em vão.

Quem passa a vida que eu passo,  
Não deve a morte temer;  
Com a morte não se assusta  
Quem está sempre a morrer.

A medonha catadura  
Da morte feia e cruel,  
Do rosto só muda a cor  
Da patria ao filho fiel».

Tem fim a vida daquelle  
Que a patria não soube amar;  
A vida do patriota  
Não pode o tempo acabar.

O servil acaba inglorio  
 Da existencia a curta idade :  
 Mas o liberal não morre...  
 | Vive toda a eternidade ! >

**1846** — Nasce na cidade do Rio de Janeiro o bravo almirante JOAQUIM ANTONIO CORDOVIL MAURITY. (Vide a *epheméride* de 8 de Março de 1860).

**1857** — O brigadeiro ANDRADE NEVES, depois BARÃO DO TRIUMPHO, assume interinamente o commando da divisão do brigadeiro DAVID CANABARRO, exercendo esse cargo até 14 de Março do mesmo anno.

**1866**. — Morre no Rio de Janeiro o brigadeiro Dr. FREDERICO LEOPOLDO CESAR BURLAMAQUE, nascido em Oeiras (Piauhy) a 16 de Dezembro de 1803.

Era doutor em sciencias mathematicas e naturaes pela antiga Escola Militar do Rio de Janeiro, da qual foi lente; exerceu diversas commissões e os cargos de director do Museu Nacional e de secretario da directoria do Instituto Fluminense de Agricultura. Cavalleiro das ordens de Aviz e da Rosa, foi membro do conselho do Imperador D. PEDRO II, socio honorario e secretario perpetuo da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional (que conserva o seu busto na sala das sessões), socio do Instituto Histórico e da Academia de Bellas-Artes.

Escreveu importantes *Memorias, Noticias históricas, Discursos e Monographias*, além das seguintes obras:

*Resumo estatístico histórico da América septentrional* (1830); *Curso elementar de história e de arte militar* (1842); *Compendio de Montanística e de Metallurgia* (1848); *Riquezas mineraes do Brasil* (1850); *Systema de medidas para a progressiva e total extincção do tráfico e da escravatura no Brasil* (1852); *Ensaio sobre a regeneração das raças cavallares no Brasil* (1856); *Acclimação do dromedario nos nossos sertões* (1857); e os seguintes *Manuaes*: dos agentes fertilisadores; das máchinas, instrumentos e motores agricolas; da cultura do arroz e do tabaco, etc.

**1867** — Uma parte da esquadra bombardeia Curupaity. De Curuzú doze canhões auxiliam esse fogo que, começado de madrugada, cessa logo que os paraguayos calam sua artilharia.

Às 11 horas e meia rompem de novo os inimigos o combate, que continua vivo durante duas horas.

« Calculam-se em 800 os tiros disparados nesse dia pela esquadra e pelas peças do Curuzú — affirma uma correspondencia de Buenos Aires — e por muitos que não acertassem, o pessoal e o material das trincheiras não podiam ter ficado incólumes».

**1868** — Retira-se o general MITRE do theatro da guerra do Paraguay, e assume o commando em chefe dos exércitos alliados o glorioso general MARQUEZ DE CAXIAS, depois Duque do mesmo título.

**1872** — É representado na Escola Militar do Rio de Janeiro, pela sociedade particular *União Escolástica*, o drama brasileiro em um prólogo e tres actos *Amor e Infamia*, original do 2º tenente de artilharia CARLOS CLEMENTINO CARVALHAES, de collaboração com o tenente-coronel de estado-maior de artilharia JOSÉ CANDIDO DOS REIS MONTENEGRO. (V a *epheméride* de 30 de Março de 1845).

**1879** — Morre no Rio de Janeiro o tenente-general POLYDORO DA FONSECA QUINTANILHA JORDÃO, VISCONDE DE SANTA THEREZA. (V a *epheméride* de 2 de Novembro de 1800).

**1894** — O bravo coronel CARNEIRO, promovido a general de brigada na data de sua morte (v. a *epheméride* de 9 de Fevereiro), pede por telegramma ao seu collega J. B. BORMANN que mande um proprio ao general senador PINHEIRO MACHADO, para que lhe mandasse munição Krupp, pois dois dias antes começaram a cruzar a barra da cidade de Paranaguá alguns navios revoltosos. « Os acontecimentos precipitavam-se. Os factos que se haviam dado nas margens do Iguassú, assassinatos, prisões, saques e mais crimes, que são sempre o cortejo das revoluções, obrigaram o commandante do Districto a mandar o tenente de cavallaria FRIDOLIM COSTA á frente de 100 homens do 10º corpo da guarda nacional, afim de bater o inimigo, que se suppunha achar-se em S. Matheus.

Com o mesmo intuito partiu da Lapa, por ordem do intrépido coronel CARNEIRO, o capitão ROLEMBERG com uma força do regimento de segurança. Em S. Matheus já não encontraram o inimigo. Nessa localidade, tratou o capitão de fortificar-se, enquanto o tenente explorava as circumvisinhanças. Este official foi sorprendido em uma emboscada, no Rio das Pedras, ficando fora de combate 15 homens, 10 mortos e 5 feridos. Entre estes contava-se o proprio tenente FRIDOLIM, levemente. A emboscada fôra preparada pelo chefe *federalista* ULYSSES DE FARIAS. O capitão seguiu em protecção ao tenente,

mas o inimigo retirou-se ao presentir que se aproximavam mais forças.

Os chefes revolucionarios, reunidos em principio de Janeiro, em S. Francisco, depois de discutir os planos de ataque ao Paraná, assentaram em realizar o do coronel JACQUES OURIQUE, chefe da commissão de engenheiros, official reformado do Exército, intelligente e bravo. O plano consistia em atacar simultaneamente os pontos principaes, occupados pelas forças legaes, Paranaguá, Tijucas e Lapa. Os *federalistas* correspondiam-se com os seus amigos paranaensés. Estes, informados da próxima invasão, trataram de conspirar, revoltando a guarnição de Paranaguá, assim facilitando mais a posse dessa cidade, que ia ser atacada por alguns navios da esquadra, como fôra combinado.

Alguns dias antes de acampar definitivamente em Tijucas o contingente do capitão ISMAEL DO LAGO, offerecera-se para ir á Lapa, communicar ao bravo CARNEIRO as condições em que se achava a força, o DR. OLIVEIRA PORTES, então juiz de direito de S. José dos Pinhaes, que seguiu nessa perigosa commissão, acompanhado do alferes ANTONIO DE JESUS ; mas foram ambos aprisionados pelos *federalistas*. No dia 9 de Janeiro dois soldados do batalhão *Franco-Atiradores*, um de 14 annos, outro de 15, que estavam de serviço nas avançadas, foram munir-se de agua e cahiram em poder de um piquete inimigo, sendo um degollado e o outro, que resistira, ferido gravemente.

Pelo lado da Lapa já tinha havido immolações. No dia 11, quando os navios revoltosos cruzavam na altura de Paranaguá e parte da guarnição da cidade se revoltava, Tijucas era atacada pelos *federalistas*. Os canhões Krupp, sob o commando dos bravos tenentes ANTONIO CATÃO MAZZA e CANDIDO MURICY, desde o começo do conflicto entraram em acção e os seus terriveis schrapneis ceifavam as linhas adversarias. A fuzilaria auxiliava vigorosamente o mortifero canhoneio. Debalde o inimigo respondia á metralha dos Krupps com um pequeno canhão Witerwth, dois canhões de tiro rápido e uma metralhadora ; os schrapneis adversarios, mutilando as guarnições destas bocas de fogo, punham-nas fóra de combate.

O conflicto, que começara ás 5 horas da manhã, só terminou ás 6 da tarde. Nelle tomaram parte 200 combatentes. O ataque a principio foi dirigido por APARICIO SARAIVA, mas logo depois pelo proprio GUMERSINDO, á frente de 1.800 homens, tendo como lúgares-

tenentes o general JACQUES OURIQUE, o coronel SEBASTIÃO BANDEIRA, FOLIÃO, AMARAL e NORBERTO BEZERRA, commandante da artilharia, exhibindo todos o maior valor. Tijucas inflingiu-lhes uma tremenda derrota. O bravo GUMERSINDO resolveu então abandonar o Paraná. « Encontrara o que não esperava e o que não lhe fôra promettido. As promessas eram de uma marcha triumphal até ás fronteiras de S. Paulo, passando por Curityba para receber as corôas da victoria incruenta ».

As perdas da força legal foram diminutas: 7 mortos e 20 feridos, entre estes o bravo tenente ANTONIO CATÃO MAZZA, que veio a fallecer alguns dias depois. Diz o autor dos *Voluntarios do Martyrio*, referindo-se aos *federalistas*: « Muitos eram os feridos que chegavam. Uma das casas, não podendo contel-os todos, tivemos de abrigar os outros em outra casinha mais próxima da linha inimiga. O chão tinha-se tornado lamacento com o sangue que corria. Os maiores estragos eram feitos por explosões das granadas, etc. ». LAURENTINO PINTO, chefe do segundo corpo do exército *federalista*, diz na ordem do dia de 30 de Janeiro: « Como sabeis e está na memoria de todos, o revez soffrido pelos bravos companheiros do 1º corpo do Exército Libertador, fez aventar a idéa de uma retirada desastrada, etc. »

---

#### OS HOMENS DO DIA

**1520** — Nasce na França o célebre legista CUJAS, ou CUJACIO, professor de direito romano que teve a gloria de ver, na época da Renascença, acudir á sua aula, em Valencia, os homens mais eminentes da Europa.

Graças a elle o direito feudal cedeu o passo ao direito civil, firmando-se a preponderancia deste sobre aquelle. Morreu em 1590.

**1896** — O notavel cientista allemão Dr ROETGEN, nascido em 1845, divulga nesta data a sua maravilhosa descoberta scientifica dos raios X.

---

#### MÁXIMA MILITAR

**P**RETENDER elaborar máximas para as guerras civis, ou religiosas seria absurdo; somente existe uma, sobre a qual deveriam estar todos de accordo, é esta: reunir as duas seitas, ou os dois partidos, arrojando-os contra o estrangeiro que quizesse intervir nas

questões internas ; e depois fazer a exposição moderada, para fundir os direitos dos dois partidos em um pacto de reconciliação ou em uma política nacional.

A intervenção de um terceiro poder, em uma questão religiosa ou civil, nunca deixa de ser um acto de ambição ou de perfídia.

JOMINI.

### 14 DE JANEIRO

**1625** — «A esquadra espanhola que, de accordo com a portugueza, vinha accudir a Bahia, assenhoreada pelos hollandezes, só na presente data é que larga de Cadix. A portugueza partira a 22 de Novembro do anno anterior, a 20 de Dezembro chegara á ilha de Santiago, archipélago de Cabo Verde, e ali esperava pela espanhola, que só a 4 de Fevereiro deste anno é que chega ao mesmo ponto, afim de partirem encorporadas para o Brasil.

Compunha-se a armada de Castella de 16 vasos de guerra, dos quaes 11 da chamada *Armada do Oceano*, 5 da do *Estreito*, 4 da de *Biscaya*, 6 das *Quatro Villas* e 4 de *Nápoles*, sem contar os transportes.

Na sua totalidade a gente de guerra, que nas duas armadas vinha, consistia em 12.563 homens, dos quaes uns 4.000 correspondiam ao contingente portuguez.

A espanhola, de que ora tratamos, estava sob as ordens do almirante D. JOÃO FAJARDO DE GUEVARA, 1º substituto de D. FRA-DIQUE DE TOLEDO no commando geral de toda a armada». (*Ephem. Nac.*)

**1630** — Em Dezembro anterior sahira do Recife uma pequena expedição mandada por MATIAS DE ALBUQUERQUE á ilha de Fernando de Noronha, que se soube estar occupada pelos hollandezes; commandava os expedicionarios o capitão RUY CALAZA BORGES, tendo por immediato o capitão PEDRO TEIXEIRA FRANCO.

Conforme as ordens que levaram, abordaram a ilha pela parte L. S., em que ella fórma uma pequena enseada, dahi partiram á noite e a pe para o lado do porto principal, onde só encontraram fundeada uma embarcação.

Armaram-lhe uma emboscada e quando do navio vieram á terra fazer aguada, cahem os nossos sobre elles, que eram onze, matam-

lhes quatro e capturam os mais, dando liberdade a sete prisioneiros portugueses, que elles empregavam no serviço de marinhagem.

Tentaram ainda incendiar o navio inimigo, que no dia seguinte se fez de vela.

Tratou, então, a nossa gente de destruir tudo que elles haviam feito na ilha, a saber: uma bateria para oito praças, que ainda não tinha, e quatro povoações, duas em que se recolhiam quando estavam em terra e duas de negros, que tinham capturado em um barco de Angola e que já haviam plantado muita mandioca: havia também grande plantação de legumes e fumo.

Na presente data estava esta expedição de volta ao Recife. (*Op. cit.*)

**1635** — Chega á Goyana a expedição hollandeza de que era commandante o coronel ARCIZEWSKI e conselheiro politico STACHOUWER, que havia sahido dois dias antes da Parahyba.

Assim que o general pernambucano MATIAS DE ALBUQUERQUE (que desde 18 de Outubro de 1629 governava a capitania de Pernambuco) soube da chegada dos inimigos, enviou a tropa que pôde retirar do quartel do Cabo de Santo Agostinho, para lhes embaraçar a marcha, o que não se chegou a conseguir por ser numerosa a força hollandeza; mas fizeram-lhe perder não pouca gente, e prejudicaram a expedição no mais que puderam, embaraçando os indios de se lhes reunir, incendiando os cannaviaes e arrancando as plantações, que podiam ser-lhes proveitosas.

**1640** — Batalha naval da Parahyba.

Continuando o vento a impellir para o norte as duas armadas combatentes, que, como vimos, já tinham travado peleja junto á ilha de Itamaracá no dia 12 e na altura do Cabo Branco no dia 13, encontram-se de novo diante da bahia da Traição, a duas milhas de distancia do forte do Cabedelo na Parahyba, tão perto portanto de terra, que os habitantes presenciaram a peleja, mais encarniçada que a dos dias anteriores. posto que ainda ficasse indecisa a victoria.

A almiranta hollandeza começa por pôr-se entre as almirantas de Castella e de Portugal, que lhe fizeram vivissimo fogo, do qual só lhe resultou estragos á mastreação e velame.

O mais importante desta acção é referido pelo autor da *Historia das luctas com os hollandezes* do modo seguinte:

«Entretanto, a nau *Swaen* do vice-almirante hollandez ALDE-RIKSEN, vendo-se desmastreada, teve que lançar ferro. Accommetteram-a logo varios de nossos navios, quatro dos quaes conseguiram

dar-lhe abordagem, e dentro della se achavam duzentos ou trezentos dos nossos; quando o chefe inimigo se lembrou de mandar picar as amarras para escorrer com as aguas e dar á costa.

Apenas o notaram os atacantes, se foram desatracando. Só não fez outro tanto ANTONIO DA CUNHA DE ANDRADA, do soccorro das ilhas e commandante da nau *Chagas*, de 21 canhões; pois não havendo notado que a *Swaen* já havia encalhado, encalhou tambem e veio a ser levado prisioneiro para terra com 200 homens, incluindo quatro frades e quatro officiaes. Na *Chagas* encontraram os inimigos bastantes valores».

ANDRADA, (diz TEIXEIRA DE MELLO) enviado prisioneiro para Hollanda, foi, em Agosto deste mesmo anno solto, sob a condição de não tornar para Portugal nem para a Espanha.

**1774** — Combate de Tabatingahy, perto do Rio Pardo (Rio Grande do Sul) entre o bravo rio-grandense RAFAEL PINTO BANDEIRA, com cerca de 200 homens, e o célebre general espanhol VERTIZ, com 1.900 homens.

Retiraram-se os nossos, mas tendo-se adiantado a perseguil-os 400 correntinos, volta rapidamente PINTO BANDEIRA e os põe em completa fuga, matando-lhes 4 officiaes e 14 soldados.

Depois desta façanha seguiu o valente cabo rio-grandense para o Rio Pardo.

**1775** — Nesta data são dadas instrucções a MARTIM LOPES LOBO DE SALDANIA, para governar a capitania de S. Paulo e crear nella corpos regulares, nas quaes ha este tópico :

« § 19. E para outros postos, isto é, de capitães, tenentes e alferes, nomeará sujeitos que lhe pareçam mais idôneos e capazes dos referidos postos, preferindo sempre em iguaes circumstancias os paulistas aos que não o forem ».

**1809** — Entra solemnemente na praça conquistada de Cayenna a columna brasileira commandada pelo tenente-coronel MANUEL MARQUES D'ELVAS PORTUGAL, sendo all arvorado o pavilhão nacional, que era então o portuguez, com uma selva de 21 tiros.

**1827** — Officio do MARQUEZ DE BARBACENA, commandante do exército em operações no Rio Grande do Sul, ao CONDE DE LAGES, ministro e secretario d'Estado dos Negocios da Guerra :

« Cheguei ao acampamento do Livramento no dia 1º do corrente, e começando immediatamente a revista do pessoal e material do Exército, conheci desde o primeiro dia que o seu estado era mil vezes peor

do que annunciavam todas as noticias que grassavam no Rio de Janeiro, antes da minha partida.

Achei o Exército a pé, sem transportes, sem uma só das repartições indispensaveis para sua mobilisação e administração, montada como devia ser, porque não tinha nem commissariado, nem pagadoria, nem remedios, nem armamento para todos os combates, e até estava sem espões e guias.

Não tinha eu ainda acabado as revistas das chamadas 1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª brigadas, nem completado a organisação das repartições civis, e o que mais sinto, nem preparado casa e camas para os doentes, que jaziam no chão, com menos espaço do que têm os pretos em navios de escravos, quando no dia 7 tive noticia de que appareciam alguns inimigos da parte de Taquarembó a furtar gados, o que aliás frequentemente acontece.

Como, porém, as cartas de Montevideo e do coronel BENTO GONCALVES annunciavam um movimento geral do Exército inimigo, desconfiei que era chegado o momento da invasão. Suspendi, pois, desde logo, os trabalhos indispensaveis para a organisação do Exército e occupei-me só de o tirar da falsa posição em que se achava.

Afim de conhecer realmente a força do inimigo, depois de expedir instrucções ao major CLAUDIO JOSÉ, destacado na *estancia* da Boa União, fiz marchar o tenente-coronel MEDEIROS com o regimento 22, e o coronel JOAQUIM JOSÉ DA SILVA com o regimento 20, para as cabeceiras do Taquarembó recommendando o reconhecimento e sobretudo a prisão de alguns hombeiros ou soldados avançados.

No dia 11 appareceram dois indios fugidos da barra do Taquarembó, os quaes diziam que ALVEAR estava com 3.500 homens, além da vanguarda de 500, que havia já levantado gados nas cabeceiras do Taquarembó.

Estes indios podiam dizer a verdade, ou podiam ter sido mandados pelo inimigo para nos entreter, enquanto ganhavam tempo para retirar os gados; e era esta a opinião dos militares mais acreditados do paiz. Como, porém, todo elles eram de accordo commigo sobre a urgente necessidade de mudar de posição, cuidei de verificar.

O mappa junto, assignado pelo quartel-mestre general, que fez a revista dos cavallos, acompanhado do coronel SILVA e tenente-coronel RODRIGUES, mostrará a V Ex. que, de 14.708 cavallos entregues pelo brigadeiro ROSADO, só 18 se achavam em estado de prompto serviço. Em taes circumstancias forçoso foi recorrer aos particulares e pedir-

lhes quantos cavallos tivessem, bem como de empregar os menos maus entre os nossos.

Mandei pegar cavallos no dia 13 pelas 3 horas da madrugada, e não obstante, a marcha só pôde começar ás 10 horas desse dia. ; Tal era o hábito de immobilidade depois de sete mezes de residencia naquelle acampamento! Vim acampar nas margens do Cunhaperú, á legua e meia de distancia, e comtudo as carretas das munições de guerra ficaram em caminho, e só aqui chegaram hoje pelas 11 horas.

Parecerá a V. Ex. inconcebivel como puderam chegar os bois e cavallos a semelhante estado de incapacidade, continuando o Exército em perfeita quietação; mas a explicação é facilima e veridica. Sendo os pastos desta visinhança muito maus, não podiam nutrir os cavallos, e como a maior parte dos lombilhos não tinham enxergas, a mais pequena diligencia, ou excursão de oito dias, deixava milhares de cavallos arruinados. Quanto aos bois, esses trabalhavam todo o inverno a transportar alguns poucos de mantimentos.

Emfim, Exm. Sr., o facto é este, e eu me não atreveria a proferir taes verdades, si não tivesse em meu abono o testemunho de todo o Exército. Chegado a este acampamento, e continuando a incerteza sobre a força inimiga, fiz partir, hoje ás 6 horas da tarde o brigadeiro MENNA BARRETO com 1.262 praças que, reunidas ás do tenente-coronel MEDEIROS e coronel SILVA e algumas guerrilhas, farão uma força de 1.700 homens, sufficiente para, sem risco, reconhecer o inimigo.

Marchei para aq̃ui com 4.098 homens, sem contar os lanceiros, que estão todos empregados na cavallhada e gadô, assim como em condução de carretas; e bem sinto dizer a V. Ex. que a infantaria para marchar foi obrigada a deixar as muxillas; as cavallarias do Rio e da Bahia me obrigam a distrair das tropas do paiz quem vá apromptar os cavallos para ellas, e quem mesmo os apanhe na marcha, quando fogem depois de lançar por terra os soldados.

Não podendo transportar os doentes, que chegam a 278, deixei-os em Sant'Anna (Livramento) com 232 praças de infantaria para os guardar, bem como as munições de boca e guerra que ali ficaram. Não cabendo no tempo extrahir mappas com o resultado da minha revista, remetto a V. Ex. os que recebi do tenente-coronel ELISIARIO, que não responde pela exactidão delles, e o que ha de certo é o seguinte: das chamadas 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup>, 4<sup>a</sup> e 5<sup>a</sup> brigadas, só tenho disponíveis commigo 4.296 praças, constantes da nota infra, e della verá

V Ex. que a cavallaria capaz de entrar em acção com o inimigo não excede a 1.810 homens.— DEUS guarde a V Ex.— Cunhaperú, 14 de Janeiro de 1827 ».

**1828** — Combate naval, na altura de Santos, entre a corveta brasileira *Maria Isabel*, commandada pelo capitão de mar e guerra J. I. MAIA, e o brigue argentino *Niger*, que cruzava nas aguas do Brasil.

**1869** — Uma esquadilha composta das canhoneiras *Mearim*, *Ioahy*, *Iguatemy*, *Henrique Dias*, *Felipe Camarão* e *Fernandes Vieira*, sob o commando do capitão de mar e guerra AURELIO GARCINDO FERNANDES DE SÁ, parte para o Fecho dos Morros, extremidade sul da provincia de Matto Grosso, afim de nesse ponto construir uma fortificação.

Conduzia 250 praças do batalhão de sapadores e um major do corpo de engenheiros. As canhoneiras *Felipe Camarão* e *Fernandes Vieira* levavam ordem para seguir até Cuyabá. (V a *epheméride* de 23 de Janeiro).

**1880** — Morre na cidade de Cuyabá, capital da provincia de Matto Grosso, o chefe de esquadra AUGUSTO LEVERGER, BARÃO DO MELGAÇO.

Nascido em França a 30 de Janeiro de 1802, dedicou-se á carreira das armas no Brasil até 22 de Maio de 1857, data em que se reformou.

Exerceu por diversas vezes o cargo de presidente daquella provincia e prestou relevantes serviços de guerra, tanto na luta da Independencia e na campanha de 1825 — 1828, como depois de reformado, durante a invasão paraguaya, na provincia em que fixara residencia.

Official intelligente e summamente trabalhador, consta ter escripto diversos *Relatorios*, como presidente da provincia de Matto Grosso, além das seguintes obras:

*Diccionario geographico* da mesma provincia.

*Apontamentos chronológicos* da capitania de Matto Grosso.

*Memoria sobre o rio Paraguay*, desde Nova Coimbra, 1844.

*Diario e roteiro da viagem* feita desde a cidade de Assumpção, no Paraguay, até a Bahia Negra, 1844.

*Diario do reconhecimento do rio Paraguay*, desde Assumpção até o Paraná, 1846.

*Roteiro da navegação do rio Paraguay, desde a foz de S. Lourenço até o Paraná, 1847.*

*Roteiro da navegação do rio Paraguay, desde o rio Sepotuba até o S. Lourenço, 1848.*

*Exame de uma parte do rio Paraguay e das lagoas Uberava e Galba, 1847.*

*Observações sobre a carta da provincia de Matto Grosso, 1862.*

*Noticia sobre a provincia de Matto Grosso, 1863.*

*Breve notícia relativa á corographia da provincia de Matto Grosso.*

*Documentos officiaes portuguezes e espanhoes, relativos aos limites do Imperio pela provincia de Matto Grosso.*

*Observações sobre a carta geral do Imperio relativas á provincia de Matto Grosso.*

*Carta e roteiro da navegação do rio Cuyabá, desde o Salto até o rio S. Lourenço e deste até a confluencia do Paraguay.*

*Carta do rio Paraguay desde a foz do Olympo até a cidade de Assumpção, 1843.*

*Planta hydrográfica da lagoa Uberava.*

*Esboço topográfico do campo do Jaurú, 1849.*

*Mappa da fronteira do sul da provincia de Matto Grosso.*

*Mappa geográfico, chronológico e estatístico da provincia de Matto Grosso.*

*Planta do rio Paraguay.*

*Tabella de latitudes e longitudes de diversos logares da provincia de Matto Grosso.*

*Esboço do rio Cuyabá, desde a confluencia do S. Lourenço até a cidade daquelle nome.*

*Esboço hydroográfico desde a foz do rio Miranda até o Paraguay, 1862.*

*Carta de um reconhecimento no districto de Miranda, 1864.*

*Carta corográfica do districto de Miranda, 1864.*

Consta-me que escreveu tambem um *Diario da campanha*, de 1825 a 1828, trabalho que diz o autor das *Ephemérides Navaes* existir em poder do illustrado Sr. DR. BARÃO DO RIO BRANCO, actual ministro e secretario d'Estado das Relações Exteriores.

## OS HOMENS DO DIA

**737** — Morre o célebre PELAYO, fundador da Monarchia Espanhola e régio soberano das Asturias, que lutou heroicamente contra os mouros, retardando a invasão dos mesmos na península ibérica. Nasceria em 709.

**1817** — Morre MOUSIGNY, o fundador da Ópera Cômica em Paris.

**1852** — NAPOLEÃO III decreta a Constituição imperial na França.

**1866** — Morre em Roma MASSIMO D'AZEGLIO, distincto literato e estadista italiano.

**1882** — GAMBETTA exige a revisão da Constituição republicana, precisamente no dia em que, trinta annos antes, NAPOLEÃO III decretara a Constituição do Imperio.

## MÁXIMA MILITAR

**C**REDITEI sempre que o Exército deve limitar-se á grande representação do seu nobre papel militar, afim de não ter que pedir a elementos estranhos os recursos que deve encontrar em si mesmo. Elle não deve ficar á mercê das especulações particulares, das confabulações e dos subalternos interesses da politica, que podem de um momento para outro desviar-o da sua gloriosa missão.

General CARRELET.

## 15 DE JANEIRO

**1636** — Lê-se nas *Ephemérides Nacionaes*: « Emquanto o general D. LUIS DE ROJAS Y BORJA marcha com o seu exército na direcção de Porto Calvo, o capitão REBELLO, a quem os inimigos illudiram escapando-se para a Barra Grande, corre ainda no encalço delles e alcança uma companhia de cavallaria, da qual matou 28 soldados, fugindo-lhe os mais, que andavam por 40. A tarde chega o exército, que occupa a praça abandonada, onde encontra muita munição e abastecimento».

**1823** — E' nomeado lente substituto de mathemáticas da Academia de Marinha, e mais tarde lente cathedrático de astronomia e navegação (e ao mesmo tempo encarregado do Observatorio), o

capitão de mar e guerra FRANCISCO MIGUEL PIRES, fallecido em Abril de 1853.

Era portuguez de nascimento, mas preferiu a nacionalidade brasileira quando se proclamou a nossa Independencia. Continuou no exercicio do magisterio ainda depois de ser jubilado e foi director da já citada Academia em substituição do chefe de divisão JACINTHO ROQUE DE SENNA PEREIRA.

Era cavalleiro das ordens de Christo e de S. Bento de Aviz; escreveu um *Tratado de Trigonometria Esphérica* (1846; reimpresso em 1866) que serviu de compendio da sua aula; e traduziu o *Tratado de Navegação* de C. F. TOURNIER (1846), para uso dos guardas-marinha.

**1826** — Nasce no Rio de Janeiro o general de brigada reformado no posto de general de divisão graduado FRANCISCO JOSÉ CARDOSO JUNIOR, actual bibliothecario do exército, nomeado a 3 de Fevereiro de 1890.

Assentou praça em 1842 e bacharelou-se em mathematicas na antiga Academia Militar. O Imperador D. PEDRO II concedeu-lhe o titulo de seu conselheiro; é official das ordens da Rosa e de S. Bento de Aviz, commendador da ordem da Conceição de Villa Viçosa; exerceu importantes commissões militares, foi deputado á Assembléa Geral Legislativa e presidente das provincias de Sergipe e Matto Grosso.

Escreveu uma luminosa *Apreciação do Parecer* da commissão nomeada pelo governo da provincia do Rio de Janeiro para examinar o estabelecimento da Imperial Companhia Seropédica em Itaguahy (1862), da qual foi presidente; uma *Refutação succintâ* do relatorio pósthumo da dissolvida commissão de exame da repartição das Obras Públicas do Rio de Janeiro, de que era ajudante (1863); e os *Relatorios* das suas referidas administrações (Sergipe, 1871, Matto Grosso, 1872).

**1827** — O Imperador D. PEDRO I regressa da provincia do Rio Grande do Sul, onde tencionava pôr-se á frente do nosso Exército na campanha *cisplatina*.

**1828** — Os nossos brigues *Maranhão* e *Caboclo* e o briguescuna *Constança* obrigam o almirante argentino BROWN, que tentara sair de Buenos Aires, a recolher-se áquelle porto.

**1840** — Chegando o coronel CID ao *Estanhado*, organisa um corpo de Imperiaes Voluntarios do Piauhy, sob o commando de THOMAZ JOSÉ PEREIRA, e um corpo provisório commandado pelo

major PEDRO PAULO. (V as *Notas diarias* sobre a revolta civil que teve logar nas provincias do Maranhão, Piauí e Ceará (1838-1841) por J. M. PEREIRA DE ALENCASTRE, no tomo XXXV, parte segunda, da *Revista Trimensal do Instituto Histórico*).

**1864**— E' nomeado e assume o cargo de ministro da Marinha o senador JOÃO PEDRO DIAS VIEIRA.

**1890** — Realisa-se no Club Naval a imponente manifestação da Armada ao ministro EDUARDO WANDENKOLK — o promulgador da lei da reforma compulsoria por limites de idade.

Às 2 1/2 horas da tarde, reunidos no salão do Club quasi todos os officiaes de Marinha existentes na Capital, grande número de officiaes do Exército e commissões da Escola Militar, do Corpo de Bombeiros e do Regimento Policial, formada em frente ao edificio uma brigada de marinha, composta de dois batalhões de marinheiros nacionaes, do batalhão naval e duas baterias de metralhadoras, ao todo 910 praças, o contra-almirante FOSTER VIDAL, presidente do Club, pondo em relevo os serviços prestados pelo Ministro, pediu-lhe que accitasse um album, cuja dedicatória ia ser lida, e que lhe era offerecido por seus companheiros de armas.

Em seguida o 1º tenente LAMENHA LINS leu a seguinte dedicatória :

« Ao cidadão contra-almirante EDUARDO WANDENKOLK, ministro da Marinha. — O desánimo que lavrava na Armada, por effeito da incuria e imprevisão dos ministros do Império nestes últimos tempos, claramente infensos ao bem estar da classe militar, porque lhe foi esta sempre o maior obstáculo á prosecução dos seus tenebrosos planos de compressão e de msytificação de todas as leis, não podia perdurar no regimen de liberdade e de justiça que se inaugurava em nossa patria com a queda da monarchia.

« Em boa hora chamado a participar da gestão dos altos negocios do Estado, iniciastes desde logo uma larga politica de reparação aos erros dos governos transactos.

« Igualando o tempo de serviço dos nossos bravos marinheiros aos dos não menos bravos soldados do nosso Exército, e abolindo no mesmo decreto o castigo corporal, que tanto aviltava, praticastes o mais subido acto de justiça e de respeito á dignidade humana, de que vos serão para todo o sempre reconhecidos.

« Estas duas primeiras medidas, promulgadas no dia immediato ao da grandiosa e incruenta revolução de 15 de Novembro,

foram como que o prenuncio de uma nova época de **rehabilitação** para a Marinha.

« Não tardou muito que se viessem confirmar tão fundados esperanças.

« A reforma compulsoria, de que fostes um dos mais ardentes propugnadores desde o seu inicio, e incansavel **defensor** junto aos poderes públicos constituia no conceito unânime dos **officiaes**, o mais seguro e prompto meio de levantar a Marinha do estado de abatimento em que jazia.

« Adial-a, portanto, ou postergar a sua **benéfica** influencia era a mais evidente manifestação da incompetencia governamental.

« O que outros não puderam ou não souberam, vós acabais de fazer, promulgando o decreto que altera o quadro dos **officiaes** da Armada e estabelece regras pelas quaes devem ser reformados voluntaria ou compulsoriamente.

« Assim provendo a subsistencia dos que, encanecidos no serviço da patria, haviam derramado o seu sangue nos combates com que tanto illustraram a nossa gloriosa historia, curastes ao mesmo tempo do futuro daquelles que, cheios de patriotismo e abnegação, buscam a carreira das armas em defeza da honra o integridade do Brasil.

« Sob este duplo aspecto, as glorias que vos adornam a frente, tantas vezes laureada pelo fumo dos combates e pela nevoa das procellas, serão immoredouras como a gratidão que fistes irromper do coração de toda uma classe.

« Conta, em vós, porém, essa classe que não deixareis o vosso posto de honra sem que tenhais realisado todas as grandes idéas que a poderão tornar feliz e próspera.

« Não vos fallece nem a competencia do governo, nem a confiança do **benemérito** chefe do Estado para levardes o vosso nome á posteridade como o mais digno membro da Marinha da **nascente** República.

« Nesse intuito fazem ardentes votos os signatarios da presente missiva, esperando que os acciteis como **significativo** testemunho do alto apreço e maior reconhecimento de que se acham possuidos pela decretação da sábia lei de 30 de Dezembro de 1880.

« Club Naval, na Capital Federal dos Estados Unidos do Brasil, 14 de Janeiro de 1889».

O album, é de capa de velludo azul, tendo em uma das faces o losango em ouro com as ostrellas de brilhantes e a seguinte dedicatória : « Ao contra-almirante EDUARDO WANDENKOLK, 30 de Dezembro de 1889 — Os officiaes da Armada ».

Finda a cerimonia no Club, dirigiu-se o ministro com toda a officialidade e a força de marinha para o palacio do Governo Provisorio a cumprimentar o generalissimo e ahi, convidado o marechal Deodoro a comparecer á janella, o major Serzedello, da rua, depois de commemorar os serviços e actos de patriotismo praticados pelo general DEODORO, contra-almirante WANDENKOLK e tenente-coronel BENJAMIN CONSTANT, acclamou, em nome do povo o general DEODORO generalissimo do Exército, o contra-almirante WANDENKOLK vice-almirante e o tenente-coronel BENJAMIN CONSTANT, general de brigada.

Os decretos foram lavrados na mesma occasião pelo secretario do governo.

**1857** — Assenta praça o illustrado general de divisão DR FRANCISCO JOSÉ TEIXEIRA JUNIOR, nascido em Porto Alegre (Rio Grande do Sul) a 10 de Novembro de 1840. (V a *epheméride* de 31 de Março de 1860).

---

#### OS HOMENS DO DIA

**1622** — Nasce em Paris J. B. POQUELIN, universalmente conhecido pelo pseudônimo MOLIÈRE, o maior poeta e actor cômico da França, fallecido em 1673.

As suas principaes peças são : *As Preciosas Ridículas*, *A Escola dos Maridos*, *O Festim de Pedro*, *O Amor Médico*, *O Misanthropo*, *O Aparento*, *Jorge Daudin*, *O Peão Fida'go*, *As Mulheres Sábias* (sabidas, ou sabichonas), *O Doente Imaginario*, etc.

**1763** — Nasce em Paris o grande trágico TALMA, fallecido em 1826.

**1884** — O célebre orador espanhol EMILIO CASTELAR arrebatou o auditorio com a seguinte plirase, que, friamente analysada, não passa de um absurdo : « A Espanha faz moralmente parte da França ». Discutia-se a alliança hispano-allema.

## MÁXIMA MILITAR

**E** PRECISO que cada homem de guerra se sinta profundamente dominado pela idéa da gloria de seu paiz e da honra nacional: que o amor da patria, esse sentimento divino gravado pela Providencia no coração de todos os homens, os mantenha, os eleve e os coloque na altura das circumstancias.

Mas esse sentimento não deve ser uma palavra vã; é indispensavel que seja sincero, profundo, enérgico, e que se demonstre a sua realidade, sempre que seja necessario, na plenitude dos maiores sacrificios.

Marechal MARMONT.

## 16 DE JANEIRO

**1643** — Saíem os holandezes de S. Luis do Maranhão, comandados pelo coronel HENDERSON, e atacam os sitiante patriotas, tomando-lhes o posto do Carmo. Indo, porém, acommetter outra posição que estes occupavam, são repellidos com grande perda.

Morre heroicamente nesse combate o capitão-mor ANTONIO MUNIZ BARREIROS, succedendo-lhe no posto ANTONIO TEIXEIRA DE MELLO.

**1654** — Rendição do forte das Salinas ou de Francisco do Rego, em Pernambuco, que estava em poder dos holandezes.

Este forte foi o primeiro que o general BARRETO mandou atacar, depois de se resolverem os nossos a apossar-se do Recife, dominado pelos holandezes.

**1767** — O coronel AFFONSO BOTELHO DE SAMPAIO E SOUSA depára com os padrões de pedra com as armas de Portugal, que MARTIM AFFONSO DE SOUSA mandara lançar no pontal da barra de Cananéa a 12 de agosto de 1531.

**1827** — E' nomeado ministro da Marinha o MARQUEZ DE MACEIÓ.

**1860** — Morre em Nova Friburgo o brigadeiro JERONYMO FRANCISCO COELHO, nascido na Laguna (Santa Catharina) a 30 de Setembro de 1806.

Era engenheiro pela antiga Academia Militar, e aos 18 annos de idade foi promovido ao posto de capitão de artilharia, sendo transferido depois para o estado-maior de primeira classe.

## INTRODUÇÃO

E' mais facil, e com frequencia menos util, dizer coisas novas, que conciliar as que já foram ditas.

( VAUVENARGUES )

A guerra é uma simples arte, e só de execução ; nada ha nella de vago e ideológico ; tudo nella depende do bom censo.

( NAPOLEÃO — *Commentarios* )



QUALIDADES INDISPENSAVEIS AO GUERREIRO.— O célebre proverbio *Mens sana in corpore sano*, synthetisa a condição essencial que deve possuir todo o homem chamado a dizer ou roalisar uma acção militar.

Todos os capitães, que deixaram renome na memoria dos povos, souberam reunir em alto grau as qualidades do pensador ás do homem de acção.

Pode-se ser poeta, philósopho, estadista, com um corpo debil ; e lavrador, carpinteiro ou ferreiro com uma alma commum ; mas é impossivel ser completo guerreiro sem ter uma alma enérgica num corpo agil e robusto.

Os exercícius militares são, pois, entre todas as artes, os que exigem em maior escala o desenvolvimento e o completo equilibrio das forças physicas e mraes do homem ; e eis porque, em todos os tempos, as mais claras intelligencias consideraram o *serviço militar obrigatorio* como a mais sólida instituição quo se pode dar aum paiz que quer conservar intactas as forças vivas e toda a influencia politica.

A saude, o vigor, a dostreza e o character, são sempre resultantes de qualidades naturaes, sabiamente desenvolvidas por uma viril educação primaria. A instrucção técnica e a disciplinar, emanadas do espirito de ordem e do método, adquirem-se pela applicação ao trabalho, pela permanencia nas escolas ou academias, e nos regimentos e batalhões, pela observancia dos regulamentos, a vida do acampamento, e principalmente pelo exercicio intelligente da profissão das armas.

OLHAR MILITAR.— Quanto ao *olhar militar* e ao *juizo*, essas duas qualidades soberanas sem as quaes o homem não pode dirigir a mais insignificante operação de guerra, ellas não se adquirem nos bancos das escolas nem no quartel, pois são o resultado de uma aptidão natural cultivada pela observação do individuo, pela leitura e pela meditação das coisas da guerra.

O *olhar militar* é uma dupla faculdade, tanto physica como intellectual, que permite ao militar attingir rápidamente a configuração geral das posições estratégicas, occupadas por suas tropas ou pelo inimigo ; analysar as vantagens e os inconvenientes relativos que offerocem, tanto para a estabilidade das forças, como para a acção offensiva ou defensiva das mesmas ; e deduzir d'ahi as disposições preferíveis que devem ser adaptadas ao terreno, para tirar dellas, em quaesquer circumstancias, o melhor partido possivel.

JUIZO.— A segunda qualidade capital, o *juizo*, substitue sempre na guerra o *olhar militar*, embora vá muito além na ordem intellectual. Está nessa preciosa faculdade o segredo do chofo em abarcar com calma, em sou espirito, as simultâneas e múltiplas relações dos objectos que se prendem ao seu objectivo ; descobrir instinctiva e friamente o ponto delicado de uma situação complicada ; tomar uma

resolução sem vacillações, e determinar a solução mais prática, de conformidade com as circumstancias em que se encontra e os meios de que dispõe.

Mas ¿ como adquirir o desenvolvimento dessas eminentes faculdades? — ¿ Como descobriste as leis da gravitação? — perguntaram a NEWTON. — Pensando no assumpto incessantemente, respondeu o sabio. E' nesse estado de espirito que se deve collocar o que deseja sinceramente chegar a ser um chefe militar: ; pensar sempre nisso! E' preciso que todos os dias, á toda hora, na guarnição, a pé ou a cavallo, viajando, caçando ou passeando, em todas as eventualidades da sua carreira, o militar exercite constantemente o *olhar* por meio do exame e a comparação das localidades, e o *juizo* pela persistencia e racional applicação dos principios da arte da guerra.

Este método de instrucção, tão fecundo e tão simples na applicação, tem sido objecto quasi constante de um desvio, de certo modo systemático, no exército francez. Sem que este deixe de submitter-se, em tempo de paz, á observancia subalterna dos regulamentos militares, contrahiu, não obstante, o costume de confiar tudo, em tempo de guerra, á fortuna, á inspiração dos chefes, ao ímpeto da incomparavel bravura do soldado. Por uma estranha contrallicção, destruiu-se no official, pela vida artificial e automática do quartel, essa iniciativa prudente e reflectida que, hoje mais que nunca, é o mais poderoso elemento nos campos de batalha. Esqueceram-se de que essa brilhante inspiração, de que alguns de nossos generaes nos deram tão bellos exemplos, não é uma qualidade sólida sinão no homem instruido, intelligente, vivo e perspicaz, servido por um juizo lúcido e seguro. Sem a instrucção e o *juizo*, a célebre arte de *avançar na vanguarda* é o meio mais infallivel e mais rápido de conduzir um exército á derrota. — (Continua).

---

## Brasil Marcial

### Condições da assignatura

Nesta capital, 12 fascículos	12\$000
» » 24 fascículos	20\$000
Fóra da capital, 24 fascículos	24\$000

A venda de fascículos avulsos só é destinada aos alumnos das Escolas Militares e inferiores dos corpos desta guarnição, que se compromettam a subserverem-os do primeiro ao último, sendo-lhes assim mais facil o pagamento, que é de 1\$000 por fascículo.

*O pagamento da assignatura nesta capital, será feita no acto da entrega dos fascículos publicados; os pedidos de fóra da capital devem ser acompanhados da respectiva importancia, em vale postal ou carta registada com valor declarado, dirigidos ao Autor, no seu escriptorio, á rua Gonçalves Dias n. 67.*

MUCIO TEIXEIRA

# Brasil Marcial

SYNTHESE HISTÓRICA

DAS

*nossas guerras, revoluções e revoltas, desde os tempos  
coloniaes até a actualidade, com  
o retrato e a biographia dos heróes, a descripção dos combates,  
a planta do terreno, o typo dos navios, etc.*

1 DE JANEIRO DE 1502 A 31 DE DESEMBRO DE 1903

FASCICULO N. 5



RIO DE JANEIRO

8.065—Typ. da Companhia Litho Typographia—Rua do Lavradio, 50

1903

# BRASIL MARCIAL

POR

Mucio Teixeira

PREÇO DA ASSIGNATURA



24 fascículos	20\$000
12 fascículos	12\$000
Fóra da Capital, 24 fascículos	24\$000

Os pedidos de assignaturas devem ser dirigidos ao Autor, no seu escriptorio, á

RUA SETE DE SETEMBRO, 68

2.º andar

## CAMPO SANTO

Ultimo Livro de Poesias

DE

MUCIO TEIXEIRA



Um grande volume de XX—542 páginas, a edição de mais luxo que se tem feito no Brasil, ornada com o retrato do Autor e mais de 70 illustrações em photogravura.

PREÇO. 10\$000

Vende-se no escriptorio do Autor

—« Á »—

RUA SETE DE SETEMBRO, 68

2.º Andar

E NA

Confeitaria do Largo da Carioca, 12, 14, 16 e 18

Preço do livro fóra desta capital. . . 15\$000

Chegando a ser um dos nossos mais distinctos generaes, JERONYMO FRANCISCO COELHO foi deputado provincial na terra do seu nascimento (1835—1847); deputado á Assembléa Geral Legislativa, membro do Conselho do Imperador D. PEDRO II, vogal do Conselho Supremo Militar, commendador das ordens da Rosa e de S. Bento de Aviz, socio do Instituto Histórico Brasileiro, presidente e commandante das Armas da provincia do Pará (1848—1850) e por duas vezes Ministro da Guerra (2 de Fevereiro de 1844 a 26 de Maio de 1845, e 4 de Maio de 1857 a 10 de Julho de 1858).

Escreveu e publicou varios *Relatorios*, um *Regulamento* (reformando as Escolas Militares), uma *Memoria* sobre as fronteiras do Rio Grande do Sul e Santa Catharina e um *Mappa* comprehendendo os terrenos adjacentes ao Rio S. Francisco e ilha do mesmo nome, do qual existe no Archivo Militar uma cópia reduzida a menor escala.

PEREIRA DA SILVA, na sua *Selecta Brasiliense*, diz: — « Abatido por dolorosa enfermidade, ainda prestou relevantes serviços ao paiz, e so se retirou para Nova Friburgo, deixando o ministerio e passando a pasta ao seu collega da Marinha, quando de todo a não pôde mais dirigir.

moderado e prudente, sem se mostrar duvidoso em seu posto, decidido propugnador da opinião liberal, de elocução facil, clara e graciosa, tão sereno nas horas de triumpho como nos dias da adversidade, morreu pobre como tinha nascido, legando aos filhos, sua mãe, nobre velhinha, testamento digno de um dos heroicos vultos da Grecia.

**1872**—Morre na cidade da Barra Mansa o tenente FRANCISCO ALBERTO DE SOUSA E SILVA, nascido na cidade do Rio de Janeiro, a 27 de Novembro de 1822. Era irmão do distincto literato JOAQUIM NORBERTO DE SOUSA E SILVA, collaborando com elle em muitas revistas fluminenses (de 1840 a 1870), publicando em 1842 um poemeto intitulado *A Visão*, em quatro cantos:— I, *A Revolução*;— II, *A Abdicação*,— III, *A Menoridade*;— IV, *A Maioridade*.

**1894**—O coronel MOREIRA CESAR, á frente da expedição mandada pelo marechal FLORIANO PEIXOTO em conquista da ilha do Governador, nesta madrugada faz alto no mesmo sitio onde haviam acampado as forças do general JOÃO TELLES, que no dia 14 fôra gravemente ferido, quando procurava observar a posição de uma companhia de atiradores do 23º.

Este bravo rio-grandense, ao retirar-se ferido, ordenou que a posição fosse sustentada, entregando o commando ao coronel ZEFERINO DE CAMPOS, como official mais graduado.—«Não querendo este, diz o Sr. E. VILLALBA, assumir a responsabilidade das operações ulteriores, na ilha, o tenente-coronel TORRES HOMEM, que ahí se achava na qualidade de encarregado do serviço de estado-maior, procurou o Governo, na capital, para receber novas ordens.

A segunda expedição foi organizada e confiada ao coronel MOREIRA CESAR, commandante do 7º batalhão de infantaria, que, na noite desse mesmo dia 14, se encaminhou para a ilha, onde desembarcou na manhã de 15, com toda a força e material de artilharia. A cavallaria passou do lado do Engenho da Pedra.

Depois de feito um reconhecimento pela estrada por onde estas forças se haviam dirigido, o qual se estendeu até um vasto descampado, além da Encruzilhada de Santa Cruz, o coronel MOREIRA CESAR tomou as melhores posições e á tarde começaram os canhões a atirar contra um frigorífico e algumas lanchas que se achavam perto das ilhas vizinhas e fronteiras, as quaes logo se retiraram do alcance da artilharia.

#### OS HOMENS DO DIA

**1555**—CARLOS V, Rei de Espanha (em 1516) e Imperador da Allemanha (em 1519) abdica e retira-se nesta data para o mosteiro de S. Justo, onde piedosamente acabou os seus dias, tres annos depois.

Nasceu em 1500 e teve quatro guerras contra FRANCISCO I, Rei da França, vencendo-o na célebre batalha de Pavia. De uma

ambição desmedida, não podendo realizar todos os seus sonhos, sepultou-se num claustro. Diz a lenda que elle assistiu em vida aos seus funeraes, ouvindo de dentro do caixão os commentarios dos cortesãos sobre elle e seu governo.

**1675**—Nasce em Versailles L. DE ROUVRAY, Duque de Saint-Simon, célebre por suas *Memorias*.

**1800**—Batalha de Corogne, em que o marechal SOULT derrota os inglezes.

**1822**—Nasce em Paris o DUQUE DE AUMALE, príncipe da familia de ORLEANS, valente e patriota general, membro da Academia Franceza, á qual legou o seu precioso museu e castello de Chantily. Falleceu em 6 de Maio de 1897.

**1883**—O Príncipe NAPOLEÃO manda afixar nos muros de Paris o *Manifesto* em que se apresenta candidato ao throno de França.

## MÁXIMA MILITAR

**E**M cada theatro de operações ha sempre certos *pontos*, cuja possessão é decisiva, tanto política como militarmente. São os pontos estratégicos.

General PAIXHANS.

## 17 DE JANEIRO

**1636**—O exército de D. LUIS DE ROJAS Y BORJA, depois de ouvir missa, marcha na direcção de Peripueira, onde D. LUIS esperava encontrar o inimigo: ao anoitecer estava o exército a duas léguas de Porto Calvo e na entrada de um desfiladeiro por onde continuava a estrada.

Ahi lembra o capitão MARTIM SOARES MORENO a cautela de se mandarem uns índios práticos daquelles logares, explorar o

caminho, medida acertada, porque, quando a força exploradora ia penetrar no desfiladeiro, delle sahiam os hollandezes.

Fez logo alto de ambos os lados e travou-se um vigoroso tiroteio, de que resultou cahirem de um e outro lado varios mortos, feridos e prisioneiros, tendo nisso o inimigo peor parte, não so pelo vivo fogo que soffreu dos nossos, como pela confusão que entre elles se estabeleceu por causa da escuridão da noite.

Este encontro e o seu resultado deixou, porém, patente ao general espanhol que a guerra nas mattas do Brasil era muito diversa da guerra scientifica que aprendera na Europa e, julgando que menos mal lhe acarretaria arriscar uma acção do que effectuar uma retirada, deliberou dar um ataque no dia seguinte, embora dispuzesse de forças inferiores ás do inimigo.

Os officiaes que reunira em conselho eram de voto contrario e todos lhe pediram que não se empenhasse, com tão pouca gente, não costumada, como toda a que trouxera da Espanha, a pelejar daquella forma; D. LUIS, embora reconhecesse o alcance do conselho, ja não podia recuar, e, si bem que mandasse a MANUEL DIAS DE ANDRADA, em Porto Calvo, que lhe enviasse a maior força de gente que pudesse dispensar, tratou de haver-se com a que tinha, porque aquella não chegaria a tempo. (Vide a *epheméride* de 18).

**1640**—As esquadras portugueza e hollandeza travam a batalha naval de Potenguy, no Rio Grande do Norte. Aos tres combates empenhados nos dias 12, 13 e 14 (vide as páginas 102, 107 e 117) seguiram-se dois dias sem hostilidades, impedidas as esquadras contrárias de se aproximar uma da outra pela calmaria podre que succedera ao vento impetuoso que até então reinara.

Nesta data o vice-almirante HUYGHENS ataca a esquadra do CONDE DA TORRE, que, accommettido violentamente, se vê obrigado a retirar-se da acção e a fazer-se ao largo, sendo substituido por outros dos seus galeões, que trataram de oppor resistencia ás duas vice-almirantas inimigas.

Os hollandezes alcançaram afinal a palma da victoria que lhes escapara nos tres combates anteriores, tendo uma perda, não incluindo o navio que fôra a pique, quasi insensivel em comparação

da nossa, pois tiveram apenas 22 mortos e 82 feridos. A nossa perda foi immensa, sobretudo pelas suas consequencias: não se restaurou Pernambuco, como pudera ter sido, si desembarcassem convenientemente as tropas que vinham para esse fim.

Toda a esquadra desmantelou-se, sem nenhuma gloria para nós, estando quasi todos os navios com falta de víveres e aguada; uns foram por seu proprio arbítrio para ás Antilhas; outros, com doentes e feridos, para o Maranhão; e houve um em que succumbiu a guarnição toda!—«Deste modo foi vergonhosamente destroçada uma poderosa esquadra e um regular corpo de exército, que, melhor dirigidos, podiam acabar com todo o poder hollandez no Brasil». (*Datas Célebres*).

O pintor hollandez FRANCISCO POST desenhou annos depois estas quatro batalhas navaes; e as gravuras, com a sua assignatura, que as representam, podem ver-se na magnifica edição *in-folio* da obra de BARLEUS, de que ha na Bibliotheca Nacional um bom exemplar.

«O grande almirante e generalíssimo CONDE DA TORRE, so com um bergantim que montava dez peças, atreveu-se, fazendo-se ao largo, a refugiar-se na Bahia, onde ja se achava em fins de Abril, quando ahi se apresentou de novo o inimigo com a sua esquadra, levando tropas de desembarque, como veremos. Outros navios mais, com tropas, puderam ainda entrar na Bahia, e depois d'ahi passaram á Europa».—(*Historia das Lutas com os Hollandezes*).

Esta victoria foi perpetuada pela Hollanda em uma medalha, na qual se lê em hollandez:—«*Deus abateu o orgulho do inimigo aos 12, 13, 14 e 17 de Janeiro*».

**1774**—O general espanhol VERTIZ, governador de Buenos Aires, que avançára até ao nosso forte do Rio Pardo, com cerca 2.200 homens, retira-se durante a noite, desistindo do intento de atacar essa posição. (*Guerra com os Espanhóes no Sul*).

**1817**—O CONDE DE VIANNA, commandante da flotilha que cruzava nas aguas do Rio da Prata, de combinação com o exército

commandado pelo general LECÓR, apparece á vista de Montevideo e fica inteirado das disposições do *cabildo* daquela cidade.

**1869**—Morre o general HILARIO MAXIMIANO ANTUNES GURJÃO, em consequencia dos graves ferimentos recebidos no glorioso combate de Itororó, onde proferiu as memoraveis palavras:—*Vejam como morre um general Brasileiro!*—(Vide a *epheméride* de 21 de Fevereiro de 1820).

**1885**—Cai ao mar o encouraçado *Aquidaban*, célebre pelo papel que representou na revolta de 6 de Setembro de 1893.

**1894**—Depois de uma exploração por toda a ilha do Governador, de alguns tiroteios trocados com o frigorífico que se achava á vista da enseada da Escola, e da occupação deste estabelecimento, ficaram as forças do coronel MOREIRA CESAR de posse de toda a ilha, cujo abandono recente e precipitado revelava-se a todos os momentos.

« Foi esta uma grande perda para os revoltosos, diz o autor da *Revolta da Armada*, visto como era d'ali que retiravam cereaes, agua e carne fresca; era tambem por ali que entretinham relações com a capital, e finalmente a ilha servia-lhes de uma trincheira natural para a navegação no fundo da bahia do Rio de Janeiro ».

#### OS HOMENS DO DIA

**1600**—Nasce em Madrid o insigne poeta dramático PEDRO CALDERON DE LA BARCA, fallecido em 1681.

Contava apenas 14 annos de idade quando escreveu a sua primeira peça; e assentou praça de soldado aos 25 annos, depois de ter estado ao serviço de varios fidalgos, cultivando sempre a poesia.

Tendo FELIPE IV notado o seu grande talento, chamou-o á côrte em 1636, cumulou-o de favores e distincções, e contribuiu com as despezas necessarias para as representações das suas peças dramáticas, todas em verso.

Em 1852, CALDERON abraçou a vida ecclesiástica, sendo em seguida nomeado cônego de Toledo. Desde então so escreveu peças religiosas. Suppõe-se que o número das suas producções chega quasi a mil; mas apenas umas tresentas se tem conservado e são tragedias, comedias, *mysterios* e *autos sacramentacs*.

Em todas ellas revelou o seu poderoso engenho e a mais fecunda imaginação; mas, ao mesmo tempo nota-se o desprezo completo das regras da arte, além de abusar dos anacronismos. Suas principaes obras são: *O Príncipe Constante*,—*A Vida e Sonho*,—*O Médico da sua Honra*,—*Heráclito* (assumpto tambem tratado por CORNEILLE, e cuja prioridade ainda é hoje discutida).

VOLTAIRE traduziu o *Heráclito* de CALDERON e desde então os espanhóes denominaram esta peça *A Famosa Comedia*. MOLIÈRE imitou, nas *Femmes Savantes*, a comedia de CALDERON *Com o Amor não se brinca*; e SCARRON fez uma péssima parodia da *Falsa Apparencia*, na imitação intitulado *Se défier des apparences*; *O Alcaide de Zalamea* tambem foi traduzido em francez, por CALLOT DE HERBOIS, que deu essa traducção como trabalho original, com o titulo de *Le Paysan magistrat*.

**1707**—Nasce em Boston BENJAMIN FRANKLIN, um dos homens mais illustres dos Estados Unidos da América do Norte.

Filho de um pobre fabricante de sabão, começou por ser compositor typográfico; mas á força de trabalho e economia conseguiu estabelecer uma typographia em Philadelphia, conquistando assim uma posição independente.

Occupou-se seriamente de assumptos de interesse público, fundou uma bibliotheca e uma sociedade literaria, publicou jornaes e almanaks, que lhe serviram para popularisar idéas novas. Em breve entrou na administração pública: foi primeiramente secretario (1736), depois membro da Assembléa da Pensylvania (1747) e fez adoptar importantes medidas, taes como a organização da milicia nacional e a fundação de escolas, hospitaes, etc.

Entrementes desempenhava esses cargos, consagrava-se ao estudo das sciencias, fez importantes descobertas sobre a electricidade e inventou os pára-raios. Em 1750 foi nomeado director

geral dos Correios da América, e em 1757 foi eleito deputado ao Congresso da metrópole, onde defendeu os interesses dos seus compatriotas, alcançando algumas concessões; mas, rebentando a guerra do seu paiz com a Inglaterra, FRANKLIN regressou de Londres em 1775.

Deputado ao Congresso da Pensylvania, logo que chegou da Europa, concorreu poderosamente para a declaração da independencia (1776) e foi á França em missão diplomática, sendo recebido em Paris com enthusiasmo, alcançando quanto pedia para o seu paiz. Em 1783 assignou o tratado de paz, que assegurou a independencia á sua nação.

Dois annos depois voltou á patria, e a sua recepção foi um verdadeiro triumpho, so comparavel ao que alcançou o aeronauta brasileiro SANTOS DUMONT, ao desembarcar no Rio de Janeiro, a 7 de Setembro de 1903.

FRANKLIN foi nomeado presidente do Estado da Pensylvania, mas em 1788 recolheu-se á vida privada, morrendo dois annos depois, com 84 annos de idade. A Assembléa Nacional de França tomou luto, por prosta de MIRABEAU.—FRANKLIN não foi somente um preclaro patriota: foi tambem um habil physico, um grande moralista, um singular exemplo de virtudes cívicas.

Creou um método de reforma moral, que consiste em combater successivamente cada um dos vicios; e concorreu para o aperfeiçoamento dos seus compatriotas, publicando obras verdadeiramente populares. TURGOT synthetisou essa admiravel personalidade no seguinte verso que foi burilado no pedestal da estatua de FRANKLIN:

*Eripuit cælo fulmen, sceptrumque tyrannís.*

(Arrancou ao céu o raio e o sceptro aos tyrannos).

As principaes obras de BENJAMIN FRANKLIN são:—*Sciencia do bom Ricardo*,—*Miscellanea de Moral e Economia Politica*,—*Memorias da vida de Franklin, escriptas por elle mesmo*.

**1863**—Morre em Paris HORACIO VERNET, um dos grandes pintores francezes, nascido a 30 de Julho de 1789.

## MÁXIMA MILITAR

A guerra não dá a educação militar; não faz mais do que aperfeiçoal-a; e de bem pouco serviria, si não fosse um complemento prático dos estudos theóricos. E' necessario, pois, estudar a arte da guerra, antes de entrar em acção e acompanhar dia a dia a evolução dos exércitos em todas as nações.

TOLARD.

## 18 DE JANEIRO

**1537** — RUY MOSCHERA e outros castelhanos que, batidos no Rio da Prata, se haviam refugiado em Iguapé, atacam a villa de S. Vicente (S. Paulo), de onde são repellidos, depois de lhe terem causado estragos e depredações, retirando-se em seguida para o Rio da Prata. — (A. MARQUES — *Apontamentos*, extrahidos das *Ephemérides Nacionaes* de TEIXEIRA DE MELLO).

**1567** — Chega MEN DE SÁ com a sua armada á barra do Rio de Janeiro, vindo em auxilio do seu sobrinho ESTACIO DE SÁ.

**1634** — Chega ao arraial do Bom Jesus, vindo da Parahyba, o capitão-mor FRANCISCO DE VASCONCELLOS, trazendo 180 homens dos 600 com que sahira de Lisboa; tendo morrido uns, adoecido outros e évadido-se muitos, ficando 200 de guarnição naquella capitania por ordem de MATHIAS DE ALBUQUERQUE.

Com a chegada desse raforço augmentou-se a escassez de víveres, pois recebia cada soldado a ração mais exigua possivel; entretanto, nunca em todos elles se desmentiram a constancia nas privações e a coragem nos combates e revezes.

**1636** — Mortífera peleja, diz TEIXEIRA DE MELLO, entre as nossas forças commandadas pelo mestre de campo D. LUIS DE ROJAS Y BORJA, perto de Porto Calvo, e o coronel flamengo ARCIZEWKY, no seguimento da lucta que ja durava cinco annos, entre os nossos e os holandezes.

D. LUIS cai morto por uma bala no peito; com esse lamentavel successo a debandada da nossa gente torna-se completa e a victoria declara-se pelos inimigos. Nesse combate tomara parte o fiel e intrépido CAMARÃO, que apenas pôde guardar a retirada da nossa gente, e tão bem se houve nisso que o inimigo so conseguiu fazer dez prisioneiros.

A pouca experiencia que tinha o general espanhol D. LUIS da guerra nas mattas do Brasil, tão outra da que se fazia na Europa, foi, como ja ficou dito, a causa principal deste desastre, que elle podia ter evitado.

« A derrota dos nossos foi tão grande, diz o VISCONDE DE PORTO SEGURO, que muitos so deveram o escapar-se a um precipicio, pelo qual se arrojaram, sem por elle quererem igualmente precipitar-se os vencedores».

Suppõem muitos que ROJAS Y BORJA fôra morto por seus próprios soldados e outros que por algum dos índios, em vingança do demasiado rigor com que seis dias antes (vide a *epheméride* de 12, página 101) mandara por uma pequena falta arcabuzar um delles. Essa supposição, porém, não tem consistencia, segundo as ponderações que adduz para combatel-a o supracitado autor.

O Sr. JOSÉ DE VASCONCELLOS, nas suas *Datas Célebres*, é tambem avesso á essa versão e conclue que a morte de D. LUIS fôra devida ao seu inconsiderado procedimento e demasiado orgulho, por suppor sempre, desde que tomara o commando das nossas forças, que as últimas derrotas soffridas eram devidas, não ao vigor e habilidade dos adversarios, mas á incapacidade do seu predecessor.

Nesta acção, que se chamou da Matta Redonda, perderam os nossos trinta e tantos homens e tiveram igual número de feridos, e entre estes os capitães JOÃO DE MAGALHÃES e JOÃO LOPES BARBALHO; o sargento-mor dos italianos HEITOR DE LA CALCE cahiu prisioneiro. ARCIZEWKI ficou senhor do campo e os nossos retiraram-se á povoação.

Pelas vias de successão, que no dia seguinte se abriram, o mando do exército tocava ao CONDE DE BAGNUOLO, que, immedi-

atamente avisado nas Lagunas, se poz em marcha, mas so chegou a Porto Calvo a 19 de Março.

**1814** — Fallece na cidade do Rio de Janeiro, na idade de 57 annos, o CONDE DAS GALVÊAS, D. JOÃO DE ALMEIDA DE MELLO E CASTRO, então Ministro da Marinha. Seu corpo foi sepultado na igreja de S. Francisco de Paula.

**1827** — Combate naval dos Cerros de S. Juan. (*Guerra do Rio da Prata*):

Ordenara o almirante RODRIGO PINTO GUEDES ao capitão de fragata FREDERICO MARIATH (que foi depois almirante) que com a corveta *Maceió*, os brigues *Cabedelo*, *Real João* e *Rio da Prata*, as escunas *Maria Thereza*, *Conceição*, *Providencia*, *Itaparica* e *Dois de Dezembro*, procurasse fazer junção, por Martin Garcia, com a esquadilha do Uruguay, do commando de JACINTHO ROQUE DE SENA PEREIRA.

Na madrugada de 18 de Janeiro estava a *Maceió* encalhada no canal de Martin Garcia, em frente aos Cerros de S. Juan, quando cai sobre ella quasi toda a esquadilha argentina do almirante BROWN, de 16 vasos.—Diz GARCEZ PALHA, nas *Ephemerides Navaes*

« Uma barca, a *Paulistana*, que nos tinha sido tomada em Maldonado, as escunas *Sarandy*, *Pepa* e *Union*, o brigue *Bulcarce* e duas sumacas, taes são os adversarios com que a pequena corveta se tem de bater: si são, porém, numerosos, não os tripulam corações mais ávidos de gloria, nem peitos mais valentes.

Dispondo de artilharia de mui pequeno alcance, julgou mais prudente o commandante brasileiro não começar o fogo sem que o inimigo tivesse chegado á distancia de poder soffrer damno. Aos primeiros tiros dos navios buenarenses, recebe a corveta não pequenas avarias: o costado, abaixo da mesa do traquete e da mesa da gata, bem como o trincaniz, são varados pelas balas; a alheta de bombordo está toda despedaçada, têm ja se partido alguns fuzis, cabeços e ovens, e, apesar do desejo que se pinta em todos os semblantes, apesar da impaciencia de officiaes e marinheiros, MARIATH espera ainda.

Sabe elle perfeitamente que seu procedimento encoraja mais o adversario e somente quando o vê na posição que desejava, subindo á trincheira manda *içar a bujarona e fazer fogo por brigadas*.—Do costado do lenho brasileiro, illuminado repentinamente, parte uma nuvem de fogo e de ferro.

*Eran el infierno las dos lineas*, assevera uma testemunha occular. A infantaria e os canhões disparavam sem descanso; as balas cruzavam incessantemente o espaço, ora rompendo mastros e velas, ora ceifando vidas; e si as aguas do Prata recebem em seu seio grande número de cadáveres argentinos, não é inferior a quantidade de mortos e feridos que juncam o convez brasileiro.

O guarda-marinha THOMÉ JUSTINO GONÇALVES, encarregado dos signaes, cai ao lado de MARIATH, sem as duas pernas, que uma bala destroçara; cinco marinheiros de uma peça de ré agonizam mal feridos; o 2º tenente OLIVEIRA FIGUEIREDO é contundido gravemente por outro projétil que, batendo na mesa do traquete, se divide em estilhaços; grande parte da guarnição está fóra de combate: o fogo continúa entretanto tenazmente sustentado.

A situação da *Macció* torna-se cada vez mais perigosa, quando do costado das embarcações argentinas-partem cinco lanções carregados de gente, com o intuito de abordal-a.

Por ordem de MARIATH carregam-se todos os canhões com quatro munições, inclusive lanterneta, e recommenda-se ao homem do governo que, a um signal dado, carregue todo o leme a bõ-reste.

Estava o inimigo a tiro de pistola, ¿quem sabe se fruindo de antemão o prazer de uma victoria, que lhe parecia certa? quando, fazendo brusco movimento, que lhe apresenta o costado, despede a *Macció* a terrivel banda, efficaçmente secundada pelas descargas de 30 praças de um batalhão de Pernambuco, destacadas a bordo.

Responde-lhe o grito de desespero dos assaltantes, e os lanções, crivados de metralha, em completa confusão, abandonam

o intento, recolhendo-se para bordo dos navios, que por seu turno se retiram, indo fundear sob as baterias da ilha.

No *Mensagero* de 20 do mesmo mez escrevia um official argentino: — « Antes de ayer los enemigos empezaron á estrechar la línea, posesionándose del canal, y en esta operacion varó la corbeta, y estubo así desde las 11 del día hasta las 7 de la tarde; pero el viento era tan fuerte de ESE, que no pudimos darle auxilio con los mosquitos: Ellos trabajaron de modo que puede creerse quedó á puron barrido, y luego que safó al instante le montaron su artillería; en este estado anocheció.

A' las 2 de la mañana dimos la vela sobre ella, y al mismo instante de salir el sol principió el fuego de todos nosotros contra la cobierta, pues que los demás estaban á sota viento y no podían socorrerla.

Puede usted hacerse cargo si se hacía fuego de buena casta, pero ella lo contestó sostenidamente y en todas direcciones tambien, y con tanto orden sus baterías no cesaban, de cuya operacion quedó nuestro general muy pagado, pues ha conocido que el que la mandaba es un buen official.

A' las siete volvimos á la carga y lo hicimos con mas rabia que antes: pero, amigo, eran el infierno las dos líneas. El enemigo sostuvo un fuego de ala á ala interminable; esto duró como hora y media y nos retiramos ».

**1849** — Nasce na villa do Porto das Caixas (Rio de Janeiro) o contra-almirante reformado MANUEL PEREIRA PINTO BRAVO, fallecido na cidade do Rio de Janeiro a 2 de Abril de 1895.

Era membro do Conselho Naval, cavalleiro das ordens de Christo e de S. Bento de Aviz, official da ordem da Rosa, condecorado com a medalha do Paraguay e socio do Instituto Histórico do Brasil.

Partiu para a guerra do Paraguay logo depois de concluir o curso naval; em 1873 foi nomeado instructor de hydrographia dos guardas-marinha em viagem de instrucção, regendo a cadeira de historia e táctica naval; e foi commandante da Escola de Aprendizes Marinheiros do Ceará e da de Parahyba.

Publicou um *Curso de Historia Navil*, em 2 volumes, a primeira parte tratando da *Historia da Marinha Militar* (1 vol. de XI-404, págs., Rio de Janeiro de 1878); a segunda parte é consagrada á *Historia da Navegação* (1 vol. de 404 págs., Rio de Janeiro, 1884). Tambem deu á publicidade uma traducção do original de F. A. ROE, sobre o *Serviço e Disciplina dos Navios de Guerra*.

**1867** — O Dr. FRANCISCO IGNACIO MARCONDES HOMEM DE MELLO, presidente da provincia do Rio Grande do Sul, tem uma demorada conferencia com o general OSORIO (nessa época Barão e mais tarde MARQUEZ DO HERVAL) sobre a organização do 3º corpo de exército que devia seguir para a campanha do Paraguay.

O seguinte tópico do juizo do illustre administrador sobre o guerreiro é digno de figurar nas páginas do *Brasil Marcial*:

«O general tem hoje (1867) cincoenta e oito annos e meio de idade. E' natural da Conceição do Arroio, Assentou praça na Legião de S. Paulo em Montevidéo, em 1823. Traz sobrecasaca militar, apenas com a divisa de official general na gola. Tem a perna esquerda bastante inchada, com ulcerações, ou rupturas do tecido, de modo a não poder montar a cavallo. Está fazendo o serviço pela campanha de carro.

A phisionomia do BARÃO DO HERVAL é franca, e seus modos desaffectedados e cheios de simplicidade. Em suas palavras, como em seus gestos, ha uma certa expressão de placidez, que constitue o traço predominante do seu character. E' sincero e cordial em seu trato; não fala de si nem se queixa de contrariedade. E' lacônico, escrevendo ou falando; e não usa de cumprimentos ou palavras banaes.

O general é frugal e não toma vinho. Fiz-lhe á mesa uma saudação de homenagem pelos seus serviços ao paiz: respondeu á cortezia, attribuindo tudo aos seus companheiros de armas, fazendo muito elogio á constancia do soldado brasileiro. O cearense é bravo e rápido em disciplinar-se; o mesmo, o pernambucano e o bahiano. O paulista é mais tardo em receber o manejo das armas, mas é bravo, obediente e concentrado: está sempre em seu acampamento.

— *Tenha V. pena de mim, como eu tenho pena de você,*— foram as palavras que me disse ao despedirmo-nos, em sua casa, á praça de Pedro II, onde fui visitá-lo. Tivera eu a fortuna de conhecer e tratar de perto o general OSORIO; e então, como depois, cresceu sempre em mim o sentimento de admiração e respeito por sua inexcedível devoção á causa do Brasil na crise cruel que então atravessávamos.

O vulto do GENERAL OSORIO na guerra do Paraguay assume proporções grandiosas. Commandante em chefe da fracção mais numerosa e importante das forças alliadas no primeiro e mais crítico período da campanha, teve elle que repellir a aggresão violenta do inimigo, realisada com extrema audacia por forças superiores e em todo o sentido formidaveis. Seu nome apparece então como a esplêndida personificação da nacionalidade brasileira na santa cruzada levada contra o invasor.

A cólera suprema da Nação, no momento da sangrenta affronta recebida, transfundiu-se em seu ánimo viril; e elle armou-se de todas as grandes energias da alma humana, que não conhecem obstáculos, e triumpham afinal com a fé de um poder invencível.

OSORIO tem discernimento claro e muita penetração para conhecer e empregar os homens. Seu semblante illumina-se de alegria, quando tem diante de si um homem de brio; e expande-se com suavidade, ouvindo-o, ou dando-lhe ordens. A rectidão de ánimo de que é dotado, e o profundo sentimento de respeito que tem pelo respeito alheio, inspiram a confiança, que nelle depositam os seus subordinados. Possui o grande segredo do commando: mandar com energia, temperada de brandura, sem transpor a linha de uma rasoavel indulgencia ».

**1867** — Morre na cidade de Petrópolis, o conselheiro ANGELO MUNIZ DA SILVA FERRAZ, BARÃO DE URUGUAYANA, notavel estadista, que acompanhou o Imperador D. PEDRO II ao Rio Grande do Sul, como Ministro da Guerra, assistindo ao lado do soberano á rendição de Uruguayana, durante a guerra do Paraguay.

**1897** — « No dia 18, ao alvorecer (diz o major FEBRONIO DE BRITO, em documento official datado de Monte Santo a 25 de Janeiro deste anno) concentrei forças, desfilei a perigosa e invulneravel serra do Cambaio pela base, em todo o seu prolongamento, ja debaixo de vivo tiroteio.

Às 10 horas, estendia sobre terreno agrunado, denso de catingas, columna em frente de trincheira situada em rocha viva, em um apertado pedregoso e gehênico e ordenei bombardeio protegido por fusilaria. A 1 hora da tarde, o inimigo era ainda invencivel.

A columna batia-se com o heroismo dos fortes, com a resignação so propria dos soldados brasileiros; os últimos animaes de carga e tracção começavam a fugir em debandada, aproveitando a cobardia dos tropeiros. Disso sabedor, corri ao ponto, ordenei ao official que commandava a retaguarda que fizesse *fusilar incontinenti* os tropeiros que fugissem ás suas obrigações.

Mandei em seguida tocar a officiaes, e organizei assalto. Invertidos os flancos dominados por serrotes íngremes, o centro carregou e desalojou os bandidos. Dos bravos do dia tratarei nas partes officiaes.

O combate continuou ainda até 3 horas da tarde, sendo tomadas diversas trincheiras interpostas, contigua e parallelamente ao prolongamento de uma vereda tortuosa e agreste.

A artilharia foi e tem sido, então e até aqui, movida a pulso, estalando sobre caminhos cardados e rochedos ingratos.

Acampado no lugar denominado *Taboleirinho dos Canudos*, menos de uma legua distante deste tão protegido fóco de ladrões e assassinos, passou-se o résto da tarde em descanso e fome, sendo reunidos e pensados os feridos, para os quaes não tive outra alimentação sinão agua empoçada em uma pequena lagoa que promettia extinguir-se.

Nas trincheiras foram contados rapidamente cento e tantos mortos dos bandidos...»

**1902** — Inaugura-se no Rio de Janeiro o novo edificio do *Club Militar*, na rua da Uruguayana.

---

**A DATA HISTÓRICA**

**1871** — E' proclamada em Versailles a Confederação Germânica, e sagrado seu primeiro Imperador GUILHERME I DE HOHENZOLLERN, até então Rei da Russia.

**1895** — Correrias na cidade do Rio de Janeiro, principalmente nas ruas do Ouvidor, Gonçalves Dias e largo de S. Francisco, sendo ameaçadas de assalto as redacções dos jornaes diarios que narravam e analysavam os excessos e violencias commettidos para a repressão da Revolta de 6 de Setembro de 1893.

---

**MÁXIMA MILITAR**

So collocando-se por cima dos tempos, dos acontecimentos e, principalmente, das paixões do dia, é que se pode descobrir uma theoria da *Arte Militar* que seja clara, simples, harmônica em suas relatividades e seus detalhes, applicada em toda parte a todas as eventualidades da guerra.

General MORAND.

---

**19 DE JANEIRO**

**1636** — Depois do desbarato do exército de D. LUIS DE ROJAS Y BORJA, nos desfiladeiros da Matta Redonda, no dia anterior, o tenente-general MANUEL DIAS DE ANDRADA, que ficara de guarnição em Porto Calvo, tratou de se fortificar nessa posição, embora o inimigo, depois da victoria, tivesse voltado para a Peripueira.

DIAS DE ANDRADA, reunindo os seus officiaes e os moradores mais importantes da povoação, abre diante desta assembléa uns papeis que o general D. LUIS lhe deixara lacrados e entre elles acha uma cédula real, datada de Madrid a 30 de Janeiro de 1635 e assignada pelo secretario de Estado DIOGO SOARES, na qual era

nomeado o CONDE DE BAGNOLO para succeder áquelle general na tenencia das forças em operações contra os holandezes.

Ao nomeado enviou logo ANDRADA a cédula ou *via de successão* para os fins convenientes. Como ja ficou dito, este so a 19 de Março é que pôde estar em Porto Calvo.

**1654** — Entrega-se aos nossos o forte Altenar, occupado pelos holandezes na margem direita do rio Beberibe, defronte do Recife, tenazmente atacado desde o dia 17 pela nossa gente.

Todos os inimigos embarcaram na esquadra de PEDRO JACQUES, posteriormente 1º VISCONDE DE FONTE ARCADEA, o qual desde o dia 5 bloqueara o porto do Recife.

Na noite de 15 capitulara o forte do Rego (ou das Salinas), como dissemos na data de 16. São os podromos da capitulação final das forças holandezas que occupavam Pernambuco. (Vide a *epheméride* de 26) e da cessação do seu dominio no Brasil.

**1800** — Succede ao governador de Santa Catharina tenente-coronel JOÃO ALBERTO DE MIRANDA RIBEIRO (vide 7 de Julho de 1793), fallecido na véspera, um governo interino collectivo, composto do tenente-coronel JOSÉ DA GAMA LOBO COELHO D'EÇA, do ouvidor ALEIXO MARIA CAETANO e vereador JOSÉ PEREIRA DA CUNHA, governo que cessou com a posse do coronel JOAQUIM XARIER CURADO, a 8 de Desembro.

**1817** — Nasce na cidade do Rio de Janeiro o capitão DR. FRANCISCO JOAQUIM CATTETE, filho do brigadeiro JOAQUIM FRANCISCO DAS CHAGAS CATTETE. Era doutor em mathemáticas pela antiga Escola Militar, commandante de bateria do 1º batalhão de artilharia, membro do Conservatorio Dramático e um dos fundadores da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional.

**1817** — Combate de Aguapehy (*Guerra do Sul*), em que o general CHAGAS SANTOS, que sahira de S. Borja, no dia 14, com 554 homens e 5 peças, para invadir as Missões Correntinas e afugentar d'ali o coronel ANDRÉ ARTIGAS, é atacado pela vanguarda deste caudilho quando a nossa gente atravessava o Uruguay.

Commandava a vanguarda inimiga o capitão VICENTE TIRAPARÉ, e a nossa, que fôra a atacada, era commandada pelo tenente LUIS DE CARVALHO. CHAGAS SANTOS faz logo avançar o major GUERRA (que foi depois brigadeiro e BARÃO DE SAICAN) e o inimigo fica derrotado.

ARTIGAS, que se achava na povoação de La Cruz, poz-se immediatamente em retirada.

**1838** — Os revolucionarios da Bahia nomeiam Ministro da Marinha o tenente-general MANUEL PEDRO DE FREITAS GUIMARÃES.

**1865** — Tendo noticia de que os paraguayos se haviam apoderado de Corumbá e temendo um ataque á capital da provincia, ordenara o presidente de Matto-Grosso, general ALBINO DE CARVALHO, que se fortificasse o Melgaço, *ponto que reúne a maior somma de vantagens, sinão para impedir inteiramente, ao menos para deter a marcha invasora do inimigo.*

« Inteiramente desprovida de meios de defeza, abandonada completamente pelo governo, que durante longos annos recusara prestar attenção ao exagerado armamento que fazia o déspota do Paraguay, tendo chamado ás armas todos os officiaes reformados e aquartellado a Guarda Nacional, contava a Provincia poder embaraçar um pouco naquelle ponto a invasão, quando no dia 19, ás 9 horas da noite — narra o *Relatorio* do general ALBINO DE CARVALHO, de 1866, — chega o vapor *Corumbá*, que eu havia mandado descer o rio para colher noticias do Baixo Paraguay, trazendo do Melgaço, do commandante da força que devia defender aquelle ponto o officio, junto por cópia, participando-me terem resolvido abandonar o ponto e effectivamente, ja no mesmo *Corumbá* e mais outros vapores que com este vieram, aqui chegaram o referido commandante com parte da força, tendo a outra parte seguido por terra para esta capital, onde hoje começa a apresentar-se grande parte dessa gente ».

O susto e o terror da população cresceram espantosamente — assevera uma correspondencia da provincia, publicada no *Jornal do Commercio* — quando se soube desse abandono, que a *Anham-*

*bahy* tinha sido tomada e que os vapores paraguayos cruzavam na foz do Cuyabá.

O desrespeito ás autoridades começava a manifestar-se e o povo a insubordinar-se, quando o general ALBINO, conhecendo a situação, se dirigiu ao Arsenal de Marinha e mandou chamar o general LEVERGER, o qual lhe declarou estar prompto para ir tomar, no Melgaço, o commando das forças.

A alegria e a confiança se restabeleceram de prompto entre o povo: as forças recém-chegadas declararam que desejavam voltar sob o commando desse chefe, e todos á porfia queriam ser dos primeiros a acompanhá-lo.

O bravo official, naquella hora avançada da noite, seguiu para aquelle ponto, sem despedir-se de sua familia, assegurando ao povo que a capital não seria invadida, sem que no ponto cuja defeza ia tomar, se houvesse dado um tiro, ao menos, em honra do paiz.

**1892** — Subleva-se a guarnição das fortalezas de Santa Cruz e Lage, capitaneada pelo célebre sargento SILVINO DE MACEDO. Disse o *Jornal do Commercio* do dia seguinte:

« Como de costume, cerca das 4 horas da madrugada, na ocasião de fazer-se a limpeza dos calabouços da fortaleza de Santa Cruz, foram soltos muitos presos, praças cumprindo penas e sentenciados já excluidos do exército. Uns foram fazer a limpeza do pateo, outros a da cozinha, outros foram para o rancho e outros compartimentos daquella praça de guerra.

As 5  $\frac{1}{2}$  horas foram as praças de pret do 1º batalhão de artilharia de posição, que guarnece aquella fortaleza, para o refeitório, afim de tomarem a primeira refeição. Quando ahi estavam, o 2º sargento do 1º batalhão de engenheiros, SILVINO HONORIO DE MACEDO, á frente de grande número de sentenciados, fechou a porta do refeitório, que é uma verdadeira casa forte, abobadada e com porta de grande segurança.

Em seguida dirigiram-se ás baterias, quando o official de estado, notando desusado barulho, se apressou em verificar o que occorria, e assim outros officiaes. Aquelle, como estes e o com-

mandante da fortaleza, coronel BEZERRA CAVALCANTI, foram levados á casa do major, onde ficaram recolhidos e completamente desarmados.

Em seguida foram ás enxovias, onde estavam outros presos, marinheiros nacionaes, soltando-se e armando-se todos.

Atracando á fortaleza a lancha com víveres, tomaram-na e embarcando alguns delles dirigiram-se á fortaleza da Lage. O destacamento do 1º batalhão de artilharia, que ali se achava, suppondo ser a lancha que trazia a força para rendel-o, não empregou nenhum meio para impedir a aproximação dessa embarcação. Amarrada ella, desembarcou parte da guarnição, que intimou ás praças a renderem-se, obtendo immediata adhesão dos presos guardados nessa fortaleza.

Dahi tomara a direcção da fortaleza de S. João, onde desembarcando dez homens, falaram ao commandante, perguntando-lhe si tinha munições de guerra; como este respondesse que não, regressaram para a fortaleza de Santa Cruz. Enquanto estas operações se executavam, outros revoltosos assenhoreavam-se do forte do Pico.

Ás 7 horas da manhã chegava á fortaleza o capitão do corpo de engenheiros MIRANDA, que com 10 operarios ia para as obras que ali estavam fazendo, conjunctamente com o capitão JOSÉ AMÉRICO DE MATTOS, que do 5º regimento de artilharia de campanha fôra transferido para o 1º batalhão de posição, ao qual se ia apresentar.

Ao pretender entrar na fortaleza o capitão MIRANDA, o chefe da revolta — sargento SILVINO — e o seu immediato, um cabo do corpo de marinheiros nacionaes, disseram-lhe qual a attitude que tinham assumido e as disposições em que estavam; e pediram-lhe que elle fosse portador de um *officio* para o marechal FLORIANO PEIXOTO, em que este era obrigado a entregar o poder ao marechal DEODORO DA FONSECA, no praso prorogavel de duas horas, sob pena de bombardearem a Capital Federal.

Tanto esse capitão como o capitão MATTOS retiraram-se com os operarios, devendo o último a sua liberdade a ter ainda no *kepi* o n. 5.

As praças encerradas no refeitório, depois de muito esforço, arrombaram a porta do mesmo, sendo, porém, a maior parte dellas obrigada sob pena de morte a pegar em armas e juntar-se aos revoltosos, tendo muito poucos podido escapar a esse constringimento. Cerca das 7 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> teve o general Ajudante General do Exército conhecimento da revolta, por uma comunicação official do commandante da fortaleza de S. João e companhia de Aprendizes Artilheiros.

Logo depois o general de divisão ENÉAS GALVÃO foi para a sua repartição, afim de tomar as suas primeiras providencias. Pouco tempo depois chegou á Secretaria da Guerra o respectivo ministro, general JOSÉ SIMEÃO, que, dando as competentes ordens, foi para o Arsenal de Marinha a conferenciar com o seu collega, contra-almirante CUSTODIO DE MELLO.

Da Fortaleza de Santa Cruz tambem se escaparam os tenentes GODOFREDO e VASCONCELLOS. Os revoltosos permitiram a retirada das familias dos officiaes residentss naquella praça de guerra e deixaram com os mesmos officiaes os seus respectivos cozinheiros. O major reformado do exército VARELLA tambem foi preso pelos revoltosos e posto com os outros officiaes.

Às 11 horas e meia o 7º batalhão de infantaria, sob o commando do tenente-coronel CARLOS OLYMPIO FERRAZ, foi embarcar no Arsenal de Guerra, porém, por idéa desse commandante foi preferida uma barca Ferry. Desembarcando na ponte de S. Domingos, dirigiu-se por terra para as proximidades da Fortaleza de Santa Cruz. Às 12 e 10 minutos sahiu do seu quartel o 10º batalhão de infantaria, sob o commando do tenente-coronel SILVESTRE TRAVASSOS, e nessa occasião sahia da Estação Central da Estrada de Ferro o marechal FLORIANO, que vinha de sua residencia provisoria na Piedade.

Deu immediata ordem para que fosse a palacio o tenente-coronel TRAVASSOS, pelo que voltou do principio da rua do Hospicio o referido batalhão.

Ao mesmo tempo chegavam a palacio os ministros da Guerra e da Marinha. Ahi o marechal FLORIANO conferenciou com os Ajudante General do Exército, commandantes da Brigada Policial e

Corpo de Bombeiros, e tenentes-corôneos commandantes do 24.º e 10.º de infantaria, dando diversas providencias.

Apresentou-se a S. Ex. nessa occasião o tenente-coronel BRAZ ABRANTES, officiaes em trânsito e officiaes aqui residentes, de corpos especiaes e da guarnição.

Neste ínterim o marechal FLORIANO deixou as pessoas com as quaes conferenciava e dirigiu-se ao salão de honra para receber as despedidas do ministro de Espanha, sendo com este diplomata immensamente amavel, sem deixar transpirar a menor preocupação de espirito. Retirando-se este ministro, voltou o marechal ao seu gabinete, onde achou mais o ministro da agricultura.

A esta hora chegava á repartição do Ajudante General o respectivo secretario, coronel do estado-maior de artilharia CALLADO, que voltava (tendo corrido os maiores riscos e demonstrando o maior sangue frio e coragem) de cumprir a commissão de que o tinha incumbido seu chefe, o Ajudante General.

O coronel CALLADO foi ao Arsenal e ahi requisitou uma lancha para ir á fortaleza de Santa Cruz, e com visivel audacia encontrou alguns tripolantes para a perigosa commissão a cumprir. Ao aproximar-se á fortaleza foram disparados alguns tiros de pólvora secca, e depois de balas, substituindo os revoltosos a bandeira nacional por uma vermelha.

O coronel CALLADO tirou de um lenço branco, collocou-o no mastro e foi se aproximando vagarosamente. Quando estava quasi junto dos muros da fortaleza, viu grande número de individuos, em geral mal trajados, de aspecto pouco attrahente, armados de differentes fórmias e todos apontando para elles suas armas.

Dirigindo-se o coronel CALLADO para os grupos, disse a um delles :

—¿Que é isto? ¿Como recebeis um homem que tem nos braços estes galões conquistados por serviços á patria? ¿Com fogo recebeis o vosso chefe? ¿Que fazeis?

Contestaram-lhe que tinham seu chefe acclamado.

Então disse-lhes o coronel CALLADO que desejava falar-lhes, e passou para o bote que acompanhava a lancha.

Vindo á fala o 2º sargento SILVINO, que poucos dias antes fôra absolvido em conselho de guerra por distúrbios que fizera em Campo Grande, o coronel CALLADO interpellou-o sobre o seu procedimento, notando-lhe a gravidade de sua posição, e da que arrastava aos seus infelizes companheiros; exhortou-o a que deixasse o caminho encetado, demonstrando a impossibilidade de nelle manter-se, pois o seu condemnavel procedimento tinha levantado geral indignação, e que si não se arrependesse immediatamente, o castigo seria tremendo para elle e seus companheiros de rebelião.

O sargento SILVINO respondeu resolutivo que *elle estava firme no seu posto, obedecendo aos seus principios políticos; que em uma reunião nesta capital tinha sido aclamado governador absoluto daquella praça de guerra, e que estava admirado de que seus alliados não se houvessem revoltado em terra, como se haviam comprometido. Ou Deodoro assume o poder, ou nós vamos até o fim. Estavam resolvidos a ficar sepultados nas pedras daquella fortaleza.*

O coronel Callado, recordando o tempo em que foi commandante desse rebelde, aconselhou-o novamente a que fosse patriota e não creasse embaraços e males ao paiz.

Vendo que eram improficuas as suas ponderações, de novo tomou a lancha, voltou para o Arsenal de Guerra e foi dahi para a sua repartição, desencontrando-se em caminho de seu chefe, que tinha ido para aquelle Arsenal.

Á 1 1/2 hora da tarde chegou ao Palacio do Governo o ministro da Justiça, ás 2 o da Fazenda e ás 2 3/4 o das Relações Exteriores. O ministro da Marinha mandou, pelo téléphone, para o Quartel do Estado-Maior-General da Armada, ordem que se recommendasse toda a vigilancia com os presos das ilhas das Cobras e Willegaignon e que, si houvesse qualquer tentativa, fosse reprimida com a máxima energia.

Desde pela manhã ou talvez desde ante-véspera á noite estavam interrompidas as communicações telephônicas e telegráficas com a fortaleza de Santa Cruz.

Ás 3 horas da tarde, com o maior garbo e decisão, sahiu outra vez do seu quartel o 10º batalhão de infantaria, bem muni-

ciado e preparado para as intempéries, levando duas metralhadoras e após, carros com munições de guerra e de bocca.

Os outros corpos de infantaria, cavallaria e artilharia ficaram de promptidão.

Os regimentos de cavallaria 1º e 9º ficaram á disposição do coronel commandante da Brigada Policial. A 2ª bateria, sob o commando do capitão Permíneo, do 2º regimento de artilharia de campanha, foi para o Realengo.

No Palacio do Governo estavam muitíssimas pessoas gradas, entre ellas o presidente da Câmara dos Deputados, senadores CAMPOS SALLES e Bezerra, deputados Schmidt, Demetrio, Serzedello, capitão Antonio Campos, Uchôa, ANNIBAL FALCÃO, Vinhaes e outros.

Ás 5 horas os ministros da Guerra e da Marinha, com os seus ajudantes, foram para o Arsenal de Guerra, onde ja estava a muito tempo, o Ajudante General do Exército, e ás 5 1/2, com os majores de estado maior de primeira classe Octaviano Brito Galvão e de segunda classe Veiga, capitães de estado-maior de artilharia Celestino Alves e de estado-maior de primeira classe Cunha Pires, e ainda o coronel Callado, embarcaram em lanchas a vapor na ponte do Arsenal de Guerra.

Á mesma hora desatracavam da ponte do Arsenal quatro batelões, dois da marinha e dois da guerra, com destino a Juru-juba, com o fim de tomar posição á retaguarda da fortaleza.

No Arsenal de Guerra havia um movimento desusado, estando, além dos menores artífices e operarios militares, completamente armados os batalhões de voluntarios *Tiradentes*, *Acadêmicos* e *Benjamin Constant*, com os respectivos commandantes, officialidade e instructores, e 42 alumnos da Escola Militar desta capital, com dois inferiores, commandados pelos alferes Cordeiro de Faria e Vicente de Azevedo.

Quando a lancha que trouxe essa força do corpo de alumnos e o contingente de 25 praças, commandadas pelos alferes Benedicto de Araujo e Almeida Teixeira, e o 2º tenente de artilharia Gustavo Schmidt, que ficou na fortaleza de S. João, atravessava desta para o arsenal, dispararam sobre ella da fortaleza da Lage

dois tiros e da de Santa Cruz um, cahindo dois projectis no mar e um por traz do morro da Babylonia.

Um capitão do 7º batalhão de infantaria remetteu presos para o Arsenal tres fugitivos da fortaleza: o soldado do 1º batalhão de artilharia Gregorio José Rodrigues, que estava a finalizar o cumprimento da pena de seis mezes, e os sentenciados ja excluidos do exército Antonio Carlos José e Gregorio Antonio dos Santos.

Sendo interrogados, repetiram pouco mais ou menos a narração, que demos de principio, da revolta e explicaram a sua fuga pelo desejo de liberdade, porquanto, pelo menos, um delles tinha ja cumprido seis annos de prisão, tomando por pretexto para sahir a necessidade de procurar agua. Estes tres fugitivos foram recolhidos ao xadrez do Arsenal.

Constava que os revoltosos haviam aprisionado dois rebocadores do commercio, que tinham ido levar navios fóra da barra.

Em um delles embarcaram da fortaleza de Santa Cruz, com destino á da Lage, 10 revoltosos e carregaram-no com munições de boca e de guerra, principalmente barricadas de pólvora. Os seus tripulantes, na quasi totalidade estrangeiros, não se conformaram com a inesperada viagem e estudavam o meio de se libertarem desses passageiros intrusos.

Chegado o rebocador á Lage, desembarcaram os 10 revoltosos e começaram, ajudados pelos de dentro, a conduzir a carga; ao findar a de mantimentos, o rebocador escapou-se com toda a velocidade com as munições de guerra, chegando ao Arsenal de Guerra ás 8 horas.

A Escola Militar da Capital ficou de promptidão. O marechal FLORIANÓ PEIXOTO, acompanhado do ministro das relações exteriores, tenente PEDRO PINTO PEIXOTO VELHO, capitão PINTO PACCA, tenente BRASIL e outros officiaes, chegou ao Arsenal de Guerra ás 7 horas da noite, sendo recebido pelo director, sub-director, ajudantes e mais officiaes em serviço.

A Intendencia da Guerra conservou-se aberta até as 2 horas da madrugada.

O Batalhão Acadêmico foi ao gabinete de trabalho do director do Arsenal cumprimentar o marechal FLORIANO que, respondendo á saudação que lhe era dirigida, declarou que os embaraços que creavam os inimigos da situação e a opposição que lhe votavam, não eram dirigidos á sua pessoa, mas sim contra as portas do Thesouro, porém que elle morreria junto do cofre dos contribuintes, com honra e probidade.

Ás 9 horas retiraram-se S. Ex., o ministro do interior e mais pessoas para a Secretaria da Marinha, onde eram esperados pelo ministro da guerra JOSÉ SIMEÃO e contra-almirante CUSTODIO DE MELLO.

Em toda a guarnição da Capital Federal notou-se a maior ordem e disciplina, não havendo fundamento para receiar-se qualquer disturbio, não havendo motivo para que a policia estivesse recolhida e não policiasse como de costume a cidade.

Pessoas fidedignas informaram-nos que foram disparados da fortaleza de Santa Cruz, diversos tiros contra as barcas que navegavam entre a capital e Niteroy. Estiveram de sobreaviso o 1º 2º, 3º, 7º, 8º, 9º e 11º batalhões de infantaria e o 2º regimento de cavallaria da guarda nacional.

Quando o marechal FLORIANO PEIXOTO tomava o seu carro, fóra do portão do Arsenal de Guerra, foi muito victoriado. Elle esteve no Arsenal de Marinha até alta madrugada, dirigindo-se depois para o palacio do Governo.

S. Ex., que mostrou sempre a maior calma e firmeza nas suas deliberações, quiz embarcar para a fortaleza de Santa Cruz, mas teve de ceder ás considerações dos seus ministros e de outras pessoas.

Quando os Ministros da Marinha e Guerra, o Ajudante-General e diversos officiaes embarcaram no Arsenal de Guerra, como acima dissemos, foi para assistir os navios da esquadra tomarem posição, que foi a seguinte : entre as fortalezas da Lage e Santa Cruz o cruzador *Parnahyba*, entre a Lage e Willegaignon o encouraçado *Bahia* e entre Santa Cruz e Jurujuba o encouraçado *Aquidaban*. As canhoneiras *Carioca* e *Cananéa* foram, esta para a enseada do Malloço e aquella para a do Boqueirão.

Ao cruzador *Parnahyba*, quando demandava a fortaleza de Santa Cruz, foi atirada uma bala que cahiu a 20 metros de distancia, levantando grande columna d'agua.

O capitão de mar e guerra MANCEBO, capitão do Porto, por ordem do Ministro intimou a todos os navios, lanchas e pontões que se achavam no ancoradouro em frente ao Phareux, para se recolherem ao que fica por traz de S. Bento, e prohibiu todo o trânsito, menos das barcas Ferry.

Depois de terem os navios tomado posição, a lancha que conduzia os ministros e mais pessoas, dirigiu-se para o *Aquidaban* onde esteve a comitiva por algum tempo.

Os encouraçados *Riachuelo*, *Aquidaban* e *Solimões* illuminaram durante a noite a bahia com os seus fócios eléctricos e fizeram a ronda da mesma bahia durante a noite as lanchas do Arsenal de Marinha e o rebocador *Audaz*.

A divisão de torpedeiras estava prompta á primeira voz.

Estiveram de promptidão o corpo de marinheiros nacionaes e o batalhão naval, destacando este para o Arsenal de Marinha uma força de 120 praças sob o commando do 1º tenente HALL.

Às 6 1/2 horas da tarde o marechal FLORIANO PEIXOTO, acompanhado de todo o seu estado-maior, dirigiu-se ao Arsenal de Marinha, onde ja se achavam os ministros da Marinha, da Guerra, do Exterior e do Interior, chegando mais tarde os da Fazenda e da Agricultura.

Nesta secretaria achavam-se de promptidão os contra-almirantes COELHO NETTO e CUNHA COUTO, inspector do Arsenal, capitães de mar e guerra MANCEBO e MOURA CIRNE, contra-almirante reformado BERNARDINO QUEIROZ e muitos outros officiaes.

Na secretaria estiveram tambem os Srs. senadores CAMPOS SALLES e CUNHA JUNIOR e deputados BERNARDINO DE CAMPOS, ZAMA, PERNAMBUCO, AZEREDO, THOMAZ DELFINO, SERZEDELLO, GABINO BEZOURO, ADOLPHO GORDO, J. LOPES e GONÇALVES.

Tambem ahi estiveram o chefe de policia, Dr. MOREIRA TORRES, o commandante de policia coronel JOÃO TELLES e o director dos telégraphos, Dr. LEMOS BASTOS.

A vida dos officiaes presos pelos revoltosos fez com que não se tivesse ja tomado de assalto a fortaleza, esperando o governo suffocar a revolta sem o sacrificio desses defensores da patria, que so a surpresa fez cahir nas mãos dos revoltosos.

É do capitão Lindolpho Alipio Rodrigues a seguinte narração :

« Às 5 horas da manhã de hoje, achando-me em meu quartel, fora do recinto da fortaleza, em um chalet, fui surpreendido por fortes pancadas que de fora davam em uma porta, e correndo immediatamente a saber o que occorria communicou-me uma praça do 1.º batalhão de artilharia, que os presos, marinheiros e sentenciados, se tinham sublevado contra o batalhão e que se achavam armados e de posse dos dois portões. Incontinentemente sahi de casa e chegando próximo do «portão de cima» tive aviso de um empregado do gazômetro, de estarem dispostos os marinheiros a abrir esse portão para se apoderarem do «Pico». Sem que pudesse communicar-me a salvo com os meus superiores, para procurar um meio de apresentar resistencia aos revoltosos, resolvi, juntamente com o capitão GODOFREDO BARRETO (que tambem mora fora da fortaleza), apoderarmo-nos de um escaler de serviço para pedir recursos na capital do Estado do Rio.

Effectivamente apoderámo-nos dessa embarcação, que tivemos logo depois de deixar para soccorrer as familias, das quaes a do major PORTO e tenente HENRIQUE PEREIRA foram embarcadas. Nesta occasião fizemos atracar a uma pedra uma canoa de pescador e nella embarcámos, soffrendo ja alguns tiros dados pelos revoltosos, os quaes não nos attingiram. Aproámos então a Boa Viagem, ponto mas próximo, com provaveis recursos, pois ahi reside o contra-almirante Governador do Estado.

Com esta autoridade nos entendemos e expuzemos-lhe as condições em que estavam os nossos camaradas em Santa Cruz ; foi logo chamado a palacio o commandante geral da policia de Niteroy, o qual recebeu ordem para fazer seguir uma força ao encontro dos revoltosos, caso tratassem elles de transpor o « Pico » em direcção á cidade ; ainda de palacio telegraphámos a

S. Ex. o Sr. General Ministro da Guerra e ao 1º ajudante do Arsenal de Guerra da Capital, participando a ambos o occorrido.

Acto continuo tomámos a barca e dirigimo-nos áquelle Arsenal; ahi não encontrámos o 1º ajudante, mas narrando ao 2º, este immediatamente poz á nossa disposição a força das duas guardas de infantaria que ahi estavam e foi essa força embarcada em uma lancha a vapor e em um escaler grande, a reboque.

Do Arsenal de Guerra falámos pelo téléphone a S. Exa. o Sr. Ministro da Guerra, de quem tivemos ordem afim de seguirmos para Santa Cruz com a dita força. Seguimos logo; em viagem vimos a lancha do serviço diario da fortaleza fazer a travessia da Lage a esta fortaleza. E como nenhuma força ia a bordo (a menos que fosse occulta) mandei apitar duas vezes, a ver si respondiam; a resposta nos foi dada com dois tiros de canhão Krupp, que não nos alcançaram. Então deliberámos seguir para a Praia de Fora e dispor nossa força de maneira a impedir a retirada dos revoltosos, pelo Pico.

Ali chegados, vimos que não era possivel atacar este forte e resolvemos estender em atiradores, esperando novo auxilio, a força que tinha ja sahido de Niteroy. Pouco depois de desembarcarmos na Praia de Fora, a lancha em poder dos revoltosos chegou á distancia de 2 kilômetros de nós e procurou dar desembarque a uma força que levará; presentidos a tempo, foram elles obrigados a fazerem-se ao largo, deixando em terra um cadete armado, que aprisionámos e que entreguei em Niteroy ao capitão Ximeno Villeroy. Naquella mesma occasião apresentou-se-nos um preso da fortaleza de S. João, que cumpria sentença na de Santa Cruz.

Tambem appareceu-nos o 1º tenente VEIGA CABRAL, que nos disse ter escapado dentre os presos. Por aquella praça sentenciada e pelo sargento que encontrámos na Praia de Fora, sabemos então que o coronel commandante e mais officiaes da fortaleza estavam todos presos.

Tendo-me chegado a noticia de que a força policial que seguira de Niteroy estava á margem da bahia de S. Francisco, tomei a deliberação de seguir para aquelle ponto com a lancha a

nosso dispor, e la chegando disse-me o official que commandava essa força, que tinha ordem de ali esperar seu commandante.

A vista disso resolvi vir de novo ao Arsenal de Guerra; ao aproximar-me, porém, da Boa Viagem, recebi tres tiros de Krupp, dirigidos de Santa Cruz, cujos projectis cahiram á pequena distancia da mesma lancha. Compreendi que ia expor a embarcação e mandei aproar á praia.

Saltei e fui de novo a Palacio saber o que havia, encontrei em caminho o 7º batalhão de infantaria, com cujo commandante falei. Em Palacio, o Sr. Governador mostrou-me um telegramma ao Ministro da Marinha, em o qual pedia que Villegaignon bombardeasse a Lage e o Pico.

Tendo demorado a resposta, offereci-me para ir pessoalmente expor o que havia. Foi assim que tive a honra de ser admittido á presença de S. Exa. o Sr. Marechal Presidente da República. Estou firmemente convencido de que si eu e o meu distincto companheiro capitão GODOFREDO, não lográssemos escapar dos criminosos, so muito tarde os nossos superiores teriam conhecimento do que se passava na fortaleza, pois o primeiro cuidado que tiveram os revoltosos, ao apoderarem-se dessa praça de guerra, foi inutilisar o telégrapho».

Os revoltosos não tiraram a ponte que liga a fortaleza de Santa Cruz com a terra. Constou tambem, que haviam sido presos mais 9 revoltosos, e entre estes um cadete, quando pretendiam verificar a posição das forças de infantaria.

Os presos revoltados são em número de cento e trinta e tantos. Este lamentavel acontecimento deve fazer com que se tenha em lembrança que presos são presos, e que se não deve ter com elles certas facilidades. Si as penas são severas, tratem de diminuil-as, mas as que forem applicadas, sejam cumpridas com todo o rigor ».

**1897** — Diz o commandante da segunda expedição que o general SOLON mandou a Canudos, em documento official datado de Monte Santo a 25 de Janeiro deste anno :

« No dia 19 pela manhã, dispunha eu a marcha para o ataque definitivo de Canudos, quando, ás 7 horas, no momento dos primeiros passos, as avançadas de toda a columna foram envolvidas por número superior a 4.000 cannibaes.

¡ Nunca vimos, eu e os meus bravos camaradas, tanta ferocidade! Vinham morrer como pantheras, dilacerando as entranhas, agarrados á bocca das peças, não tão mal armados como se dizia. Todos elles traziam armas de fogo, bons e afiados facões, cacetes pendentes dos pulsos.

Toda a pólvora encontrada era ingleza, de primeira qualidade, bom e grosso chumbo, balins, além de fouces e rijos dardos. Muitos armamentos e correames da policia de Sergipe foram encontrados na luta, todos estavam tripla e quadruplamente armados.

Travou-se combate medonho em que a maior parte dos adversarios se mediam corpo a corpo. Esgotada a munição de artilharia, prestes a extinguir-se a de infantaria que se pôde conduzir, o número de feridos se multiplica á proporção que os atacantes, que eram varridos pelo canhão e fusil, se reforçavam.

Diante do espectáculo da fome, da sêde e das tristes consequencias de um sítio no curral, em serranias de Canudos, reuni os officiaes para deliberar sobre o caso e suas emergencias, e da unanimidade delles foi resolvida a retirada que se effectuou na melhor ordem.

Chegou-me então á recordação a scena pungente da retirada do marechal BOURBAKI, retirando-se sobre a fronteira Suissa, derrotado pelo exército allemão. Mas em nós tudo foi salvo, a lucta não fraqueou.

Os feridos foram conduzidos em padiolas, outros a tres num so cavallo, ficando todos os officiaes a pé, elles com eu, puxando canhões a pulso. So ás 6 1/2 da tarde pudemos romper o círculo dos atacantes e tomar, a 2 leguas, posição regularmente defensiva.

Chegámos a poder contar 600 bandidos mortos, emquanto que nós, tínhamos 10 destes e 60 feridos, não contando muitos contusos.

# O "Campo Santo" de Mucio Teixeira perante a imprensa:

## ESCRITORES DO RIO

I

**A**NNUNCIA-SE para breve o apparecimento de tres obras importantes e de incontestavel interesse:

Uma dellas é um livro de poesias de MUCIO TEIXEIRA, o inspirado e fecundo poeta que tanto tem enriquecido a literatura patria com producções de subido valor. Não sabemos o titulo escolhido para essa talvez sua última publicação em versos. O que, porém, não ignoramos é que o illustre poeta, valente indisciplinado que não tem querido submeter-se a nenhuma escola ou determinada fórma de esthética, vem a público trazendo uma obra em condições diversas de todas as publicações que temos tido no género.

A começar pela extensão do livro, que é de mais de 500 páginas, esmeradamente impressas, MUCIO TEIXEIRA aformosea o volume com crescente número de desenhos intercalados no texto, em cuidadosas photogravuras, allusivas aos themas principaes.

Inicia-o, revelando-se poeta dominado de um puro classicismo, ja na fórma e na linguagem, usando as dos quinhentistas, ja nos themas, idéas e pensamentos, buscando reviver a imitação greco-latina.

Com uma evolução mais que secular, quando a poesia clássica ja de ha muito se immergiu nas brumas de um passado tão distante, não parecerá ser facil uma restauração, ainda mesmo que não seja intento do poeta fazel-a em definitivo e para perdurar.

Passa em seguida MUCIO TEIXEIRA a mostrar-se um perfeito romântico, procurando attingir a mesma altura a que chegaram os poetas, filhos de tão impetuosa corrente, principalmente aquelles que desprenderam de sua lyra os derradeiros ecos da escola de Mme. DE STAEL, CHATEAUBRIAND, LAMARTINE, VICTOR, HUGO, MUSSET e outros, escola tão debatida quanto productora de fecundos engenhos.

Bastaria para enaltecel-a e tornal-a inescrutivevel o ter produzido entre nós os genios

poéticos de CASTRO ALVES, ALVARES DE AZEVEDO, GONÇALVES DIAS, FAGUNDES VARELLA, TOBIAS BARRETO, CASIMIRO DE ABREU, JUNQUEIRA FREIRE, LAURINDO RABELLO.

A tantos e elevará MUCIO TEIXEIRA? Despertará em nossa memoria as reminiscencias gloriosas e resplendentes, ja hoje esvaecidas, do romantismo? Esperemos.

Volve-se depois para o parnasianismo, intentando a perfeição de fórma, ponto central de toda sua esthética correspondente á que exigiram e proclamaram LECONTE DE LISLE, THEODORO DE BANVILLE, SULLY-PRUDHOMME, COPPÉ e HEREDIA, no movimento de ha trinta e poucos annos passados da literatura franceza, e do qual são entre nós os maiores continuadores Luis Guimarães, Raymundo Corrêa, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Luis Deltino, Augusto Lima, Luis Murat, além de outros.

Depois, volve suas azas de cantor volante e polymorpho para os páramos indecisos do symbolismo, ou melhor diremos, do mysticismo em muitas de suas modalidades, chegando ao termo final da jornada como poeta verdadeiramente satânico.

Como se vê, é um trabalho original, de alto fôlego, e que reclama muito talento, embora não seja difficil a quem o emprehender, para mais facil execução, mostrar-se insincero e baldo de um ideal artistico estavel.

Não se comprehenderá com facilidade um poeta simultaneamente clássico e romântico, parnasiano ou realista e symbolista até o satanismo, guiado por um so ideal de arte e com a mesma sinceridade de esthética e sobretudo emotiva.

Em todo o caso confiemos no fulgurante engenho de MUCIO TEIXEIRA, que se saberá sair com galhardia desse lance a que se aventurou.

LAUDELINO FREIRE.

(*Diario de Pernambuco* de 17 de Julho de 1903).

## «CAMPO SANTO» MUCIO TEIXEIRA

**P**ARECE que nunca se publicou nesta nossa amada terra carioca um tão volumoso livro de poesias.

Imaginem os que ainda o não viram que são 542 páginas. Oh! mas não pensem que a quantidade lhe está em desaccordo com a qualidade;—não, senhores, o livro é bom, vale quanto pesa.

São 542 páginas de versos que se lêem com praser e ao chegar o leitor ao final do livro, procura de novo reler o que mais deliciosamente o impressionou. E é isto o maior elogio que se lhe pode fazer. MUCIO TEIXEIRA é um poeta, um verdadeiro poeta, sem esforço e sem preocupação de rebuscamento de rimas.

São uma prova esses seus delicados versinhos, simples, faceis, tao cheios de naturalidade e de singeleza, que lembram JOÃO DE DEUS:

Não olhes, que elles espreitam  
Si nos olhamos;  
E ai de nós dois, si suspeitam  
Que nos amamos!

Emquanto nos espreitarem,  
Dissimulemos;  
E quando não nos olharem...  
Nos olharemos.

E estes outros:

Amái, si quereis saber  
O que é viver.  
Vivei, si quereis saber  
O que é soffrer.

Mas a sua musa não se limita a isto, tem tambem altos vôos de condor. Ha no seu livro muitos e muitos alexandrinos, como estes, verdadeiramente bellos:

Si dos jardins de luz dos amplos arrebóes  
Eu fora o jardineiro, havia de ir de rastros  
Fazer em pleno céu uma colheita d'astros...  
Tecer-te uma grinalda esplendida—de soes!

*Campo Santo* é emfim um livro que se lê, e que se guarda com carinhoso cuidado.

PERES JUNIOR.

(*Tagarela* de 27 de Agosto de 1903).

5º Fasciculo do "Brasil Marcial"

**LAEMMERT & C.**

Editores

Rio de Janeiro, S. Paulo e Recife

*Acaba de sahir á luz e acha-se á venda em suas casas*

**A REVOLUÇÃO FEDERALISTA**

NO

**RIO GRANDE DO SUL**

DOCUMENTOS E COMMENTARIOS

POR

**EPAMINONDAS VILLALBA**

um grosso volume in-8º, illustrado com os retratos dos principaes personagens e com os mappas representando:— O itinerario das forças belligerantes pelos tres Estados — O combate de 16 de Abril no porto do Desterro, e a posição da *Marajó*, durante o bombardeio de Porto Alegre.

*Preço*

12\$000

O operoso autor, que se esconde sob o pseudonymo de *Epaminondas Villalba*, não quiz descansar sobre os louros colhidos pela publicação do seu importante livro — *A Revolta da Armada* — (já publicado em 3ª edição) e hoje apresenta um cuidadoso estudo e commentario sobre a *Revolução Federalista*, tão diversamente encarada pelas paixões partidarias e politicas

Diz o autor: «Que é cedo de mais para escrever-se a historia de um acontecimento enjas principaes peripecias, comquanto bem vivas na imaginação dos coevos, são entretanto assumpto de controversia.» Podemos affirmar, entretanto, que conseguiu reunir em seu volume todos os documentos mais importantes relativos a este assumpto, trazendo á discussão os proprios factores, quer de um quer de outro lado dos combatentes. E' um serviço real e precioso para futuros historiadores de nossa evolução politica.

Do mesmo autor:

**A Revolta da Armada**

De 6 de Setembro de 1893

Historia completa e imparcial, acompanhada de documentos officiaes e muitas informações ineditas. Terceira edição corrigida e augmentada de novos documentos, um grosso volume, ornado com fiel retrato do marechal Floriano Peixoto, diversos outros retratos, vistas de fortalezas e navios da esquadra, finalmente uma linda planta do porto do Rio de Janeiro.

*Preço*

16\$000

MUCIO TEIXEIRA

# Brasil Marcial

SYNTHESE HISTÓRICA

DAS

*nossas guerras, revoluções e revoltas, desde os tempos  
coloniaes até a actualidade, com  
o retrato e a biographia dos heróes, a descripção dos combates,  
a planta do terreno, o typo dos navios, etc.*

1 DE JANEIRO DE 1502 A 31 DE DESEMBRO DE 1903

FASCICULO N. 6



RIO DE JANEIRO

S.O.S. — Typ. da Companhia Litho-Typographia — Rua do Lavradio, 55

1903

# BRASIL MARCIAL

POR

MUCIO TEIXEIRA

PREÇO DA ASSIGNATURA



24 fascículos	20\$000
12 fascículos	12\$000
Fóra da Capital, 24 fascículos	24\$000

Os pedidos de assignaturas devem ser dirigidos ao Autor, no seu escriptorio, á

RUA SETE DE SETEMBRO, 68

2.º andar



CAMPO

SANTO

Ultimo Livro  
DE  
POESIAS  
DE  
*Mucio  
Teixeira*

Um grande volume  
de XX—542 páginas  
a edição de mais luxo  
que se tem feito no  
Brasil, ornada com o  
retrato do Autor e  
mais de 70 illustra-  
ções em photogra-  
vuras.

PREÇO 10\$000

VENDE-SE

NO  
Escriptorio do Autor

A  
RUA  
7 de Setembro  
68

2.º ANDAR  
E NA CONFEITARIA  
DO

Largo da Carioca

12, 14, 16 e 18

Preço do livro  
fóra desta capital  
15\$000.

A tropa está morta, extenuada, maltrapilha, quasi nua, impossivel de refazer-se em Monte Santo. Avalie agora o público as desgraças que podem advir das resoluções dos incompetentes, das facilidades do governador (da Bahia) quando telegraphou ao Governo, dizendo que o Conselheiro tinha, quando muito, *500 homens mal armados, e que o mais eram mulheres beatas*.

Pela média, sem receio de errar, posso garantir que aquelle mentecapto tem *mais de cinco mil homens*, apesar de ter affirmado o tenente-coronel ANTONIO REIS, residente em Cumbe, que tinha oito mil, bem como o vaqueano JOAQUIM ALUMBIL que, ha 15 ou 16 dias, de la tinha fugido como prisioneiro.

Apesar de tudo, é urgente a liquidação de Canudos; mas, para que ella se effectue, preciso é que o governo federal chame a si a acção, tudo correndo á revelia do governo do Estado, impotente no caso.

Que se deixe este de tanto assomo de poder e mal entendida autonomia.

A columna, porém, que disso for encarregada, so poderá operar com êxito por Geremoabo e Massará, terreno mais táctico e de facil mobilidade.

Deve vir com tudo seu: animaes, fornecimento, carretas, ambulancias, nunca fiada nos favores do caminho, das autoridades políticas locais. Deve até evitar-lhes o contacto.

Monte Santo, quando muito, pode constituir uma base de operação com pequena columna em frente a Cambaio, para chamar a attenção e protegêr a regularidade das manobras.

Não ha outro meio; é desconfiar de tudo e de todos.

Daqui para diante, os que mais se dizem adversarios de Canudos sabem de tudo que la se passou no dia anterior, so cuidando dos meios de protegêr suas fazendas, com sacrificio de quem quer que seja.

Quem la não tem filho, tem genro, tem irmão, e as excepções são raras. Canudos se reforça, nada lhe falta. Que se precavenha o governo.—Major *Febronio de Brito* ».

**1897** — *Acta* do commando da segunda expedição mandada pelo general SOLON em perseguição dos fanáticos de ANTONIO CONSELHEIRO, no arraial de Canudos :

« Aos dezenove dias do mez de Janeiro de mil oitocentos e noventa e sete, no logar denominado *Taboleirinho dos Canudos*, a menos de legua deste local e onde os fanáticos de ANTONIO CONSELHEIRO, após o assalto ás trincheiras da Serra do Cambaio, que foram tomadas á viva força no dia anterior, em combate que durara desde as dez horas da manhã até ás tres da tarde, atacaram repentina e inesperadamente as forças em operações ao Norte do Estado, isto ás sete horas da manhã, quando se dispunham a marchar sobre o inimigo; pelo major FEBRONIO DE BRITO, commandante das mesmas forças, fôra mandado, em plena acção, tocar a reunir officiaes, depois de diversos lances de aggressão vigorosa, repellidos pela mesma força em resistencia admiravel; e pelo mesmo commandante ficou exposto o seguinte :

1º) Que os fanáticos dispunham de forças numerosas, a avaliar-se pelo número de atacantes, seguramente quatro mil, que, embora sem as mesmas condições de armamento e munição, todavia eram fortes pelo número e ferocidade em acção, com as vantagens do terreno, so por elles conhecido, e todos armados e protegidos ;

2º) Que apesar do número de mortos que tinham, visiveis na zona de combate, não arrefeciam na luta, e antes se reduplicavam, como legiões que surgiam do solo ;

3º) Que, tendo o ataque, levado á toda a linha, principiado ás sete horas da manhã, ainda, até aquella hora, uma da tarde, estava indeciso, so conseguindo as forças conservar suas posições disimando os bandidos, que vinham morrer á queima-roupa e agarrados aos canhões, sem nenhuma outra victoria que a ordem e a disciplina na acção, mas com a fraqueza do número ;

4º) Que as forças, ja desde dezesete, não se alimentavam e se viam ameaçadas de sêde imminente ; pois que uma pequena lagôa de aguas pluviaes, a quinhentos metros do acampamento, ja dominada pelos assaltantes, estava entulhada de cadáveres destes, prestes a seccar emquanto que, os mortos das forças eram em

número de dez, tendo já quasi sessenta feridos, não contando muitos contusos, todos sem alimentação e curativo;

5º) Que a munição, da qual se deixou parte em Queimadas, parte nesta Villa, por falta de mobilidade, era pouca na infantaria e estava a esgotar-se na artilharia, da qual, devido á cobardia dos tropeiros, uma carga de granadas vasia e outra de espoletas estavam em posse do inimigo, por terem disparado os cargueiros, sem que se os pudesse deter, sendo que aquella, á noite, estaria concluida, sem probabilidade de remonta e soccorros, por falta de protecção e linha de comunicação;

6º) Que os animaes, inanidos por fome e sêde de tres dias, morriam em combate, ameaçando a artilharia ao abandono, com o resto do trem de guerra e bagagem, rodando em marchas e manobras, já desde dezoito, a artilharia a pulso;

7º) Que, a persistir-se na luta, com a força em sitio, como se achava, poderia advir um desastre em sacrificio da mesma, sendo certo que, até á noite, com a probabilidade de aggressão mais robusta, o número de feridos, quando menos, seria incalculavel, bem como a impossibilidade de romper o sitio e sustentar o combate;

8º) Que nestas duas emergencias, apesar da coragem e bravura de todos, pedia a opinião dos ditos officiaes, declinando de si a responsabilidade da derrota, mas disposto a combater até o fim, si assim o entendessem:

E os ditos officiaes, em unanimidade, optaram pela retirada, tendo o mesmo commandantê declarado ser com elles solidario nesta opinião; mas, impondo a condição de não serem abandonados os feridos e a mais insignificante peça de armamento e munição, sendo enterrados os mortos da força; o que se praticou, tendo-se effectuado a retirada na melhor ordem, em combate que durou até as seis e meia horas da tarde, carregados os feridos em padiolas e a cavallo, no percurso de duas leguas, onde se acampou á noite; a artilharia a pulso e assim tudo até esta Villa, protestando o mesmo commandante ir pedir conselho de guerra, para justificar-se.

E, para constar se lavrou este termo, aos vinte e quatro dias do mesmo mez e anno, nesta Villa de Monte Santo, escripto por mim, o segundo tenente Hilario Francisco Dias, e por todos assignado. — *Febromio de Brito*, major commandante das forças. — Dr. *Everaldo Cicero de Miranda*, capitão médico de 4.<sup>a</sup> classe. — Dr. *Gabriel Archanjo Dutra de Andrade*, capitão médico de 4.<sup>a</sup> classe. — Dr. *Edgard Henrique Albertazzi*, médico do regimento policial. — *Hilario Francisco Dias*, segundo-tenente commandante da 1.<sup>a</sup> columna. — *João Ferreira de Carvalho*, alferes. — *Eutychio Coelho Sampaio*, alferes. — *Serapião Moreira de Góes*, alferes. — *Antonio de Araujo Lins*, alferes. — *Mauricio Marques Guimarães*, alferes. — *Almerindo Ferreira Telles de Menezes*, alferes. — *Honorio Domingues de Menezes Doria*, alferes. — *Joaquim José de Andrade*, capitão commandante da 2.<sup>a</sup> columna. — *Francisco Freitas*, alferes commandante de companhia. — *Antonio Bernardo da Fonseca Galvão*, alferes. — *Herminio Pinto da Silva*, alferes commandante de companhia. — *Emilio de Carvalho Montenegro*, alferes. — *Donaciano Cosme de Mello e Silva*, alferes. — *Virgilio Pereira de Almeida*, capitão commandante da 3.<sup>a</sup> columna. — *Polycarpo Rodrigues da Costa*, alferes. — *Caetano Sá Barreto Villas-Bôas*, alferes. — *Aureliano João Ferreira da Silva*, tenente. — *Ignacio Mendo Filho*, alferes».

#### OS HOMENS DO DIA

**1737**—Nasce no Havre o notavel escriptor BERNARDIN DE SAINT PIERRE, autor do popularissimo romance *Paulo e Virginia*, que é um encantador poema em prosa. Morreu em 1814.

**1850**—Nasce na capital do Rio Grande do Norte o inspirado poeta e scintillante prosador LINS DE ALBUQUERQUE, autor dos livros *Filhos das Sombras* e *Ficções e Realidades*; fôra alumno da Escola Militar do Rio de Janeiro e falleceu na mesma cidade em Setembro de 1886.

## MÁXIMA MILITAR

**C**UMPRE ao conquistador reparar uma parte dos males que causou. Eu defino assim o direito de conquista: é um direito necessario, legítimo e desgraçado, que deixa sempre a descoberto dívida immensa para com a natureza humana.

MONTESQUIEU.

## 20 DE JANEIRO

**1566** — ESTACIO DE SÁ, que sahira um anno antes da cidade do Salvador (Bahia), com uma frota para vir atacar os francezes no Rio de Janeiro e seguira para S. Vicente, afim de obter mais combatentes e embarcações de remos, so na presente data parte de *Burriquiota* (hoje Bertioga), trazendo consigo 300 naturaes da terra, commandados por HELEODORO EWBAN, acompanhados do padre JOSÉ DE ANCHIETA e de GONÇALO DE OLIVEIRA.

Nessa expedição tambem tomaram parte JOSÉ ABORNO e PEDRO MARTINS NAMORADO, moradores de Santos. ESTACIO DE SÁ achara a capitania de S. Vicente em muita falta de viveres e de gente; por isso, por la se demorou um anno inteiro, enquanto chegavam do Espirito Santo e da Bahia outros soccorros.

**1567** — MEN DE SÁ, terceiro governador do Brasil, succedera a D. DUARTE DA COSTA em 1558 e exerce esse difficil e importantíssimo cargo até 1572. «Nesse continuo, áspero e tremendo labor de quasi tres lustros, avulta o béllico empenho que MEN DE SÁ iniciou e que teve a gloria de rematar brilhantemente no dia 20 de Janeiro de 1567 (*o da expulsão dos francezes da bahia do Rio de Janeiro*).» Dr. J. M. DE MACEDO — *Anno Biográfico*.

O governador tinha, como ficou dito, chegado á barra do Rio de Janeiro no dia 18, com uma soffrivel armada que trazia em soccorro de seu sobrinho ESTACIO DE SÁ, para expellir os

francezes deixados na bahia de Guanabara por NICOLAU DURAND DE VILLEGaignon, os quaes occupavam a pequena ilha do interior da bahia, conhecida ainda hoje pelo seu nome, e nella se tinham fortificado.

Chegando, dá MEN DE SÁ combate aos francezes, auxiliados pelos Tamoyos, no dia de S. SEBASTIÃO, por ser esse o dia do santo do nome do joven Rei de Portugal e o do padroeiro da cidade, então muito em princípio: desbarata os francezes, toma a ilha de Villegaignon e alguns outros pontos fortificados por elles.

Nesse porfiado combate morre, entre outros, o bravo capitão GASPAR BARBOSA, e sai gravemente ferido na face por uma flecha hervada o denodado capitão-mor ESTACIO DE SÁ, que veio a morrer dessa ferida d'ahi a um mez, dia por dia.

Depois deste feito d'armas estupendo, mudou o governador geral o assento da cidade, das immediações do Pão de Assucar, onde ESTACIO DE SÁ a collocara, para o morro do Castello, chamado nesse tempo *Monte de S. Januario*.

MEN DE SÁ era irmão do insigne poeta FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA.

**1639** — D. FERNANDO DE MASCARENHAS, CONDE DA TORRE, capitão-general e governador do Estado do Brasil, a que chegara com a formidável esquadra mandada contra os hollandezes, toma posse do seu cargo na cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos. E' o 17º na ordem chronológica e substitue-o, a 3 de Junho de 1640, D. JORGE DE MASCARENHAS, MAQUEZ DE MONTALVÃO, 1º vice-rei do Brasil.

**1654** — Occupa a nossa gente as fortalezas *dos Afogados, do Brum* e *do Buraco*, abandonadas pelos hollandezes durante a noite, para se concentrarem no Recife.

A única fortificação exterior que restava ao inimigo era a fortaleza *das Cinco Pontas*; na tarde desse mesmo dia avança VIDAL DE NEGREIROS para batel-a com as forças do seu commando. So na noite de 21, depois de esperar que vasasse a maré, foi que este chefe se apoderou do antigo reducto deno-

minado *Amélia*, situado a umas duzentas braças daquela fortaleza, no sítio hoje denominado Cabanga.

**1699** — Carta Régia creando os cargos de capitães-mores nas freguezias do sertão do Brasil.

**1780** — Resolve a Irmandade da Cruz dos Militares do Rio de Janeiro construir um novo templo, para substituir a deficiente capella que havia no logar.

Existia primitivamente naquelle ponto um pequeno forte, mandado levantar pelo governador do Rio de Janeiro MARTIM DE SÁ, em 1605, no tempo do seu primeiro governo.

Em 1623, como estivesse em ruínas o forte, os militares que compunham a guarnição da cidade, auxiliados pelo mesmo governador, que então exercia pela segunda vez o cargo, resolveram construir em seu logar uma capella, onde fossem sepultados. Em 1820 estava ella concluida; deram-lhe o nome do forte, para perpetuar-lhe a memoria.

Em 1734 começou esse templo, posto que mesquinho, a servir de Sé Cathedral, sendo para elle construida a imagem de S. Sebastião, padroeiro da cidade. Arruinando-se com o andar do tempo, foi preciso edificar-se outro, e a isso se resolve a irmandade na presente data. No dia 1º de Setembro desse mesmo anno de 1780 lançou-se a sua pedra fundamental e em 1811 estava elle construido, assistindo D. JOÃO VI, em 28 de Outubro, á primeira missa solemne que ali se celebrou.

Construido sob o risco e direcção do brigadeiro JOSÉ CUSTODIO DE SÁ E FARIA, tendo-se confiado a obra de talha que o adorna ao afamado entalhador nacional VALENTIM DA FONSECA E SILVA, assim como as estatuas que ornam a fachada. Esse templo, de estylo barroco, é um dos mais regulares da cidade do Rio de Janeiro.

**1817**—O general LECÓR, que depois da derrota dos caudillos orientaes em Catalan e do encontro do general BENTO MANUEL RIBEIRO com JOSÉ VERDUN na povoação de Belém, avançara sobre Montevideo (vide a *epheméride* de 4 de Janeiro) entra triumphante

nesta praça na presente data, recebido por uma deputação da municipalidade, que lhe entrega as chaves da cidade, abandonada pelo chefe oriental D. MANUEL BARREIROS, seu commandante em nome de ARTIGAS.

A esse tempo ja se havia declarado em favor dos portuguezes a colonia do Sacramento, que o coronel MANUEL JOSÉ RODRIGUES, de ordem de LECÓR, occupa com dois batalhões. Uma brigada portugueza assenhoreara-se do Serro Largo.

**1823**—O BARÃO DA LAGUNA declara bloquear o porto de Montevidéo:

« Constando-me que as autoridades intrusas de Montevidéo têm diminuido naquella praça os direitos de introducção marítima, com o fim de facilitar e augmentar a extracção da campanha de seus vinhos e effeitos, com grave prejuizo do commercio destes povos; e não sendo justo que a dissidencia e anarchia em que geme aquella desgraçada cidade, prejudiquem por mais tempo os interesses geraes do Estado, está determinado com o parecer da Junta da Real Fazenda, assistido do Syndico Procurador Geral, ordenar o seguinte:

1º Declara-se Montevidéo em estado de bloqueio e incomunicavel.

2º Fica por consequente prohibida a introducção e a exportação de todo o gênero e fructa por terra, debaixo das penas de commisso. O que se apprehender será immediatamente distribuido pelos apresadores.

3º Todos os gêneros e mercadorias despachados que reembarcarem para Maldonado e Colonia, tornarão a pagar nas respectivas alfândegas os direitos de entrada, como si chegassem dos portos de sua origem.

4º Na exportação de couros e outros productos do paiz, que se verificar pelos portos de Maldonado e Colonia, pagar-se-á somente metade dos direitos estabelecidos.

5º Os direitos que o intruso governo de Montevidéo diminuiu, exigir-se-ão executivamente, a quem pertencer, logo que as circunstancias o permittam.

6º As dívidas contrahidas pelo governo intruso de Montevideo, ou pelo commandante interino das tropas de Voluntarios Reaes, e as que para diante se contrahirem, não serão pagas pelas rendas públicas deste Estado, e os que as apresentarem, ficarão sujeitos a um processo criminal.

7º As disposições contidas nos primeiros cinco artigos substituirão somente enquanto as tropas de Voluntarios Reaes de El-Rey não embarcarem para Portugal».

**1843**—Organisa-se o ministerio presidido pelo senador HONORIO HERMETO CARNEIRO LEÃO, posteriormente MARQUEZ DE PARANÁ, ficando o marechal SALVADOR JOSÉ MACIEL com a pasta da Guerra, e o conselheiro JOSÉ JOAQUIM RODRIGUES TORRES, mais tarde VISCONDE DE ITABORAHY, com a da Marinha.

**1863**—Os ossos de ESTACIO DE SÁ, que tinham sido tirados do seu antigo jazigo á vista do Imperador D. PEDRO II e de seus consocios do Instituto Histórico, em 16 de Novembro de 1862, são na presente data encerrados solemnemente em uma urna de pau-brasil e esta em um cofre de chumbo, e collocado tudo em um craneiro de alvenaria para esse fim construido, e conjunctamente o auto da exhumação, as folhas do dia, moedas de ouro, prata e medalhas.

Fechou-se a abertura com uma lápida tendo a seguinte inscripção:—«*Restos mortaes de Estacio de Sá.—Exhumados desta sepultura em 16 de Novembro de 1862.—A ella restituidos em 20 de Janeiro de 1863*».

Estão na igreja de S. Sebastião do morro do Castello, para onde os fizera trasladar em 1583 seu primo o governador e capitão-mor do Rio de Janeiro SALVADOR CORRÊA DE SÁ, do arraial de S. João da Villa Velha, nas proximidades do Pão de Assucar.

**1864**—A Assembléa Provincial do Pará vota o auxilio de 600\$000, solicitado pelo coronel reformado do estado-maior de segunda classe FRANCISCO RAYMUNDO CORRÊA DE FARIA, para a publicação da obra de sua lavra intitula *Diccionario da Lingua Tupi*.

O coronel CORRÊA DE FARIA, natural do Maranhão, fez os seus estudos militares no Rio de Janeiro e depois de deixar o serviço das armas fixou residencia na capital do Pará, onde exerceu o magisterio como professor da lingua vernácula no Seminario Episcopal. Era cavalleiro de Christo, official da Ordem da Rosa e membro da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional. Em 1858 publicou um ligeiro *Compendio da Lingua Brasílica*, editado no Pará, que foi ampliado em nova edição, em 1861, com o título de *Grammática da Lingua Brasílica*.

**1886** — Morre na capital da Bahia o Dr. LUIS ALVARES DOS SANTOS, nascido na mesma cidade em 1825, Doutor em medicina pela Faculdade da Bahia, na qual leccionou mais tarde a cadeira de physiologia e therapêutica, fez-se Voluntario da Patria durante a guerra do Paraguay, de onde regressou com as honras de cirurgião de brigada; representou o Brasil na Exposição Americana de Córdoba e na de Vienna d'Austria, em 1873; era official da ordem da Rosa, commendador da ordem austriaca de Francisco José, condecorado com a medalha da guerra do Paraguay e membro do Conselho do Imperador D. PEDRO II.

Escreveu varios trabalhos literarios, em prosa e verso, um *Relatorio* sobre a epidemia que reinou em Buenos-Aires em 1871, e as seguintes *Theses*:—*Proporções sobre diversos ramos de Medicina* (escripta em latim); — *¿O que entendem os pathologistas por diátheses?* (quaes as suas causas e os meios de combatel-as); — *¿Que modificação soffre o sangue nos rins na formação da ourina?* — *¿A gliosuria será devida á diminuição da alcalinidade dos humores animaes?*; — *Secrecções*; c— *¿Qual é a acção da dedaleira nas diversas molestias em que é empregada?*

**1890** — O governo provisorio da República, depois de ter pago vinte contos de réis aos autores da letra e da música do *Hymno Republicano*, adopta o *Hymno Nacional* do Imperio do Brasil de FRANCISCO MANUEL, admiravel marcha guerreira, que não tem rival em qualquer paiz.

**1892** — Logo que amanheceu, os revoltosos de Santa Cruz, capitaneados pelo célebre sargento SILVINO DE MACEDO, recomen-

çaram a atirar sobre os navios da esquadra, durando o fogo, com intermitencias, até ás 10 horas do dia. (Vide a *epheméride* de 19).

O marechal FLORIANO, que estava na secretaria da Marinha, ouvindo os tiros, mandou o seu ajudante de ordens 1º tenente FRANCISCO MATTOS verificar o que os motivava e expor aos ministros da Guerra e Marinha, que estavam a bordo do *Riachuelo*, o seu plano de ataque.

Quando o tenente Mattos chegou ao *Riachuelo*, fazia este encouraçado signal á esquadra para começar o fogo contra a fortaleza. Romperam-no immediatamente os encouraçados *Riachuelo*, *Aquidaban*, *Solimões* e *Bahia* e os cruzadores *Parahyba* e *Orion*, dando a fortaleza durante esse bombardeio apenas dois tiros, abandonando a gente as baterias. Por ordem dos srs. Ministros continuou o bombardeio. Ao décimo segundo tiro foi em Santa Cruz içada uma bandeira branca, o que fez cessar o fogo da esquadra.

Em seguida foram enviados á fortaleza, como parlamentares, os 1ºs tenentes FRANCISCO DE MATTOS, EUGENIO BITTENCOURT e GUIMARÃES. Estes officiaes ao chegar á fortaleza encontraram os revoltosos reunidos e os officiaes que estavam presos, soltos e senhores de toda a praça. Os parlamentares foram recebidos com vivas e aclamações. Destas occurrencias foi o 1º tenente MATTOS dar conta ao marechal FLORIANO PEIXOTO.

Pelo lado de terra deu-se o seguinte: o 7º batalhão de infantaria ás ordens do tenente-coronel FERRAZ, que foi o primeiro a seguir para a Jurujuba, ahi chegou ás 7 horas da noite da véspera, indo acampar no logar denominado *Vargem*; ás 11 horas da noite ahi chegou tambem o 10º batalhão de infantaria, sob o commando do tenente-coronel TRAVASSOS.

Ahi chegados, cada batalhão dispersou uma companhia que era rendida de duas em duas horas, alimentando um fogo cerrado até a madrugada da véspera, contra o forte do Pico, que respondia com descargas de metralha.

Ás 7 horas da manhã seguinte os commandantes dos batalhões destacaram uma força de uns oitenta homens commandados pelo capitão SOUSA MENDES e alferes HENRIQUE SILVA, do

10.º batalhão, e alferes REGO BARROS e PADILHA, do 7.º batalhão, que á custa dos mais heroicos esforços, correndo os mais incriveis perigos e commettendo actos de inacreditavel agilidade, conseguiu galgar por uma restinga do lado da Jurujuba, a subida íngreme que fica a cavalleiro do forte do Pico.

De posse dessa posição dominante, abriram elles um fogo cerrado e certo contra os occupantes do forte do Pico, que eram commandados pelo sargento CORDOVILO. Os revoltosos, depois de uma lucta que durou 15 minutos, sentindo-se derrotados, abandonaram o forte, que foi logo occupado pelos dois batalhões, com os quaes entrou tambem o Ajudante-General do Exército.

Nessa lucta ficaram feridos: o capitão ALFREDO DE SOUSA MENDES, em ambas as pernas; o 1.º tenente VIEIRA CABRAL, que acompanhou essa força expedicionaria, servindo-lhe de guia na ascensão heroica ao morro, nas canellas; o capitão GODOFREDO, na perna esquerda, e diversos soldados. Falleceu no combate um cadete do 10.º batalhão.

O mestre do *Standart*, vendo os marinheiros armados de carabinas, dirigiu-se ao *Parnahyba*, onde não foi recebido. Mandaram então os marinheiros seguir para bordo do encouraçado *Riachuelo*, onde pediram soccorro. Ahi foram elles presos e mandados apresentar á secretaria da Marinha, onde foram interrogados pelo marechal FLORIANO PEIXOTO, o ministro do Interior; chefe do estado maior general e outros officiaes.

Ás 2 horas da tarde salvaram com 21 tiros as fortalezas de Santa Cruz e Willegaignon e cruzador *Parnahyba*. Ficaram de fogos accesos o *Solimões*, *Orion*, *Cananéa* e os demais navios de promptidão. Na fortaleza, ao carregar um dos revoltosos uma peça, a metralha arreventou, matando-o e a outros companheiros.

O director geral dos telégraphos fez seguir telegraphistas acompanhando as forças com aparelhos portáteis e o chefe da zona federal para restabelecer a linha da fortaleza. Alguns batalhões da Guarda Nacional ficaram de promptidão e por ella foi feito, de accordo com as autoridades policiaes, o policiamento da cidade.

— Voltou a 19 de tarde, para a capital, o 7.º batalhão de infantaria sob o commando do tenente-coronel OLYMPIO FERRAZ,

sendo recebido com as maiores manifestações de apreço, tendo sido muito victoriado ».

« Fiquam aqui registados os nomes do coronel e demais officiaes, que dirigiram o serviço e a disciplina da importante praça de guerra, e que repentinamente foram desarmados e postos em custódia, victimados á narchia da soldadesca revoltada:

Coronel-commandante, Antonio da Rocha Bezerra Cavalcanti; major-fiscal da praça, José Agostinho Marques Poato; capitães commandantes de baterias, Godofredo de Mello Barreto, Alfredo Mac-Guines, Alfredo Joaquim; 1.<sup>os</sup> tenentes Francisco Mendès da Silva, João Carlos Pereira Ibiapina, José Maria de Mesquita; 2.<sup>os</sup> tenentes Henrique da Silva Pereira, Taciano Corregis Daemon, Agostinho de Sousa Neves Junior, José Pereira Pegas, José Francisco Netto, Fabio Fabricio e Sousa Dias Barreto »

**1901** — O governo da União communica ao presidente do Pará a annexação do territorio da Guyana áquelle Estado, sob a denominação de Aracau e dividido em duas circumscripções: — Amapá e Caciporé.

#### OS HOMENS DO DIA

**1545** — Nasce o Rei de Portugal D. SEBASTIÃO, que desapareceu no meio do torvelinho da memoravel batalha de Aljubarrota, em 1578, nunca se tendo podido saber si morreu batalhando, ou si foi feito prisioneiro dos mouros, pois delle nunca mais se teve noticia.

**1897** — FITZ GERALD e um companheiro chegam ao vértice do Aconcagua, nos Andes, a 6.834 metros de altitude.

#### MÁXIMA MILITAR

**A**VIDA das Nações é como a dos individuos; estes têm o direito de matar no caso de defeza natural; aquellas têm o de fazer a guerra para a sua propria conservação.

MONTESQUIEU.

**21 DE JANEIRO**

**1636** — Reassume a administração da capitania do Pará **LUIS DO REGO BARROS**, seu 14.º capitão-mor. Dez meses antes o Senado da Câmara e o povo da capital (Belém) se tinham recusado investil-o do governo, não so por causa do abuso que pelo seu governo violento fazia do poder, como por ter elle abandonado o cargo sem licença da autoridade competente.

Fez, porém, com o seu procedimento ulterior, apagarem-se os odios e as paixões accendidas contra si, e administrou a capitania com tão singular zelo e tal acerto, que causou a admiração geral, sendo estimado depois e bem visto pela população inteira.

No anno de 1631 fôra **LUIS REGO** expedido por seu primo, o governador do Estado do Maranhão **FRANCISCO COELHO DE CARVALHO**, para a fronteira do Cabo do Norte, com uma companhia dos melhores soldados da guarnição da cidade de S. Luis, afim de observar o movimento dos inglezes intrusos em differentes ilhas da grande boçca do rio Amazonas e intrincheirados em um novo forte denominado Camau.

**1666** — **ANTONIO PINTO DA GOXA**, capitão-mor do Pará, por patente régia, começa a exercer o cargo. Occupava-o anteriormente **FELICIANO CORREA** e exerce-o depois **MANUEL GUEDES ARANHA**.

**1682** — **D. JOÃO DE SOUSA** rende a **AYRES DE SOUSA CASTRO** no governo da capitania de Pernambuco. Foi o 10.º na serie dos seus capitães generaes, sem levar em linha de conta o segundo governo de **ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS**; e governou tres annos, tres mezes e vinte e dois dias, terminando a 13 de Maio de 1685.

**1806** — Toma posse do governo da capitania do Piauhy o capitão de infantaria das tropas ligeiras da Legião **CARLOS CESAR BURLAMAQUE**, nomeado a 28 de Fevereiro de 1805. Governava interinamente, desde Julho do anno anterior, **LUIS ANTONIO SARMENTO DA MAIA**.

**CARLOS CESAR BURLAMAQUE** em 1820 era tenente-coronel do estado-maior, e em 1821 foi nomeado governador da capitania de

Sergipe. Escreveu então uma *Memoria Histórica* (documentada) dos successos em Sergipe, que foi impressa no Rio de Janeiro; tendo anteriormente remettido ao governo *Mappas Geraes* da população da capitania de S. José do Piauhy.

**1800**—Morre no forte de Coimbra, em Matto Grosso o coronel de engenheiros Dr. RICARDO FRANCO DE ALMEIDA SERRA. Seus restos mortaes repousam na capella de Santo Antonio dos Militares, junto á capella-mor. Na sua campa lê-se o seguinte epitaphio:—«*R. F. A. S.—Coronel do R. C. de Engenheiros.—Que gloriosamente defendeu Coimbra e nella falleceu em 1801.—Aqui jaz*».

**1826**—Cai em poder dos argentinos a barca *Araçatuba*, artilhada com uma peça de bronze de 24, uma coronada de 9 e dois pedreiros.

Procedente de Martin Garcia, fundeou esse navio durante a noite em frente a Buenos Aires, tão próximo da praia bonarense que de madrugada não pôde evitar ser aprisionada por um bergantim.

«Mandei pôr immediatamente sob vela—refere o commandante em chefe da esquadra, em seu officio de 23 do mesmo mez, a corveta *Maceió*, bergantim *Rio da Prata*, brigue-escuna *Januaria*, bergantim *29 de Agosto* e escuna *Liberdade do Sul*, mas como o commandante da escuna se entregou logo aos dois tiros que lhe deu o bergantim, não foi possível acudir-lhe e o brigue se poz logo em retirada, e, por não haver agua bastante, a corveta *Maceió* não pôde perseguil-o por mais tempo, mas fiz o que podia fazer em semelhante caso.

So a escuna *Liberdade do Sul* e o *Januaria* podiam chegar mais próximo ao inimigo, mas seria uma temeridade irem se metter no meio de doze embarcações, e por tanto fiz signal para se retirarem e mesmo porque ia acalmando o vento.

**1835**—Um grupo de facciosos, tendo á sua frente FRANCISCO CARNEIRO MACHADO RIOS, tenta, na capital de Pernambuco, depôr o presidente da provincia.

De bordo do brigue-barca *S. Christovão*, commandado pelo capitão-tenente AGNELLO PETRA DE BITTENCOURT, e da escuna *Victoria*, desembarca uma parte da guarnição, e consegue obrigal-os a abandonar o bairro de Santo Antonio e entricheirar-se na Boa Vista.

**1839**—Morre na cidade de Cabo Frio o major de engenheiros HENRIQUE LUIS DE NIEMEYER BELLEGARDE, nascido em Lisbôa a 12 de Outubro de 1802 e que veio para o Brasil na mesma frota que transportava a Familia Real. Era irmão do illustre conselheiro PEDRO DE ALCANTARA BELLEGARDE, e pai do distincto escriptor GUILHERME BELLEGARDE, autor dos *Subsídios Literarios*.

Começou no Rio de Janeiro o curso de mathemáticas como praça de artilharia, sendo promovido a 2º tenente em 1818 e em 1820 foi nomeado capitão ajudante do governador de Moçambique. Voltando dessa commissão em 1822, adheriu á Independencia do Brasil, concluindo os estudos profissionaes na Academia Militar e em 1825 foi estudar na Europa por conta do governo imperial, regressando com o título de bacharel em letras pela Universidade de Paris e o de engenheiro geógrapho e de pontes e calçadas pelas escolas da mesma cidade.

Foi socio do Instituto Histórico do Brasil e cavalleiro da ordem de Christo. Traduziu um *Resumo de Historia do Brasil* (até 1828) do original de F DINIZ. Este livro (offerecido a um dos avós do autor do *Brasil Marcial*, o marechal MANUEL ANTONIO DA SILVEIRA SAMPAIO), foi moldado pelo que publicara em francez o citado autor, não é precisamente uma simples traducção, como modestamente denominou o illustrado militar; e ha delle quatro edições esgotadas. A Bibliotheca Nacional possui dessa obra um exemplar (da 4ª edição) com muitas annotações e accrèssimos do conselheiro PEDRO BELLEGARDE.

Escreveu o major HENRIQUE BELLEGARDE varios *Relatorios* e *Memorias*, um *Resumo das lições de geodesia*, acompanhado de estampas, uma *Carta Geographica da Ilha e Canal de Santa Catharina*, uma *Planta Geral das Fortificações da mesma Provincia* e

*Dissertation sur la reduction des angles observés aux centres invisibles et inaccessibles des stations.*

« A elle se devem a construcção do pharol de Cãbo Frio, que se avista a 15 léguas de distancia ; o melhoramento da barra do mesmo cabo ; os argolões de espia collocados no focinho da rocha e na barra do mencionado, as pontes da cidade de Campos, e de Itajurú, os canaes de Cacimbas, do Ururahy, e de Maricé.

A elle se deve tambem o estabelecimento de uma casa de caridade em Cabo-Frio, e de uma confraria que tem a seu cargo a cura dos enfermos, dando a consolação á humanidade afflicta». (*Selecta Brasiliense*).

**1882** — É nomeado ministro da Marinha o Dr. FRANCISCO DE PAULA E SOUSA ; exerce, porém, interinamente o cargo até 28 o Dr. AFFONSO MOREIRA PENNA.

**1892** — Espalhando-se o boato de que o almirante SALDANHA DA GAMA e o marechal ALMEIDA BARRETO protegiam a conspiração que determinara a revolta das fortalezas de Santa Cruz e Lage, appareceu nesta data o seguinte protesto, publicado nas folhas diarias :

« O GENERAL ALMEIDA BARRETO AO PÚBLICO.—Lendo no *Paiz* de hoje que o capitão BAPBOSA DA FONSECA, emquanto se achavam presos no Pico muitos marinheiros, ouvira estes, assim como o sargento SILVINO HONORIO DE MACEDO, chefe da revolta, declararem, *que a resolução por elles tomada havia sido por prévia combinação, fóra da fortaleza, e que um dos chefes da revolta era eu ;* apresso-me em declarar, que semelhante communição é uma infamia, por isso que nem o nome de calumnia se lhe pode dar.

Sabem todos os que me conhecem, qual o meu modo de pensar e proceder como político ; por isso que o tenho externado muitas vezes. Não desceria nunca, fossem quas fossem as emergencias em que me achasse, a autorisar que meu nome servisse de garantia a empreendimentos revoltosos de praças de pret e sentenciados.

Não ha muitos dias que declarei de minha cadeira no Senado *que não queria para mim a gloria de ser revolucionario*, e bem assim, censurei vehementemente a intervenção do Exército nos negocios políticos do paiz. ; Como, pois, eu, que nunca digo sinão o que faço, com a energia de minhas convicções, iria ao mesmo tempo que assim falava constituir-me chefe de presos e sentenciados, para alterar tão desastradamente a ordem pública em favor de quem trabalho?!

O que disseram os prisioneiros a meu respeito, é, portanto, uma infamia; ; é o requinte do atrevimento e da audacia de quem, servindo-se daquelles instrumentos inconscientes, utilisou-se do meu nome, bem como do do illustre contra-almirante SALDANHA DA GAMA, para chegar a seus fins!

Desafio e quem quer que seja para que se apresente e venha provar minha co-participação nesse acto infame, isto é, na revolta dos presos da fortaleza de Santa Cruz. — General *Almeida Barreto*. — Capital Federal, 21 de Janeiro de 1892 ». — (Vide a *epheméride* de 23, em que foi publicado o protesto do almirante citado).

#### OS HOMENS DO DIA

**1397** — É executado em Paris o Rei de França LUIS XVI.

**1895** — MAISSON e CHARPBY reconhecem que o aço preparado com o boro é trabalhado com a lima.

**1902** — Em Manilla (Filipinas) as autoridades militares norte-americanas capturam a heróica mulher tagala de nome KABRABAYARA, que commandava oitocentos homens, dos quaes trescentos com fusis. Essa mulher combateu durante seis annos, ao principio contra os espanhóes e depois contra os americanos.

#### MÁXIMA MILITAR

**O** MUNDO inteiro clama pela paz, que tem suas victórias mais gloriosas que as que se conquistam nos campos de batalha.

General GRANT.

## 22 DE JANEIRO

**1646** — Tentam de novo os hollandezes levantar um reduto nos *Affogados* (Pernambuco); tendo entretanto ja sido rechasados pelos nossos na primeira tentativa que fizeram para se apoderar do Recife.

Levariam, porém, desta vez a melhor, apesar de acudir com a força que commandava o valente cabo dos homens pretos, HENRIQUE DIAS, si no fim de uma renhida peleja de quatro horas, não corresse em soccorro dos nossos JOÃO FERNANDES VIEIRA; com este reforço avançam os pernambucanos com tal denodo sobre os invasores, que estes desanimam e desistem de empreza.

**1807** — Nasce no Rio Grande do Sul o general JOSÉ JOAQUIM DE ANDRADE NEVES, BARÃO DO TRIUMPHO. (Vide a *epheméride* de 6 de Janeiro de 1869, de páginas 30 a 43).

**1808** — Parte da esquadra, que transportava a Familia Real portugueza para o Brasil, e uma nau ingleza que a acompanhava, entram inesperavelmente na Bahia de Todos os Santos.

O Príncipe regente, depois D. JOÃO VI, é recebido pela população com demonstrações de alegria, pelo capitão-general CONDE DA PONTE, governador, D. Frei JOSÉ DE SANTA ESCOLÁSTICA, arcebispo primaz, e mais autoridades, saudado pela artilharia de todas as fortalezas do porto e navios que nelle se achavam, repiques de sino, etc.

No dia 23 poz pé em terra brasileira o príncipe D. JOÃO com a sua comitiva e a 26 embarcou-se de novo, continuando a sua derrota para o Rio de Janeiro (*Vide 7 de Março*).

**1820** — Fere-se a batalha de Taquarembó (*Campana da Cisplatina*), na qual é derrotado o famoso caudilho JOSÉ ARTIGAS. Eis como relata o facto um escriptor contemporaneo :

« A campanha iniciada em 1816 fôra marcada por consecutivas victorias das nossas armas. Nos tres annos seguintes a fortuna não abandonou os generaes de D. JOÃO VI, de modo que no fim de 1819 todo o territorio áquem do Prata estava dominado pelos vencedores.

Mas havia um governador obstinado, valente e prestigioso chefe, a cuja voz acudiam gaúchos e se levantavam bellicosas co-

lumnas em auxilio das populações vizinhas: esse chefe era o general ARTIGAS, que, embora já por vezes batido, teimava sempre na guerra.

ARTIGAS, reunindo numerosas forças, atacou a 13, 17 e 27 de Dezembro de 1819 o brigadeiro JOSÉ DE ABREU, que com 400 homens ficara em Santa Martha, guarnecendo a fronteira.

O CONDE DA FIGUEIRA, capitão-general do Rio Grande, acudindo com as tropas que pôde reunir, fez junção com o brigadeiro ABREU, e marchando logo no encalço de ARTIGAS encontrou-o em Taquarembó, onde foi dada, no dia 22 de Janeiro, a batalha que tomou este nome.

ARTIGAS, posto em derrota e em debandada todo o seu exército, fugiu para o Paraguay, onde o respectivo dictador, o Dr. FRANCIA, o fez internar na aldêa do Curuguaty e ahí o reteve debaixo de cautelosa vigia.

A victoria de Taquarembó poz termo á guerra, e a Banda Oriental ficou occupada pelas nossas tropas até Julho de 1821, em que ella entrou como provincia cisplatina do Reino do Brasil, ainda portuguez ».

Distinguiram-se nesse combate os brigadeiros JOSÉ DE ABREU e BENTO CORRÊA DA CAMARA. Diz-se que ARTIGAS vira apenas o começo da peleja, e se retirara logo para Mataojo. LA TORRE, commandante do exército oriental, conseguiu a custo escapar-se á garupa de um índio.

O inimigo perdeu 800 homens, entre os quaes quatro officiaes superiores. Dos seus generaes que tomaram parte na acção, PANTALEON SOTELLO e MANUEL CAIRÉ, succumbiu o primeiro. Fizemos 490 prisioneiros.

**1835** — A força desembarcada dos navios fundeados no Recife, e unida á que durante a noite fôra organizada pelo presidente de Pernambuco, ataca os revoltosos entrincheirados no bairro da Boa Vista e os derrota completamente, obrigando-os a abandonar as posições.

**1841** — Nasce no Ceará o marechal reformado JOSÉ CLARINDO DE QUEIROZ, fallecido no Rio de Janeiro a 28 de Dezembro de 1893. Exerceu importantes posições durante o Imperio, era

cavalleiro das ordens de Christo e do Cruzeiro, commendador de Aviz e condecorado com as medalhas de Mérito Militar e da campanha do Paraguay.

Foi um dos signatarios do célebre *Manifesto dos Treze Generaes*, (conspiração de 10 de Abril de 1892) sendo por isso desterrado pelo marechal FLORIANO PEIXOTO, para S. Jooaquim, no Rio Branco, Estado do Amazonas, onde adoeceu gravemente das febres que infestam aquellas longinhas paragens, vindo a morrer em consequencia desses padecimentos.

O marechal CLARINDO DE QUEIROZ foi o presidente da commissão militar encarregada de organizar o livro *Instrucções para a Infantaria do Exército Brasileiro*. (Esse volume trata do *Ensino do Recruta*, do *Ensino da Companhia* e do *Ensino do Batalhão e da Brigada*).

**1850**—Nasce na Bahia o 2º tenente da Armada, capitão de fragata honorario e bacharel em sciencias physicas e naturaes pela Escola Polytechnica, LEONIDAS BARBOSA DE OLIVEIRA, fallecido na cidade do Rio de Janeiro a 30 de Outubro de 1892.

Foi oppositor e depois lente cathedrático de balística e artilharia naval na Escola de Marinha, onde fez adoptar o seu compendio intitulado *Elementos de Balística Externa* (premiado e publicado por conta do Governo Imperial); e escreveu a these de concurso intitulada *Theoria da Refracção* (convergencia das séries, probabilidades das causas, superficies regradadas, linhas isothérmicas, isodynámicas e adiabáticas, e desigualdades lunares devidas á acção das plantas).

#### OS HOMENS DO DIA

**1214**—Nasce em Ilchester, no Somerset, o célebre monge inglez ROGERIO BACON, chamado *O Doutor Admiravel*, por causa da sua sciencia prodigiosa. Entrou na ordem dos franciscanos, depois de ter estudado em Oxford e em Paris; fixou-se naquella cidade e entregou-se com ardor ao estudo de todas as sciencias conhecidas no seu tempo, principalmente da physica, adquirindo em breve uma reputação sem igual no seu século.

Os seus ignorantes collegas, invejosos de tamanho mérito, e por isso irritados contra elle, que havia censurado os costumes dissolutos do clero, accusaram-no de bruxaria, apesar de elle ter escripto contra a magia: foi condemnado á prisão, e passou no cárcere a maior parte da sua longa vida.

Com a exaltação do papa CLEMENTE IV. que o tinha em grande estima, alcançou a liberdade; mas depois da morte deste illustre pontífice, viu-se entregue a novas perseguições, sendo encarcerado dez annos em Paris, no convento da sua ordem.

Readquiriu a liberdade poucos annos antes de morrer. Attribue-se-lhe a invenção da pólvora, dos vidros de augmento, do telescopio, da bomba de ar, e de uma substancia combustivel análoga ao phósphoro. Obedecendo á corrente de idéas do seu tempo, acreditou na alchimia e na astrologia. Morreu em 1299, deixando escriptos em quasi todos os ramos da sciencia.

**1788** — Nasce na Inglaterra JORGE GORDON BYRON, o inspirado e assombroso poeta, mais conhecido por LORD BYRON, que foi morrer gloriosamente pela liberdade da Grecia. (Vide a traducção do seu bello poema *Parisina*, no livro de poesias de MUCIO TEIXEIRA — *Campo Santo*).

BYRON tinha apenas 20 annos, quando publicou o seu primeiro livro de versos, intitulado *Horas de Ócio*, que foi vilmente atacado pela crítica dos invejosos; elle, porém, vingou-se, escrevendo contra esses miseraveis detractores uma sátira violenta, que atravessará as idades. ; São sempre martyrisados os verdadeiros genios pela escoria dos seus contemporaneos!

Essa famosa sátira de BYRON intitula-se — *Os Poetas Inglezes e os criticos escocezes*. Herdeiro do titulo de um dos seus tios, entrou o poeta muito moço para a câmara alta. Viajou pelos principaes paizes da Europa, pela Turquia e a Grecia, onde morreu, á frente de um exército.

Em 1811 publicou o poema *Child-Harold*, que o collocou na vanguarda dos poetas do seu século. Esse poema é uma synthese das suas impressões de viagens, com verdadeiros dados

auto-biográficos e a preocupação de um individualismo que transparece em outros poemas seus, todos admiráveis.

Em 1815 casou-se com uma fidalga, muito preocupada sempre com as etiquetas da sua classe, o que determinou o divórcio, um anno depois, por incompatibilidade de genios. Desde então, nunca mais viveu na Inglaterra, passando os últimos annos em constantes viagens.

Demorou-se na Italia, onde se apaixonou pelos encantos da joven princesa de GUICCIOLI, esposa de um velho Conde .. Esse amor embalou-lhe os sonhos de poeta até morrer (nas muralhas de Missolonghi, a 19 de Abril de 1824) contando apenas 36 annos de idade.

Sua obra principal é o poema *D, Juan*, em 20 cantos; seus principaes poemas e dramas (todos em verso) são: *Manfredo*, — *Parisina*, — *Caim*, — *O Céu e a Terra*, — *Marino Faliero*, — *Os Foscari*, — *A Prophecia de Dante*. — O autor do *Brasil Marcial* consagrou-lhe estes dois sonetos:

## A LORD BYRON

### I

De um manso lago a superficie calma,  
Ferida pela setta sibillante,  
Mil círculos desenha nesse instante,  
Ferve, borbulha, mas por fim se espalma.

Ha um lago, porém, que não se acalma,  
Que nunca mais reflecte o azul distante,  
Desde que nelle a aresta dum diamante  
Fere o crystal, que vibra... é a noss'alma.

; Comprehendo-te, BYRON! Forasteiro  
No teu proprio paiz, o mundo inteiro  
Pereorreste, soubrio, a largos passos...

Cantaste, dos baldões aos tiroteios:  
Ah! mas uma Princesa abriu-te os seios...  
; De um povo á Liberdade abriste os braços!

### II

; Portentoso Poeta! Alma ferida  
Pelos mais fundos golpes do destino,  
Foi-te um sonho agitado a curta vida,  
; Genio infernal em cérebro divino!

O meu orgulho diz que é parecida  
A sorte nossa, ó nobre peregrino :  
Tambem sinto a minh'alma consumida,  
Tambem sinto do genio o desatino...

Naufraguei, como tu, na flor dos annos ;  
Como tu, ; nos amores mais insanos  
Procurei esquecer um grande amor !

Somos ( disseram ) vermes da existencia :  
Mas tu tiveste a gloria, na demencia,  
E eu, na demencia, apenas tenho a dor.

MUCIO TEIXEIRA.

### MÁXIMA MILITAR

**C**ARACTER essencial que convém dar á toda a guerra é a acção offensiva, que exalta o valor do soldado, desconcerta o adversario, tira-lhe a iniciativa e diminue-lhe os recursos.

Marechal BUHEAUD.

### 23 DE JANEIRO

**1637** — Chega a Pernambuco o Príncipe JOÃO MAURICIO DE NASSAU, primo do Stadthouder da Hollanda, e aloja-se na ilha de Santo Antonio, ou de Antonio Vaz.

Partira do Texel a 25 de Outubro do anno anterior e vinha dirigir, como governador capitão-general e almirante de terra e mar, a parte do Brasil occupada pela Hollanda.

Seria auxiliado com as luzes de tres conselheiros supremos *íntimos*, cujas reuniões presidiria com voto de qualidade, em casos de empate ; além desse conselho, teria por auxiliar um *conselho politico*, composto de nove membros, que seriam empregados tambem em varios ramos da administração da conquista.

**1648** — Chega ao Arraial Novo do Bom Jesus, acampamento da nossa gente em Pernambuco, o general portuguez FRANCISCO BARRETO DE MENEZES, fugindo do poder dos hollandezes (no Recife), que o conservaram sob a maior vigilancia

por quasi nove mezes. Conseguiu BARRETO peitar FRANCISCO DE BRA, filho do carcereiro, com quem se evadiu, auxiliado pelo francez JOÃO VOLTRIN, atravessando o rio em uma canôa.

Esse general fôra mandado clandestinamente de Portugal pelo Rei D. JOÃO VI, apenas com seu ajudante FELIPPE BANDEIRA DE MELLO e poucos soldados, e foram todos feitos prisioneiros na altura da Paranyba por um cruzeiro hollandez.

Chegando ao nosso acampamento, ANDRÉ VIDAL e JOÃO FERNANDES VIEIRA entregaram-lhe logo o commando geral dos independentes, com rara abnegação e uma grandeza d'alma sem exemplo. VARNHAGEN dá este facto como occorrido na presente data.

**1654** — Vigorosamente batidos e rigorosamente sitiados no Recife pelos nossos, deliberam os hollandezes capitular e pedem uma suspensão d'armas para mandar um parlamentar ao nosso campo. (Vide as *ephemérides* de 20 e 24).

**1827** — Officio do MARQUEZ DE BARBACENA ao ministro da guerra CONDE DE LAGES, que dá a mais lamentavel idéa do estado do nosso exército, no início da campanha da Cisplatina:

«Grande vergonha e pena experimento quando se apresentam os desertores inimigos, pelo contraste humilhante que se offerece entre os soldados do Imperio e os da República do Prata.

Aquelles, rotos, mal montados, mal armados e com uma dívida de sete mezes. Estes, com bons uniformes, excellentes lombilhos e ponchos, perfeitamente armados, e pagos todas as semanas.

E' verdade que tres quartas partes do pagamento é em papel, mas uma quarta parte é em metal: ; e eu não posso dar um décimo em metal!

Tudo quanto se remetteu do Rio de Janeiro foram 120:000\$, isto é, dois mezes e meio de soldo, quando se devem sete, e quando V. Ex.<sup>a</sup>. prometteu que eu teria sempre uma reserva de dois mezes, além de estar o exército pago em dia.

Estou bem certo que V. Ex.<sup>a</sup>. dirá que a falta provém do Thesouro, e que este ministerio tambem dirá que não ha rendas,

entretanto que eu tenho o inimigo sobre os braços, e tenho o partido democrático na Assembléa para accusar-me pela infracção da lei da propriedade, e talvez de muitas outras ».

Foi baseado neste officio que o illustre Dr. FERNANDO OSORIO escreveu as seguintes linhas, que transcrevo da sua notavel *Historia do General Osorio* (1º vol., pág. 167):

« Ao receber esta desagradavel noticia (refere-se á invasão do Rio Grande do Sul pela fronteira de Bagé), o MARQUEZ DE BARBACENA moveu o exército a 17 do referido mez de Janeiro, do seu acampamento de Cunhaperú.

« Para marchar na sua frente (diz o conselheiro ANTONIO ELEUTERIO DE CAMARGO) escolheu um esquadrão de cavallaria; e para fazer parte desse esquadrão foi escolhido o alferes OSORIO (depois general e MARQUEZ DO HERVAL), com preterição de muitos tenentes e capitães ».

Com difficuldades de todo o gênero que o cercavam, começando por estar a pé, com parte do cartuchame podre e sem immediatos recursos, porque os soccorros mandados da Côrte desembarcaram em fins do passado mez de Dezembro, no Rio Grande, e não havia esperanza de que chegassem cedo, com marchas forçadas por terrenos accidentados, supportando uma forte tempestade nos dias 27 e 28; atravessando o rio Camaquam-chico, a artilharia sobre *pelotas*, a cavallaria a nado e a infantaria com as munições á cabeça e com agua pelos peitos, gastando nessa difficil passagem unicamente 36 horas, terminadas no dia 31; mas, com a vanguarda inimiga a menos de uma legua de distancia, em constante tiroteio, conseguiu o Exército Brasileiro, conduzido pelo MARQUEZ DE BARBACENA, ir postar-se em excellente posição, no arroio das Palmas, contendo assim os avanços do inimigo invasor para o interior da fronteira do Rio Grande.

Devido ás suas ordens anteriores, pôde o MARQUEZ reunir ao Exército as brigadas que houvera destacado em observação ao inimigo, além do brigadeiro JOÃO CHRISOSTOMO CALLADO, que com alguns officiaes e praças de cavallaria, por mar tinham vindo de Montevideo; e mais o marechal GUSTAVO HENRIQUE BROWN á frente de uma brigada que partira do Rio Grande, retirada

tambem daquela cidade, composta dos regimentos 4º e 5º de cavallaria, de 80 lanceiros allemães e dos batalhões de caçadores 18 e 27.

Tudo isto deu ao Exército do Imperio um acréscimo de dois mil e tantos homens. Mais adiante, isto é, a 13 de Fevereiro seguinte, recebeu novo reforço que trouxe o marechal de campo JOSÉ DE ABREU, depois BARÃO DO SERRO LARGO, constante de tresentos e tantos voluntarios ».

**1869** — As canhoneiras *Fernandes Vieira* e *Felippe Camarão* suspendem do Fecho dos Marcos para Cuyabá, levando as últimas noticias do theatro da guerra e que faziam esperar um breve desenlace á luta.

No dia 25 á tarde passaram os navios a foz do Miranda, e ás 11 1/2 deram fundo no porto da cidade de Curumbá.

«Parecia deserta (diz o excellente e minucioso relatorio apresentado pelo 1º tenente MANUEL JOSÉ ALVES BARBOSA) não obstante, para desvanecer qualquer suspeita, os navios se apresentaram com seus competentes pharoes, e um signal de tigelinha foi feito pelo *Felippe Camarão*, que chegou ao porto em primeiro logar.

Ouviu-se perguntar que vapores eram aquelles e respondendo-se serem brasileiros, que traziam a noticia da terminação da guerra, trocaram-se entusiásticos e repetidos *vivas* entre os navios e a terra.

Dirigimo-nos immediatamente para ahi, onde encontrámos alguns officiaes que vinham cumprimentar os de bordo, da parte do commandante da praça, o Sr. tenente-coronel ANTONIO MARIA COELHO.

Soubemos então que, ao ~~avistar os vapores~~, a guarnição da cidade, composta de 200 ~~homens~~, ao ~~mando~~ do mencionado tenente-coronel, se havia posto em alarma e estivera prestes a romper o fogo, quando os signaes de bordo fizeram ver que os navios eram brasileiros.

Apresentando-me ao commandante da força, entreguei-lhe um boletim dos últimos acontecimentos da guerra e communi-

quei-lhe o fim daquella commissão, pedindo houvesse de providenciar sobre o que nos era necessario para proseguir a viagem no dia seguinte.

A cidade, cuja população apenas se compunha da guarnição militar, mostrava por toda parte a inexoravel crueldade do inimigo: a ruína total dos edificios, as fórmas incompletas das habitações demolidas, o resto do incendio e o matto deixado á discreção da natureza, formavam o mais estranho e doloroso espectáculo.

Às 6 horas da manhã do dia 3 (continúa o relatorio) suspenderam os navios do logor denominado Capitão Rodrigo. Quatro milhas abaixo da capital foi encontrado o vapor *Faurú*, que vinha por ordem do Exmo. presidente da provincia communicar que no ponto chamado *Cuchipó* teriam de aguardar os avisos o encontro da flotilha de Matto Grosso.

Às 11 horas, tendo chegado a esse logar, fundearam os navios e seguiu o *Faurú* a dar signal do encontro. Prepararam-se os avisos para a recepção, embandeirando em arco.

Às 11 horas e 15 minutos chegou a esquadilha, composta dos vapores *Antonio João*, *Faurú*, *Apa* e *Corumbá*, ao mando do respectivo chefe, capitão de fragata ANTONIO CLAUDIO SOIDO.

Ao cruzarem-se os navios, trocaram-se ao som do hymno nacional *vivas* entusiasticamente correspondidos pela guarnição e por grande número de pessoas embarcadas nos navios da flotilha.

À 1 hora e 30 minutos da tarde salvava com 21 tiros a fortaleza de S. José e a cidade apresentava um quadro de indescritivel alegria; por toda parte a multidão compacta vozeava em estrondosos vivas. . . erguia-se da quasi miseria a que a haviam reduzido as circumstancias da guerra e ainda impressionada pelo flagello da peste que a assolara, para saudar a felicidade que a paz lhe restituia ».

**1892** — O contra-almirante SALDANHA DA GAMA, que se achava ausente da capital durante os acontecimentos da revolta

capitaneada pelo sargento SILVINO, dirigiu ao seu collega chefe do Estado-Maior da Armada a seguinte carta :

« Mogy das Cruzes, S. Paulo, Janeiro, 23—92. — Meu caro COELHO NETTO. \* — Sob a impressão das tristes noticias aqui chegadas hontem á tarde e nas quaes se acha torpemente envolvido o meu nome, acreditei dever expedir hoje o telegramma, que passo a transcrever *ipsis verbis* :

« Almirante COELHO NETTO, chefe do Estado Maior General da Armada. Rio de Janeiro. — A proposito da narrativa inserta no jornal *O Paiz*, que envolve odiosamente meu nome, não tenho sinão que confirmar sentimentos e declarações de minha carta de 20, aliás escripta antes de saber os últimos successos e com referencia apenas a boatos anteriores ahi propalados.

Conhecidos como são os precedentes de toda a minha vida: meu character, meu rigor no serviço e meu respeito pela corporação a que ambos pertencemos, não haverá quem sinceramente possa suspeitar siquer co-participação ou connivencia minha em sedições de presos e sentenciados.

Mesmo em referencia á política bem sabe que, como militar, não penso sinão em servir a nossa Patria com a máxima dedicação e perfeita lealdade, e acredito tel-o provado ja, tanto sob o passado como sob o actual regimen.

Meus modelos hão sempre sido as grandes illustrações militares da França, as quaes nas crises mais difficeis daquelle paiz têm mantido como norma invariavel da sua patriótica conducta a obediencia ao que está constituido e a mais completa abstenção política.

Rogo respeitosamente faça deste telegramma o uso que melhor lhe parecer. — *Luis Saldanha da Gama* ».

**1903** — O governo tem conhecimento de que os Acreanos tomaram, nos últimos dias de Dezembro de 1902, a posição de Costa Rica, occupada pelos Bolivianos, e de que o coronel rio-

---

Este illustre almirante ja fez declaração, em todos jornaes de grande tiragem, de que não tem o mínimo parentesco com um literato que se serve do seu nome, ao qual nem conhece pessoalmente.

grandense PLÁCIDO DE CASTRO começara o cerco de Puerto Alonso.

Dera-se por aquelle tempo, junto ao rio Irenuna, um conflicto entre Brasileiros e Peruanos, e a 29 de Janeiro partira de La Paz, com destino ao Acre, a primeira expedição boliviana commandada pelo coronel ISMAEL MONTE, ministro da guerra, composta de 1.200 homens.

O general PANDO, presidente da Bolivia, compromettendo-se a não partir para as fronteiras do Brasil, como havia anunciado, autorisa, por telegramma, o ministro boliviano no Rio de Janeiro, PINILLA, a negociar um accôrdo sobre as bases propostas pelo nosso Governo.

O nosso ministro das Relações Exteriores, BARÃO DO RIO BRANCO, resolve expedir no dia seguinte, por telegramma, a seguinte communicacão ás legações brasileiras :

« Rio, 24 de Janeiro de 1903. Sobre a questão do Acre, fizemos sentir á Bolívia que o contracto de arrendamento, com poderes dados ao *Bolivian Syndicate*, é monstruosidade em direito, importando alienação parcial de soberania feita em beneficio de sociedade estrangeira sem capacidade internacional.

É concessão para terras de Africa, indigna do nosso continente. Por esse contracto o governo boliviano deu a estrangeiros o poder de administrarem uma regiã so habitada por Brasileiros, e de ali manterem forças terrestres e fluviaes e o de disporem soberanamente da navegacão do Aquiri ou Acre.

Ao fazer essa concessão o governo boliviano não ignorava que o Perú reclamava todo esse territorio, e agora mesmo a Bolivia e o Perú concluíram um tratado de arbitramento sobre a sua questão de limites.

A concessão feita era e é inválida, tendo o governo boliviano disposto de um territorio em litígio. O Brasil deu até aqui uma intelligencia muito larga ao tratado de 1867, com o fim de favorecer a Bolivia, e procurou sempre dar-lhe facilidades de communicacão pelo Amazonas e Paraguay; mas tendo o governo boliviano alienado em favor de um syndicato estrangeiro os seus direitos contestados sobre o Acre, entendeu o Brasil dever sus-

tentar a verdadeira intelligencia daquelle tratado e defender assim como fronteira, da confluencia do Beni para Oeste, a linha do paralelo de 10 graus e vinte minutos até encontrar o territorio peruano.

Toda a região a Oeste do Madeira, comprehendida entre esse paralelo e a linha oblíqua que vai da foz do Beni á nascente do Javari, está, portanto, em litígio entre o Brasil, o Perú e a Bolívia.

Propuzemos comprar o territorio do Acre atravessado pelo paralelo de 10 graus e vinte minutos, para nos entendermos com o *Bolivian Syndicate*, depois propuzemos uma troca de territorios. O governo boliviano a nada tem querido attender.

O presidente PANDO vai marchar com o fim de submeter os Brasileiros do Acre. Em consequencia disso, o nosso presidente resolveu concentrar tropas nos Estados de Matto Grosso e Amazonas.

Queira transmittir pelo telégrapho estas noticias á Legação em Paris, pedindo a esta que as communique pelo correio ás demais Legações. — *Rio Branco* ».

Não obstante o compromisso tomado, o general PANDO, confiando a presidencia ao Sr. ANIBAL CAPRILES, partiu a 26 de La Paz, á frente de 300 homens, e disposto a fazer marchas forçadas para chegar quanto antes ao Acre. Este procedimento suscitou no Brasil a mais justa indignação popular.

MUCIO TEIXEIRA conferenciou nesta data com o marechal ARGOLLO, Ministro da Guerra, e com o general LUIS DE MEDEIROS, Sub-Chefe do Estado-Maior do Exército, sobre a conveniencia da organização de alguns corpos de voluntarios, que seguissem conjunctamente com a força do Exército.

Aquellas autoridades, louvando a patriótica idéa do autor do *Brasil Marcial*, prometteram-lhe utilizar-se do seu offercimento, no caso de necessidade, concedendo-lhe todos os elementos e vantagens indispensaveis.

Nesta mesma data foram afixados bolletins nas esquinas das ruas e praças de maior trânsito, convidando a todos os patriotas para se reunirem naquella mesma tarde, e no dia seguinte, das

9 da manhã ás 5 da tarde, no escriptorio do autor do *Brasil Marcial*, afim de se organizar um ou mais batalhões de voluntarios.

O *Jornal do Brasil*, noticiando a organização dessa força, diz: — «O batalhão que o Sr. MUCIO TEIXEIRA vai organizar terá a denominação de *Legião Mallet*.

A *Legião Mallet* so será mobilizada em caso de guerra, e os seus membros, moços da *élite*, estão cheios do mais ardente entusiasmo patriótico».

No mesmo dia estive no palacio do Cattete uma commissão da Federação dos Estudantes Brasileiros, que entregou ao chefe da Nação um longo memorial, pedindo a reorganização do *Batalhão Académico*.

Fundamentava a Federação dos Estudantes o seu pedido na necessidade da obrigatoriedade do serviço militar, para todos os filhos do paiz, de todas as classes sociaes.

#### OS HOMENS DO DIA

**1656** — Publicação das primeiras *Lettres Provinciales*, de PASCAL, violenta e eloquentíssima sátyra contra os jesuitas.

**1875** — Morre no Rio de Janeiro o MARQUEZ DE SAPUCAHY, senador do Imperio e conselheiro de Estado, CANDIDO JOSÉ DE ARAUJO RIBEIRO, nascido na então capitania de Mias, a 15 de Setembro de 1793.

Além de notavel estadista, foi tambem um verdadeiro erudito e teve a honra de ser escolhido para mestre de literatura e de sciencias positivas do Imperador D. Pedro II e depois das duas Princezas. Foi tambem fundador e presidente, por mais de trinta annos, do *Instituto Histórico do Brasil*.

#### MÁXIMA MILITAR

**ES**PIRITO, moralidade e saude pública, aptidão da raça para a propagação da especie, ou rebaixamento gradual das condições mais importantes da existencia nacional, eis o vasto thema

# O "Campo Santo" de Mucio Teixeira perante a imprensa:

(Continuação do que se lê na capa do 5.º fascículo.)

## ESCRITORES DO RIO

### II

MUCIO TEIXEIRA pertence a essa geração de poetas que, nascidos ha pouco mais da metade do século findo, começaram a vicejar nos últimos annos da década de 1870 em diante. Brilhante geração que despontava para o encontro de novos movimentos e novas formas de esthética, que em França se realisavam e repercutiam entre nós, cabia-lhe mais a responsabilidade de manter a elevação dos últimos românticos, sem quebra de continuidade, ou sem interromper a ligação existente entre as coisas successivas, como diria TAINE, verificando um dos elementos da sua lei das condições.

Era com effeito um grupo que irrompia forte e vigoroso pelo talento, do qual muitos outros poderiam ser indicados.

(Cita os nomes dos poetas contemporaneos mais em voga).

Estes nomes, pelo muito que valem, garantiriam á poesia o mesmo vigor, a mesma exuberancia com que ella vinha revestida si não lhes fosse dado surgirem precisamente num momento de temerosa crise para a arte, que se sentia sacrificada ao surto de correntes várias e indecisas, de escolas não definidas, de embates mal dirigidos e extravagancias curiosas.

O ideal artístico resentira-se naturalmente em meio de tantas luctas e reacções descontraçadas, e a arte em si mesma muito perdera do que lhe é condição essencial—a sinceridade.

Dahi uma multiplicidade de processos, dando em resultado manifestações contrafeitas e disvirtuadas. E comprehende-se então que por maior que fosse o valor de uma geração, que apparecesse em taes condições, ella viesse a ficar escravizada e sacrificada pela ausencia de incentivos e convicções.

Não é facil definir as feições literarias posteriores ao romantismo; mas, si o tentássemos, buscando os sentimentos que as inspiraram, e as causas ou idéas apparentes que as justificam, talvez hem pouco apurássemos da sinceridade dellas.

Os seus actuaes representantes, esses que se intitulam parnasianos realistas, naturaistas, scientistas ou mysticos de qualquer especie, peccam por essa mesma falta de sinceridade do ideal que os possa mover e conduzir.

Consequencia talvez mais decorrente da propria crise que a poesia atravessara nos ardores da reacção ao romantismo, do que da falta de aptidões e qualidades dos novos cultores, o que fica plenamente constatado é inferioridade crescente da nossa actual produção poética.

Não será temerario afirmar que á medida que a poesia se distancia do derradeiro periodo romântico, menos valiosos se vão tornando

os seus productos, menos acceptaveis os seus processos, menos novos os seus cantares e mais incompreensíveis e obscuros os seus pensamentos e idéas. ¿Quão em tudo é diferente um cantor moderno de qualquer dos nossos lyricos desaparecidos!

MUCIO TEIXEIRA, que muito cedo começou a ser poeta, surgiu influenciado pelas correntes do romantismo. Contemporaneo dos primeiros exageros do parnasianismo, que então irrompia em opposição áquella escola, conseguiu todavia não se deixar dominar inteiramente pela vehemencia dos novos combatentes.

Não immolou o seu ideal de artista, determinado pelos verdadeiros sentimentos que lhe embalavam a alma, aos primitivos rebentos innovadores, contra os quaes, resistindo, logrou manter-se firme, como continuador das glorias dos grandes lyricos.

Todos os seus primeiros trabalhos são os de um puro romântico; e dahi a merecida nomeada que lhe começou a cercar o nome ainda bem moço, tornando-o popular, sobretudo pelo Norte, em cujas paragens poucos serão os que não lhe saibam repetir muitas produções, e não conheçam o delicado autor do

*Amar aos vinte e dois annos,  
E ser poeta, mulher,  
E' um desvendrar de arcanos  
Que os não desvenda qualquer...*

Ainda hoje, para mostrar resquícios que lhe ficaram da grande e debatida escola, elevando os seus versos, sempre tocados de harmonias e sentimentos delicados, não será preciso mais do que arrancar a esmo algumas estrophes do seu último e magnifico livro—*Campo Santo*:

¿ Sentistes no peito acaso  
A labareda que lavra.  
Esse fogo que a palavra  
Não consegue definir?  
¿ Um não sei qué indizível.  
Um fluido mysterioso  
Que nos invade de um goso  
Que faz chorar e faz rir?

¿ Sentistes no peito acaso  
Essa dormencia suave,  
Que é feita de pennas d'ave  
E claridões de luar?...  
Isso que faz com que o homem  
Diante de todos, de tudo,  
Fique inerte e fique mudo  
Sem nada ver, mesmo o olbar?

¿ Sentistes no peito acaso  
Essa fagulha exquisita  
Que irrompe, lava e crepita,  
A devorar-nos, sem dor?...  
Ah! os que amaram; que digam  
Si vão nas azas dos ventos  
Os grandes deslumbamentos  
De um so instante de amor!

## 6º Fasciculo do "Brasil Marcial"

¿ Pois eu ja não te disse que a minha alma,  
Levada na corrente dos amores,  
So palpitou de amor, quando, sem calma,  
Se sentiu cega pelos teus fulgores ?

¿ Para que repetir isso, que as almas  
Escutam, quando o labio fica mudo ?  
Quando a um simples olhar rebentam palmas,  
Ha silencios, mulher, que dizem tudo.

Eu bem sabia que tu bem sabias  
Que eras por mim amada loucamente ;  
Estava convencido que sentias  
Por mim o que por ti minh'alma sente.

Manhãs de sol, ¿ porque passais ligeiras ?  
Sonhos de goso, ¿ porque assim voais ?  
Da nossa vida as illusões fagueiras  
São andorinhas, que não voltam mais.

Desejo e séde, aspirações frementes,  
Ancias de gloria, desvairado ardor !  
Os que mais lutam são os mais valentes ;  
E so não vence quem não sente amor.

Tu vais pela terra, sombria e silente,  
Ophelia embalada num berço de Ondina...  
Tens tanta bondade que assombras a gente,  
Por isso pareces...

¿ Madona divina !

Teus olhos lampejam de brilhos estranhos.  
São astros accesos na esfera abrasada ;  
Promettem venturas e gosos tamanhos,  
Que ao vél-os eu pecco...

¿ Madona sagrada !

A Deusa mais bella surgiu das escumas,  
Das campas levanta-se o triste cypreste ;  
Os astros brilhantes scintillam nas brumas,  
Tu gemes na terra...

¿ Madona celeste !

Ahi ficam estas bellas amostras ; ¿ e quem ao  
lê-as não se recordará dos esplendores altiso-  
nantes dos românticos, sobretudo dos bardos  
geniaes, que foram CASTRO ALVES, ÁLVARES DE  
AZEVEDO, FAGUNDES VARELLA e TOBIAS BARRETO ?  
MUCIO TEIXEIRA tem ainda aptidão especial  
para o género épico ou patriótico. Vibram-lhe  
a alma e o temperamento de artista as nossas  
grandes acções heroicas e os acontecimentos  
culminantes da historia. E toda a parte do  
seu trabalho, denominada *Auréolas*, é disto  
comprovação.

Cantando a Bahia em bellissima ode, assim  
conclue :

Amo-te muito, hospitaleira plaga :  
Amo-te quasi como a propria terra  
On le nasci.—onde nasceu a guerra  
Que um nobre filho teu foi concluir...  
— Triste guerra civil, onde escorria  
O sangue dos irmãos no lar pampeano.  
¿ Enquanto Satanaz cantava, ufano,  
Na embriaguez de tanto sangue a rir !

Amo-te muito. Nova mãe dos Gracchos.  
Mandaste ao Paraguay a infantaria  
Que acompanhou de perto a cavallaria  
Do velho Osorio—que tambem te amou ;  
Elle disse-me, um dia, que aos Bahianos,  
Si confiava o destino das batalhas,  
Depois de ouvir rugidos de metralhas,  
Os hymnos triumphaes sempre escutou !...

No movimento, porém, de toda a reacção  
levantada contra o romantismo ; em face das  
divergencias então originadas e que produ-  
ziam correntes diversas. MUCIO TEIXEIRA não  
poderia se tornar estranho ao meio, indiffe-  
rente ao que se passava, sem que seu espirito  
deixasse de procurar, como necessidade inti-  
ma, uma intuição qualquer destas luctas.

E eis-o, com effeito, com visão clara do que  
se dava e intelligencia preparada para se não  
deixar annullar.

Olhou o parnasianismo ; e si ser parnasiano  
é apurar a belleza da fôrma e o encanto da  
métrica, elle o conseguiu ser de maneira a  
collocar-se no grupo dos melhores parna-  
sianos.

Assistiu á entrada triumphante do realismo,  
e acceitou-o como suppletivo daquella fôrma  
esthética, comprehendendo, e comprehendendo  
bem, que somente deste modo a obra  
d'arte poderia completar-se — elevando-se, na  
essencia pelo realismo, na fôrma pelo parna-  
sianismo.

Reagiu contra os excessos do mysticismo,  
não se subordinando ao individualismo dos  
symbolistas, nem ás extravagancias dos satâ-  
nicos e o obscuro dos nephelibatas.

E com firme conhecimento da sua posição  
perante as luctas de idéas, escolas e doutrinas,  
elle proprio professa :

*Nel mezzo del cammìu de nostra vita,*  
Não sinto ainda o minimo cansaço ;  
Ninguem consegue interromper meu passo,  
E ancia de gloria a proseguir me excita.

Prosigo. Dentro em mim o amor palpita  
Como um sol, sem occaso, em pleno espaço ;  
A hygiene d'alma transmittiu-me ao braço  
O vigor, que as poixões se precipita.

Conservo as mesmas illusões de outr'ora ;  
¿ Morre um sonho ? — uma crença se avigora ;  
Nada me tolhe a marcha triumphante.

Arrasto a cruz no alto da montanha ;  
Odiado e perseguido, em guerra estranha.  
Amei e fui amado ; isto é bastante.

Ficaram-lhe muitas virtudes do romantismo,  
depuradas pelas idéas de novas tendencias,  
que o não arrastando para o exclusivismo,  
delle fizeram um divergente. Isto que muitos  
lhe poderão apontar como defeito, para nós é  
virtude, e não commum, a assignalar-lhe.

(Continúa).

MUCIO TEIXEIRA

# Brasil Marcial

SYNTHESE HISTÓRICA

DAS

*nossas guerras, revoluções e revoltas, desde os tempos  
coloniaes até a actualidade, com  
o retrato e a biographia dos heróes, a descripção dos combates,  
a planta do terreno, o typo dos navios, etc.*

1 DE JANEIRO DE 1502 A 31 DE DESEMBRO DE 1903

FASCICULO N. 7



RIO DE JANEIRO

6348—Typ. da Companhia Litua Typographia—Rua do Lavradio, 25

1903

# BRASIL MARCIAL

POR

**MUCIO TEIXEIRA**

PREÇO DA ASSIGNATURA



24 fasciculos	20\$000
12 fasciculos	12\$000
Fora da Capital, 24 fasciculos	24\$000

Os pedidos de assignaturas devem ser dirigidos ao Autor, no seu escriptorio, a

**RUA SETE DE SETEMBRO, 68**

2.º andar



## CAMPO SANTO

Ultimo Livro de Poesias

DE

**MUCIO TEIXEIRA**

Um grande volume de XX—342 paginas, a edição de mais luxo que se tem feito no Brasil, ornada com o retrato do Autor e mais de 70 illustrações em photogravura, como a que se vê ao lado,

PREÇO 10\$000

Vende-se no Escriptorio do Autor

A

Rua Sete de Setembro

**68**

2º Andar

E NA CONFEITARIA

DO

Largo da Carioca

12, 14, 16 e 18

Preço do livro fora desta capital 4\$000

em torno do qual se agita na França, ha mais de meio século, a legislação do recrutamento.

General TROCHU.

---

---

## 24 DE JANEIRO

**1504** — Faz El-Rei D. MANUEL doação a D. FERNÃO DE NORONHA, cavalleiro da sua casa, da ilha de S. João, que esse fidalgo descobrira, um anno antes, cincoenta léguas ao mar da terra de Santa Cruz. E' a que tem hoje o seu nome.

« Não estão todavia os cronistas de accordo, diz TEIXEIRA DE MELLO, de ter sido ella descoberta por FERNÃO, como se diz na doação que della lhe fizera o Rei, pois sabe-se, pelo relatorio da segunda viagem de VESPUCIO, que fôra ali ter a armada de CHRISTOVÃO JACQUES, a qual largara de Lisboa em Junho de 1503, e em que tambem vinha AMÉRICO VESPUCIO.

Foi, entretanto, essa a primeira doação de terras que os Reis de Portugal fizeram nesta parte da América ».

**1632** — Sai do porto do Recife uma esquadra hollandeza de quatorze velas, sob o commando do almirante THYSZON, com cerca de 1.500 homens de desembarque.

Leva o destino de atacar o porto chamado *Pontal de Nazareth*, no cabo de Santo Agostinho, para onde se transferira todo o nosso commercio depois da occupação do Recife pelos hollandezes; mas, para encobrir esse proposito aos nossos, a armada ao sair toma o rumo do norte e vai fundear em frente á barra da ilha de Itamaracá.

**1654** — Está a expirar o dominio hollandez no Brasil, Na véspera haviam pedido suspenção d'armas os hollandezes que ainda se mantinham no Recife.

Na presente data começam as conferencias entre ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS, o capitão de cavallos AFFONSÓ DE ALBUQUERQUE, o capitão secretario MANUEL GONÇALVES CORRÊA e o ouvidor-auditor FRANCISCO ALVARES MOREIRA, pela nossa parte; e GISBERT DE WITH, membro do Supremo Conselho do Recife, o

capitão WAULTER VAN LOO, HUYBRECHET BREST, presidente dos Escabinos e director das barcas (*pichelingués*) do porto, e o tenente-coronel VILLELME VAN DE WALL, para os assumptos de milícia.

A conferencia foi celebrada em duas tendas levantadas na campina fronteira ao forte das Cinco Pontas, então chamada do Taborda, por ter ali morado um pescador desse nome, e hoje denominada *Cabanga*. (Vide as *ephemérides* de 25 e 26).

**1667** — ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS entra segunda vez a governar a capitania de Pernambuco. Exercê esse cargo por quasi seis mezes, até 31 de Junho do mesmo anno.

**1784** — Morre no collegio de Sonto Agostinho em Lisboa o poeta brasileiro Frei JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO, nascido em Cata Preta, arraial de Nossa Senhora de Nazareth do Inficcio-nado, quatro léguas ao norte da cidade episcopal de Marianna (Minas Geraes).

Era filho do capitão-mor PAULO RODRIGUES DURÃO e de D. ANNA GARCEZ DE MORAES, tambem nascidos naquella capitania. Fez estudos preliminares nas aulas dos jesuitas na cidade do Rio de Janeiro; recebeu o grau de doutor em theologia na Universidade de Coimbra, em 1756, e professou no anno de 1758 na ordem dos eremitas de Santo Agostinho.

E' um dos primeiros poetas épicos do Brasil, como se pode ver dos seguintes fragmentos do seu poema *Caramuru*, onde as descripções da *Morte de Moema* e das *Tabas indianas* rivalisam com as mais bellas oitavas de CAMÕES. Cito de preferencia os tópicos relativos á *Guerra Hollandeza* e á *Tomada de Willegaignon*, por se adaptarem perfeitamente á índole desta obra :

## GUERRA HOLLANDEZA

Cede do seu governo de affrontado  
O general NASSAU, tornando á Hollanda,  
Tendo o conselho de Arrecife armado  
Mil artificios de calumnia infanda :  
Nem contra os habitantes moderado  
O duro freio no governo abranda,  
Onde a plebe aggravada que o experimenta,  
O jugo sacudir com gloria intenta.

JOÃO FERNANDES VIEIRA foi na empreza  
O instrumento da Patria liberdade,  
Heróe que soube usar da grã riqueza,  
Libertando o Brasil desta impiedade:  
De amigos, e parentes na defesa  
Tentou furtivamente a sociedade,  
E como a pedra a estatua de Nabuco,  
O Belga derribou de Pernambuco.

Nomeou cabos, tropas, companhias,  
 Pediu soccorros, e invocou prudente,  
 Expondo do Hollandez as tyrannias  
 O governo Brasilico potente :  
 Avisa sem demora HENRIQUE DIAS,  
 Capitão dos Ethiopes valente,  
 E o forte CAMAÃO, que em guerra tanta,  
 Com os seus Carijós o Belga espanta.

Ouve o Hollandez com susto o movimento ;  
 E querendo opprimir nascente a chamma,  
 Com dois mil homens prevenia attento  
 A nova guerra, que o VIEIRA inflamma :  
 Deixara o Luso chefe o alojamento,  
 E os Belgas, que á cilada occulto chama,  
 Empenhou de um logar nas duras rocas,  
 A que o monte chamaram das Tabocas.

Entre arbustos, e canas de improviso  
 Dispara o Luso sobre a incauta gente ;  
 E precedendo o damno antes do aviso,  
 Disbarata o Hollandez com furia ardente :  
 Suspende a marcha o Bâtavo indeciso,  
 E sem ver o inimigo, o golpe sente,  
 Até que vendo o estrago dos soldados,  
 Cedem o campo e fogem destroçados.

Hollanda era potente, e o Luso afflicto,  
 Onde enchendo Lisboa de ameaças,  
 Por ter noticia do infeliz conflicto,  
 Meditava ao Brasil novas desgraças :  
 Mas por guardar os seus o Rei invicto,  
 Dispoz piedoso das provincias lassoas,  
 Providencias, que á paz chamar pudessem  
 O tumulto, em que os nossos permanecem.

Vão com dois regimentos destacados  
 O MOAENO, e NEGREIROS da Bahia  
 A dar paz (si é possível) destinados  
 Na guerra, que o VIEIRA então movia :  
 Viram veigas, e campos abrazados,  
 E o colono infeliz, que parecia,  
 Com lástima da tropa, que observara,  
 Todo o estrago, que o Belga ali causara.

Avistando o NEGAEIROS, e o VIEIRA,  
 « Venho (disse o primeiro) a prisão dar-vos,  
 Por haver provocado a ira estrangeira  
 A uma guerra, que acabe de assolar-vos :  
 É justo que eu também prender-vos queira,  
 Mas será (disse o heróe) com abraçar-vos ;  
 E assim dizendo alegre move o passo,  
 E os dois recebe com festivo abraço.

Outro tanto fazia a tropa unida  
 Ao invicto esquadrão pernambucano :  
 E applaudindo a victoria conseguida,  
 Detestam do Hollandez o enorme engano :  
 Nem muito tarda a gente fementida,  
 Que não abraze a esquadra ao Lusitano,  
 Onde embarcado pela paz chegara,  
 Como Bâtavo proprio o convidara.

Ouvem-se em tanto míseros clamores  
 De turba feminina, que invocava  
 O soccorro dos seus libertadores  
 Contra o Belga cruel, que as captivava :  
 Mais não cessa o VIEIRA, e sem rumores  
 O engenho, onde incauto descanzava  
 O Belga general cercado, bate,  
 E rendendo-o á prisão, vence o combate.

HENRIQUE HUS, do Arrecife commandante,  
 Era o cabo dos Belgas prisioneiro,  
 BLAC rendido tambem, chefe importante,  
 Subalterno nas armas do primeiro :  
 Foge do Luso o Bâtavo arrogante,  
 Espalhando os fuzis no grão terreiro,  
 E a chamma teme, que no horrendo empenho  
 Lançava o VIEIRA pelo vasto engenho.

Com fama de victoria tão brilhante  
 Toma as armas a plebe, e o Belga invade,  
 Serinhaem tomou, Villa possante,  
 O partido commum da liberdade :  
 Segue Itamaracá com fé constante,  
 Porto Calvo, e os contornos da cidade,  
 Deixando no arrecife sem remedio,  
 Encerrado o Hollandez com duro assedio.

Mas não cessa na Hollanda a companhia,  
 E ao numeroso exército, que ordena,  
 SEGISMUNDO VAN-SCOP por chefe envia,  
 Munido em guerra de potencia plena :  
 Do esperto general, que desconfia  
 O premio ao valeroso, ao fraco a pena,  
 E emprehendendo com forças o combate,  
 O inimigo VIEIRA ou prenda ou mate.

Abordando o Arrecife então cercado,  
 A inercia dos seus chefes reprehende,  
 Nem muito tarda, que no campo armado,  
 Não saia a Olinda, que expugnár emprende :  
 Em assalto a accommete duplicado,  
 E á brava tropa, que ao presidio attende,  
 Com tanto alento o Bâtavo rechaça,  
 Que ferido VAN-SCOP se acolhe á praça.

Sem que desista da passada instancia,  
 Tenta de novo a empresa da Bahia ;  
 Mas notando nos lusos a constancia,  
 Que injúria do poder lhe parecia :  
 Consome do Recôncavo a abundancia  
 Com frequentes sortidas, que emprendia :  
 E porque cresça na cidade o tedio,  
 Occupa Taparica, e põe-lhe o assedio.

TELLES em tanto, que expulsar pretende,  
 Sem igual força o Bâtavo contrario,  
 Contra o commum conselho o ataque emprende,  
 E tudo expõe no impulso temerario :  
 Mas vendo o Luso Rei, que a nada attende,  
 O Belga nos seus pactos sempre vario,  
 Manda armada ao Brasil, que poderosa  
 A bítava nação dome orgulhosa.

Tem o golpe VAN-SCOP, e desampara,  
 Por guardar o Arrecife, Taparica,  
 Antevendo que a esquadra se prepara  
 Contra a praça, que auxilio lhe supplica:  
 BARRETO DE MENEZES, que chegara  
 De novo general patente indica,  
 E em Pernambuco sublimado ao mando,  
 Com prudencia e valor foi governando.

Nove mil homens, tropa valerosa,  
 E com frequentes palmas veterana,  
 Manda o Bátavo a empreza perigosa,  
 Que a guerra ponha fim Pernambucana:  
 Occupa o mar armada poderosa:  
 E dominando a praia Americana,  
 Usurpa em mar, e terra alto dominio,  
 Ameaçando dos Lusos o exterminio.

Põe-se em campanha o Bátavo terrivel,  
 Com sete mil de veterana tropa,  
 Vão denso bandos de gentio horrivel,  
 Com destro gastador vindo da Europa:  
 E estimando a potencia irresistivel,  
 Cede o Belga a BARRETO, e quanto topa,  
 Em quanto em defensiva o Luso fica,  
 E o campo contra o Belga fortifica.

SIGISMUNDO, porém, que os bastimentos  
 Em Moribeca assegurar procura,  
 Dispunha ali tomar alojamentos,  
 Estimando a victoria ja segura:  
 Mas BARRETO, e Vieira a tudo attentos,  
 Na justiça, que a causa lhe assegura,  
 Confiar que na empreza o Ceu lhe valha,  
 E tudo vão dispondo a uma batalha.

Nem com tanto poder VAN-SCOP recusa,  
 Ducidir numa acção toda a contenda,  
 Antevendo, si a perde a gente Lusa,  
 Que outra força não tem que a guerra emprenda;  
 E ja na marcha a multidão confusa,  
 A acção começa pelo fogo horrenda,  
 E turbando dos Belgas toda a fórma,  
 Combatem com valor, porém sem norma.

Nos montes Guararapes se alojava  
 Formado o Portuguez, que o Belga espera;  
 E a ascaramuça, que emprendera brava,  
 Traz o sitio o Hollandez, que adverso lhe era:  
 Desde alto monte o Luso fogo obrava,  
 Com ruína dos Bátavos tão fera,  
 Que ou seja ao lado, ou na espaçosa frente,  
 Se cobriu de cadáveres o monte.

Reune os batalhões VAN-SCOP irado,  
 E á frente com valor da linha posto,  
 Tenta desalojar do alto occupado  
 O invicto CAMARÃO, que lhe faz rosto:  
 Mas com chuva de balas rechassado,  
 Perde tres vezes o ganhado posto;  
 E ja ferido com mil mortos cede,  
 Em vil fuga, que a noite lhe concede.

Noventa dos seus perde o Lusitano;  
 E enquanto o Belga se retira incerto,  
 Descobre a aurora todo o monte, e plano  
 De bandeiras, canhões, e armas coberto:  
 Muitos ali do Bátavo tyranno,  
 Perdidos pela noite em campo aberto,  
 Deixa o dia, inexpertos nos roteiros,  
 Nas mãos da nossa tropa prisioneiros.

Horrorisou-se a Hollanda, pasma Europa,  
 Exulta Portugal, canta a Bahia,  
 Vendo-se triumphar tão pouca tropa  
 Da terrivel potencia, que a invadia:  
 Nada de humano o pensamento topa,  
 Que em tudo a mão de Deus clara se via,  
 Pois sempre elege para os seus portentos  
 Os mais fracos e humildes instrumentos.

Tinha exhausta a ambição, mas não cançada  
 A cubigosa Hollanda em tal conquista;  
 E para novo empenho aparelhada,  
 Escolhe os capitães, e a gente alista:  
 Mas do Britanno ás armaa provocada,  
 Sobre interesse que mais alto avista,  
 Suspende o influxo da famosa empreza,  
 Deixando em Pernambuco a guerra aceza.

BRINC a este tempo, coronel valente,  
 Impetra de VAN-SCOP tropa luzida,  
 Com petrechos, e número potente,  
 Que em batalha cruel tudo decida;  
 Cinco mil homens de escolhida gente,  
 De canhões e petrechos guarnecida,  
 Põe no campo assombrado da potencia,  
 Igualando o valor co'a diligencia.

Com dois mil e seiscentos veteranos  
 Fez-lhe frente BARRETO, e o Belga invade;  
 Correm de toda parte os Lusitanos  
 A sustentar a patria liberdade:  
 Aloja o Luso sobre os mesmos planos,  
 Onde fôra a passada mortandade;  
 O Belga na montanha se distingue,  
 Um que o estrago renove, outro que o vingue.

Mas BRINC, a tudo attento desde o cume  
 Com pericia guerreira occupa o monte,  
 Onde seguindo o militar costume,  
 Dá fórma á retaguarda, e ordena a frente:  
 Nem tão ousado o Portuguez presume,  
 Que em vantajoso posto o Belga affronte,  
 Esperando a occasião dali opportuna,  
 De poder atacar com mais fortuna.

Reconhece BARRETO o sitio e fórma;  
 E vendo o ardor da Lusitana gente,  
 Que, habil no passo, da subida o informa,  
 Faz que o bravo VIEIRA ataque ardente:  
 E cubrindo a invasão com sabia norma,  
 Com o fogo protege o assalto ingente,  
 Até que por mil casos duvidosos,  
 Vê sobre o monte os campeões briosos.

Nova batalha ali com fogo vivo  
Move impávido o Belga, e firme insiste;  
E por mais que o VIEIRA invada activo,  
Onde um corpo vacilla, outro resiste:  
Tal ha que ainda combate semivivo,  
Tal que cadaver ja na morte triste,  
A terra morde, e em raiva cnfurecida,  
Blasphemando do céu, despede a vida.

A toda parte vôa o grão BARRETO,  
E um anima, outro ajuda, outros exhorta:  
E excitando no Luso patrio affecto,  
Incita o forte, o inválido conforta:  
Bramava o fero BRINC em sangue infecto,  
Entre a Bátava turba oppressa e morta,  
Assalta horrendo um batalhão potente,  
E outros reprime com ferocia ardente.

Mas o invencivel CAMARÃO, que o nota,  
Um forte troço de reserva abala;  
E suspendendo a mísera derrota,  
Lança o Belga por terra de uma bala:  
Logo o almirante da soberba frota,  
Vendo inválido BRINC cahir sem fala,  
Occupa o mando, que ja vago estima,  
E o Bátavo á peleija altivo anima.

Não soffre HENRIQUE DIAS, que observava  
Do novo chefe a intimação constante;  
E de um tiro, que fero lhe apontava,  
Derriba morto o intrépido almirante;  
Sem commandante o Belga trepidava,  
E de um e de outro lado vacillante,  
Uma vil fuga tímido declara,  
E o campo com desordem desampara.

O estandarte soberbo dos Estados,  
Tendas, peças, bandeiras numerosas,  
Mil e trezentos mortos numerados,  
Prisioneiros, bagagens preciosas:  
Muitos centos na fuga degollados.  
A caixa militar, armas custosas,  
Foram nesta occasião de tanta gloria  
O merecido premio da victoria.

Cinge o Arrecife de um assedio estreito  
Com prompta cura o chefe Lusitano;  
Mas tendo longa guerra o Belga feito  
Era continuo sim, mas mutuo o damno:  
Até que JACQUES ao commando eleito  
No campo se avistou Pernambucano,  
Conduzindo em fortuita derrota  
Para o Luso commercio a usada frota.

Por mar e terra, sitiada a praça,  
Depois do longo assedio de nove annos,  
Com mil desastres fatigada e lassa,  
Cedeu todo o Brasil aos Lusitanos:  
Mercê clara do céu, patente graça,  
Que a tão poucos, e míseros paisanos  
Cedesse uma nação, que enchia em guerra,  
De armadas todo o mar, de espanto a terra.

## A TOMADA DE VILLEGAINON

Cavalleiro de Malta, e Franco nobre  
Era VILLEGAINON de forte peito,  
Soldado antigo, que o valor descobre.  
E entre os Hugnotes do maior respeito:  
De mil promessas o partido cobre,  
Havendo-a a empreza do Brasil eleito;  
E abonada de um chefe de esperança,  
Dá-lhe a mão a heresia em toda a França.

Este vi navegando a Cabo-Frio,  
Seguido de outras naus a forte empreza;  
E que tratando affavel co'gentio;  
Explorava do sitio a natureza;  
Mostrava aos naturaes ánimo pio;  
E arguindo-lhe a gente Portugueza,  
Induz a nação bruta a que lhe assista  
Na empreza do commercio, e da conquista.

Voltou a França o cabo diligente,  
Tendo de ricas drogas carregado,  
E convocando ás naus armada gente,  
Torna de turba ingente acompanhado:  
Nem tarda do sertão cópia potente  
De um povo, que nas armas alliado,  
Por amigo estimava, mais sincero,  
Menos inculto, sim, porém mais fero.

Ali VILLEGAINON, que o troço aloja,  
Ás gentes do sertão se confedera;  
E toda a costa a dominar se arroja,  
De onde os nossos expulsar ja espera:  
Do seu commercio o Portuguez despoja,  
Na fertil Parahyba, em que util era;  
Nem ha na costa do Brasil enseada,  
Que o Hugonote não tenha bloqueada.

MENDO DE SÁ, que adverte no perigo,  
Tres naus, que em guerra cuidadoso armara,  
Com oito de commercio tem consigo,  
Além das que em socorro convocara:  
E por ter força igual ás do inimigo,  
Sobre longas canôas, que ajuntara,  
Guia contra os Tamoyos prepotentes  
Do bravo Carijó turmas valentes.

Nbige-teroi se chama a vasta enseada,  
Que estreita bocca, como barro encerra,  
Fechando em vasto porto á grande armada  
Um lago, que em redondo cinge a terra:  
Vê-se ilha penhascosa sobre a entrada,  
Com fortaleza, que diaposta em guerra,  
Por bocca dos canhões rumor fazendo,  
Fechava a barra ao valeroso MENDO.

Era a ilha de rochas guarnecida,  
Que em torno tem por natural muralha,  
D'onde a força das balas rebatida,  
Faz inutil dos Lusos a batalha:  
Tres dias foi dos nossos combatida,  
Sem que o fogo incessante aos nossos valha,  
Até que infatigado o invicto MENDO,  
Invade á escala vista o forte horrendo.

Entre as frechas, e balas destemido  
 Na penha o Portuguez trepando salta ;  
 E deixando o Francez esmorecido,  
 Degolla, mata, fere, invade e assalta :  
 Nem do antigo valor cede esquecido  
 O Francez animoso, até que falta  
 De sangue a brava gente na contenda,  
 Faz a perda, e cansaço que a ilha rende.

Nem mais demora teve o invicto MENDO  
 Ao ver a gente adversa dissipada,  
 E a excelsa fortaleza desfazendo,  
 A costa visitou na forte armada :  
 E tudo ao nome seu sujeito havendo,  
 Á Bahia tornou, que illuminada  
 Entre o som do clarim, e alegre trompa,  
 Em triumpho a MENDO recebeu com pompa.

Mas a facção do Hugnote enfurecida  
 VILLEGAINON potente ao Brasil manda,  
 Que a ilha recobrando ja perdida,  
 Guerra intenta fazer por toda a bandia :  
 Vê-se a nossa marinha combatida,  
 E a forte esquadra que o francez commanda,  
 Dominante no Oceano por tal modo,  
 Que impedia o commercio ao Brasil todo.

Mais não tolera a Lusa Monarchia,  
 Que ao Rei christianíssimo adherente,  
 Contra a rebelde herética porfia,  
 Armada põe na América potente :  
 Chefe ESTACIO DE SÁ prudente envia,  
 De válidos galeões tom forte gente,  
 Que o herege expulsando da enseada,  
 Deixe nova cidade ali fundada.

Obsequioso abraçava o claro MENDO  
 O valeroso chefe seu conjunto,  
 As forças da Bahia unido tendo  
 As que trouxera sobre o mesmo assumpto :  
 Contra os esforços do Tamoyo horrendo  
 Accommette o rebelde em liga junto,  
 Incorporando á armada Lusitana  
 Vasto esquadrão da turba Americana.

Chama-se Pão de Assucar o penedo,  
 Em pyramide ás nuvens levantado,  
 Onde de um salto tinha ja sem medo  
 A turba militar desembarcado :  
 Nadava pelo mar vasto arvoredo  
 Do gentio em canoas habitado ;  
 E do ardente Francez luzida tropa,  
 Que habil n'arte de guerra fez a Europa.

Destes o luso campo accommettido  
 De dardos, frechas, balas se embarça,  
 Em sombra o seio todo escurecido,  
 As naus occultam nuvens de fumaça :  
 E ao eco dos canhões entre o ruído,  
 Tudo está cego; e surdo em campo e praça ;  
 E no horrivel relâmpago das peças  
 Cahme por terra os bustos sem cabeças.

Voam as naus de chammas occupadas,  
 Enchendo a enseada do infernal estrondo,  
 As canoas dos nossos abordadas,  
 E os galeões que em linha se vão pondo :  
 Os golpes, que retinem das espadas,  
 O golpho, que arde em chammas em redondo,  
 Eram na terra, e mar em sangue tinto  
 Um abysmo, um inferno, um labyrintho.

Depois que largo tempo em Março joga  
 Dura a batalha com commum perigo,  
 Cessando o impulso do contrario fogo,  
 Todo o estrago apparece do ininigo :  
 Tinha cedido da contenda logo  
 Receioso o Tamoyo do castigo ;  
 E os Francezes, que as naus mal sustentavam,  
 Entre as penhas o asylo procuravam.

Não cessa o bravo SÁ contra o gentio,  
 E a forte tropa pelo matto avança ;  
 Porque abatendo o orgulho, e insano brio,  
 Se apartasse o sertão da infame alliança ;  
 Nem receia o Tamoyo o desafio,  
 Tendo no seu valor tanta confiança,  
 Que fugindo da aldêa ao matto, e gruta,  
 A liberdade ao Portuguez disputa.

Era áspero o combate, e lenta a guerra,  
 E sem effeito o assedio ao Francez posto ;  
 E o bárbaro, embrenhado dentro a terra,  
 Tinha emboscada ao Portuguez disposto :  
 MENDO, que n'alma o grão cuidado encerra,  
 Tendo de ESTACIO soccorrer proposto,  
 Faz levas, busca naus, e a gente incita,  
 E em auxilio dos seus partir medita :

Ja dobra o frio Cabo a esquadra ingente,  
 E á vista do penhasco lança a amarra,  
 Pasma o rebelde, vendo a armada á frente  
 Occupar numerosa e estreita barra :  
 Une-se a frota ali da Lusa gente,  
 E os mutuos casos vanglorioso narra,  
 Irmão a irmão, e o filho ao pai, festivo  
 Por ter chegado são, e achal-o vivo.

Chega aos braços de ESTACIO o forte MENDO ;  
 E por festiva salva estrepitosa,  
 Faz que vomite o bronze o fogo horrendo,  
 Contra a ilha, que avistam penhascosa :  
 E largamente consultado havendo  
 Os dois chefes da empreza gloriosa,  
 Contra o penedo tentam do mais alto,  
 A peito descoberto, um fero assalto.

Vêm-se entre as penhas formidaveis bocas  
 De canhões, e mosquetes trovejando ;  
 E nas quebradas espantosas rocas  
 Do bárbaro Tamoyo o immenso bando :  
 Mustos ali das ásperas barrocas  
 Vão os nossos fuzis precipitando,  
 Outros da rota penha em meio ás gretas,  
 Cobriam contra nós todo ar de setas.

Não cessava o rebelde bellicoso  
Com vivo fogo o assalto rebatendo,  
Emquanto sobre o Luso valeroso,  
Trepando em furia no penedo horrendo;  
Quem no meio do impulso impetuoso,  
Cai na ruína próximo envolvendo,  
Quem ferido da frecha, ou veloz bala.  
Do mais alto da penha ao mar resvala.

Todo o penhasco em fogo se fundia,  
Emquanto o mar em roda em chamma ferve,  
Entre o fração, e fumo que sahia,  
De nada o ouvido vale, e a vista serve;  
A terra toda em roda estremecia;  
E sem que a agua do incendio se preserve,  
Parecia ferver do fogo insano,  
Escondendo a cabeça o padre oceano.

Qual do Vesuvio a boca pavorosa,  
Quando rios de fogo ao mar derrama,  
Arroja ao mar com furia impetuosa  
Parte do vasto monte involta em chamma;  
A cinza cobre o céu caliginosa,  
Muge o chão, treme a terra, o pégo brama,  
E o mortal espantado, e tremebundo,  
Crê que o céu caia, e que se funda o mundo.

Tal de VILLEGIGNON na penha dura,  
Do horrífico trovão freme a tormenta,  
E a chama entre a fumaça horrenda, e escura  
Do infernal lago as furnas representa;  
Porém do proprio fumo na espessura  
A pontaria que o rebelde intenta,  
Evita o Portuguez, que ataca incerto  
A escala vista, e a peito descoberto.

E já no grão penedo tremulavam  
As Lusas quinas pelo forte ESTACIO,  
E as lises do penhasco se arrancavam,  
Donde a VILLEGIGNON se ergue um palacio;  
Pela roca os Tamoyos se arrojavam,  
E o valor Luso dando inveja ao Lacio.  
A guarnição Franceza investe á espada,  
E obriga em duro choque á retirada.

O valente Francez, que a béllica arte  
Ja com valor na Europa professara,  
O peito á fuga oppõe por toda parte,  
E faz que volte o fugitivo a cara:

E vendo ESTACIO so junto ao estandarte,  
Que por chefe dos Lusos se declara,  
Cuida de um golpe terminar a empreza  
No general da gente Portugueza.

Não desfallece o capitão valente;  
E de um, e de outro lado accommettido,  
Rebate as balas sobre o escudo ingente,  
E arroja-se ao rebelde enfurecido:  
LEBRUN despoja do mosquete ardente,  
Com que muitos de um golpe tem ferido,  
Outros do íngreme posto ao mar despenha,  
E alguns expulsa da soberba penha.

E ja fugia a tímida caterva,  
Quando ROCHEFOCÓ, que a pugna iguala,  
Donde a viseira descoberta observa,  
Lhe aponta desde logo ardente bala.  
Cahindo o heróe na espada, que conserva,  
Adora humilde a cruz, e perde a fala:  
Banha-se em sangue o chão, e em tanta gloria  
Regada a terra produziu victoria.

Porque enquanto em seguil-o divertido,  
Abandona o Francez a fortaleza,  
Tinha parte do exército subido,  
A dar fim com victoria á forte empreza:  
Admira MENDO o braço esclarecido;  
E bem que do sobrinho o valor preza,  
No juvenil ardor notou maguado  
O tomar chefe as partes de soldado.

« A Patria (o nobre SÁ diz lagrimando)  
Victima iras da fé, da liberdade,  
Vigor no sangue heroico á terra dando,  
Donde se erga immortal nova cidade:  
O caso acerbo aos pósteros contando..  
Tenham seus cidadãos da heroicidade  
Clara lição no fundador primeiro,  
Gloria eterna do Rio de Janeiro.

Tal nome deu á enseada no recôrdo  
Do mez, que illustre foi por caso tanto,  
E á cidade deixou com justo accordo  
A clara invocação de um martyr santo:  
E havendo as tropas recolhido a bordo,  
Descançadas do béllico quebranto,  
Faz immoraes no tempo transitorto  
Os CORREAS e SÁS no novo emporio.

**1823** — Promulgou-se o seguinte decreto estabelecendo um plano para reorganisar a Marinha :

« Todo o cidadão que voluntariamente quizer concorrer para tão util e importante objecto assignará as acções que quizer.

Cada acção é de oitocentos réis e a subscripção será recebida no princípio de cada mez ; mas o que não puder continuar

a concorrer com a quantia que subscreveu não será obrigado por modo algum.

Em cada cidade, villa ou julgado, a respectiva câmara nomeará agentes que promovam este donativo e thesoureiros que o recebam. Toda esta agencia será gratuita sendo possível.

Cada um destes thesoureiros remetterá, de tres em tres mezes, as quantias recebidas ao thesouro da capital da referida provincia, para serem por estes remettidos ao thesoureiro geral da côrte ».

De tres em tres mezes, o thesoureiro geral entregará no Theouro Público todo o dinheiro que tiver recebido, creando-se para este fim uma caixa especial.

Logo que houver em caixa quantia com que se possa comprar uma embarcação de lote, tratar-se-á de verificar a compra no porto em que convier; e si parecer que convém antes concertar alguma das actuaes, incapazes de navegar, o poderá fazer a comissão, composta dos agentes de subscrição na Côrte, o thesoureiro geral e um fiscal nomeado pelo Governo.

A subscrição durará tres annos, contados desde a época de seu estabelecimento em cada provincia.

**1823** — A provincia do Piauhy adhire á independencia do Brasil.

**1824** — Morre, em viagem do Rio de Janeiro para Lisboa, o marechal de campo LUIS PAULINO DE OLIVEIRA PINTO DA FRANÇA, nascido na cidade da Bahia a 30 de Junho de 1771.

Foi o primeiro senhor do morgado de Ponte Nova, cavalleiro da ordem de S. Thiago da Torre e Espada, commendador das de Christo e da Conceição de Villa Viçosa, condecorado com a medalha de ouro da guerra peninsular, e deputado á Constituinte de Portugal em 1821.

Tinha vindo de Lisboa com um officio de D. JOÃO V para o general MADEIRA, commandante das forças portuguezas na Bahia; mas ja não o encontrou no Brasil, por se haver retirado com o resto das forças; seguiu então para o Rio de Janeiro, doente, e doente regressava, quando falleceu.

Era poeta distincto, como se vê do seguinte soneto, que foi improvisado

DUAS HORAS ANTES DE EXPIRAR

Eis ja dos mausoléus silencio horrendo  
Me impede o respirar, a voz me esfria;  
Eis chega a morte eterna; eis morre o dia,  
E ao nada a natureza vai descendo.

No, dia anniquilação, passo tremendo,  
Escudo-me na sã philosophia;  
Terror humilde o rosto não m'enfria,  
Como CATÃO morreu, eu vou morrendo.

Mas, oh! tu, d'alma nobre qualidade,  
Saudade cruel, co'o soffrimento  
Me arremessas a mares de anciedade...

Mulher... filhos... amigos... num momento,  
No momento do adeus p'ra Eternidade,  
Vós sois o meu cuidado, o meu tormento.

**1827** — A esquadra argentina aprisionou uma escuna, *São José Americano*, que de Montevideo partira conduzindo material de guerra para a força do almirante RODRIGO PINTO GUEDES, depois BARÃO DO RIO DA PRATA, em frente a Buenos Aires.

**1830** — Instala-se em Caçapava o governo republicano da provincia do Rio Grande do Sul. (*Guerra dos Farrapos*).

**1867** — «Ali chegámos (diz o VISCONDE DE TAUNAY, na sua obra *A Retirada de Lagana*) a 24 de Janeiro de 1867, ás 11 horas da manhã. Acampámos em ordem de batalha, com a direita apoiada na margem direita do Nioac, e a esquerda na matta do Orumbeva.

As secções administrativas á retaguarda, no local da povoação. O hospital foi posto nas duas casinhas que ficaram intactas e num grande galpão que se construiu ás pressas.

Para depósito de cartuxame e de todas as munições serviu a nave da igreja, donde se tirou quanto pertencia ao culto.

Levantaram-se por todos os lados palhoças, e em breve officiaes e soldados acharam-se todos tão bem accommodados quanto permittiam as circumstancias: bem estar que desde muitos mezes

se não conhecia, existencia nova, sentimento de plenitude de vida que nos exaltava, dando-nos a todos a ambição de distinguirmo-nos e de chamar-se por algum feito estrondoso a atenção do paiz para uma expedição, que nada fizera até áquelle momento.

Reinavam no acampamento a esperança e a alegria. Havia entretanto um perigo neste enthusiasmo: os que conheciam o chefe perguntavam a si mesmos com secreta inquietação quaes eram os seus planos, qual seria a medida da sua iniciativa.

Elle guardava uma recordação que não podia apagar. Por occasião de ser abandonada a fortaleza de Corumbá \* pelo coronel OLIVEIRA, commandante das armas da provincia, posto que nada participasse do primeiro pensamento dessa retirada precoce, o coronel CAMISÃO figurara naquelle triste episodio como commandante do 2.º batalhão de artilharia, e suspeitou-se por tanto que tivera qualquer solidariedade nesse acto de fraqueza.

A malevolencia das murmurações creis não o poupou: espalharam por esse tempo um soneto impresso, que estigmatizava acerbamente o procedimento dos defensores de Matto-Grosso, e entre outros nomes elle lêra ali o seu.

A dor desta affronta subsistia; estava profundamente ferido o seu pundonor militar. Aceitara, pois, com ardor o commando da expedição, vendo nella um meio de rehabilitar-se na estima pública; e desde então concebeu o projecto, não de manter-se na defensiva, como a razão pedia, attenta a escassez de recursos de que dispunha, ; mas o de investir o territoria inimigo, quaesquer que fossem as consequencias!

---

Corumbá fôra tomada e saqueada em fins de Dezembro de 1864 pelos Paraguayos. «Era a principal cidade commercial de Matto-Grosso, e o inimigo fez ali presas importantes. Os moradores tinham fugido para os mattos dos arredores, mas BARRIOS mandou-os buscar. Tendo sido saqueadas as casas, alguns dos objectos roubados, e dos mais bellos, foram enviados de mimo a LOPEZ, que não teve dúvida em os aceitar. As mulheres foram maltractadas, e BARRIOS neste particular se distinguiu entre todos os mais. Um Brasileiro rico e sua filha foram levados para o navio d'elle, e quando o pai não quiz deixar a filha so com o chefe paraguay, carregaram-no á força e a infeliz criança ficou a bordo. BARRIOS mandou interrogar a todos que lhe caíram nas mãos, e quando estes não qucriam ou não podiam dar-lhe as informações que elle pedia, mandava vergastal-os; alguns foram mortos á lança como espiões».

*The War in Paraguay*, par G. TOMPSON. 1 vol. in-12. Londres, 1869.

O sñr. TOMPSON joven engenheiro ao serviço de LOPEZ, envolvera-se na guerra acreditando que ia defender o fraco contra o oppressor. A experiencia dos factos de que foi testemunha fel-o perder esta generosa illusão.

Esta idéa dominava-o cada dia com mais intensidade. Sob a influencia dum resentimento legítimo, ella passou a ser proposito assentado : apesar da indecisão natural de seu character, o acaso infeliz compellia-o a novos infortunios.

Existia no archivo do corpo um officio do ministro da guerra recommendando que se marchasse para o Apa, logo que as circumstancias o permittissem. Enxergava elle ali, não o que la estava, uma indicação facultativa, mas a ordem de avançar, formal e peremptoria. De balde se lhe faziam ponderações a tal respeito ; cego pela susceptibilidade doentia, recebia mal as objecções e ainda as menos contestaveis.

Um dito desagradavel proferido a seu respeito, e que imprudentemente lhe foram repetir, contribuia ainda para tornal-o inflexivel e surdo a tudo o que tinha ares de demovel-o do seu projecto de invasão. Não era que desconhecesse as difficuldades ; mas via nossos soldados cheios de enthusiasmo e ja aguerridos ; esperava com elles levar a cabo grandes feitos, exercitava-os nas manobras com assíduos exercicios ; sob seu commando davam-se simulacros de combate em que a artilharia representava o seu papel ruidoso, e desta agitação geral resultava uma animação de que elle proprio participava.

Ás vezes, entretanto, via bem que não dispunha sinão de uma vangurda de exército de operações ; era forçoso reconhecel-o. Reproduziam-se então as suas dúvidas, e quando vinha o dia que elle proprio marcara para a partida, achava sempre algum motivo para adiar, embora tivesse de invocar a razão que rejeitara na véspera.

Ora representava, em officio ao ministro, que nada podia emprehender sem cavallaria ; ora pretendia que lhe era possivel dispensal-a : dolorosa lucta entre a autoridade da razão calma e os impulsos do amor proprio offendido.

O seu procedimento, aliás, era sempre digno e firme ; em todas as questões administrativas revelava sobretudo uma integridade á toda prova. Não tolerava offensa á sua posição de chefe, e sabia mantel-a tanto mais quanto o fazia com singeleza e amenidade.

Com 47 annos de idade, baixo, de apparencia robusta, traços regulares, tez bastante morena, olhos pretos e vivos, tinha a fronte espaçosa e um bello cranio completamente calvo, o que deu motivo a que os Paraguayos lhe puzessem uma alcunha zombeteira.

Sempre preocupado, andava so ou conversava com JOSÉ FRANCISCO LOPES, um velho prático e conhecedor da região, que nos servia de guia.

Este merece que o apresentemos ao leitor, antes de vel-o em acção. Dentre nós os que tinham de lembrança os romances de FENIMORE COOPER, não podiam, diante do sertanejo brasileiro, o homem das solidões, deixar de pensar na grande e simples figura do *Olho de Falcão no Prado*.

Desde menino, elle tivera gosto pelas excursões longínquas; diziam tambem que um acto de violencia da sua primeira mocidade lhe impuzera por algum tempo esta necessidade; a idade desenalvera depois todas as suas aptidões.

Extraordinariamente sóbrio, viajava dias inteiros sem beber, levando na garupa um saquinho com farinha de mandioca amarrado á parte posterior dum pellego macio, que punha sobre o selim; nunca andava sem um machado de tirar palmitos.

Natural da villa Piumhi, em Minas Geraes, dali, a mercê das aventuras, se dirigira a todos os pontos da região, que vai do rio Paraná ao rio Paraguay. Conhecia perfeitamente os campos que confinam com o rio Apa, fronteira do Imperio com o Paraguay, visitara muitos logares não pisados até então por pé humano, ainda selvagem; a alguns deu nomes (Pedra de Cal, entre outros); em nome do Brasil tomara posse, elle sosinho, duma floresta immensa no meio da qual chantara um cruz toscamente falquejada ali mesmo, e na qual inscrevêra por sua propria mão: «P. II.» (PEDRO SEGUNDO): madeiro imponente, perdido no fundo do deserto. A iniciativa do explorador creara dominios para o soberano.

Numa viagem que fez para estudar a navegação do rio Dourados\*, ferira-se gravemente na planta do pé, e disso nunca se curou de todo. Quando um dia olhávamos para aquella ferida

Affluente do Paraná.

meio cicatrizada, mas sempre a sangrar, disse-nos elle: «O governo promettêra-me, como indemnisação, um premio de 300\$000 réis, que nunca me pagou: dou por salda a dívida, Era uma condecoração que eu merecia: tenho esta e nada mais quero».

Por espaço de sete annos havia residido com sua familia no Paraguay; mas, quando se deu a invasão, ja estava de volta ao territorio brasileiro, e habitava á margem do Miranda uma propriedade a que puzera o nome de *Jardim*, fertilisada pelo seu trabalho e pelo dos filhos ja crescidos. Elle e a mulher, D. Senhorinha, dispensavam generosa hospitalidade a quantos lhes batiam á porta.

Quando invadiram os Paraguayos o territorio brasileiro em 1865, conseguira escapar-lhes, mas so: toda a familia caíra em poder dos inimigos que a levaram para o povoado paraguayo de Horcheta, a sete léguas da cidade de Concepcion; o coração do velho acompanhara os seus.

Por todas estas razões o coronel CAMISÃO encontrou nelle um partidario apaixonado. Desde que, communicando-lhe seus projectos, affereceu a J. F. LOPES a enchança de ir, como vaqueano da expedição, encontrar sua familia e vingar a affronta soffrida, o sertanejo brasileiro acceitou o encargo com ardor. Nunca esqueceu entretanto a modestia da sua posição, e dizia muitas vezes: «Eu nada sei, sou matuto; os senhores que estudaram nos livros é que devem saber tudo».

De uma so coisa tinha orgulho: o conhecimento do terreno, —ambição legítima afinal de contas, porque foi a nossa salvação. «Desafio, exclamava, a todos os engenheiros com as suas agulhas (bússolas) e com suas cartás. Nos campos de Pedra de Cal e de Margarida sou rei. So eu e os Cadiuéus conhecemos isso tudo».

Foi resolvido partir-se de Nioac, apesar de ja lutarmos com grandes difficuldades, especialmente quanto ao fornecimento de gado.

Communicou-se a ordem ás tropas, sem que entretanto se soubesse para onde íamos, pensava a maior parte que se tratasse apenas de investir algum posto inimigo. Levava-se so o mate-

rial indispensavel para um mez de ausencia. As mulheres dos soldados, excepto duas ou trez, ficavam no acampamento».

**1872** — Morre no Rio de Janeiro o capitão-tenente reformado GIACOMO RAJA GABAGLIA, nascido em Montevidéo, então nossa provincia Cisplatina, a 28 de Julho de 1826.

Fez o curso da Academia de Marinha, que concluiu em 1842, e o da Escola Militar, onde recebeu o grau de bacharel em mathemáticas. Foi um dos membros da commissão scientifica encarregada da exploração de algumas provincias do norte, encarregado da parte astronômica e geográfica.

Em 1846 foi nomeado lente substituto de mathemáticas da Escola Militar, e em 1851 lente cathedrático. Era cavalleiro das ordens da Rosa e de S. Bento de Aviz, membro do Instituto Histórico e da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional.

Escreveu um *Parecer sobre a Memoria do Conde de la Hure* (exploração do rio Parahyba do Sul); tres *Relatorios* (sobre o Dique do Maranhão, sobre a Exposição Universal de Industria em 1855 e sobre a Segunda Exposição Nacional de 1866); e um folheto tratando do phenômeno das seccas na provincia do Ceará.

**1894**—Os federalistas, reconhecendo a impossibilidade de tomar de assalto a cidade da Lapa, heroicamente defendida pela singular bravura do immortal coronel GOMES CARNEIRO, que não quer de fórma alguma accordar com a proposta de rendição que lhe offerecera o general revolucionario; servem-se, então, do expediente empregado na guerra, quando uma praça tem diminuta guarnição, mas se bate valorosamente.

Esse expediente consiste em fatigar a guarnição, simulando assaltos, bombardeando, procurando emfim por todos os meios conservar sempre os sitiados nas trincheiras, de arma na mão. Assim passaram-se os dias, desde 16 de Janeiro até 11 de Fevereiro!

No dia 24, o bravo coronel CARNEIRO, procurando erguer o ânimo dos poucos que o acompanhavam e que ja começavam a fraquear, publicou a seguinte proclamação:

« *Aos Batalhões da Lapa.*

Desde o dia 16 do corrente que soffreis o ataque dos inimigos da República, aos quaes tendes sabido resistir com patriotismo e valor, que ficarão gravados na nossa história como bello exemplo para nossos filhos.

Tendes vencido sempre esses inimigos, que, reconhecendo a sua propria fraqueza, appellaram agora para as intrigas, os falsos boatos e as traições.

Não lhes deis crédito. Conservai-vos no caminho do dever e da honra, que é tambem o da victoria.

Congratulando-me comvosco, pelos triumphos que alcançastes, peço-vos alguns dias mais de constancia e resignação, em bem dos vossos propios interesses e da República, que estará muito brevemente vencedora e em paz.

¡ Viva a República! ¡ Viva a Legalidade! ¡ Viva o povo da Lapa!—Acampamento da cidade da Lapa, 24 de Janeiro de 1894.—Coronel ANTONIO GOMES CARNEIRO, Commandante da Divisão».

« Em ordem do dia, publicada depois desta proclamação, diz o general J. B. BORMANN, \* elle declarou que a Divisão do Norte avançava em auxilio da praça, e que a esquadra legal sulcava os mares do sul; e ao passo que assim procedia, alguns federalistas, residentes na cidade, ás occultas espalhavam más noticias, infelizmente verdadeiras; mas inconvenientes, porque concorriam para abater o moral da tropa.

O chefe da praça, tendo sciencia disso, publicou o seguinte boletim:

« A luta infeliz, que desordeiros e perversos brasileiros implantaram no seio da Patria, encontra-me como soldado leal no cumprimento dos meus deveres de militar e cidadão.

No posto que occupo, e que me foi confiado pelo governo da República, tenho mantido até hoje a mais fraternal benevolencia com todos os meus concidadãos, e fóra do campo da luta, aos propios rebeldes aprisionados tenho feito tratar com carinho e solicitude de quem trata irmãos.

No entanto sinto do meu dever avisar aos que pretendam prestar quaesquer auxilios á revolta, que os tratarei com todo o rigor das leis da guerra, e concito-os a obedecerem lealmente ás autoridades legaes, prestando o auxilio que lhes for reclamado, em bem da santa causa que defendemos.

Aquelles mesmos que se deixaram desviar pela mentirosa propaganda revolucionaria, aconselhamos voltem ás suas casas, ou se apresentem a este commando, resgatando por esse modo o crime em que estão incorrendo.

Depois será tarde; a punição severa succederá á victoria infallivel das forças legaes.

Faço esta publicação para, enquanto é tempo, falar aos meus patricios como amigo; aos que não me ouvirem, falarei depois como juiz inexoravel.

Coronel *Antonio Gomes Carneiro* ».

A propaganda revolucionaria, feita cautelosamente, o cansaço, a descrença de que chegassem reforços salvadores, tudo conseguiu derruir o moral dos fracos, e as deserções começaram. A guarnição, pois, diminuia, não so por aquelles motivos como tambem pelas molestias, pelos ferimentos e pela morte.

Tornou-se, portanto, necessario abandonar algumas posições para diminuir o perímetro a defender. (Vide a *epheméride* de 27).

**1903** — MUCIO TEIXEIRA é aclamado coronel commandante da LEGIÃO MALLETT. (Vide a *epheméride* de 23, páginas 191 e 192).

Seus companheiros, sabendo que o organisador dessa Legião tivera as honras de capitão de mar e guerra por decreto Imperial de 18 de Abril de 1888, além de ter sido agraciado com a ordem militar de Simon Bolívar, em grau que lhe confere as honras de general de brigada nas cinco nações fundadas pelo immortal Libertador da América latina, quizeram que elle assumisse o commando geral das forças em organização com o posto de general; elle, porém, teimou em conservar-se com os galões de

coronel, por serem os que, no Exército, correspondem aos que já tinha desde 1888.

Indo o número de voluntarios muito além das quatrocentas praças alistadas no primeiro corpo da *Legião Mallet*, o seu organisador resolveu formar tres corpos, um de cavallaria, um de artilharia e um de infantaria.

Essa organização foi feita de conformidade com o systema dos novos regimentos, aconselhado pelo marechal Dr. JOÃO NÊPOMUCENO DE MEDEIROS MALLET, no seu plano de reorganização do Exército.

Nesta mesma data as forças bolivianas no Acre rendem-se ao coronel rio-grandense PLÁCIDO DE CASTRO; e o entusiasmo nacional augmenta, organisando-se novos batalhões de voluntarios em varios Estados: o *Batalhão Rio Branco*, no Rio Grande do Sul, e outro de igual denominação na Bahia; *Batalhão Sylvério Nery*, no Amazonas; *Batalhão Argollo*, em Minas; *Batalhão Floriano Peixoto* e *Legião Latina*, no Rio de Janeiro, devendo estas duas corporações formar a retaguarda da *Legião Mallet*.

#### OS HOMENS DO DIA

**1712** Nasce FREDERICO II, o Grande. Guerreiro illustre e fundador da grandeza militar da Russia. Além dos seus singulares dotes militares, era um espirito esclarecido, cultivando as sciencias, a litteratura e as artes.

Escreveu entre outras obras *O anti-Machiavel* (ensaio critico sobre o PRÍNCIPE DE MACHIAVEL); a *Arte Militar* e *Memorias para servir á historia de Brandbourg*. Morreu em 1786.

**1723** — Nasce em Paris o fino escriptor BEAUMARCHAIS, autor do *Casamento de Fígaro* e do *Barbeiro de Sevilha*. Morreu em 1799.

#### MÁXIMA MILITAR

**E** TÃO injusto accusar a fortuna pela derrota de um Exército como privar um general em chefe da honra da victoria, attribuindo ao acaso o que não é sinão e effeito da prudencia.

ONOSANDER.

**25 DE JANEIRO**

**1634**—Fazem os holandeses da ilha de Itamaracá uma sortida contra Iguaraçú, onde estava o capitão MARTIM SOARES MORENO com 50 homens e CAMARÃO, já então capitão-mor dos índios, com alguns delles, não so da tribu *Pitaguar*, que, segundo DUARTE DE ALBUQUEBQUE, era a sua, como de outras residentes em varias aldeias.

Os assaltantes são repellidos com perdas.

**1643**—Os independentes do Maranhão, capitaneados pelo sargento-mor ANTONIO TEIXEIRA DE MELLO, levantam o cerco que haviam posto a S. Luis e retiram-se para o interior. (Vide a *epheméride* de 26 de Janeiro).

**1649**—Toma posse do governo da capitania do Rio de Janeiro o capitão-mor SALVADOR DE BRITO PEREIRA, que administrou dois annos, cinco mezes e vinte dias (até 20 de Julho de 1651), data em que falleceu.

Era o vigésimo terceiro governador desse Estado pela ordem chronológica.

**1654**—Continua a conferencia, começada na véspera, para a entrega da cidade do Recife, derradeiro baluarte do poder hollandez no Brasil.

Prolonga-se a conferencia até tarde da noite, por não quererem os commissarios holandeses incluir na capitulação a restituição da Parahyba, Itamaracá e outros pontos que ainda os seus occupavam; cederam, porém, afinal tudo. (Vide a *epheméride* de 26).

**1746**—D. MARCOS DE NORONHA, CONDE DOS ARCOS, toma posse do governo da Bahia, que exerce até 5 de Maio de 1749.

Era o vigésimo sexto capitão-general desse Estado pela ordem chronológica.

**1824**—Reunem-se as tropas européas do Pará e propõem a dissolução do governo.

**1865**—Proclamação do Dr. JOÃO CRISPINIANO SOARES, presidente da provincia de S. Paulo, convidando os paulistas a alis-

tarem-se como voluntarios, por causa da guerra em que estava o Brasil empenhado contra o dictador do Paraguay.

**1867**—Põe-se em movimento o corpo de exército estacionado em Nioac, sob o commando do coronel CAMISÃO, indo acampar a uma légua da povoação, á margem do rio do mesmo nome.

« Logo que pudemos (diz o VISCONDE DE TAUNAY), fomos visitar o commandante. Sua barraca assentava num outeiro pedregoso, meio abrigada por palmeiras que tornavam o logar agradável. Estava agitado o coronel: ja faltava carne para o rancho da tarde ».

Nesta mesma data o tenente-coronel JUVENCIO, com dois ajudantes, avançou até o ponto chamado Retiro, donde havia pouco se retirara uma força paraguaya de cerca de 100 homens.

Feito o reconhecimento, voltou a nossa gente para o acampamento na mesma tarde; a infantaria que a acompanhava tivera de transpor mais de 52 kilômetros, levando mochilas, armas e 60 cartuchos nas patronas.

« Pudemos (diz o ja citado autor da *Retirada da Laguna*) observar muitas vezes que não ha marcha que abata a energia do soldado brasileiro.

Os dias subsequentes passaram-se para nós em inacção e naquelle grave repouso do pensamento, que é prudencia na véspera de commettimentos arriscados.

Ninguém se deve inquietar com a apprehensão de desgraças que talvez não se realizem, assim como ninguém deve entregar-se tambem a uma cega confiança no futuro, que accrescente á catástrophe todo o rigor do imprevisto ».

**1890**—Assigna-se em Buenos Aires o tratado das Missões, negociado pelo ministro das relações exteriores do governo provisório do Brasil, general de brigada honorario QUINTINO BOCAJUVA, e pelo qual se fazia cessão do territorio brasileiro á República Argentina.

Assignado *ad referendum* esse tratado, contra o qual se levantou justamente indignada a opinião brasileira, foi felizmente

regeitado pelo Congresso, em 1893,—votando pela rejeição o seu proprio negociador.

A suprema decisão arbitral da Suissa, como se verá na data correspondente, reconheceu finalmente o nosso direito ao territorio das Missões, terminando assim uma questão secular, que ameaçava ensanguentar duas poderosas nações.

**1894** — Os representantes da Inglaterra, Italia, França, Portugal e Estados Unidos da América do Norte recebem comunicação das forças navaes de suas respectivas nacionalidades, informando-os de que, cortada a linha de tiro das baterias collocadas na ilha do Bom Jesus (marcada para refugio dos navios mercantes durante a revolta da esquadra), estes ficam ameaçados pela explosão prematura dos projectis provenientes daquellas baterias, ou dos navios insurgentes.

Esses diplomatas enviaram nesse sentido uma nota collectiva, chamando a attenção do nosso ministro das relações exteriores para tão grave facto, pois a zona indicada pela capitania do porto para ancoradouro dos navios mercantes, podia ser attingida pelo fogo das baterias da ilha do Bom Jesus.

O governo, em resposta, mandou retirar os canhões da ilha, dirigindo áquelles diplomatas a seguinte nota :

« Rio de Janeiro, 25 de Janeiro de 1894.

O Ministro das Relações Exteriores communica aos Srs. representantes da Inglaterra, Estados Unidos da América do Norte, França, Italia e Portugal, que os insurgentes, aproveitando-se da resolução tomada, em consequencia da nota de 14 do corrente pelo Sr. Vice-presidente da República, de retirar os canhões da bateria da ilha do Bom Jesus, occuparam a mesma ilha, ás 4 horas do manhã de 24».

**1894** — O contra-almirante CUSTODIO DE MELLO e o general federalista GUMERSINDO SARAIVA communicam ao chefe da nação a tomada de Paranaguá, e da capital do Paraná e a capitulação de Tijucas. Eis o despacho telegraphico, do primeiro :

« Marechal Floriano.—Itamaraty.

Estamos em Curityba. Tijucas tomada. Os 750 homens sua guarnição dissolvidos, excepção tropa de linha, que foi encorporada ás forças Revolução.

Paranaguá, Antonina e Morretes conquistados forças revolucionarias. Lapa subjugada pelo general PIRAGIBE. Estado inteiro reconhece governo de Desterro e o aclamado aqui. Material guerra reunido, em poder revolucionarios. Eis a situação.

Si sois patriota, como vosso passado indica, si sois republicano como affirmais, deixai o poder, em nome dos supremos interesses da Patria e da República, que juramos consolidar.

Reacção, monárchica, que tanto vos preocupa, aproveitará nosso enfraquecimento em lutas internas para derrocar instituições tanto amamos. Vossa continuação governo é actualmente impossivel: pela força material vossos dias estão contados; pou-pai á Patria querida angustias de mais luto e dor.

Deixai o poder, para maior gloria da República, prosperidade Patria, tranquillidade lar. Republicanos convictos, não alimentamos ambições individuaes. Recusaremos governo, si fatalidade nol-o offerecer ou tornarnos aparentemente necessario.

A crise que atravessa nossa Patria é angustiosa, não a agraveis com vossa teimosia. Ao vosso substituto legal, não incompatibilizado com a Revolução, passai suprema direcção negocios públicos. Nós o apoiaremos emquanto respeitar a Constituição e leis da República em sua integridade e pureza.

*Custodio José de Mello.*— Contra-almirante.

Curityba, 25 de Janeiro de 1894 »:

O despacho telegráfico do general GUMERSINDO é do teor seguinte :

« Marechal Floriano.—Itamaraty.

Desde capitulação Tijucas e occupação Curityba, 18, que Paraná está conquistado.

Vossas forças evadiram-se. Estou concentrando nesta cidade meu Exército para marchar sobre S. Paulo.

Muito luto e muita dor enchem a nossa querida Patria, e antes de travarmos novas lutas faço apello ao vosso patriotismo, concitando-vos deixar suprema magistratura paiz e reclamar vossa lealdade velho soldado torneis público que, descendente de *Farrapo* e republicano convicto, me opporei pela força qualquer tentativa restauradora.

Mocidade vos apoia está illudida; presume batet-se peta República, que eu e meu Exército jurámos defender, mas bate-se por um homem, cujas intenções não suspeito, mas que tem fraudado República.

Dizei-lhe verdadê, e como vos presumo ainda patriota, concitai-a respeitar, como eu, vosso successor constitucional, pois consequencias luta em que nos empenhamos não podem ser duvidosas.

*Gumersindo Saraiva.*

Curityba, 25 de Janeiro de 1894 ».

**1903** — O marechal MEDEIROS MALLET, descendo de Petrópolis para tomar parte nos trabalhos do Supremo Tribunal Militar, foi muito felicitado pela homenagem que lhe prestara o organisador da *Legião Mallet*, escolhendo o seu nome para divisa dessa phalange de patriotas.

Nesta mesma data o major FREDERICO SEVERO DE SOUZA PEREIRA, veterano do Paraguay, foi á redacção do *Jornal do Brasil* declarar que offerecia á *Legião Mallet* a bandeira da Escola Honorio Ribeiro, da qual era fundador e director, e que era exclusivamente destinada á educação dos filhos dos Inválidos da Patria.

« Essa bandeira, disse o major SEVERO, tem sido conservada até hoje no mesmo edificio onde esteve 12 annos o cadaver do legendario OSORIO, desde a sua morte até o dia em que passou para a crypta da sua estatua ».

Sabemos mais (diz o mesmo jornal) que um grupo de importantes negociantes, portuguezes e brasileiros, vai confiar a illustres sênhoras brasileiras a confecção do pavilhão de guerra, a bandeira que será offerecida á *Legião Mallet*.

---

**OS HOMENS DO DIA**

**1544** — O virtuoso padre JOSÉ ANCHIETA, notavel jesuíta e inspirado poeta, a quem o Brasil deve innúmeros e inestimaveis serviços na obra civilisadora da catechese dos indígenas, funda nesta data o collegio para educação dos indios de Piratininga.

Celebrou-se então a primeira missa na capitania de S. Vicente, no lugar em que está hoje assente a cidade de S. Paulo. O collegio e a igreja (uma humilde casa de palha) estavam situados no lugar onde hoje se ostenta o palacio do governo.

**1855** — Morre em Paris o distincto poeta GERARD DE NERVAL, prosador elegante e eximio traductor dos poemas de HENRIQUE HEIN, seu particular amigo; esse bohemio admiravel representa um dos mais salientes vultos do romantismo francez.

**1872** — O jornal *L'Union*, de Paris, publica um manifesto do famoso CONDE DE CHAMBORD, que declara — « *ne jamais abdiquer* ».

---

**MÁXIMA MILITAR**

**E**M toda organização defensiva, é sempre vantajoso empregar, em vez de grandes parques, pequenas obras, com o que se conseguirá satisfazer as duas condições seguintes:—economia nos gastos, e redução ao restrictamente indispensavel para a immobilisação da defesa passiva.

General GADART.

---

**26 DE JANEIRO**

**1643** — Combate do *Outeiro da Cruz*, no Maranhão.

ANTONIO TEINEIRA DE MELLO, successor de ANTONIO MUNIZ BARREIROS, na causa da expurgação do dominio hollandez no Maranhão, e que, como se disse, levantara no dia 25 o sítio posto a

S. Luis, é na presente data atacado pelo capitão hollandez JACOB EVERS.

São repellidos os inimigos, ficando EVERS morto no campo da acção.

**1654** — Assignatura e ratificação da capitulação e entrega pelos hollandezes da cidade do Recife, terminadas já á noite as conferencias que para tal fim duravam havia tres dias (como ficou dito) entre os commissarios de ambas as partes contractantes, isto é, Portugal e os Estados Geraes das Provincias Unidas e da Campanha Occidental.

A capitulação constava de 15 capítulos e as condições relativas á milicia de 13, mencionadas umas e outas pelo Barão, depois VISCONDE DE PORTO SEGURO, na sua importante monographia ácerca das *Luctas com os Hollandezes no Brasil*, as quaes foram no mesmo anno de 1654 impressas em Lisboa.

Assignaram-nas os oito commissionedos para as concertar, além de, por parte dos hollandezes, o presidente SCHONENBORCH e o secretario da governo HENDRICK HAECX, nomes que se achavam completamente designados pelos nossos nos impressos contemporaneos.

**1661** — Toma posse do governo da capitania de Pernambuco o capitão-general FRANCISCO DE BRITO FREIRE, que o exerceu até 13 de Junho de 1667.

Era o quarto governador desse Estado pela ordem chronológica.

**1812** — Morre na cidade do Rio de Janeiro D. RODRIGO DE SOUSA COUTINHO, CONDE DE LINHARES, ministro dos negocios da Guerra (13 de Março de 1808 a 26 de Janeiro de 1812) \* e da Fazenda, na côrte regencial de D. JOÃO VI no Rio de Janeiro.

Era um dos poucos fidalgos daquelle tempo apontados como illustrados e intelligentes. Descendia de uma senhora nascida no Brasil e nascera na metrópole a 4 de Agosto de 1755. Era

— Não até 1 de Fevereiro desse mesmo anno, como se lê erradamente á pág. 12 do *Almanak do Ministerio da Guerra* organizado na 4ª secção do Estado Maior do Exército no anno de 1903.

dotado de muita penetração e agudeza de espírito, e protector e amigo dos brasileiros.

TEIXEIRA DE MELLÓ disse: «Veja-se o retrato moral que deste homem d'Estado faz o conselheiro J. M. PEREIRA DA SILVA na sua *Historia da Fundação do Imperio Brasileiro*, tomo II, págs. 30 e 31».

D. RODRIGO jaz na igreja de Santo Antonio dos Franciscanos no Rio de Janeiro.

**1818** — Toma posse do governo da capitania da Bahía D. FRANCISCO DE ASSIS MASCARENHAS, primeiro CONDE DE PALMA, que a governou até 1821.

Era o quinquagésimo quarto capitão-general pela ordem chronológica; e foi mais tarde MARQUEZ DE S. JOÃO DA PALMA e senador do Imperio pela provincia de S. Paulo na organização inicial do Senado.

**1834** — Nasce em Pontivy (França) o major de engenheiros Dr. FELIPPE HIPOLITO ACHÉ, fallecido na cidade do Rio de Janeiro a 30 de Dezembro de 1881.

Foi lente de artilharia da Escola de Marinha, membro do Instituto Polytechnico Brasileiro e cavalleiro da ordem de São Bento de Aviz.

Em 1862 apresentou á Escola Central uma *These*, dividida em duas partes: — I, Quaes os principios á anályse, reduzindo-os ao menor possivel; — II, Demonstração de que a electricidade não é uma causa, mas simplesmente effeito dos phenômenos naturaes em que entra, ainda que não seja sinão a apparencia desses fenômenos.

Em 1872 apresentou á Escola de Marinha outra *These*, tambem dividida em duas partes: — I, As series em geral e secções cônicas; — II, Considerações sobre o polygono funicular.

Em 1880 a *These* sobre *Metaloides* (suas propriedades, combinações entre si e com os outros corpos, além de proposições sobre o salitre); e no anno seguinte uma nova *These*, sobre o *Movimento do Ar* nos projectis lançados por armas de fogo, raiadas.

**1845** — Nasce na cidade do Rio de Janeiro o contra-almirante JULIO CESAR DE NORONHA, actual ministro dos Negocios da Marinha. Foi agraciado com o título de conselho do Imperador D. PEDRO II, é cavalleiro das ordens de Christo e da Rosa, condecorado com as medalhas da campanha Oriental de 1865, da campanha do Paraguay, a do combate naval de Riachuelo e a de mérito militar.

Assentou praça de aspirante a 26 de Abril de 1860, foi promovido a guarda marinha a 26 de Novembro de 1862; 2º tenente a 24 de Novembro de 1864; 1º tenente a 13 de Janeiro de 1866; capitão-tenente a 2 de Dezembro de 1870; capitão de fragata a 7 de Dezembro de 1878; capitão de mar e guerra a 8 de Janeiro de 1890 e contra-almirante a 23 de Dezembro da 1892.

Tem exercido importantes commissões na patria e no estrangeiro; e escreveu, além de um *Plano de ancoradouro*, uma *Planta da enseada N O de Fernando de Noronha* e o *Relatorio da viagem de circumnavegação da corveta Vital de Oliveira*, uma traducção do *Cours de Navigation et d'hydrographie* de EDMOND DUBOIS, que intitolou *Compendio de hydrographia* e dividiu em duas partes: — I, *Noções de Geodesia*; — II, *Hydrographia*.

**1858** — Morre no Rio de Janeiro o brigadeiro reformado Dr. JOSÉ PEDRO NOLASCO PEREIRA DA CUNHA, nascido na mesma cidade em 1790.

Era lente jubilado da Academia Militar, cavalleiro de Christo e commendador de S. Bento de Aviz; e em 1840 publicou um *Tratado Elementar de Arte Militar e de Fortificações*, traduzido do original de GAY DE VERMONT, em 3 volumes.

**1876** — Decreto n. 6.108, creando a repartição de pharões, autorisada pela lei n. 2.632 de 13 de Setembro de 1875 e ordenando que a ella ficasse pertencendo a direcção e administração geral do serviço de illuminação da costa.

**1903** — O presidente da Bolivia, general PANDO, parte de La Paz, á frente de uma expedição militar, para tomar conta do

Acre, poucos dias depois de ter partido com o mesmo destino o coronel MONTE, ministro da guerra, á frente de 2.500 bolivianos.

**1903** — O coronel commandante da *Legião Mallet* publica no Rio de Janeiro a seguinte *Proclamação*

« O momento é de reservas absolutas ; nada se deve dizer, em relação ao pouco que se sabe, do muito que a todos preocupa. Qualquer indiscrição poderia embarçar a marcha dos negocios internacionaes. Resta apenas ao povo confiar na energia e no patriotismo do governo, que este naturalmente saberá resolver o problema, sem o mínimo sacrificio dos brios nacionaes.

Mas, assim como ao governo assiste o direito de exigir um prolongado silencio sobre a anormalidade dos factos, ao povo não pode ser tolhida a liberdade de acção na esphera do patriotismo. E tanto o governo reconhece a legitimidade desta soberania popular, que ao povo tem dado a mais ampla liberdade de reunir-se e preparar-se, com a indispensavel antecedencia, para qualquer eventualidade futura.

A organização de forças patrióticas não pode de forma alguma embarçar a marcha das negociações diplomáticas; é uma medida preventiva, que reforça a propria autoridade governamental, demonstrando á espectativa internacional que não somos (como dizem) um paiz de vencidos, ;mas sim uma nação que saberá fazer respeitar os seus direitos em qualquer terreno!

Uma nacionalidade que tudo calcula, tudo previne, tudo procura organizar com a precisa antecedencia, pode em qualquer emergencia contar consigo, sem correr o risco de ser violentamente arrastada na onda dos acontecimentos provaveis.

SÓCRATES, segundo XENEPHONTE, diz : « Entre um Exército organizado e uma organização de forças improvisadas, levanta-se uma differença essencial. Pedras, tijolos, vigas e telhas, recolhidos e amontoados sem ordem, de nada servem ; mas, si forem dispostos com arte desde o cimento dos alicerces até o levantamento da cumieira, o systema adoptado determinará a firmeza do edificio ». O mesmo succede na organização das forças que devem operar conjuntamente com os Exércitos permanentes.

Ha um episodio da *Iliada* que não deve ser esquecido pelos nossos estadistas; é aquelle em que HOMERO diz: « Viam-se avançar em ordem as numerosas phalanges gregas que marchavam para o combate. Cada uma levava á frente o seu chefe, a quem seguiam respeitosa e em profundo silencio, afim de ouvir distinctamente as ordens, que eram executadas immediatamente. Os troyanos, ao contrario, andavam dispersos pelos campos, á semelhança de rebanhos de ovelhas espalhadas pelas collinas, acordando os écos com os seus balidos ».

MONTESQUIEU demonstra que o que salvou Roma foi a força do seu systema de organização. E o MARECHAL DE SAXONIA diz que os grandes triumphos que os romanos sempre alcançaram com pequenos Exércitos contra enormes multidões de bárbaros, foram todos o resultado lógico da excellente organização de suas tropas.

A historia demonstra que a profissão das armas foi unicamente despresada pelos governos que so se voltam para os lucros commerciaes e industriaes, como pode servir de exemplo em nossos dias a América do Norte. Mas esta forte nação, podendo mobilisar facilmente um formidavel Exército, comprehendeu finalmente que não podia prescindir das corporações armadas, e possui uma das mais poderosas esquadras da actualidade.

O general CHANZY aconselha ao governo francez que « não pense que os exércitos improvisados sejam uma garantia sufficiente nas grandes crises nacionaes. Os acontecimentos de 1870 provam de modo irrefutavel que uma nação não tem garantida a sua independencia, nem é realmente forte, sinão quando a sua organização militar é séria, completa e potente ». Si ha quem duvide deste axioma, basta olhar para a Russia, para a Allemanha e para a Inglaterra.

A organização da LEGIÃO MALLETT, obedecendo aos modernos preceitos da arte da guerra, adaptando ás suas fileiras o que se encontra de mais adiantado nos diversos corpos do Exército e da Guarda Nacional, apenas aguarda o seu reconhecimento official para poder aquartelar e começar os indispensaveis ex-

ercícios, afim de poder prestar os mais assignalados serviços á Patria.

Não estivesse actualmente encarregado dos nossos negocios exteriores um estadista da grandeza do BARÃO DO RIO BRANCO, tenebrosos seriam os nossos horisontes políticos; temos, porém, á frente de tão complicadas negociações o sereno heróe do Amapá e das Missões, e so isto nos leva á convicção de que o nosso direito permanecerá inviolavel em toda a extensão litigiosa do Acre.

Mas não é so a ambição boliviana que crava os olhos cubichosos nos thesouros e opulencia da zona ubérrima em secular litigio; maior perigo nos ameaça, e pérfidas amisades so aguardam o momento opportuno para desafivelar a máscara risonha da hypocrisia — que esconde o rosto carregado da inveja.

O illustre VISCONDE DO RIO BRANCO, quando nosso enviado extraordinario no Rio da Prata (1865) sommou os elementos dispersos, de perfidia e das mallogradas tentativas da ambição argentina: querendo a Providencia, servida por singular coincidencia, que a prova real da operação definitiva viesse a ser tirada pelo digno filho do preclaro estadista, o actual BARÃO DO RIO BRANCO.

O germen da pendencia, que começa agora a fructificar, foi o accordo de 20 de Junho de 1870. «As razões adduzidas por TEJEDOR, observa criteriosamente o coronel Dr. THAUMATURGO DE AZEVEDO, são bem differentes das que VARELA havia invocado, mas as consequencias se irmanam, na mesma desconfiança do Brasil ».

Desencadeou-se, então, uma violenta tempestade de ódios e ameaças dos argentinos contra nós, annullando a acção conciliadora de MITRE, cujos actos o seu governo não quiz sustentar, continuando até hoje essa guerra surda, de propaganda na Europa contra o nosso clima, indubitavelmente superior ao delles, quando até nas proprias épocas epidêmicas, em que a febre amarella assola a população do Rio de Janeiro, ainda assim, a mortandade entre nós nunca foi tão numerosa como em Buenos Aires, submettidas as respectivas estatísticas a um confronto que cbedeça á relatividade.

A dura contingencia em que se viram elles, obrigados a reconhecer o nosso direito proclamado pela arbitragem, mais veiu soprar as labaredas da secular fogueira, accessa em 1777 nas immediações do *Peperi-Guaçú*, 25 annos depois de estabelecidas as fronteiras entre as duas colonias ibéricas, a portugueza e a espanhola, hoje as duas visinhas nações independentes.

Não devemos esquecer, tambem, o nosso conflicto com o Perú, depois da convenção assignada em Lima a 22 de Outubro de 1858, provocado pelos commandantes dos navios *Morana* e *Pastaza*, em 1863, nas aguas do nosso magestoso Amazonas.

Isto é o que se pode dizer, sem prejuizo da marcha das negociações diplomáticas; *lo que no se puede decir...* é a chave do enigma, cuja única solução é a guerra, mas uma guerra inevitavel e inadiavel. Basta que os brasileiros saibam que o Brasil não tem contra si, neste momento, apenas a Bolivia...

O nosso governo deve encarar sobranceiro a marcha dos acontecimentos, que se precipitam, dispondo de um disciplinado exército de bravos, podendo facilmente augmentar a esquadra, mobilisar a Guarda Nacional e dispor do sagrado patriotismo da maioria de uma população de 18 milhões de habitantes.

A rapidez com que consegui organizar a *Legião Mallet*, que vai ser a vanguarda da *Legião da Raça Latina* (que ja conta mais de quatro mil voluntarios); o entusiasmo com que correm a alistar-se os representantes de todas as classes sociaes: médicos, advogados, engenheiros, negociantes, reformados do exército (desde os simples soldados até coroneis), empregados no commercio e no functionalismo público, artistas e estudantes, proprietarios e operarios, lavradores e até mulheres, algumas pertencentes a distinctas familias, que se prestam a ir como enfermeiras, á sombra da bandeira humanitaria da *Cruz Vermelha!*

Dei á minha Legião (permittam-me dizer assim, porque eu ja amo cada um dos bravos que correram ao meu appello, como si todos formássemos uma so familia); dei á minha galharda e bizarra Legião um dos nomes mais gloriosos do exército brasileiro, que é a legenda de um pai perpetuada nos méritos de seu digno filho.

A mesma coincidência que collocou o VISCONDE DO RIO BRANCO e seu filho, o Barão do mesmo título, nas culminancias da diplomacia, tanto na guerra do Paraguay como na actualidade, parece ter procurado propositalmente o nobre filho do formidavel commandante de artilharia, na guerra do Paraguay, para confiar-lhe a obra colossal da reorganisação do nosso exército, que começa a proporcionar ao actual ministro da guerra a maior facilidade em mobilisar as forças.

A *Legião Mallet* é um symbolo e um incentivo. Os que se alistaram nessas fileiras, sentem-se orgulhosos de possuir um título que os enche de valor, e por isso mesmo estão obrigados a affrontar a morte com a serenidade de quem vai conduzido nos braços da victoria!

A semelhança das vítimas que se adornavam de flores para ser sacrificadas, nós partiremos com o nome do marechal MALLET nos labios e a imagem da Patria no coração. Si encontrarmos a morte nos campos que temos de percorrer, morreremos pelo Brasil: si voltarmos victoriosos, confiaremos á historia o nome de cada um dos voluntarios da *Legião Mallet*.

Rio, 26 de Janeiro de 1903.

MUCIO TEIXEIRA ».

---

#### OS HOMENS DO DIA

**1804**—Nasce na França DELPHINE FEY, mais tarde a célebre MME. DE GIRARDIN, notavel por seus talentos de escriptora e admiravel penetração de espirito.

**1823**—Morre em Berkeley (Inglaterra) o humanitario médico Dr. JENNER, o creador da vaccina animal contra a varíola.

---

#### MÁXIMA MILITAR

**P**ARA sitiari uma praça em presença de um exército inimigo, é preciso cobrir o sitio com as linhas de circumvalação, Si o exército for tão forte que, depois de deixar diante da praça

um corpo quádrupulo da guarnição, ainda fique tão numeroso como o exército de socorro, pode então distanciar-se; mas, no caso de inferioridade, deve conservar-se a cinco léguas do sitio, no máximo, afim de poder em uma noite receber auxilios.

NAPOLEÃO I.

---

---

## 27 DE JANEIRO

**1638**—BENTO MACIEL PARENTE, perpetuo senhor e donatário do Cabo do Norte, toma posse do governo do Estado do Maranhão e Grão Pará.

Foi o segundo governador de nomeação régia e o terceiro que occupou o cargo, sem contar o governo do intruso Jácome Raymundo de Noronha, cujo procedimento fôra BENTO MACIEL encarregado de sujeitar a exame e syndicancia.

Encarcerado depois, pelos proprios a quem favorecêra na invasão do Maranhão, falleceu a 1 de Fevereiro de 1642, na fortaleza dos *Reis Magos*, no Rio Grande do Norte.

**1654**—A invasão e dominio hollandez no Brasil, que atuaram por 24 annos, cessam neste dia, com a entrega da cidade do Recife e fortaleza das *Cinco Pontas*, pelos hollandezes, ao pequeno mas denodado exército pernambucano, de principio levantado o commando pelos mestres de campo JOÃO FERNANDES VIEIRA e ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS.

A fortaleza foi logo occupada por duas companhias do regimento de VIEIRA e uma do de HENRIQUE DIAS. Tomou em seguida VIEIRA posse da cidade, enquanto os mestres de campo VIDAL DE NEGREIROS e FIGUEIRÔA occupavam as fortalezas Ernesto, ou Santo Antonio, S. Jorge, do Brum e do Mar.

Os vencidos foram desarmados sem violencia, sem relutancia pelo sargento-mor ANTONIO DIAS CARDOSO. O valente chefe índio FELIPPE CAMARÃO tinha fallecido, cinco annos antes deste memoravel e glorioso desenlace, que elle ajudara a preparar com o seu varonil esforço.

# O "Campo Santo" de Mucio Teixeira perante a imprensa:

(Continuação do que se lê na capa do 6.º fascículo)

## ESCRITORES DO RIO

### II

¿E quantos desses nossos poetas actuaes, puderam, como elle, resistir aos embates inconvenientes e ás impetuosas illusões dos novos ideaes que surgiram proclamando moldes exclusivistas para a arte?

Poucos, e estes são os que ainda podem salvar a poesia nacional do naufragio a que chegaria nas lyricas estonteantes desses que pensam que, para ser poetas, devem preconcebidamente filiar-se á uma determinada escola.

MUCIO TEIXEIRA a nenhuma pertence, e, justamente por isto, sempre produziu com alento, liberdade e amplo descortino.

Será sempre um poeta inspirado e cheio de merecimento.

O livro que elle acaba de publicar e que motiva estas desvaliosas notas, não é uma edição definitiva e última. O distincto autor, conforme o declara, não deixará de cantar; proseguirá na estrada ridente e povoada de sonhos que até hoje tem trilhado. O seu *Campo Santo* é apenas «o cemiterio dos seus sonhos mortos».

Rio, 15 de Agosto de 1903.

LAUDELINO FREIRE.

(*Diario de Pernambuco*, de 26 de Agosto de 1903).

### Mucio Teixeira—«Campo Santo»

ARTE una e brilhante, a que paira serena e limpida nas paisagens da natureza e no espirito dos inspirados, não se apouca em esmerilhacões e indagações de escolas e de processos de contextura.

O que foi bello no anno 353 A. C. para a visão faustosa de um maravilhoso estheta helleno, ha de o ser ainda neste anno de 1903 D. C. para a visão intrujona de um contemporaneo francez ou brasileiro, allemão ou russo.

A admiração é pela essencia.

Dos monumentos de duas mil éras a esta parte, agora e sempre, ao vêr-lhes as ruínas não existe quem não se possua de assombro.

As ordens architectônicas são todas igualmente boas e admissiveis, applicadas em edificios caros por mãos extraordinarias e exercitadas.

Um obreiro de mérito tira partido de todas, conciliando a solidez de uma com a elegancia de outra.

Faz um conjuncto gracioso, collocando um capitel corinthio sobre uma columna jônica.

Todos os committimentos de arte, realmente de arte, infundem admiração. E essa admiração é unânime, não sendo, comtudo, igual.

O que um sabio ama, é a concepção; um vate, a sentimentalidade; um belletrista, a fôrma.

Um ignorante suprehender-se-a pelo conjuncto, sem o poder explicar, em detalhes, nenhuns.

A admiração é de todos por tudo quanto assignala uma época, uma crença, o código liturgico de uma seita, a legislação de um povo, façanhas pela reivindicacão de um direito conculcado, ou outro grande momento de convulsão que haja installado capitulo na Historia Universal.

E', portanto, que acho improductiva a faina de particularisar a harmonia, a perfeição, a belleza, fazendo-as repousar estacionaria e privilegiadamente em um circulo pequeno de doutrina, nem sempre purificadora, jamais integral, ás mais das vezes de fanatismo.

Detesto os que levam a meditar remodelações para o pensamento, desviando-o da sua natural espontaneidade, pretendendo fazel-o coercivel a um punhado de regras, a uma técnica *côterie*.

E si, nas contingencias da politica tenho como ridiculos e aviltantes os *mau-jos* eleitoraes, muito mais n'ó parecem as orthodoxias partidarias em literatura, arrastando ao exaggero o culto pelas produções de cornilho e a zombaria aggressiva pelo que produzem os emancipados.

E' digno de apreço, em summa, o que é mesmo bello, sem que haja o minimo disaite em affirmal-o perante uma assoalhada calva reluzente e venerante de academia, ou num meio estafermo e anesthesiado de individuos obsecados.

Penso que so espiritos menores se deixim influenciar por uma especial corrente de idéas inventadas adrede por qualquer Luthero de ultima hora.

Um documento, em affirmacão disso mesmo, depara-se-me agora, com a appareição de mais um volume de versos do fecundo poeta MUCIO TEIXEIRA.

Este consejva toda a feição da época em que desabrocharam as primeiras flores do seu estro e scintillaram as primeiras graças do seu espirito.

Vem de 1874, mas com a alma medieva, nobre e gentil-homem, «paladino e menestrel», com as velhas intuicões a enfermicha metaphysica, os blazonantes arrojos, romântico *pur-sang*, tenaz, imprescriptivel.

Nasceu para ser cavalleiro, d'elmo emuplunado, viseira, arnez, joelheira, espada, escudo, e para bater-se,

A vida expendo, audaz e temerario,  
Em procura do Solho.

Não tendo mais encontrado nem um feudo, nem suzerania, nem castellos, nem damas perseguidas, enveredou pelas salas, de lyra em punho, e ahí o temos por muito tempo, nas rodas amorphas em que se recitavam versos, se glosavam notes e se diziam impossiveis gentilezas, misturadas com fumaças de cigarros de palha e essencia de almiscar.

## 7º Fascículo do "Brasil Marcial"

O seu cérebro era uma fornalha de imaginação, assente nas últimas subtilezas do senso mythico.

Não houve trópo que elle não apprehendesse e não lançasse aos quatro ventos da publicidade de então, a qual fazia percurso pelo paço imperial, pelas ruas, em cada esquina de loja, invadia os theatros com as derradeiras manifestações da tragedia degenerada em dramalhão, e calava nas salas brasileiras, nas clássicas salas de cavaco e de dansa...

Não houve moça *civilisada* que o não ouvisse embevecida e admirada, presa da magia do seu verbo, da sua dicção alfenin, da sua néuma apaixonada e do seu typo de *poseur* encantador, perfeitamente modelado ao espelho, de irresistivel cabeça de mosqueteiro.

Ah! aquella cabeça de mosqueteiro como devêra ser jandamente observada, fixada em fascinadas retinas azues, quando se alçava e se movimentava, para proferirem os seus labios, abertos em sorrisos e em amavios, alexandrinos lampejantes como estes:

Amar e ser amado, eis a nossa existencia;  
Amar, sem ser amado, é a vida não vivida,  
; A ironia do luar na noite da demencia!

Quando chegou 64, (\*) a phase do *Châtiments* e da *Legende des Siècles*, MUCIO TEIXEIRA sentiu bem a emocional exaltação do festejado renascimento literario

A plasticidade, a maleabilidade, a ância emocional da nova poesia, eram bem o ideal, ha muito encafuado e mal contido dentro da sua tèmpera revolucionaria.

Reedificou-se o seu espirito e a primitiva confusão, de irreflectidas extravagancias, que ia pela sua mente, dissipou-se. (\*\*)

Era visivel o successo do movimento hugoniano, muito mais racional do que o vaporoso idealismo,—mixto de platonismo e de naturalismo, ora mystico, ora alvar, sempre choramingas e irrisorio,—que fizera permanencia no Brasil até esse período.

Surgiram dois grandes poetas, ambos no norte: TOBIAS BARRETO e CASTRO ALVES, qual querendo ter maior partilha na posse da revelação do género byroniano, exhumado de 1820 pelo genio assimilativo de Hugo, ao mesmo tempo que as doutrinas demagogosocialistas de PROUDHON tambem iam produzindo os seus efeitos, de pura ética, nos varios departamentos do espirito lusitano.

Ficou reinante a epidemia lyrico-condoreira, si assim me posso expressar, por legitima

(\*) Ha aqui um lamentavel anachronismo: tendo MUCIO TEIXEIRA nascido em 1858, não podia em 1864 ter a minima intuição de escolas literarias, «nem sentir bem a emocional exaltação do festejado renascimento literario».

(\*\*) O primeiro livro de MUCIO TEIXEIRA, contendo os versos dos seus 13 aos 15 annos, foi publicado em 1873.

deducção especifica do referido momento evolucional.

Mucio começou a propender, de dia para dia, como toda a mocidade do seu tempo, para o caminho luminoso do poeta d'*O Livro e a America*, e chegou ao ponto de creal-o idolo e de suppor a mais perfeita, a mais bem acabada a sua corrente de inspiração.

Convenceu-se, a respeito de CASTRO ALVES, daquelle mysterioso enunciado do Evangelista do Apocalypse: «o alpha e o oméga, o primeiro e o último, o principio e o fim».

Deu-se que estacou essa figura de Oronte, sem mais querer perulstrar o «paiz do sol», o «paiz das flores», com as evolutivas manifestações espirituas atravez dos annos, que foram renovando a sociedade, e, com a sociedade, os costumes, os usos, a natureza, as vocações, as idéas...

«Findou minha missão», disse MUCIO TEIXEIRA, como paraphraseando de ROUGET DE L'ISLE aquelle verso:

Le jour de gloire est arrivé.

E deixou rodomoinharem as theorias, os pensamentos; as *actualidades* succederem-se; as revoluções esmagarem os empirismos; passar em doutrinas novas; SCHOPENHAUER derrocar FICHET e HEGEL; WAGNER substituir VERDI; TOLSTOI desfraldar o lábaro do néo-christianismo; irromper o parnasianismo e toda a variedade dos últimos românticos.

E o poeta das *Sombras e Clarões*, aos que passavam talvez perguntasse como CASIMIRO DE ABREU:

.... ; Inda é longe,  
Muito longe o porvir?

E a todos ia entregando um novo livro, e mais outro, e mais outro.

Produzia na febre minaz que o atormentava, de agradar *sem evoluir*, de impor, aos *novos*, phylactérios de procedencias remotas. E a cada um dos caminheiros do progresso, assim dizia,—igual como a Princeza do seu poema *O novo Cédipo*:

Bello Principe estrangeiro,  
Ao receber minha mão  
Leras o poema inteiro  
De um virginal coração!

E, virgem de desinteressantes innovações e novidades, tornara-se, effectivamente, o seu coração, como o seu espirito.

No entanto, Mucio, outr'ora, fôra um inovador, um iniciador de varios géneros, em amplos terrenos, de cujas searas muita vez aconteceu que outros, com mãos impuras e incompetentes, se apossaram.

(Continúa).

MUCIO TEIXEIRA

# Brasil Marcial

SYNTHESE HISTÓRICA

DAS

*nossas guerras, revoluções e revoltas, desde os tempos  
coloniaes até a actualidade, com  
o retrato e a biographia dos heróes, a descripção dos combates,  
a planta do terreno, o typo dos navios, etc.*

1 DE JANEIRO DE 1502 A 31 DE DESEMBRO DE 1903

FASCICULO N. 8



RIO DE JANEIRO

8.963—Typ. da Companhia Litho-Typographia—Rua do Lavradio, 55

1903

# BRASIL MARCIAL

FOR

**MUCIO TEIXEIRA**

PREÇO DA ASSIGNATURA

24 fasciculos	20\$000
12 fasciculos	12\$000
Fóra da Capital, 24 fasciculos	24\$000

Os pedidos de assignaturas devem ser dirigidos ao Autor, na sua residencia

CAMPO DE S. CHRISTOVAM 38



## Campo Santo



Ultimo Livro de Poesias

DE

**MUCIO TEIXEIRA**



Um grande volume de XX—342 páginas, a edição de mais luxo que se tem feito no Brasil, ornada com o retrato do Autor e mais de 70 illustrações em photogravura, como a que se vê ao lado.

PREÇO 10\$000



Vende-se na residencia do Autor

Campo de S. Christovam

38

E NA CONFEITARIA

DO

Largo da Carioca

12, 14, 16 e 18



Preço do livro fóra desta capital . . . . . 15\$000

Ficara estipulado, além do esquecimento do'passado, que os vencidos se retirariam com os seus bens móveis e, os que fossem casados, com as suas esposas.

Termina assim, unicamente pelo valor e constante denodo dos naturaes, o dominio dos invasores do nosso solo, sem que os poderes governamentaes tivessem para tal fim feito grandes esforços.

Ficou marcada para o dia seguinte (vide a *epheméride* de 28) a entrada solemne do general BARRETO DE MENEZES, commandante do exército vencedor, na cidade do Recife.

**1671**—Provisão dispondo que os governadores do Brasil e Ministros da Fazenda e Guerra não possam commerciar com lojas abertas em suas casas, nem *atravessar* fazenda alguma, nem pôr nellas e em fructos da terra estanque, nem se intrometterem nos lanços de contractos da Fazenda Real e donativos da Câmara, nem desencaminhar os direitos, lançar nos bens que forem á praça e pôr preço aos fretes dos navios, que deviam ficar livres, ao arbítrio das partes.

**1789**—Crea-se na capitania do Espirito Santo um regimento de infantaria de milícias, a que se devem aggregar duas companhias de cavallaria.

IGNACIO JOÃO MONJARDIM, capitão-mor governador da capitania, é nomeado coronel commandante desse regimento.

**1808** — Nasce no Rio de Janeiro o genial actor nacional JOÃO CAETANO DOS SANTOS, fallecido na mesma cidade a 24 de Agosto de 1863.

Assentou praça no Exército, sendo reconhecido cadete, por ser filho do capitão de ordenanças do mesmo nome, e militou nas campanhas do Rio Grande do Sul.

Dominado de irresistível vocação para o palco, fez-se artista dramático, contra a vontade paterna, apparecendo pela primeira vez em scena, num theatrinho particular, em Itaborahy, do qual passou para o theatro de Niteroy, onde abriu uma assignatura para dez récitas, levando á scena a tragedia brasileira de MA-

GALHÃES, depois VISCONDE DE ARAGUAYA, — *Antonio José, ou o Poeta e a Inquisição*.

Passou então a trabalhar no theatro S. Pedro de Alcântara, da Côrre do Imperio, que foi o illuminado Thabor onde se operou a transfiguração do seu genio.

Levantou mais tarde um theatro, na rua da Imperatriz, e e dirigiu várias empresas dramáticas, tanto na capital como nas principaes provincias do Brasil, arrebatando sempre as grandes multidões.

Em 1850, quando ARAGO, o autor d'*A Gargalhada*, esteve (ja cego) no Rio de Janeiro, JOÃO CAETANO representou na sua presença aquelle drama, e o dramaturgo, profundamente commovido, abraçou-o chorando, em scena aberta; o público, nessa occasião, atirou aos pés de JOÃO CAETANO uma corôa de louros: e este, depois de beijal-a, collocou-a na cabeça de ARAGO; mas o dramaturgo, tirando della apenas uma folha, restituiu-a ao grande artista brasileiro.

Mais tarde, publicando a sua obra intitulada — *Voyage autour du monde* — ARAGO consagra este tópicó a JOÃO CAETANO: — « Oh! qui ne m'est il permis de vous citer ici un comedien d'élite qui l'Europe serait fiere de posseder, qui ne s'est inspiré que de lui même et qui possede son SCHILLER, son CORNEILLE, les chefs d'œuvre de nos poetes et les interprete si energiquement que je vous porte le defi de rester froid se il vous ordone de pleurer, de trembler, de fremir!. Cet homme est une des gloires bresiliennes ».

Em 1860, JOÃO CAETANO fez uma viagem á França, representando num dos theatros de Portugal, onde foi agraciado com o título de moço fidalgo da Real Casa e a commenda da Ordem de Christo.

Escreveu JOÃO CAETANO, em 1837, *Reflexões Dramáticas*, para uso dos que se dedicam á scena; e em 1862 um outro volume, intitulado *Lições Dramáticas*.

O seu cadaver, embalsamado, jaz no cemiterio de S. Francisco de Paula; e, graças á piedosa dedicação pósthuma de seu discípulo e amigo, o notavel actor e autor FRANCISCO CORRÊA

VASQUES, foi erigida numa das praças do Rio de Janeiro a sua estatua em bronze.

**1828** — O almirante argentino BROWN tenta sair de Buenos Aires com quatro navios da sua esquadra, mas embargam-lhe o intento os brigues brasileiros *Maranhão*, *Caboclo* e *Constança*, e obrigam-no a voltar para o ancoradouro, depois de mais de uma hora de tiroteio, em que é ferido o commandante do *Maranhão*.

Conseguem sair durante o combate os corsarios *General Mancilla* e *Federal Argentino*; mas, perseguidos, encalham sobre Buenos Aires e Barragan, e são incendiados. (*Guerra do Rio da Prata*).

**1865** — Desembarcam em Santa Luzia as forças brasileiras ao mando do general JOÃO PROPICIO MENNA BARRETO, depois BARÃO DE S. GABRIEL, que, de accordo com o vice-almirante VISCONDE DE TAMANDARÉ, depois almirante e Marquez do mesmo título, e com o general VENANCIO FLORES, chefe dos orientaes, marchavam sobre Montevideo. (*Guerra do Uruguay*).

— Nesta mesma data os orientaes atacam a cidade de Jaguarão e são repellidos.

— Ainda nesta data rompem-se as hostillidades entre o Brasil e o Paraguay. Eis os principaes tópicos do *Manifesto* do nosso ministro plenipotenciario, conselheiro PARANHOS, depois VISCONDE DO RIO BRANCO :

« O sr. ministro tem conhecimento da captura insidiosa do paquete brasileiro *Marquez de Olinda*, que navegava, como de costume, pacificamente pelo rio Paraguay, com destino á provincia de Matto Grosso, e da prisão afflictiva a que têm sido constrangidos alguns dos inermes passageiros desse vapor, entre os quaes se acha um alto funcionario brasileiro, que ia tomar conta da administração daquella provincia.

O governo de Assumpção considerou como prisioneiros de guerra e trata com extrema severidade passageiros que simplesmente transitavam pelas aguas da República, confiados no estado de paz em que se achavam os dois paizes, e á sombra de um di-

reito incontestavel. Os tempos modernos não offerecem exemplo de attentado igual..

Os factos referidos põem em toda a luz o plano ha muito premeditado por esse governo e o alvo a que se dirige ; mas ha outra prova, não menos significativa de seus maléficos intentos. Esta prova é a expedição militar que enviou á provincia de Matto Grosso, contando com as vantagens da surpresa naquella remota provincia brasileira, víctima a esta hora da devastaçãõ e atrocidade que vão praticando seus invasores.

Á vista de tantos actos de provocação, a responsabilidade da guerra sobrevinda entre o Brasil e a República do Paraguay, pesará exclusivamente sobre o governo de Assumpção.

O governo de Sua Magestade repellirá pela força o aggressor; mas, resalvando com a dignidade do Imperio os seus legítimos interesses, não confundirá a nação paraguaya com o governo que assim se expõe aos asares de uma guerra injusta, e saberá manter-se como belligerante dentro dos limites que lhe marcam a sua propria civilisação e os seus compromissos internacionaes. »

Encontro nos ns. 40 e 41 do anno V da *Revista del Instituto Paraguayo*, de Assumpção, os seguintes documentos relativos á declaração de guerra ao Brasil e á Argentina, que, embora datados de 5 de Março de 1865, devem ser de preferencia reunidos ao do nosso plénipotenciario, para que se veja como o déspota procurou disfarçar os verdadeiros motivos que determinaram o aniquilamento da sua nobre e valorosa patria :

« *Mensaje de S. E. el señor Presidente de la república al H. C. N — Muy Honorables Señores Representantes de la Nación:*

Siento la mas viva satisfacción al veros reunidos en este augusto recinto en momentos solemnes para la Patria.

El interés público y las graves materias de que vais á ocuparos, me han decidido á usar de las atribuciones que me confiere el artículo 4º, tit. 7º de la Ley de 13 de Marzo de 1844, convocándoos extraordinariamente para buscar en vuestro patriotismo y luces el consejo que ha de guiar al gobierno, y en vuestra

autoridad, la cooperación que ha de rebustecer su fuerza para corresponder á las esperanzas de la Nación.

Desde que me habeis confiado la dirección de los destinos de la República, uno de mis más constantes objetos ha sido la conservación de las relaciones internacionales y me es grato anunciaros que se conservan en pié de cordialidad con todas las potencias amigas, á excepción del Imperio del Brasil y la República Argentina.

El Gobierno Imperial prevalido de una política insana y de circunstancias dignas de lastimarse, ha provocado nuestras armas á la lucha, sin que para evitarla haya sido bastante todo el esfuerzo, la moderación y espíritu conciliatorio del Gobierno.

El Gobierno Argentino, a quien el paraguay no nunca ha cesado de dar exhuberantes pruebas de una sincera amistad, ha creado también una situación incierta en nuestras relaciones á consecuencia de un cambio de notas en que aquel Gobierno, lejos de corresponder á la lealtad e franqueza, ha creído conveniente eludir las esplicaciones amistosas que le eran demandadas.

Una dificultad momentánea surgió también con la República Oriental del Uruguay, pero dadas las satisfacciones debidas, las relaciones amistosas se han restablecido.

Los motivos de la ruptura de nuestras relaciones con el Imperio del Brasil y del estado poco cordial en que han quedado con el gabinete argentino, son los sangrientos acontecimientos que hoy enlutan la República Oriental del Uruguay, y amenazan dislocar el equilibrio del Río de la Plata.

Estas dos potencias garantes de la Independencia de aquel Estado, son las que hoy la atacan, y el Brasil que en 1850 en un tratado solemne sostenía con nosotros la necesidad del *statu quo* de las nacionalidades de esta parte de América, y especialmente la autonomía de la República Oriental, se alía al partido rebelde que lanzado de la capital argentina, y con los auxilios de un Comité Revolucionario públicamente establecido allí, desola la riqueza nacional, y ensangrienta el suelo patrio.

La República del Paraguay, á quien ni por la importancia que había conquistado por sus constantes esfuerzos, ni por su se-

guridad y vida interior y exterior, no era dado prescindir del principio de equilibrio de los poderes del Río de la Plata, ni podía mirar con indiferencia los sucesos que allí se preparaban, hizo cuanto estuvo de su parte para precaver tan grandes males, ya solicitando amistosas esplicaciones del Gobierno argentino, para desvanecer los recelos del Oriental, sobre su neutralidad en la guerra intestina que le devoraba, y ya ofreciendo su mediación amistosa al Imperio del Brasil, para el arreglo pacífico de sus diferencias con la misma República Oriental, á quien se amenazaba con la presión de una escuadra y ejército terrestre.

La efusión de sangre, no puedo sin embargo evitarse, por que infructuoso el ofrecimiento de mediación, el Imperio del Brasil bien pronto declaró que la cuestión de reclamaciones sobre daños y perjuicios, datados desde doce años atrás, confiaba á las fuerzas navales y terrestres para que ejecutaran represalias, y con este nombre se ha hecho la guerra que hoy aflige á aquel país.

Resolución tan grave no fué comunicada al Gobierno de esta República, cuya amistosa mediación acababa de ser eludida como no necesaria.

Hasta entónces el Gobierno de la República, esperaba todavía, que mejor aconsejado el de S. M. el Emperador, le ofrecería las esplicaciones honorables, que aquietasen los sérios temores que abrigaba por la conmoción del equilibrio de los Estados del Plata, base de la prosperidad, tranquilidad y respetabilidad de estos países, y así lo notificó en una formal declaración al Gobierno Imperial, pero este acto solemne fué tambien inútil, y aquel Gobierno, despreciando en él á la República, procedió á la ocupación y conquista del territorio Oriental.

Ultrajad la honra y la dignidad nacional, y comprometida la seguridad é integridad de la República, el Gobierno se ha visto en la imperiosa necesidad de aceptar la guerra á que el Imperio le obligaba para sostener los principios de su vital interés, y labar el honor patrio, tantas veces insultado por el mismo Imperio.

Razones militares y políticas y la seguridad de nuestras fronteras del Norte, aconsejaron al Gobierno la inmediata ocupación de una parte del territorio del Matto-Grosso, que el Imperio

había usurpado á la República con injuria de los derechos que le asisten por el descubrimiento, la posesión y los Tratados, acumulando en ellos grandes recursos militares, para ejecutar nuevos avances en territorio nacional. \*

El Gobierno ordenó la ocupación de aquellas comarcas, y las expediciones militares que allí se han empleado, han tenido ocasión de gloria para nuestras armas, y de prueba para su disciplina y bravura. Era necesario repeler así la injuria del Brasil, y para ello el Gobierno ha sido estimulado por el dictámen del Consejo de Estado, y la pública manifestación que de la Nación ha recibido.

En previsión del conflicto que pudiera suceder con el Imperio del Brasil por nuestra frontera del Este, y en el deseo de precaver todo motivo de desavenencia con la República Argentina, y de abundar todavía en pruebas de consideración y respeto hácia el pueblo argentino, mi Gobierno sobreponiéndose á justos resentimientos, solicitó el beneplácito de aquel gabinete para transitar el territorio de Corrientes, cuando los sucesos de la guerra así lo obligasen, pero no solamente acaba de denegar ese beneplácito al mismo tiempo que protege la acción del Brasil, franqueando sus aguas para la Escuadra y Ejército Imperial, sino que estiende esa negativa al territorio nacional de las Misiones Orientales del Paraná, reclamando urgentes esplicaciones sobre la presencia y objeto de nuestras fuerzas por aquella parte.

La situación del País reclamaba la adopción de medidas conducentes á su defensa, y el Ejército de línea ha sido considerablemente aumentado, llamando á las armas los ciudadanos, que han corrido á la voz de la Patria á ocupar sus puestos en las filas, con un entusiasmo digno del mayor elogio, y consecuente con las manifestaciones populares, en favor de la causa pública.

Ahora viene á solicitar el Gobierno vuestra soberana decisión, y la conducta que debe guiarle en tan grave emergencia.

Asunción, Marzo 5 de 1865. — *Francisco S. López* ».

\* A superioridade de vistas que preside á elaboração do *Brasil Marcial*, não me permite refutar á cada passo inverdades, que serão demonstradas no conjunto destas páginas. Seja-me comtudo permittido convidar o leitor a reler a nota da página 202.

— Fragmento da *Memoria* apresentada na mesma data (5 de Março de 1865) ao Congresso Nacional do [Paraguay pelo Ministro e Secretario de Estado das Relações Exteriores, JOSÉ BERGES :

«

El 2 de Septiembre de 1863 el representante de la República Oriental del Uruguay, denunciaba á este Gobierno, los antecedentes, circunstancias y tendencias de la invasión encabezada por el general don VENANCIO FLORES, que desde el territorio argentino se lanzó al oriental, llevando la guerra y la desolación á ese país.

Impuesto el Gobierno con pesar, de la grave situación en que se hallaba colocada esa República amiga, contestó este Ministerio al Oriental que no sería indiferente á un tal estado de cosas, que, afectando la tranquilidad y prosperidad de una República hermana y amiga, no podía menos que influir funestamente sobre los intereses generales de esta República, y que apreciando debidamente las consecuencias que pueden llegar á ejercer aquellos acontecimientos sobre el equilibrio, la seguridad y la paz de los Estados del Plata, se dirigía con la misma fecha al Gobierno argentino para recabar esplicaciones sobre esos acontecimientos, esperando que la rectitud de sus principios, la consideración de sus intereses permanentes y el ser uno de los garantes de la independencia del Estado Oriental, no perturbarían la tranquilidad de un Estado amigo.

El Gobierno, estimando justa y elevada la política del argentino, y en la confianza de que apreciaría los afectos que pudieran producir en el ánimo de los otros Gobiernos la creencia de su participación en los negocios internos del Estado Oriental, cuya independencia garantizó por un tratado solemne, y cuya existencia política es condición del equilibrio y de la paz, que protege los intereses de todos en el Río de la Plata, solicitó amistosas esplicaciones sobre la invasión FLORES, esperando confiadamente que esas esplicaciones sobre los sucesos orientales serían tan âmplias, que colocarían al Gobierno del Paraguay en situación de desvanecer cualquiera desfavorable impresión que se hubiese apoderado del espíritu del Gobierno Oriental.

El Gobierno argentino contestó el 2 de Octubre del mismo año con palabras amistosas; pero el del Paraguay, no habiendo hallado en esa contestación las esplicaciones que babía solicitado, y no pudiendo prescindir de ellas, en presencia de las graves complicaciones que habían surgido en el Rio de la Plata, replicó el 21 del mismo mes, y tuvo lugar el cambio de notas que terminó con fecha 6 de Febrero del año de 1864, declarando el Gobierno que, en la necesidad de prescindir de las esplicaciones amistosas, que le había denegado el argentino, en adelante atendería solamente á sus propias inspiraciones sobre el alcance de los hechos, que pueden comprometer la autonomía del Estado Oriental, á cuya suerte no le era permitido ser indiferente, ni por la dignidad nacional, ni por sus propios intereses en el Rio de la Plata, como lo hallareis detallado H. H. S. S. R. R., en el anexo n. 2.

Pasaré á informar á V. H. de los nobles esfuerzos que el Gobierno ha hecho para consolidar la soberanía é independencia de la República Oriental del Uruguay, amenazada por la revolución FLORES, y abiertamente sostenida y protegida por el Imperio del Brasil y por el Gobierno argentino; pero desgraciadamente, todos sus buenos oficios fueron estériles, por dominar en los consejos de los Gabinetes de ambos Gobiernos las malas pasiones y la ambición del predominio sobre esta parte de América.

Desde que el representante oriental denunció el peligro que corría la autonomía de su país, el Gobierno trabajó activamente por la tranquilidad y el bienestar de esa República amiga, ya empleando su poder moral y su influencia para dulcificar su situación, ya haciendo reclamaciones al Gobierno argentino, que no fueron atendidas, ya ofreciendo su mediación amistosa para el arreglo de las diferencias pendientes entre la República Oriental y el Imperio del Brasil, que felizmente no fué aceptada.

En estas circunstancias, y cuando el Gobierno de la República se empeñaba arduamente en sostener la causa del Gobierno Oriental, un incidente inesperado tuvo lugar en la rada de Montevideo entre el comandante del vapor nacional *Paraguari* que hacía el servicio de paquete entre ésta y esa capital, y las autoridades del puerto de aquella ciudad por haber llevado

entre sus pasajeros á los deportados orientales doctor don JAIME ESTRÁZULAS, don FRANCISCO CARABIA y don ADOLFO BAZÁÑEZ, lo que ocasionó un cambio de notas entre las autoridades de Montevideo y el comandante del paquete nacional *Paraguari*, que se vió obligado á dejar el puerto antes del tiempo prefijado para su salida.

Este conflicto vino á paralisar nuestra acción en favor de los intereses orientales y á cortar temporariamente nuestras relaciones con aquella República. El Gobierno pidió esplicaciones sobre ese hecho que afectaba gravemente el honor de la República del Paraguay y reclamaba una justa reparación.

El Gobierno Oriental se prestó á dar una amplia satisfacción por aquella penosa ocurrencia, y su representante en esta ciudad dió en ese sentido una solemne delaración con fecha 3 de Junio del 64.

Restablecidas las buenas relaciones, el Gobierno se halló de nuevo habilitado para continuar mostrando su interés, en todas ocasiones, por la conservación de la paz é independencia de esa República amiga.

...

Pasaré á llenar el deber de dar conocimiento á los HH. SS. RR. de la Nación de los motivos de nuestra ruptura con el Brasil, y de la situación difícil en que se hallan nuestras relaciones con la República Argentina.

Cumplido el término prefijado por la convención estipulada con el Brasil en la Corte de Rio Janero el 6 de Abril de 1856 de señalar los límites de ambas naciones dentro del preciso término de seis años, el Gobierno del Emperador no dió un paso, en el sentido de definir esa grave cuestión, de sumo interés para la República y el Imperio; por el contrario, en el decurso de ese tiempo, fundó las Colonias de Dorados y Miranda en el territorio comprendido entre los ríos Igatimí é Ygurei con repugnante violación de nuestros derechos.

Apesar de esa flagrante violación de las estipulaciones del Tratado de 1856, el deseo de no alterar con el Gobierno Imperial las relaciones de buena inteligencia y vecindad, y en la cre-

encia, que mejor aconsejado ese Gabinete por la razón y la justicia de nuestra causa, apreciaría la moderación del de la República, esperábamos confiadamente que esa reparación no se haría esperar por parte de aquel Gobierno.

Dos años después de esta situación indecisa, apareció en esta capital el señor CAETANO MARIA DE LOPES GAMA, nombrado por el Gobierno Imperial, Encargado de Negocios cerca de esta República, pero este caballero, pocos días después de su llegada á la Asunción, perdió la salud, y el 9 de Abril pidió pasaporte para retirarse temporariamente á restablecerse en el Río de la Plata, solicitando verbalmente dejar al señor JARBAS MUNIZ BARRETO, adido de esa Legación, en clase de Encargado de Negocios interino, regenteando la Legación Imperial del Brasil, sin manifestar autorización competente de su Gobierno.

Este Ministerio no pudo acceder á esta solicitud por no establecer el precedente de crear Legaciones y después retirarse el Gefe \* dejando los negocios á cargo del adido, y el señor LOPES GAMA levantó entonces la Legación retirándose al exterior. (Anexo n. 4).

Algún tiempo después apareció la misión del señor consejero SARAIVA en el Estado Oriental del Uruguay, haciéndose acompañar de una imponente fuerza naval en el Río de la Plata y la aproximación de un Ejército de aquella frontera.

Aparato tan inesperado como alarmante hizo temer al Gobierno de la República una conflagración entre ambos Estados, que no podía sino afectar los grandes intereses con que están ligadas las Repúblicas del Plata.

Animado este Gobierno de sentimientos de cordial amistad y en el deseo de cortar los males que pudieran traer un rompimiento entre el Estado Oriental y el Brasil, creyó conveniente ofrecer su mediación oficiosa, para el arreglo de las cuestiones pendientes entre ambos países; pero desgraciadamente estos buenos deseos, tan nobles y desinteresados, no fueron aceptados.

---

Em bom castelhano, escreve-se *Jefe*. Devo, porém, manter a orthographia do original.

Habiendo fracasado la misión de los señores ELIZALDE, SARAIVA y THORTON, que habían intentado el arreglo de las cuestiones internas del Estado Oriental, el Enviado especial del Brasil viendo frustrada esta negociación en que había tomado una parte tan activa é interesada, notificó al Gobierno Oriental el 4 de Agosto el *ultimatum* de que, si dentro del perentorio término de seis días, no accedía á dar satisfacción á las reclamaciones que había representado en protección de los súbditos del Imperio y databan desde el año 1852, ordenaría á las fuerzas imperiales de mar y tierra procediesen á represalias.

El Gobierno Oriental que se encontraba en guerra con la revolución encabezada por el General FLORES, se hallaba en la imposibilidad de acceder á una exigencia, que á la vez era humillante y atentatoria á la dignidad de aquel Estado; sin embargo, hizo en obsequio de la paz todo lo que podía hacer en esas apremiosas circunstancias, proponiendo al representante del Brasil el sometimiento en la oportunidad de los reclamos á uno de los agentes extranjeros que quisiera nombrar. El señor SARAIVA rehuzó este medio conciliatorio á que anteriormente se había adherido el Brasil aceptando los principios estipulados en el Congreso de Paris, principios que acababa de invocar para conciliar sus dificultades con la Inglaterra.

Esta situación extrema de que podía surgir graves y numerosos males para los intereses vitales de todas las nacionalidades del Plata, el Gobierno de la República se vió en la imperiosa necesidad de prevenirlos por su concurso decidido é inmediato.

Entónces fué que el Ministerio á mi cargo con fecha 30 de Agosto último dirigió al señor VIANNA DE LIMA, Ministro Residente de S. M. el Emperador del Brasil, una nota en que después de exponer con franqueza la grave situación creada por el *ultimatum* de 4 de Agosto, y el derecho que tenía de apreciar el alcance y las consecuencias que podía traer tan violenta resolución para los que tienen interés en sus resultados, ha declarado la necesidad en que se veía el Gobierno de la República en no permitir que las fuerzas imperiales ocupasen el territorio oriental, ni temporaria ni permanentemente, debiendo considerarse tal

acto como atentatorio al equilibrio de los Estados del Plata, y á la seguridad, paz y prosperidad de esta República.

Tan justa como necesaria declaración, reclamada anticipadamente con sinceridad y en bien de la paz, por cuyo medio esperaba el Gobierno de la República que el del Emperador reconsiderase los actos abusivos del señor SARAIVA en el Estado Oriental, en vez de encontrar éco en el ánimo del señor ministro VIANNA DE LIMA, notificó por su comunicación de 1º de Septiembre «que ninguna consideración haría cesar á su Gobierno en el empeño de proteger la vida, honra y prosperidad de los súbditos del S. M. el Emperador».

Esta declaración tan explícita autorizaba al gobierno de la República para prevenir desde ya los desbordes del poder imperial contra los altos principios e intereses que había invocado; pero no hizo uso de este derecho, esperando todavía que el Gobierno Imperial haría justicia á la necesaria ingerencia que el de la República había tomado por su propia seguridad, por la paz general y por el mútuo respeto que se deben los Gobiernos.

Pero con profunda pena el Gobierno de la República llegó á saber, que fuerzas brasileras \* se habían apoderado de la Villa de Melo, capital del departamento del Cerro-Largo, en virtud de órdenes de su Gobierno en desprecio de la Protexta del 30 de Agosto.

El Gabinete Imperial procedió así, sin tentar siquiera una esplicación amistosa, que garantizese al Gobierno nacional que sus miras no eran de absorción y conquista, por el contrario, veló su resolución con un silencio injurioso á la República.

No solo nuestros intereses, sino también la honra y dignidad nacional, se veían comprometidas desde entónces por la conducta inusitada del Gobierno Imperial, y el de la República no pudiendo consentir la mengua de sus más caros derechos, hizo lo que todo Gobierno pundonoroso debía hacer, declarando rotas las relaciones con el Imperio, por medio de una nota dirigida con fecha 12 de Noviembre al representante del Brasil en esta capital, en

---

Outro erro grammatical; seria mais correcto dizer — *brasileñas*.

que se consignaba á la vez, negado el paso por las aguas de la República para la bandera de guerra y mercante del Imperio, y permitida la navegación á todas las banderas amigas para el comercio de la provincia brasilera de Matto-Grosso.

Esta resolución fué seguida de la detención y embargo del paquete brasileiro *Marquez de Olinda*, que navegaba las aguas de la República con conocimiento de la protexta de este Gobierno, y de la ocupación de Villa de Melo.

Valiosos intereses de la República se hallaban fuera del país en estas circunstancias, lo que aconsejó al Gobierno la clausura accidental del puerto; entretanto el Ministro brasileiro pidió y obtuvo sus pasaportes, y no resolviéndose á salir por tierra del territorio de la República, por lo que se le ofreció facilidades, obtuvo del Gobierno, por medio de la oficiosa intervención del señor WASHBURN, ministro americano, un vapor que condujo hasta Buenos Aires al representante de Brasil, sua familia y el personal de la Legación. \*

El anexo n. 5 en que aparecen los documentos á que me he referido, impondrá al H. C. N. del pormenor de estas cuestiones

---

Ha neste documento official uma lacuna, que deve ser preenchida: a intervenção do ministro americano salvou os representantes diplomáticos do Brasil, em Assumpção, de pena igual á que fôra inflingida pelo despota do Paraguay aos passageiros e tripulação do nosso vapor *Marquez de Olinda*:

No dia 11 de Novembro de 1864 esse vapor brasileiro tocou em Assumpção, levando a seu bordo, além de outros passageiros, o novo presidente nomeado para a provincia de Matto Grosso, coronel FREDERICO CARNEIRO DE CAMPOS.

Esse navio, sem tropa nem armamento, ia, como de costume, proseguir a sua viagem, ao abrigo dos ajustes sollemnes que garantiam o livre trânsito, pois ainda não estavam cortadas as relações do Brasil com aquella república. Ouçamos o autor das *Ephémérides Nacionaes*:

«O vapor de guerra paraguay *Tacuary* o fez parar com um tiro de pólvora secca. Em seguida vem a bordo um official daquella nação trazendo um offieio do commandante do vapor, em que ordenava peremptoriamente ao do nosso paquete que tornasse para Assumpção; e atravessando-lhe pela proa o *Tacuary* com a guarnição a postos!

Depois de tentativas infructíferas para a revogação de tal ordem, teve o *Marquez de Olinda* de regressar á capital do Paraguay, onde foi logo cercado por mais dois vapores de guerra e diferentes lanchas artilhadas, ficando, desde logo, incommunicavel com a terra.

Assim deu causa o dictador do Paraguay á medonha hecatombe a que arrastou a patria, atrasando-a pelo menos de um século na senda do progresso; assim, *declarou elle guerra ao Brasil*.

LÓPEZ, que ardia em desejos de achar um pretexto qualquer para se pôr em luta connosco, tivera-o na entrada dos batalhões no Uruguay e no sitio de Paysandú. Em fins de Dezembro invade elle a provincia de Matto-Grosso, que deseava na confiança da paz, com forças que, de longo tempo, preparara e partiram de Assumpção a 15 de Dezembro, enquanto que apenas so na presente data notificara ao nosso ministro CESAR SAUVAN VIANNA DE LIMA a sua declaração de guerra ao Brasil.

O diplomata brasileiro pede (a 14 de Novembro de 1864) os seus passaportes e, a tantos vexames se viu exposto; que so a muito custo e mesmo com risco de vida, pôde chegar a Buenos Aires!»

que el Gobierno ha sostenido con dignidad, rechazando las injustificadas pretensiones del Imperio, que ha creído, era llegada la hora de realizar sus miras sobre el Paraguay.

Recorriendo cualquiera de las épocas de nuestra historia del descubrimiento hasta la fecha presente, la perfidia y duplicidad del Gobierno Imperial, que con un refinamiento propio del progreso del siglo, sigue la política de sus antepasados encubierta unas veces y abiertamente cuando le parece oportuno, empleando siempre la política de usurpación é intrigas, guardando para nunca faltarle pretextos las indefinidas cuestiones de límites.

Esta política ha costado á la República sus territorios al alto Paraguay, la provincia de Vera en la izquierda del Paraná, y las Misiones Jesuíticas en la izquierda del Uruguay, siendo siempre de ayer y de hoy para el Brasil la cuestión de límites el motivo, no para fijarlos, sino para usurparlos; si la historia del pasado nos enseña tan amargos resultados para nuestras cuestiones territoriales, no es menos demostrativa la historia contemporánea en las transacciones nacionales que demuestran que el Imperio no merece fé en ellas, como se vé por la clandestina ocupación del Pan de Azúcar y el establecimiento de las colonias de Miranda y Dorados.

Entre muchos ejemplos recordaré también el Tratado de 26 de Agosto de 1828, en que desprendiéndose del Estado Oriental dá instrucciones secretas al MARQUEZ DE SANTO AMARO, su enviado especial á Europa, el 24 de Abril de 1830 en los términos que aparece del anexo número 6.

Las aspiraciones actuales del Imperio son idénticas, y si alguna cosa merece admiración, es el interés que supo inspirar á la República Argentina que combatía en 1828 por la causa Oriental hasta el punto de haberla decidido en 1864 á prepararle la víctima en que debía saciar su codiciosa ambición.

Si la política absorbiente del Imperio autoriza los justos recelos del Gobierno de la República, no lo es menos hostil la del gabinete argentino. Desde las dilatorias y evasivas contestaciones de aquel Gobierno á nuestra demanda de amistosas esplicaciones, las relaciones de los dos Gobiernos quadaron indefinidas.

Este Gobierno por su parte no podía dejar de formar su opinión sobre la falta de neutralidad del argentino en los negocios orientales, y un interés manifiesto por la invasión del General FLORES.

La intimidad de las relaciones entre el Gobierno Imperial y el argentino autoriza á creer, de que la misión SARAIVA ha sido prevista, sino consentida, por el Gobierno que dirige los destinos de la nación argentina.

Desde entónces, el Gobierno argentino desenvolvió una nueva faz en la política del Río de la Plata y en sus relaciones con el Paraguay, y más tarde se hizo, por su indiferencia, cómplice de los horrores de la guerra del Estado Oriental y de los crímenes perpetrados en Paisandú.

El Gobierno de la República no ha dado jamás al argentino motivo alguno de duda sobre la lealtad y altura de su política, negándose á las repetidas solicitudes de alianza del Gobierno Oriental en sus desavenencias con el gabinete argentino, reservándose su acción independiente para sustentar la autonomía del Estado Oriental.

Esta política de consideración para con el Gobierno argentino data desde la caída del General ROSAS, y no ha dejado pasar una sola oportunidad de manifestarla, con el sincero deseo de contribuir á la consolidación de sus instituciones y de la paz interna.

En 1859 es cuando el Gobierno pudo dar al pueblo argentino el testimonio más irrefragable de su interés por la paz interna de aquella República y por la prosperidad de Buenos Aires.

Tal es el interés que le inspiraba la suerte de aquel Estado, y el dolor con que miraba la lucha fratricida que prescindió de los justos motivos de queja, que el Gobierno de la provincia de Buenos Aires le dió, reconociendo una logia revolucionaria de algunos hijos espúreos de la República, á quienes daba protección oficial, y despreció las calumnias de sua prensa.

El Gobierno de la República ha dado tal importancia á sus relaciones con la República Argentina, que S. E. el señor Presidente estableció relaciones personales con el actual Gefe del Gobierno

argentino, el señor General MITRE, en el empeño de que esas relaciones facilitasen á sus respectivos Gobiernos el arreglo de las cuestiones pendientes entre ambos Estados, y uniformase su política internacional con los otros Gobiernos amigos, á fin de que nada embarace el libre desarrollo de sus recursos en el engrandecimiento y prosperidad de los Pueblos que presiden.

Ningún resultado produjo este noble empeño, y una animosidad la más hostil, si bien no manifestada por el Gobierno argentino, emprendió su prensa oficial y oficiosa, que con raras excepciones ha sido siempre hostil al Paraguay, sin tener el más mínimo motivo para ello.

Me permito llamar la atención de V. H. sobre el hecho que desde la aparición de las fuerzas navales y terrestres del Imperio en el Estado Oriental, y la protexta del 30 de Agosto de 1864, y desde la intimidad entre los Gobiernos argentino e brasileiro datan los desenfadados iusultos y los improprios más viles y calumniosos de la prensa bonaerense contra la Nación paraguaya y su Gobierno.

El respeto que debo á esta Honorable Asamblea y el decoro me prohíbe repetirlos á V. H., pero la clasificación de *bárbaros* para la Nación y de *tirano* para S. E. el señor Presidente de la República, son los menos ultrajantes. Entre los documentos anexos, se halla una colección de esas repugnantes producciones de una prensa inmoral y venal, del que más sabe interesar su codicia.

Cualquiera que sean las instituciones de libertad de la prensa, por más independiente que ella sea de la influencia del Gobierno, siempre le cabe la que dicta el decoro hácia los Gobiernos amigos, y esta es directa y absoluta en las publicaciones que tienen carácter oficial, ó son subvencionadas por el Estado, y con justo resentimiento se puede hacer responsable al Gobierno argentino de las producciones de su prensa oficial y subvencionada, considerando como una expresión de sus propios sentimientos contra la Nación paraguaya y su Gobierno.

La situación de la República en completa desinteligencia con el Brasil, y la posición geográfica del Estado Oriental, limítrofe

con el Imperio y la Confederación Argentina, aconsejaron á este Gobierno solicitar amistosamente del argentino su consentimiento para que los Ejércitos de la República pudieran transitar el territorio de la provincia de Corrientes, en el caso que le fuese necesario, para las operaciones de la guerra con el Brasil, protestando que se efectuaría ese tránsito sin gravamen del vecindario y con toda la consideración debida á las autoridades argentinas.

El Gobierno argentino, sin apreciar debidamente los precedentes que se habían invocado en esa solicitud, y que habían hecho esperar al de la República el allanamiento del tránsito de las fuerzas nacionales por territorio argentino, en casos dados, se ha pronunciado por la negativa, en términos que muestran el espíritu de hostilidad que abriga contra el Paraguay, sin ocultar su parcialidad en favor del Brasil.

Así debe apreciarse la contestación dada en 9 de Febrero próximo pasado á la nota de este Ministerio del 14 de Enero, que tengo el honor de prestar á V. H. bajo el anexo n. 7.

Hay un otro hecho más que debe tomarse en consideración par formar juicio de la política equívoca, ó más bien hostil, del Gobierno argentino con respecto al Paraguay.

Á la misma fecha en que denegaba el permiso del tránsito á nuestras tropas por el territorio de Corrientes, ha pedido explicaciones, de caracter urgente, sobre la reunión de fuerzas paraguayas en el territorio de la República á la izquierda del Paraná, expresando al mismo tempo, que el dominio de ese territorio es contestado por la República Argentina, cuando el Paraguay, con mejor derecho, ha sostenido y sostiene la propiedad de ese territorio.

Finalmente, es el resultado de nuestra solicitud amistosa cerca del Gobierno argentino, la denegación por su parte de no prestar á la República facilidad alguna en la guerra á que ha sido arrastrada por el Imperio, cuya acción favorece abiertamente, y la provocación de una cuestión de límites, por aquella parte, en las presentes circunstancias.

Debo también llamar la atención de la H. R. N. sobre el restablecimiento en Buenos Aires del comité revolucionario de ocho traidores paraguayos, que, alucinados por el oro y las pro-

mesas del Brasil, y alentados por el Gobierno argentino, intenta tomar armas contra la República, trayendo la bandera paraguaya, no como enseña nacional, sino como símbolo de la división y la anarquía.

El Gobierno argentino se complace en proteger tal atentado, que, aunque insignificante y sin esperanzas de resultado alguno, conspira moralmente contra la independencia y soberanía nacional, y su prensa hace votos por el triunfo del Brasil contra el Paraguay, constituyéndose en órgano de ese Comité Revolucionario, para trabajar en favor del Imperio.

Estos son hechos palpitantes, que tienen lugar en la ciudad de Buenos Aires, asiento del Gobierno argentino, que intenta traer á este país la repetición de las escenas sangrientas, que ha llevado al Estado Oriental por intermedio del General FLORES.

El H. C. N. puede juzgar en su sabedoría los motivos de nuestra ruptura con el Brasil, y el estado milindroso de nuestras relaciones con la República Argentina.

Tengo el honor de saludar á la H. R. N. con el mayor respeto y consideración. — *José Berges* ».

**1903** — O commendador VICENTE DA CUNHA GUIMARÃES, proprietario da importante casa de Sirgueiro da rua da Quitanda, communica, nesta data, ao capitão-ajudante da *Legião Mallet* que offerece todo o fardamento necessario para os officiaes e praças dessa Legião.

Tão generoso offerecimento é feito gratuitamente, sem onus algum para os legionarios ou para o governo, tendo unicamente em mira prestar uma homenagem á patriótica idéa, que mereceu de S. S. os maiores applausos.

O coronel commandante foi nesse mesmo dia, com o seu estado-maior, agradecer ao Sr. commendador CUNHA GUIMARÃES a valiosa offerta que esse capitalista acabava de fazer, sendo commettida ao seu conceituado estabelecimento a confecção do uniforme.

— Morre no Rio de Janeiro o general de divisão reformado CARLOS MAGNO DA SILVA, que fez a campanha do Paraguay.

— O coronel commandante da LEGIÃO MALLET publica a seguinte *Proclamação*:

« O amor da Patria é o mais intenso de todos os sentimentos nobres; elle amortece todas as outras paixões, arranca o marido aos braços da esposa, arrebatá os pais para longe do berço dos filhinhos, faz o filho obediente abandonar o lar paterno, esvasia as fábricas e repartições públicas, j enchendo as praças de patriotas que, á frente dos exércitos inimigos, se transfiguram em verdadeiros heróes!...

A arte da guerra tem leis que devem ser normalmente cumpridas, enquanto as circumstancias do momento não ultrapassarem as raias prescriptas; mas, nas explosões sagradas do entusiasmo, quando a suggestão do delirio empolga a alma collectiva das multítdões, os tratados são substituidos pelas deliberações decisivas; e é do attrito dessas forças improvisadas que irrompem as labaredas mais vivas dos feitos gloriosos!

Para se organizar um exército permanente, é mister preferir as qualidades precisas e indispensaveis ao guerreiro; mas, para mobilisar repentinamente forças voluntarias, que corram aos reclamos da nação ultrajada, essas condições essenciaes são deixadas de lado, pois o entusiasmo das multidões, sendo criteriosamente dirigido, com talento e patriotismo, resolve brilhantemente os mais complicados problemas da guerra.

« Pode-se ser poeta, philósopho, estadista, com um corpo debil; e lavrador e carpinteiro e ferreiro com uma alma commum; mas é impossivel ser um completo guerreiro sem ter uma alma enérgica em um corpo agil e robusto», diz o capitão HENRY no seu *Ensaio de um Compendio de Philosophia da Guerra*, publicado no *Spsctateur Militaire*.

Esta é a lei geral, mas não ha leis sem excepções: e a excepção, neste caso, impera nos dominios da sensibilidade, ferindo a corda mais vibrante do coração, a fibra do patriotismo.

O *mens sana in corpore sano*, que é qualidade essencial nos exércitos permanentes, recúa para a vanguarda das expedições voluntarias, sempre que avançam para as fronteiras de um paiz

ameaçado os seus defensores leais, á frente da flor da mocidade, de que sempre se compõe o grosso dessas phalanges.

Exemplo: BOLÍVAR, pequeno e fransino, ja no segundo período da tuberculose, substituindo os seus títulos de doutor e Conde pela improvisada patente de coronel, aclamado pelos seus immortaes companheiros, dando combates e mais combates á Espanha gloriosa, que acabava de vencer as hostes napoleônicas, batalhando durante quinze annos até libertar a sua patria, ; constituindo cinco nações no nosso continente, uma das quas é a que neste momento ouça afrontar o nosso pavilhão!...

Os maiores capitães de todos os tempos são unánimes em reconhecer a necessidade prévia dos estudos militares, para bem se poder commandar uma força regular; mas nenhum delles se atreveu a negar que o criterio e o talento de um homem superior, contendo a cada momento os ímpetos de seus commandados, numa permuta constante de esforços communs em prol do mesmo ideal, não cheguem até a substituir o proprio *olhar militar*, faculdade physica que se educa, indo muito além dos seus resultados práticos, na esphera intellectual.

« Mas ; como adquirir o desenvolvimento dessas eminentes faculdades (o *juizo* e o *olhar militar* )? — pergunta o citado escriptor, respondendo elle proprio da seguinte maneira: — « ; Como descobriste as leis da gravitação? » — perguntaram a NEWTON.

— Pensando sempre no assumpto, respondeu o sabio. E' nesse estado de espirito que se deve collocar o que deseja sinceramente chegar a ser um chefe militar: — ; pensar sempre nisso! »

FILOPEMEN e MIRABEAU, este fogado tribuno e aquelle célebre heróe de PLUTARCO, ambos sentiam êxtasis no estudo das coisas militares; MONTECUCULLI, so depois de prisioneiro em Hofkirch, foi que se consagrou a estudos de guerra; e tanto este, como aquelles, uma vez dedicados a taes leituras, nunca mais arredaram o pé deste terreno, seguindo cada qual a sua diversa profissão

A arte da guerra amplia diariamente os seus dominios; mas nem por isso o Negus Menelick deixou de vencer as fortes expedições italianas; e é ainda bem recente a formidavel lição de heroismo que os pastores do Transvaal deram aos soldados in-

glezes, commandados pelos mais illustrados chefes, dispondo das armas mais aperfeiçoadas e de tropas dez vezes mais numerosas.

E' que os inglezes iam friamente, sem ideal, nem outra preocupação além da extorsão das minas de ouro daquellas opulentas regiões, ao passo que cada um dos defensores da integridade do seu territorio, tinha dentro d'alma o sonho da independencia da Patria, e na retina a visão dos lares incendiados, de onde fugiam espavovidas as mulheres e as crianças.

O coronel RUSTOW, na introducção do seu *Estudo das Sciencias Militares*, reconhece que « a philosophia é a sciencia das sciencias ». Todas as outras transmittem a intensidade luminosa que nella se concentra; e ella devolve-lhes, limpídos e brilhantes, os raios multicores que recebe.

Os philósophos e os poetas são os batedores do progresso dos povos; e estes guiados por um ideal sagrado, hão de fatalmente attingir o seu objectivo.

BLUNTSCHLI diz que a guerra é o conjunto dos actos pelos quaes um povo ou um Estado faz respeitar os seus direitos, lutando com as armas na mão; mas tambem pode ser, como pondera RUSTOW, a luta premeditada e methódica dos partidos, que, com o auxilio das forças armadas, tratam de alcançar apenas um fim político.

O que se dá comnosco, porém, neste momento, não é uma nem outra coisa, é a sórdida ambição pessoal de um caudilho, que quer entregar a um syndicato poderoso, de estranha raça, um territorio litigioso, que não pode ser abandonado pelo Brasil, sinão depois de concluidas as negociações diplomáticas.

A guerra, para ser conduzida ao terreno da victoria, exige neste momento o concurso de todos os patriotas. A nossa actualidade ostenta a Sphinge da Grecia heroica, que so não espanta os Œdipos que collocam a Patria na esphera intangivel em que DEUS collocou os astros: ninguem poderá tocar nem mesmo na sua imagem symbolica — a nossa bandeira auri-verde, que percorreu victoriosa as savanas cisplatinas e toda a vastidão territorial do Paraguay.

A Bolivia provocou uma guerra a que fatalmente somos arrastados; a attitude insolente da sua imprensa, com succursaes nos balcões de *El Diario* e *La Prensa* de Buenos Aires; as suas expedições militares em demanda dos nossos irmãos domiciliados no Acre; o procedimento enigmático (para não classificar com a precisa adjectivação) deste presidente de República que manda deportar o seu substituto legal e vai, á frente de trezentos *commis-voyageurs*, entregar um territorio, que lhe não pertence, a um syndicato que o tem na gaveta; tudo isto nos obriga a lançar mão de medidas enérgicas, pois seria um crime o continuarmos de braços cruzados.

Uma estatística, ultimamente publicada em S. Paulo, dá aos bolivianos o hyperbólico effectivo de 60.000 homens em armas, entre o exército e a Guarda Nacional; parece espanholada... mas va,; que assim seja! Nós... seria leviandade censuravel dizer em alta voz de quantos elementos dispomos: todo o sigillo é pouco; e deve partir da imprensa o exemplo da mais absoluta reserva, respeitando em silencio a attitude do governo, que saberá cumprir o seu dever, dispondo, como dispõe, dos recursos precisos para fazer respeitar a dignidade nacional.

Apenas, para que esta guerra inevitavel não se prolongue, como a do Paraguay, é indispensavel mandar nas primeiras expedições um pessoal tão numeroso—que os nossos inimigos sejam levados de vencida desde os primeiros encontros. Bem sei que o exército é sufficiente para garantir-nos a victoria; mas, para que essa victoria não seja tardiamente alcançada, é urgente mobilisar quanto antes a Guarda Nacional, sendo simultaneamente aproveitados os corpos de voluntarios que o patriotismo está organisando.

Foi convencido desta necessidade inadiavel que consultei os amigos, sondei os ánimos dos competentes, fiz um appello ao sentimento da maioria dos meus compatriotas (digo maioria, em vez unanimidade, porque, infelizmente, ha sêres tão abominaveis que chegam a zombar dos enthusiasmos mais nobres); e quando vi coroados do mais completo triumpho os meus desejos de patriota, pedi então ao illustre marechal Ministro da Guerra que me per-

mitisse substituir a minha penna de escriptor pela espada de guerreiro, fazendo pela nossa Patria o mesmo que LORD BYRON fez pela liberdade da Grecia.

O bravo e criterioso soldadado que se acha na suprema direcção militar do paiz, o sr. marechal ARGOLLO, accetando o meu offerecimento, precedeu-o das mais judiciosas observações, deixando transparecer na concisão da phrase os escrúpulos do homem de governo, que tem de limitar á esphera das conveniencias politicas o ardor sagrado da sua bravura de soldado, educado na escola dos acampamentos, onde recebeu os primeiros galões em campo de batalha.

A seu lado ostentam-se duas da mais orientadas cerebrações do nosso exército, os tenentes-coroneis de engenheiros MORAES REGO, dois moços encanecidos no estudo e no trabalho mental, á cuja competencia podem ser submittidos os mais complexo problemas de ordem sociolátrica. O chefe e sub-chefe do estado-maior, os generaes COSTALLAT e MEDEIROS, ambos engenheiros militares, são dois dos mais brilhantes intellectuaes do exército, devidamente considerados pelos companheiros de classe, principalmente pelos alumnos militares dos dois estabelecimentos de instrucção, de que ambos foram commandantes, a Escola Militar do Brasil e a do Realengo.

Com a nossa cavallaria pode-se fazer uma marcha triumphal por todo o mundo, disse o general GARIBALDI; a bravura dos nossos officiaes de artilharia e infantaria, poderosamente auxiliada pela obediencia e a resignação dos nossos bravos soldados, que ainda ultimamente deram a prova dos maiores sacrificios, no inglorio e trágico morticínio de *Canudos*, tudo nos tranquillisa quanto ao resultado da guerra; mas, não devemos sacrificar o heroismo a prolongadas provas, quando, si o auxiliarmos com a única coisa que está por fazer (que é engrossar as fileiras expedicionarias), poderemos com a maior presteza subjugar o inimigo.

A organização de corpos patrióticos é urgente e imprescindivel. So assim teremos quanto antes resolvido o poblema da occasião. Venham, pois, os patriotas: e o governo que lhes dê as armas e as munições necessarias, permitindo desde de ja que elles come-

cem a fazer exercícios militares em alguma praça de guerra, para partir quanto antes.

A *Legião Mallet* está organizada de maneira que pode amanhã, ou hoje mesmo, disse eu ao Sr. Ministro da Guerra, começar os precisos exercícios, dispondo de fardamento e banda marcial, sendo tão extraordinario o número dos voluntarios alistados em cinco dias, como ainda não se viu exemplo igual em outro paiz. ; Isto consola! ; Viva a Nação Brasileira!

MUCIO TEIXEIRA».

### OS HOMENS DO DIA

**1739**—Nasce o célebre general francez DUMOURIER, fallecido em 1824. Foi o vencedor das batalhas de Yelmy e Jemappes, e o conquistador da Bélgica, em 1795, que em 1833 se tornou independente da França.

**1823**—Morre em Londres o mathemático inglez CH. HULTON, que avaliou pela primeira vez a densidade da terra.

**1839**—Nasce em Boncourt, na Allemanha, o poeta lyrico ADALBERT DE CHAMISSO, tambem prosador distincto.

**1859**—Nasce em Berlim GUILHERME II, actual Imperador da Allemanha, coroado em 1888.

**1901**—Morre em Milão o inspirado maestro italiano GIUSEPPI VERDI, único compositor da escola antiga que acompanhou a evolução provocada pela potencia genial de WAGNER.

### MÁXIMA MILITAR

 o fim de tres annos de serviço militar e de exercícios bem dirigidos, os soldados de cavallaria, de infantaria e até de artilharia, como o demonstra a experiencia, estão sufficientemente instruidos.

General MORAND.

## 28 DE JANEIRO

**1536**—Passa El-Rei D. João III carta de doação de trinta léguas de terra na costa do Brasil a PERO DE GÓES DA SILVEIRA, irmão do célebre chronista DAMIÃO DE GÓES.

Constituíram essas terras a capitania da Parahyba do Sul, cujo foral se passou a 29 de Fevereiro do mesmo anno.

PERO DE GÓES tinha vindo na armada de MARTIM AFFONSO, acompanhara PERO LOPES ao Rio da Prata e com elle naufragara.

**1548**—Chegam a Pernambuco, depois de uma viagem de 88 dias, e precedentes de Lisboa, dois navios conduzindo degradados e petrechos bélicos.

Vinha nessa expedição o illustre allemão HANS STADE, que escreveu a narração do que occorrera na defeza de Iguaçu, em que tomara parte.

Essa narração é a primeira historia da guerra dos nossos indígenas com os portuguezes. R. SOUTHEY, no tomo I da sua *Historia do Brasil*, refere com bastantes pormenores as aventuras extraordinarias de HANS STADE em S. Vicente e suas visinhanças, quando pela segunda vez se embarcou para estas paragens.

Achava-se elle em Sevilha na occasião em que o espanhol JUAN DE SENABRIA preparava a sua expedição ao Paraguay. STADE foi um dos que se aventuraram na empreza conduzida pelo filho de SENABRIA.

Desta vez o navio em que vinha apartou-se do resto da frota e perdeu o rumo por ignorancia do piloto; afinal, após uma desastrosa viagem de seis mezes, levantou-se um temporal quando ja tinham descoberto terra pelos 28° de latitude S., sem saber entretanto onde estavam, e teve o navio de sossobrar a 24 de Novembro de 1549.

Dahi começa a serie de suas maravilhosas aventuras, que não podemos passar para este trabalho sem dar-lhe proporções que estão fóra do nosso plano, nem resumir sem fazel-as perder todo o seu interesse.

HANS STADE era natural de Homberg, no territorio de Hesse, para onde conseguiu voltar, e publicou em Marburg, em

allemão, a narrativa do que soffrera e do que observara entre os selvagens.

Chegaram ao extremo de o despir, levarem-no por mar a Ubatuba, então simples aldêa de indios, onde depois de lhe rasparem com um pedaço de vidro as sobancelhas e lhe cortarem a barba, lhe fizeram a terrivel cerimonia do *poracé*.

Viveu assim, entre a ameaça de ser devorado a cada momento e outros tormentos atrozes, oito mezes, até que pôde escapar-se de seus bárbaros senhores. A respeito do livro em que elle narra a historia do seu infortunio, diz SOUTHEY :

« Livro de grande valor é este; nem as noticias posteriores ácerca das tribus brasileiras ampliam, antes apenas repetem, as informações que elle contém».

**1624** — Chega á ilha de S. Vicente parte da esquadra hollandeza que havia partido do Texel a 21 de Dezembro anterior para se apossar da Bahia. Ahi espera quasi dois mezes pelos outros navios, que foram successivamente chegando.

**1631** — Expedição de JACOME RAYMUNDO DE NORONHA, sahida da cidade de Belém no Pará com 36 canôas bem tripuladas e guarnecidas, para expulsar os inglezes que se tinham apossado de algumas ilhas na embocadura do Amazonas, tendo-se fortificado na de *Tucujús*.

O official inglez, capitão THOMAS, fugiu durante a noite, entregando á discricção a NORONHA o forte que haviam os seus construido. Foram os despojos de guerra repartidos pelos soldados dessa heroica empreza, á excepção do commandante della, que se contentou com a gloria do feito.

**1634** — Atacam os hollandezes o porto de S. Amaro, perto do Recife, e continuam nos tres dias seguintes procurando desfornar-se dos revezes soffridos dias antes perto de Olinda por parte dos capitães PEDRO TEIXEIRA FRANCO e MATHIAS DE ALBUQUERQUE MARANHÃO.

São, porém, ainda repellidos em todas essas escaramuças.

**1654** — Entrada solemne das forças pernambucanas, sob o commando do general FRANCISCO BARRETO DE MENEZES, na cidade do Recife, acabando deste modo a dominação hollandeza no nosso territorio.

Pela manhã desse dia sahiu o general do seu acampamento, montado a cavallo, á frente de um numeroso estado-maior, seguido por uma guarda de cavallaria, e dirigiu-se para a porta da cidade *Mauricia* (hoje freguezia de Santo Antonio), onde o esperava, a pé, o general flamengo SEGISMUNDO VAN SCHKOPPE.

BARRETO apeiou-se logo que o viu e, tendo-o á sua direita, encaminharam-se juntos para o Recife, acompanhados, igualmente a pé, por todos os officiaes da committiva.

Passara-se antes a cerimonia do recebimento das chaves da cidade, ao som da artilharia e da fusilaria:—«quadro, por certo, diz o VISCONDE DE PORTO SEGURO, digno de immortalisar o pincel de algum artista brasileiro, como o da rendição de Breda, a Spínola, immortalisou VELASQUEZ».

Junto á ponte o general portuguez, que levara o hollandez á sua direita e o tratara com a deferencia peculiar aos valentes, entrou por cortezia na casa do mesmo cabo hollandez. Os do conselho vieram-no receber na ponte.

Os soldados, que eram mais de mil, foram aquartelados em Olinda e receberam uma pataca (480 rs.) cada um. Os indios e pretos, que tinham estado ao serviço dos hollandezes, foram incorporados ás fileiras dos nossos.

Eram de grande valor os effeitos e munições entregues pelos vencidos: constavam de 464 moradas de casas, incluido o palacio do governador hollandez, cerca de 300 canhões, 38.000 balas, mais de 5.000 espingardas, quasi 2.000 arrobas de pólvora, etc.

ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS foi o encarregado de levar á côrte de Portugal a noticia deste importante acontecimento: partiu do Recife em uma caravella, a 2 de Fevereiro, e chegou a Lisboa a 19 de Março.

« A boa nova foi grandemente festejada. Na manhã seguinte fez El-Rei cantar na capella real, diante dos oito tribunaes da

côrte, um *Te-Deum*, que se repetiu depois nas demais igrejas da capital. O mesmo Rei deu novas acções de graças, indo no dia seguinte a cavallo á sé, e assistindo em procissão com toda a côrte. (*Historia das Lutas com os Holandezes*).

Observa TEIXEIRA DE MELLO que «de todas as obras que durante a occupação dos holandezes fizeram elles em Pernambuco, so restam as fortalezas do Brum, das Cinco Pontas, Buraco, Itamaracá e na ilha Fernando de Noronha a fortaleza dos Remedios».

O VISCONDE DE PORTO SEGURO, na sua *Historia Geral do Brasil*, demonstra os beneficios da guerra hollandeza nas seguintes linhas:

« A guerra estranha produziu resultados benéficos. O perigo commum fez aproximar mais do escravo o senhor, e o soldado europeu do brasileiro, ou do índio amigo. Com as honras e condecorações concedidas, mediante o beneplácito da curia romana, ao CAMARÃO e a HEERIQUE DIAS, libertos, aquelle da barbaria, este da escravidão, se honraram todos os índios e todos os africanos, na idéa de que certo desfavor, em que se julgavam, não provinha de suas cores, mas sim da falta de méritos para serem melhor attendidos.

Por outro lado tambem o perigo commum augmentou muito a tolerancia dos povos de umas capitancias para as outras, e estabeleceu maior fraternidade, de modo que quasi se pode assegurar que desta guerra data o espirito público mais generalizado por todo o Brasil.

Pelo que respeita á tolerancia religiosa, cumpre dizer que desde a invasão hollandeza era muito menor, como succede sempre que a antiga religião é posta em contacto com outra nova, sobretudo trazida por conquistadores. O vicio de certa indiferença religiosa converteu-se em fanatismo contra os protestantes e judeus

O padre MANUEL DE MORAES, filho de S. Paulo, e que sendo jesuita se fizera calvinista, e se casara com *mulheres* desta seita, pelo que fôra ja queimado em estatua na inquisição de Lisboa no auto de 6 de Abril de 1642, apresentando-se arrependido aos restauradores de Pernambuco, e sendo por estes recommendado á côrte, foi condemnado a hábito perpetuo, sem remissão, com

fogos, e suspenso para sempre das ordens, no auto de 15 de Dezembro de 1649, em que sahiram condemnados por judaismo mais cinco moradores de Pernambuco.

Em 1644 haviam sido relaxados em estatua mais dois colonos da mesma provincia, MANUEL RODRIGUES MONSANTO e PEDRO ALVARES DA FONSECA, «ausentes nas partes do norte». Nos vinte e tantos autos de fé, que em Lisboa tiveram ainda logar durante o seguimento deste século XVII, so, porém, se contaram em cada um dois colonos do Brasil, e isso mais por sodomia e bigamia que por judaismo. Degradadas, mandou a inquisição durante esse tempo para o Brasil umas tresentas pessoas de ambos os sexos.

Quanto á cultura do Brasil em geral, não hesitamos em asseverar que ella havia ganho muito com a guerra hollandeza. E não so nas capitánias do nordeste, onde os povos estavam em contacto com individuos de uma nação mais activa e industriosa, como até nas do sul, com as invasões contra os selvagens.

E' um axioma comprovado pela historia, que ás vezes estas são civilisadoras, e que trazem energia e actividade a povos entorpecidos pela incuria, a preguiça e o aviltamento. Durante a guerra foram devassados, acaso pela primeira vez por gente civilisada, muitos matos e campos, fundindo-se por vontade ou por força os proprios indios seus moradores nessa civilisação guerreira, digamos assim, pois que o intuito era guerrear os contrarios, e quando menos o pensavam se viam absorvidos pela civilisação daquelles a cujo lado combatiam.

Muitos caminhos, apenas trilhados, eram aplanados para dar logar á passagem de tropas; alguns rios ficavam accessiveis á navegação, ás vezes pelo simples desvio de uns paus que entulhavam os seus leitos; e todos sabem quanto a facilidade das communicações civilisa os povos.

Em definitivo: ; da invasão hollandeza resultou algum proveito ao Brasil? ; Grande responsabilidade envolve a resposta, quando ao pensar dal-a como que accommettem os nossos ouvidos os lamentos de tantas vÍctimas, chorando a perda dos seus parentes, dos seus bens, e até algumas da sua propria honra!

Confessamos que o primeiro impulso do nosso coração é o deixar a penna e chorar com ellas. infelizmente, porém, a civilização humana assemelha-se em tudo ao homem: nasce chorando, e chorando e soffrendo passa grande parte da infancia até que se educa e se robustece.

Si, pois, nos conformamos com esta lei indeclinavel, reconhecemos que o Brasil pagava, então, grande parte do seu tributo.

E não ha dúvida que, passados esses choros e esses soffrimentos, se apresentou mais crescido e mais respeitavel, havendo para isso concorrido poderosamente os grandes e continuados reforços de colonos activos e vigorosos de vários terços ou regimentos que vieram da Europa, e cujos individuos pela maior parte ficaram no Brasil, o que per fez um número superior aos dos mortos nos campos de batalha.

Por outro lado, o genio do padre VIEIRA, desenvolvido ja no meio dos embates desta guerra, recommendara á Europa o Brasil, apresentando-se até na Hollanda feito officiosamente agente diplomático; e os hollandezes levavam aos mares do norte da Europa os nossos productos, e os faziam ahi conhecidos e desejados.

O assucar, a aguardente de canna, e até a tapióca, deveram ao consumo por elles promovido, os augmentos do seu fabrico no Brasil.

Muitos dos nossos productos naturaes foram descriptos, e as suas virtudes médicas apregoadas na Europa, graças especialmente ás páginas de PISO e de MARCKGRAFF ».

**1681** — PEDRO GOMES, mestre de campo, nomeado governador do Rio de Janeiro a 19 de Outubro de 1680, toma posse do cargo que serviu por um anno, cinco mezes e seis dias, sendo rendido a 3 de Junho de 1682 pelo mestre de campo DUARTE TEIXEIRA CHAVES.

**1808** — Carta régia franqueando os portos do Brasil a todas as nações amigas e alliadas da corôa de Portugal. Este rescripto memoravel, verdadeira *carta de alforria*, na phrase de TEIXEIRA

DE MELLO, fôra alcançado do Príncipe Regente D. JOÃO VI, por instancias e aturada insistencia de JOSÉ DA SILVA LISBOA, depois VISCONDE DE CAYRÚ.

O glorioso estadista brasileiro, « aproveitando-se das relações de amizade que tinha com D. FERNANDO JOSÉ DE PORTUGAL, depois MARQUEZ DE AGUIAR, obteve deste fidalgo que insinuasse a proficuidade dessa medida no ánimo do Príncipe Regente, pondo-se assim em contacto directo com o resto do mundo civilisado a colonia portugueza da América, até então circumscripta ás relações que entretinha com a metrópole.

Foi esse incontestavelmente o primeiro passo dado para a nossa independencia política. Esta medida não podia deixar de ser impugnada e combatida *totis viribus* por aquelles a cujos immediatos interesses vinha ella ferir de golpe; mas SILVA LISBOA defendeu-a em phrases cheias de fogo e de verdade, pulverizando com os recursos da sua vastíssima erudição os argumentos dos seus adversarios e os preconceitos enraizados do maior número, disparados contra ella, dando á luz as suas — *Observações sobre o commercio franco no Brasil*.

**1823** — O Imperador PEDRO I ordena ao BARÃO DA LAGUNA que faça embarcar para a Europa, sem perda de tempo, nos transportes enviados ao Rio de Janeiro, as forças portuguezas ao mando do brigadeiro D. ALVARO DA COSTA.

A carta imperial, assignada tambem pelo ministro JOSÉ BONIFACIO, dizia:

« Amigos. — Eu, o Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Imperio do *Brasil*, vos Envio muito saudar. Sendo muito necessario a bem da justa Causa do Estado Cisplatino e do *Brasil* em geral, que a Divisão *Portugueza*, denominada — dos Voluntarios Reaes d'El-Rei —, obedecendo pontualmente ao que Eu Havia ordenado pela Minha Carta Régia e decreto de 14 de Agosto do anno próximo passado, fosse removida quanto antes da praça de *Monte Vidéo*, onde ainda agora se acha estacionada; cuja demora so posso attribuir á apathia e irresolução com que se tem tractado este negocio, deixando-se de cumprir as Minhas

# Os últimos livros de Mucio Teixeira perante a imprensa:

(Continuação do que se lê na capa do 7.º fascículo)

Com as *Flores do Pampa*, em 1875, MUCIO TEIXEIRA tentou a poesia nacional, e dos apreciáveis poemas que a ella filiados produziu, vêm no seu último livro, *Campo Santo*, dois exemplares que resistem á toda a análise, pela delicadeza da expressão, a naturalidade e luminosidade descriptiva que os revestem.

São elles: *Paizagem Gaúcha* e *A Virgem Pampeana*; esta, verdadeiramente facetada, burilada:

Tinha dezeseis annos, era bella  
Como as filhas das raças misturadas.  
Trescalava o seu corpo de donzella  
Uns aromas de plantas machucadas.

Fórmãs esculpturæ: alta, elegante.  
Olhos escuros, grandes, pestanudos:  
E um olhar expressivo e penetrante  
Como a maneira de fitar dos mudos.

Olhar valente, enérgico, atrevido  
Como o dos jovens que a paixão inflamma;  
Olhar que fala mais ao nosso ouvido  
Que o mar que rugé, ou o leão que brama.

Rindo, mostrava pérolas guardadas  
No cofre de seus labios cor de rosa;  
E as vibrantes narinas dilatadas  
Eram de uma impressão impetuosa.

Si, nestes decasyllados, o poeta não avançou esse *curto passo* que é o original em uma criação do pensamento, segundo H. COHEN, venceu ao menos a difficuldade que consiste em tornar a expressão exactamente igual á impressão, segundo AUGUSTO PILON.

Como se vê, MUCIO TEIXEIRA ja fez bastante com elementos velhos, servidos por elementos da sua índole essencialmente emotiva.

Não evoluiu. E' hoje e será amanhã, si ainda viver, o mesmo poeta que se declarou depois de 1874.

Mas, nem por isso, podemos deixar de proclamar-lhe os predicados condignos. Não podem os novos corypheus imprimir-lhe o estigma de temerario, por ainda trazer este subsidio do seu último livro para o concurso dos gloriosos systemas e das victoriosas escolas.

Leve-se em linha de conta que é um precioso relicario da estylistica, como do sentimento e da natureza, em todas as suas manifestações, que veiu do passado, intacto, isento da acção do tempo e das guerras.

Que elle não se desilluda nem se desalente.

Ah! já bem mais louvavel quem como esse doce poeta *antigo*, canta ainda amores, lembrando com nostálgica saudade o tempo pulchérissimo e floral em que amou com ardor, e sorriu, e venceu mil vezes em prélios que outros, que não elle, nem siquer ousam travar!

Que os meus coevos, moços como eu, que o admiro e estimo assim, quando elle evoca dos seus dias de sol quente e das suas noites de estrellas fúlgidas, a lembrança pictural «*das mulheres que arderam nos seus beiços*», o admirem e o estimem tambem:

Não invejo o Rei Sol, pois tenho ainda  
Minha cõrte de amor, ruidosa e linda,  
Nem elle viveu mais do que eu vivi.

Rematando, este livro em que elle diz repousarem «seus sonhos mortos», faz esta reconfortadora e orgulhosa affirmacão:

«*Coube-me na partilha da existencia tão grande quinhão de dores e alegrias. Tenho soffrido tanto e tanto tenho gosado, que me habituei a gostar doudamente de todas as miserias da vida*». — (*Campo Santo*, Notas, pág. 506).

E tem vivido muito e tem sido muito feliz, certamente, esse que tanta doirada illusão ainda extravasa do coração, deixando-o bem liberto para exercer a piedade e bem limpo para reflectir crystalinamente os seus arroubos.

Ja CAMILLO dizia que «o coração em liberdade é o que gosa mais».

Bem haja, pois, o poeta pindaresco, o sadio optimista, que celebra no *Campo Santo*, conjunctamente com as suas máguas, as suas paixões plenamente satisfeitas.

AGENOR CARVOLIVA.

(Do *Jornal do Brasil* de 24 de Agosto de 1903).

## CARTAS DO RIO

I

Não cabem nos estreitos limites de uma carta *à la minute* e para jornal de pequenas dimensões, estudos minuciosos sobre obras de arte ou factos occorridos. Com dedicatorias extremamente gentis, temos sobre a banca as novidades literarias deste ultimo trimestre.

... *Campo Santo* é uma noite tempestuosa, com intermitentes relâmpagos de talento, com fortes rajadas de estro.

MUCIO TEIXEIRA, sympathicamente agarrado ás normas do romantismo, soube, todavia, moldar a sua inspiração pelas exigencias do mais apurado parnasianismo, como em *Nomarcho*:

Sobre o fôlo espaldar de alta curul de couro,  
Com gryphos de marfim entre arabescos de ouro,  
O Nomarcho Sekem reclinã-se indolente,  
Enquanto o escravo ethiopo, humilde e reverente,  
Serve um vinho espumante e loiro e aromatizado  
Das videiras do Delta ou costas do Adriatico.

Chamam-lhe de *esgotado*, epitheto contra o qual protestamos. Delle poder-se-ia dizer, empregando a conhecida e vulgarisada metaphora, que é um vulcão sobre a neve.

Deste livro, pelo muito que seu autor nos merece, faremos um estudo especial, no intuito de dissipar esta atmosphera de indifferença em torno de um nome—que devêra ser acatado e nunca esquecido.

GOULART DE ANDRADE.

(Do *Gutenberg* de Maceió, de 8 de Outubro de 1903).

## 8º Fasciculo do "Brasil Marcial"

### POESIAS DE MUCIO TEIXEIRA

Editor—H. Garnier, Paris, 2 vols.—1903

A nova edição das *Poesias de Mucio Teixeira* é uma esplêndida publicação em dois grossos volumes feitos em Paris pelo SR. H. GARNIER, livreiro editor nesta cidade.

Esta nova edição das poesias do inspirado e fertilíssimo poeta rio-grandense foi dirigida pelo filho primogênito do poeta, o talentoso ALVARO DE MUCIO TEIXEIRA, que já tem o critério e o sentimento precisos (e esse é um dos maiores elogios que lhe podemos fazer) para avaliar e orgulhar-se do grande mérito intellectual do seu estremecido progenitor.

Cada um dos dois volumes de que consta a bellíssima edição das poesias de MUCIO TEIXEIRA, que temos agora sobre a nossa mesa de trabalho, graças á gentileza da offerta, que muito nos penhorou, consta de perto de 400 páginas de materia cheia e compacta.

O primeiro desses volumes, que traz um bello retrato do poeta, e traços biográficos da sua vida, extrahidos do *Diccionario Bibliográfico Brasileiro* do Dr. SACRAMENTO BLAKE, um *Juízo crítico* firmado por JOSÉ BERNARDINO DOS SANTOS um *Polyantho* do qual constam tópicos de artigos de conhecidos e estimados escriptores nacionaes e estrangeiros, *Apotheosis poética*, isto é, uma colleção de versos de outros distinctos poetas nacionaes e estrangeiros, dedicados ao poeta, traz tambem uma grande colleção de poesias do Mucio. Estas poesias precedidas por umas sentidissimas estrophes dedicadas pelo Mucio ás memorias santas de seu pai, sua mãe e um seu filhinho, estão subordinadas ao título—*Juventude*. Dessa colleção fazem parte versos extrahidos do volume intitulado *Cérebro e Coração*, o poema dramático *Fausto e Margarida* e as *Flores do Pampa*.

O segundo volume está dividido em tres partes: a primeira—*Mocidade*—consta de poesias extrahidas de varios livros do poeta, o drama em verso—*O Cântico dos Cânticos*, e a *Parisina*, paraphrase hyroniana. A segunda parte desse volume, subordinada ao título—*Virilidade*, pertencem varias poesias extrahidas de outros livros de MUCIO TEIXEIRA. A terceira parte do volume consta das *Flores de los Andes*, que são poesias escriptas em espanhol pelo Mucio e por elle dedicadas a varios amigos de Venezuela. A quarta parte consta de poesias do Mucio, traduzidas em varias linguas.

O segundo volume termina por uma secção de *Notas*, interessantissimas, sobre a vida e obras dos varios escriptores e poetas brasileiros e estrangeiros, citados, ou dos quaes são publicados nesta magnífica edição das poesias de MUCIO TEIXEIRA trechos em prosa ou em verso.

No final dessas notas, o filho do poeta e organisador da publicação, declara que—essa edição foi organizada durante o periodo agudo de grave enfermidade de seu pai, que foi por elle autorizado a extrair dos muitos volumes publicados, varias poesias pelo seu proprio pai designadas, não permittindo que extrahisse fragmentos de trabalhos politicos, nem dos poemas *Mulheres do Evangelho* e *Caprichos de Mulher*, o primeiro já em segunda edição, e o outro ainda em manuscrito, mas terminado em 1899. Declara tambem que corre somente por conta d'elle ALVARO DE MUCIO TEIXEIRA, a responsabilidade de preceder as poesias de um *Polyantho* e de uma *Apotheosis poética*, por não se julgar no direito de analysar o mérito literario de seu pai, recorrendo, por isso, ao juizo dos competentes, que expontaneamente a elle e ás suas obras se referiram.

A impressão typographica dos dois volumes, feita em Paris, é muito boa, mostrando que houve muito cuidado para que os trabalhos do poeta não fossem sacrificados.

Feita a descripção dos dois volumes, resta-nos dizer sobre os trabalhos de MUCIO TEIXEIRA. Isso não o faremos agora, porque todos os trabalhos nesses volumes publicados já foram julgados pela critica. Tudo quanto ali está é bom, muito bom. Não está nestes volumes tudo o que de bom tem o Mucio escripto e publicado. Ali está apenas alguma coisa. O Mucio é um poeta que tanto tem de fertil quanto de inspirado. Os seus versos falam-nos sempre ao coração, porque são simples, cheios de sentimento e de verdade. Demais, os versos que constituem a colleção de que tratamos já têm tanto de conhecidos quanto de estimados.

O nosso fito, pois, nestas linhas é noticiar apenas o apparecimento desta nova edição das poesias de MUCIO TEIXEIRA, e agradecer o exemplar com que fomos obsequiados pelo editor.

LUIS DOS REIS.

(Da Rua do Ouvidor de 7 de Novembro de 1903).

(Continúa).

MUCIO TEIXEIRA

# Brasil Marcial

SYNTHESE HISTÓRICA

DAS

*nossas guerras, revoluções e revoltas, desde os tempos  
coloniaes até a actualidade, com  
o retrato e a biographia dos heróes, a descripção dos combates,  
a planta do terreno, o typo dos navios, etc.*

1 DE JANEIRO DE 1502 A 31 DE DESEMBRO DE 1904

FASCICULO N. 9



RIO DE JANEIRO

7.000 — Typ. da Companhia Litho-Typographia — Rua do Lavradio, 55

1904



# BRASIL MARCIAL

POR

**MUCIO TEIXEIRA**

PREÇO DA ASSIGNATURA

24 fasciculos	20\$000
12 fasciculos	12\$000
Fôra da Capital, 24 fasciculos	24\$000

Os pedidos de assignaturas devem ser dirigidos ao Autor, na sua residencia

CAMPO DE S. CHRISTOVAM 38

## ALMANACK BRASILEIRO

GARNIER (2º Anno)

**PARA 1904**

*Publicado sob a direcção do Dr. B. F. RAMIZ GALVÃO*

Está publicado este excellente **ALMANACK**, rico de informações uteis de toda a natureza e de artigos literarios de alguns dos nossos mais distinctos poetas e prosadores.

Além de uma importante secção geographica e estatistica, adornada de cartas, estampas e retratos inúmeros, o **ALMANACK** contém trabalhos de Machado de Assis, Alberto de Oliveira, Homem de Mello, Paranapiacaba, cônego Bernardino, Affonso Celso, José Verissimo, M. Salles, Adherbal de Carvalho, Ramiz Galvão, Aluizio Azevedo, Landelino Freire, Clovis Bevilaqua, M. Curvello, Mucio Teixeira, Mello Moraes, Amelia Bevilaqua, Presciliana de Almeida, Freitas Guimarães, Ruth Fonseca, Fabio Luz e outros.

Ha ainda nelle uma resenha dos annos politico, literario, jornalístico, artístico e necrológico, além de uma interessantissima secção de « Variedades » e de um longo capitulo dedicado á « Conquista do ar ».

Um artístico volume de 500 páginas in-8º, 3\$000.

Idem, encadernação de amador para presente, 6\$000.

### POESIAS DE MUCIO TEIXEIRA NOVA EDIÇÃO

Acaba de chegar de Paris esta obra tão desejada, precedida do juizo-crítico dos mais illustres escriptores nacionaes e estrangeiros. Nesta edição encontram-se as mais inspiradas poesias da juventude, da mocidade e da virilidade de **MUCIO TEIXEIRA**, desde o **Amar**, **O Amor**, **A Ironia da Estatua**, o poema **Fausto e Margarida**, o drama em verso **O Cântico dos Cânticos**, a originalissima collecção das **Flores do Pampa**, até ás suas melhores inspirações em lingua castelhana, as **Flores de los Andes**.

2 volumes in-8º br. 8\$000, enc. .... 10\$000

**Aviso importante.**— Remette-se qualquer livro registado pelo correio, mediante um augmento de 500 réis para as encomendas de menos de 5\$000 e 10 % sobre o preço annunciado para os de valor superior.

Qualquer pedido para ser attendido deve vir acompanhado da respectiva importancia em *vale postal* ou em *carta registada com valor declarado*.

Para as remessas deverá indicar bem o *local* da residencia e o *Estado*, afim de evitar extravio e reclamações ao **CORREIO**.

**RUA DO OUVIDOR, 71**

Caixa do Correio, 618—End. telegraphico HERMANOS

TELEPHONE 1068

RIO DE JANEIRO — BRASIL

J. LANSAC, GERENTE.

À MEMORIA

DO

**Dr. Antonio Gabriel de Moraes Rego**

TENENTE-CORONEL DO ESTADO-MAIOR

Homenagem de estima, admiração e saudade

DE

*Mucio Teixeira.*



Ordens com a devida promptidão e energia, que o Bem público requeria: Hey por bem Determinar mui positiva e terminantemente que, sem perda de tempo, façais intimar categoricamente ao Brigadeiro D. ALVARO, que se levantou com o Commando da mencionada Divisão, o prompto embarque das Tropas nos Transportes, que para o dito fim lhes foram destinados, em um praso fixo e em preterivel; e quando naquelle praso ellas se não embarquem, deveis fazer sair os ditos Transportes para esta Côrte sem a menor demora, porque sobre isto não recebo escusa alguma; ficando tambem, findo o dito praso, suspensos todos os pagamentos, ou quaesquer outras despezas, que pelos rendimentos do Estado *Cisplatino*, ou pelo *Banco do Brasil* haja sido consignados para a subsistencia da sobredita Divisão ».

**1847** — Nasce na Bahia o marechal FRANCISCO DE PAULA ARGOLLO, actual ministro da guerra e um dos generaes de mais prestigio no exército.

Praça de 18 de Outubro de 1866, conta o tempo de serviço desde 27 de Março do anno anterior; foi promovido a alferes a 18 de Junho de 1868; tenente, por actos de bravura, a 28 de Fevereiro de 1869 (com antiguidade de 11 de Dezembro de 1868); capitão, tambem por actos de bravura, a 27 de Abril de 1871 (com antiguidade de 28 de Outubro de 1869); major, por merecimento, a 24 de Maio de 1888; tenente-coronel, tambem por merecimento, a 7 de Janeiro e coronel, ainda por merecimento, a 17 de Março, tudo de 1890; general de brigada a 5 de Setembro de 1893; general de divisão a 12 de Janeiro de 1900 e marechal a 24 de Outubro de 1902.

Os factos mais notaveis da sua brilhante carreira militar irão sendo narrados nas datas dos respectivos acontecimentos.

**1855** — Morre no Rio Grande o chefe de divisão reformado JOÃO ANTONIO ALVES NOGUEIRA, nascido em 1805.

Natural da provincia de S. Paulo, distinguuiu-se, quer como perito navegador, quer como official valente e brioso. Fez toda a campanha do Paraguay e finda ella commandou diversos navios em viagens de longo curso e de cruzeiros na costa.

« Si o Brasil fosse um paiz navegador — diz seu biógrapho V. O.—é mais do que certo, NOGUEIRA figuraria ao lado dos mais eméritos navegantes; dentro de apertados limites so lhe foi dado hombraear com os mais illustres marinheiros de sua patria, porém o seu nome figurará para sempre nos nossos annaes marítimos, cercado da legenda que é a sua auréola de gloria — DEDICAÇÃO E PROBIDADE ».

**1880** — Morre em Pernambuco, onde nascera em 1793, o conselheiro FRANCISCO DE PAULA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, senador do Imperio e VISCONDE DE SUASSUNA, que fôra ministro da guerra, desde 24 de Julho de 1840 até 23 de Março de 1841.

Era o mais antigo membro do senado vitalício, onde serviu por mais de 40 annos. Nenhum dos 138 senadores occupou até então por tanto tempo a cadeira. Desde que tomara assento viu desaparecerem 114 companheiros, isto é, viu o senado reformar-se por duas vezes.

**1892** — O marechal LOBO D'EÇA, BARÃO DE BATOVY, deixa o commando do 6º districto militar (Rio Grande do Sul), á vista da indisciplina insuflada pela politicagem na guarnição de Porto Alegre.

Apparecêra dias antes uma publicação inconveniente, nas principaes folhas d'aquella capital, noticiando a deliberação collectiva de alguns officiaes da citada guarnição, resolvidos a não abandonar a política partidaria, quando aquelle chefe entendia que a esphera da acção do militarismo devia limitar-se ao cumprimento dos deveres de ordem puramente marcial.

**1894** — Circular do almirante LUIS FELIPPE DE SALDANIA DA GAMA, sobre as possíveis contingencias do bombardeamento da cidade do Rio de Janeiro :

« A Suas Excellencias os Srs. Commandantes das Forças Navaes estrangeiras surtas no porto do Rio de Janeiro.

No começo da presente revolução, quando a cidade do Rio Janeiro defendida apenas por alguns raros canhões de campanha, collocados em sua frente e collinas principaes, esteve á mercê dos

canhões da esquadra, os chefes das marinhas estrangeiras então representadas neste porto, em nota collectiva e unânime dirigida a S. Ex. o Sr. contra-almirante CUSTODIO JOSÉ DE MELLO declararam que se opporiam, mesmo pela força, a qualquer tentativa de bombardeamento contra a cidade, a não ser que partisse antes de terra a provocação.

Aproveitando-se dessa resolução dos chefes navaes estrangeiros, o governo do marechal FLORIANO PEIXOTO apressou-se em fazer retirar das collinas e da frente da cidade os seus pequenos canhões de campanha, não por certo para salvaguardar as innúmeras vidas e os altos interesses commerciaes que esta cidade encerra, mas como ardil para armar os mesmos pontos novamente, e outros mais, de grande e numerosa artilharia.

Principiado á sorrelfa e com embuste, se ostenta esse trabalho hoje sem mais disfarce em toda a sua plenitude.

Todos as collinas adjacentes á frente da cidade se acham cobertas de baterias; os históricos e sacros mosteiros de S. Bento e dos Capuchinhos do Castello estão convertidos em fortalezas; as fábricas estabelecidas ao longo do litoral receberam ordem para cessar o respectivo trabalho e retirar o pessoal, afim de serem transformadas em outros tantos pontos fortificados; estão levantadas trincheiras em todos os cáes públicos, até mesmo em frente ao estabelecimento pio da Santa Casa de Misericordia; numa palavra, é voz corrente que o Governo, uma vez que considere ultimado esse trabalho, se apressará, em dado momento, a romper de todas essas fortificações fogo contra a esquadra.

Suas Excellencias os Srs. Chefes Navaes estrangeiros não hão de certamente oppor-se, e pela força, a que a esquadra responda a essa falada aggressão das baterias da cidade, ou mesmo que a ella se antecipe. Porém, seja-me lícito perguntar a SS. EE., homens de guerra conspícuos, como são todos: ¿ Si as condições de luta para com a esquadra são presentemente as mesmas que em Setembro, Outubro ou Novembro e Dezembro findo? Si não foram SS. EE. os culpados dessa situação desfavoravel para a esquadra, com uma intimação que aliás não serviu para salvaguardar os altos interesses commerciaes da cidade, nem

a vida e propriedade da sua população, na maior parte estrangeira?

As mesmas razões em que SS. EE. se estribaram para impedir por parte da esquadra um ataque de viva força sobre a cidade do Rio de Janeiro, deviam agora pesar no sentido de tornar igualmente respeitado, mesmo á força, pelo Governo do marechal FLORIANO um pacto que elle quebrara á falsa fé.

Por parte da esquadra sob o meu commando devo declarar a SS. EE. que lamento, pela cidade do Rio de Janeiro e por seus mesmos habitantes, a ruptura desse benéfico compromisso, por nossa parte respeitado com todo o rigor até a presente data, mas acceito á contingencia em que a intervenção de SS. EE. a collocou. A tarefa poderá ter-se tornado para nós da revolução mais ardua, mais perigosa e mais sangrenta; comtudo, nem assim nos fará recuar.

A esquadra sob o meu commando respeitará o pacto até o último momento; realisada, porém, que seja qualquer aggressão por parte das baterias da cidade, eu me reservo o direito da resposta para quando e como entender conveniente, sem ulterior aviso.

Nesta hypóthese ficarão tambem SS. EE. perante a historia desta revolução com a responsabilidade dos inevitáveis successos, que longe de impedir, antes aggravaram com a sua intervenção.

Nada disto me impede, entretanto, de prevalecer-me do ensejo para assegurar a SS. EE. os meus protestos do mais alto respeito e consideração.— Bordo do Cruzador *Liberdade*, 28 de Janeiro de 1894.— *Luis Felipe de Saldanha da Gama*, commandante em chefe das Forças Navaes da Revolução contra o Governo do marechal FLORIANO PEIXOTO no porto do Rio de Janeiro ».

**1894**— Os federalistas, apertando cada vez mais o sítio da Lapa, nesta madrugada occupam as posições abandonadas, assestando no cemiterio um canhão Krupp, um de tiro rápido e uma metralhadora.

Na tarde desse mesmo dia investem, atacam a guarda do Alto da Cruz, simulando ao mesmo tempo, com um forte tiroteio,

uma outra leva de broqueio no flanco esquerdo e retaguarda das posições occupadas pela legalidade.

« Era inutil disputar a posse do Alto da Cruz, diz o general J. B. BORMANN, porque não havia força sufficiente para isso, portanto o coronel CARNEIRO ordenou que a guarda se retirasse para as trincheiras.

Com effeito, a retirada se operou, dirigida pelo coronel de patriotas NAPOLEÃO POETA, que não cedeu o terreno sem espingardear o inimigo, hostilizado ainda mais pelo canhoneio das fortificações.

Cada posição abandonada era occupada á noite pelos sitiantes. « Desse dia em diante, diz o major SCHMIDT, o cerco tornou-se muito mais apertado, alojando-se o inimigo em torno de nós, á distancia de 300 a 400 metros ».

O chefe da Nação podia dizer do heroico defensor da Lapa o que NAPOLEÃO dissera do general MOUTON, ao ver a sua gloriosa conducta na refrega da ilha de Lobau:

— *¡ O meu Carneiro é um Leão ! —*

Nada abatia a alma do chefe da praça. Elle ali estava na defesa, firme, inabalavel, como o dever, sem hesitações, sem quebrantamento de ânimo, e assim esse spartano ia cair para sempre.

A imprensa de Curityba censurava a homérica resistencia desenvolvida na Lapa e explicava a demora da capitulação, ou da sua posse, á viva força, pelas armas revoltosas, aos sentimentos philantrópicos do commandante em chefe das forças invasoras.

Elle não queria fulminar a cidade, dizia-se em Curityba, por causa das familias ali *barbaramente encerradas pelo feroz Carneiro*; mas, a verdade é que os canhões inimigos vomitavam granadas dia e noite sobre a mísera cidade, as balas das espingardas silvavam pelas ruas, esfuracando as habitações; os assaltos repetiam-se e contavam-se por outras tantas sangrentas repulsões, e assim no campo inimigo os sentimentos philantrópicos eram uma mentira irrisoria.

A realidade era que o inimigo encontrava o extermínio e a morte, nas suas tentativas de apoderar-se pelas armas da valente cidade.

As circumstancias mesmo não permittiam, como já vimos, estes cercos pacientes e longos que ás vezes se fazem ás praças de guerra no intuito de fazel-as succumbir pela fome para evitar grande effusão de sangue.

Ali, uma hora perdida era para o inimigo uma rápida marcha para a ruína. Era preciso agir, e agir rápido, porque só assim podia-se acariciar esperanças de triumpho.

Essa foi a razão que levou o inimigo a pelejar com encarniçado furor depois do dia 27, abandonando o plano dos dias anteriores e que consistia em cançar a guarnição com simulacros de ataque.

Estavam os sitiantes senhores de excellentes posições, como a do cemiterio, a do Monge e do Boqueirão, onde collocaram a sua artilharia, e essa circumstancia tornara a situação da valente guarnição demasiadamente precaria.

As balas de canhão e de espingarda cruzavam-se por toda parte. Era impossivel transitar nas ruas, sem correr perigo de morrer ou ser ferido.

A rua da Boa Vista, com especialidade, era varrida pelo fogo inimigo. Ali estava installado o quartel-general; ali tremulava a bandeira nacional e, por isso, merecia dos sitiantes particular rancor.

Com intervallos mais ou menos curtos, dia e noite passou a guarnição o resto do mez sob o fogo, respondendo-o com intenso ardor. Alguns soldados cahiram mortos; outros feridos, ao transitar pelas ruas.

Durante o dia o bravo chefe da praça algumas vezes applicava o binóculo para o lado donde lhe poderia vir protecção e não lobrigava um signal sequer de auxilio. ¡Tudo solitario, além dos arraiaes inimigos, tudo desanimador!

¡Que força d'alma é preciso para dissimular a contrariedade que então se experimenta em momento de tanta desolação!

Officiaes e soldados estão em seus postos; uns, ao lado dos canhões; outros, enfileirados ao longo dos parapeitos, sobraçando as suas espingardas.

Todos fitam os olhos, ora para os pontos do horisonte visados pelo binóculo do commandante em chefe, ora para a sua physionomia, afim de descobrir nella a boa-nova que os labios ainda não pronunciaram.

E' então, um momento de curta suspensão de hostilidades.

O binóculo ás vezes fixa-se demoradamente em um ponto: é que se vê la, bem longe, uns novellos de po ou de fumo.

Realmente não é uma illusão; mas, estes novelos não são as nuvens de po que as tropas levantam na marcha; o que se distingue, la bem longe, é o fumo dos canhões e das espingardas, que ha pouco emmudeceram, e que o vento conduziu em suas azas la para os confins do horisonte.

Reconhecida essa triste verdade, á alma voltam as angustias por momentos substituidas pelo conforto da esperança; mas é preciso dissimular a dor que nos opprime, porque o chefe deve ser superior á desgraça, ao contrario é indigno de commandar homens.

Estas alternativas de máguas e de esperanças repetem-se diariamente. A estação é a do estio; faz um calor canicular; o sol, entretanto, sumiu-se no poente. Vê-se a immensa campanha morrer la, ao longe.

O commandante, junto a um canhão, está de novo de binóculo, prescrutando o immenso horisonte, e demora, como sempre, em uma ou outra direcção, o seu exame.

Ouvm-se, de vez em quando, sons e ruídos, como os estrondos da artilharia em distante campo de batalha. Uma emoção eléctrica abala a guarnição; porque o canhão é como uma enorme pilha.

Todos estão a postos; todos julgam que é a columna amiga que avança em protecção e abre caminho a canhonaços.

A alegria desabrocha e colora os semblantes empallidecidos pelas longas noites de vigílias, de cansaço e de alarmas.

— ; Emfim, emfim, chega a columna salvadora!

Murmuram baixo, á meia voz, entre si os soldados, cheios de contentamento, porque não podem expandir alto, ruidosamente, o regosijo.

Estão em seus postos de combate e ahi so o chefe e o canhão têm o direito de érguer alto a palavra.

¡ Cruel decepção!

Não é o troar da artilharia ; é a voz do trovão longínquo que prenuncia as tempestades do estio ; é mais um soffrimento que se aproxima ; é mais uma noite que se tem de passar alagado, de pé, firme, attento, vigilante, porque as noites de tormenta são propicias para as surpresas da guerra!

O chefe da praça guarda o binóculo, sorri e diz aos officiaes que o cercam, e com a voz bastante alta para que a ouçam os seus soldados:

— A columna ha de chegar ; amanhã ou depois, sem dúvida, estará aqui. ¡ Havemos de vencer !

E o leão lançava assim mais uma chispa de sua desmedida coragem na alma da maioria dos combatentes, e a esperança mais uma vez tambem pousava nas tendas de guerra da praça sitiada.

GUMERSINDO não esperava encontrar aquella terrivel resistencia, que demorava a realização de seu plano de invadir São Paulo: e que dava tempo a reunirem-se forças legaes na fronteira do Itararé. O seu desejo de sitiar a praça, para obrigar-a a render-se pela fome e pelo cansaço, e poupar assim a mortandade em suas fileiras, não podia ser satisfeito ; travaram-se, portanto, os combates que vimos e que continuaram a ferir-se para tomar de assalto a cidade, porque toda a demora lhe era funesta.

O marechal FLORIANO ia accumulando tropas na divisa do Paraná. Era preciso, pois, avançar, avançar quanto antes, sem deixar á rectaguarda aquella formidavel obstáculo levantado pela espada do glorioso CARNEIRO e as forças federalistas não eram tão numerosas que pudessem destacar, para proseguir no cerco, parte para marchar sem demora, transpor aquella fronteira, e bater o nucleo do exército que se formara ali, de modo a inspirar serios receios.

Demais, chegavam noticias da esquadra legal, *a esquadra de papelão*, como a intitulavam, para ridicularisal-a, os revoltosos. Ella não era mais um mytho, um conto, um fantasma com que a legalidade procurava apavorar os marinheiros revoltosos.

Tudo isso impressionava vivamente os chefes da revolução, e realmente era motivo para apprehensões graves, tanto mais que as coisas políticas não iam bem no seio do proprio governo provisório, instituido na capital de Santa Catharina.

**1903** — O *Jornal do Brasil*, que na edição da véspera começara a publicar os nomes dos patriotas alistados nas fileiras da *Legião Mallet*, continúa a publicar, em columna especial da sua página de honra, os nomes dos novos voluntarios.

O coronel commandante da Legião, não podendo afastar-se da secretaria do corpo, onde era grande o número de patriotas que corriam a se alistar naquellas fileiras, offerece uma taça de champagne aos officiaes e manda distribuir cerveja aos legionarios presentes, ao meio-dia, em homenagem ao anniversario natalicio do marechal ARGOLLO, ministro da guerra, que foi entusiasticamente saudado, bem como seus dignos auxiliares os tenentes-coroneis Drs. MORAES REGO.

O capitão-ajudante saudou o marechal MALLETT, que foi vivamente applaudido; foram tambem saudados o commandante, officiaes e praças da Legião, sendo o brinde de honra levantado pelo commandante ao BARÃO DO RIO BRANCO, synthetizando a Nação Brasileira.

---

#### OS HOMENS DO DIA

**814** — Morre CARLOS MAGNO, Rei da França e Imperador do Occidente, nascido em 742.

Foi o monarcha do seu tempo que maiores dominios reuniu sob sua jurisdicção, tendo conseguido collocar á sombra do seu sceptro todos os povos germânicos.

E' o padroeiro da Universidade de Paris, que com toda a França festeja neste dia a sua memoria.

**1725** — Morre PEDRO, o Grande, Csar da Rússia e fundador da cidade de S. Petersburgo, capital do Imperio russo.

Nascera em Moscow a 11 de Julho de 1672. Foi um homem de talento superior; e, si praticou crueldades para vencer os obstáculos, que apresentavam na execução dos seus planos, teve sempre em vista a grandeza e prosperidade do seu paiz.

Para introduzir as artes na Russia elle mesmo fez-se operario: foi carpinteiro, engenheiro, marinheiro e soldado.

### MÁXIMA MILITAR

**Q**u podes deixar que te dêem o objectivo e o fim; mas desde o momento em que te vejas diante do inimigo, com a responsabilidade do commando em chefe de tuas forças, não aceites do teu governo plano algum antecipadamente formado: nenhuma instrucção determina o modo de agir e levar por diante a guerra.

Marechal BUGEAUD.

### 29 DE JANEIRO

**1635** — «Longo fôra, diz TEIXEIRA DE MELLO, e talvez fastidioso, memorar aqui todos os actos da gigantesca luta que sustentámos com os hollandezes nas diversas partes do nosso territorio, em que dominaram por tanto tempo; não o poderíamos fazer sinão de um modo incompleto e imperfeito, pela natureza especial destas páginas, destinadas a referir factos isolados.

Remettemos, pois, o leitor para as obras que tratam desenvolvidamente deste interessante assumpto, especialmente a que nos deixou o VISCONDE DE PORTO SEGURO, que poz em discreta contribuição tudo quanto se escrevera antes.

Commemoraremos, entretanto, agora o encontro que os nossos tiveram com os invasores na aldeia de S. Miguel, e no Engenho Mussurepe, dos monges beneditinos, encontro em que o valente capitão FRANCISCO REBELLO recebeu dois ferimentos.

Tomada a capitania da Parahyba, mandara o Conselho Político Hollandez o coronel ARCIZEWISKI submeter Goyana; levantara elle o seu acampamento desse ponto, em que se demorara 15 dias, e marchara para S. Miguel (em Pernambuco), onde estava a nossa gente intrincheirada, sob as ordens de REBELLO,

Este, não podendo resistir ao inimigo, que avançava sempre, retira-se do povoado e embosca-se num desfiladeiro, a seis horas de viagem do ponto abandonado, S. Miguel, que incendiara.

Ainda dahi se retira REBELLO, que, não podendo disputar a marcha ao inimigo, em campo aberto, se refugia nas mattas. No engenho Mussurepe, último logar onde estivera, acampam os holandezes por muitos dias.

Nas mattas deste engenho viera o tenente METTINGH com oitenta mosqueteiros verificar si REBELLO ainda la estava; quando este os apanha dentro da matta, cai sobre elles, mas nada consegue fazer e fica ferido.

**1739** — Decreto do rei D. João V estabelecendo os tratamentos de *excellencia, illustrissima, senhoria, reverendissima e paternidade*, segundo as hierarchias e os cargos das pessoas.

**1781** — Nasce em Lisboa o brasileiro adoptivo marechal FRANCISCO JOSÉ DE SOUSA SOARES DE ANDRÉA, BARÃO DE CAÇAPAVA, fallecido em Montevidéo, quando exercia o cargo de chefe da demarcação de limites entre o Imperio do Brasil e a República do Uruguay, a 2 de Outubro de 1858.

Foi conselheiro de Estado e de guerra, official do Cruzeiro, commendador da ordem da Rosa e gran-cruz da de S. Bento de Aviz. Viera para o Brasil com a Familia Real, em 1808, tendo então o posto de 2º tenente de artilharia, com os cursos de engenharia e de navegação.

No dia da sua chegada ao Rio de Janeiro foi promovido a 1º tenente; e assumiu, nessa mesma data (8 de Março de 1808), a direcção do Archivo Militar. Em 1817 seguiu para Pernambuco, como encarregado da secretaria do governo e da organização da capitania; ahi interveio em favor das victimas da revolução pernambucana.

Proclamada a Independencia do Brasil a 7 de Setembro de 1822, desde então prestou com toda lealdade os mais relevantes serviços á patria adoptiva. Militou na campanha Cisplatina, tomando parte no combate de Ituzaingo, a 20 de Fevereiro de 1827, como ajudante-general do exército. (Vide a *epheméride* de 20 de Fevereiro).

Serviu na campanha do Rio Grande do Sul, mais conhecida por *Guerra dos Farrapos*; administrou a provincia do Pará, na calamitosa quadra de 1831; a de Minas Geraes, após a revolução de 1842, a da Bahia e a do Rio Grande do Sul, todas no duplo character de presidente e commandante das armas.

Representou o Rio de Janeiro e Minas como deputado á Assembléa Geral Legislativa do Imperio. Era um homem notavel pela energia do character e a finura e penetração de espirito, que se tornaram proverbias.

Contam-se delle as mais interessantes passagens, que perduram como anedotas na tradição oral.

Era presidente do Rio Grande do Sul, quando lhe appareceu um individuo a pedir lhe um emprego de pouco trabalho e de grande ordenado. O general ANDRÉA disse-lhe com a maior amabilidade :

— Olhe, veja si encontra dois empregos assim, que o primeiro será para mim e o outro para o senhor

Ainda nessa mesma presidencia, o illustre general tinha como official de gabinete seu filho, que era então major (e que tambem veio a ser general, como se verá mais adiante).

Appareceu-lhe um dia certo velho, a quem não prestou immediatamente attenção, continuando a escrever; o homem tossiu, gesticulou, mas como o presidente continuasse imperturbavelmente a escrever, perguntou-lhe, em tom raivoso :

— V. Ex. sabe quem eu sou ? !

— Não. (E continuou a escrever).

— Pois saiba que sou o pai do BARÃO DE JACUHY !

— E eu sou pai daquelle major que está ali. respondeu-lhe o general ANDRÉA, sem interromper o que estava escrevendo.

O illustre general SOARES ANDRÉA escreveu diversas obras, além de plantas, cartas e relatorios, sendo dignas de nota as que se intitulam: *O carvão de pedra no Rio Grande do Sul* e *Observações aos Apontamentos sobre o estado actual da fronteira do Brasil*, por DUARTE DA PONTE RIBEIRO, feitas em 1847.

**1838** — Nasce na cidade do Rio de Janeiro o almirante EDUARDO WANDENKOLK, fallecido na mesma cidade a 4 de Outubro de 1902.

Assentou praça de aspirante a 1 de Março de 1853; foi guarda-marinha a 29 de Novembro de 1855, embarcando em Dezembro desse mesmo anno na corvetá *D. Isabel*, que fez viagem de instrucção até o Cabo da Boa Esperança; foi promovido a 2º tenente em 11 de Junho de 1858 e a 1º tenente em 2 de Dezembro de 1862.

Nesse posto seguiu para a guerra do Paraguay, onde muito se distinguiu, voltando como capitão-tenente (desde 12 de Abril de 1868); foi promovido a capitão de fragata em 17 de Novembro de 1875; a capitão de mar e guerra em 2 de Dezembro de 1882 e a chefe de divisão em 2 de Dezembro de 1887.

Em 15 de Novembro de 1889 assumiu a gestão da pasta da Marinha no Governo Provisorio da República. Em 30 de Dezembro desse mesmo anno passou a ter o posto de contra-almirante; e em 15 de Janeiro de 1890 foi promovido a vice-almirante.

Depois de exercer os ministerios da Guerra e do Interior, foi commandante em chefe da Esquadra. Em Dezembro de 1891 tomou assento no Senado Federal. Em 1892 e 1893 achou-se o seu nome envolvido em episodios revolucionarios, tendo sido reformado primeiramente e depois preso com as armas na mão.

Um processo judicial annullou-lhe a reforma, e a amnistia o fez voltar á actividade. Em 1900 foi nomeado chefe do estado maior da Armada, ficando encarregado do expediente do ministerio da Marinha quando o respectivo serventuario foi a Buenos Aires, com o Presidente CAMPOS SALLES. Commandou a Esquadra

e presidiu a commissão téchnica de estudos dos planos de submarinos de invenção brasileira.

Entre outras condecorações mereceu as seguintes : da Campanha Oriental, rendição de Uruguayana, Passagem de Humaytá; cavalleiro da ordem da Rosa, medalha da Real ordem portugueza de N. S. da Conceição de Villa Viçosa, ordem de Aviz; medalha de mérito militar por bons serviços prestados durante mais de 30 annos. Desempenhou commissões da maior importancia, e foi presidente do Club Naval.

O governo fez-lhe pomposos funeraes; o féretro passou por entre alas de soldados e marinheiros, ao troar das descargas das tres armas, recebendo as continencias devidas ao mais alto posto das forças navaes. Mas o que mais impressionava, no meio das cerimoniaes fúnebres, era a funda tristeza que transparecia em todos os semblantes, desde os soldados e marinheiros até os marechaes e almirantes.

E' que o grande chefe do estado maior da Armada, o preclaro almirante EDUARDO WANDENKOLK, era, acima de tudo, um homem bom, uma verdadeira « alma de criança em corpo de gigante », como disse um dos seus biógraphos. Realmente, a sua bondade parecia disputar primasia á sua grandeza moral.

Antes de ser dado o corpo á sepultura, depois da oração de um sacerdote do catholicismo, falou o meu velho amigo LOPES TROVÃO, o tribuno consagrado, que agita as multidões aos caprichos da sua eloquencia. Era temeridade falar logo em seguida; mas, como ninguem mais o fizesse, julguei de meu dever despedir-me do amigo que me precedia na mysteriosa viagem do Além.

Não sei o que disse, apenas sei que as palavras que me brotaram dos labios foram todas sahidas do coração. Agora, mais calmo, posso completar aqui a minha homenagem de estima e admiração a um dos melhores homens que tive a ventura de conhecer de perto.

Aquelle marinheiro, á primeira vista rude como o oceano, tinha do oceano as tempestades e as calmarias, as pérolas e os coraes. No cumprimento do dever, era severo e rispido como as ondas encapelladas que fustigam os rochedos; na intimidade, do

lar, era meigo e brando como as brisas que beijam a superficie do leito das ondinas.

Para fazer-lhe o elogio não se precisa mais do que ler em voz alta a sua gloriosa fé do officio, que é a brilhante synthese das mais singulares virtudes cívicas ao serviço do patriotismo.

Assentando praça de aspirante, quando contava somente 15 annos de idade, dois annos depois ostentava no punho de sua farda o galão de guarda-marinha, e de então por diante foi conquistando todos os postos, até chegar ao mais elevado na sua classe, impondo-se ao respeito e estima de seus companheiros, pela superioridade de suas qualidades moraes.

Fez as campanhas do Uruguay e do Paraguay, foi membro do governo provisorio, dirigindo com a maior proficiencia a pasta da marinha, fez parte da Constituinte como senador federal, foi um dos signatararios do célebre *Manifesto dos Treze Generaes*, e representou saliente papel na revolução de 6 de Setembro de 1893.

Occupava, finalmente, o alto cargo de chefe do estado-maior da marinha, quando a morte o foi surprehender, ferindo-o no seu gabinete de trabalho, ao lado do seu secretario e ajudantes, que o viram com espanto cair no seio da morte.

A morte parece temer os immortaes: fere-os traiçoeiramente, como fez com CUSTODIO DE MELLO, poucos mezes antes, com a mesma cautelosa perfidia com que ousou atacar EDUARDO WANDENKOLK, na sua propria repartição militar

Duas coincidencias vem assoberbar a grande perda que o Brasil acaba de soffrer: o bravo almirante fluminense morre na mesma data em que morreu um dos mais gloriosos generaes rio-grandeses, o legendario OSORIO. E o corpo do nosso poderoso marujo foi dado á sepultura á mesma hora em que em Paris tambem era sepultado EMILIO ZOLA, o heróe do pensamento.

Essas duas mortes impressionaram-me profundamente, porque eu amava esses dois redivivos. Nunca vi ZOLA, mas ouvi-o muitas vezes, nessa mysteriosa confidencia dos espíritos que se communicam constantemente por intermedio das páginas escriptas. Tive a suprema ventura de ver amiudadas vezes EDUARDO WANDENKOLK, ouvindo-o nas constantes expansões do seu espirito radi-

oso e na crystalina transparencia dessa alma verdadeiramente infantil.

Os heróes e os genios são todos assim: alegres, simples, modestos, fascinadores. Ai dos que confiam na herocidade dos cautelosos, que medem a phrase e dominam os gestos, na imperturbavel sisudez dos pedantescos Mentores!. *.Latet anguis in herbis...* Prefiro os desastrados sonhadores que vivem a correr atraz de utopias, morrendo quasi sempre dentro de seu sonho de amor e de bondade, de abnegação e de altruismo.

¡ Como são pérfidas às conjecturas humanas! Hontem ainda, recorrendo ao poderoso auxilio da memoria do almirante WANDENKOLK, em pontos da vida íntima de alguns de seus heroicos companheiros mortos, eu pensava poder retribuir tamanho auxilio com palmas e louros, que é a única retribuição que se encontra para dar aos heróes; e hoje. so goivos pode receber aquelle que de louros e palmas encheu o Pantheon do Brasil.

A lei da evolução é fatal; o transformismo retirou-o do scenario do mundo, para que elle melhor possa viver na grande existencia subjectiva; mas a morte, que se atreveu a arrebatá-lo, não conseguirá envolver na mortalha um nome que pode ser desfraldado como uma bandeira.

**1839** — Combate do Rio Pardo. (*Guerra dos Farrapos*).

**1894** — Officio do commandante das forças navaes norte-americanas ao marechal ENÉAS GALVÃO, BARÃO DO RIO APA, ministro interino da guerra e commandante da praça do Rio de Janeiro :

« Commando em chefe da esquadilha norte-americana no porto do Rio de Janeiro, 29 de Janeiro de 1894. — A S. Ex. o Sr. marechal Ministro da Guerra e commandante da praça.

Dirigi ante-hontem uma notificação ao chefe dos insurgentes, prevenindo-o de que os navios mercantes de minha nacionalidade estavam sob a protecção da esquadilha sob o meu commando e de que a esquadra insurgente não podia absolutamente fazer fogo sobre elles, que podiam descarregar livremente nos logares indicados pelas autoridades legaes,

Não tendo recebido resposta alguma até as 10 horas da noite, dirigi então uma intimação communicando que, si os insurgentes fizessem fogo sobre os navios mercantes, os navios de guerra americanos responderiam a esse fogo.

Hoje, as 10 horas da manhã, sahi do trapiche do Lloyd Brasileiro uma lancha com a bandeira americana, conduzindo um 1º tenente americano para bordo; esta lancha foi chamada á fala pelo *Trajano*, que, não sendo obedecido, fez fogo contra a mesma.

Nessa occasião o cruzador *New York* intimou o navio insurgente, que não obedeceu. Então o *New York* aproximou-se do *Trajano* para abordal-o, disparando nessa occasião 14 tiros, 7 dos quaes attingiram o navio insurgente.

O rebocador *Gil Blas*, que perseguia a rápida lancha, foi alcançado por uma bala, que lhe inutilisou a pôpa.

Peço, acho conveniente, á vista da minha firme resolução de intervir directamente afim de proteger o commercio de minha nacionalidade, que o governo avise os moradores das proximidades da ilha das Cobras, afim de não serem sacrificadas as suas vidas e destruidas as suas propriedades. (Assignado) O contra-almirante *A. F. K. Bengau*.

**1903** — Tendo o commandante da *Legião Mallet* respondido satisfatoriamente á consulta de alguns estrangeiros, que desejavam prestar serviços ao Brasil, conservando cada um a sua respectiva nacionalidade, começam a alistar-se como voluntarios da mesma Legião—inglezes, allemães, francezes, italianos, espanhões e portuguezes.

O *Jornal do Brasil* publica as seguintes cartas, nas suas columnas editoriaes:

«Exmo. Sr. MUCIO TEXEIRA, m. d. commandante da Legião Mallet.

Accudo pressuroso ao vosso chamado, alistando-me nas fileiras do vosso inteligente commando.

Combati o gentio d'África, ao lado do glorioso MOUSINHO DE ALBUQUERQUE; e com o mesmo ardor patriótico com que defendi o pavilhão das Quinas, symbolo da minha Patria de nascimento,

defenderei também a bandeira auri-verde, symbolo glorioso desta Patria adoptiva de meu coração.

Não é so nos momentos de alegria que Portugal manifesta a sua *sympatia* pelo Brasil: torna-se solidario com elle nos momentos de perigo, em que para todos, brasileiros e portuguezes, é dever imperioso levantar bem alto o prestigio da nossa raça e das nossas tradições.

Rio de Janeiro, 29 de Janeiro de 1903. *A. Cunha Foyas*, ex-sargento das campanhas da Africa ».

— « Exmo. Sr. coronel MUCIO TEIXEIRA.

O infrascripto é natural da Espanha, solteiro, de 25 annos de idade, residente nesta capital ha quinze annos, e brasileiro de coração.

Sabendo que V Ex. commanda a *Legião Mallet*, vem pedir a V. Ex. que o inclua nessas fileiras.

Esperando anciosamente a gentilíssima resposta do illustre commandante, sou de V Ex. respeitador, e prompto a receber ordens—*Emilio Loto*, residente á rua da Misericordia n. 142 ».

— O legionario dinamarquez CARLOS AUGUSTO FREDERICO MENDE, que tinha a sua familia em Minas Geraes, enviou á redacção do mesmo jornal o seguinte tópico de uma carta de sua digna esposa:

« Querido AUGUSTO. — Faço votos a DEUS para que ao receber esta estejas de perfeita saude ; todos por aqui passamos bem. . . .

Li hoje no *Jornal do Brasil*, o teu offercimento para seguir para o Acre com a muito digna *Legião Mallet*, o que no primeiro momento muito me entristeceu e affligiu, pois devias te lembrar que ainda tens mãe, mulher e filhos ; mas depois considerei que a tua vontade é generosa e patriótica ; e si a mulher pelo marido deve esquecer pai e mãe, o marido pela Patria deve sacrificar a mulher e os filhos.

Respeito o acto que praticaste, e so me resta rogar a DEUS para que sejas feliz, e que toda a *Legião Mallet* volte coberta de glorias. O amor-perfeito que te envio, é para o offerceres ao

teu commandante, o Sr. coronel MUCIO TEIXEIRA, que vai juntar os louros da gloria ás flores da poesia.

Tua esposa — *Jesuina Mafalda Mende*. — Santa Luzia de Carangola, Minas».

— Nesta mesma data é feito mais este offerecimento, que na actualidade não podia ser mais significativo e de incontestavel importancia :

« Rio de Janeiro, 29 de Janeiro de 1903. — Preclaríssimo e muito digno Sr. coronel MUCIO TEIXEIRA, commandante da *Legião Mallet*.

Acudindo ao vosso louvavel *desideratum* patriótico, venho submeter ao elevadíssimo criterio que vos distingue os meus projectos de construcção mechânica applicaveis ao bom funcionamento, e economia, defesa e ataque pelos materiaes bélicos, para que conjuntamente com profissionaes, competentemente designados, procedam nos desenhos, *fac-simile* e relatorio o estudo minucioso e confrontativo, em ordem a apurar-se as vantagens de sua applicação no transporte dos utensilios de guerra, pelos caminhos ínvios e charcaes dos campos de operações militares.

Outrosim, autoriso-vos, desde ja, a tornar a sua applicação extensiva a todo o exército brasileiro, desde que o mesmo objectivo da defesa da integridade e dos brios patrios esteja, como agora, patente e inadiavel.

Neste sentido aguardo as vossas ordens, para a immediata apresentação dos respectivos dados. — Do vosso admirador — *Fausto Pedreira Machado*».

#### OS HOMENS DO DIA

**1635** — LUIS XIII approva o decreto de RICHELIEU reconhecendo officialmente os estatutos que reorganisam a Academia Franceza, que actualmente se compõe dos seguintes *quarenta immortaes*.

— DUQUE D'AUDIFFRET-PASQUIER, nascido em Paris, em 1823, eleito e 1878; RENÉ BAZIN, nascido em Angers, em 1853,

eleito em 1903 ; COSTA DE BEAUREGARD, nascido em La Motte-Servolex, em 1835, eleito em 1890 ; MARCELIN BERTHELOT, nascido em Paris, em 1827, eleito em 1900 ; GASTON BOISSIER (secretario perpetuo), nascido em Nimes, em 1823, eleito em 1876 ; JULES CLARETIÉ, nascido em Limoges, em 1840, eleito em 1888 ; ÉMILE FAGUET, nascido em La Roche-sur-Yon, em 1841, eleito em 1900 ; PAUL BOURGET, nascido em Amiens, em 1854, eleito em 1894 ; FRANCOIS COPPÉE, nascido em Paris, em 1842, eleito em 1884 ; ANATOLE FRANCE, nascido em Paris, em 1844, eleito em 1896 ; FERDINAND BRUNETIÈRE, nascido e Toulon, em 1849, eleito em 1893 ; PAUL DESCHANEL, nascido em Bruxelles, em 1856, eleito em 1899 ; CHARLES FREYCINET, nascido Foix, em 1828, eleito em 1890 ; OCTAVE GRÉARD, nascido em Vire, em 1828, eleito em 1886 ; GABRIEL HANOTAUX, nascido em Beauvoir, em 1853, eleito em 1897 ; PAUL HERVIEU, nascido em Neuilly, em 1857, eleito em 1899 ; EUGÈNE GUILLAUME, nascido em. ?, eleito em 1898 ; CONDE D'HAUSSONVILLE, nascido em Gurcy-le-Chatel, em 1843, eleito em 1888 ; HENRI HOUSSAYE, nascido em Paris, em 1848, eleito em 1894 ; LUDOVIC HALLÉVY, nascido em Paris, em 1834, eleito em 1884 ; JOSÉ MARIA DE HEREDIA, nascido em Cuba, em 1842, eleito em 1894 ; HENRI LAVEDAN, nascido em Orleans, em 1859, eleito em 1898 ; JULES LEMAITRE, nascido em Vennecy, em 1853, eleito em 1895 ; FRÉDERIC MASSON, nascido em Paris, em 1847, eleito em 1903 ; ÉMILE OLLIVIER, nascido em Marseille, em 1825, eleito em 1870 ; ERNEST LAVISSE, nascido em Nouvion-en-Thiérache, em 1842, eleito em 1892 ; ALFRED MÉZIÈRES, nascido em Rehon, em 1826, eleito em 1874 ; cardeal PERRAUD, nascido em Lion, em 1828, eleito em 1882 ; JULIEN VIAUD (mais conhecido pelo pseudônimo de *Pierre Loti*), nascido em Rochefort, em 1850, eleito em 1891 ; Conde ALBERT DE MUN, nascido em Lumigny, em 1841, eleito em 1897 ; EDMOND ROSTAND, nascido em Marseille, em 1868, eleito em 1901 ; EDMOND ROUSSE, nascido em Paris, em 1816, eleito em 1880 ; SULLY-PRUDHOMME, nascido em Paris, em 1839, eleito em 1881 ; ALBERT VANDAL, nascido em Paris, em 1853, eleito em 1896 ; VICTORIEN SARDOU, nascido em Paris, em 1831,

eleito em 1877 ; ANDRÉ THEURIET, nascido em Marly-le-Roi, em 1833, eleito em 1896 ; MIS. DE VOGUÉ, nascido em Paris, em 1829, eleito em 1901 ; ALBERT SOREL, nascido em Honfleur, em 1842, eleito em 1894 ; PAUL THUREAU-DANGIN, nascido em Paris, em 1837, eleito em 1893 ; MELCHIOR DE VOGUÉ, nascido em Nice, em 1848, eleito em 1888.

**1914** — Morre em Berlim o célebre philósopho allemão FICHTE.

**1859** — Morre em Portland, o astrónomo americano BOND, que descobriu o 8º satéllyte de Saturno.

### MÁXIMA MILITAR

**E**UM criminoso todo o general em chefe que se encarrega da realização de um plano que lhe parece mau ou desastroso.

NAPOLEÃO.

### 30 DE JANEIRO

**1578** — LOURENÇO DA VEIGA, nomeado capitão-mor locotenente dos donatarios da capitania de S. Vicente, successores de PERO LOPES DE SOUSA, substabelece a procuração dos ditos donatarios na pessoa de SALVADOR CORRÊA DE SÁ e yai tomar posse do governo geral do Estado do Brasil, na Bahia, em cujo cargo falleceu a 17 de Junho de 1580.

**1803** — O chefe de esquadra PAULO JOSÉ DA SILVA GAMA, mais tarde BARÃO DE BAGÉ, toma posse do governo da capitania do Rio Grande do Sul, como seu commandante e militar exerceu esse cargo até a posse de D. DIOGO DE SOUSA, nomeado capitão-general. (Vide a *epheméride* de 9 de Outubro de 1809).

**1808** — O capitão de mar e guerra D. MANUEL DE MENEZES, commandante da nau *Martim de Freitas*, que fazia parte da es-

quadra que chegara ao Rio de Janeiro com alguns membros da Família Real, passando-se á noite da nau *Rainha* para o escaler que o devia levar para o seu navio, cai desastradamente ao mar, e apesar das diligencias empregadas não foi possível salvá-lo.

O seu cadaver appareceu dias depois e foi sepultado na igreja da Misericordia. Era irmão de D. GUILHERME FERREIRA D'ÊÇA E MENEZES, CONDE DE CAVALLEIROS, que tambem teve uma morte desastrosa: acompanhando a Família Real em um passeio á Tijuca, aproximou-se demasiado de uma borda limosa da cascata, escorregou e despenhou-se pelas pedras abaixo, encontrando-se depois o seu cadaver despedaçado.

**1819** — Convenção celebrada com a cabildo de Montevideo, fixando os limites entre o Rio Grande do Sul e a Banda Oriental do Uruguay, afim de se prevenirem contestações futuras.

A guerra começada em 1816 tinha chegado ao seu termo com a occupação de Montevideo, que estendia ao Rio da Prata o limite meridional da possessão portugueza na América.

O cabildo nomeara a D. PRUDENCIO MORGUIONDO, como seu plenipotenciario, para tratar com o do Brasil, o coronel de engenheiros JOÃO BAPTISTA ALVES PORTO, da alludida demarcação. A linha divisoria fixada foi modificada depois.

**1822** — Ordena a Junta Provisoria de Pernambuco que embarquem para Portugal as tropas portuguezas que tinham ficado na provincia, e que viviam em continuas rixas e conflictos com o povo, que não as tolerava.

**1823** — A guarnição da escuna *Maria Thereza*, em viagem de Maldonado para a Colonia, conduzindo artilharia, revolucionase, capitaneada pelo 2.º tenente PROCOPIO LOURENÇO DE ANDRADE, prende o commandante capitão-tenente FRANCISCO DE ASSIS CABRAL, e entrega-se aos portuguezes.

A ordem do dia n. 51, publicada pelo brigadeiro D. ALVARO DA COSTA, em 12 de Fevereiro do mesmo anno, elogia o honrado e leal procedimento de um cabo de esquadra e seis marinheiros, autores da revolta, e declara ter-lhe satisfeito ver que o tenente PROCOPIO merecera a confiança da guarnição »

**1827**—O general DUARTE CORRÊA DE MELLO, que commandava a linha exterior de Montevideo, desaloja do Pantanoso e Magarinos as forças argentinas e orientaes que bloqueavam aquella praça.

**1835**—Assume interinamente o cargo de ministro da marinha o coronel JOÃO PAULO SANTOS BARRETO, que, em 14 de Maio seguinte, é substituído pelo desembargador JOAQUIM VIEIRA DA SILVA E SOUSA.

**1865**—Bate-se a cavilha do primeiro encouraçado construído no Arsenal do Rio de Janeiro—o *Tamandaré*. Foi lançado ao mar em 23 de Junho do mesmo anno, gastando por consequencia sua construcção apenas quatro mezes e vinte e tres dias.

E' lançado ao mar, do mesmo Arsenal, o vapor *Taquary*.

**1894**—Nota ácerca do protexto, lavrado nos mesmos termos (vide a *ephéméride* de 29) contra o acto de força do almirante commandante em chefe das forças navaes norte-americanas:

« Commando em chefe das forças em revolução contra o governo do marechal FORIANO PEIXOTO no porto do Rio de Janeiro. — Bordo do cruzador *Liberdade*, 30 de Janeiro de 1894. — A S. Ex. o Sr. commandante em chefe das forças navaes portuguezas.

Todos os navios surtos neste porto, assim de guerra como mercantes, foram testemunhas da opposição tão grave, quão apparatusa, que a esquadra sob o meu commando soffreu hontem de manhã, das forças navaes ao mando de s. ex. o sr. almirante Benhan, da marinha dos E. U. da América do Norte.

Partindo do princípio de que o elemento revolucionario no Brasil, do qual a esquadra que opera neste porto é apenas um factor, não foi ainda reconhecido como belligerante, e baseando-se no dever de proteger *quand même* o commercio marítimo sob a bandeira do seu paiz, S. Ex. acreditou lícito empregar com ostentação a imponente força naval sob o seu commando para obrigar a esquadra revolucionaria a consentir que tres navios mercantes norte-americanos, em vez de executar sua descarga sobre âncora, o fizessem amarrados ao longo dos trapiches da cidade.

As medidas adoptadas pelas forças sob meu commando jamais foram de natureza a offender os interesses do commercio marítimo estrangeiro ; ao contrario, chegámos até a consentir um *modus vivendi*, segundo o qual, em troca da não atracação dos navios mercantes aos trapiches da cidade, o que embarçaria as nossas operações militares, concordámos em deixar circular nas aguas do porto, sob a protecção de bandeiras estrangeiras, rebocadores, lanchas e barcos de descarga, por sua natureza brasileiros e portanto sujeitos a serem por nós apprehendidos.

Estas medidas foram até agora aceitas e respeitadas pelos chefes das forças navaes estrangeiras surtas neste porto, inclusive os da marinha dos E. U. da América do Norte, que aqui se acha representada a bem dizer desde os pródrômos da actual situação.

O nosso demorado reconhecimento como belligerantes pelas nações estrangeiras, que se interessam nos negocios do Brasil, si não nos tem dado certas faculdades de direito consuetudinario e escripto, comtudo não nos pode inhibir de exercer certa vigilancia em prol de nossa propria defeza e conservação.

Si não temos existencia legal, no sentido rigoroso desta expressão internacional, nem assim se nos pode negar a nossa existencia de facto como combatentes, por espaço de quasi meio anno, no porto da capital do paiz, em face do centro do poder do nosso adversario — caso inteiramente novo.

Pela primeira vez, uma força revolucionaria assim se mantém, por tão longo espaço de tempo, dentro de um porto, em posição de impedir todo o seu movimento.

A novidade do caso explica, sinão justifica, a novidade das medidas adoptadas e acceitas até agora. Não entendeu, porém, assim s. ex. o sr. contra-almirante Benhan.

No empenho, segundo affirma, de proteger a todo o transe o commercio marítimo norte-americano, como, quando e do modo que a este convier, s. ex, pela sua desabrida attitude de hontem nos collocou perante o dilemma de, ou entrar em guerra com a nação que elle representa, o que não pode ser nossa intenção nem nosso desejo, quando estamos combatendo para libertar nossa Patria de um governo dictatorial, ou então a desfazer por nossa

parte, e único interesse dos seus nacionaes, o *modus vivendi* aceito até esta data.

Pondo de parte a offensa moral resultante do acto, contra o qual ja hontem lavrei o meu protesto pela voz do canhão e pela penna, resta saber agora si essa alteração do *modus vivendi* aceito não vem modifical-o completamente. Diante de um acto de força, contra o qual não posso pretender reagir tambem pela força neste momento, tenho que consentir, de ora em diante, na attracção ao longo dos trapiches da cidade dos navios norte-americanos, o que importa, pelo principio da imparcialidade, em reconhecer a mesma vantagem a todos os demais navios mercantes estrangeiros que frequentam este porto.

Portanto, ficam assim annulladas, e contra nós, as concessões que, em relação á embarcações do tráfego do porto, acreditamos dever fazer em proveito do commercio marítimo estrangeiro, por intervenção dos mesmos chefes das respectivas forças navaes.

Deixamos a v. ex. o julgar do que ha de injusto e desvantajoso em semelhante situação—para nós, que acreditamos estar nos batendo por uma causa nobre e nacional,—pedimos á v. ex. que se digne de aceitar a segurança da nossa maior consideração e respeito. — (assignado) O contra-almirante, *Luis Felippe de Saldanha da Gama* ».

**1903** — Achando-se alistados nas fileiras da *Legião Mallet* 1200 voluntarios, começam os trabalhos de organização dos tres corpos, um de artilharia, um de infantaria e um de cavallaria, de conformidade com o plano de reorganisação do exército, elaborado pelo ex-ministro da guerra, que deu o nome á mesma Legião.

O coronel commandante em chefe teve a preocupação de so conferir patentes de officiaes a officiaes reformados, honorarios do Exército, ou da Guarda Nacional; sendo louvavel o patriotismo de muitos coroneis, tenentes-coroneis e majores, que se offereceram para servir como simples soldados, sendo, porém, todos classificados como officiaes, embora alguns so pudessem ser aproveitados em posto inferior ás respectivas patentes.

Os médicos, advogados, engenheiros e negociantes foram escolhidos para o estado-maior, sendo os académicos classificados como inferiores.

### OS HOMENS DO DIA

**1879** — Deixa a presidencia da República Franceza o marechal de MAC-MAHON

**1885** — Morre em Paris o químico francez MALLET, que aperfeiçoou a fabricação do gaz de iluminação.

Ponhamos de parte os primitivos systemas de producção de luz artificial, desde os vapores das fontes naturaes, utilizados pelos japonezes, do *brandão* de FELIPE V. até á vela, fabricada pela primeira vez em Constantino, para ouvir o que a esse respeito diz LUIS FIGUIER :

« Os archotes feitos de varas de diversas árvores resinosas foram o primeiro meio de que se serviram os homens para se illuminarem. Ainda hoje, entre diferentes povos selvagens, a combustão da madeira resinosa é o único meio de produzir a luz.

Na civilização antiga, o azeite e a cêra foram as primeiras substancias consagradas á iluminação. Os povos índios, todos os habitantes da alta Asia, os egypcios e os hebreus, fizeram uso, desde a mais remota antiguidade, de *lâmpadas* que serviam para a combustão do azeite.

O uso do sebo, isto é, da gordura que accumula em volta do tubo intestinal o carneiro, é muito posterior ao do azeite e da cêra. As velas de cêra foram usadas pela primeira vez na Inglaterra, no século XII; na França so appareceram em 1370, no reinado de CARLOS V »

O aperfeiçoamento de MALLET, na fabricação do gaz carbônico, foi o primeiro passo assignalado no campo da prática, onde hoje se ostentam victoriosos o gaz acetyleno e a luz eléctrica, parecendo que a última palavra acaba de ser proferida pelo inventor da *illuminação por incandescencia no vacuo*.

## MÁXIMA MILITAR

**P**ROVER a subsistencia do exército, attendendo a todas as necessidades, é este o primeiro dever de um chefe de expedição, que o deve considerar como uma lei suprema:

DE GUERLACHE.

## 31 DE JANEIRO

**1531** — D. JOÃO III tinha nomeado (a 20 de Novembro de 1530) MARTIM AFFONSO DE SOUSA capitão-mor da armada que devia guardar as costas do Brasil, por causa da noticia que tivera aquelle Rei das explorações de CABOT e DIOGO GARCIA, no Rio da Prata, e das tentativas dos francezes para se estabelecerem em Pernambuco e na Bahia.

VICTOR HUGO allude a isso nestes bellos versos do seu *Ruy Blas* (acto III, scena I) :

Após Felippe IV, em ócio longo e vil,  
Perdemos, sem lutar, Portugal e Brasil ;  
Podem agora rir da nossa antiga audacia  
Steinort no Luxembourg e Brisach pela Alsacia ;  
Todo inteiro o Condado, o Rossilhão, Ormuz,  
E Gôa e Pernambuco, e as Montanhas Azues !

MUCIO TEIXEIRA — *Hugoniana*5.

MARTIM AFFONSO, que partira de Lisboa 26 dias antes e aportara a 3 de Dezembro daquelle anno de 1530 á Ribeira Grande, na ilha de Santiago, (Cabo Verde) e a 3 de Janeiro de 1531 continuara daquelle porto a sua derrota para o Brasil, no quarto d'alva de 31 de Janeiro avistou terra.

Estavam as naus da sua expedição em frente á costa de Pernambuco, onde dão caça a uma nau franceza que encontram vindo para o norte. Conseguem aprisional-a defronte da ponta de Olinda, chamada nesse tempo *Cabo de Percaauri*.

Capturam depois, a 17 de Fevereiro, ainda outra nau da mesma nação, que encontram fundeada além do Cabo de Santo

Agostinho. PERO LOPES, irmão de MARTIM AFFONSO, vinha em sua compahia.

**1580** — Morre com 68 annos exactos de idade, no sitio de Almeirim, o Cardeal-Rei D. HENRIQUE, sem deixar ventilada a successão da corôa. Ficam tres governadores incumbidos da Regencia do Reino. D. HENRIQUE era o 7.º filho do 2.º matrimonio do Rei D. MANUEL.

Succedendo na corôa de Portugal, em 28 de Agosto de 1578, a seu sobrinho D. SEBASTIÃO, desaparecido na Africa, foi de curta duração o seu reinado. Aqui damos a rápida noticia da sua vida de Rei, aproveitada (por TEIXEIRA DE MELLO) de uma folha portugueza contemporanea:

D. ANTONIO, prior do Crato, que pretendia ser filho legítimo do Infante D. LUIS e de VIOLANTE GOMES; e a DUQUEZA DE BRAGANÇA, dentro do paiz, e fóra delle, a Rainha de França, o DUQUE DE SABOYA, o PRÍNCIPE DE PARMA e FELIPE de Espanha, allegavam direitos á corôa de Portugal.

D. HENRIQUE, mais proprio para os negocios da igreja do que para os da política, via-se perplexo, e convocando as côrtes em Almeirim, pronunciaram-se ali os partidos. O CARDEAL-REI fez sahir para trintá léguas da côrte o PRIOR DO CRATO e o DUQUE DE BRAGANÇA.

Ao mesmo tempo CHRISTOVAM DE MOURA recrutava adhesões para FELIPE II de Castella. No meio destas perturbações, e sem haver successão ao throno. D. HENRIQUE adoeceu gravemente, e morreu no dia indicado, « quando a lua padecia um grande eclipse », conforme dizia um sisudo historiador

Conta-se que o CARDEAL-REI, no dia immediato ao da perda da batalha de Alcaçar-quibir, tivera uma visão em que lhe apparecera D. MANUEL DE MENEZES, bispo de Coimbra, com muitas feridas, e lhe dissera: « Para o mundo tudo está perdido; para DEUS os mais somos ganhados »

No reinado de D. HENRIQUE morreram LUIS DE CAMÕES, JERÔNIMO OSORIO e AFFONSO DE ALBUQUERQUE, o incomparavel

poeta dos *Lustadas* e os dois escriptores mais notaveis do seu tempo.

O CARDEAL-REI passa por santo para alguns historiadores, fundando-se estes em que fôra achado o seu cadaver incorrupto e as vestes cardinalícias intactas, quando, por ordem de D. PEDRO II, o tranferiram para um sumptuoso mausoléu, mandado fazer pelo dito Monarcha.

Fôra inquisidor-geral do Reino, e jaz em Belém.

«A sua perda, diz REBELLO DA SILVA na sua *Historia de Portugal* (tomo I, pág. 531) não foi sentida nem chorada. Sacerdote fanático, pouco esclarecido e vingativo, príncipe devorado de insaciavel, mas esteril ambição, no throno confirmou todos os seus defeitos, sem os remir por um so rasgo de virtude, ou de capacidade.

Teve, como autor ou cúmplice, o fatal destino de assistir a todos os passos da rápida e dolorosa declinação do glorioso imperio de seu paiz ».

**1817** — O tenente-general FRANCISCO DAS CHAGAS SANTOS entra em S. Thomé, depois de ter destruido as povoações de La Crus e Yapeyú nas Missões Correntinas, e de haver posto em fuga o coronel ANDRÉ DE ARTIGAS. (*Guerra do Sul*).

**1823** — Decreto concedendo ao exército e á armada em operações no Rio da Prata, sob as ordens do BARÃO DA LAGUNA, uma medalha de distincção, que tinha a fórmula de uma cruz.

Devia ser de ouro para os officiaes generaes, de prata para os superiores e subalternos e de metal branco para as praças de pret.

«Esta medalha será uma cruz, sendo de diferentes metaes, segundo as graduações que corresponderem ás pessoas, a quem competir, como abaixo se declara; e terá em cima, por timbre, um dragão alado, alludindo ao presenté glorioso governo da casa de BRAGANÇA no Brasil.

De um lado representará um ramo de oliveira, posto sobre o serro de *Monte Vidéo* (emblema da Banda Oriental do *Rio da Prata*), indicando a pacificação concluida pelas armas nacionaes,

e do outro lado terá a seguinte legenda : — *Petrus, Primus Brasiliæ Imperator, Dedit.*

Nos braços da cruz terá as épocas que marcam os annos de effectivo serviço na provincia de *Monte Vidéo*, da maneira seguinte : um anno, si é marcado no braço superior ; dois, vão nos dois braços lateraes ; tres, no superior e lateraes ; quatro, em todos os braços ; cinco, nos quatro de um lado, e no superior do outro lado ; e seis, finalmente, quatro de um lado, e dois nos braços lateraes do outro ; ficando os braços, em que se não marcar época, occupados com ornato.

Esta cruz será pendente de uma fita verde com orlas amarellas, tendo um passador de correspondente metal, e sobre elle a era de 1822, para o fim de fazer recordar aquelle memoravel e venturoso anno, tão fecundo em grandes acontecimentos para o Brasil ».

**1828** — Às 10 horas da manhã, nove léguas ao mar da ilha Rasa, em frente ao porto do Rio de Janeiro, o corsario de Buenos Aires *Niger*, do commando de JOHN COE, aprisiona o correio imperial escuna *Sete de Janeiro*.

De uma carta de JOSÉ JOAQUIM PENA PERALTA, consta o seguinte:

« Ainda continuam os meus infortunios, pois fui apresado pelo corsario. Tendo primeiro enviado as balas que por sete vezes despegou a nossa única peça de 12, lançando ao mar as malas das cartas e officios que trazia.

Não tenho expressões assás enérgicas com que possa tecer o devido elogio, de que é digno o ex-commandante do dito correio, pelo seu valor e honra, em tão melindrosa como arriscada empreza, pois chegou a ponto de expor toda a gente a ser varrida do convez pelas metralhas das peças inimigas ; o que sem dúvida aconteceria, si por mais cinco minutos conservassem içada a bandeira imperial, que só foi arriada pelo abandono dos postos em que se achavam os marinheiros, e nestas circumstancias não houve remedio sinão succumbir ».

**1829** — Nasce na cidade do Rio de Janeiro o distincto soldado, litterato e tachygrapho BRAULIO JAYME MUNIZ CORDEIRO,

# Os últimos livros de Mucio Teixeira perante a imprensa.

(Continuação do que se lê na capa do 8º fascículo)

## COMMENTARIOS

MUCIO TEIXEIRA—*Poesias*—Nova edição, precedida do juizo crítico de escriptores nacionaes e estrangeiros, de uma apothose poética e de notas por ALVARO DE MUCIO TEIXEIRA—H. Garnier—editor.

Merece elogios o acto do Sr. H. GARNIER, aque acaba de reunir em uma edição definitiva o melhor da obra poética de MUCIO TEIXEIRA. Este é sem contestação um dos autores brasileiros que desfrutam de maior renome, não só no paiz mas tambem nos principaes centros de cultura da América do Sul, em Portugal e Espanha.

Mucio sempre foi e nunca deixará de ser, mal que lhe pese, um romântico. Surgiu no Rio Grande do Sul em época de effervescencia literaria, a do *Parthenon*, dominada por uma forte corrente de idéas humanitarias e liberaes, republicanas e, simultaneamente, por um notavel movimento nacionalista nas letras.

As tradições gaúchas, estudadas carinhosamente, favoreciam a tendencia revolucionaria e democrática da mocidade de então. Começara a propaganda abolicionista na imprensa e na tribuna das conferencias; os jornaes sustentavam incandescentes polémicas philosophicas, politicas, religiosas; todos queriam a América livre, o Estado livre, a humanidade livre... Formulava-se ao mesmo tempo o problema da nacionalidade, e a restauração do passado com os seus grandes typos heroicos, as suas lutas e costumes, impunha-se geralmente como o primeiro e o mais sagrado dever de patriotismo. A poesia tornara-se perigosamente batalhadora, doutrinaria, arrebatada...

Mucio, ainda menino, soffreu de forma decisiva a influencia do meio intellectual; vibrou a evocação do lendario *Farrouphilha*, decantou a liberdade e BENTO GONÇALVES, a chimarrita e o gaúcho.

Veio posteriormente para o Rio de Janeiro e o *condoreirismo* de CASTRO ALVES, na sua phase culminante, arrebatou o joven poeta, que desde logo seguiu a escola do vate bahiano, com as suas estrophes arrojadas, cheias de antitheses violentas, de sarcasmos contra o amor, de apóstrophes aos tyrannos e de prophcias demagógicas...

Mais tarde sentiu a seducção da musa *junqueiriana*.

Os seus melhores livros são os *Prismas e Vibrações* e os *Novos Ideaes*. MUCIO TEIXEIRA tem notaveis qualidades literarias, que por longo tempo a imitação de obras alheias não permittiu que se manifestassem em toda a sua plenitude.

É um imaginoso, um sentimental, um inspirado. Os seus poetas predilectos, na phase de maior originalidade, foram LEOPARDI, CAMPOAMOR, MUSSET, HEINE, e ESPRONCEDA.

MUCIO TEIXEIRA trabalhou excessivamente, publicou dezenas de volumes de versos, varias obras de prosa, ensaios de historia, páginas de critica, dramas, folhetins.

A sua fecundidade assombra.

Nesta edição definitiva nota-se um grande cuidado seleccionador: ella contém as mais bellas peças poéticas do autor, como a ode a *Osorio*, o *Legendario*, os tercetos á memoria de *Arthur de Oliveira* e á de *Lins de Albuquerque*, *A Ironia da Estatua*, *O meu Alvaro*, *A Mulher*, *O Sonho dos Sonhos*, *Os Tres Pariás*, admiravel quadro de vida militar:

«Em torno da tarimba, a noite, na caserna,  
Limpando o correame, estavam os tres soldados,  
De um baço candieiro aos tons avermelhados,  
Sinistros como um ebrio a mesa da taverna,

Falavam entre si de um modo circumspecto,  
Como quem narra um caso estranho, mysterioso:  
—E soltavam do olhar o fluido luminoso  
De quem conta um segredo, ou tem um mal secreto.

Disse o joven sargento: «Emquanto junto aos bravos  
No campo do estrangeiro a Patria eu defendia,  
Meu pai (que foi outr'ora o meu senhor) vendia  
A minha pobre mã a um mercador de escravos!»

Disse o corneta: «Eu vi meu pai, arcabuzado,  
Cair, estrebuchando, ao pé da bateria  
Onde fizera fogo... E enquanto elle morria,  
Liu tocava o clarim a frente do quadrado!»

Disse o velho anspeçada (e arrebitou-lhe o pranto):  
«Quando voltei ao lar, ferido do combate,  
Achei minha mulher nos braços de um mascate...  
Estrangulei-a aos pés!—E eu a amava tanto!»

As *Notas* por ALVARO DE MUCIO TEIXEIRA, filho do poeta, são dignas de leitura, narrando muitos factos e circumstancias interessantes da vida paterna. Livro bem feito, este, e digno de figurar em todas as estantes de estudiosos da literatura patria.

ALCIDES MAIA.

O Paiz de 2 de Fevereiro de 1904.

## CAUSERIE LITTÉRAIRE

POESIAS de M. MUCIO TEIXEIRA, nouvelle édition en deux volumes, de la maison H. GARNIER.

Voilà une œuvre crânement posée sur des fondements solides et cosmopolites. La tâche du critique en est d'autant facilitée: il ny a qu'à recourir à l'opinion... des autres!

M. MUCIO TEIXEIRA en a formé un faisceau assez nouveau dans son 1<sup>er</sup> volume. J'avone que l'idée me sourit par sa propre modestie — ce n'est du reste que par une fausse pudeur littéraire que tout le monde n'en fait pas autant!

Je sais gré à M. MUCIO TEIXEIRA d'être lui-même et de ne pas se laisser leurrer par un traditionnalisme ergoteur et pudibond...

Donc, il est avéré que M. MUCIO TEIXEIRA est poète: «fructo do amor dum justo e duma santa», il le confesse sans ambages et sans crainte. Et c'est pour cela qu'il ajoute plus loin:

E si não sei dizer de tanto enlevo...  
Saiba mostrar que nem cantando mintro.

(Continua).

9º Fasciculo do "Brasil Marcial"

# COMPANHIA DE LOTERIAS NACIONAES DO BRASIL

Séde Social e Salão das Extracções

Ruas 1º de Março, 38 e Visconde de Itaborahy, 9

Caixa do Correio n. 41 RIO DE JANEIRO End. Teleg. LOTERIAS-Rio

LOTERIAS FEDERAES EXTRAHIDAS NA CAPITAL FEDERAL

PRESIDIDAS PELO SR. FISCAL DO GOVERNO

representante do Exm. Ministro da Fazenda, e com assistencia de um Director da Companhia. Serviço do Governo da União em virtude de Lei do Congresso Nacional e do contracto assignado na Directoria Geral do Contencioso do Thesouro Federal.

GRANDE E EXTRAORDINARIA LOTERIA

N. 103-15ª

Extracção SABBADO, 5 DE MARÇO PROXIMO Extracção

Às 3 horas

**200:000\$000**

Em bilhetes inteiros a 15\$, meios a 7\$500 e vigésimos a 750 rs.

Os bilhetes acham-se á venda nas agencias geraes de NAZARETH & C., rua Nova do Ouvidor n. 10, endereço telegraphico LIZVEL, caixa do correio n. 817; e CAMOES & C., becco das Cancellas n. 2 A, endereço telegraphico PEKIN, caixa do correio 946. Essas agencias encarregam-se de quaesquer pedidos, rogando-se a maior clareza nas direcções. Aceitam-se agentes no interior e nos Estados, dando-se vantajosa commissão. Os agentes geraes só recebem e pagam bilhetes premiados nas loterias da Capital Federal.

MUCIO TEIXEIRA

# Brasil Marcial

SYNTHESE HISTÓRICA

DAS

*nossas guerras, revoluções e revoltas, desde os tempos  
coloniaes até a actualidade, com  
o retrato e a biographia dos herões, a descripção dos combates,  
a planta do terreno, o typo dos navios, etc.*

1 DE JANEIRO DE 1502 A 31 DE DESEMBRO DE 1904

FASCICULO N. 10



RIO DE JANEIRO

7-1034—Typ. da Companhia Litho Typographica—Rua do Lavradio, 55

1904



# BRASIL MARCIAL

POR

**MUCIO TEIXEIRA**

## PREÇO DA ASSIGNATURA

24 fasciculos . . . . .	20\$000
12 fasciculos . . . . .	12\$000
Fôra da Capital, 24 fasciculos	24\$000

Os pedidos de assignaturas devem ser dirigidos ao Autor, na sua residencia

CAMPO DE S. CHRISTOVAM 38

# ALMANACK BRASILEIRO

GARNIER (2º Anno)

**PARA 1904**

*Publicado sob a direcção do Dr. B. F. RAMIZ GALVÃO*

Está publicado este excellente **ALMANACK**, rico de informações uteis de toda a natureza e de artigos literarios de alguns dos nossos mais distinctos poetas e prosadores.

Além de uma importante secção geographica e estatistica, adornada de cartas, estampas e retratos innúmeros, o **ALMANACK** contém trabalhos de Machado de Assis, Alberto de Oliveira, Homem de Mello, Paranaapiacaba, cônego Bernardino, Afonso Celso, José Verissimo, M. Salles, Adherbal de Carvalho, Ramiz Galvão, Alnizio Azevedo, Laudelino Freire, Clovis Bevilacqua, M. Curvello, Mucio Teixeira, Mello Moraes, Amelia Bevilacqua, Presciliana de Almeida, Freitas Guimarães, Ruth Fonseca, Fabio Luz e outros.

Ha ainda nelle uma resenha dos annos político, literario, jornalístico, artístico e necrológico, além de uma interessantissima secção de «Variedades» e de um longo capitulo dedicado á «Conquista do ar».

Um artístico volume de 500 páginas in-8º, 3\$000.

Idem, encadernação de amator para presente, 6\$000.

## POESIAS DE MUCIO TEIXEIRA

NOVA EDIÇÃO

Acaba de chegar de Paris esta obra tão desejada, precedida do juizo-critico dos mais illustres escriptores nacionaes e estrangeiros. Nesta edição encontram-se as mais inspiradas poesias da juventude, da mocidade e da virilidade de **MUCIO TEIXEIRA**, desde o **Amar**, **O Amor**, **A Ironia da Estatua**, o poema **Fausto e Margarida**, o drama em verso **O Cântico dos Cânticos**, a originalissima collecção das **Flores do Pampa**, até ás suas melhores inspirações em lingua castelhana, as **Flores de los Andes**.

2 volumes in-8º br. 8\$000, enc. . . . . 10\$000

**Aviso importante.**— Remette-se qualquer livro registado pelo correio, mediante um augmento de 500 réis para as encomendas de menos de 5\$000 e 10 % sobre o preço annuciado para os de valor superior.

Qualquer pedido para ser attendido deve vir acompanhado da respectiva importancia em *carta postal* ou em *carta registada com valor declarado*.

Para as remessas deverá indicar bem o *local* da residencia e o *Estado*, afim de evitar extravio e reclamações ao CORREIO.

**RUA DO OUVIDOR, 71**

Caixa do Correio, 618 — End. telegraphico HERMANOS

TELEPHONE 1068

**RIO DE JANEIRO — BRASIL**

J. LANSAC, GERENTE.

que estudou da Academia de Marinha, serviu no corpo de artilharia naval e na infantaria do exército, no Rio Grande do Sul e em Pernambuco, na revolução de 1848, tendo sido ferido em combate.

Não sendo promovido a official, como se julgava com direito, abandonou o serviço militar em 1853, dedicando-se então ás letras e á arte tachygráphica, exercendo também o professorado primario na cidade do Rio de Janeiro.

Escreveu um *Compendio de Pedagogia*, um tratado de agricultura prática intitulado — *O Amigo do Lavrador*, e outro, *O Amigo dos Pobres, ou a Homœopathia ao alcance de todos*, além de varios trabalhos originaes e traduzidos.

**1839** — Os revoltosos do Rio Grande do Sul tomam duas canhoneiras imperiaes no passo do Contracto. (*Guerra dos Farrapos*).

Essa perda e a retirada precipitada do marechal ANTONIO ELISIARIO, chamada do Cahy, a 2 de Fevereiro, fizeram desvanecer toda a esperança de vantagem para a causa da legalidade nesta campanha, e dal-a por terminada em favor dos rebeldes.

— Nesta mesma data promulga-se o decreto de reorganisação da Escola de Marinha, que é então transferida do mosteiro de S. Bento, onde funcionava, para bordo da nau *Pedro II*.

**1866** — No dia 29, pela manhã, 400 paraguayos commandados pelo coronel DÍAZ, que tinham atravessado o Paraná, em frente a Currales, e guerrilhado os argentinos, simulam retirar-se, mas emboscam-se, e na presente data cáem sobre o corpo de exército do general PAUNERO, forte de 6.000 homens, e destroçam-no.

« Desde cerca de meio-dia, (diz uma testemunha ao Dr. TEIXEIRA DE MELLO), que entravam no nosso acampamento esses *bravos*, contando que *LÓPEZ con todos sus ejércitos había cercado los leones del Plata, y se había herido una gran batalla, pero ellos habían sucumbido al número* ».

LÓPEZ creou para essa occasião uma medalha de campanha, para premiar aos vencedores de Currales: era a segundá que elle

decretava para idêntico fim, — uma cruz de bronze; o decreto que a institue declara que foram 450 os atacantes.

A primeira fôra concedida ao 2º regimento de artilharia a cavallo, por ocasião da batalha naval de Riachuelo. (Vide 11 de Junho de 1865).

O citado historiador afasta-se neste ponto da narrativa que escreveu o Sr. EMILIO CARLOS JOURDAN acerca da cruenta guerra a que nos arrastou o déspota do Paraguay, e tambem do que nos offerece uma *epheméride* que vimos publicada a respeito deste facto.

JOURDAN nos merece todavia o maior conceito e tem-o seguido passo a passo em quasi tudo que havemos commemorado sobre a *Guerra do Paraguay*.

**1894** — Nota do almirante SALDANHA DA GAMA ao commandante da *Mindello*, pedindo mais uma vez o reconhecimento de belligerante da esquadra revoltosa. (Transcripto do *Portugal e Brasil*, tomo III, pág. 129):

«Commando em chefe das forças em revolução contra o governo do marechal FLORIANO PEIXOTO no porto do Rio de Janeiro. — Bordo do cruzador *Liberdade*, 31 de Janeiro de 1894. — A S. Ex. o sr. commandante das forças navaes portuguezas. — Na minha qualidade de commandante em chefe das forças navaes da revolução contra o governo do marechal FLORIANO PEIXOTO, tenho a honra de pedir a attenção de V. Ex. sobre a circumstancia de que, terminando hoje o praso do 7º decreto do estado de sitio ou lei marcial, amanhã deverá sahir o 8º decreto para continuação desse estado anormal e oppressivo do paiz inteiro.

Exprime e significa este facto que o governo do marechal FLORIANO PEIXOTO, illudiu-se ou procurou illudir o proprio Brasil e as nações estrangeiras, desde o início da presente revolução, sobre as forças e extensão desta. De outra fórmula não se explica que, tendo declarado em documento público, no mez de Setembro, não carecer de mais de oito dias de praso para debellar a crise, ja teve de adiar, ampliando por mais sete vezes, essa faculdade extraordinaria de suspensão de garantias, porém ainda assim sem resultado.

A esta demonstração evidente da impotencia do governo em domar a revolução, mesmo neste proprio porto, augmenta-se a circumstancia de que as forças da revolução têm proseguido em suas vantagens.

Ellas dominam hoje nas campinas do Rio Grande do Sul, estão de posse dos Estados de Santa Catharina e Paraná, onde encontram fervorosa adhesão, e ja pisam terras do Estado de São Paulo; tudo parece indicar, pois, estarem amadurecidas as condições que todas as potencias costumam considerar como indispensaveis nas lutas civis para reconhecerem como belligerantes as forças revolucionarias de qualquer paiz.

Eis a razão pela qual de novo venho rogar a V. Ex. que se digne de dar conhecimento do conteúdo desta nota a S. Ex. o Sr. representante diplomático de S. M. o Rei de Portugal neste paiz. Prevaleço-me da oportunidade para reiterar a V. Ex. a segurança da minha estima e distincta consideração. — O contra-almirante *Luis Felippe de Saldanha da Gama*».

**1895** — Morre na Parahyba do Sul o ex-cadete, literato e poeta, Dr. JOAQUIM DIAS DA ROCHA Filho, nascido na capital do Paraná a 18 de Agosto de 1862.

Fez o primeiro anno da Escola Militar do Rio de Janeiro em 1880, abandonou a carreira das armas e matriculou-se na faculdade de direito de S. Paulo, onde recebeu o grau de bacharel em sciencias jurídicas e sociaes em 1886.

Foi delegado de policia na Capital Federal logo depois de proclamada a República, collaborou na imprensa de S. Paulo e Rio de Janeiro, publicando muitas poesias originaes, a traducção em verso dos poemas de BYRON—*Parisina* e *A Noiva de Abydos*, o romance intitulado *O vestido carmesim* e um interessante resumo sobre a *Revolução de Minas Geraes* (em 1842), trabalho enriquecido de documentos autênticos, que concluiu poucos dias antes de fallecer.

Seus versos são inspirados e musicaes; o meu mallogrado amigo DIAS DA ROCHA impunha-se á estima e á consideração pública tanto pelo vigor do talento como pela integridade do

caracter. Morreu aos 33 annos incompletos, victimado por uma tuberculose pulmonar, precisamente quando pensava colleccionar num livro os seus bellos versos.

Ambos entusiastas dos dois mais inspirados poetas do século XIX, BYRON e HUGO, conservo a seguinte carta de DIAS DA ROCHA, no archivo que destino a meus filhos:

«Exmo. Sr. MUCIO TEIXEIRA.— Parahyba do Sul, 24 de Maio de 1885.

*O Provinciano*, folha que se publica nesta cidade, espera, em número especial, impresso luxuosamente nessa Côrte, colligir poesias e artigos dos nossos melhores escriptores, em homenagem a VICTOR HUGO.

Convidando-o instantemente, em meu nome e no da redacção daquella folha, para que illustre com sua collaboração a poly-anthéa que se projecta, entendo não so dobrar o merecimento desta, como expressar ao poeta do *Fausto e Margarida* a minha consideração e sympatia.

Aproveito a oportunidade para felicital-o pela sua bellissima traducção da *Parisina*.— Sou de V Ex. admirador e criado — *J. Dias da Rocha*».

Até então eu não tinha a ventura de conhecer pessoalmente o poeta, que so um anno depois vi pela primeira vez, ligando-nos d'ahi por diante uma amisade que a sua prematura morte veio tão cedo transformar em saudosa recordação.

Eis um dos sonetos de sua musa verdadeiramente patricia:

#### O BUGRE

Ama a caça, o combate, o estrépito, a matança,  
Dos sonoros *horés* a música sagrada:  
E a retilínia flecha, estridula, emplumada,  
Que do vacuo atravez mortífera se lança.

Quando contra elle, altivo, a luta se abalança  
A onça mais feroz, mais pérvida, arrojada,  
Salta, rugge, tonteia... e trôpega se cança,  
Rola humilde no chão, exânuo, domada.

E de carne, porém: das cóleras do bruto  
O indio passa veloz num rápido minuto  
A' mais doce emoção, mais terna e mais humana.

E em noites de luar levanta-se da rêde,  
Amoroso e subtil, para saciar a sêde  
No rijo seio nu da nua americana.

**OS HOMENS DO DIA**

**1082** — Nasce SUGER, illustre sacerdote e ministro dos reis LUIS VI e LUIS VII, e Regente da França durante a segunda Cruzada, merecendo o cognome de *Pai da Patria*. Morreu em 1152.

**1655** — Morre em Paris o philósopho e mathemático GASSENDI, autor tambem de obras astronômicas.

**1801** — São executados em Paris ARÉNA, CERECCHI e TOPINO-LEBRUN, suspeitos de conspiração contra NAPOLEÃO I.

**1854** — Morre em Turim o poeta e romancista italiano SILVIO PÉLLICO, o autor da célebre obra intitulada *Minhas Prisões*.

**1901** — O general DEWET (boer) manda fuzilar o inglez WESSEL, que fôra commissionedo pelo general em chefe do exército inglez para lhe propor condições de capitulação que lhe pareceram aviltantes. (*Guerra do Transvaal*).

---

---

**MÁXIMA MILITAR**

**A** SEGURANÇA das peças de artilharia não se obtém até que se invente uma montagem simples, sólida e econômica, que permita atirar por cima de um espaldar de 2<sup>m</sup>,50 de altura, sem expor o canhão ao fogo inimigo, por mais tempo que o indispensavel para apontar e disparar.

BRIALMONT.

---

FIM DE JANEIRO





## 1 DE FEVEREIRO

**1531** — Ao romper do dia, PERO LOPES DE SOUSA, que estava com a sua armada fundeada na ilha de Santo Aleixo, avista uma nau que ia para o norte, e sai a dar-lhe caça.

Na altura do Cabo Santo Agostinho vem seu irmão MARTIM AFFONSO em seu auxilio, mas os ventos contrarios não lhes permitem alcançar a nau que perseguiam.

So o consegue PERO LOPES na sua caravela *Rosa*, pouco antes do cair da noite, e começam então um combate que atura até ao dia seguinte, o que faziam caminhando sempre.

**1549** — Larga de Lisboa THOMÉ DE SOUSA, primeiro governador que teve o Brasil. Com elle veiu NÓBREGA e a primeira partida de missionarios, que tinham de evangelisar e catechisar os nossos índios.

El-Rei D. JOÃO III resolvera organizar a sua colonia da América, para o que revogara os poderes que dera aos capitães privilegiados e assentara em reunir em um so toda a autoridade civil e criminal.

Escolhera THOMÉ DE SOUSA, que tinha militado com gloria na Africa e na India, para esse importante cargo, com a incumbencia de fundar na Bahia uma cidade, apta não so para capital da possessão portugueza na América, mas tambem para conter os ataques dos selvagens e as aggressões dos europeus. (Vide a *epheméride* de 19 de Março do mesmo anno.)

**1640** — Volta ao porto do Recife a esquadra hollandesa que tinha sahido a combater as armadas portugueza e espanhola, tendo ao mesmo tempo conseguido, ajudada dos ventos, impedir o desembarque daquellas esquadras.

Cunhou-se em Hollanda mais uma medalha, commemorativa deste facto, com um dístico em hollandez que significava — *Deus abateu o orgulho do inimigo a 12, 13, 14 e 17 de Janeiro de 1640*. Vide a *epheméride* desta última data, á pág. 133).

**1654** — Restituídas pelos hollandezes todas as posições fortificadas que occupavam ao norte do Brasil, em virtude da solemne capitulação assignada a 26 de Janeiro, parte do Recife, por ordem do capitão-general FRANCISCO BARRETO, o mestre de campo FRANCISCO DE FIGUEIRÔA com o seu corpo de 850 soldados, e o regimento de JOÃO FERNANDES VIEIRA, para ir tomar posse das capitancias e fortes do Rio Grande e Parahyba.

Na ilha de Itamaracá renderam-se ao capitão MANUEL DE AZEVEDO 330 soldados hollandezes e acharam-se na fortaleza 33 bocas de fogo, pela mor parte de bronze : commandava-a o coronel LOBBRECHET

Na Parahyba achou FIGUEIRÔA ja em poder dos nossos os fortes do Cabedelo e de Santo Antonio, mas sem competente artilharia, por a ter retirado e embarcado o coronel HAUTIJN, que a abandonara, levando consigo os soldados que a guarneciam.

O tenente-coronel CLAES, fugido do Recife em uma jangada, enquanto se negociava a capitulação, chegando á Parahyba disfarçado em pescador, levara-lhe a noticia da cessação do dominio hollandez, antes que ali se recebesse a circular de SCHONEMBORCH, SCHKOPPE e HAECX, do dia 31, ordenando aos commandantes a entrega das respectivas praças e de tudo, na letra da capitulação.

« Cumpre acrescentar, em honra do coronel HAUTIJN, que antes de partir soltou os prisioneiros nossos que retinha e lhes entregou a fortaleza, para que se defendessem contra qualquer acto de barbaria ». — (PORTO SEGURO, *Historia das Lutas*, etc.)

A guarnição do Rio Grande embarcara-se tambem antes de lhe chegar a intimação. (Vide a *epheméride* de 20 de Maio).

**1721** — Carta patente nomeando FRANCISCO DE BRITO PEIXOTO capitão-mor das terras da Laguna e seu districto com a ilha de Santa Catharina e do Rio Grande de S. Pedro.

BRITO PEIXOTO nasceu em S. Paulo, em meados do século XVII e falleceu em 1733. Foi com seu pai o fundador da villa de Santo Antonio da Laguna, e deu-se a descobrimentos e explorações pelos campos do Rio Grande do Sul (de 1715 a 1718); sustentando com seu genro JOÃO DE MAGALHÃES uma luta contra os índios minuanos, e tapes, que, ligados aos espanhóes, procuravam apossar-se daquellas regiões do Rio Grande.

Escreveu tambem uma *Notícia da povoação e fundação da villa da Laguna*, até hoje inédita, da qual ha fragmentos na collecção de manuscriptos da Bibliotheca Nacional.

**1828** — Uma divisão da esquadra brasileira, composta da corveta *Liberal*, brigues *Caboclo* e *Rio da Prata*, escunas *Greenfell*, *Primeiro de Dezembro* e *Paula*, aproveitam a enchente do rio, aproximam-se de Buenos Aires e acommettem a esquadra argentina, que larga precipitadamente do seu fundeadouro e vai collocar-se sobre os bancos situados á margem do rio, fóra portanto do alcance das peças dos nossos vasos. (*Guerra do Rio da Prata*).

**1839** — Os rebeldes do Rio Grande do Sul apoderam-se de um lanchão e das canhoneiras ns. 7 e 9, commandadas pelos primeiros-tenentes ANTONIO DIAS DOS SANTOS BELLICO e MANUEL LUIS PEREIRA DA CUNHA.

Tinham sido collocadas estas embarcações no rio Cahy para proteger a força do exército legal que intentava fazer levantar o sítio da capital da provincia, e de madrugada foram atacadas por 2.000 homens de infantaria e artilharia sob o commando de BENTO MANUEL RIBEIRO.

Depois de uma marcha de 9 a 10 léguas haviam chegado, durante a noite, os rebeldes á margem direita do rio e, postadas duas peças de artilharia na barranca, romperam inopinadamente vivíssimo fogo.

A canhoneira n. 7, varada por diversas balas foi a pique sobre as amarras, a n. 9 e o lanchão foram conduzidos para as cabeceiras do rio, acima de Monte-Negro.

Logo que ouviu o estampido da artilharia, suspendeu o chefe MARIATH com os vapores *Liberal* e *Cassiopéa*; não chegou, porém, ao logar do combate sinão ás 9 horas da manhã, quando a luta ja estava terminada.

Morreu pelejando o 1º tenente BELLICO, heroico commandante da n. 7.

**1904**—Morre na villa Vieira do Piquete o capitão médico do exército Dr. LUIS CARLOS DUQUE ESTRADA, nascido no Rio de Janeiro a 7 de Maio de 1864.

Pouco depois de formado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, entrou para o exército, a 11 de Agosto de 1887, no posto de tenente 2º cirurgião de 4ª classe.

Foi promovido a capitão a 27 de Março de 1890; e a 19 de Abril de 1898 nomeado lente da cadeira de sciencias naturaes do Collegio Militar, e auxiliar do ensino da Escola Militar do Brasil.

Escreveu varias obras de ensino, que foram adoptadas e premiadas, redigindo a interessante *Revista Didáctica*, collaborada pelos mais distinctos intellectuaes do exército.

O *Jornal do Commercio*, noticiando o seu prematuro fallecimento, diz:

«Victimado por arterio-sclerose e tuberculose pulmonar finou-se no dia 1º do corrente, ás 8 1/2 horas da noite, na Villa Vieira do Piquete, a cuja benignidade de clima havia appellado, o capitão médico do Exército Dr. LUIS CARLOS DUQUE ESTRADA, propecto professor do Collegio Militar, que tinha a seu lado nesse momento a sua familia e companheiros d'armas.

Pouco antes da sua agonia, que foi de quatro horas, em momento de completa lucidez de espirito, manifestou o desejo de

ser sepultado em Lorena, para facilitar a visita de entes caros, em satisfação do que foi seu cadaver transportado em carro e acompanhado por alguns officiaes seus camaradas e pessoas do Piquete, sendo recebido na estação do ramal férreo de Lorena pelo coronel commandante do 12º batalhão de infantaria da guarnição de Lorena, sua officialidade, os ajudantes e auxiliares da commissão constructora do referido ramal, e muitas pessoas da cidade, realisando-se o funeral á tarde do dia 2 do corrente e sendo prestadas as honras fúnebres por uma guarda do referido batalhão.

O finado era dotado de grande intelligencia e deixa alguns trabalhos impressos de reconhecido valor.

Era diplomado pela nossa Faculdade de Medicina, onde fez bonito curso, tendo exercido diversos cargos inherentes á sua profissão e prestado, como cirurgião do Exército, relevantes serviços durante a revolta.

Foi Intendente municipal e gosava de legítima influencia na freguezia do Enhenho Velho, de cujo directorio político foi presidente ».

#### OS HOMENS DO DIA

**1702** — O marechal de VILLEROI, atacado de surpresa pelo Príncipe EUGENIO DE SABOIA, consegue deffender Crémone.

**1801** — Nasce na França o célebre cientista e philósopho EMILE LITTRÉ, discípulo de AUGUSTO COMTE (de cujas doutrinas se afastou em seus últimos annos).

Deixou um perduravel monumento de incomparavel erudição no seu admiravel *Diccionario da Língua Francesa*, e morreu em 1881.

**1814** — NAPOLEÃO, á frente de 36.000 homens, derrota um exército de 120.000 homens no combate da Rothière.

**1895** — Os franceses LUMIERE FRÈRES fazem em Lyon a primeira experiencia pública do cinematographo, de sua invenção.

**1901** — No Sudán (Nigricia Septentrional) os indígenas derrotam o general inglez MAKONEN, commandante das forças anglo-egyptias.

## MÁXIMA MILITAR

**N**ão basta sermos tão fortes como os nossos inimigos; devemos ser-lhes superiores. Não vacillemos, pois, em imital-os no que tenham de bom, e em sobrepujal-os em tudo quanto elles tenham de incompleto e defeituoso.

General CHANZY.

## 2 DE FEVEREIRO

**1531** — O combate entre a nau francesa e a caravela de PERO LOPES, que começara na véspera, como referimos, tornou-se com o romper do dia mais encarniçado e so terminou á noite pela rendição do navio inimigo.

Pouco depois chegou MARTIM AFFONSO DE SOUSA com a sua nau *D. Affonso* e o galeão *S. Vicente*, e abordaram de um e outro lado a nau francesa, que vinha carregada de pau-brasil, com muita artilharia e balas, faltando-lhes porém pólvora; por isso cessara de combater e rendera-se.

**1618** — MARTIM DE SÁ, pai de SALVADOR CORRÊA DE SÁ E BENEVIDES, é nomeado capitão-mor commandante da capitania de S. Vicente.

Na série dos capitães-mores loco-tenentes dos donatarios, é este o 22º, contando alguns que o foram mais de uma vez, como ANTONIO DE OLIVEIRA, BRAZ CUBAS, JORGE FERREIRA, etc.

De 1708 em diante, depois que a corôa comprou ao derradeiro donatario o direito que tinha este ao territorio, cessou essa especie de capitães-mores, meros delegados dos donatarios, e começa a dos que eram providos no cargo por nomeação régia, ou pelo governador geral do Estado.

Prepostos do absolutismo, instrumentos da tyrannia da metrópole, representam esses funcionarios papel importante nas localidades que jurisdiccionavam, quando não eram verdadeiras nullidades.

**1667**—Morre ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS, que tão saliente papel representou na guerra dos hollandezes.

Esse famoso mestre de campo, duas vezes capitão-general de Pernambuco e governador dos Estados do Pará e Maranhão, foi quem levou á metrópole a noticia da derrota dos hollandezes, em 19 de Março de 1654.

Fôra nomeado pelo governador geral do Estado, CONDE DE OBIDOS, depois da tumultuaria deposição de JERÔNIMO DE MENDONÇA FURTADO, enviado preso pelo povo para Lisboa.

E' incontestavel este facto, referido por FERNANDES GAMA nas suas *Memorias Históricas da Provincia de Pernambuco* (tomo IV) e por ABREU E LIMA na sua *Synópsis*, que apenas se enganou quanto ao mez e annó.

O VISCONDE DE PORTO SEGURO nega-o terminantemente na 1ª edição da sua *História Geral* e na 2ª supprimiu a nota em que fazia essa denegação e nada mais accrescentou a favor ou contra.

**1749**—O brigadeiro JOSÉ DA SILVA PAES deixa o governo de Santa Catharina, que administrara desde 7 de Março de 1739.

O *Annuario Rio Grandense* (de 1890), na *Historia da Provincia* (commandantes, governadores, capitães-generaes e presidentes), extrahida da *Revista do Instituto Histórico* até o 28º presidente, incluindo correccões e annotações de A. A. PEREIRA CORUJA, diz que esse brigadeiro não pode ser considerado como 4º commandante do Rio Grande, porquanto se deve entender que veio, não como novo commandante, mas para inspecionar esse territorio de sua dependencia.

O facto é que, tendo havido na guarnição da fortaleza do Rio Grande (única povoação então existente) uma sedição militar em Janeiro de 1742, necessariamente teria algumas providencias a tomar.

Sendo assim, tambem não pode ser considerado 5º commandante o coronel DIOGO OSORIO CARDOSO, devendo entender-se que retomou o seu antigo commando, depois da retirada para Santa Catharina, em Outubro, do governador PAES.

Ao brigadeiro JOSÉ DA SILVA PAES, que se recolhera nesta data a Lisboa, succedeu no referido governo o coronel de infantaria MANUEL ESCUDEIRO FERREIRA DE SOUSA, nomeado por patente régia de 15 de Setembro de 1748, o qual exerceu o cargo até 25 de Outubro de 1753 (vide essas datas), em que o rende D. JOSÉ DE MELLO MANUEL.

O coronel ESCUDEIRO foi o 3.º na respectiva serie.

**1807** — Nasce na cidade do Rio de Janeiro o coronel Dr ANTONIO JOSÉ DE ARAUJO, fallecido na mesma cidade a 16 de Abril de 1869

Estudou na Academeia de Marinha e depois na antiga Escola Central, onde fez o curso de engenharia militar, recebendo o grau de doutor em mathemáticas e sciencias physicas em 1831, sendo no anno seguinte nomeado lente da Escola Militar, leccionando diversas materias durante quasi trinta annos.

Era cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz, professor honorario do Lyceu de Artes e Officios, membro das sociedades Propagadora das Bellas Artes, Auxiliadora da Industria Nacional e do extincto Conservatorio Dramático.

Collaborou nas principaes folhas e revistas fluminenses, de 1830 até as vésperas de sua morte, traduziu algumas obras literarias e scientificas e publicou varios dramas e romances originaes, além de um livro de poesias (que teve 2.ª edição) e da tragedia em 5 actos *Thelaira, ou os Espanhóes no Novo Mundo*.

Collaborou tambem na *Planta do Rio de Janeiro*, (1858), organizada no Archivo Militar por officiaes do exército, e mandada publicar pelo Ministerio da Guerra na interinidade do conselheiro JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS, depois VISCONDE DO RIO BRANCO, que havia sido condiscípulo do illustrado coronel ANTONIO JOSÉ DE ARAUJO.

**1817** — Nasce (no acampamento das forças brasileiras, na república do Uruguay) o tenente-coronel Dr. JOAQUIM ANTONIO PINTO, fallecido em Minas-Geraes a 15 de Agosto de 1880, para onde se transportara em procura de alivio aos seus padecimentos.

O seu nascimento num acampamento militar explica-se, por seu pai, o cirurgião do exército do mesmo nome, estar então servindo como facultativo da Legião de S. Paulo, durante a guerra das nossas forças contra as do caudilho ARTIGAS.

O Dr. JOAQUIM ANTONIO PINTO era bacharel em direito pela faculdade de S. Paulo, notavel pela eloquencia e despreendimento, sendo por isso appellidado *O Advogado dos Pobres*. Foi professor de francez e inglez do curso annexo á mesma faculdade, deputado provincial, director das aldeias indígenas de Carapicuyba e Baruary, e por occasião da guerra do Paraguay organizou um batalhão de voluntarios, á frente do qual marchou de S. Paulo como tenente-coronel commandante.

Era cavalleiro das ordens de Christo e da Rosa, membro do Instituto Histórico, da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional e do Instituto da ordem dos Advogados Brasileiros.

Deixou varios trabalhos em prosa e verso, sendo notavel a sua *Defeza heróica da ilha da Redempção*, no dia 10 de Abril de 1866, fascículo de 16 páginas, publicado no Rio de Janeiro em 1877

**1822** — O brigadeiro MANUEL PEDRO DE FREITAS GUIMARÃES e o Dr. FRANCISCO VICENTE VIANNA tomam posse, o primeiro do commando das armas da provincia da Bahia, em virtude do decreto das côrtes de 1º de Outubro do anno anterior, e o segundo da presidencia da junta provisoria do governo da mesma provincia.

**1837** — Um dos admiradores do chefe da revolução dos *Farrapos* (1835—1845) publica estas curiosas *Recordações históricas*, a respeito da fuga do general BENTO GONÇALVES da sua prisão em uma fortaleza:

«Logo depois da *reacção* em 1836 chegou a esta provincia o presidente Dr. JOSÉ DE ARAUJO RIBEIRO (mais tarde VISCONDE DO RIO GRANDE) e trouxe a *exoneração* do consul hamburguez ANTONIO GONÇALVES PEREIRA DUARTE, meu finado pai, que exercia esse cargo desde o anno de 1826 e creio que bem a contento do governo de Hamburgo. Foi causa dessa destituição haver meu

pai, por ocasião de principiarem a revolução da provincia, em Setembro de 1835, proclamado aos súbditos hamburguezes que não pegassem em armas quer a favor do governo, quer a favor dos revolucionarios. \*

Na Assembléa Geral Legislativa houve naquella época quem censurasse o Governo por tal procedimento, visto que meu pai havia procedido correctamente recommendando aos cidadãos hamburguezes completa neutralidade, e então na mesma Assembléa foi censurado o procedimento do consul portuguez VICTORINO JOSÉ RIBEIRO \*\* por haver recommendado aos súbditos portuguezes que pegassem em armas a favor da Legalidade. \*\*\*

Por intermedio de um amigo intimo (ANTONIO MARIA DO AMARAL RIBEIRO, mais tarde consul portuguez nesta cidade) teve meu pai conhecimento de que ARAUJO RIBEIRO ia deportal-o. \*\*\*\*

Occultou-se, por isso, por algum tempo, e depois em attenção á noticia que tivera, resolveu tomar passagem no patacho de sua propriedade *Estrella do Sul*, que seguiu para Montevidéo, e do qual era commandante ou capitão MANUEL JOSÉ MACHADO, pai de outro de igual nome (piloto habilitado) e de RODOLPHO JOSÉ MACHADO.

Lembro-me que nessa viagem foi tambem com toda a familia D. MARIA JOSÉ CÔRTE REAL DE LIMA; esposa do coronel JOÃO MANUEL DE LIMA E SILVA (irmão do Regente), que se achava entre os revoltosos.

De Montevidéo seguiu meu pai no mesmo patacho para a Bahia, onde se achava preso no Forte Mar, o general BENTO GONÇALVES DA SILVA. Ignoro si o fim da viagem á Bahia foi a evasão de BENTO GONÇALVES, ou si esta foi combinada após a chegada do navio áquelle porto. O que é verdade é que após a demora rasoavel na Bahia de Todos os Santos, o patacho *Estrella do Sul* despachou e sahiu com destino a Montevidéo.

Esta hypóthese é tão absurda, que dispensa qualquer commentario. A demissão desse individuo foi um dos grandes serviços prestados pelo immortal VISCONDE DO RIO GRANDE.

\*\* O consulado portuguez estava, então, confiado ao rio-grandense coronel VICTORINO JOSÉ RIBEIRO, benemérito fundador da villa da Estrella, pai do general FREDERICO SOLOM DE SAMPAIO RIBEIRO e avô do autor do *Brasil Marcial*.

\*\*\* Quem se der ao trabalho de procurar essa imaginaria censura nos respectivos annaes, vera até onde ousa chegar a audacia ao serviço da calúnia.

\*\*\*\* Outra falsidade do autor destes pittorescos tópicos relativos ao glorioso gaúcho.

Lembro-me ter ouvido da bocca de meu pai que o patacho sahi a barra com vento bom para enfunar suas velas ao rumo a que se destinava; mas que, sem embargo disto, poz-se a vallejar e bordejar fóra da barra, mas sem se affastar della, até que anoiteceu.

Protegida pela noite e quando ella ia ja alta, aproximou-se e atracou ao patacho uma pequena canoa na qual vinha o general BENTO GONÇALVES, que foi recebido a bordo,—feito o que, singrou-se promptamente para o sul com destino a Montevideo (10 de Setembro de 1837).

Quando se achavam na altura da Ilha de Santa Catharina, mudou-se de resolução. Meu pai aconselhou ao general BENTO GONÇALVES a desembarcar occultamente em Santa Catharina. O general concordou. A noite o navio aproximou-se da Barra do Norte, ahi deu fundo, e, desembarcando o general e meu pai conseguiram arranjar em terra pessoa que os guiasse á cidade do Desterro e á casa de ANTONIO JOAQUIM DA SILVA MARIANTE (muito conhecido em Porto Alegre, onde morou, e onde falleceu com a graduação de coronel).

Nessa mesma noite, depois de entrar BENTO GONÇALVES asy-lado em casa de MARIANTE, meu pai regressou para bordo, e no dia seguinte entrou no porto do Desterro a pretexto de falta de agua em seu navio ou de mais alguma coisa que não tenho em memoria.

As únicas pessoas que sabiam da presença de BENTO GONÇALVES eram MARIANTE e um seu irmão de nome POLIDORO. Até as senhoras da casa a ignoravam.

Tão depressa ancorou o patacho no porto, recebeu o seu capitão ordem de ir immediatamente á terra e ao palacio do Governo, á presença do presidente ANTERO JOSÉ FERREIRA DE BRITO (rio-grandense). Meu pai, receando que MACHADO o compromettesse, mesmo sem querer, tomou as vezes delle e, na qualidade de proprietario do navio, acudiu á intimação. Chegando a palacio foi muito bem recebido pelo presidente, de quem era conhecido, *velho* da cidade de Porto Alegre. Conversaram muito a respeito da política rio-grandense e da fuga do general BENTO GONÇALVES.

DUARTE mostrou-se completamente ignorante da evasão de BENTO GONÇALVES, e *pregou uma pêta* ao presidente ANTERO que acreditou pois disse-lhe que no dia em que seu patacho levantou ferro na Bahia, fizera o mesmo uma corveta norte-americana e por isso era bem possível que BENTO GONÇALVES tivesse fugido nella.

ANTERO retorquiu-lhe então: «— V lembra bem; mas em cumprimento de ordens que tenho do Governo, vou mandar dar uma busca no seu navio».

Meu pai, tranquillo, porque BENTO GONÇALVES ja estava a salvamento, declarou que muito estimava a diligencia e seguiu logo para bordo com as pessoas que iam proceder á busca.

Nada se tendo descoberto, o navio ficou desimpedido para seguir sua derrota a Montevideo, mas como MANUEL JOSÉ MACHADO não quiz continuar a navegação e foram necessarios alguns dias para arranjar-se outro capitão, o navio ainda teve alguma demora, apos a qual partiu.

Depois da sahida do patacho e depois que BENTO GONÇALVES ja se achava longe, pois partira sem demora em direcção ás Torres (onde chegou a 3 de Novembro), divulgou-se o facto na cidade do Desterro e depois tambem em Porto Alegre.

Não decorrera ainda muito tempo e uma manhã minha finada mãe recebeu um embrulho com cartas e algum dinheiro remetido por meu pai e de que fôra portador o proprio BENTO GONÇALVES que nesse dia chegara bem próximo das trincheiras que defendiam esta cidade.

Por causa da fuga de BENTO GONÇALVES, não podendo os legalistas se vingarem de meu pai, que estava ausente, procuraram desferrar-se incomodando minha familia, e assim é que sob qualquer pretexto, ia-se á casa de minha mãe dar-se busca ora em procura de um rapaz, de cor parda, que la havia, ora por dizerem que, alta noite costumava-se de la fazer signaes com tigelinhas para as ilhas fronteiras, onde constava que se achava BENTO GONÇALVES.

Lembro-me ainda perfeitamente que uma noite, ja bem tarde, bateram á porta da rua que estava fechada. Era o capitão FREKSTEIN (allemão naturalisado, que falleceu no posto de

coronel ou brigadeiro, e era cunhado de JOAQUIM DA CRUZ FERREIRA SOARES), que procedeu perfeitamente, ordenando que a escolta que o acompanhava ficasse no corredor da entrada, enquanto elle seguia a examinar e verificar a existencia dos taes signaes. FREKSTEIN reconheceu que era apenas a luz de uma vela, quando alguém, em casa de minha familia, ia de noite a um quarto que dava janella para o lado das ilhas.

Ja antes disto havia precedentes destes vexames. Quando á cidade chegou a noticia da prisão de BENTO GONÇALVES (no combate da ilha do Fanfa), algumas casas de legalistas illuminaram, e aquellas familias, em cujo número estava a minha, que não deram esse signal de regosijo foram desacatadas. Por isso, sendo meu pai sabedor do que por aqui se passava, ordenou que sua familia fosse para Camaquam.

Seguimos todos para a fazenda do padre LEITÃO nas Pedras Brancas, e dias depois ali se apresentou com carretas para transportar-nos o cidadão DOMINGOS DE OLIVEIRA (vulgo Panella), que o fez á ordem de BENTO GONÇALVES, e assim fomos todos para a estancia de ANTONIO GONÇALVES (irmão do general BENTO GONÇALVES), homem dotado de raras qualidades e virtudes.

Meu pai occupou na República de Piratiny o cargo de chefe de policia, em substituição de IGNACIO JOSÉ DE OLIVEIRA GUIMARÃES, e antes ja tinha sido nomeado secretario da legação em Montevideo, sendo ministro plenipotenciario o major JOSÉ MARIANO DE MATTOS, que falleceu muitos annos depois, no posto de brigadeiro, tendo exercido o cargo de ministro da guerra no tempo da monarchia.

¿Porque BENTO GONÇALVES fôra removido para uma prisão na Bahia?—Por causa da evasão dos seus companheiros ONOFRE, CORTE REAL e outros, da fortaleza de Santa Cruz no Rio de Janiro.

Na mesma occasião e na mesma noite devia evadir-se BENTO GONÇALVES da fortaleza da Lage: mas o plano da sua fuga falhou. Estudavam, então, na cidade do Rio de Janeiro, dois filhos de BENTO GONÇALVES, ja moços, de nomes JOAQUIM e CAETANO.

Da fortaleza da Lage, onde se achava detido, combinou BENTO GONÇALVES com seus filhos o modo de escapar-se. Era

preciso illudir a vigilancia das sentinellas que faziam a guarda nocturna da fortaleza, e um narcótico para adormecel-as. Um criado de BENTO GONÇALVES entendeu-se com o cozinheiro da fortaleza, e este prometeu deitar o narcótico á comida dos guardas. JOAQUIM e CAETANO GONÇALVES pediram o narcótico a um boticario, e este os serviu com tão *boa vontade* que até lhes offereceu um *narcótico* mais efflcaz, bastante enérgico para produzir o somno da eternidade.

Os filhos de BENTO GONÇALVES contentaram-se com o que pediam, queriam apenas o somno da guarnição por uma noite. Obtido o narcótico e remetido para a fortaleza, ajustou-se o dia da evasão. Dias antes os dois moços haviam se munido de duas escadas bem altas e leves que servissem para facilitar a descida das altas baterías da fortaleza sobre o mar. Um armador da cidade lhes vendera as duas escadas.

A' hora aprasada aproximaram-se os filhos de BENTO GONÇALVES da fortaleza, em um bote, onde traziam as escadas. As sentinellas estavam, porém, vigillantes, e vendo aquella embarcação chegar-se muito á fortaleza, perguntaram-lhes quem eram, e como não tivessem resposta satisfactoria, gritaram-lhes que se puzessem ao largo, sob pena de receberem fogo.

Era o caso, que o cozinheiro se arrependera da promessa feita e não administrara o narcótico, segundó estava combinado. Estavam, por isso, alerta os guardas.

Os filhos de BENTO GONÇALVES, retirando-se, abandonaram as escadas que ficaram fluctuando e que foram ter a uma praia dos lados de Niteroy. Nessa mesma noite foram mais felizes os presos que estavam em Santa Cruz, pois de la se evadiram, com successo, ONOFRE, ZAMBEARI, CORTE-REAL e outros. (11 de Março de 1837).

No dia seguinte, tendo-se sabido desta fuga, e tendo apparecido as escadas referidas, fez-se rigorosa syndicancia e descobriu-se o armador, dono das escadas. Chamado elle á policia e interrogado pelo chefe respectivo (que então era o depois conselheiro EUSEBIO DE QUEIROZ), declarou que as escadas tinham sido ven-

didias ha poucos dias a dois estudantes rio-grandenses que conhecia e indicou.

Chamados estes, por sua vez, e inquiridos na presença do armador sobre o uso para que haviam comprado as escadas, responderam, depois de alguma reluctancia, que as haviam adquirido afim de poderem falar e encontrar-se com uma moça de distincta familia de Niteroy, moradora em um sobrado, e que o nome de tal moça e familia elles não declarariam quaesquer que fossem as consequencias do seu silencio, pois que um escrúpulo muito nobre e um dever de honra lhes impunha este silencio.

Quando BENTO GONÇALVES soube de todas estas occorrencias, ordenou a seus filhos que se retirassem do Rio de Janeiro com destino a Montevidéo, recommendando-os, si me não engano, a D. FRUCTUOSO RIVERA.

Foi após isto que BENTO GONÇALVES foi removido para o *Forte do Mar*, na entrada do porto da Bahia, etc.—Porto Alegre. — José G. Duarte ».

**1844** — Assume a direcção da pasta da marinha o tenente-coronel JERONYMO FRANCISCO COELHO, que exerce o cargo até 23 de Maio do mesmo anno.

**1848** — Principia a revolução de Pernambuco chamada dos *Praieiros*.

**1849** — Os *praieiros* atacam a cidade do Recife, e são derrotados pela força do exército e pelos imperiaes marinheiros da divisão naval ao mando do capitão de fragata JOAQUIM JOSÉ IGNACIO, depois VISCONDE DE INHAÚMA.

« Acampados os rebeldes no engenho Mocotó, diz o periódico *A União*, n. 72 e transcreve FIGUEIRA DE MELLO, ahi se dividiram em duas columnas igualmente fortes. A que tinha de atacar a ponte de Caxangá pousou na ilha de Anna Bezerra, para onde foi pelos Remedios e ao pôr da lua passou-se para o *Aterro dos Afogados*, parte vadeando o rio e parte embarcada em canôas; a outra columna descançou no engenho Cordeiro, de onde marchou para a Soledade, atravessando o rio Capiberibe

Eram cinco horas da manhã quando rompeu fogo e foram simultaneamente atacados os dois pontos de Cabanga e do Olho de Boi. A columna que atacou o primeiro ponto era commandada por PEDRO IVO e nella vinham como chefes immediatos LUCENA, LEANDRO, BORGES DA FONSECA, FEITOSA e outros ; a que atacou o outro ponto era commandada pelo faccioso padre ROMA e a ella vinham addidos os deputados ANTONIO AFFONSO, PEIXOTO DE BRITO, NUNES MACHADO, VILLELA TAVARES, etc.

A inconveniencia da localidade, a desvantagem de se haver desmontado a peça logo ao primeiro tiro, unidos ao ferimento grave do tenente-coronel FRANCISCO CARNEIRO e á superioridade incontestavel do inimigo, foram parte para que os rebeldes transpuzessem a ponte do Cabanga, entrassem no bairro de Santo Antonio e tomassem as ruas do Collegio, Queimados, Largo do Rosario, Crespo, União, Cabugá, Nova Roda e Mundo Novo, únicas até onde puderam chegar, ameaçando o palacio do governo, e das quaes foram desalojados pela cavallaria, voluntarios, imperiaes marinheiros e soldados de policia, depois de renhido combate e apesar do fogo que partia de algumas casas praieiras.

Durante esta porfiada luta um forte troço de rebeldes tentou atravessar a ponte da Boa Vista, mas o passo lhe foi embargado com valor e denodo por alguns paisanos, á frente dos quaes se achavam o delegado do 2º districto e o commandante dos voluntarios do Recife, e successivamente pelos imperiaes marinheiros, soldados do 4º de artilharia e 5º de fusileiros.

Entrincheirados então nos dois pequenos muros que guardam a entrada da ponte pelos lados do nascente e do poente, bem como nos dois sobrados que lhe ficam em frente e em algumas casas baixas da rua do Sol, os rebeldes despediram contra a força da Boa Vista, um foga mortífero ; mas depois de porfiado combate, os nossos bravos avançaram e os desalojaram dessa vantajosa posição.

Ao mesmo passo que esta força avançava pela frente, foi o inimigo acommettido pelo flanco da rua do Sol e pela retaguarda, pela cavallaria, imperiaes marinheiros, voluntarios e policia.

Eram 2 horas da tarde e eis que o general COELHO, de improviso, com a columna de seu commando entra pela cidade, depois de fazer marchas forçadas, e vem assim decidir a victoria, ja muito adiantada mas ainda não segura.

Os rebeldes, que não pereceram no combate, acutilados pela cavallaria que os perseguia, ou lançaram-se ao mar e ao rio, onde se afogaram, ou foram prisioneiros, ou se homisiam em algumas casas, donde foram depois, pela maior parte tirados.

Alguns episodios houve durante este ataque que por importantes merecem especial contemplação, taes são : 1º a heroica resistencia que a Guarda Nacional de Muribeca, em número de 200 praças oppoz, defendendo o forte das Cinco Pontas, que os rebeldes atacaram durante todo o dia, intrincheirados em algumas casas fronteiras; 2º, a defesa do arsenal de guerra, predisposta e desempenhada com fortuna pelo bravo major JOÃO PADRE DE ARAUJO E AGUIAR; 3º, a ajuda e cooperação dos brigues *Canopo*, commandado pelo 1º tenente JOSÉ DE MELLO CRYSTE DE OURO; *Calliope*, pelo capitão-tenente ANTONIO CARLOS FIGUEIRA DE FIGUEIREDO, a cutter *Esperança de Beberibe*, do commando do 2º tenente ANTONIO CARLOS DE MELLO E ANDRADE, os quaes evitando poderosamente a invasão do arsenal de guerra e thesouraria, protegeram o movimento de nossas tropas e a regular communição com esse e outros pontos, desalojaram os rebeldes de algumas casas de que faziam fogo, cortaram e impediram por fim a retirada dos mesmos, quando pretendiam passar para a ilha do Nogueira.

A segunda columna, tendo encontrado tenaz resistencia na Soledade, foi tambem destróçada.

O capitão de mar e guerra graduado JOAQUIM MARQUES LISBOA, depois MARQUEZ DE TAMANDARÉ, que tinha aportado a Pernambuco no vapor *Affonso*, prestou relevantes serviços, dirigindo o ataque contra os rebeldes, que se haviam apoderado de parte do bairro de Santo Antonio.

Da força de marinha foram feridos os 2º tenentes FRANCISCO DE SEIXAS, SOUTO MAIOR, MARCELINO GOMES DE ANDRADE, BENTO JOSÉ DE CARVALHO, BRAZ DIAS DA COSTA, JOAQUIM JOSÉ DE BRITO e MANUEL ANTONIO VITAL DE OLIVEIRA que desoito annos mais tarde,

no mesmo dia, succumbia victima de sua coragem, e o guarda-marinha ATONIO BENEDICTO OROSIMBO XAVIER DE AZEVEDO. Morreram 13 imperiaes marinheiros, tres praças da marinhagem e um soldado naval, e foram feridas ou contusas 48 praças ».

**1849** — Cai mortalmente ferido, no Recife, o chefe revolucionario desembargador JOAQUIM NUNES MACHADO, nascido na cidade de Goyana a 15 de Agosto de 1809.

Diz um dos seus biógraphos, o sr. F. A. PEREIRA DA COSTA :

« Filho de pais abastados, gosando sua familia de merecida estima e influencia, NUNES MACHADO recebeu uma educação esmerada; a sua intelligencia fecunda, manifestou-se logo na vivacidade de sua infancia e no estudo das disciplinas preparatorias conquistara louvores e applausos de seus mestres e de seus discipulos.

NUNES MACHADO terminou exactamente o seu curso preparatorio, quando o governo imperial lavrava o decreto de 11 de Agosto de 1827, creando os cursos, jurídicos de S. Paulo e Olinda; e no anno seguinte, abrindo-se as suas aulas, foi elle um dos primeiros estudantes matriculados na academia da cidade de Olinda.

Cursava NUNES MACHADO o 4º anno em 1831, quando rebentou, a 14 de Setembro, a sedição militar conhecida na historia por *Setembrisada*, commettendo a tropa desenfreada, senhora da cidade, os mais bárbaros attentados e toda a sorte de crimes, durante tres dias. O povo arma-se, e reune-se á milícia para occorrerem á commum defesa; os acadêmicos de Olinda improvisam, de repente, um batalhão patriótico, marcham para o Recife, e muito concorreram para suffocar a terrivel sedição; e na phalange desses filhos de Minerva, la estava o menino patriota JOAQUIM NUNES MACHADO, de arma á cara, em defesa da honra, vida e bens dos habitantes do Recife.

No anno seguinte, em 1832, a academia confere-lhe o grau de bacharel em sciencias jurídicas e sociaes; e no immediato, promulgado o código do processo, recebe elle a nomeação de juiz de direito de Goyana, e depois, em 1835, passou a juiz da pri-

meira vara criminal do Recife, e como tal exerceu o cargo de chefe de polícia.

A phase da vida de NUNES MACHADO que agora segue, uma das mais bellas de sua vida, é assim descripta por um dos mais possantes talentos de Pernambuco, o Dr. NASCIMENTO FEITOSA, em um discurso que recitou aos 2 de Novembro de 1863, em homenagem á sua memoria e de seus companheiros de infortunio, na revolução de 1848.

«Corria o anno de 1836 quando a provincia de Pernambuco se achou, por causa de actos legislativos filhos de circumstancias especiaes, enfeudada a uma familia que se queria constituir a única árbitra de seus destinos. Cidadãos respeitaveis, cheios do sagrado sentimento da liberdade e da independencia pessoal, souberam protestar bem alto, e em nome dos imprescriptiveis direitos que a lei fundamental outorga ao cidadão brasileiro, contra o aviltamento que de semelhante ordem de coisas resultava para a provincia.

Em 1842 esse poder feudal se achou alliado ao despotismo central, que resultava das leis inconstitucionaes então promulgadas pelo principio que havia assumido o governo do paiz em 1837 e se havia consolidado em 1841.

Então o elemento popular de Pernambuco se achou horriavelmente comprimido, quer pelo poder central, quer pelo feudalismo provincial. ; Quem ergueria um brado em favor deste povo tão torturado, tão martyrisado? ; Quem defenderia os seus direitos com denodo proporcionado ao desespero da situação? ; Quem seria o OCONNEL destes pobres irlandezes, votados ao despreso e á exclusão dos direitos constitucionaes? Era mister um homem que unisse uma grande alma a um grande coração. Pois bem, o desembargador NUNES MACHADO foi esse homem, que, sabendo identificar-se com os soffrimentos do povo, foi o incansavel athleta desses direitos, que a mais feroz das oligarchias tão tyrannamente conculcava.

Sua vida parlamentar desde 1842 a 1848 foi uma luta incessante, na qual o povo pernambucano foi o objecto exclusivo do seu culto. E' coisa admiravel ver como esse homem, dominando todas as causas de dissolução lançadas á porfia no meio da popu-

lação, ora levava o povo aos triumphos eleitoraes, ora sabia re-freial-o quando o via arrebatarse por instigações de falsos amigos.

Os últimos annos desse período foram uma série de actos heroicos, e estes em tal gradação que tiveram por coroamento o maior dos sacrificios ».

Creadas as assembléas provincias, e installada a de Pernambuco, NUNES MACHADO toma assento como deputado logo na primeira legislatura, merecendo ainda depois a honra de ser reeleito.

A sua attitude na assembléa provincial, o interesse particular que tomava em todas as questões de magno interesse, o seu amor e empenho pela prosperidade e progressos de sua provincia, a sua palavra eloquente, sempre erguida em prol dos direitos populares, tudo conquistou-lhe applausos e reconhecimentos, e na legislatura da Assembléa Geral, que principiou no anno de 1838, NUNES MACHADO recebe o diploma de deputado á câmara temporaria, e em outras legislaturas os seus comprovincianos ainda o distinguiram como seu representante no parlamento nacional.

Então, NUNES MACHADO era o chefe do partido popular, e aqui, como no Rio de Janeiro, acatado, venerado mesmo, e respeitado por todos. NUNES MACHADO, diz o Dr. J. M. DE MACEDO, reunia com effeito as condições mais notaveis para sel-o: no parlamento, bem que pronunciasse alguns discursos eloquentes e vigorosos, nunca foi tido em conta de orador de primeira ordem; mas nas assembléas populares era tribuno arrebatador: de elevada estatura, agradavel presença, olhos cheios de fogo, tinha voz que se prestava a todos os tons, desde a doçura da amabilidade alliciadora até o rugido do leão: falava com facilidade e energia: dispunha de grande força physica e de coragem inabalavel: além disso era generoso e beneficente, e nenhum como elle sabia tanto mover o povo.

A 29 de Setembro de 1848 o partido liberal é apeado do poder, e sobe ao governo o partido conservador. Em Pernambuco estavam então os ânimos em combustão; conflictos e desordens ja se haviam dado em alguns pontos da provincia, quando é publicado o acto do governo adiando a reunião das câmaras.

Resolvido em numerosa reunião de senadores e deputados liberaes na côrte do Imperio que, cada um se empenhasse em suas provincias no arrefecimento dos ânimos exaltados, NUNES MACHADO apoia e applaude muito esta medida, mas teme com-tudo de voltar a Pernambuco, prevendo o rompimento da revolta, apesar de todos os esforços em contrario.

Os amigos de Pernambuco reclamam a sua volta, elle resiste, mas afinal parte, confiado em sua immensa e merecida influencia e popularidade. Incapaz de dissimulação, diz o autor da *Appreciação da Revolta Praieira*, por toda parte foi manifestando os fins pacíficos de sua viagem precipitada: chegando ás Alagôas, achou a noticia do rompimento. Tão puras eram suas intenções, tanto estava a revolta fóra de suas vistas e esperanças, que nos assomos da surpresa lançou imprecações contra seus amigos e alliados, e partiu na firme resolução de fazer desarmar o partido.

A 17 de Novembro de 1848 chegou a Pernambuco o desembargador NUNES MACHADO, a bordo do vapor *Bahiana*, e immediatamente, com outros companheiros, dedicada e afincadamente se entregou com todo o ardor de seu character ao desempenho de sua missão pacificadora e patriótica.

Mas, a desatenção da presidencia ás suas proposições, adversarios políticos adrede fazendo espalhar que NUNES MACHADO e seus collegas se tinham bandeado, vendendo-se ao governo, a desconfiança que então começava a lavrar entre seus proprios amigos, e o epíteto de traidor que ja lhe davam, arrastaram-no ao campo da revolta, ao sacrificio;—*Eu bem annunciei que vinha ser víctima!*—disse então aos seus collegas de deputação —*Vou sê-lo!*—E partiu do Recife, e poz-se á frente das tropas rebeldes como seu chefe.

Em 31 de Dezembro de 1848 partiu NUNES MACHADO para o sul da provincia: vai ás Alagôas, dirige e encaminha todos os negocios, atravessa para Pernambuco, e percorre differentes pontos; mas, reclamando a marcha dos acontecimentos a sua presença no Recife, vóa a esta cidade, occulta-se, e depois de terminado o fim de sua missão, parte de novo para o campo.

Depois de diversos ataques e combates, em que o desembargador NUNES MACHADO dir-se-ia um soldado corajoso e valente, affeito ás lides das campanhas militares, foi resolvido dar-se o último golpe, o ataque da capital.

A 2 de Fevereiro de 1848, ao romper da aurora, as columnas rebeldes chegam ás portas da cidade do Recife; uma ataca pela Bôa-Vista, a outra pelos Afogados, com cerca de 2,000 homens. A columna do sul penetra na cidade, e occupa os bairros de São José e Santo Antonio, mas a columna da Bôa-Vista encontra sérios obstáculos.

Chegando até a Soledade sem difficuldade alguma, ahi achou porém a sua frente tomada pela tropa estacionada no quartel dessa localidade.

As tropas rebeldes entrincheiram-se no sitio e casa fronteira ao quartel; rompe o fogo, e NUNES MACHADO, tomando a temeraria resolução de expor-se a animar as tropas e dirigil-as ao assalto, ao sair da casa em que se achava a observar o posto inimigo, vòo o raio da morte sobre a sua sua cabeça e elle cai morto.

O que valia o desembargador NUNES MACHADO entre os seus companheiros, o seu prestigio, a coragem e o ânimo que infundia em todos, disse-o bem alto a consequencia de sua lamentavel morte. A tropa se apoderou do maior desânimo, dissolveu-se em grupos fugitivos, e conduzindo o cadaver do chorado chefe, o foram depositar na capelinha de Belém.

No dia seguinte, marcha por ordem da presidencia o chefe de policia á frente de 50 praças de primeira linha e muitos voluntarios, a conduzir para o Recife o cadaver da illustre vítima. Chegam a Belém, acham a capella fechada, procuram o guarda, e, não o encontrando, porque havia elle se occultado, vão ter á sua mulher; mas ella, negando-se a entregar a chave, pretextando que não a tinha, foi seviciada, presa e conduzida ao quartel do corpo de policia.

Arrombadas as portas da capella, jazia o cadaver de NUNES MACHADO sobre o ladrilho do corredor, em uma rêde, e nesta mesma conduzem-no para o Recife. «Muitas vezes teve o fúnebre cortejo de parar em caminho, diz FIGUEIRA DE MELLO, ja para que

pudessem descançar os carregadores da triste vítima, já porque muitos cidadãos se arrojavam á rêde em que vinha, para a reconhecer e lastimarem.

O chefe de policia, (é o proprio FIGUEIRA DE MELLO) e toda a força que seguiu, ou porque lamentassem o passamento de um cidadão, que em época futura ainda poderia ser util á patria, — ou porque certo das grandes peripecias da voluvel roda da fortuna, conhecessem que ninguem pode considerar-se isento de desgraças taes, mostravam-se tristes, e communicavam estes sentimentos a todos quantos os acompanhavam ».

« De distancia em distancia, fala agora URBANO SABINO, parava o ímpio préstito, para se expor o corpo, e mostrar que era do proprio desembargador NUNES MACHADO; e toda essa infame profanação era acompanhada de gritos desentoados:—; Viva o presidente! ; morram os cabanos! »

Quer segundo FIGUEIRA DE MELLO, quer segundo URBANO SABINO, ambos historiadores dessa mesma revolta que ensanguentou e enlutou a provincia de Pernambuco, e que por tantos annos impediu o seu augmento e prosperidade, foi conduzido o cadaver de NUNES MACHADO, e sepultado no cemiterio do Convento de S. Francisco, depois de feito um auto de vistoria. verificando-se que *« tinha uma ferida penetrante de arma de fogo na região temporal direita, interessando o músculo e osso respectivo e a massa cerebeal, de profundidade de 6 pollegadas, do que lhe resultou immediatamente a morte »*

NUNES MACHADO, diz o Dr. JOAQUIM MANUEL DE MACEDO, morto a 2 de Fevereiro de 1849 em campo armado, em revolta contra o governo legal, em acção criminosa, e peor do que isso em gravíssimo e lamentavel erro político expiado longamente pelo seu partido em todo o Imperio, foi em todo o Imperio chorado.

O retrato de NUNES MACHADO multiplicou-se em milhares de cópias, ou de estampas, e ainda hoje se vê conservado em muitas casas, principalmente sob o tecto modesto ou pobre da gente do povo. Homem de probidade inatacavel, typo de generosidade e de dedicação, leal até o sacrificio, corajoso até a bravura, mor-

reu, sendo realisada a sua previsão, quasi prophética : *Si eu for para Pernambuco, serei vítima.*

Um quarto de século depois, a 2 de Fevereiro de 1874, era assignalado o logar em que por 24 horas jazeu o cadaver de NUNES MACHADO na capella de Belém, assentando-se uma lápida commemorativa. Foi uma solemnidade modesta, mas bem significativa, um acto tocante, uma romaria patriótica e concorridíssima.

A lápida tem esta inscripção :

*Joaquim Nunes Machado — No chão que defronta com esta lápida — Foi depositado — Aos 2 de Fevereiro de 1849 — O cadaver do grande pernambucano — Que não pôde ter sepultura por mão amiga — E no dia seguinte violentadas as portas desta capella — Foi conduzido como tropheu de victoria — para a cidade do Recife e depois de ostentosa victoria — entregue aos religiosos franciscanos. — Admiradores do grande cidadão — collocaram esta lápida aos 2 de de Fevereiro de 1874. — Honra ao heroico Pernambucano ».*

NUNES MACHADO, não era somente um orador eloquente e inspirado, tribuno ardente e arrebatador, magistrado intelligente e honesto, íntegro e circumspecto; era tambem literato de gosto aprimorado, e modesto cultor das musas. De suas inspirações poéticas, restam apenas dois sonetos, cheios de ternura e sentimento.

Eil-os :

#### A PAIXÃO DE CHRISTO

##### I

¡ Que negra scena, lúgubre e sombria  
A Santa madre Igreja commemora !  
De luto com as roupas traja agora  
E vai tocando os dobres da agonia !

Lembra quando Jesus da Cruz pendia,  
Entre angustias passando a extrema hora;  
A paixão sacrosanta se deplora  
Do predilecto Filho de MARIA.

¡ Caso cheio de horror ! ¡ Atroz supplicio !  
Jesus, vítima nobre e generosa,  
Entregou-se por nós ao sacrilicio !

Ah ! prasa ao Ceu que a raça eriminosa,  
De todo abandonando o torpe vicio,  
De Deus a luz abraçe fervorosa.

## II

Em tudo grande e cheio de bondade,  
De Sér Supremo o Filho não trepida ;  
Missão tremenda aceita de co'a vida  
Remir da culpa a triste humanidade.

No Ceu fica de DEUS a qualidade,  
O homem baixa à terra corrompida,  
E sua voz soltando esclarecida,  
Do erro contrafaz a escuridade.

Tido como impostor, é prisioneiro,  
; E' coberto de opprobrio, atropellado,  
E' sujeito a morrer sobre um madeiro !

Morreu !... Mas, oh ! ; prodigio sublimado !  
Resuscita sem mancha o DEUS cordeiro,  
O vencedor do crime e do peccado !

**1865**—O almirante TAMANDARÉ, em nota dirigida aos commandantes das divisões estrangeiras e aos agentes diplomáticos, declara bloqueado o porto de Montevideo, *marcando o praso de sete dias para se retirarem os navios do ancoradouro interior e se porem em franquia em posição que não embaracem as operação de guerra.*

**1867**—Morre gloriosamente, a bordo do couraçado *Silvado*, que commandava, o bravo capitão de fragata MANUEL ANTONIO VITAL DE OLIVEIRA.

Fulminou-o a artilharia inimiga, no bombardeamento que fazia o almirante VISCONDE DE INHAUMA sobre Curupaity, na memoravel guerra do Paraguay

Lê-se nas *Ephemérides Navaes*:

« Os encouraçados *Colombo, Mariz e Barros, Bahia, Tamandaré, Silvado, Herval, Barroso, e Cabral*, as canhoneiras *Parnahyba, e Beberibe*, a bombardeira *Forte de Coimbra* e duas chatas bombardeiam, pelo lado do rio Paraguay o forte de Curupaity, ao mesmo tempo que as canhoneiras *Iguatemy e Araguary*, bombardeira *Pedro Affonso*, vapor *Lyndoia*, chata *Mercedes* e lancha *João das Botas*, pela lagôa Pires, convergem seus fogos contra a direita das trincheiras paraguayas.

Foram poucas as avarias soffridas por nossos navios nesse bombardeamento, e diminuto o número de mortos; entre estes, porém, se contava o capitão-tenente VITAL DE OLIVEIRA, comman-

dante do *Silvado*, que foi ferido por estilhaço de bala, ao passar de uma torre para outra. \*

Official illustrado, distincto pelo talento e pela dedicação ao serviço, era VITAL DE OLIVEIRA o melhor hydrógrapho que então possuíamos. A seus esforços deve o Brasil grande número de cartas e planos de nossa costa »

Diz o autor do *Diccionario Biographico de Pernambucanos Illustres*.

« MANUEL ANTONIO VITAL DE OLIVEIRA nasceu na cidade do Recife a 28 de Setembro de 1829, estudando em Pernanbuco as línguas nacional, latina, franceza, ingleza, e philosophia e rhetórica, em cujas materias obteve plena approvação . .

VITAL DE OLIVEIRA seguiu para o Rio de Janeiro em Dezembro de 1842, e matriculou-se na Escola de Marinha em 1.º de Março do anno seguinte. Logo nos primeiros tempos dos estudos superiores começou a distinguir-se pelo seu aproveitamento e desempenho de suas obrigações escolares, e no primeiro anno do curso foi louvado em *ordem do dia*, na qual se lê o seguinte trechô:

«O illustríssimo Sr. commandante manda louvar o Sr. VITAL pela qualidade de bom estudante, e bom comportamento, e espera que, segundo o seu exemplo, todos os desta classe se esforcem para prestar-se ao exame do bom êxito »

Promovido a guarda-marinha em 12 de Novembro de 1845, pouco depois fez a sua primeira viagem de instrucção, para Pernambuco, no brigue de guerra *Caltope*, e ganhando reputação como estudante talentoso e applicado, *era apontado como exemplo de disciplina, admirado e louvado pela sua constancia e pela sua aptidão zelosa no trabalho*; e dois annos depois da sua primeira promoção passou a 2º tenente, por decreto de 2 de Dezembro de 1847.

De volta de uma de suas viagens de instrucção a Europa, VITAL DE OLIVEIRA achou-se em Pernambuco, e tomou parte no combate de 2 de Fevereiro de 1849, do que teve o hábito de

\* Vital de Oliveira tinha sido promovido a capitão de fragata, essa promoção, porém, não foi publicada na esquadra sinão depois de sua morte. Propositalmente conservamos o posto que lhe dão as partes officiaes.

# Os últimos livros de Mucio Teixeira perante a imprensa.

(Continuação do que se lê na capa do 9.º fascículo)

Je ne crois pas que le *chant* soit une condition essentielle du mensonge—il y a bien des gens qui mentent fort convenablement en prose.—Mas je suis heureux de savoir que M. MUCIO TEIXEIRA ne ment jamais, pas même en vers. C'est une heureuse qualité qu'il ne faut pas lui marchander: cette noble sincérité mérite de non moins sincères louanges.

Les poèmes de M. MUCIO TEIXEIRA ne sont pas de notre siècle; ils respirent une bouffée tardive du romantisme de 1830. Ils se ressentent de l'influence de BYRON et d'ALFRED DE MUSSËT. Néanmoins il y a un côté vraiment original dans ses *Flores do Pampa*: la couleur locale est très adroitement imprimée dans ces petites pièces d'allures vives et tant soit peu sauvages.

Le *Fausto Gaucho* est une trouvaille et c'est dommage que le dieu de Weimar soit mort avant M. MUCIO TEIXEIRA: il aurait certainement trouvé la version délicieuse... traduite en allemand, bien entendu, parce qu'en portugaise ou en chinois cela revient au même! Il n'y aurait rien compris...

Mais revenons à cette piécette étrange et réellement admirable. Les réflexions du *gaucho* sont tordantes et on sent que cela est pris sur le vif, avec beaucoup de conscience et de savoir-faire.

Oyez plutôt.  
On lève le rideau:

«Corre-se um lenço comprido,  
Lindasso como um vestido  
Nas festas dos arraiaes».

Faust est défini:

«O Doutor se apresentou  
E de prompto se queixou  
Do que andava padecendo».

Disse que já não podia  
Com a tal sciencia estudada...

Et Marguerite aussi est définie:

«E com uma loira dannada,  
Atisca como cutia».

Remarquez l'harmonie barbare de ce dernier vers. Comme cela peint bien la troublante vision de la blonde Gretchen aux yeux de ce *gaucho* des pampas.

«Que a mimo a campeava  
Deixe que a autora rompia  
Ae que a noite cahia,  
Se não a luz della rondava».

Maintenant c'est le tour de Mephistophélès:

«Aparece o condemnado!

Mas que achas?... Que biquê?...  
Tinha um copo no mão,  
Chagou de primo, fazo  
De pombo, e boche de trade

Devidichas, quêsas escetas,  
Um bico em cada vapato,  
E como dois olhos de gato  
E pernas de aracaeta...

Et l'apparition de Marguerite:

«Patrício, tudo que eu vi,  
Tambem viu meja cidade!

Ah! seu Laguna, ando a nóa,  
Dito, ninguém acredita...  
E que ruivinha bonita,  
Era uma santa em pessoa!

Et vient la description des charmes de Marguerite:

«Saíote azul, meio alçado,  
Perna grossa, alva botina;  
E o cabelo... como a crina  
De um bicho recém-tosado».

Tão branca como coalhada;  
E que alças! e que cintura!  
Ver-se aquella creatura  
Era ver-se a Immaculada.

Seios duros, mal bolindo;  
Os olhos, brisas acexas;  
E os dentes, perolas presas  
Na boca, um cravo se abriudo».

Vous voyez qu'il ne manque pas de poésie non plus dans cette version *rio-grandense* du Faust. Et cela continue encore pendant plusieurs quatrains, aussi alertes et aussi originaux que les premiers. N'est-ce pas que M. MUCIO TEIXEIRA est un poète?

Je ne prétends certes le faire pas entrer dans l'immortalité avec son *gaucho*—ce serait abuser du droit d'hospitalité dans cette région réservée aux purs génies et aux grands héros... Mais si j'ai par le pouvoir de l'introduire de vive force dans le séjour des immortels, j'ai peut lui compter toutefois un bon point. Et je le fais de tout cœur.

IWAN D'HUNAC.

*Etoile du Sud* de 20 de Desembro de 1903.

## AGUIAS E SAPOS

AO AMIGO E MESTRE MUCIO TEIXEIRA

Si tens talento e uma alma immaculada,  
Deixa que a turba esulta, gargalhando,  
Passe por ti... como si assim pissando  
Não lhe ouvisse a torpe gargalhada.

Quando setta não vemos disportada,  
Sem que atinja o Condor que está voando?  
Quando vires do espaço a Aguilá tombando,  
E que foi por um raio fulminada!...

Posse a Aguilá na beira de um vallado;  
E pelo espaço azul se balanceando  
Come um sapo... de um rio pendurado...

A Aguilá e sempre a Aguilá: está caçando...  
E o sapo sempre e sapo: foi guindado,  
Mas não todo e que vive poindando.

Rio, Desembro, 1903

VIRGILIO VIDIGAL

10º Fasciculo do "Brasil Marcial"

# COMPANHIA DE LOTERIAS NACIONAES DO BRASIL

Séde Social e Salão das Extracções

Ruas 1º de Março, 38 e Visconde de Itaborahy, 9

Caixa do Correio n. 41 RIO DE JANEIRO End. Teleg. LOTERIAS-Rio

LOTERIAS FEDERAES EXTRAHIDAS NA CAPITAL FEDERAL

PRESIDIDAS PELO SR. FISCAL DO GOVERNO

representante do Exm. Ministro da Fazenda, e com assistencia de um Director da Companhia. Serviço do Governo da União em virtude de Lei do Congresso Nacional e do contracto assignado na Directoria Geral do Contencioso do Thesouro Federal.

GRANDE E EXTRAORDINARIA LOTERIA

N. 103-15ª

Extracção SABBADO, 5 DE MARÇO PROXIMO Extracção

Às 3 horas

**200:000\$000**

Em bilhetes inteiros a 15\$, meios a 7\$500 e vigésimos a 750 rs.

Os bilhetes acham-se á venda nas agencias geraes de NAZARETH & C., rna Nova do Ouvidor n. 10, endereço telegraphico LUZVEL, caixa do correio n. 817; e CAMOES & C., becco das Cancellas n. 2 A, endereço telegráphico PEKIN, caixa do correio 946. Essas agencias encarregam-se de quaesquer pedidos, rogando-se a maior clareza nas direcções. Aceitam-se agentes no interior e nos Estados, dando-se vantajosa commissão. Os agentes geraes só recebem e pagam bilhetes premiados nas loterias da Capital Federal.

MUCIO TEIXEIRA

# Brasil Marcial

SYNTHESE HISTÓRICA

DA

*nossas guerras, revoluções e revoltas, desde os tempos  
coloniaes até a actualidade, com  
o retrato e a biographia dos herões, a descripção dos combates,  
a planta do terreno, o typo dos navios, etc.*

1 DE JANEIRO DE 1502 A 31 DE DESEMBRO DE 1904

....

FASCICULO N. 11



RIO DE JANEIRO

1904



24 fasciculos  
12 fasciculos  
Fora da Capital, 24 fasciculos

Os pedidos de assignaturas devem ser dirigidos ao Autor, na sua residencia

CAMPO DE S. CHRISTOVAM 38

# MERCURIO

COMPANHIA DE SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

Autorisada a funcionar por Carta Patente n. 2

CAPITAL

Rs. 2.000:000\$000

Depósito no Thesouro Federal Rs. 200:000\$000

INCORPORADA PELA

Associação dos Empregados no Commercio

DO

RIO DE JANEIRO

Adresse Telegr.—AZOGUE  
CÓDIGO RIBEIRO

Caixa do Correio № 36  
TELEPHONE 389

16, Rua do Hospicio, 16

Christó pelos serviços que prestou. Em 2 de Dezembro 1854 foi promovido a 1º tenente..

Nomeado commandante do hiate *Parahybano*, emprehendeu trabalhos importantês; como sejam:— *Descripção da Costa do Brasil, De Ritimbã a S Bento*, e de *Todas as Barras, Portos e Rios do litoral da Provincia de Pernambuco*, seguido de um roteiro, acompanhando a planta geral da costa. Este trabalho foi publicado em 1855

Tirou a planta dos baixos das Rocas, das duas lagôas do norte e sul da provincia das Alagoas, e fez as explorações e estudos necessarios para se estabelecer a navegação a vapor naquelles logares.

Em 1862 VITAL DE OLIVEIRA publicou, em 5 mappas, as cartas marítimas das provincias do Rio Grande do Norte e de Alagoas, desde o rio Mossoró até o S. Francisco, trabalho que, impresso no Rio de Janeiro, mereceu louvores da imprensa e do governo.

Nesse mesmo anno, dirigindo o commando do vapor *Yaguaraõ*, procedeu a exames e estudos para o reconhecimento de certos pontos da costa do sul, de Santa Marta, no Rio Grande do Sul; e verificou e determinou a posição da pedra denominada *Hermes*, existente nas costas septentrionaes de Cabo Frio.

Encarregado pelo ministerio do Imperio, em 1863, examinou e sondou o rio Mirity, ajuntando ao respectivo relatorio uma planta desse rio; foi o presidente da commissão encarregada de averiguar e estimar o computo dos prejuisos que haviam soffrido os proprietarios e interessados nos cascos, apparelhos e carregamentos dos navios apresados pelo almirante inglez WARREN, a título de represalias, e de terminar os pontos onde se effectuaram os apresamentos, afim de reconhecer se tinham sido feitos nas aguas do Imperio, sendo elogiado por aviso do ministerio dos estrangeiros, de 19 de Julho de 1863, *pela intelligencia e zelo com que se houve no desempenho de tão melindroso dever.*

Em 1864 foi incumbido pelo mesmo ministerio de dar parecer sobre uma carta de todo o curso do rio Amazonas, na parte pertencente ao Brasil, levantada pela commissão encarregada de

demarcar e reconhecer a fronteira do Brasil com o Perú; commandando a canhoneira *Ypiranga*, encetou e continuou por mais de 2 annos o levantamento da carta geral da costa do Sul do Rio de Janeiro; e em 1864 começou a impressãõ do seu *Roteiro da costa do Brasil, do rio Mossoró ao rio S. Francisco do Norte*, a qual foi concluida em 1869, depois de sua morte.

Geógrapho profundo, segundo um juizo competente, nenhum mais que elle conhecia o Brasil, debaixo do ponto de vista da geographia physica, nem sabemos de outro que tanto como elle achasse luz para resolver, na comparação das denominações antigas e modernas de pontos do litoral do Imperio, problemas escuros e duvidosos: podemos dizel-o, e damos testemunho de que na pobreza de nossa ignorancia mais uma vez recebemos rica esmola da sua sabedoria.

Abalisado hydrógrapho, os raios da sua sciencia brilhavam não somente no seio da patria, mas no velho mundó: seus trabalhos e estudos da costa do Brasil foram as bases confessadas da obra do hydrógrapho francez M. MUCHEZ, e os governos da França, Italia e Portugal assignalaram o seu merecimento, condecorando-o com o hábito da Legião de Honra, com o de S. Mauricio e S. Lásaro e com a commenda da ordem de Christo.

Incumbido, por aviso de 21 de Fevereiro de 1865, do commando do vapor de guerra *S. Francisco*, por varias vezes o conduziu a diversas provincias do norte, até a do Maranhão, afim de transportar para o sul os primeiros batalhões de voluntarios da patria; e exonerado dessa commissão, partiu para Bordeaux em 8 de Fevereiro de 1866, afim de tomar conta do commando do encouraçado *Nemesis*, e o trazer ao Brasil.

A tarefa era árdua, elle desempenhou-a dignamente; a travessia do *Nemesis* constitue um triumpho da navegação hodierna, um página brilhante da vida do intrépido marinheiro que a emprehendeu, cujo período de mais heroismo assim foi narrado por um seu biógrapho:

« Com effeito, não fôra VITAL DE OLIVEIRA um habil marinheiro, não fôra elle digno daquella banca de commando que acabava de ser-lhe confiado, e o encouraçado *Nemesis* não faria

parte da nossa esquadra, porque teria sossobrado aos contratempos que sobre elle investiram, atravessando o Atlântico. E houve um dia, que não podemos deixar de mencionar, porque é o romance da vida do nosso marítimo.

Era na altura de Pernambuco, e os negrumes da tempestade tinham-lhe completamente cerrado o horisonte de sua terra natal; Eólo desenfreara os ventos, que pareciam dispostos a destruir em suas fúrias todo o ferro das couraças do *Nemesis*; o mar, bramindo ao longe por ter sido esmigalhado nas quebradas dos recifes, espumando raivoso investia o navio em ondas monstruosas, que no meio da bruma da tormenta semelhavam monstros famintos dispostos a engolil-o; e o trovão com o seu ribombo convulçando a natureza, dava vida a essas aguas, dava vida a essas nuvens, que pareciam outros tantos monstros, a moverem-se nessa scena de horrores; e o raio, rompendo em fitas de fogo a immensidade das trevas, mostrava o espectro da morte no fundo de um abysmo illuminado pelos fuzis, que de espaço a espaço se accendiam.

No fim do terceiro dia, o commandante, com aquella serenidade que caracteriza o homem do mar, no tombadilho dirigia a manobra, e encarava a tormenta; mas de repente uma nuvem de desgosto veio perturbar a impassibilidade daquella physionomia, enrugalhe a fronte, e empalidecel-a. E' que elle vira a magnitude do perigo e certa a morte daquella pobre gente a quem conduzia.

— ¡Escaleres ao mar! — Ordenou por fim, e fez com que todos se distribuíssem em justa proporção, para em caso extremo soltarem as talhas e salvarem-se. So elle queria ficar, e mais alguém que se resolvera a partilhar de sua sorte; era sua esposa, D. ADELAIDE CALHEIROS DA GRAÇA VITAL. E essa moça, pálida e convulsa pelo terror da morte, desgrenhada pela afflicção, de joelhos aos pés de seu esposo, sem querer abandonal-o, e invocando o céu em suas preces, representava o anjo da dedicação, ou a estatua do amor e dever—lacrimosa sorrindo ao sacrificio.

As orações dos anjos sobem ao céu com o incenso das offendas recebidas. A tempestade acalmou-se, e uma estrella, espiando no horisonte, veio denunciar aos navegantes afflictos que

era chegada a bonança com o seu préstito de luz e de encantos.

Aportou-se a Pernambuco, e foi preciso ficar-se ahi 8 dias para concertar o navio dos estragos do temporal ; em compensação a tantos contratempos gosou o nosso heróe dos abraços e bênçãos maternas, e saudações de seus parentes e comprouvianos ; e para que fosse mais completa a felicidade e a gloria dessa familia pernambucana, que sem o saber apertava pela última vez em seu seio o filho querido de suas entranhas, teve a lisongeira noticia de que VITAL, depois de uma viagem feliz, chegara ao Rio de Janeiro a 11 de Setembro de 1866, e que poucas horas depois de ancorado fôra cumprimentado pelo-almirante dos Estados-Unidos, que então commandava alguns vasos daquela nação surtos neste porto, ouvindo delle estas expressões: — *É um triumpho para a navegação ter-se atravessado o Atlântico em um navio encouraçado da construcção do «Nemesis», que so é proprio para navegar rios.*

A este elogio, que vale uma corôa, não so para o individuo, como para a nação a que elle pertence, o governo juntou os seus louvores em aviso de 29 de Outubro do referido anno ».

Recebendo o *Nemesis* o nome de *Silvado*, VITAL DE OLIVEIRA seguiu com elle para o theatro da guerra, onde recebeu o decreto de sua promoção a capitão de fragata, por merecimento, em 21 de Janeiro de 1867.

A 2 de Fevereiro, ao romper da aurora, a esquadra imperial disposta em 3 divisões atacou a fortificação de Curupaity e as trincheiras inimigas, penetrando na lagôa Pires. Às 6 horas, ao signal do navio chefe, rompeu o fogo da esquadra sobre Curupaity, e entre os encouraçados se ostenta o *Silvado*, galhardo e feroz, sobre cuja escotilha se erguia o vulto impávido e severo de VITAL DE OLIVEIRA, trajando rigorosamente a militar, com o seu grande uniforme, ostentando no peito todas as suas condecorações, óculo em punho, dirigindo ja as manobras do navio, ja a direcção do combate.

VITAL DE OLIVEIRA, (diz o Dr. J. M. DE MACEDO, em um brilhante rasgo de eloquencia), sobre a escotilha, desafiando as balas

paraguayas, offerecendo-se como alvo, provocando-as, sereno em face da morte, firme como estatua de bronze, VITAL DE OLIVEIRA esquece o instincto da conservação, o amor da esposa, o esplendor do futuro, e, so lembrado do pundonor brasileiro, vai além da bravura, e com impavidez sublime dá nessa guerra mais um exemplo de acções famosas, para as quaes é preciso crear um nome nas linguas, porque audacia indica vaidade, e nos sacrificios sorprehendentes, sublimes, dos nossos heróes, ha abnegação patriótica, que exclue aquella condição em que a audacia se amesquinha. Bravura é pouco, audacia é injustiça: oh! inventai, dai-nos um nome na nossa lingua que exprima idéa tão magestosa, como são magestosas essas acções dos nossos guerreiros.

Aquelle vulto homérico de VITAL DE OLIVEIRA, (continúa ainda o mesmo escriptor), aquella firmeza de cavalleiro de ferro, immovel, indifferente aos vômitos de flammas e balas da artilharia paraguayana; aquella surdez sublime ao estampido dos canhões, e sublime cegueira á chuva de bombas e de horrores; aquella figura impávida, inabalavel, que era de homem vivo, porque levantava o braço brandindo a espada refulgente, e porque tinha uma voz que bradava — ¡fogo! — aquella assombro de intrepidez serena mostrou-se ao inimigo, não como simples heróe, sim como heróica fortaleza; o inimigo fez honra a VITAL DE OLIVEIRA, julgou preciso duplicar a morte para poder matal-o, e com 2 projectis a um so tempo feriu duas vezes mortalmente o heróe e derrubou o colosso. VITAL DE OLIVERIA cahiu e expirou nos braços de um companheiro, de um outro bravo dessa phalange maravilhosa que escreveu com o seu sangue a epopéa da heroicidade dos brasileiros.

No dia seguinte, 3 de Fevereiro de 1867, ás 10 horas da manhã, o cemiterio da Cruz, da cidade de Corrientes, recebeu em seu seio o cadaver do heróe, e teve elle sepultura entre os túmulos de mais dois heróes: MARIZ E BARROS de um lado, e MULLER do outro.

E ¡coincidencia notavel!. «A 2 de Fevereiro de 1849, diz o *Jornal do Commercio* da côrte, combatia o então 2º tenente VITAL DE OLIVEIRA contra uma revolução que queria erguer o collo: e

nesse mesmo dia recebia elle um ferimento de bala, e era condecorado com a ordem de Christo. \*

A 2 de Fevereiro de 1867, nas aguas do Paraguay, o bravo VITAL DE OLIVEIRA cahia ferido e expirava, batendo-se com um inimigo ousado.

A 2 de Fevereiro de 1849, servia o capitão-tenente VITAL DE OLIVEIRA sob as ordens dos chefes conselheiro JOAQUIM JOSÉ IGNACIO e ELISIARIO ANTONIO DOS SANTOS. A 2 de Fevereiro de 1867 dirigia a esquadra no Paraguay o mesmo conselheiro, e era chefe do estado-maior o capitão de mar e guerra ELISIARIO.

A 2 de Fevereiro de 1849 tinha elle por companheiro o capitão-tenente ANTONIO MANUEL FERNANDES, hoje secretario do almirante, e o cûrva do seu ferimento o então 2.º cirurgião Dr. CARLOS FREDERICO, hoje chefe de saude da esquadra; e a 2 de Fevereiro de 1867 estes companheiros de armas, depois do combate, conduziram o seu cadaver a Corrientes e o levaram á sua última morada».

VITAL DE OLIVEIRA foi, na phrase do conselheiro DIAS DA MOTTA, «o peregrino que, depois de longa viagem, depoz o bordão para descançar, e olhando para o céu voôu a reunir-se aos seus companheiros de gloria». E, segundo o illustre almirante, *morreu pela patria, legando-lhe o nome de mais um heróe.*

Os restos mortaes do heróe de Curupaity repousam no seio da terra que lhe serviu de berço, e jazem no cemiterio público do Recife, em modesto e elegante túmulo de mármore com este epitaphio:—«*Aqui jazem os preciosos restos do Capitão de Fragata Manuel Antonio Vital de Oliveira, nascido a 28 de Setembro de 1829 e morto no combate de Curupaity a 2 de Fevereiro de 1867*».

**1876**—Decreto creando a repartição hydrográphica e incumbindo-a:

do levantamento e construcção da carta geral das costas do Brasil, comprehendendo ós portos, rios, e lagoas navegaveis;

da conservações das cartas e planos ja existentes;

---

Maior coincidência é a do número dois nos principaes factos da vida de VITAL DE OLIVEIRA.

da publicação das plantas, á proporção que fossem sendo levantadas;

do exame das obras concernentes á navegação, apresentadas ao ministerio da marinha;

do exame dos chronômetros, instrumentos náuticos, meteorológicos, astronômicos, ópticos e geodésicos;

e da confecção de um roteiro perfeito e geral da costa do Brasil.

### OS HOMENS DO DIA

**962**—OTHON, Rei da Allemanha, recebe de João XII, em Roma, a corôa imperial.

**1535**—D. PEDRO DE MENDOZA funda a cidade de Buenos-Aires, construindo o primeiro estabelecimento na costa do sul do Riachuelo.

Dizem os chronistas espanhóes que a mais bella cidade platina tomou a nome de Buenos-Aires, porque o capitão SANCHO GARCIA, cunhado de MENDOZA, ao pisar a terra exclamou:—*¡ Qué buenos aires son los de este solo !*

**1894** — M. HEILMANN, faz em Paris, no bairro St. Germain, o primeiro ensaio official da sua locomotiva eléctrica.

**1904** — O sabio professor OLIVER LODGE faz, em Birmingham, uma notavel conferencia sobre a natureza e as propriedades geraes do *radium*, da qual se destacam os seguintes tópicos, que devem figurar aqui, por seu incontestavel valor scientifico:

« Para que haja a maior claresa na exposição e desenvolvimento do assumpto de que me vou occupar, devo começar fazendo uma succinta análise da theoria sobre que se baseia o phenômeno genérico da atomicidade dos corpos, e mostrando qual é na actualidade a noção inteiramente nova que se vai accentuando sobre a natureza íntima do átomo da materia. Diversos têm sido os scientists que ultimamente se dedicaram ao estudo de semelhante questão; mas, a meu ver, é com especialidade a dois ingleses—os professores LARMOR e THOMSON, respectiva-

mente cathedráticos de mathemática e de physica na Universidade de Cambridge, que devemos o estabelecimento da moderna theoria atômica.

E' em consequencia dos seus trabalhos e das investigações de outros abalisados professores que temos hoje o conhecimento de que a electricidade se acha disseminada em pequenas partículas, as quaes como que podem « ser vistas » no *cáthodo* de CRAOKES, constituindo o que elle denominou os raios *cathódicos*, partículas essas que são chamadas *electrones*.

São exactamente essas partículas, ou *electrones*, que são hoje consideradas como os elementos componentes, ou átomos dos corpos materiaes.

Pela antiga noção de atomicidade, os átomos eram concebidos como sendo as últimas subdivisões da *materia*; taes subdivisões tinham um grau de pequenez tão infinitamente grande, que para darmos uma ligeira idéa do volume de cada um, basta que digamos que, para occupar um comprimento correspondente apenas a uma pollegada, seria preciso dispor, uns ao lado dos outros, tresentos milhões desses elementos, ou então que em um simples gránulo de lycopodio em po poder-se-ia apurar cerca de um trilhão de tão minúsculas migalhas.

Mas, apesar disso, a investigação humana ainda não se julgava satisfeita com esse admiravel extremo a que ja havia conseguido attingir, e assim procurava ir mais além.

E de facto o foi. A moderna concepção dos *electrones* acarreta consigo a possibilidade de admittir-se a *materia* subdividida em partes ainda muitíssimo mais reduzidas do que ja o era quando encarada como constituída pelos átomos, porquanto o *electrone* é considerado como tendo um volume, um milhar de bilhões de vezes menor do que o dos primitivos átomos; de modo que o diámetro de um desses átomos corresponde em comprimento a cem mil *electrones* dispostos em uma so fileira. Entre um *electrone* e um dos antigos átomos ha uma relação perfeitamente comparavel com a que existe entre um grão de chumbo de caça e as dimensões da Casa da Câmara onde presentemente nos achamos reunidos.

Todas as correntes eléctricas, do mesmo modo que o proprio magnetismo, podem ser suppostas como tendo por causa primordial o movimento persistente de uma determinada carga material de electricidade, dotada de peso bastante para ser influenciada pela acção geral da gravidade, e cujo movimento, quando extremamente acelerado, deverá, de accordo com o theorema de POINTING, dar origem a phenômenos de radiação.

Aceita, portanto, essa concepção ou theoria mathematica de que o átomo é effectivamente assim constituido, a hypóthese da radiação atónima, que della decorre e que até o anno de 1895 tinha um character da mais completa subjectividade, precisava ser experimentalmente comprovada. Do mesmo modo, careciam de demonstração prática, muito embora fossem consideradas tambem como revestidas de todo o cunho da mais absoluta verosimilhança, não so a hypóthese do transporte violento ou escapado dos *electrones* de um polo para outro, á laia de verdadeiro bombardeamento em que elles servem de projectis, como tambem a da possível desintegração de um átomo nos innúmeros elementos infinitamente pequenos que se congregam para compol-o. Todas essas tres hypótheses acham-se hoje perfeitamente constatadas, pois que os factos que ellas estabelecem têm sido experimentalmente observados nos phenômenos de radio-actividade que patentearam dois ou tres corpos materiaes ja convenientemente submettidos a rigorosos processos de anályse, factos estes que passaram a ser scientificamente designados pelos nomes respectivos de raios *Gamma*, raios *Beta* e raios *Alpha*.

Deixemos agora os theoristas e vejamos quaes têm sido a esse respeito os trabalhos ja realizados pelos experimentalistas. Foi SLOKES quem pela primeira vez deu a conhecer o phenômeno da *fluorescencia* de certos corpos; e em 1896, logo após a divulgação da descoberta dos raios X, feita pelo professor ROENTGEN, M. HENRI BECQUEREL empreendeu fazer um estudo minucioso do urânio, corpo mineral de character extremamente phosphorescente, afim de ver si elle gosaria da propriedade de emittir raios capazes de impressionar uma chapa photographica depois de haverem

atravessado uma folha de papel enegrecido ou outra qualquer substancia de natureza opaca.

M. BECQUEREL conseguiu verificar que, mesmo quando não se o tornava luminoso, o urânio emittia, ainda que muito lentamente, os raios da especie que elle se propusera constatar e desse modo veio a realizar a descoberta da radió-actividade do urânio, da qual considerava como prova a mais evidente a propriedade de que esse corpo se revestia de provocar immediatamente a descarga de qualquer electroscópio que fosse collocado nas suas proximidades. Todos os compostos do urânio comportam-se do mesmo modo e assim tambem o thorio e seus compostos, como posteriormente o demonstraram os trabalhos a esse respeito executados por SCHMIDT. Foi nessa occasião que Mme. CURIE, então alumna da Escola Municipal de Physica e Chímica Técnica de Paris, escolheu o estudo da radio-actividade da materia, que naquelle momento despertara o mais vivo interesse, como thema para a these com que deveria obter o seu grau de doutora, e nesse sentido teve necessidade de proceder a diversas e variadíssimas avaliações quantitativas do poder radio-activo de um grande número de substancias mineraes.

Foi no decurso dessas suas investigações analyticas que ella reconheceu que um dos óxydos do urânio, conhecido pelo nome de *pechblenda*, e especialmente aquelle que constitue uma variedade muito abundante na Bohemia, tinha um poder radio-activo que se manifestava com muito mais energia do que o do proprio urânio; e como isto lhe parecesse indicar que esse óxydo continha necessariamente uma impureza qualquer na qual a radio-actividade era muito mais predominante do que no propria mineral simples, emprehendeu ella ver se conseguia isolal-a. A não ser essa maior energia de poder radio-activo, Mme. CURIE nada mais tinha que lhe servisse de base para indicar qual a natureza da substancia que entrava na composição da *pechblenda* e cujo conhecimento ella intentava alcançar e assim so poderia vir a isolal-a, applicando áquelle óxydo processos chímicos de decomposição, taes como dissolução, precipitação, vaporação, crystalisação e outros congêneres, até que por meio de um delles viesse a se-

parar o óxydo de urânio em dois elementos distintos, para então verificar qual desses dois elementos era o que gosava em maior grau do poder da radio-actividade. Dessa fórma o vestigio da substancia mais radio-activa poderia ser acompanhado através diversos processos de análise química.

Foi procedendo assim que ella chegou a constatar que depois que se extrai da *pechblenda* toda a quantidade de urânio que entra na sua composição, o residuo resultante era quatro vezes e meia tão radio-activo quanto o proprio urânio. Esses resíduos eram em seguida fundidos com carbonato de sodio, depois submettidos á acção seductora de um ácido, e afinal precipitados por meio de hydrogenio sulfurado e assim continuadamente; o princípio dirigente dessas successivas transformações químicas, sendo o facto de que ao passo que o chloreto da substancia assim tratada era de natureza solúvel, o seu sulfato não o era. Com applicação em grande escala de semelhante processo de redução, Mme. CURIE conseguiu obter de cada tonelada de resíduos um peso de 16 libras de um novo composto, consistindo principalmente em chloreto de baryo, composto este cuja radio-actividade era 60 vezes superior á do urânio.

Provocando-se a dissolução desse chloreto de bayro e em seguida crystallizando-se a solução obtida, verificava-se que a parte que primeiro crystallisava tinha um poder radioactivo cinco vezes superior ao da parte restante. Em vista disto, e repetindo successivamente e um grande número de vezes esse processo de dissolução e subsequente crystallisação, cada uma de cujas applicações dava logar a um producto cinco vezes mais activo do que o anterior, chegou-se por fim a obter, si bem que em muito pequena quantidade, uma substancia cuja energia de radio-actividade, era um milhão de vezes mais forte do que o urânio.

De cada duas toneladas de residuo Mme. CURIE a principio so conseguiu extrair uma porção dessa nova especie de corpo material correspondente apenas a um décimo de grão; mas, mesmo com tão diminutas quantidades, ella procurou determinar o peso atômico desse novo elemento hoje conhecido pelo nome de *radium*, e os métodos que para isso empregou levaram-na

pouco a pouco á conclusão de que elle podia ser tomado igual a 225 na escala dos pesos atômicos referidos ao do hydrogêno supposto igual a unidade. O chímico allemão GLESEL ultimamente ja conseguiu obter quatro grãos (*cerca de 25 centigrammas*) de brometo de radium de uma tonelada de *pechblenda* ou resíduos de urânio.

A spectroscopia do radium tambem ja se acha firmada e os resultados que della foram colhidos demonstram que o espectro deste moderno elemento assemelha-se muito aos da série constituída pelo calcio, pelo estroncio e pelo baryo. O Governo Austríaco, suggestionado pelo professor SUESS, procurou auxiliar Mme. CURIE nos seus interessantes trabalhos, e para isto deu-lhe parte de que punha á sua disposição algumas toneladas de *pechblenda*, visto reconhecer que os escassos recursos pecuniarios de que ella poderia dispor deveriam sem dúvida concorrer para que os seus admiraveis labores scientificos não tivessem tão rápido successo quanto era para desejar. Presentemente o professor CURIE acompanha e coadjuva sua mulher nessas tão importantes investigações radiométricas, e é por intermedio delles e de outros operosos experimentalistas que ja se tem chegado a determinar, com a necessaria precisão, diversos detalhes extremamente curiosos concernentes ao modo como se comportam as substancias radio-activas até agora estudadas.

E' assim, por exemplo, que hoje ja se sabe que a actividade dessas substancias, muito ao envez de ser constante, como a principio se suppunha, pode ir gradualmente augmentando o seu grau de energia, sendo que a porção assim capaz de augmentar de intensidade pode ser completamente destaçada, armazenando so ella e de uma so vez todo o máximo de radio-actividade de que o corpo é susceptivel; esse máximo decresce no fim de alguns dias ou semanas, visto como o radium pelo seu lado tambem vai desenvolvendo o seu grau de energia na mesma medida que o vai perdendo a parte separada; e assim se repete de modo permanente essa successão de força radio-activa.

Esse facto poderá talvez ser melhor comprehendido desde que digamos que elle se dá como si a cada instante se estivesse

produzindo uma nova especie de materia, e o phenômeno da radioactividade se fosse manifestando concomitantemente a essa continua mudança de fórma. O anno passado o professor CURIE constatou, não so que o radium tinha a propriedade de ser tambem uma fonte de calor de modo que pode sempre manter-se em uma temperatura de cerca de um grau acima da temperatura exterior, como tambem que elle expontaneamente dá origem á producção de electricidade. A descoberta desta propriedade calorifica do radium despertou a attenção geral do mundo scientifico, e por intermedio de jornaes e revistas inglezes foi amplamente discutida e commentada.

O expontaneo e persistente desaggregamento de um átomo é incontestavelmente a manifestação de uma nova força intrínseca da materia, muitissimo mais poderosa do que qualquer outra até agora reconhecida como tal.

Si nos fosse possivel conseguir apreciar a quantidade total de energia inter-atômica desenvolvida por uma qualquer collecção ou agrupamento ponderavel de átomos, veríamos que ella é enormemente grande ; praticamente, porém, bém poucos são os átomos que patenteam esse character de franca e duradoura instabilidade, pois que a maioria delles se comporta como si fossem perfeitamente estaveis. O que é facto, porém, é que presentemente se tem a noção de que nenhum delles pode manter-se real e eternamente immovel. A descoberta desta nova força inter-atômica vêm de algum modo tornar discrepantes os nossos cálculos sobre a possivel vida do sol, e até certo ponto destruir a idéa até hoje acceita sobre a provavel idade geológica da terra. Mas, de todas as consequencias que della decorrem, a mais importante é, sem dúvida, a que se traduz na obrigação em que nos colloca de reconhecermos como um facto a mutabilidade da materia, a transmutação dos elementos que a compõem, e a propensão natural dos átomos para se desaggregarem ou se desprenderem com violencia uns dos outros».

Ja em tempos idos HERÁCLITO propagandeava a doutrina de que o universo não era «uma coisa creada», mas sim «uma coisa que ainda tinha de ser constituida»; e que tudo se achava ainda

em um verdadeiro estado de transitoriedade, porquanto nada é estacionario, immoto ou immutavel. Hoje, bem se comprehende quanto tinha de verdade semelhante doutrina.

Na vida humana a realidade expressa por tão remoto conceito resalta a cada passo; todos os nossos esforços convergem para rasgar este veu que nos encobre o futuro, e é o nosso proprio instincto que, como uma sentinella vigilante, nos manda a todo momento o seu grito de alarma para que não nos deixemos ficar embevecidos na mystica beatitude do presente.

Trabalhamos sempre e continuamente na expectativa de um mais fagueiro porvir, alvejando um aperfeiçoamento e um progresso que se nos afiguram possíveis, ou caminhando para um estado de coisas inda não realisado, mas perfeitamente ao alcance dos nossos intuitos.

Desde, porém, que empenhamos a palma da nossa victoria e attingimos a méta dos nossos desejos, outras aspirações ou outros ideaes surgem logo invocando os nossos esforços e nos levam outra vez a continuar em busca de novos successos.

No mundo animado, da mesma forma que no systema solar, do mesmo modo que no universo das estrellas, a actividade tem sido e será em todos os tempos o principio básico e regulador dos mais comeseinhos como dos mais transcendentos phenômenos. Nascer, culminar, e occidir, eis as tres phases da vida, seja ella a de uma planta, a de um animal, a de uma nação, a de um planeta, e até mesmo a de um sol.

Ha vinte annos atrás affirmava-se no tom da mais convincente certeza que os átomos estavam isentos dessa propensão da materia para a mutabilidade. A figura e o modo de agrupamento dos corpos materiaes ao alcance dos nossos olhos experimentavam realmente sensiveis mudanças de forma; mas, como dizia MAXWELL, os átomos que os constituem, esses absolutamente não soffrem a menor transformação.

Elles são como que as pedras fundamentaes do universo material, constantes na sua grandeza, na sua quantidade e no seu peso, inalterados e inalteraveis, incapazes de se gastar, e tão perfectos ainda hoje como o eram quando sahidos das mãos crea-

doras de um incognoscível e poderoso Artista, no maravilhoso alvorecer da Natureza.

Presentemente já não podemos mais pensar assim, pois está verificado que as leis do transformismo e mutabilidade dos corpos também sobre elles fazem sentir a sua acção. Nada ha no mundo material que se possa considerar como absolutamente estavel.

¡Tudo se modifica, tudo se metamorphoseia! Pode a materia perdurar milhões, bilhões ou talvez mesmo trilhões de annos; a sua transformação será sempre intérmina e, muito embora de modo latente e vagaroso, ella irá transformando e alterando, não so a disposição dos seus elementos orgânicos, como também, o que é mais admiravel, as proprias partículas infinitamente pequenas que constituem as suas pedras fundamentaes.

Nos tempos correntes os átomos estão sendo considerados como numa verdadeira crise de fraccionamento e declínio. ¿Será esta a phase do seu occaso, ou estarão elles por ventura em pleno período de formação e nascimento?

Como elles se hão formado é coisa que nunca até hoje conseguimos saber; será este provavelmente um dos muitos e importantes problemas que teremos ainda que resolver.

Completo occaso, sem antes ter havido nascimentos e culminação, não é a lei a que se deve conformar a trajectoria da vida. A descoberta da génesis atômica, pode talvez não ser para os nossos dias; ella, porém, forçosamente se fará, pois que para isso a sciencia vai progredindo a passos agigantados.

Mesmo assim e apesar de todo o adiantamento que já se lhe pode reconhecer, a sciencia ainda está verdadeiramente na sua primeira infancia. So agora é que começamos a ir desvendando e comprehendendo alguns dos segredos da Natureza.

Pouco a pouco vamos aclarando o nosso espírito e verificando, cheios do mais profundo assombro, ¡quanta ordem, quanto método, e que perfeito acabamento presidem a todos os phenômenos do cosmos material! Já hoje em dia nós somos senhores de factos que até não ha muitos annos eram completamente ignorados, mesmo pelos mais distinctos e afamados cientistas.

Por certo será em toda parte motivo da mais franca e justificada alegria ver o homem ir assim, entrando pouco a pouco na posse dessa herança que lhe vem sendo transmittida de geração em geração, descortinando á força de acurados estudos todas essas verdades primazes que lhe mostram o que é esse Universo material, que constitue o vasto campo das suas investigações, e cujos mysterios vão successivamente cahindo no dominio dos seus conhecimentos.

---

### MÁXIMA MILITAR

**O** ESTADO normal do soldado é um permanente exercicio da força e da virtude, pela necessidade que lhe é imposta de soffrer numerosas privações, expondo frequentemente a vida.

B. DE SAINT-PIERRE.

---

### 3 DE FEVEREIRO

**1654**—Parte do Recife para Lisboa o mestre de campo ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS, encarregado de levar á côrte a noticia official da cessação do dominio hollandez nas capitancias por elle occupadas.

Esta noticia foi recebida e festejada com repetidas acções de graças, no meio do público regosijo, sendo por essa occasião premiados os que pelos seus longos serviços haviam bem merecido da munificencia real.

ANDRÉ DE NEGREIROS, um dos que mais haviam feito nessa profiada luta contra os invasores, apenas cuida de representar e tornar bem patente o juz que os outros tinham ás recompensas e não pede coisa alguma para si.

Foi, porém, remunerado com o fôro grande de fidalgo, as commendas de S. Pedro do Sul e as alcadarias-mores de Marialva e Moreira, além da confirmação no posto de capitão-general do Maranhão.

BARRETO, que já tinha o fôro de fidalgo, teve uma commenda lucrativa na ordem de Christo e foi nomeado capitão-general de Pernambuco, vindo depois (a 12 de Agosto de 1656) a ser provido ao governo geral da Bahia.

FERNANDES VIEIRA teve também o fôro de fidalgo, uma commenda rendosa e foi nomeado governador geral de Angola, governando a Parahyba até que vagasse aquelle posto. (Vide a *epheméride* de 12 de Fevereiro de 1655).

VIDAL DE NEGREIROS foi depois provido no governo de Pernambuco e no de Angola, depois de VIEIRA. O seu retrato figura entre os dos governadores do Reino de Angola, e o de FERNANDES VIEIRA na obra panegyrica de Fr. RAFAEL DE JESUS — *Castrioto Lusitano*.

HENRIQUE DIAS teve o augmento de dois escudos mensaes no soldo, fóra os vencimentos que já percebia, e recebeu em propriedade as casas e terrenos onde, durante o sitio do Recife, tivera a sua *estancia*.

**1681** — Morre ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS, no Engenho-Novo de Goyana, vinte e quatro dias depois de morrer o seu companheiro de lutas FERNANDES VIEIRA; tendo ambos, como se vê, sobrevivido ainda mais de 27 annos á terminação daquellas pelepas gigantescas, em que se pode medir a grandeza do vencedor pela grandeza do vencido.

Veja-se o que se diz deste heroico batalhador, além da *Historia das Lutas* pelo VISCONDE DE PORTO SEGURO, o tomo II pág. 181 das *Biographias de alguns Homens Illustres de Pernambuco*, de A. J. DE MELLO.

**1691** — Carta régia ordenando ao governador do Maranhão que não permittisse a sahida de navios para o Reino sinão á tempo de chegar ás Ilhas Terceiras, de 10 de Agosto a 10 de Setembro, o mais tardar, sendo obrigados os mais navios que não estivessem aviados a invernar naquelle mesmo Estado, afim de não se exporem, navegando fóra de monção, a serem apresados pelos piratas, sob pena de pagar com suas fazendas o valor das presas aquelles governadores que inflingissem esta ordem.

Os piratas argelinos infestavam com effeito os mares e causavam ás vezes grandes prejuizos ao commercio, apresando navios que iam para Portugal, além de reduzir a captivo as pessoas que em seu poder cahiam.

Outras providencias foram tomadas para obviar tão grande mal; todas, porém, foram mais ou menos nocivas ao commercio, que não pode florescer sujeito a pêas. Uma dellas, a mais consideravel, foi a que regulou as viagens dos navios por frotas periódicas, o que em verdade inutilisava as tentativas dos piratas em face dos vasos de guerra que comboiavam os mercantes.

Mas, á parte outras considerações, como por exemplo as tempestades que podiam separar os navios e annullar a providencia tomada, essas viagens em frotas destruiam todos os cálculos do commercio.

Ainda assim taes medidas se observam, mesmo além do tempo em que os argelinos foram coagidos a pôr fim á sua horrivel pirataria. O MARQUEZ DE POMBAL, a quem tanto deveu o Brasil, foi o sabio revogador dessas viagens, por frotas.

**1818**—Nasce em Cantagallo (Rio de Janeiro) o cirurgião de esquadra capitão de mar e guerra JOSÉ MARIANO DE NORONHA FEITAL, fallecido na cidade do Rio de Janeiro a 15 de Julho de 1873.

Era doutor em medicina pela faculdade do Rio de Janeiro, oppositor da secção médica da mesma faculdade, médico da Escola de Marinha, membro honorario da Imperial Academia de Medicina, official da ordem da Rosa e cavalleiro das de Christo e de S. Bento de Aviz.

Entrou para o corpo de saude da armada a 3 de Abril de 1840 e exerceu diversas commissões, como a de delegado do cirurgião-mor da armada na provincia da Bahia e a de chefe de saude da esquadra brasileira nas aguas platinas.

Apresentou e defendeu as seguintes *Theses*, em concurso a diversas cadeiras da referida faculdade:— *Algumas Proposições em Medicina* (1839); *Duas palavras sobre a febre intermitente paludosa e seu antagonismo com a phtysica pulmonar* (1852);—

*Algumas palavras sobre a febre amarella e seu contagio* (1859);  
— *Pncumonias secundarias* (1866).

Publicou tambem, nos *Annaes Brasilienses de Medicina* (tomos V, IX, XIV, XV e XIX) varias memorias, sobre as medidas conducentes a prevenir e atalhar o progresso da febre amarella; a causa, natureza e tratamento das febres intermitentes; a anályse do estado dos alimentos no mercado, ou exposiçáo dos meios proprios para se conhecer as substancias, etc.

Fez imprimir em opúsculo um estudo sobre a homœopathia (1846); outro, tratando de *Hahneman, seus erros e contradicções* (1851); *Memoria sobre as feridas penetrantes do peito* (1852). *O Elogio histórico do Dr. José Maria Bomtempo e O Sóffrer do Médico*, ensaio poético, dedicado ao Imperador D. PEDRO II.

**1842** — Chegam á côrte do Imperio o brigadeiro GAVIÃO PEIXOTO, o senador VERGUEIRO e o coronel SOUSA QUEIROZ, vindos em commissáo apresentar ao Imperador D. PEDRO II uma representaçáo da assembléa provincial de S. Paulo, pedindo a suspensáo das leis de reforma do Código do Processo e do Conselho de Estado, commissáo que não é recebida por Sua Magestade. (Vide a *epheméride* de 5).

**1852** — Derrota do general D. JUAN MANUEL ROSAS, dictador da Confederaçáo Argentina, em Monte Caseros, acçáo cuja gloria cabe á Divisáo Brasileira, que atacou o centro inimigo e se apoderou á baioneta da chácara de Caseros, onde se achava ROSAS, tomando so por si 24 bocas de fogo e uma bandeira, que foram, terminada a guerra, entregues á república Argentina.

Commandava a vanguarda do exército alliado que alcançou essa victoria o general D. JUSTO JOSÉ DE URQUIZA: compunha-se de 2.000 entrerianos, correntinos e emigrados das outras provincias, 4.000 brasileiros, ás ordens do general MANUEL MARQUES DE SOUSA (depois CONDE DE PORTO ALEGRE) e 2.000 orientaes, commandados pelo general CESAR DÍAZ.

O dictador apresentou em linha mais de 22.000 homens. Nessa batalha tomou parte o general OSORIO, depois MARQUEZ DO HERVAL,

que era então tenente-coronel e commandava o 2º regimento de cavallaria da divisão brasileira.

A batalha de Monte Caseros poz termo á feroz dictadura de ROSAS. Alcançado esse brilhante resultado, o exército do general CONDE DE CAXIAS (depois Duque do mesmo título) que se achava na colonia do Sacramento, prompto para encorporar-se á vanguarda dos alliados, regressa ás nossas fronteiras.

**1894**— O coronel GOMES CARNEIRO, continuando sempre na defesa da Lapa, manda o capitão da guarda nacional HOMEM CAVALCANTI activar a marcha das forças que supunha em marcha de S. Paulo.

Diz o general BORMANN que a defesa da Lapa, ao avançar o mez de Fevereiro, não diminuiu de vigor. «Canhonheio de parte á parte, fusilada, assaltos repellidos, ora por um lado da praça ora por outro, attestavam a impaciencia dos assaltantes e a soberana resistencia dos sitiados».

O desánimo accentuava-se na maioria; os desfalques nas fileiras eram grandes, principalmente pelas deserções, começando pelo batalhão de reserva. Mas os assaltos, ainda assim, custavam muito sangue aos *Federalistas*:—« ¡Não havia meio de arrancar a praça das mãos do gigante que a defendia!»

**1901**— Morre afogado na praia do Flamengo (Rio de Janeiro) o joven alferes ABEL ARARIPE.

#### OS HOMENS DO DIA

**1810**— Nasce em Hamburgo o célebre compositor MENDELSON, fallecido em 1847. Pertencia á escola symphônica, e escreveu as óperas *Gruta de Fingal* e *Sonho de uma noite de estio*.

**1840** — O capitão francez LELIÈVRE, em Mazagran, repelle com 123 homens 12.000 árabes.

**1862** — Morre em Paris o grande physico BIOT, que tambem escreveu obras notaveis sobre óptica e astronomia.

## MÁXIMA MILITAR

**Q**UANDO os cálculos, habeis ou mallogrados, da política, ou quando a simples marcha dos negócios públicos levam um povo a pôr sobre um campo de batalha, como sobre o tapete de uma mesa de jogo, tôdas essas coisas admiraveis e sagradas que se synthetisam no nome de *Patria*, ¿ qual é o homem que pode permanecer frio ante esse terrivel espectáculo? ; Nomes veneraveis e augustos são, com justo direito, na memoria da humanidade, os das Termópilas, Caunas, Jemmapes ou Valmy!

PREVOST-PARADOL.

## 4 DE FEVEREIRO

**1625** — A frota espanhola que, de combinação com a portugueza, partira em Janeiro, de Cadiz em soccorro da Bahia, occupada pelos hollandezes, chega sem accidente algum á ilha de Santiago.

So no dia 11 foi que se encorporaram as duas esquadras, compostas ao todo de 52 velas, com 1015 peças de artilharia e 12563 homens entre marinheiros e soldados, sob o commando geral do valente D. FRADIQUE DE TOLEDO OSORIO, MARQUEZ DE VALDUEZA; levanta âncora nesse dia e seguem derrota juntas para o Brasil.

Vinham nessa expedição fidalgos espanhoes em grande número e alguns italianos, que, estimulados pelo comportamento dos portuguezes, quizeram tambem vir travar combate com o mais ousado inimigo que podiam ter, e alcançar assim honras e nomeada.

Era a expedição, segundo o testemunho unânime dos escriptores, mais luzida de que havia exemplo, desde as de D. JOÃO I a Ceuta e de D. SEBASTIÃO a Tanger.

**1634** — O general MATHIAS DE ALBUQUERQUE tenta impedir que os hollandezes levantem uma fortificação no Pontal de Asseca;

mas, depois de um encarniçado combate, ficam os inimigos senhores dessa posição.

**1648** — Combate de *Tapecima*. — Na véspera desembarcava SCHKOPPE á força, com 900 homens, naquelle ponto; repellido violentamente no dia 4, como fica dito, pelos nossos, ainda assim consegue entrar de novo na posse das terras fronteiras a Itamaracá.

**1765** — E' nomeado D. LUIS ANTONIO DE SOUSA BOTELHO MOURÃO, morgado de Matheus, governador e capitão-general da capitania de S. Paulo, desmembrada a pedido do vice-rei CONDE DA CUNHA, da do Rio de Janeiro. (O *Almanack da Provincia de S. Paulo* para 1873, dá essa nomeação como feita a 7 de Abril de 1766). TEIXEIRA DE MELLO, porém, restabelece a verdade, nas suas indispensaveis *Ephemérides Nacionaes*. \*

**1795** — Nasce em Vassouras (Rio de Janeiro) o coronel FRANCISCO PEIXOTO DE LACERDA WERNECK, 1º BARÃO DO PATY DO ALFERES, fallecido na sua fazenda do Paty do Alferes, a 22 de Novembro de 1861.

Em 1822 entrou para as antigas milicias no posto de tenente de cavallaria, e, instituida a guarda nacional, ja promovido a posto superior, passou a servir nesta, onde chegou a ser coronel commandante superior, no seu municipio.

Éra cavalleiro da ordem de Christo, commendador da Rosa, fidalgo com exercicio na Casa Imperial e grande do Imperio.

Escreveu e publicou, em 1847, uma *Memoria* sobre a fundação e custeio de uma Fazenda na provincia do Rio de Janeiro, reimpressa em 1863, seguida de um *Manual do Agricultor Brasileiro*, pelo major CARLOS AUGUSTO TAUNAY, e de *Memorias* sobre a cultura do chá, da cochonilha, do anil, da sêda, do algodão, do fumo, da batata e do amendoim.

**1820** — Decreto creando a classe dos 2ºs cadetes e soldados particulares; a primeira para os filhos de officiaes de patente das tropas de linha do exército do Brasil, ou de pessoas condecoradas

---

A nossa preferencia por essa obra á justificada pelo escrúpulo consciencioso e demonstrada competencia do nosso erudito poeta-historiador.

com o hábito de alguma das ordens, e a segunda para os filhos de outras pessoas, que tivessem alguma consideração civil, ou pelos seus empregos ou pelos seus cabedaes.

**1837** — Nasce na cidade de Santo Amaro (Bahia); o engenheiro DIONYSIO GONÇALVES MARTINS, que começou o curso de engenharia na antiga Escola Militar do Rio de Janeiro e foi concluí-lo na Escola Central de Paris.

Era filho do VISCONDE DE S. LOURENÇO, foi deputado á Assembléa Geral na legislatura de 1868 a 1872, sendo um dos que votaram a favor da lei da abolição do elemento servil; era official da ordem da Rosa e falleceu na cidade do Salvador em 1901.

Escreveu um interessante trabalho sobre *A Mechânica Agrícola*, varios relatorios sobre assumptos de sua profissão e uma *Representação* ácerca da questão abolicionista, em que apresenta um bem elaborado projecto de organização de uma sociedade anónima com o fim de fundar e desenvolver uma serie de núcleos coloniaes, comportando cada um 500 familias, dando assim trabalho immediato aos favorecidos pela abolição.

**1838** — Uma barca dinamarqueza, *Zebra*, com 500 barricas de farinha, entra no porto da Bahia, apesar do bloqueio estabelecido pela força do commando do chefe THEODORO DE BEAUREPAIRE.

Apenas tinha dado fundo, muito perto de terra, em frente á Victoria, vieram postar-se junto della duas escunas rebeldes.

A noite, a corveta *Sete de Abril* e o brigue *Treze de Maio* tentaram tomal-a por abordagem, mas os escaleres empregados em semelhante empreza são repellidos pela guarnição da barca e das embarcações revoltosas.

**1840** — Chega á capital do Maranhão o coronel LUIS ALVES DE LIMA E SILVA, posteriormente tenente-general e DUQUE DE CAIXIAS, nomeado presidente e commandante das armas da provincia.

Teve a gloria de pacifical-a, libertando-a da devastadora rebellião denominada *Balaçada*. Encontrou poderoso auxilio no talento e na bravura do joven tenente d'estado-maior Dr. MANUEL LOPES TEIXEIRA, que morreu no posto de tenente-coronel, vinte annos depois. (Vide a *epheméride* de 7 de Maio de 1860).

**1853** — Morre na Ilha da Madeira a Princesa brasileira D. MARIA AMELIA, única filha do segundo consorcio do nosso Imperador D. PEDRO I (e IV de Portugal), nascida em Paris a 1 de Dezembro de 1831.

Essa joven Princesa nunca veio ao Brasil, mas fôra reconhecida brasileira por carta de lei de 5 de Julho de 1841.

**1894** — Os *Federalistas* que sitiavam a Lapa, sabendo que o bravo coronel CARNEIRO contava com o auxilio de forças esperadas a todo momento, «a tres ou quatro kilômetros da cidade fizeram ouvir canhonaços e cerrada fusilaria, como si, com effeito, forças legalistas se tivessem apresentado para libertar os sitiados.

Tudo fôra preparado com arte. A propria artilharia assentada no cemiterio foi contornada em direcção ao logar do simulado conflicto.

Todos os sitiados esperavam o signal de avançar, ardentes de entusiasmo; os *vivas* succediam-se e a alegria expandia-se pela praça; mas, o inimigo esquecera que, á distancia em que simulavam o combate, devia ouvir-se o sibillo das ballas de canhão, e isso não succedia.

CARNEIRO comprehendeu logo o estratagema, quando viu que os canhonaços eram de pólvora secca; ficou, pois, firme no seu posto e deixou os sitiados sob a decepção de nada terem conseguido com as suas artimanhas.

Elle não se havia esquecido de expedir pessoas de cofiança para apressar a vinda das forças que supunha em marcha de S. Paulo, (como ficou dito na *ephéméride* de 3).

Não tendo conseguido com aquelle ardil tirar a resumida guarnição para rasa campanha, derrotal-a e apoderar-se da praça, o inimigo deliberou levar um ataque desesperado á posição e arrebatá-la, custasse o que custasse. Para conseguir o seu intento, na noite de 6 para 7, abrigado pelas trevas, tratou de tomar boas posições para o assalto.

Uma parte das forças de LAURENTINO PINTO occupava o norte e, portanto, tambem o cemiterio; outra parte, estendendo-se pelo lado do nascente, unia o seu flanco esquerdo ao direito de

um grande troço das cavallarias de TORQUATO SEVERO, cuja força principal acampava ao sul e unia o flanco esquerdo ao direito das de APARICIO SARAIVA, que havia sitiado a praça pelo poente, por onde corre a estrada de ferro, fazendo junção, afinal, o seu flanco esquerdo com o direito de LAURENTINO PINTO.

As forças de TORQUATO SEVERO eram do corpo de exército commandado pelo general PIRAGIBE. Desde o dia 27 de Janeiro, a rua das Tropas, parallelá á de Bôa Vista, e o Alto da Lapa achavam-se em poder dos sitiantes. Parte das forças de APARICIO introduziu-se pelos quintaes das casas da rua da Bôa Vista; elles tinham os fundos na rua das Tropas.

O inimigo procurou posições próximas das trincheiras da cidade para, no momento do assalto, ter de avançar a menor distancia possível e ficar, portanto, menos tempo sob o fogo mortífero dos defensores. Aproximou-se, pois, da frente, onde commandava o coronel SERRA MARTINS (hoje general), da retaguarda, defendida por LACERDA, e dos flancos direito e esquerdo».

**1903** — Continuum com o maior enthusiasmo os trabalhos de organização dos tres corpos da *Legião Mallet*, cujo effectivo foi encerrado com o número de 1.200 homens.

O Dr. CESAR BIERREMBACK, que organisava em S. Paulo a *Legião da Raça Latina*, propõe ao coronel commandante da *Legião Mallet* a junção das mesmas, cabendo a esta a vanguarda.

#### OS HOMENS DO DIA

**1661**—MOLIERE inaugura o theatro do *Palais-Royal* com o seu drama *D. García de Navarro*, que é friamente recebido.

**1684**—Morre em Paris o marechal DE LESDIGNIÈRES, DUQUE DE CREQUI, o conquistador da Lorraine.

**1774**—Morre em Paris LA CONDAMINE, que tornou conhecido o caoutchouc e mediu a terra com BOUGUER.

**1799**—Nasce em Portugal JOÃO BAPTISTA DA SILVA LEITÃO DE ALMEIDA GARRETT, VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT, notavel poeta, dramaturgo, romancista, historiador, estadista e orador

**1840**—O DUQUE DE NEMOURS é nomeado Rei dos Belgas: LUIS FELIPPE recusa essa realesa por seu filho.

---

### MÁXIMA MILITAR

Não ter previamente conhecimento da duração de trajecto do projectil, afim de graduar para menor tempo a espoleta, é arriscar-se a ter sempre um tiro longo; e ao revez diminuindo demasiado a gradação, deve-se contar com um tiro muito alto e muito curto, no ramo ascendente da trajectoria.

Coronel Dr. J. S. TORRES HOMEM.

---

### 5 DE FEVEREIRO

**1634**—A caravella, que vinha de Lisboa sob o commando de PEDRO DE ALMEIDA CABRAL, em soccorro da nossa gente ás voltas com os hollandezes, chega ao cabo de Santo Agostinho. Outras duas sob o mesmo commando, aportam á Parahyba.

O reforço que ellas nos traziam era apenas de 120 homens, quando se sabia que os inimigos haviam recebido um de mais de 3.000 homens, para acabarem de se assenhoriar da sua conquista.

Com effeito, dois dias depois entram no porto do Recife cinco vellas hollandezas com 500 homens de guerra.

**1654**—JOSÉ ORTIZ DE CAMARGOS e seu irmão FERNANDO, reunidos a seus sequazes, tentam entrar na Villa de S. Paulo, onde no anno anterior (em Maio) havia FERNANDO fechado a casa da câmara, levando comsigo as chaves.

Reunem-se os vereadores e pedem auxilio ao capitão-mor, que residia em Santos. No dia 7 entra JOSÉ ORTIZ na villa seguido de homens armados, e apresenta em câmara a provisão que o nomeava ouvidor; nega-lhe a câmara a investidura e afixa editaes dessa resolução.

**1667**—Decreto régio ordenando que os criminosos que merecerem pena de degredo sejam sentenciados para o Maranhão e Pará, afim de póvoarem aquellas capitania e servirem nellas como soldados.

**1811**—Por instancias do CONDE DOS ARCOS, governador e capitão-general da Bahia, concede á carta régia desta data o primeiro estabelecimento typographico daquella capitania.

Dos prelos dessa typographia sahiram a *Gazeta* e o *Almanack*.

No seu governo concluiu-se o theatro novo, que se havia começado a edificar durante a administração do CONDE DA PONTE, e se inaugurou depois, a 13 de Maio de 1812, anniversario do Príncipe Regente D. JOÃO.

O douto e infatigavel VISCONDE DE PORTO SEGURO, referindo-se ao CONDE DOS ARCOS, diz: «Ao seu governo deveu a Bahia a sua primeira officina typographica, o primeiro jornal e a primeira bibliotheca, além de muitas obras, com que se enobreceu a cidade».

O CONDE DOS ARCOS desvelou-se na construção da *bolsa*, ou praça do commercio da mesma cidade, concorrendo com donativos particulares do seu proprio bolsinho para tal fim.

O corpô do commercio offereceu-lhe uma rica espada de honra, primorosamente fabricada em Londres, e mandou collocar o seu retrato na sala principal do edificio (começado a 17 de Dezembro de 1814 e inaugurado solemnemente a 28 de Janeiro de 1817).

Manda a verdade histórica que consignemos (reverso da medalha aos olhos da posteridade) que tambem foi o CONDE DOS ARCOS o primeiro que creou *commissões militares* no Brasil.

Quatro das execuções que se fizeram na Bahia, em patriotas do movimento de 1817, foram por elle ordenadas. «As de 1824, em Pernambuco e no Ceará, accressenta ABREU E LIMA, foram filhas pósthumas do CONDE DOS ARCOS».

**1818**—O senado da câmara da cidade do Rio de Janeiro sai solemnemente ás ruas, annunciando para o dia seguinte o acto da acclamação do Rei D. JOÃO VI.

«Offerecem algum interesse os costumes antigos. (diz J. M. DE MACEDO na sua *Ephemérida Histórica do Brasil*, tomo I, págs. 68 a 70) que se observaram no Rio de Janeiro em tal solemnidade.

Pelas 11 horas da manhã sahiu o senado da câmara com os seus officiaes da casa respectiva, então na rua do Rosario, em cavalgata, na ordem seguinte :

Uma escolta da Guarda Real da policia em grande uniforme ; varios criados da Casa Real, conduzindo tres azêmolas carregadas de fogo do ar e cobertas com mantos de velludo agaloados de ouro ; numerosa banda de música dos regimentos da guarnição e milicianos em grande uniforme, trazendo as barretinas ornadas de flores, e montando em cavallos das reaes cavallariças, enfeitados com fitas ; os officiaes de justiça, os almotacés e o senado da câmara com o seu presidente, todos a cavallo, ricamente vestidos, trazendo capas de seda preta com bandas de seda braca, bordadas com primor as dos senadores e almotacés, e chapéus ornados de plumas brancas e joias de grande valor.

Numeroso estado de cavallos das reaes cavallariças, soberbamente ajaesados, e com enfeites de pennachos e fitas de diversas cores, e sendo conduzidos por criados da Casa Real em grande uniforme ; os cavallos dos senadores e almotacés com riquíssimos telizes e conduzidos pelos criados de uns e de outros, fardados com apurado luxo ; outra banda de música, e emfim uma companhia de cavallaria da Guarda Real da Policia.

A cavalgata dirigiu-se primeiro á quinta da Boa Vista, onde estava o Rei com os Príncipes e os Infantes, e ali foi lido pela primeira vez o bando, seguindo-se o hymno nacional, ruidosos *vivas* e muito fogo do ar.

Da Boa Vista voltou a cavalgata e veio ter ao paço da cidade, onde se achavam a Rainha e suas augustas Filhas, repetindo-se ahi a leitura do bando e as mesmas demonstrações de regosijo.

Passaram depois os cavalleiros e sua comitiva a percorrer a cidade, lendo-se e afixando-se nas esquinas o bando. A cavalgata recolheu-se ás 4 horas da tarde. E' inutil dizer que a cidade

estava em festa, e que o povo em multidão admirava e applaudia o preludio da magestosa solemnidade, que pela primeira vez se effectuava no Rio de Janeiro».

**1836**—Assume o cargo de ministro e secretario de Estado dos Negocios da Marinha o brigadeiro SALVADOR JOSÉ MACIEL, o creador do corpo de Imperiaes Marinheiros.

Quarenta annos mais tarde, a 16 de Dezembro, erigia a armada um monumento á sua memoria, na ilha de Villegaignon. Mandado construir á custa de uma subscrição iniciada pelo chefe de esquadra BARÃO DE IGUATEMY, então ajudante general da armada, mede esse monumento quarenta e oito palmos de altura por 3 1/2 de diâmetro, é de ferro fundido e assenta sobre uma columna de granito, de ordem corynthia.

Em uma das faces lê-se:—«*Ao general Salvador José Maciel, creador do corpo de Imperiaes Marinheiros, em 1836; em outra—Ao senador Visconde de Albuquerque, creador da 1ª companhia de Aprendizizes Marinheiros, em 1840; na terceira—Tributo de reconhecimento da corporação da armada; e na quarta e última—Inaugurado no anno de 1876*».

Assistiram á inauguração a Princesa Regente, a officialidade da corveta norte-americana *Richmond* e grande número de officiaes de terra e mar.

**1837** — O coronel SILVA TAVARES, pai do actual general do mesmo nome, condemnado a ser fusilado no dia seguinte, consegue comprar o commandante da guarda e escapa-se com seus companheiros, na noite desta data.

«Esta noticia (diz A. A. PEREIRA CORUJA, na sua *Memoria sobre a Revolução de 20 de Setembro*) alegrou summamente o presidente, que na mesma tarde em que aportou no S. Gonçalo lhe escreveu felicitando-o, e convidando-o para uma entrivista que se verificou no dia seguinte, no *passo de Moysés*, ou *passo do Ribas*, defronte de Pelotas.

ANTERO expediu ordem nessa mesma occasião para que as forças que voltavam de Mostardas para ahi seguissem, e bem assim 100 praças tiradas dos 1º e 2º batalhões provisionarios, mandando

que toda a gente de infantaria fosse commandada pelo major JOÃO NEPOMUCENO.

No dia 19 nomeou a SILVA TAYARES commandante geral do districto do Rio Grande e Pelotas, dando-lhe amplos poderes para manter a sua segurança; e expediu ordens para que em Mostardas e no Estreito se recrutasse o maior número de cavallos, para serem postos á disposição daquelle commando, autorizando-o tambem a comprar mais.

E mandando passar a infantaria e cavallaria para o lado de Pelotas e occupando o trapiche do Ribas, seguiu o presidente para o Rio Grande em 20. Tanto no Norte (S. José do Norte) como no Rio Grande recebeu demonstrações de alegria.

Logo no outro dia após sua chegada aconselhou ao Dr. JOSÉ DE ARAUJO RIBEIRO, depois VISCONDE DO RIO GRANDE, que se retirasse da provincia e mandou pôr á sua disposição o patacho *Leopoldina*, conformando-se ARAUJO RIBEIRO com esta proposta.

Durante a estada do presidente no Rio Grande houve uma reforma geral na alfândega, varios empregados foram demittidos e outros providos em seu lugar; suspenderam-se alguns dos civis, incluindo-se neste número o secretario da câmara.

Esta corporação, toda devotada a JOSÉ DE ARAUJO, e que tão bons serviços prestara na reacção que aquelle promoveu na dita cidade, não compareceu a cortejar o novo presidente. Tendo pois ja attrahido o seu rancor (porque seus membros eram ribeiristas) buscava elle fórma de a castigar e de acabar com ella.

Primeiro se lhe ordenou que fizesse desalojar para mais duas leguas fóra da cidade as charqueadas, porque o seu fétido e immundicie dava força ao desenvolvimento da febre escarlatina. Ao que respondeu a câmara com termos enérgicos e subordinados, dizendo que, além do prejuizo que causaria ao proprietarios a execução de semelhante ordem e mesmo pondo de parte a utilidade daquelles estabelecimentos (o que se tinha experimentado no último assedio), a câmara bem informada por professores hábeis ali residentes, sabia que em vez de auxiliar a dita febre, ao contrario era antidoto efficaz contra ella o sangue do gado, como os

mesmos facultativos affirmam; e que por isso pediam a revogação de semelhante ordem.

Neste mesmo tempo lhe officiou o presidente, extranhando que, estando ali havia seis dias nem um so membro da câmara se lhe tivesse apresentado a pedir alguma providencia a favor do seu municipio; que si os povos do municipio estivessem contentes nada importaria, mas que ao contrario tudo lhes faltava e por isso lhe ordenava que immediatamente fosse convocada aquella câmara e que em nome della viesse um de seus membros, não fazer-lhe cumprimentos, mas sim as necessarias representações. Esta peça official é com ingenuidade o que mais desarrasoadó se tem visto, e bem mostra que se queria provocar por qualquer modo e a todo o transe aquella corporação. Perguntaremos agora com a imparcialidade com que escrevmos:—¿Tinha alguém representado contra a câmara?—¿Por quem foi o presidente informado do seu deslexo?—Nada disto aconteceu; a sua adhesão a JOSÉ DE ARAUJO era todo o seu crime.

A câmara nesta occasião mostrou bom character, qual o dos antigos romanos: depois de ter patenteado que não era digna das arguições que lhe faziam, declarou ao presidente que o seu regimento lhe ordenava que se correspondesse com as autoridades so por escripto, pelo que não mandaria membro algum á presença de S. Ex. Esta contestação (a nosso ver) faz muita honra áquelles cidadãos que a assignaram; almas grandes, corariam com a sua leitura, dando fim á polêmica suscitada. Mas assim não aconteceu; considerou-se a corporação renitente e suas respostas foram remittidas ao promotor público para processar seus membros como desobedientes, ficando suspenso e substituidos até a decisão da competente sentença. Acompanhou tambem a esse corpo de delicto outro afficio da câmara, em que ella declarava que se negava a demittir o seu secretario, visto ser a nomeação para este cargo de sua particutar jurisdicção».

**1842** — A deputação enviada pela Assembléa Provincial de S. Paulo (vide a *epheméride* de 3) communica nesta data o ministro do Imperio conselheiro CANDIDO JOSÉ DE ARAUJO VIANNA, posteri-

ormente MARQUEZ DE SAPUCAHY, que o Imperador não se digna de receber-a, por ser ella «portadora de uma representação offensiva á Constituição, bem como á lei das reformas; accessendo que ainda mesmo na ausencia desses defeitos radicaes, de que a representação abunda, bastariam a *linguagem descommedida* em que é concebida e a *maneira descomposta e criminosa* com que ahí são tratados os poderes supremos, para que ella não fosse digna de subir á presença do mesmo augusto Senhor».

**1863** — Nasce na Bahia o 1º tenente da armada MANUEL PINTO DA ROCHA, fallecido na mesma cidade em 17 de Outubro de 1893.

Consagrado á literatura desde os verdes annos, escreveu durante o curso da Escola Naval o livro de versos que intitolou *Flores avulsas*, publicado no Rio de Janeiro em 1882, anno em que foi promovido a guarda-marinha.

**1902** — Em Santiago (Chile) é aberto um concurso entre os principaes poetas e músicos, para a composição de um *Hymno ao Brasil*, que deverá ser cantado por mil crianças na praça do Brasil daquella cidade, por occasião da visita da esquadra brasileira.

**1903** — Parte do Rio de Janeiro, com destino ao Amazonas, a Divisão do Norte, do commando do contra-almirante ALEXANDRINO DE ALENCAR, composta do couraçado *Floriano*, o cruzador-torpedeiro *Tupy* e o caça-torpedeira *Gustavo Sampaio*.

O couraçado vai sob o commando do capitão de fragata POLICARPO DE BARROS, o cruzador é commandado pelo capitão de fragata JULIO ALVES DE BRITO, e o caça-torpedeira pelo capitão-tenente MANUEL T. MACHADO DUTRA.

A questão do Acre não affecta unicamente o amor-proprio nacional; é uma pendencia complexa e melindrosa, que, si o Brasil não tomasse as deliberações decisivas de occupar militarmente a zona em questão, correriam grande risco as demais nações sul-americanas.

Neste momento histórico, mais alto e mais forte, pulsa o coração da maruja, chamada a desafrontar os brios nacionaes,

# Os últimos livros de Mucio Teixeira perante a imprensa.

(Continuação do que se lê na capa do 1.º fascículo)

## Chrônica Literaria

—MUCIO TEIXEIRA—*Poesias*—2 volumes—  
GARNIER, editor.

MUCIO TEIXEIRA reuniu em dois volumes sua abundante produção poética, que consta de nada menos de 24 obras publicadas so de poesia.

A edição moderna, feita pela casa GARNIER, não contém tudo o que estava nesses livros anteriores. O autor escolheu o melhor. Seu filho, que foi quem colligiu os originaes, fel-os preceder dos juizos de varios escriptores e de uma collecção de poesias em varias épocas offerecidas a MUCIO TEIXEIRA, que estão reunidas, sob o título um pouco pretencioso de —*Apotheosis poetica*.

MUCIO TEIXEIRA é um dos nossos melhores poetas. Seu verso não tem uma correcção fria e severa: é natural, espontaneo, geralmente muito simples. Ha mesmo, em alguns delles, um certo descuido de expressão, que é o defeito natural de uma produção tão extraordinaria, como foi por muito tempo a do autor.

Resta, porém, saber o que vale mais, si a visível esforço de certos escriptores, si a espontaneidade, um pouco descurada, de MUCIO TEIXEIRA.

Esta, porém, não é a regra. MUCIO TEIXEIRA é um bom e grande poeta. No seu lyrismo, ha a visível influencia da escola romântica, predominante quando elle começou a produzir.

A poesia singelíssima com que elle abre a collecção de seus versos, offerecendo-os á memoria de tres mortos queridos, poesia, que a sua brevidade permite citar aqui, mostra a delicadesa da sua inspiração habitual:

«Nessas tres sepulturas  
Tenho o meu tabernaculo sagrado;  
Morreram cedo as minhas crenças puras.  
As divinas visões do meu *passado*.

Atordoado e triste,  
Sou um islenho diante de uma enchente...  
So a saudade—soberana—existe  
Na fria solidão do meu *presente*.

Vou seguindo, de rastros,  
Por entre abysmos, num deserto escuro...  
Gulam-me os versos meus, únicos astros  
Que scintillam nas sombras do *futuro*».

Em *Cérebro e Coração*, que foi o seu decimo livro de versos, mas na collecção actual, o primeiro de que ha extractos, a *Dedicatoria* é uma página leve, espirituosa e gentil, como MUSSET escrevia. Lembra, pela factura, os versos de *Namouna*, do célebre poeta francez:

«... os modelos que achei por toda parte  
Foram abortos typicos, sem arte,  
Corpos sem sangue e almas sem amor.

Assim, pois, prefeti soltar as azas  
Da minha fantasia pelo ar...  
E (sem offensa a escola realista)  
Litt. vez de ter apenas um copista,  
Tentei ser um Colombo noutra mar».

Na collecção agora editada, além dos  
seus versos já publicados em outras épocas,

uma serie de poesias so hoje reunida em volume e que não é em nada inferior ás melhores do tempo em que MUCIO TEIXEIRA se dedicava mais especialmente á produção poética. Sente-se, ao contrario, que elle continúa sempre o mesmo lyrico apaixonado e vibrante, que em todo tempo se revelou.

Da *Noticia* de 25 de Novembro de 1903.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

## BIBLIOGRAPHIE

«CAMPO SANTO» *últimas poesias de Mucio Teixeira* —Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, 1902.

Nous ne traduisons pas ce titre qui, dit l'auteur, encerre ses «dernières poésies!» Pourquoi, dernières, alors qu'il est encore si loin du—chant du cygne—? Est-ce parce qu'il lui convient de les enterrer lui-même dans ce *Campo Santo*, dont l'équivalent en français peut être «—lieu saint—» aussi bien que «—cimetière—». C'est trop triste et pour l'auteur qui est encore plein de vie et d'espérances et pour nous qui ne demandons qu'à l'admirer longtemps.

Notre collaborateur IWAN D'HUNAC a déjà traité, ici, des poésies MUCIO TEIXEIRA, éditées dernièrement par la maison H. Garnier. Il a trouvé corrects et le poète et ses œuvres. Nous ne nous hazarderons donc pas, après lui, à «métrifier» les vers disséminés dans ce volume de plus de 500 pages in-4°, divisé en 5 livres sous les titres: *Amuletos, Paranympchos, Auréolas, Amavios et Poema Chinês*.

L'ouvrage est profusément et richement illustré: c'est ce que l'on note tout d'abord. Edition aussi soignée que chère, et qui fait honneur à notre Imprimerie Nationale. Peintres et dessinateurs éminents ont concouru à cette œuvre de très longue haleine.

On voit tout le prix qu'attachent aux travaux de l'auteur et le Trésor National qui a dû faire, croyons-nous les frais d'une édition qu'un poète, fut-il MUCIO TEIXEIRA, n'eût pu supporter à lui seul.

Déjà le gouvernement impérial avait octroyé les mêmes faveurs au lauréat que nous fêtons depuis nombre d'années: son ouvrage sur VICTOR HUGO a été édité dans les mêmes conditions. On le voit: M. MUCIO TEIXEIRA est un poète favorisé; aucun de ses devanciers ou de ses contemporains (et ils sont légion au Brésil) ne l'a été à ce point. Ils n'en vivent et n'en chantent pas moins dans l'âme brésilienne!

Ce sont les réflexions qui nous assaillent quand nous contemplons avec admiration le volume qu'a soumis l'auteur à notre incomptence. Pourquoi ce luxe enterré en *Campo Santo*? Mieux eût valu une ou deux éditions populaires qui eussent pu servir aux masses, non pas à faire des vers, mais à les lire, plutôt que cette œuvre de bibliophile avare de son trésor.

(Continua)

11º Fasciculo do "Brasil Marcial"

# COMPANHIA DE LOTERIAS NACIONAES DO BRASIL

Sêde Social e Salão das Extracções

Ruas 1º de Março, 38 e Visconde de Itaborahy, 9

Caixa do Correio n. 44

RIO DE JANEIRO

End. Teleg. LOTERIAS-Rio

## LOTERIAS FEDERAES EXTRAHIDAS NA CAPITAL FEDERAL

PRESIDIDAS PELO SR. FISCAL DO GOVERNO

representante do Exm. Ministro da Fazenda, e com assistencia de um Director da Companhia, Serviço do Governo da União em virtude da Lei do Congresso Nacional e do contracto assignado na Directoria Geral do Contencioso do Thesouro Federal.

## GRANDE E EXTRAORDINARIA LOTERIA

N. 103-16ª

Extracção SABBADO, 9 DE ABRIL PROXIMO Extracção

Às 3 horas

**200:000\$000**

Em bilhetes inteiros a 15\$, meios a 7\$500 e vigésimos a 750 rs.

Os bilhetes acham-se á venda nas agencias geraes de Nazareth & C., rua Nova do Ouvidor n. 10. endereço telegraphico LUZVEL. caixa do correio n. 817. Camoes & C., becco das Cancellas n. 2 A. endereço telegraphico PEKIN, caixa do correio 946. Essas agencias encarregam-se de quaesquer pedidos, rogando-se a maior clareza nas direcções. Aceitam-se agentes no interior e nos Estados, dando-se vantajosa commissão. Os agentes geraes só recebem e pagam bilhetes premiados nas loterias da Capital Federal.

MUCIO TEIXEIRA

# Brasil Marcial

SYNTHESE HISTÓRICA

DAS

*nossas guerras, revoluções e revoltas, desde os tempos  
coloniaes até a actualidade, com  
o retrato e a biographia dos herões, a descripção dos combates,  
a planta do terreno, o typo dos navios, etc.*

1 DE JANEIRO DE 1502 A 31 DE DESEMBRO DE 1904

FASCICULO N. 12



RIO DE JANEIRO

Typ. da Companhia Litho Typographia — Rua do Lavradio, 55

1904



# BRASIL MARCIAL

POR

MUCIO TEIXEIRA

## PREÇO DA ASSIGNATURA

24 fascículos	20\$000
12 fascículos	12\$000
Fora da Capital, 24 fascículos	24\$000

Os pedidos de assignaturas devem ser dirigidos ao Autor, na sua residencia

CAMPO DE S. CHRISTOVAM 38

# MERCURIO

## COMPANHIA DE SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

Autorizada a funcionar por Carta Patente n. 2

### CAPITAL

**Rs. 2.000:000\$000**

Depósito no Thesouro Federal Rs. 200:000\$000

INCORPORADA PELA

## Associação dos Empregados no Commercio

DO

## RIO DE JANEIRO

Adresse Telegr.—AZOQUE  
CÓDIGO RIBEIRO

Caixa do Correio Nº 36  
TELEPHONE 389

16, Rua do Hospicio, 16

conjuntamente com as heroicas forças de terra, que são mobilizadas de sul a norte.

Seguem nesta data, sob o commando do general CALLADO, afim de protegerem os brasileiros residentes no Acre, as forças da guarnição de Manaus e Belém, compostas dos 15º e 36º batalhões de infantaria, além de 200 praças da guarnição de Pernambuco, que acompanham o general OLYMPIO DA SILVEIRA, commandante em chefe das forças de terra em operações no Amazonas.

O general JOÃO CESAR SAMPAIO, commandante do 7º districto militar e da Divisão do Sul, que vai estacionar em Corumbá, chega neste dia á cidade do Rio Grande, onde so espera embarcar a bordo do vapor *Itaperuna* o 25º batalhão de infantaria, seguindo immediatamente para Matto-Grosso.

Parte tambem, da Bahia, a bordo do vapor *Itaituba*, o 16º batalhão de infantaria, sob o commando do major GUSTAVO ADOLFO, afim de reunir-se no Rio Grande do Sul á divisão do general SAMPAIO.

— Continuam com o maior enthusiasmo os trabalhos de organização dos tres corpos da *Legião Mallet*.

O coronel commandante faz-se representar pelos capitães secretario e ajudante interinos, no embarque da Divisão do Norte. O *Jornal do Brasil* diz:—«Os capitães EDUARDO GOMES e LUIS GONÇALVES FERREIRA, commissionedos pelo coronel MUCIO TEIXEIRA, representaram a *Legião Mallet* na manifestação em honra do contra-almirante ALEXANDRINO DE ALENCAR, chefe da expedição naval que vai operar nas regiões do norte, falando em nome dessa força patriótica o primeiro daquelles officiaes.

O bravo almirante ALEXANDRINO pediu ao capitão secretario da *Legião Mallet* que transmittisse o seu abraço de despedida a cada um dos legionarios, representados na pessoa de seu conterraneo e amigo MUCIO TEIXEIRA ».

### OS HOMENS DO DIA

**1556**—CARLOS V e o Rei HENRIQUE II assignam a suspensão de hostilidades em Vancelles.

**1626** — Nasce em Paris a célebre escriptora RABUTIN CHANTAL DE SÈVIGNÉ, autora das inimitaveis *Cartas*, que até hoje servem de modelo, como verdadeiras obras primas no gênero epistolar.

**1818** — Sobe ao throno da Suecia, que lhe fôra dado por NAPOLEÃO I, o general francez BERNADOTTE, fundador da actual dynastia.

**1898** — MOISSAN declara que consegue obter, por um processo eléctrico, os mais rijos e límpidos diamantes artificiaes.

### MÁXIMA MILITAR

**D**E TODAS as fórmias sociaes o principado é a mais estavel; de todos os exércitos o mais duradouro é o permanente, com o seu temperamento adquirido, com o seu espirito de classe, com o seu orgulho e a sua tradição inquebrantaveis.

OLIVEIRA MARTINS.

### 6 DE FEVEREIRO

**1633** — A esquadriha hollandeza, que sahira do Recife no dia 4 com o fim de assaltar o Rio Formoso, fundeia (uma légua ao sul da barra daquelle rio) e desembarca parte da gente que levava, em sítio que fôra para isso designado por CALABAR. (*Vide a ephemeride de 7*).

**1644** — Morre em Belém do Pará e jaz sepultado na capella-mor da magestosa igreja do Carmo daquelle cidade, PEDRO DE ALBUQUERQUE, natural de Pernambuco, um dos filhos do grande capitão JERONYMO DE ALBUQUERQUE e um dos heróes da longa e renhida luta que tivemos, havia ja 14 annos, de sustentar contra os hollandezes.

PEDRO DE ALBUQUERQUE celebrara-se especialmente pela heroica defesa do forte do Rio Formoso em 1633. Governador e

capitão-general do Estado do Maranhão e Grão-Pará, logar que apenas occupou por seis mezes e vinte e quatro dias, succumbe ás feridas e enfermidades que adquirira na guerra com os invasores, em que merecera até a admiração dos proprios inimigos.

Conquistou no curto espaço de tempo de seu governo a geral estima e amisade pelos seus grandes dotes pessoaes. O seu funeral foi o mais pomposo e concorrido que jamais se fizera naquella cidade. \*

Por occasião da famosa revolução de Lisboa de 1º de Dezembro de 1640, que acclamou Rei ao DUQUE DE BRAGANÇA, combatera o nosso compatriota PEDRO DE ALBUQUERQUE pela causa do Duque.

Nomeado governador do Maranhão por carta régia de 4 de Setembro de 1642, partira no anno seguinte para o seu destino, desembarcando no Pará, por se achar o Maranhão em poder dos hollandezes.

Veja-se no *Anno Biográphico* de J. M. DE MACEDO, sob esta data, a relação de um dos mais estupendos feitos dos nossos, nesses heroicos tempos de um batalhar sem tréguas, em que PEDRO DE ALBUQUERQUE representou o principal papel.

O mesmo facto nos é narrado por J. DE VASCONCELLOS, nas suas *Datas Célebres*; A. J. DE MELLO traçou-lhe a biographia (no 1º vol. das suas *Biographias de alguns Homens Illustres da Provincia de Pernambuco*); e T. A. PEREIRA DA COSTA, no *Diccionario Biográphico de Pernambucanos Illustres*, diz:

« PEDRO DE ALBUQUERQUE assentou praça em 1626, e quando os hollandezes invadiram esta provincia em 1630, ja elle occupava o posto de capitão da villa de Serinhãem, donde partiu para o Recife com uma pequena força que pôde reunir em número de 50 homens, e veiu tomar parte na guerra; começou logo a manifestar tão briosamente o seu merecimento e bravura militar, que em 1632 foi incumbido do commando do forte do Rio Formoso, que acabava de ser construido.

---

Realisaram-se, dois séculos depois, na mesma cidade, tres funeraes da maior pompa e todos por conta do Estado: os dos generaes SOLON e GURJÃO e do maestro CARLOS GOMES.

Tão importante fortificação, pela posição que occupava, destinada não só a defender o porto e a villa, como também a impedir a continuação dos ataques e presas aos navios e outras embarcações por aquelle lado, ia de encontro aos interesses dos inimigos, e assim deliberaram logo a sua tomada, e para isso aprestaram uma esquadilha de 10 navios e 15 lanchas, conduzindo 500 homens sob o commando do general SEGISMUNDO VAN SCHKOPPE.

No dia 6 de Fevereiro de 1632 fundeou a esquadilha a uma legua ao sul da barra do Rio Formoso, desembarcou parte da tropa, e, guiada por CALABAR, marchou a atacar o forte por terra, enquanto a esquadilha partiu para o investir por mar.

O forte era uma insignificante fortificação, e tão imperfeita, que, segundo BRITO FREIRE, servia antes de atalaia, que de defeza; era artilhado por 2 pequenas peças de ferro de calibre 4 e 6, e guarnecido por 20 homens sob o commando do capitão PEDRO DE ALBUQUERQUE.

Na madrugada do dia 7, em plena escuridão, atacam inopinadamente o fraco reducto. PEDRO DE ALBUQUERQUE vê-se cercado por todos os lados, sem esperança alguma de receber soccorro: e, dispondo apenas de 20 homens, bateu-se heroicamente, repelle o inimigo muitas vezes, mata-lhes 80 soldados e quando cahia por terra o seu último soldado, — quando elle proprio se achava ferido mortalmente, cessa a resistencia do forte, entram os hollandezes!

«Jamais houve soldados que cumprissem melhor o seu dever, do que este punhado de bravos!» diz NETSCHER, historiador hollandez. «Intimado para render-se o intrépido commandante, respondeu que defender-se-ia até o último alento, e com effeito resistiu a quatro assaltos consecutivos.

Dos vinte soldados que tinha, 19 fizeram-se matar; o vigésimo, ainda que ferido, atravessou o rio a nado e escapou assim aos vencedores, que encontraram no forte o commandante PEDRO DE ALBUQUERQUE estendido ao lado de seus 19 bravos: — tinha recebido um tiro de mosquete no peito. Os nossos, assombrados e commovidos de tanto heroismo, prodigalisaram-lhe

soccorros, aos quaes esse official deveu o seu restabecimento ».

« Não sei eu quando a fidelidade portugueza se viu mais apurada, diz Frei RAFAEL DE JESUS, nem quando a paciencia militar mais soffrida; nunca o valor dos homens sobresahiu mais esclarecido, que nesta occasião. Tudo quanto a antiguidade nesta materia nos deixou escripto para assombro, chegará, quando muito, a ser sombra do que escrevemos ».

« A defesa foi heroica, diz VARNHAGEM, e constitue entre nós uma lenda, semelhante a do passo das Termópilas entre os gregos ».

A tamanho rasgo de valor e heroismo, não foram indifferentes os vencedores. PEDRO DE ALBUQUERQUE, que jazia agonisante estendido sobre a praça do forte, ao lado de seus companheiros, foi cuidadosamente transportado para o Recife, onde foi desveladamente tratado pelos hollandezes, « e assim lhes veio elle por derradeiro a dever a salvação da vida ».

Salvo e completamente restabelecido, foi mandado para as Indias, sob a palavra de não tomar armas contra a Hollanda. Das Indias seguiu para Espanha e d'ahi passou-se a Portugal, cujo resgate valeu-lhe o bellicoso feito do Rio Formoso, patenteando desta maneira El-Rei D. João IV, o seu reconhecimento e homenagem áquelle que, immortalisando e nobilitando o seu nome, immortalisara e nobilitara tambem o de sua patria.

Em Portugal foi PEDRO DE ALBUQUERQUE encorporar-se ao exército, e tomou parte na famosa guerra da restauração; e batalhando em varios encontros e ataques contra os espanhões, deu novas e brilhantes provas de seu valor e intrepidez.

De Portugal partiu PEDRO DE ALBUQUERQUE, commandando uma companhia que marchou em soccorro do Rio de Janeiro, ali permaneceu algum tempo, e seguiu depois para a metrópole, dõnde ainda voltou á mesma capitania, conduzindo tropas, na qualidade de almirante dos navios que trouxeram o governador do Rio de Janeiro, onde se demorou em serviço anno e meio.

Nomeado capitão-mor de uma frota de 28 navios que d'ali partiu para Portugal, PEDRO DE ALBUQUERQUE seguiu para a

Europa, recebendo então de El-Rei D. JOÃO IV. a incumbencia do governo geral do Estado do Maranhão e Grão-Pará, que acabava de ser creado, por carta régia de 4 de Setembro de 1642, «*por folgar por todos os seus serviços de lhe fazer honra, accrescentamento e mercê*», assim como tambem conferiu-lhe o hábito da ordem de Christo, e depois o fôro de fidalgo de sua Real Casa.

Foi, pois, o nosso illustre comprovinciano o primeiro nomeado para o governo do novo Estado, á cuja honra se juntava a confiança da missão de expellir os hollandezes e recuperar aquelle Estado do seu poder.

Aos 29 de Abril de 1643 partiu PEDRO DE ALBUQUERQUE, de Lisboa, em demanda do Brasil e a 13 de Junho avistou terras do Maranhão, mas não conseguindo entrar no porto por falta de práctico, fez prôa para o Pará, onde pelo mesmo motivo foi encalhar na restinga de um banco de areia.

Lançaram-se ao mar o escaler e a lancha, refere um escriptor, e acudiu com duas canôas, em que andava á pesca na vizinhança do banco, PEDRO DA COSTA FAVELLA. Fez PEDRO DE ALBUQUERQUE embarcar 33 pessoas, entre as quaes algumas mulheres e religiosos, com ordem de desembarcar na primeira praia, voltarem incontinente as quatro embarcações para proseguir na conducção da restante gente.

Mas o furor das ondas com a enchente da maré tinha crescido tanto que na volta uma das canôas, não podendo rompê-las, arribou á terra, e a outra embatendo-se, e arrombando-se por varias partes no costado do navio, a desampararam os remeiros.

Comtudo, chegaram a lancha e o escaler, embarcando em ambos PEDRO DE ALBUQUERQUE e as pessoas que couberam, salvando-se com elle 40. Os mais pereceram lastimosamente. Recolhido á ilha do Sol, onde descansou alguns dias, fez d'ahi a sua entrada solemne na cidade de Belém, onde tomou posse do governo no dia 31 de Julho do predito anno, com reaes applausos dos seus habitantes.

«PEDRO DE ALBUQUERQUE, diz BARRETO, chegou á cidade de Belém tão oprimido, que mal podia sustentar o peso do governo em uma conjunctura tão cheia de occurrencias as mais traba-

lhosas pela visinhança das armas inimigas; excedendo, porém, ás suas mesmas forças, mostrava bem, nas promptas providencias, assim políticas como militares, as louvaveis virtudes que o habilitaram para aquelle emprego ».

E sem que faltasse á correspondencia, que se entretinha ainda com os hollandezes do Maranhão, na conformidade da primeira proposta do seu governador, acudiu logo a necessidade do capitão-mor ANTONIO TEIXEIRA DE MELLO, com differentes soccorros, principal objecto do seu grande cuidado.

Mas bem pouco tempo lhe restava de vida. Conhecendo, pelo seu estado de saude, que se aproximava o termo de sua gloriosa existencia, PEDRO DE ALBUQUERQUE nomeou para lhe succeder no governo a FELICIANO COELHO DE CARVALHO, e no dia 6 de Fevereiro de 1644 exhalou o derradeiro suspiro ».

**1674** — D. PEDRO DE ALMEIDA, 8.<sup>o</sup> governador e capitão-general de Pernambuco, começa a exercer o cargo, por fallecimento de FERNANDO DE SOUSA COUTINHO, que o occupava.

**1818** — Coroação e aclamação de D. JOÃO VI, que desde 1799 (vide a *ephoméride* de 10 de Fevereiro) governava a monarchia como Príncipe Regente, em consequencia da incuravel molestia de sua mãe, a Rainha D. MARIA I.

Este acto, effectuado com toda a pompa e solemnidade, foi demorado por causa da revolução de Pernambuco. Nesta data, attendendo ás representações do senado da câmara do Recife e do general LUIS DO REGO BARRETO, concede o Rei amnistia aos implicados na dita revolução.

Em applauso ao acto da Régia Coroação, publica-se o decreto que creava a ordem honorífica da Conceição de Villa Viçosa, que é hoje puramente portugueza, e á qual se deram estatutos pelo alvará com força de lei de 19 de Setembro do anno seguinte de 1819.

Diz o nosso inspirado poeta, popular romancista e fecundo tradicionalista JOAQUIM MANUEL DE MACEDO, no 1.<sup>o</sup> volume da sua *Ephemérida Histórica do Brasil*:

«Ja duas vezes depois dessa, uma em 1822, outra em 1841 têm-se repetido igual solemnidade. A cerimonia religiosa e a

pública, a grandeza e a pompa que as acompanham, são bem conhecidas e dispensam descrições.

A festa do povo em honra da coroação e da acclamação do novo Rei, que aliás ja desde muito governava como Príncipe Regente, avultou pelas illuminações: quem dellas quizer ter pleno e circumstanciado conhecimento, pode ir bebel-o em fonte rica, nas *Memorias* do padre LUIS GONÇALVES.

Nessa obra ha fundamento para se admirar a *opulencia* da cidade do Rio de Janeiro, porque so opulenta poderia alimentar, como alimentou, além de extraordinarias despezas, série de festas brilhantes e custosas, de 1808 a 1818.

Neste último anno as festas de Fevereiro pela coroação e acclamação do Rei foram por certo muito mais solemnes e magestosas; mas não foram mais explêndidas do que as de Outubro, que duraram seis dias em público regosijo, pelo consorcio dos Príncipes Reaes, que aliás se effectuara em 1817.

Leiam as felizmente prolixas *Memorias* do padre LUIS GONÇALVES e hão de reconhecer que, em parte, um pouco primitivas, aquellas festas de Outubro, nas quaes se ostentou emulação de luxo, ainda não tiveram iguaes no Brasil.

¿O povo, que as fez, estaria ja, sem o pensar, advinhando no Príncipe Real o fundador do Imperio independente? Cumpre voltar ao dia 6 de Fevereiro de 1818.

A Rainha D. MARIA I tinha morrido em Março de 1816; o luto filial adiara, como devia, o acto da coroação e acclamação do herdeiro da corôa, que em 1817 o espaçou, ainda dolorosamente contrariado, pela revolução republicana de Pernambuco, que foi em poucos mezes esmagada.

Seguiu-se á victoria legal reacção cruelíssima e tão frenética, que LUIS DO REGO, capitão-general e governador notavel pelo mais exagerado rigor, se horrorisou da furia da alçada que em Pernambuco se installara e que punha em tormentos os culpados, suspeitos e innocentes, e contra ella reclamou.

No dia de sua coroação e acclamação, a 6 de Fevereiro de 1818, D. JOÃO VI excedeu em brilhantismo a todas as magnificas illuminações, com que o festejavam na cidade do Rio de Janeiro,

fazendo lavrar e assignando o grandioso decreto, pelo qual mandou pôr termo ás perseguições inauditas da famosa alçada, do algoz de Pernambuco.

E que tambem não seja esquecido o outro decreto, da mesma data, que concedeu o privilegio de aposentadoria passiva aos moradores da cidade do Rio de Janeiro, vítimas das *célebres aposentadorias*, o maior attentado contra a propriedade, abuso inqualificavel, violência insolente e revoltante, pela qual os fidalgos e a gente que de Portugal tinham vindo com a Familia Real, tomavam para sua habitação e a seu capricho, as casas que mais lhes agradavam, e das quaes eram despedidos e expulsos immediatamente, não so os locatarios mas os proprietarios!

O caso é inverosimil, e todavia verdadeiro. O direito de propriedade foi restaurado na cidade do Rio de Janeiro por esse decreto, que traz a data do dia da coroação e da aclamação do novo Rei, o benemérito filho e liberal successor de D. MARIA I».

**1836**— Duzentas e trinta praças do 2º batalhão de Pernambuco, quarenta da brigada de marinha e sessenta voluntarios partem para a villa da Vigia, occupada pelos rebeldes do Pará, nas escunas *Rio da Prata* e *Bella Marinha*, barco *Jaguaray* e varias lanchas, sob o mando do capitão de fragata BARTHOLOMEU HAYDEN, e no dia 10 se apossam da povoação, vencendo não pequena resistencia.

Deixaram os revoltosos em poder da força legal oito mortos, quatorze prisioneiros, seis peças de artilharia e um barco, que foi armado em guerra e entregue ao commando do 2º tenente JOSÉ ANTONIO DE SIQUEIRA.

**1858**— Acampam na margem esquerda do Ibicuihy as forças do exército de observação, que se achavam reunidas em S. Gabriel, ás quaes se reuniram posteriormente o 5º corpo da guarda nacional, os contingentes de *Uruguayana* e *Cruz Alta* e os corpos de linha por este lado estacionados.

O estado effectivo deste corpo de exército attingiu a 6.840 praças, sendo: 1.211 de cavallaria de linha, 214 de artilharia, 2.427 da guarda nacional, além de 95 praças do corpo de trans-

porte, do pessoal dos estados-maiores e de diferentes repartições militares.

**1869**—O chefe de esquadra ELISIARIO ANTONIO DOS SANTOS, mais tarde BARÃO DE ANGRA, assume o commando em chefe das forças navaes em operações contra o governo do Paraguay.

**1889**—Morre na cidade do Rio de Janeiro o tenente-coronel d'estado-maior de 2.<sup>a</sup> classe LUIS DE BEAUREPAIRE ROHAN, nascido no municipio de S. Gonçalo, em Niteroy, a 1 de Outubro de 1816.

Descendente de illustre familia pertencente á mais alta e antiga nobreza de França, nasceu LUIS DE BEAUREPAIRE ROHAN em um sitio adquirido por seu pai, o velho marechal de campo CONDE DE BEAUREPAIRE, veterano da Independencia, e que, depois de emigrar para Portugal, por occasião da revolução franceza, acompanhou D. JOÃO VI ao Brasil, onde chegou ao posto em que morreu, depois de haver prestado a esta nação, sua patria adoptiva, inúmeros serviços.

Era irmão do marechal HENRIQUE DE BEAUREPAIRE ROHAN, um dos mais illustres intellectuaes do nosso exército, amigo particular do sabio Imperador D. PEDRO II, que o fez grande do Imperio e VISCONDE DE BEAUREPAIRE ROHAN.

Seguindo passo a passo os exemplos e lições de seu pai e irmão, LUIS ainda muito joven, isto é, aos 14 de Março de 1830, assentou praça de cadete e foi servir no 9.<sup>o</sup> corpo de artilharia de posição, em Oeiras, (Piauhy) onde exercia as funcções de commandante das armas, seu venerando pai.

Devido ao seu estado de saúde, obteve, por despacho de 29 de Abril de 1831, dispensa do serviço militar.

Em 1835, a 25 de Dezembro, sentindo-se de novo com forças para prestar serviços ao seu paiz, voltou para o exército, usando as insignias de 1.<sup>o</sup> cadete até 18 de Fevereiro de 1837, em que foi definitivamente reconhecido como tal á vista da justificação de nobreza que apresentou.

A 20 de Novembro de 1839 obteve licença para continuar os estudos, obtendo as melhores notas e tirando então o curso da antiga Escola Central.

A 24 de Março de 1840, mandou-se-lhe contar a antiguidade da 1ª praça, e a 17 de Novembro de 1841 foi desligado do 1.º batalhão de artilharia a pe, a que pertencia, para fazer passagem para a companhia de Fusileiros.

Em 1842, por ocasião da revolta da provincia de S. Paulo, seguiu, sendo então 1.º cadete, com o batalhão a que pertencia, a 18 de Maio; e a 23 acompanhou o DUQUE DE CAXIAS a Sorocaba. Entrou em varios combates, distinguindo-se especialmente nos de 21 e 24 de Junho, (este último teve logar nas proximidades da Villa de Arêas).

A bravura com que se portou, valeu-lhe a promoção ao posto de alferes por decreto de 8 de Julho de 1842, contando-se-lhe antiguidade de 18 do mesmo mez do anno de 1841 e classificado no 12 corpo de caçadores de 1ª linha.

A 12 desse mesmo mez, tomou parte no combate de Silveiras.

Terminada a revolta, regressou á côrte a 19 de Setembro, sendo a 28 de Novembro classificado na 1ª classe do exército e na arma de infantaria.

A 23 de Fevereiro 1843, embarcou na fragata *Constituição*, como official da guarda de honra que acompanhou S. M. a Imperatriz ao Brasil, e cuja fragata arvorara o pavilhão do então chefe de esquadra, THEODORO DE BEAUREPAIRE, seu tio, que falleceu no posto de almirante, depois de prestar valiosos serviços ao Brasil.

Por decreto de 23 de Julho de 1844 foi promovido a tenente, e a 18 de Outubro desse mesmo anno marchou, commandando um contingente do 1.º batalhão de fusileiros, para Alagôas, que se havia revoltado.

Ahi tomou parte nos combates da villa de Atalaya, que depois de duas horas de fogo foi tomada de assalto, a 4 de Novembro, pelas forças leaes, e de 18 de Novembro no da povoação de Muricy.

Constando que os rebeldes iam atacar a cidade de Alagôas, foi o tenente BEAUREPAIRE designado, para com uma força sob o seu commando seguir com destino a essa cidade, partindo immediatamente, a 7 de Dezembro; regressou depois a Maceió, sendo então elogiado em ordem do dia e distinguido pelo presidente da

provincia de Alagôas com a missão de dirigir o policiamento de Maceió, o que fez até 11 de Janeiro de 1845, data em que deixou esse serviço para seguir para a villa de Atalaya com uma força sob seu commando.

De Atalaya marchou para as mattas de Jacuibe, onde se reuniu ás forças leaes que operavam no Riacho do Matto, dirigindo a força avançada da columna da esquerda, que estava sob seu commando, contra os rebeldes capitaneados por VICENTE FERREIRA DE PAULA, que foram rechassados dos logares denominados Trapiques, onde se haviam entrincheirado os *Cabanos* e Espinho.

Em 21 de Fevereiro de 1845 seguiu para a villa da Imperatriz, regressou de novo ao Riacho do Matto, e commandou ainda os destacamentos dos logares denominados Bolão, Manaia, Porto do Canastro, Pilar, etc., até que a 29 de Maio desse mesmo anno, voltou para Maceió, sendo mais uma vez elogiado em ordem do dia.

Estando ja terminada a revolta de Alagôas, voltou para o Rio de Janeiro, onde chegou a 23 de Junho; e ahi esteve servindo até 1848, época em que seguiu para Petrópolis, commandando a guarda de honra de SS. MM. Imperiaes, sendo ahi hospedado em palacio.

A 17 de Março de 1849, seguiu com o seu batalhão para Minas Geraes, regressando a 30 de Novembro.

Não podendo continuar na vida activa, devido ao seu estado de saúde, passou por isso, por decreto de 2 de Agosto de 1852, para o estado-maior de 2<sup>a</sup> classe, onde, sem grandes sacrificios, continuou a servir no exército, e a 5 de Novembro foi nomeado ajudante d'ordens do director do arsenal de guerra.

Em 1855 foi encarregado de tomar conta, interinamente, da Fábrica de Armas da Conceição e em 13 de Abril de 1860 passou a servir na repartição do Quartel Mestre General; em Outubro foi nomeado escripturario da 3<sup>a</sup> directoria da secretaria da guerra, e a 22 de Maio de 1861 foi promovido a capitão.

Em 24 de Agosto de 1866 recebeu ordem para se reunir ao exército em operações na Campanha do Paraguay, e a 13 de Setembro chegou a Montevideo, recebendo ordem para desembarcar e sendo então nomeado encarregado do depósito de artigos

bélicos, tendo também a seu cargo a direcção do serviço de transporte de enfermos; d'ahi passou a dirigir o depósito de artigos bélicos da villa do Rosario.

O capitão LUIS DE BEAUREPAIRE ROHAN declarou ao coronel encarregado do pessoal e material do exército em Montevideo querer seguir para o campo da luta, e, apesar de doente, fez nesse sentido um requerimento, pelo que foi dispensado do cargo que exercia, para seguir para o theatro da guerra.

Serviu como official ás ordens e ajudante de campo do glorioso Príncipe Sr. CONDE D'EU, marechal commandante em chefe das forças em operações.

Tomou parte em varios combates e escaramuças, distinguindo-se nas campanhas das Cordilheiras, no assalto e tomada de Peribebuy, nas batalhas de Jequery e Picada de Caraguatahy, etc.

Foi tal a sua attitude no assalto de Peribebuy, que o CONDE D'EU, no proprio Campo da luta, o promoveu a major, por actos de bravura, cuja resolução foi approvada e confirmada por S. M. o Imperador D. PEDRO II, por decreto de 30 de Outubro de 1869, que mandou contar a sua antiguidade da data de 12 de Agosto, em que se deu esse heróico feito das forças brasileiras em Peribebuy.

Terminada a guerra, regressou ao Brasil, sendo por decreto de 1º de Abril de 1871 nomeado chefe da 2ª secção da repartição do Quartel Mestre General, e por decreto de 10 de Maio de 1884 foi promovido, por merecimento, ao posto de tenente-coronel.

Nesse posto e occupando o cargo de chefe da 2ª secção da Repartição do Quartel Mestre General, encontrou-o a morte.

Em reconhecimento aos seus serviços, foi agraciado, com a imperial ordem da Rosa, e de S. Bento de Aviz, pelos serviços prestados na guerra das Cordilheiras, medalha geral da Campanha do Paraguay, com o passador de ouro n. 3, pelos tres annos de serviços prestados nessa guerra, medalha de mérito militar, por actos de bravura praticados em combates.

Entre outros trabalhos, deixou o *Diccionario das palavras empregadas em Salustio Crispo*, que se acha impresso; inéditos,

entre outros; a *Traducção e commentarios ás Fábulas de Phaedro*, com todas as palavras claramente explicadas. (Este trabalho, único no gênero, custou muitos annos de apurado estudo e contém mais de 400 páginas): *Commentarios de Tito Livio sobre a Vida de Agricola*, tambem um *Disccionario das palavras nelle existentes*, — *O corpo de Estado Maior de 2. classe*, — *Pensamentos e Máximas*, em portuguez, em latim, e francez; *Vida de D. Henriqueta de Beaurepaire*, sua tia, que soffreu em França os maiores martyrios por occasião da revolução franceza, etc.

**1901** — CLEVELAND, então presidente dos Estados Unidos da América do Norte, resolve, na qualidade de árbitro, o conflicto secular das Missões, proferindo a demonstração do nosso direito, em laudo favoravel ao Brasil.

O nosso representante perante o árbitro foi o benemérito BARÃO DO RIO BRANCO, actual ministro das Relações Exteriores, que mais tarde veio a conquistar nova corôa de louro, em missão idêntica, perante o presidente da Suissa, como se verá na época da arbitragem sobre o territorio do Amapá.

Logo que se proclamou a República, o ministro das relações exteriores do governo provisorio, cidadão QUINTINO BOCAJUVA, abandonando o seu posto, foi ao Rio da Prata e cedeu metade desse territorio á República Argentina.

O Congresso constituinte, porém, recusou semelhante tratado, entregando a solução da secular pendencia ao recurso da arbitragem, que nos fez a devida justiça, reconhecendo a plenitude do nosso direito.

O cidadão BOCAJUVA, por decreto do mesmo governo provisorio, de que fazia parte, foi nomeado general de brigada honorario.

**1903** — O illustre BARÃO DO RIO BRANCO, ministro das Relações Exteriores, recebe o seguinte telegramma do nosso representante diplomático junto ao governo da Bolivia:

« La Paz, 6. — O governo boliviano acceita a situação provisorio indicada pelo Brasil no despacho telegráfico de 3 de Fevereiro, communicado pela legação do Brasil, podendo, portanto,

o governo brasileiro fazer occupar militarmente e administrar o territorio em litígio ao oriente do Yaco.

Mandar<sup>á</sup> immediatamente, em miss<sup>ã</sup>o especial, ao Rio, o Sr. DÍAZ DE MEDINA, ou o Sr. MARSILLA.

Deseja que o Brasil reparta com a Bolivia a renda do Acre durante o litígio. O telegramma de V Ex. chegado a 4 do corrente, foi logo transmittido ao general PANDO. A resposta deste so pode chegar a La Paz no dia 12 ou 13 ».

— Continúam com o maior enthusiasmo os trabalhos de organisação dos tres corpos da *Legião Mallet*.

— A directoria central da Associação Cosmopolita Regeneradora abre uma inscripção de enfermeiros, para o corpo de Voluntarios do Apostolado de Caridade, que resolveu estabelecer hospitaes de sangue no Acre, para soccorrer os feridos de qualquer nacionalidade.

#### OS HOMENS DO DIA

**1701** — Começa a guerra da successão de Espanha, entre a França e os principaes Estados da Europa.

**1804** — Morre em Philadelphia, o physico americano PRIESTLEY, que descobriu o óxido de carbono, etc.

**1862** — Morre em Madrid Fr. MARTÍNEZ DE LA ROSA, poeta, dramaturgo e estadista.

**1901** — Morre em Lisboa THOMAZ RIBEIRO, poeta, diplomata e estadista, que fôra pouco antes ministro de Portugal no Brasil, onde é popular o seu poema *D. Fayme*.

---



---

#### MÁXIMA MILITAR

**D**URANTE a guerra da Criméa, os combates sustentados pela infantaria franceza contra a russa, demonstraram mais uma vez a superioridade dos grupos de atiradores bem dirigidos, sobre

as massas pouco movimentadas; os grupos puzeram em relevo a importancia das vantagens que são tiradas do terreno, e produziram o aperfeiçoamento do systema das *columnas de companhia*.

General PARIS.

## 7 DE FEVEREIRO

**1633** — Assalto e tomada do reducto do Rio Formoso pelos hollandezes, guiados por DOMINGOS FERNANDES CALABAR, sob o commando de SCHOKOPPE. (Vide a *ephéméride* de 6).

Sendo esta a segunda vez que é citado o nome de CALABAR, este famoso *mameluco*, no *Brasil Marcial*, cumprê interromper a narração do assalto e tomada do reducto do Rio Formoso, para consagrar algumas linhas á memoria do seu principal factor, cujo nome passou da severidade da historia para a poeira doirada da poesia, em uma meia claridade de lenda. (Vide a *ephéméride* de 6).

Consagraram-lhe poemas, poesias, dramas e romances, muitos engenhos nacionaes e portuguezes, sendo notaveis os livros de MENDES LEAL, AGRARIO DE MENEZES e A. J. RODRIGUES COSTA, o poeta dos *Primeiros Harpejos* e da tragedia em 5 actos *Calabar*, escripta em 1858 e so publicada em 1899, vinte e nove annos depois da morte do autor.

Diz MELLO MORAES, na sua *Chrônica Geral do Imperio do Brasil*:

« O supremo pensamento dos hollandezes, em conquistar o norte do Brasil, era para fundar nesta parte da América do Sul uma república como a dos Estados livres da Hollanda; e, si entraram na Bahia e Pernambuco, como invasores, roubando, destruindo e matando, foi pela resistencia que encontraram.

Em Pernambuco, na Parahyba e Porto Calvo, mais tarde, deram a conhecer as suas intenções pelas propostas vantajosas que fizeram; e si acompanharmos com imparcialidade as narrativas de Fr. MANUEL DO SALVADOR, testemunha presencial da maior parte dos successos, e que viveu depois com os hollandezes,

reconheceremos que, si o Brasil tivesse ficado sob o dominio flamengo, seria talvez hoje o mais florescente paiz da terra.

Não aconteceu assim, porque a guerra, com intermittencias, continuava entre hollandezes, portuguezes e naturaes do Brasil; mas os portuguezes e brasileiros que ficaram em Olinda e no Recife, não padeceram violencias, sendo o primeiro que se passou com toda a sua familia, de fóra para dentro das fortificações hollandezas, o portuguez GASPAS DIAS FERREIRA, que com vistas em riquezas, se constituiu o flagello dos naturaes do Brasil e dos portuguezes afazendados nos campos de Pernambuco.

Os que conviviam pacificamente com os flamengos, eram bem tratados; e no entanto a guerra continuava com mais ou menos vigor, fóra do Recife, sustentada por MATHIAS DE ALBUQUERQUE, pelo chefe índio ANTONIO POTY, ou *Camarão*, que appareceu desde Março de 1630, capitaneado pelo jesuita padre MANUEL DE MORAES, a quem obedecia; pelo intrépido *mameluco* DOMINGOS FERNANDES CALABAR, que tambem appareceu no mesmo mez de Março, e mesmo anno; e por outros valentes cabos de guerra, brasileiros e portuguezes.

Com a chegada a Pernambuco, do donatario DUARTE DE ALBUQUERQUE COELHO e do CONDE DE BAGNUOLO, no dia 20 de Março de 1631, os successos da guerra foram de mal a peor; porque o CONDE DE BAGNUOLO, mandando embaixadas aos hollandezes, e com ellas presentes de fructos diversos e productos da terra, recebia em troca frasqueiras de bom vinho e outros regalos.

DOMINGOS FERNANDES CALABAR, destemido e valente mancebo, natural de Porto Calvo, que sempre tinha entrado em combate com verdadeiro heroismo, desde o começo da guerra, sendo um dos mensageiros enviados aos hollandezes pelo CONDE DE BAGNUOLO, attrahido pelo bom agasalho que recebia, passou-se para os hollandezes, por lhe dizerem que vinham libertar o Brasil do jugo de Portugal e da Espanha, e fazer do seu fertil e rico paiz uma república semelhante aos Estados livres da Hollanda, sendo distinguidos os homens por seus merecimentos, e, para provar-lhe o que lhe diziam, o fizeram logo capitão de uma companhia.

CALABAR, que de simples soldado se viu elevado ao posto de capitão, e com as honras de sargento-mor, e muito estimado dos generaes, lembrando que os filhos do Brasil eram mal vistos pelos portuguezes, que os olhavam como de superior para inferior, e que o homem de cor era tratado com desprezo, e vendo que o Brasil estava sendo ambicionado por varias nações, achando que sob o dominio da Hollanda o seu paiz se libertava do jugo portuguez, dedicou-se tão sinceramente pelos hollandezes, que promettiam engrandecel-o, que o proprio MATHIAS DE ALBUQUERQUE, reconhecendo os grandes successos e victorias, que os hollandezes alcançavam na guerra, serem devidos a CALABAR, tentou seduzil-o, offerecendo-lhe não so postos e prêmios condignos, como tudo o mais que elle aspirasse.

Mas CALABAR não se demoveu, porque via no dominio hollandez a felicidade de sua patria. Era CALABAR o vulto mais temido dos portuguezes, porque elle se multiplicava na guerra.

Estando os hollandezes em Porto Calvo em 1635, e nelle se fortificando, e sabendo SEBASTIÃO DO SOUTO, portuguez, que estava com CALABAR, que MATHIAS DE ALBUQUERQUE vinha com as familias de Pernambuco para as Alagôas, com grande força, os atraçoara, proporcionando-lhe os meios de prender e destruir os hollandezes, e ser capturado o valente DOMINGOS FERNANDES CALABAR, o que aconteceu no dia 19 de Julho do mesmo anno, pelo que, propondo os hollandezes um armisticio, lhes foi concedido, sendo a principal condição a entrega de CALABAR.

Os hollandezes resistiram a esta condição, mas o famoso CALABAR foi tão generoso neste acto, que, dirigindo-se ao commandante PICAR, lhe disse: « *Não deixareis, senhor, de concordar no que se vos exige pelo que me diz respeito, pois não quero perder a hora que Deus me quiz dar para salvar-me, como espero de sua immensa bondade e infinita misericordia* ».

Ouvidas estas palavras, foram entregues CALABAR e MANUEL DE CASTRO, os quaes, sendo logo condemnados á morte pelo ouvidor. JOÃO SOARES DE ALMEIDA e escrivão da fazenda real VICENTE GOMES, (depois de confessados pelo padre Fr. MANUEL DO SALVADOR), e CALABAR ter feito as suas disposições para serem

entregues á sua mãe, ANGELA ALVES, foi MANUEL DE CASTRO enforcado em um cajueiro, e CALABAR ao cair da noite do dia 22 de Julho de 1635, tirado da prisão, e garroteado em um esteio, junto á casa da prisão, e em seguida esquartejado; sendo os quartos pendurados na estacada da trincheira dos hollandezes e a cabeça espetada em um poste, para serem devorados pelas aves de rapina e consumidos pelo tempo.

Estes assassinatos foram feitos a toda pressa, não se dando tempo a CALABAR de se despedir de ninguem, como desejava. Entrando dois dias depois o general SIGISMUNDO em Porto Calvo com grande força, e vendo o estado lastimoso em que puzeram o cadaver do valente capitão CALABAR, ficou tão indignado, que, depois de fazel-o enterrar, ja despedaçado, na igreja da povoação de Porto Calvo, com todas as honras militares, fez publicar um *bando*, declarando que mataria a todos os portuguezes que se encontrassem naquelle districto, o que não levou a effeito por intervir na vigança o padre Fr. MANUEL SALVADOR, que em favor dos moradores intercedeu perante o general SIGISMUNDO, achando no hollandez mais generosidade e clemencia do que em MATHIAS DE ALBUQUERQUE.

CALABAR não trahiu a sua patria: foi um grande patriota, que presentia as calamidades futuras dos seus naturaes sob o dominio portuguez, como o tempo demonstrou.

Os grandes roubos e desastres que praticavam os hollandezes, era guiados por portuguezes que se achavam no meio delles, e si fossem melhor dirigidos, não haveria tantas desgraças, como se deram em Pernambuco.

Depois que a guerra enfraqueceu, os hollandezes se foram afasendendo, e o CONDE DE NASSAU se empregou na construcção da sua nova cidade Mauricea, na ilha ou bairro de Santo Antonio, favorecendo em tudo aos cathólicos romanos, com o pensamento de conciliar os naturaes com os flamengos, e tanto que a grande fortuna que possuiu JOÃO FERNANDES VIEIRA (ilhéu) foi devida á amisade e protecção do hollandez JACOB ESTACOUR, que era tão íntimo amigo de JOÃO FERNANDES VIEIRA, que, ao retirar-se para a Hollanda, lhe entregou o seu engenho para elle administrar como

quizesse, e, no caso de morte, os seus herdeiros deveriam estar pelas contas que elle dêsse; e para mais o beneficiar vinham-lhe constantemente mercadorias da Hollanda, para engrossar o seu commercio, em modo a adquirir tanto bens dentro do Recife e em Olinda, como fóra das povoações.

VIEIRA comprou o engenho velho de JACOB ESTACOUR, e construiu mais quatro, que trabalhavam com grande força. Os brasileiros que favoreciam os hollandezes tinham em vista a liberdade do seu paiz, e os portuguezes, como GASPAS DIAS FERREIRA, que os guiavam, so tinham em mira enriquecer por meio dos roubos, perseguição e mortes que faziam aos fazendeiros de Pernambuco».

Diz TEIXEIRA DE MELLO, tratando de CALABAR:

«Começa desde a sua deserção a ser desfavoravel á nossa gente, em Pernambuco, a sorte da guerra, até que por traição mais que pela força das armas, é o famoso desertor feito prisioneiro pelo general MATHIAS DE ALBUQUERQUE, no cerco de Porto Calvo, de 12 a 16 de Julho de 1635, e no dia 22 do mesmo mez é enforcado.

Segundo o testemunho dos historiadores hollandezes, reproduzido por JOSÉ DE VASCONCELLOS nas suas *Datas Célebres*, CALABAR era dotado de tanta força muscular que agarrava um boi pelas pontas, deitava-o no chão e comprimia-o, pondo-lhe o joelho em cima, de modo a não o deixar fazer o menor movimento.

O cadaver do famoso mameluco, mutilado depois da execução, foi recolhido pelo general hollandez, que o mandou enterrar, prestando-lhe as honras militares que lhe competiam, acção que por certo muito depõe em favor do character bátavo e faz escurecer um pouco o brilho da gloria do general portuguez.

— Quanto ao assalto do Rio Formoso, os hollandezes (sahidos no dia 4 do Recife e chegando á barra do rio no dia 6) atacam por mar e por terra aquella acanhada fortificação, apenas defendida por duas pequenas peças de ferro e uma guarnição de 20 homens.

Commandava-os (como ficou dito na *epheméride* de 6) o bravo capitão PEDRO DE ALBUQUERQUE, brasileiro com direito a figurar na galeria dos primeiros heróes de qualquer nacionalidade.

Dispondo apenas de 20 homens, e vendo-se inopinadamente atacado por um número tão desproporcionado de inimigos, pois eram 500, resolve PEDRO DE ALBUQUERQUE morrer na defesa do posto que lhe estava confiado.

Começa o ataque pela madrugada: quatro assaltos successivos são repellidos «por aquelles ALCIDES, diz TEIXEIRA DE MELLO, que se votam a uma morte certa; por fim, aquelle passo das Termópilas, como o denomina o autor da historia destas lutas, não teve mais quem repellisse o ataque formidavel: dos vinte, dezenove tinham cahido mortos...

O que restava, JERONIMO DE ALBUQUERQUE, parente do capitão, com tres feridas, lança-se a nado e consegue escapar, enquanto PEDRO DE ALBUQUERQUE, estendido no meio dos mortos, ferido por bala de fusil e por uma chuçada, cahia semi-morto prisioneiro.

O inimigo respeitou tanto valor: NETOCHER, historiador holandez, diz que nunca houve soldados que cumprissem mais á risca o seu dever. ¡Esse punhado de bravos mataram, nos quatro assaltos, 80 dos inimigos!

PEDRO DE ALBUQUERQUE voltou á vida e em homenagem á sua heroicidade, é tratado com o maior desvello no Recife, para onde o conduziram: restabelecido das gloriosas feridas, mandaram-no soltar nas Antilhas, sob palavra de não pegar em armas contra a Hollanda. (Vide a ja citada *epheméride* de 6).

**1691** — Carta régia passada por D. PEDRO II, autorizando o governador geral do Estado do Brasil a dividir os portos de mar do Ceará em capitánias, distribuidas por particulares, que as quizessem povoar e fortificar.

**1695** — *A destruição dos Palmares*. Não se acham de accordo os nossos historiadores sobre o verdadeiro local, onde existiu a célebre república dos Palmares, que naturalmente devêra estar nos limites de Pernambuco e Alagôas.

Tambem não é menor a divergencia sobre a sua população: attribuindo-lhe BARLEU onze mil almas, ROCHA PITTA vinte, BRITO FREIRE trinta; mas o cônego FERNANDES PINHEIRO, com o preciso criterio, tomando um termo médio, marca-lhe quinze mil almas, por

achar exagerados aquelles cálculos, uns para menos, outros para mais.

Ouçamos o último dos escriptores citados: «Durante o primeiro período da guerra hollandeza, quarenta negros dos arredores de Porto-Calvo, combinando-se com admiravel segredo, fugiram aos seus senhores, e, nos escondrijos da serra do *Barriga*, acharam com a impunidade a satisfação dos seus vicios.

Pouco a pouco cresceu a colonia africana, e o funesto íman do exemplo não tardou em aggregar-lhe crescido número de escravos de ambos os sexos, lançando desta arte o núcleo de poderosas povoações.

Em contínuos sobresaltos, não podiam os soldados de MATHIAS DE ALBUQUERQUE e do CONDE DE BAGNUOLO castigar os indômitos africanos, e, constrangidos pelas circumstancias, pactuaram os moradores com os seus escravos sublevados.

Para que respeitadas fossem as propriedades, pagavam-lhes os brancos pesadas contribuições; e sem um salvo-conducto seu ninguem se aventurava a transitar pelas estradas e caminhos da circumvisinhança.

Alastrando, qual damnosa parasita, occuparam os *mocambos*, ou aldeias palmeirenses, um perímetro de sessenta léguas, onde uma população de quinze mil almas saboreava o fructo da liberdade, que á audacia dos seus maiores devêra.

Occultos nas anfractuosidades dos rochedos, que as impérvias fendas tornavam inaccessíveis, espreitavam esses abutres a sua presa, e, na hora aprazada, a seu salvo empolgavam-na.

Seguro ninguem se julgava; crescendo a audacia dos negros na proporção da fraqueza dos brancos. Era, como diz BRITO FREIRE, uma calamidade, que perseguia os nossos *affligidissimos paizanos*.

Guiado pelo amor do maravilhoso, poetizou o TITO LIVIO brasileiro (ROCHA PITTA) a organizaçãoda colonia palmeirense; na falta, porém, de mais seguro conductor, seguiremos quasi sempre seus passos na ligeira excursão que ahi vamos fazer. \*

---

Afastando-nos por vezes da opinião de ROCHA PITTA, escudamo-nos nas informações ministradas pelo autor anônimo da *Relação das guerras feitas aos Palmares de Pernambuco* no tempo do governador D. PEDRO DE ALMEIDA, publicada no tomo XXII da *Revista Trimensal* do Instituto Histórico.

Uma república guerreira, ou antes uma vasta confederação de *mocambos*, era a forma de governo que haviam adoptado. Presidia a esta confederação um chefe supremo, denominado *Zambi* (ou *Zumbi*), cuja capital, com mais de duas mil casas, abrangia um circuito de quasi uma légua, defendida por uma estacada de pau a pique, fogos, estrepes de ferro, etc.

Ignoramos quaes fossem os limites da autoridade do *Zumbi*; cremos, porém, que devêra ella assemelhar-se á dos *Caciques*, *Moçararas* e *Morubixabas*, entre os indígenas da América, avultando na guerra e baixando em tempos de paz. Não nos permite suppor a altiva independencia dos chefes das tribus, que dobrassem elles a serviz aos caprichos dum déspota, e nada de semelhante ao servilismo dos orientaes para com seus Reis devera existir nessa reunião de negros, que haviam despedaçado as cadeias da escravidão, ou nascido na liberdade á sombra das florestas.

Formavam a base do seu código as reminiscencias da patria longínqua combinadas com o exemplo dos brancos; assim, pois, possuíam magistrados, que applicavam de preferencia a pena de Talião. Eram especialmente severos para com o assassinato, o roubo e o adulterio, commettidos entre os membros da sua associação; e o que ha mais notavel é que elles, trãnsfugas da escravidão, faziam captivos os pretos que em suas correrias aprisionavam.

Bárbaro como as suas leis era o culto que prestavam a DEUS; monstruosamente amalgamando as práticas do Christianismo com as idolátricas usanças das plagas africanas. Adoravam a cruz e os feitiços; respeitavam as imagens dos santos; \* arremedavam as ceremonias do baptismo e do matrimonio, desempenhando um dos mais intelligentes as funcções de párocho.

Sectarios do instincto e das brutas paixões, não podiam os palmeirenses conhecer as vantagens e a alta moralidade da monogamia; e a pluralidade de mulheres, como entre quasi todos os povos primitivos, ou degenerados, aviltando-as a seus olhos, impe-

---

O autor da *Relação* citada, assevera terem-se encontrado entre os palmeirenses algumas imagens, como as do MENINO JESUS, N. S. DA CONCEIÇÃO e de S. BRAZ, ás quaes elles directamente se encommendavam.

dia as doçuras do lar doméstico, e oppunha infranqueavel barreira á civilisação.

Semelhante aos antigos romanos, nem todos consagravam-se á vida guerreira; e os hábitos sedentarios eram adoptados por muitos desses terríveis montanhezes. A agricultura e a criação de animaes domésticos occupavam muitos braços, e cremos mesmo, que certas artes e industrias não deixariam de ser ahi cultivadas.

Não escapou á vigilante actividade do commercio todo o lucro, que poderia tirar, relacionando-se com esses aventureiros, e, pondo de parte escrúpulos de consciencia, fizeram-se alguns moradores de Porto-Calvo, Serinhaem, Una, Cabo de S. Agostinho e de outras povoações visinhas, seus correspondentes, comprando-lhes os roubos e permutando-os pelos gêneros, fazendas e armas de que necessitavam.

So os caliginosos dias da guerra brasílica poderiam presenciar taes anomalias, e logo que a capitania de Pernambuco teve regular governo, pensou este em supplantar a hydra. Empunhava o bastão do mando o CONDE MAURICIO DE NASSAU. Retirara-se BAGNUOLO com os restos do exército brasileiro; o XENOFONTE indígena (FELIPPE CAMARÃO) escoltara com incrível desprezo a retirada das familias, que iam algures mendigar asylo, e do Recife ás margens do S. Francisco tremulavam ovantes os pendões da Hollanda.

Por ordem do Conde governador marchou RODOLFO BARO contra os *Palmares Maiores*, e havendo queimado algumas cabanas, matou-lhes cem homens, fez-lhes trinta e um prisioneiros com perda apenas dum soldado morto e de quatro prisioneiros.

Atterrados por esse revez, cessaram os negros as suas depredações; e por muito tempo pareceram não aspirar sinão á tolerancia da sua independencia. Eminentemente conciliador, e pensando fazer delles úteis alliados das Provincias Unidas, não cuidou NASSAU em exterminal-os, e respeitou-lhes a autonomia, comtanto que reconhecessem a supremacia dos dominadores do paiz.

Não sabemos qual fosse a attitude dos palmeirenses na última phase da guerra brasílica; é, porém, de suppor, que gratos á condescendencia dos holandezes seguissem elles o seu partido, e per-

tencessem ao seu número esses negros, que os antigos chronistas dizem que militavam debaixo das bandeiras báltavas, e que com tanta galhardia combateram nas memoraveis batalhas dos Guararapes.

Impellido pelo desejo de vingança, ou querendo castigar seus velhos e novos delictos, resolveu o mestre de campo general FRANCISCO BARRETO, que depois da capitulação de TABORDA ficara governando a capitania de Pernambuco, mandar uma expedição contra os negros dos Palmares. Fazendo escolha do capitão ANDRÉ DA ROCHA, ordenou-lhe que penetrasse em seus reductos, arrasando e incendiando tudo que encontrasse. Logrou o referido capitão, auxiliado pelo tenente JÁCOME BEZERRA, o desejado intento, destruindo alguns *mocambos* e fazendo-lhes quasi duzentos prisioneiros.

Curta foi a segurança, de que gosaram os pernambucanos depois dessa expedição, porquanto reapareceu bem depressa o mal, aggravado pelo anhelos de desforra. Vinte e cinco infructíferas *entradas* se fizeram nos Palmares, durante a administração de diversos governadores de Pernambuco, até o tempo de D. PEDRO D'ALMEIDA, que, alcançando sobre os negros assignaladas victorias, conseguiu firmar com elles mais duradoura paz.

Tres annos (de 1675 a 1678) empregou o referido D. PEDRO D'ALMEIDA em abater o poderio desses rebeldes, e sem a audacia de FERNÃO CARRILHO, afamado guerrilheiro sergipano, que á frente de seus bravos acudira ao reclamo do governador-geral da Bahia, sem os auxilios pecuniarios das câmaras de Olinda e Porto-Calvo, ainda desta vez nenhum resultado proficuo se obteria.

Plantando o arraial do *Bom Jesus* e a *Cruz* no mesmo sitio onde se erguia a cidade palmeirense de *Subupira*, por elles reduzida a um montão de cinzas, havia FERNÃO CARRILHO despedaçado o talismã dos negros, mostrando-lhes que por mais difficeis e impraticaveis que fossem as paragens, não escapavam ellas á bravura de seus sertanejos. Apoderando-se da cidadella dos sublevados, facil foi alcançar a sua submissão, que não tardaram em offerecel-a ao governador de Pernambuco, que ja então era AYRES DE SOUSA.

Bastante poderosos ainda eram elles, para que não obtivessem favoraveis condições; assim pois, vemos que lhes foi assegurado nesse tratado a pacífica posse dos seus agrestes rochedos, e das ferteis planuras que a seus pes se desdobravam, a liberdade dos nascidos nos Palmares, o que então firmava a grande maioria da população, o livre tráfico com os moradores visinhos, e finalmente os foros e regalias de vassallos d'El-Rei de Portugal.

Até que ponto fossem os palmeirenses fieis ás cláusulas deste tratado, não nos dizem as chônicas e memorias que consultámos; é, porém, presumível que, passado o primeiro sossobro, tornassem elles ás suas velhas usanças, tanto mais difficeis de desarraigar quanto mais lucrativas eram ellas, e mais adaptadas ao seu rude character.

Ora capitulando com os negros, ora contentando-se com pôr alguns destacamentos ao longo das estradas, nas villas e povoações da visinhança, haviam os governadores de Pernambuco deixado crescer a frondosa árvore da rebelião, que com seus gigantescos ramos sombreava grande parte da capitania. Como soe acontecer, achou o mal no proprio seu excesso o salutar remedio.

Corria o anno de 1695, e nas mãos do esforçado cavalleiro D. JOÃO DE LANCASTRO achava-se o timão do Estado do Brasil, governando em Pernambuco CAETANO DE MELLO E CASTRO, que não vulgares créditos alcançara de zeloso administrador. Facil foi a essas duas almas generosas o combinarem-se ácerca dos meios de libertar o Estado do flagello da rebelião servil, e pondo em commum as forças de que podiam dispor, assentaram em descarregar a clava de Hércules sobre essa nova hydra de Lerna.

Apregoava a fama os grandes feitos do mestre de campo DOMINGOS JORGE, commandante do terço dos paulistas, então estacionado nos sertões da Bahia; e a convite do governador geral marchou elle sobre Porto-Calvo, onde se haviam congregado os voluntarios, que dos municipios mais próximos concorriam a tomar parte numa guerra, que para elles tinha o character duma vingança pessoal.

Engrossadas assim suas fileiras, deixou DOMINGOS JORGE PINHANCÔ seu primeiro acampamento, e capitaneando mil homens

passou o rio Urubá, e foi alojar-se nos Garanhús. Ahi pensou elle em accommetter uma fortificação dos palmeirenses apertando-a d'antemão com os vigores do cerco. Foi-lhe, porém, funesta a primeira tentativa, que contra tão formidaveis inimigos fazia, e pouco faltou para que mallograda fosse ainda essa expedição.

Descuidados estavam os sitiantes, e num visinho bananal saboreavam o agradável e succulento fructo, quando de improvizo arremette contra elles uma partida de negros. Cruenta peleja se trava entre os paulistas e palmeirenses, e quatrocentos mortos, juncando o campo da batalha, deixam ainda indecisa a victoria.

Na melhor ordem regressou DOMINGOS JORGE para Porto-Calvo, onde encontrou uma columna de tres mil homens, que da cidade de Olinda e das villas contíguas se dirigiam em seu soccorro.

Em attenção aos serviços e importancia social do capitão-mor BERNARDO VIEIRA DE MELLO, foi-lhe deferido o commando do pequeno exército expedicionario, que augmentado pela junção de mais mil e quinhentos homens, que das villas das Alagoas, Penedo e povoações de S. Miguel e Alagoas do Norte tinham vindo, ás ordens do sargento-mor SEBASTIÃO DIAS, e das ordenanças de diversas localidades, attingia ao número de seis mil homens, que devidamente armados e municidados se faziam a caminho para os Palmares.

Avisados os pretos da marcha do exército invasor, haviam talado todas as situações, aniquillando tudo que ao inimigo poderia ser de algum proveito. Abandonados os *mocambos*, cuja defeza ser-lhes-ia impraticavel, recolheram-se com louvavel tino para dentro de suas fortificações, que para maior segurança circumvalaram, e, abastecidos dos gêneros de primeira necessidade, resolveram affrontar as durezas dum sitio.

Por seu lado não perdia tempo o capitão-mor VIEIRA DE MELLO, e dividindo as suas tropas em tres columnas, reseryou para si a do centro, confiando a da direita ao mestre de campo dos paulistas e a da esquerda ao sargento-mor SEBASTIÃO DIAS.

Tentadas repetidamente as escaladas, foram os brancos sempre repellidos com frechas e armas de fogo, e ainda mesmo com

brazas e agua fervendo, que grande número de mortos e feridos causava.

Começava a escacear a pólvora e mantimentos aos palmeirenses, sem que por isso se afrouxasse o seu ardor bellicoso. Inexpugnaveis pareciam as suas muralhas, e em vão açoitavam-nas vigorosos machados; e as desmesuradas pedras contra ellas arrojadas nem sequer conseguiam abalar a sua granítica firmeza.

Novos auxilios foram pedidos a CAETANO DE MELLO, que prometteu ir em pessoa levar-lhe a artilharia, com que fizessem voar essas obstinadas muralhas. No entanto, ambos os arraiaes soffriam os horrores da fome, sitiadores e sitiados tinham falta de víveres, e ambos faziam consentir nessa calamidade a esperança do proximo êxito da campanha.

Succediam-se as horas de angustia ás de combate, e sob a lenta segure da fome succumbiam os bravos, que o ferro inimigo havia poupado. Não desesperavam ainda os palmeirenses, que pela patria e liberdade pugnavam; e o anjo das últimas consolações sussurrava-lhes aos ouvidos doce palavra — *esperança*.

Um dia, porém, tiveram terrivel decepção. Do alto do penhasco, que do centro da cidade se erguia, avistara a atalaia numerosos carros e cavallos, que do Penedo e das Alagoas vinham carregados de víveres abastecer o campo contrario, e restituir-lhes as alquebradas forças.

Fatalistas por educação, julgaram os palmeirenses ter ouvido soar a sua derradeira hora na pêndula do destino; e esses mesmos valentes batalhadores, que ainda ha pouco arrancavam a admiração dos brancos, fraca resistencia offerecem aos alagoanos de SEBASTIÃO DIAS e aos paulistas de DOMINGOS JORGE.

Arrombadas as portas, arrasadas as muralhas, entraram d'envolta vencedores e vencidos, pelo recinto da heroica cidade, que como outr'ora a Tadmor bafejavam os leques das palmeiras.

*Zambi*, o rei dessa Sparta africana, o denodado chefe da confederação palmeirense, morreu como um heróe, depois de ter combatido como um soldado. Marcava com o seu pennacho encarnado o logar do perigo, e para os inimigos era a sua adaga o symbolo do terror.

Quebrado estava o seu sceptro, esmigalhada a corôa ; mas *Zambi* não queria ser escravo, e sua alma varonil achava forças de lutar com a sorte. Reune seus mais fieis companheiros ; fallhes com a habitual energia, e aponta-lhes dum lado o captiveiro e a vida — e do outro — a morte e a liberdade.

Nenhum hesitou ; e com os olhos baixos e passo firme seguem o chefe, que depois de haver lançado um derradeiro olhar sobre esses montes e quebradas, que viram os brincos de sua infancia, e cujos ecos tantas vezes o haviam proclamado victorioso, abraça seus verdadeiros amigos, e humedecendo com uma lágrima o solo da patria, despenha-se do alto do rochedo. Um após outro seguem-lhe o exemplo os denodados guerreiros, de quem era elle o orgulho e a gloria.

Com a espada em punho entram os brancos pela desolada povoação, onde as lágrimas das mulheres e das crianças, as súplicas dos prisioneiros não conseguem amercial-os. Veio mais tarde a cobiça refrear seu furor, pensaram no número de escravos que perdiam, e deixaram então de matar.

Perdoemos, porém, semelhantes excessos, recordando-nos que a moderação no triumpho suppõe um elevado grau de adiantamento, a que por certo não haviam attingido os nossos maiores.

Extraordinarias festas foram celebradas no Recife, por tão faustoso acontecimento: cantaram-se *Te-Deums*, houve procissões, e das janellas do seu palacio distribuiu o governador dinheiro ao povo, como então era de estylo nas solemnes occasiões.

Tirados os quintos pertencentes á real fazenda, foram os restantes prisioneiros distribuidos pelos cabos e soldados, sendo transferidos para as outras provincias, e até para Portugal, aquelles, cuja futura conducta tornava-se suspeita. Tal foi o fim da famosa república dos Palmares, que existiu por mais de sessenta annos ».

Segunda edição de Palmares tivemos em Canudos, onde tambem quasi todos os homens preferiram morrer, entregando-se apenas os velhos, as mulheres e as crianças. Esta cidadella de fanáticos de assombroso valor, inspirou admiraveis versos ao joven poeta FRANCISCO MANGABEIRA, que acaba de morrer, de volta do

Acre, e um bello livro em prosa— *Os Sertões* de EUCLYDES DA CUNHA. Palmares apenas teve um cantor, em CASTRO ALVES, no seu poema *Os Escravos*, até hoje inédito, de que apenas têm sido publicados alguns fragmentos.

**1866** — Resolução do Conselho de Estado, dispondo que: no caso de extincção de alguma repartição de fazenda do ministerio da guerra, passarão seus empregados a ter exercício na contadoria geral ou em outra repartição que pelo governo se determinar, e somente tendo exercício continuarão a perceber os vencimentos que tinham.

« Este preceito, que está encarnado em toda nossa legislação, tem sido constantemente observado pelo governo imperial; desde que uma repartição se extingue e parte do seu pessoal não é aproveitado no acto da reforma, o governo imperial considera os empregados de título, não contemplados, como pertencentes a repartições extinctas, e assim parece ser de razão, porque na ausencia de um documento official, que invalide o título, subsiste este em todos os seus effeitos ».

**1871** — Morre em Vienna d'Austria a Princeza brasileira D. LEOPOLDINA, 2ª filha do Imperador D. PEDRO II, nascida no Rio de Janeiro a 13 de Julho de 1847.

Casara-se a 15 de Dezembro de 1864 com o Príncipe DUQUE DE SAXE, de cujo consorcio deixou dois filhos nascido no Brasil, D. PEDRO e D. AUGUSTO, o primeiro engenheiro civil pela Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, e o segundo official da marinha brasileira até a data do proclamação da república, sendo actualmente official do exército austriaco.

A joven Princeza brasileira deixou ainda outros filhos, nascidos fóra do Brasil; e o seu cadaver foi transportado para a cidade de Coburgo, na Allemanha, onde jaz.

**1894** — Renhido combate dos *Federalistas* com as forças legaes sob o commando do bravo coronel THOMAZ TOMPSON FLORES, nas proximidades da Taquara do Mundo Novo, no Rio Grande do Sul.

As assignaladas victorias federalistas nos tremendos combates do Rio Negro e do Quarahym encorajaram novos grupos revolucionarios, que se levantaram em varios pontos do Estado; na serra de Taquary, S. Borja, Posso Fundo, S. Francisco de Paula e Vaccaria, chegando a cahir em poder dos revolucionarios as localidades de S. Borja e Posso Fundo.

A estrada da Taquara do Mundo Novo, nos campos de Cima da Serra, desfiladeiro de difficilima subida, numa extenção de seis léguas, foi heroicamente conquistada pelas tropas bisarramente commandadas pelo ínclyto coronel THOMAZ TOMPSON FLORES.

Nada lhes embargou a marcha triumphal; pontes destruídas, grossas árvores derrubadas sobre a estrada estreita e íngreme, trancando-a a cada passo, além de trincheiras de pedra, quer na frente quer nos flancos.

Tudo foi vencido pela bravura, tenacidade, abnegação e perseverança do chefe e seus dignos commandados, disputando o terreno palmo a palmo sob vivíssimo fogo de fusilaria dos revolucionarios emboscados no mato em grande número.

Na parte official do combate em S. Francisco de Paula, diz o coronel FLORES: «Chefes, officiaes e tropa da columna que dirijo, tanto dos corpos de linha como da brigada militar do Estado e corpo de cavallaria civil, bem mereceram da patria.

Relativamente ao fogo do inimigo, e aos obstáculos que superámos, o nosso prejuizo foi pequeno; tivemos fóra de combate 24 homens; sendo 5 mortos e os outros feridos», etc. (Na relação dos feridos estão incluídos o tenente-coronel commandante do 2º batalhão da brigada militar, um tenente, dois alferes).

Esse combate so terminou no dia seguinte.

— Passemos do Rio Grande do Sul ao Paraná: — O incomparavel coronel GOMES CARNEIRO, sempre firme na defesa da praça sitiada (vide a *epheméride* de 4, págs. 342 e 343), apparece onde é maior o perigo, animando seus commandados com a sua presença, a sua aparente calma e o mais estupendo estoicismo.

Diz o autor dos *Dias Fratricidas*: «O inimigo estava cheio de esperanças de concluir naquelle dia, que ia despontar, a sangrenta questão; confiante, pois, esperava a luz da aurora, que devia rom-

per em ceu nebuloso: luz que ia surgir rubra, vermelha como o sangue que ia correr.

E a noite marchava para o seu termo como as anteriores: todos a postos, todos vigilantes. Do lado oriental, enfim, branqueja suavemente o horisonte. E' a alva que precede a aurora: De repente vê-se um relâmpago no cemiterio, outro no Boqueirão, relâmpagos de artilharia, e immediatamente ouvem-se os seus trovões.

E' o inimigo que dá o signal de ataque. A artilharia da praça responde sem demora; a morte, pois, avista-se com a morte. Saúdam-se. Os canhões, estes cavalleiros de ferro e aço, têm as suas gentilezas e corteziãs recíprocas. Clarins e cornetas, estes seculares telégraphos acústicos, tocam o signal de avançar, ou antes, convidam a morrer.

Forças em número de 2.000 combatentes atiram-se, aos *vivas*, ás trincheiras legaes. O canhoneio e a fusilada iniciam-se vivíssimos; a luta, pois, vai ser medonha, porque todos os engenhos da guerra estão em acção: o Krupp, a metralhadora, o canhão de tiro rápido e a espingarda, ferem, mutilam, matam. Esses conductores da morte trabalham com louco, desesperado afan.

A coragem o denodo, o valor e a intrepidez estão de mãos dadas; fizeram um pacto de sangue, alliam-se contra um punhado de soldados da lei. O inimigo, em alguns pontos, arroja-se á torrente de metralha que irrompe das trincheiras; recúa depois, para voltar logo como vagas impetuosas; em outros pontos, abrigado nas casas e nos quintaes, fusila a princípio impunemente os defensores.

A metralha despedaça tudo, e a luta que começara vivíssima augmenta, e á proporção que corre o tempo, parece que os combatentes estão sob a influencia de accessos violentos de furor. Com a metralha e a fusilada vão envoltos o insulto, as exclamações arrancadas pelo odio, e até as blasphemias.

Em alguns pontos não é mais o valor e a coragem que combatem; é a insanía, o delirio, a loucura. ¡Tristes batalhas as das guerras civis! ¡Feroz e bestial é o odio partidario! Todos combatem, pois, com desespero, crentes de que seja a última batalha, como já dissemos.

# BRASIL MARCIAL



**Pavilhão do Ministro da Marinha**

Em escaler e a bordo, içado no mastro grande

SALVA 19 TIROS

NOTA: Este pavilhão compete também ao Conselho Naval, sómente no caso de levá-lo em corporação, embora não vá o seu presidente, e terá a mesma salva.



**Pavilhão de Almirante**

Em escaler e a bordo, sendo içado no mastro grande

SALVA 17 TIROS

NOTA: Si commandar em chefe ou for Chefe do Estado-Maior General da Armada, a salva será de 19 tiros.



**Pavilhão de Vice-Almirante**

Em escaler e a bordo, içado no mastro de traquete

SALVA 15 TIROS

NOTA: Si commandar em chefe ou for Chefe do Estado-Maior General da Armada, a salva será de 17 tiros.



**Pavilhão de Contra-Almirante**

Em escaler e a bordo, içado no mastro da mezena

SALVA 13 TIROS

NOTA: Si commandar em chefe ou for Chefe do Estado-Maior General da Armada, a salva será de 15 tiros.

PAVILHÕES EM USO NA MARINHA MILITAR





ALMIRANTE CUSTODIO DE MELLO



GALERIA DO BRASIL MARCIAL

VIII



GENERAL DE BRIGADA

Dr. Manuel Ferraz de Campos Salles

Presidente da República

( 1898 — 1902 )



GALERIA DO BRASIL MARCIAL

VII



CORONEL DE ENGENHEIROS

Dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo

Chefe do Gabinete do Ministro da Guerra



GALERIA DO BRASIL MARCIAL

VI



GENERAL

JOSÉ JOAQUIM DE ANDRADE NEVES

Barão do Triunpho



GALERIA DO BRASIL MARCIAL

V



MARECHAL

FRANCISCO DE PAULA ARGOLLO

Commandante do 4º Districto Militar



# GALERIA DO BRASIL MARCIAL

IV



GENERAL DE DIVISÃO

DR. BIBIANO SERGIO MACEDO DA FOUTOURA COSTALLAT

Ministro do Supremo Tribunal Militar



GALERIA DO BRASIL MARCIAL

III



ESTATUA DO ALMIRANTE  
EDUARDO WANDENKOLK  
(Fallecido a 4 de Outubro de 1902)



# GALERIA DO BRASIL MARCIAL

II



MARECHAL

DR. JOÃO THOMAZ CANTUARIA

Chefe do Estado-Maior do Exército



# GALERIA DO BRASIL MARCIAL

I



MARECHAL

DR. JOÃO NEPOMUCENO DE MEDEIROS MALLET

Ministro da Guerra



GALERIA DO BRASIL MARCIAL

I



MARECHAL

DR. JOÃO NEPOMUCENO DE MEDEIROS MALLET

MINISTRO DA GUERRA



# Os últimos livros de Mucio Teixeira perante a imprensa'

(Continuação do que se lê na capa do 11.º fascículo)

C'est tout ce que nous aurions à dire si MUCIO TEIXEIRA ne nous eût envoyé son livre avec cette dédicace: « Ao jornalista franco-brasileiro CHARLES MOREL, que tanto tem cooperado para o levantamento moral da minha patria.—Seu velho amigo; Mucio Teixeira ».

Le patriotisme et notre vieille amitié vous aveuglent mon pauvre MUCIO TEIXEIRA; je décline toute coopération dans ce que vous appelez le « alevantamento moral » de votre Patrie. Je m'en féliciterai avec vous quand l'œuvre sera consommée.

Et il y a encore tant à faire que seuls des hommes de votre foi peuvent la mener à bonne fin.

CH. MOREL.

*Directeur et Rédacteur en chef de L'ETOILE DU SUD.* (6 Mars 1904).

## MUCIO TEIXEIRA

(FRAGMENTO DA EPÍSTOLA *Por um Poeta*, DEPENDENDO O NOME DESTA AMIGO, VILMENTE ATACADO).

... vou contar agora  
De um grande Poeta a vida amargurada:  
Imagina um leão, temido outr'ora,  
Quando a juba, frenético, eriçava,  
Rugindo e uivando pela matta em fóra...  
E então as outras feras humilhava  
Pela força e arrogancia e formosura  
Com que seus inimigos derrubava.  
Imagina-o, depois, entre a amargura:  
Crispa as garras leaes, e, perseguido,  
Vai abrigar-se na floresta escura,  
Sem soltar um lamento ou um gemido  
Que denuncie a magua que consome  
Seu grande coração incompreendido.  
Assim este Poeta, cujo nome  
Foi um canto guerreiro de victoria  
Para os que tinham do Ideal a fome.  
Ai! ; existencia rápida e illusoria,  
Que hoje os farrapos da miseria lanças  
A quem lançaste as clamides da gloria!  
; Porque enches de tristeza e de provanças  
O coração genial deste Poeta,  
Que encheste ja de crenças e esperanças?  
Conheci-o a arrostar a sorte inquieta,  
Como o nauta o furor dos elementos,  
Com a indiferença heroica de um propheta.  
E que elle sabe que o furor dos ventos  
Passa, e logo depois fulgem mais puros  
Outros soes em mais claros firmamentos  
Elle sabe que, a dias tão escuros,  
Succede o almo arrebol sempre sonhado  
De dias imprevisos e futuros...  
; Ai, pobre sonhador incontentado,  
A quem o desespero do presente  
Quer arrancar os louros do passado!

Bem sei que o seu espirito não sente  
Dor alguma por ver como e que o assalta  
Uma legião homérica e valente...

Sua affoiteza de hontem não se exalta:  
E si ao peito lhe falta o estoicismo,  
Por sua vez a submissão lhe falta.

Abençoado seja este heroismo,  
Que faz com que elle, impávido e sereno,  
Fite o enganoso e traçoero abysmo.

E assim recorda um outro Deus helleno,  
A cuja enorme audacia todo o mundo  
Era estreito, miserriimo, pequeno.

E' que elle tem o coração tão fundo  
Como o oceano, e é como elle bonançoso  
Às vezes, e outras vezes iracundo.

E, como o mar no leito mysterioso,  
Guarda monstros cruéis e ideal riqueza  
Seu grande coração maravilhoso.

E' que nelle o veneno da tristeza  
Se destrõe ante a força da coragem,  
Que o torna quasi igual à Natureza.

Sua vida inconstante é uma voragem,  
Onde o martyrio vive sempre alerta  
E a ventura deslisa de passagem...

Até recorda uma janella aberta  
Por onde entra o tufão do desatino,  
Que vem roncando da amplidão deserta...

E' um Prometheu indomito e divino,  
Que sorri do furor com que o magôa  
O abutre negro e vil do seu destino.

E' um doce Rei, que sem a ideal corôa,  
De que ja foi o decantado dono,  
Um vivo canto de triumpho entôa.

Firma-se—em seu valor, como num throno;  
E da injuria fazendo um sceptro augusto,  
Fica maior,—; ficando no abandono!

Assim, o cedro valido e robusto  
Ri-se do furacão que, blasphemando,  
Se agita em roda do seu tronco adusto.

E é só por isso que o amo, desde quando  
O encontrei, sob o ceu de minha terra,  
Contra os ursos da intriga pelejando...

E então pude sondar a luz que encerra  
Seu coração — repleto de virtude —  
Como de paz o cimo de uma serra.

Encontrei-o, uma vez, hediondo e rude  
Junto ao leito de um filho que morria,  
E seus sonhos levou num athaude...

E era tão negra e trágica e sombria  
A dor, a que elle estava scorrentado,  
Que o não esqueci mais desde esse dia...

E o vejo — qual navio abandonado  
A' chuva, ao sol, ao dia, a noite e ao vento,  
Tendo ao mastro possante e inabalado

A bandeira do Amor e do Talento.

Manaus, 15 de Julho de 1901.

FRANCISCO MANGABEIRA.

12º Fasciculo do "Brasil Marcial"

# COMPANHIA DE LOTERIAS NACIONAES DO BRASIL

Séde Social e Salão das Extracções

Ruas 1º de Março, 38 e Visconde de Itaborahy, 9

Caixa do Correio n. 41

RIO DE JANEIRO

End. Teleg. LOTERIAS-Rio

## LOTERIAS FEDERAES EXTRAHIDAS NA CAPITAL FEDERAL

PRESIDIDAS PELO SR. FISCAL DO GOVERNO

representante do Exm. Ministro da Fazenda, e com assistencia de um Director da Companhia. Serviço do Governo da União em virtude de Lei do Congresso Nacional e do contracto assignado na Directoria Geral do Contencioso do Thesouro Federal.

## GRANDE E EXTRAORDINARIA LOTERIA

N. 103-17<sup>a</sup>

Extracção SABBADO, 7 DE MAIO PROXIMO Extracção

Às 3 horas

**200:000\$000**

Em bilhetes inteiros a 15\$, meios a 7\$500 e vigésimos a 750 rs.

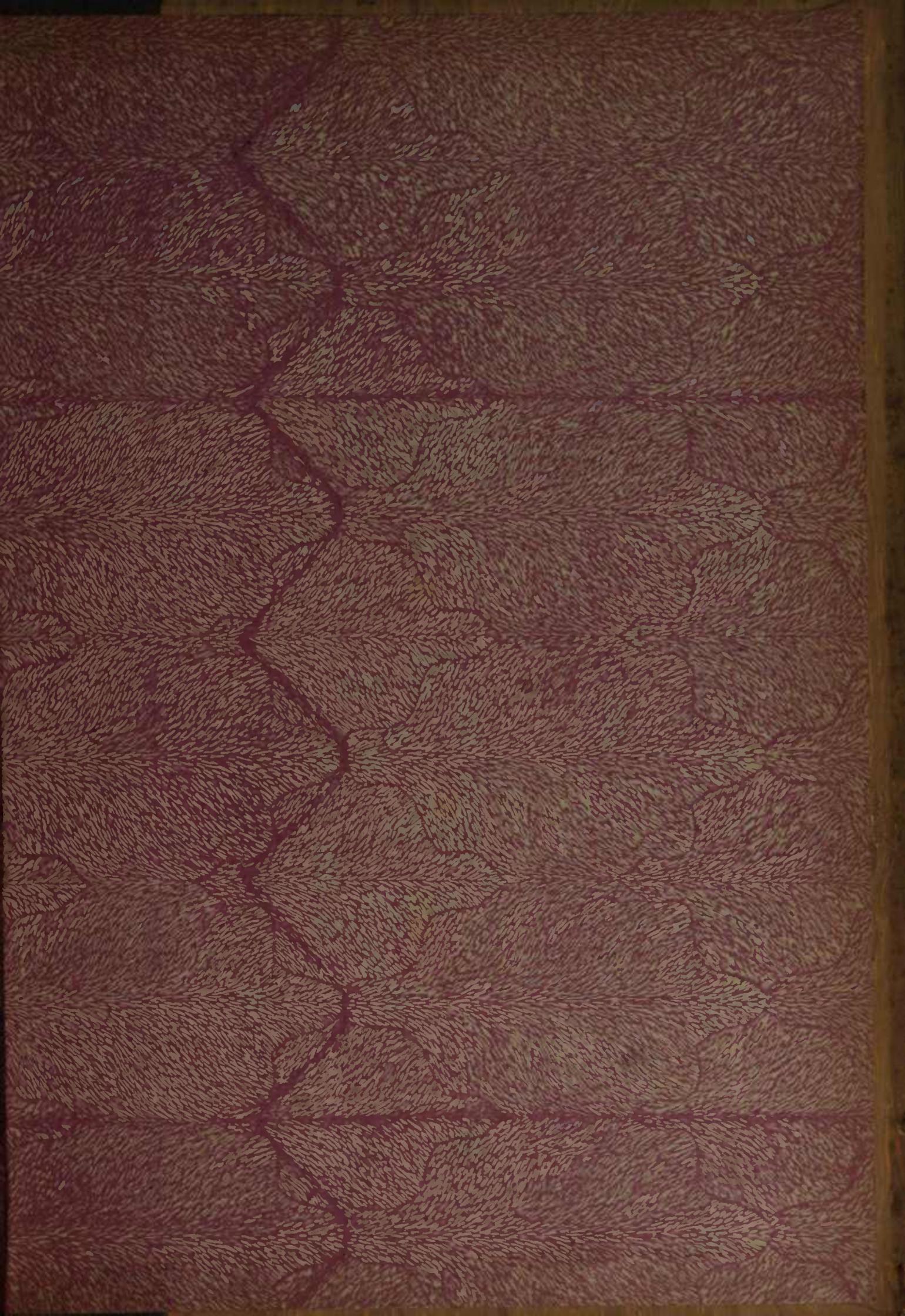
Os bilhetes acham-se á venda nas agencias geraes de Nazareth & C., rua Nova do Ouvidor n. 10, endereço telegraphico LUZVEL, caixa do correio n. 817; Camões & C., becco das Cancellas n. 2 A, endereço telegraphico PERKIN, caixa do correio 976. Essas agencias encarregam-se de quaesquer pedidos, rogando-se a maior clareza nas direcções. Aceitam-se agentes no interior e nos Estados, dando-se vantajosa commissão. Os agentes geraes só recebem pagam bilhetes premiados nas loterias da Capital Federal.













## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).